

**RODRIGO GOMES FERREIRA**

**ANÁLISE DAS NOTAS DE TRADUÇÃO EM  
EDIÇÕES BRASILEIRAS DA BHAGAVAD-GĪTĀ**

**Florianópolis  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**RODRIGO GOMES FERREIRA**

**ANÁLISE DAS NOTAS DE TRADUÇÃO EM  
EDIÇÕES BRASILEIRAS DA BHAGAVAD-GĪTĀ**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina.

Área de concentração: Processos de Retextualização

Linha de pesquisa: Teoria, crítica e história da tradução

Orientador: Markus J. Weininger

**Florianópolis  
2006**

**Rodrigo Gomes Ferreira**

**ANÁLISE DAS NOTAS DE TRADUÇÃO EM  
EDIÇÕES BRASILEIRAS DA BHAGAVAD-GĪTĀ**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, área de concentração em processos de retextualização e linha de pesquisa em teoria, crítica e história da tradução.

Banca examinadora:

---

**Prof. Dr. Markus J. Weininger**  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Orientador

---

**Prof. Dr. Carlos Alberto Gohn**  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

**Prof. Dr. Werner Heidermann**  
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 11 de agosto de 2006

Aos meus pais,  
figuras primeiras da expressão criativa  
do universo nesta minha vida.

# Agradecimentos

Ao prof. Dr. **Markus J. Weininger**, orientador e amigo, pela paciência, atenção e incentivo em todos momentos.

À **CAPES**, pela bolsa de pesquisa;

Ao **Harindranath Avaroth** e ao prof. **P. Lal**, pelas informações sobre edições críticas da *BG*;

Ao prof. Dr. **Carlos Gohn** e ao prof. Dr. **Walter Costa**, pelas críticas ao projeto dessa dissertação na fase de qualificação;

À **Nô**, pelo incentivo nos momentos difíceis;

À **Fundação Biblioteca Nacional – Brasil**, pela flexibilidade em me prover algumas traduções da *BG* que estavam em depósitos fechados para reforma durante uma das minhas visitas ao local, bem como pela autorização para digitalizar trechos das mesmas;

À Prof.<sup>a</sup> Dra. **Marie-Hélène C. Torres** e ao Prof. Dr. **Werner Heidermann** pelas direções sobre as teorias da tradução;

Ao Prof. Dr. **Marco Rocha**, pelos ensinamentos sobre *corpora* nos estudos da tradução e cálculos de probabilidade;

Ao Prof. Dr. **Paulo Astor Soethe** (UFPR), pelas reflexões sobre tradução de textos filosóficos;

À toda **secretaria da PGET** pela simpatia e presteza;

Aos **colegas da PGET** pelo bom clima de estudo;

À **Marina Pessini**, pela digitalização de alguns dos textos utilizados no *corpus*;

À **Vyasa**, pelo inspirador texto que facilitou atravessar o tedioso processo de revisão de cada letra dos textos digitalizados;

À **Nikhil Khandekar**, pela semente do interesse nos Estudos da Tradução;

À minha **mãe**, pelos incentivos nas horas em que a vontade balançou e pela revisão do texto;

Ao meu **pai** e demais **familiares**, por serem minha família;

À minha amada esposa **Fernanda**, por sempre me lembrar da essência dos aprendizados;

À **todos** que não citei, pela maravilhosa rede de conexões da vida que torna possível experiências como a dessa dissertação.

न कर्मणाम् अनारम्भान् नैष्कर्म्यं पुरुषोऽश्रुते।

न च सन्न्यसनाद् एव सिद्धिं समधिगच्छति ॥ ४ ॥

*na karmaṇām anārambhān naiṣkarmyam puruṣo'snute |  
na ca sannyasanād eva siddhiṁ samadhigaccati | 4 |*

न हि कश्चित् क्षणम् अपि जातु तिष्ठत्य् अकर्मकृत।

कार्यते ह्य् अवशः कर्म सर्वः प्रकृतिजैर् गुणैः ॥ ५ ॥

*na hi kaścit kṣaṇam api jātu tiṣṭhaty akarmakṛt |  
kāryate hy avasaḥ karma sarvaḥ prakṛtijair guṇaiḥ | 5 |*

4. O homem não se liberta da ação simplesmente por abster-se de agir, nem tampouco pode conseguir a perfeição pela simples renúncia de suas obras

5. Porque na realidade ninguém permanece inativo um instante sequer, pois todo homem se vê impelido à ação, ainda que a despeito de si mesmo, pelas qualidades que brotam da natureza material.

(III:4,5, sânscrito de PRABHUPADA, 2006; tradução de FERREIRA, E. 1973, p. 41)

# Resumo

O objetivo geral dessa dissertação é analisar as notas de tradução presentes em edições brasileiras do texto sânscrito *Bhagavad-Gītā*, utilizando-se um *corpus* computadorizado composto por 1.005 notas de tradução. O quadro epistemológico é formado pela noção de tradução como uma atividade translatória, conforme Nord (2001), e pela abordagem descritiva nos estudos da tradução, trabalhada por Toury (1995) e Chesterman (1997). Também foram adotados conceitos teóricos de normas, *memes*, problemas de tradução, paratextos (principalmente de Genette, 1997) e notas de tradução. A metodologia da pesquisa detalha a escolha e a organização do *corpus* e o desenvolvimento da taxionomia das notas de tradução utilizada. Através desta taxionomia, analisa-se o conteúdo das notas de tradução em cada tradução em separado, em comparação com a média do *corpus* e em conjunto com outros paratextos da mesma obra. São feitas análises gerais das notas de tradução do *corpus* como um todo, incluindo distribuições do conteúdo entre as traduções e os capítulos, bem como análises das notas dos versos mais anotados, com discussões sobre probabilidade estatística destas ocorrências. Os principais resultados indicam *memes* e problemas de tradução.

**Palavras-chave:** Notas de tradução. Tradução. Paratexto. Texto sensível. Texto sagrado. Normas de tradução. Meme de tradução. Problema de tradução. Bhagavad-Gita. Sânscrito.



# Abstract

The main focus of this work is the description of the translation notes found in the Brazilian editions of the sanskrit text *Bhagavad-Gita*, using a computerized *corpus* composed of 1.005 notes. The epistemological framework is composed of the idea of translational activity, as presented by Nord (2001), and of the Descriptive Translation Studies approach as presented by Toury (1995) and Chesterman (1997). Concepts of norms, *memes*, translation problems, paratexts (mainly from Genette, 1997) and translation notes are also used. The methodology of the research details the *corpus* selection and structure, and the development of the taxonomy used. These taxonomy are used to analyze the subject of the note in each edition separately, including comparison to the *corpus* average and with the set of other paratexts into the same edition. A general analysis of the corpus as a whole is also presented, including the variation of the content on the different editions and chapters where they occur, as well as analysis of the notes on the most annotated verses, including discussion on the statistical probability of these occurrences. The main results show *memes* of translation and translation problems.

**Keywords:** Translation notes. Translation. Paratext. Sensitive Texts. Sacred Texts. Translation Norms. Translation Memes. Translation Problems. Bhagavad-Gita. Sanskrit.

# Lista de ilustrações

Ilustração 1: Foto com exemplo de NT de rodapé.....	66
Ilustração 2: Foto com exemplo de NT de final de capítulo.....	67
Ilustração 3: Foto com exemplo de NT de final de livro.....	68
Ilustração 4: Foto com exemplo de NT após o verso.....	69
Ilustração 5: Gráfico da distribuição do conteúdo das NT entre os capítulos da BG.....	92
Ilustração 6: Gráfico da quantidade de NT, versos e conteúdos entre os capítulos da BG.....	95

# Lista de tabelas

Tabela 1: Contagem e percentagem de NT em cada edição da BG no corpus.....	51
Tabela 2: Exemplo da organização do corpus para dados de etiquetas com texto.....	70
Tabela 3: Exemplo da organização do corpus para dados de etiquetas tipo sim/não.....	70
Tabela 4: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Lorenz (1999).....	73
Tabela 5: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Prabhu e Dasi (2002).....	76
Tabela 6: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Stella (1970).....	77
Tabela 7: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Lima (1992).....	79
Tabela 8: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Ferreira (1973).....	81
Tabela 9: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Kleinert (1994).....	82
Tabela 10: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Rohden (1997).....	83
Tabela 11: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Mesquita (1987).....	85
Tabela 12: Percentagem do conteúdo em cada tradução e média do corpus.....	86
Tabela 13: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em cada tradução.....	88
Tabela 14: Percentagem de participação das traduções para o total de cada conteúdo.....	89
Tabela 15: Variação de quantidade, distribuição, traduções e relevância do conteúdo.....	91
Tabela 16: Contagem e percentagem do conteúdo em cada capítulos da BG.....	92
Tabela 17: Contagem, percentagem e concentração do conteúdo nos capítulos.....	93
Tabela 18: Contagem e variação de cada conteúdo entre os capítulos da BG.....	94
Tabela 19: Contagem das formas de apresentação das NT em todo corpus.....	96
Tabela 20: Contagem do conteúdo das NT após o verso.....	97
Tabela 21: Código, tradutor e observação das NT do verso 45, capítulo II.....	97
Tabela 22: Contagem e percentagem do conteúdo das NT do verso 45, capítulo II.....	98
Tabela 23: Código, tradutor e observação das NT do verso 1, capítulo IV.....	99
Tabela 24: Contagem e percentagem do conteúdo das NT do verso 1 do capítulo IV.....	99
Tabela 25: Código, tradutor e observação das NT do verso 17, capítulo VIII.....	100
Tabela 26: Contagem e percentagem do conteúdo das NT do verso 17, capítulo VIII.....	100
Tabela 27: Probabilidade simples de cada tradutor anotar um verso da BG.....	102
Tabela 28: Probabilidades de anotações dos versos II:45, IV:1 e VIII:17.....	102
Tabela 29: Transliteração de vogais do sânscrito na convenção de Genebra.....	136
Tabela 30: Transliteração de ditongos do sânscrito na convenção de Genebra.....	136

Tabela 31: Transliteração de semi-vogais e sibilantes na convenção de Genebra.....	136
Tabela 32: Transliteração de vogais de suporte do sânscrito na convenção de Genebra.....	136
Tabela 33: Transliteração das consoantes do sânscrito segundo a convenção de Genebra....	137

# Lista de abreviaturas

*BG* = *Bhagavad-Gītā*;

NT = Nota(s) de tradução ou nota(s) do tradutor;

MS = manuscrito;

MSS = manuscritos;

i.e. = isto é;

cf. = *confer* (latim), compare, confira, confrontar, refere-se a;

*apud* = citado por (latim), junto a, citação de segunda mão;

*passim* = aqui e ali (latim), quando o assunto é tratado pelo autor citado em toda sua obra, sem que se possa identificar uma página precisa;

p. = página ou páginas;

il. = ilustrado;

color. = colorido;

rev. = revisada;

amp. = ampliada;

imp. = impressão;

et. al. = e outros autores;

p.e. = por exemplo.

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Delimitação do objeto de pesquisa.....	18
1.2 Justificativa da pesquisa.....	18
1.3 Objetivos de pesquisa.....	20
1.4 Considerações gerais para a leitura dessa dissertação.....	20
2 A BHAGAVAD-GĪTĀ.....	22
2.1 História, autoria e traduções.....	22
2.2 Enredo.....	23
2.3 Literatura sagrada hindu.....	24
2.4 Edições críticas.....	25
2.5 A Bhagavad-Gītā e suas leituras religiosa, filosófica e literária.....	25
2.5.1 Leitura como um texto religioso (sagrado).....	26
2.5.2 Leitura como um texto filosófico.....	27
2.5.3 Leitura como um texto literário.....	28
3 CONCEITOS DE TRADUÇÃO.....	30
3.1 Atividade translatória.....	30
3.2 Estudos descritivos da tradução.....	31
3.3 Normas de tradução.....	32
3.4 Memes de tradução.....	33
3.5 Problemas de tradução.....	33
4 NOTAS DE TRADUÇÃO.....	35
4.1 Conceito geral de paratexto.....	35
4.1.1 Tipos de paratexto em relação a sua distância física do texto original.....	36
4.1.2 Tipos de paratexto em relação à época em que surgiram.....	37
4.1.3 Tipos de paratexto em relação ao seu conteúdo.....	37
4.2 Notas de tradução como um paratexto.....	38
4.3 Notas de tradução em diferentes gêneros textuais.....	39
4.3.1 NT que refletem uma leitura do texto enquanto um texto literário.....	39
4.3.2 NT que refletem uma leitura do texto enquanto um texto religioso (sagrados).....	41

4.3.3 NT que refletem uma leitura do texto enquanto um texto filosófico.....	44
5 CORPORA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	46
5.1 Perspectivas gerais sobre corpora.....	46
5.2 Classificação de corpora eletrônicos nos estudos da tradução.....	46
6 METODOLOGIA.....	48
6.1 Seleção do conteúdo do corpus.....	48
6.1.1 Primeiro recorte: português do Brasil.....	48
6.1.2 Segundo recorte: texto padrão da BG.....	49
6.1.3 Terceiro recorte: presença de notas de tradução.....	50
6.2 Organização do conteúdo.....	52
6.2.1 Etiquetas de localização.....	53
6.2.1.1 Tradução.....	53
6.2.1.2 Capítulo.....	53
6.2.1.3 Verso.....	54
6.2.1.4 Múltiplos versos.....	54
6.2.2 Etiquetas de registro geral.....	55
6.2.2.1 Código.....	55
6.2.2.2 Observação.....	55
6.2.3 Etiquetas de conteúdo.....	56
6.2.3.1 Referência ao Cristianismo.....	57
6.2.3.2 Referência à Ciência.....	57
6.2.3.3 Referência à Filosofia grega.....	57
6.2.3.4 Referência a outras tradições orientais.....	58
6.2.3.5 Referência a outro tradutor da BG.....	58
6.2.3.6 Referência a outro texto sânscrito.....	59
6.2.3.7 Definição de termo técnico.....	59
6.2.3.8 Informação do termo sânscrito.....	60
6.2.3.9 Apresentação de sinônimos, antônimos e traduções alternativas.....	60
6.2.3.10 Explicação sobre mitologia hindu.....	61
6.2.3.11 Explicações sobre cultura indiana.....	62
6.2.3.12 Explicações sobre antonomásticos.....	62
6.2.3.13 Explicação sobre a tradução.....	63
6.2.3.14 Remissão intratextual.....	64
6.2.3.15 Comentário.....	64

6.2.4 Etiquetas de formas de apresentação.....	65
6.2.4.1 Nota de rodapé.....	65
6.2.4.2 Nota de final de capítulo.....	66
6.2.4.3 Nota de final de livro.....	67
6.2.4.4 Nota após o verso.....	68
6.3 Organização do corpus.....	70
7 ANÁLISE DOS DADOS.....	72
7.1 Análises do conteúdo das NT de cada tradução em separado.....	72
7.1.1 Análise do conteúdo das NT em Lorenz (1999).....	73
7.1.2 Análise do conteúdo das NT em Prabhu e Dasi (2002).....	75
7.1.3 Análise do conteúdo das NT em Stella (1970).....	77
7.1.4 Análise do conteúdo das NT em Lima (1992).....	79
7.1.5 Análise do conteúdo das NT em Ferreira (1973).....	80
7.1.6 Análise do conteúdo das NT em Kleinert (1994).....	82
7.1.7 Análise do conteúdo das NT em Rohden (1997).....	83
7.1.8 Análise do conteúdo das NT em Mesquita (1987).....	84
7.2 Análises gerais das NT do corpus.....	85
7.2.1 Análise da distribuição das etiquetas de conteúdo entre os capítulos da BG.....	91
7.3 Análise da forma de apresentação das NT.....	96
7.4 Análise dos versos mais anotados.....	97
7.4.1 Probabilidade de diferentes tradutores anotarem um verso da BG.....	101
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
8.1 Resultados.....	104
8.1.1 Memes de tradução.....	105
8.1.2 Problemas de tradução.....	106
8.1.3 Notas de tradução como um paratexto.....	107
8.1.4 Resultados de objetivos específicos.....	108
8.2 Limitações.....	108
8.3 Pesquisas futuras.....	109
8.4 Aplicações dos resultados.....	110
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE A – Edições brasileiras da Bhagavad-Gītā.....	122
APÊNDICE B – Sugestões para digitalização de textos para corpora digitais.....	133
APÊNDICE C – Convenção de Genebra para transliteração do sânscrito.....	135



APÊNDICE D – Indícios da sequência de tradutores na edição da BG de Lima (1992).....	138
APÊNDICE E – Noções elementares sobre o idioma sânscrito.....	139
APÊNDICE F – Corpus da dissertação.....	142

# 1 INTRODUÇÃO

O campo dos estudos da tradução é tão vasto quanto diverso. Apesar de a tradução ser uma atividade antiqüíssima, seus pesquisadores estão, em grande parte, ligados a outras áreas, como Literatura, Lingüística, Semiótica, Filosofia etc. Esta “terra de todos”, onde poucos moram exclusivamente, acaba por ser fértil. Mas antes que se pense “tudo que se planta dá”, há de se comentar que esta diversidade também gera um rico debate e boas críticas às sementes ali lançadas. Espera-se que a semente dessa dissertação cresça e ajude outras a germinarem. Até porque, de certa forma, trata-se de um estudo exploratório para outras pesquisas sobre traduções da *Bhagavad-Gītā*.

Este trabalho se lança como uma observação bastante segmentada sobre o fenômeno das notas de tradução. Ou seja, no “rodapé” dessa pesquisa, estará o texto das traduções analisadas. Este foco acabou por se demonstrar frutífero, pois forneceu indícios “palpáveis” para a discussão sobre o fenômeno maior da tradução, principalmente *memes* e problemas de tradução. Nesses protocolos escritos em baixo<sup>1</sup> das páginas, o tradutor explicita o que poderia ficar como especulativo com base apenas no texto traduzido.

A estrutura do trabalho demonstra a investigação de questões teóricas e empíricas em diferentes áreas e níveis de análise. O capítulo a seguir, sobre a *Bhagavad-Gītā* (doravante *BG*), apresenta o resultado de investigações que, apesar de parecerem simples, revelaram um mar de traduções, edições críticas, comentários e comentários de comentários, que, por vezes, foram soprados através de milhares de anos. Quanto às questões teóricas sobre tradução, as perspectivas de Nord (2001), Toury (1995) e Chesterman (1997) mostraram-se valiosas, com suas abordagens sobre atividade translatória, estudos descritivos, *memes* e problemas de tradução, apresentadas no Capítulo 3. O Capítulo 4, sobre as notas de tradução (doravante *NT*), inicia a pesquisa teórica mais específica, juntamente com a discussão sobre paratextos em geral. Postas estas primeiras delimitações epistemológicas, precisava-se construir um *corpus*, no sentido moderno, manipulável por computador. Tal necessidade operacional gerou algumas pesquisas que foram resumidas no Capítulo 5, sobre o uso de *corpora* nos estudos da tradução. Com todas as revisões de ordem mais teórica, compreendidas entre os capítulos 2 e 5, foi possível estabelecer a metodologia para a construção do *corpus* utilizado e montar o Capítulo 6. Este capítulo metodológico, como se perceberá, também poderia ser chamado de

---

<sup>1</sup> Um trocadilho com *Think Aloud Protocols*.

“pré-análise dos dados”, por já apresentar, inevitavelmente, questões práticas da organização e classificação dos dados que precisaram ser resolvidas. O capítulo 7, da análise dos dados propriamente dita, dedica-se exclusivamente ao desdobramento do trabalho realizado ao se estruturar a metodologia. Seu conteúdo é, diferente da parte metodológica, mais baseado em questões quantitativas. Em seguida, no último capítulo, as considerações finais discutem os resultados, apresenta limitações e projeções para outras pesquisas, fechando-se um ciclo de sementeira. Os apêndices, além de ajudarem na contextualização de alguns temas, como as transliterações do sânscrito, também apresentam algumas pesquisas que estão por trás do trabalho principal, como detalhes sobre todas as edições brasileiras da *BG* encontradas. O apêndice final (F) é o *corpus* utilizado.

### ***1.1 Delimitação do objeto de pesquisa***

O objeto de pesquisa dessa dissertação é formado pelo conjunto das NT em edições brasileiras da *BG*. Por NT entende-se o elemento paratextual presente no mesmo volume físico do texto principal (i.e. versos da *BG* traduzidos) e por este referenciado através de algum recurso tipográfico (i.e. número, asterisco etc.), bem como localizado de forma visualmente destacada deste texto principal (i.e. no rodapé, ao final do livro etc.). Estes elementos não são necessariamente nomeados como “notas de tradução” ou “notas do tradutor” em suas respectivas edições – é difícil se ter certeza sobre a autoria dos paratextos de uma obra. Não fazem parte do objeto de pesquisa outros paratextos presentes no mesmo volume físico (i.e. títulos, prefácios, introduções, glossários etc.), nem presentes fora do mesmo volume físico (i.e. resenhas, entrevistas, contexto biográfico etc.). Alguns destes paratextos que não são o objeto de pesquisa servirão apenas para complementar a análise das NT, dentro de uma reflexão sobre o uso das NT e o conjunto de alguns paratextos da obra em que estão inseridas.

### ***1.2 Justificativa da pesquisa***

Há dois aspectos importantes a serem justificados no presente trabalho, sendo eles a escolha das NT como objeto de estudo e a escolha das traduções da *BG* como os textos fonte destas NT.

A escolha das NT como objeto se deve a duas questões. A primeira é o fato das NT serem um espaço privilegiado de discurso do tradutor<sup>2</sup>, como analisa em profundidade Mittmann (2003), o que permite a investigação direta de fatores que podem estar subjacentes ao texto da tradução. A segunda relaciona-se à baixa quantidade de estudos sobre NT em geral, também assinalada por Mittmann (2003, p.12) – quem apresenta o estudo mais aprofundado sobre NT encontrado na revisão de literatura. Afora esta autora, o estudo das NT ainda é disperso. Há poucos trabalhos que dedicam mais do que algumas linhas para um recurso que não é tão raro em traduções. A falta de aprofundamento sobre o uso de notas de tradução também não parece ser por falta de opiniões sobre o seu uso, que, por sinal, geralmente são extremas, de “amor” ou “ódio”. Notam-se várias pesquisas sobre elementos paratextuais – e que na maioria referem-se a Genette (1997) –, porém poucas focam em NT e a maioria analisa prefácios e outros elementos pré-textuais. O próprio Genette (1997), apesar de descrever em detalhes as notas encontradas na época (1987), não as estuda no contexto de traduções, mas somente no contexto de obras “originais”. Esta escassez é ainda maior em pesquisas de textos sagrados ou religiosos (sensíveis), no qual a *BG* se insere.

A segunda parte da justificativa, relacionada à escolha do uso das traduções da *BG*, está baseada em três pontos. O primeiro é a grande distância temporal, lingüística e cultural entre o texto original e as edições brasileiras. Este fato acaba por deixar os problemas de tradução mais evidenciados, como afirma Weininger (1999, p.453). A distância temporal no caso da *BG* é, pelo menos, de 1.600 anos. Somam-se a este fato as diferenças lingüísticas, entre o sânscrito e o português do Brasil (veja o Apêndice E, p.139, para noções elementares sobre o sânscrito). Como afirma Gohn (2001, p.150), “a tradução de textos sagrados para línguas diferentes daquelas em que eles foram primeiro escritos apresenta desafios que têm, por séculos, exigido criatividade e habilidade por parte dos tradutores”. A questão cultural talvez seja a mais evidente, pois a obra foi originalmente produzida na Índia, país de cultura distinta do Brasil.

O segundo ponto não é exatamente uma justificativa, mas um fato importante para estudos baseados em *corpus*. Trata-se da grande quantidade de NT em traduções da *BG*, o que possibilita grande variedade de dados. O terceiro ponto é de ordem pessoal, que é a familiaridade do pesquisador com as traduções da *BG* e a literatura hindu em geral.

---

<sup>2</sup> A figura do tradutor, na presente dissertação, como colocado em 1.1, pode ser o editor, revisor ou qualquer outro ator envolvido no processo de edição da tradução.

### 1.3 *Objetivos de pesquisa*

Como objetivo geral de pesquisa, essa dissertação pretende analisar as notas de tradução presentes em edições brasileiras da *BG*. Cita-se Mittmann (2003, p. 42) para se colocar o que não é o objetivo dessa dissertação: “não pretendemos elaborar um tratado, guia ou manual, nem pretendemos elogiar, ou criticar obras traduzidas”. Trata-se de uma pesquisa descritiva, não prescritiva.

Do objetivo geral, outros específicos foram colocados e são apresentados a seguir:

- a) identificar as traduções existentes da *BG* para o português do Brasil;
- b) desenvolver um *corpus* manipulável por computador;
- c) desenvolver uma metodologia para a descrição das NT.

### 1.4 *Considerações gerais para a leitura dessa dissertação*

Preferiu-se manter o idioma original das citações diretas feitas de autores estrangeiros e colocar uma tradução em nota de rodapé.

Os termos em sânscrito utilizados estão grafados conforme a convenção de Genebra, visando a precisão ortográfica de termos chave do sânscrito. Veja-se o Apêndice C (p. 135) para mais detalhes sobre esta convenção.

Alguns termos de origem sânscrita já dicionarizados no Brasil são grafados de maneira distinta do dicionário, tanto num novo “aportuguesamento” – como nos casos de *yoga*, *védico* e *védica*, ao invés de *ioga*, *védico* e *védica* –, quanto na grafia seguindo regras de transliteração – como com *Upaniṣad*, ao invés de *Upanixáde*.

Manteve-se a grafia original das edições brasileiras da *BG* em citações diretas, bem como no *corpus* (Apêndice F, p. 142). A maioria delas tampouco apresenta a grafia dicionarizada para termos de origem no sânscrito e tampouco usa a mesma convenção de transliteração para termos mantidos em sânscrito adotada no resto dessa dissertação – somente Prabhu e Dasi (2002) apresentam a mesma convenção. Além disso, a tradução de Stella (1970) também apresenta uma grafia do português que hoje está em desuso.

As referências das citações de NT que estão no *corpus* não apresentam a página da edição da *BG* na qual aparecem, como quer a norma da ABNT. Porém apresentam o capítulo em algarismos romanos seguido por dois pontos (:) e o verso em algarismos arábicos – por

exemplo, “IV:23” – e, em seguida, o código da NT no *corpus*. Esta forma visa facilitar a localização das citações na estrutura da *BG* e no *corpus* (Apêndice F, p. 142) de forma mais ágil e informativa do que seria se fosse fornecido apenas o número da página.

As referências das traduções da *BG* citadas remetem ao nome do tradutor da edição a qual se referem, esta última “contravenção” facilita a diferenciação das fontes das citações no corpo do texto em meio às muitas traduções que são utilizadas nessa pesquisa. Como a própria autoria da *BG* é uma questão duvidosa (isto será discutido no capítulo seguinte) e a tradução de outras traduções também é um trabalho a ser valorizado, tratam-se os últimos tradutores da linha de produção das obras referenciadas como os seus autores. Ou seja, um tradutor que traduziu a *BG* para o português do Brasil, baseado em uma tradução da *BG* do sânscrito para o inglês, será referenciado como o autor desta edição brasileira.

## 2 A BHAGAVAD-GĪTĀ

A intenção deste capítulo sobre a *BG* é, principalmente, contextualizar esta obra para o leitor que não a conhece ou não tem familiaridade com a literatura hindu. Também visa introduzir a questão das várias leituras que a *BG* permite, isto é, literária, filosófica e religiosa.

### 2.1 História, autoria e traduções

A *BG* provavelmente foi escrita por volta do século III a.C., que seria uma data média entre as grandes divergências quanto à sua datação, com variações entre o século IV a.C. até o século I d.C. Estas dúvidas provavelmente existem devido à suposta origem do texto na tradição oral<sup>3</sup>, antes de se tornar um texto escrito (DUARTE, 1998, p. 11), bem como por causa da dúvida sobre se os fatos descritos no enredo foram acontecimentos reais. Segundo Kak (2006, p. 23), “a batalha do *Mahābhārata* foi um evento da Índia antiga. Alguns astrônomos datam-na de 3137 a.C. a 2449 a.C.”. Além da questão histórica da gênese do texto, há também debates sobre a datação de possíveis interpolações posteriores de alguns versos (tratado logo a seguir em 2.4, sobre as edições críticas).

A autoria tradicionalmente aceita da *BG* é de Vyāsa, porém não se tem certeza se de fato existiu uma pessoa com este nome e que tenha escrito o texto. De qualquer forma, seu autor é também tido como o mesmo de todo o épico indiano *Mahābhārata*, de 100.000 versos, do qual a *BG* é um capítulo. Apesar de ser parte desse épico, a *BG* é mais conhecida como um livro independente. Isto se deve, provavelmente, à grande importância que este capítulo sempre recebeu por parte de grandes exegetas do Hinduísmo e pensadores influentes de outras tradições. Tal fato é marcado em várias edições da *BG* (cf. DUARTE, 1998, p. 31-34; WILMER, 2002, p. 11-12, ROHDEN, 2000, p. 11-14) que apresentam um elemento pré-textual com citações de pessoas famosas elogiando a *BG*, como Schelegel (também tradutor da *BG*), Goethe, Humboldt, Borges, Guimarães Rosa, Aldous Huxley, Gandhi (também traduziu a *BG*, cuja versão brasileira é LIMA, 1992), Schopenhauer, Thoreau, Emerson, Paulo Coelho, para se citarem alguns.

---

<sup>3</sup> Ouça-se a recitação da *BG* disponível na internet, por exemplo, em: <[http://www.vaisnava.cz/clanek\\_en.php3?no=24](http://www.vaisnava.cz/clanek_en.php3?no=24)>. Acesso em: 20 jul. 2006.

São centenas as traduções da *BG*, para os mais variados idiomas<sup>4</sup>, sendo que a primeira delas, diretamente do sânscrito para uma língua européia (inglês), foi publicada em 1785, por Charles Wilkins (1785) (DUARTE, 1998, p. 30; STELLA, 1970, p. 11). Provavelmente houve traduções anteriores para outras línguas indianas. Na Índia, a tradução da *BG* para o inglês foi um importante marco na história da tradução de textos indianos e na canonização da *BG* para próprios indianos mesmos, pois foi quando eles começaram a sentir uma tentativa dos estrangeiros em não só entender a sua cultura, mas também valorizá-la (KOTHARI, 2003, p. 13). Há algumas “curiosidades” como, por exemplo, a tradução do sânscrito para o latim de Schlegel<sup>5</sup> em 1823, que serviu de base para estudos sobre a *BG* e a filosofia indiana por pesquisadores como Humboldt e Hegel (TATHAGATANANDA, 2004).

Há, no mínimo, 23 traduções para o português do Brasil, dos mais variados tipos. A mais antiga, ao que tudo indica, é de Francisco Valdomiro Lorenz, de, pelo menos, 1936 (mais detalhes sobre as edições brasileiras da *BG* no Apêndice A, p. 122).

## 2.2 *Enredo*

Seu enredo é, basicamente, o diálogo entre dois personagens – Kṛṣṇa (encarnação do deus Viṣṇu) e Ārjuna (príncipe dos Pāṇḍavas) – minutos antes de uma grande batalha da guerra na qual Ārjuna comanda o seu exército com o intuito de reconquistar o reino dos Pāṇḍavas<sup>6</sup>. Kṛṣṇa é o condutor de seu carro de combate. A conversa começa quando Ārjuna se vê no dilema de ter que lutar contra amigos de infância, muitos familiares e conhecidos que estavam no exército inimigo. Ao expor esta angústia para Kṛṣṇa, com a intenção de desistir da luta, os dois entram em um diálogo sobre questões fundamentais da vida humana, como a ética, o propósito da existência humana, a imortalidade do espírito humano etc., o que leva Ārjuna a retomar as armas e lutar até o fim, vitorioso.

---

<sup>4</sup> Segundo o *Index Translationum* ([www.unesco.org/culture/xtrans](http://www.unesco.org/culture/xtrans)), de 1979 até 2003 (busca em 11 maio 2006) há 158 traduções da *BG* (busca por “bhagavad” + “gita” nos campos do título e com a língua de origem “sanskrit”). Esta quantidade, muito provavelmente, está longe de ser exata. Um motivo é que a busca no *Index* só é possível, neste caso da *BG*, por termos do título. Porém, nem todas as traduções apresentam termos em comum no título. Além disso, há traduções da *BG* desde 1785, ou seja, há um período de 194 anos que o *Index* não contempla. Outro motivo é que há traduções dentro do período coberto pelo *Index* que não foram registradas, como é o caso de várias das edições brasileiras que estão no Apêndice A (p. 122)

<sup>5</sup> Para um comentário do próprio Schlegel sobre a sua tradução, veja Schlegel (2001).

<sup>6</sup> Estes detalhes constam no início do enredo do *Mahābhārata*, mas não constam no texto independente da *BG*.



### 2.3 *Literatura sagrada hindu*

Dentro da literatura hindu, a *BG*, como parte do *Mahābhārata*, insere-se no que se chama *itihāsa* ou *poemas épicos*, juntamente com o *Ramāyāna*. Estes épicos, por sua vez, são parte de uma classificação mais ampla, que é a literatura *smṛti* (aquilo que é lembrado) – onde também se incluem os *Purāṇas* (mitologia) e os *Dharma-Śāstras* (regras de conduta). Esta parte da literatura hindu é tida como fruto de idéias e inspirações de pessoas humanas (i.e. não-deuses). Cada linha do Hinduísmo (*sampradāya*) adota certos textos e interpretações da literatura *smṛti* para se fundamentar.

Em complementaridade com a literatura *smṛti*, há a literatura *śruti* (aquilo que é revelado), composta pelos *Veda* (*ṛkveda*, *samaveda*, *yajurveda* e *atharvaveda*), com mais de 6.000 anos de existência, e os *Agamas*. A literatura *śruti* é, em geral, compartilhada por todas as linhas do Hinduísmo, como um corpo de conhecimento recebido por Deus, sem autoria humana. Cada *Veda* possui hinos (*samhitā*), rituais (*brahmanās*), interpretações (*aranyakas*) e discussões filosóficas (*upaniṣad*). Os *Agamas* são a segunda autoridade na literatura hindu, depois dos *Veda*. São textos com mais de 2.000 anos de idade e apresentam questões sobre vida espiritual, devoção, yoga, filosofia<sup>7</sup> etc., tendo um conteúdo mais específico que o dos *Veda*.

Apesar da *BG* ser apenas parte de um épico da literatura não-revelada (*smṛti*), o que poderia lhe atribuir um *status* menos expressivo no cânone hindu, é, provavelmente, o texto mais popular do Hinduísmo e, como coloca categoricamente Duarte (1998, p. 31), “considerada, sem nenhuma dúvida, pelos indianos, a base fundamental do Hinduísmo, qualquer que seja sua *sampradaya* ou sucessão discipular”. É muito comum a comparação da *BG*, em termos de época e importância, com o *Novo Testamento* ou mesmo a *Bíblia* (cf. YOGANANDA, 2002, p. xvii, v.1; WILMER, 2002, p. 1). Há também, mesmo entre indianos ligados de maneira tradicional ao Hinduísmo, como A.C.B. Svāmi Prabhupāda (fundador do Movimento Hare Krishna), quem trate a *BG* como uma *Upaniṣad* (i.e. parte dos *Veda*), chamando-a de *Gitopaniṣad* (cf. O BHAGAVAD-GĪTĀ COMO ELE É, 1998, p. ix).

---

<sup>7</sup> “filosofia” em *lato senso*. Esta questão será discutida a seguir, em 2.5.2

## 2.4 *Edições críticas*

Há variações entre diferentes edições do texto em sânscrito da *BG* e de todo o *Mahābhārata*, com muitas discussões sobre possíveis interpolações de versos em diferentes épocas. Segundo Lal (2006), a primeira edição crítica do *Mahābhārata* foi da Asiatic Society of Bengal, de 1834-39 (Calcutá, Índia). Porém a edição academicamente mais aceita hoje é a versão completa do *Mahābhārata* publicada pela Gita Press, Gorakhpur, Índia<sup>8</sup>.

Infelizmente não foi possível tomar contato com estas edições críticas nessa pesquisa. No entanto, por serem citadas em outras traduções e estudos (cf. LAL, 2006; STELLA, 1970, p. 103; FERREIRA, E. 1973, p. 113) e pela observação da estrutura em diversas traduções da *BG*, percebe-se que a diferença entre as edições críticas mais adotadas é um primeiro verso no capítulo XIII (presente na edição de Calcutá) e algumas variações de certos termos. As edições da *BG* mais difundidas hoje apresentam um texto com 18 capítulos e 700 ou 701 versos.

## 2.5 *A Bhagavad-Gītā e suas leituras religiosa, filosófica e literária*

A divisão entre os campos de conhecimento religioso, filosófico e literário, que se adota na chamada “tradição acadêmica ocidental”, não ocorre da mesma maneira na tradição de pensamento hindu, que trata destes campos de forma menos segmentada. Não se pretende entrar aqui em debate sobre as diferenças entre estes pontos de vista, mas apenas ressaltar este fato, já que, pela clareza de comunicação no meio em que essa dissertação circulará, será adotado modelo “ocidental” sobre o tema. Também não se quer generalizar uma suposta visão ocidental, já que existem casos como o de Schlegel e dos românticos alemães com seus textos filosófico-literários (SELIGMAN, 1998) ou outras literaturas indígenas (p.e. JECUPÉ, que apresentam um “gênero múltiplo”. Essa visão unificada dos campos de conhecimento dentro do contexto indiano pode ser ilustrada com uma citação da revista internacional *Hinduism Today* (HINDU SCRIPTURES, 2006, p. 44, grifo do original): “*Hinduism's sacred literature is the touchstone of theater and dance, music, song and pageantry, yoga and sadhana,*

---

<sup>8</sup> Veja Lal (2006) para outras edições críticas do *Mahābhārata* (que inclui a *BG*). A informação sobre qual dessas edições é academicamente mais aceita foi dada em correspondência pessoal com Lal (5 jul. 2006).

*metaphysics and ethics, exquisite art and hallowed sciences*”<sup>9</sup>. As leituras religiosa, filosófica e literária que serão consideradas nessa dissertação têm base em indícios que serão demonstrados adiante. Há, também, outras leituras possíveis que não serão tratadas nessa dissertação. Uma delas pode ser observada<sup>10</sup> em jornais na *internet*, onde a *BG*, mesmo entre indianos, é tratada como um livro de “auto-ajuda” no contexto do “mundo dos negócios”, como bem ilustra o texto de Prasad (2006) *The Gita: A matchless metaphor for management*.

Desta forma, a seguir serão apresentados os aspectos da *BG* que demonstram a possibilidade de sua leitura enquanto um texto religioso, filosófico e literário, como corroboram Stella (1970, p. 8), Kleinert (1994, p. 1-3), Prabhavandana e Isherwood (1974) e Weininger (1999, p. 454).

### 2.5.1 Leitura como um texto religioso (sagrado)

Discutir sobre a leitura da *BG* como um texto religioso exige, antes de mais nada, uma conceituação do que seria um texto religioso (sagrado). Pode-se analisar este conceito sob dois pontos de vista. Primeiro, por texto religioso ou sagrado, tem-se o caso de textos ditos sensíveis, que, como o próprio nome indica, são textos com sentimentos envolvidos, entre texto e leitor. São casos em que se deve lidar cautelosamente devido às possibilidades de “desrespeito” com a obra aos olhos dos leitores (GOHN, 2001, p. 149). O leitor, nestes casos, possui forte vínculo emocional com o texto, geralmente por ser tomado como a própria “palavra divina”. Dentro desse primeiro ponto, a *BG*, enquanto um texto sensível, encaixa-se como um texto referência para os seguidores do Hinduísmo, no sentido de uma religião<sup>11</sup>.

A segunda questão do conceito de textos religiosos está dentro da materialidade do texto. Neste sentido, um texto religioso trata de uma ética divina, do que é certo e errado, a qual os homens têm o livre arbítrio de seguir ou não, porém sem o poder de decidir o que é o

<sup>9</sup> “A literatura sagrada do Hinduísmo é a pedra de toque [o critério estabelecido de avaliação] do teatro e da dança, da música, da canção e ostentação, yoga e *sadhana* [vida espiritual], metafísica e ética, arte refinada e ciências consagradas” (minha tradução, grifo do original).

<sup>10</sup> Observação não publicada feita pelo autor dessa dissertação através de um *corpus* com mais de 600 reportagens retornadas pela pesquisa do Google News (<http://news.google.com>) em centenas de periódicos na internet, em língua inglesa, desde 25 jan. 2006, com os termos “bhadgavad OR gita OR geeta OR gitá OR gítá OR guita OR gítá”, alimentado automaticamente pelo serviço Google Alert e enviadas para o email do autor. Um *corpus* parecido, sem os textos mais antigos, pode ser visualizado, utilizando-se os mesmos termos de busca no Google News.

<sup>11</sup> Sem intenção de se adentrar em discussões sobre o conceito de religião, adota-se aqui “religião” como uma tradição de conhecimento que trata de Deus, do Divino. A maior parte da manifestação do Hinduísmo não se assemelha com religiões como o Cristianismo, por exemplo, com dogmas, axiomas, clero e textos únicos para toda uma instituição.

certo e o errado. A *BG* apresenta, em vários locais do texto, uma ética a ser seguida, caso se queira alcançar o Divino. O exemplo mais explícito é o capítulo XVI, que trata exclusivamente sobre, como traduz Prabhu e Dasi (2002, p. 279), “Os Temperamentos Divino e Demoníacos”.

### 2.5.2 Leitura como um texto filosófico

Além das questões que podem caracterizar a *BG* como um texto religioso, explicadas anteriormente, há reflexões no diálogo entre Kṛṣṇa e Ārjuna que podem ser tomadas como filosóficas. Por “filosóficas”, aqui, não se entende o que Chauí (2003, p. 26) coloca sobre Filosofia, que seria “um fato grego [...] completamente diferente das de outros povos e outras culturas”, ou seja, o nome de uma forma de conhecimento específica, ligada à cultura grega. Por “aspectos filosóficos da *BG*” entende-se o que a própria Chauí (2003, p. 22) apresenta como uma definição parcial da Filosofia grega: “a contemplação do mundo e dos outros seres humanos para aprender e ensinar a controlar seus desejos, sentimentos e impulsos e a dirigir a própria vida de modo ético e sábio”. Ou também como na primeira acepção do Dicionário Aurélio (FERREIRA, A. 1995):

Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora 'realidade supre', ora 'causa primeira', ora 'fim último', ora 'absoluto', 'espírito', 'matéria', etc., etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento [...].

Portanto emprega-se aqui “filosofia” em *lato senso*, passível de ser agregado a outras nacionalidades além da grega, como já utilizam vários autores que trabalham com o pensamento indiano, como em *Filosofias da Índia*, de Zimmer (2003).

O diálogo entre Kṛṣṇa e Ārjuna, aparentemente um incentivo moral à Ārjuna, que se desanimou ao ver entes queridos no outro lado da batalha, trata, basicamente, sobre questões ontológicas e meios de transcendência. Kṛṣṇa oferece explicações sobre o que seria o Ser e também apresenta diversos meios para se atingir esse conhecimento do Ser, incluindo, principalmente, o caminho da ação desapegada aos frutos dela e a devoção a uma entidade suprema (Deus). A seguir, citam-se alguns versos da *BG* traduzidos por Ferreira (1973, p. 41-43, III:4, 5, 8, 19, suprimiu-se as referências numéricas às NT) que ilustram a reflexão sobre a ação desinteressada como um caminho para a realização do Ser.

4. O homem não se liberta da ação simplesmente por abster-se de agir, nem tampouco pode conseguir a perfeição pela simples renúncia de suas obras

5. Porque na realidade ninguém permanece inativo um instante sequer, pois todo homem se vê impelido à ação, ainda que a despeito de si mesmo, pelas qualidades que brotam da natureza material. [...]
8. Cumpre, pois, teus atos obrigatórios, Arjuna; pois a ação é preferível à inação. Se te entregasses à inação não poderias nem mesmo prover o sustento do corpo. [...]
19. Portanto, aplica-te a todas as obras que tens de executar, mas sempre com total despreendimento, pois o homem que mostra uma perfeita abnegação em seus atos alcança o Supremo.

### 2.5.3 Leitura como um texto literário

A leitura da *BG* como um texto literário é a menos comum entre as três aqui apresentadas. Percebe-se isto já pelo fato de a maioria das traduções estar em prosa e nem sempre fazer menção sobre o estilo poético do original. Para se citar um exemplo destes tradutores que não reconhecem o valor literário da *BG*, coloca-se o objetivo que Ramacharaka (1998, p. 7) teve com sua compilação de várias traduções da *BG*:

*[...] to give the spirit of the teachings, in a plain, practical, understandable form, adapted to the requirements and needs of the English speaking reader, although such a presentation has often necessitated the sacrifice of any attempt at literary merit. In fact this book makes no claim whatsoever to literary style.<sup>12</sup>*

Tal despreocupação também se demonstra pelos poucos comentários nas edições brasileiras da *BG* sobre os aspectos literários do texto original em sânscrito. Porém, como aponta Ferreira (2006a), há várias edições da *BG* que explicitam sua preocupação com certos aspectos literários, como se pode ver em alguns exemplos a seguir:

- a) filologia, observado com a preocupação com edições críticas (cf. ARNOLD, 2005; STELLA, 1970);
- b) jogos de palavras, observado, por exemplo, com o termo *ātman* (cf. MOREL, 1994; ARNOLD, 2005);
- c) alegorias, observado em várias interpretações (cf. STELLA, 1970; LORENZ, 1999; YOGANANDA, 2002) presentes no *corpus* (Apêndice F, p. 142) marcados com a etiqueta *Explicação sobre mitologia hindu* (veja 6.2.3.10);
- d) antonomásticos, muitas vezes omitidos em traduções (cf. MOREL, 1994; PRABHAVANANDA e ISHERWOOD, 1972; RAMACHARAKA, 1998), pode ser observado em vários casos no *corpus* (Apêndice F, p. 142) marcados com a etiqueta *Explicação sobre antonomástico* (veja 6.2.3.12);

<sup>12</sup> “[...] para se passar o espírito dos ensinamentos de forma simples, prática e compreensível, adaptada às exigências e necessidades do leitor falante do inglês, mesmo que tal apresentação tenha frequentemente tido a necessidade de sacrificar qualquer tentativa de mérito literário. De fato, este livro não clama por qualquer mérito literário” (minha tradução).

- e) registro e estilo de linguagem, observado pelas suas variações no texto, como apontam algumas traduções (cf. PRABHAVANANDA e ISHERWOOD, 1972; ARNOLD, 2005);
- f) métrica, comentada brevemente por Stella (1970, p. 10) e em maior profundidade por Duarte (1998, p. 20-23), a *BG* apresenta 700 *padya* (versos), na maioria sob a forma de *śloka*, a principal métrica na poesia clássica em sânscrito<sup>13</sup>, apesar de a maioria das traduções estar em prosa – das edições brasileiras, apenas duas estão em versos: Kleinert (1994) e Duarte (1998).

Com estes exemplos, demonstra-se que estes aspectos literários estão presentes no texto em sânscrito e não tê-los traduzido é, também, desenvolver uma maneira de lidar com estas dimensões textuais.

---

<sup>13</sup> O nome *śloka* também se utiliza para “estância” ou “estrofe” em geral. No caso da *BG*, estes *śloka* são um desenvolvimento do *anustubh*, o padrão da poesia épica védica, e consiste de duas semi-estrofes de 16 sílabas ou quatro *pada* de oito sílabas. Há também, em alguns capítulos, versos mais longos, com uma métrica chamada *tristubh*, cujos *pada* possuem 11 sílabas.

### 3 CONCEITOS DE TRADUÇÃO

Este capítulo situa alguns conceitos sobre tradução utilizados nessa dissertação, sem a pretensão de uma revisão exaustiva da literatura. Assim, apresenta-se o panorama epistemológico geral, com o conceito amplo de tradução como uma atividade translatória, conforme a *Skopostheorie*; o conceito de estudos da tradução dentro da abordagem de estudos descritivos de Toury (1995); e também alguns conceitos como norma, *meme* e problema de tradução, principalmente segundo Toury (1995), Chesterman (1997) e Nord (2001).

#### 3.1 Atividade translatória

O termo atividade translatória (*translational action*) foi cunhado por Holz-Mänttari (1984) diz respeito ao processo colaborativo que leva a criação de um texto alvo (SHUTTLEWORTH, 1997, p. 189). Engloba mais ações do que a tradução escrita, como exemplifica Nord (2001, p. 17, grifos do original) ao colocar que traduzir “*in the narrower sense always involves the use of some kind of source text, whereas translational action may involve giving advice and perhaps even warning against communicating in the intended way*”<sup>14</sup>. Snell-Hornby (1997, p. 86), ao sintetizar as características da *Skopostheorie*, coloca os seguintes pontos:

- a) orientação ao aspecto cultural mais do que para a mera transferência lingüística;
- b) visão da tradução como um ato de comunicação e não como um processo de transcodificação;
- c) orientação para a função do texto-alvo (tradução prospectiva) mais do que em direção às prescrições do texto-fonte (tradução retrospectiva);
- d) visão do texto como parte integrante do mundo e não como um espécime isolado de língua.

Apesar de pesquisadores que trabalham dentro deste panorama da *Skopostheorie*, como Nord (2001), tenderem para os estudos da tradução aplicados (prescritivos) e não os estudos

---

<sup>14</sup> [...] traduzir “em um sentido restrito, envolve sempre o uso de algum tipo de texto fonte, enquanto a ação translatória pode envolver dar um conselho e talvez *não recomendar* a comunicação do modo intencionado” (minha tradução, grifo do original).

descritivos, que é o caso dessa dissertação, esse conceito amplo de atividade translatória serve como um norteador geral também para os estudos descritivos.

### 3.2 *Estudos descritivos da tradução*

Para se delimitar o tipo de estudo no grande campo da tradução (ou atividades translatórias), volta-se para o tipo de objeto de pesquisa aqui adotado, que se enquadra no que Toury (1995, p. 1) coloca como “*(observable or reconstructable) facts of real life rather than merely speculative entities resulting from preconceived hypotheses and theoretical models*”<sup>15</sup>. Dentro desta perspectiva pode-se, ainda, dividir a disciplina dos estudos da tradução em um ramo puro (teórico e descritivo) e outro ramo aplicado (prescritivo). Toury (1995, p. 17), um dos principais pesquisadores da vertente descritiva (*Descriptive Translation Studies*), coloca que um estudo descritivo não tem a intenção de determinar métodos apropriados para se traduzir, mas apenas descrever o fenômeno; como, no caso dessa dissertação, descrever as NT em uso real nas edições brasileiras da *BG*.

Nesta linha, Chesterman (1997) chega a defender que o principal objetivo da área dos estudos da tradução em geral deve ser descritivo. O estudo prescritivo, assim, deveria ser um desdobramento dos estudos da tradução, cuja intenção seria prescrever ou recomendar certas práticas tradutológicas como as melhores. Para se ilustrar o que seria uma abordagem prescritiva, cita-se Berman (2002, p. 18): “Chamo de má tradução a tradução que, geralmente sob pretexto de transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira”. Outro exemplo prescritivo, que também sugere uma tradução estrangeirizadora como a mais adequada, é Schleiermacher (2001, *passim*).

Para se esclarecer melhor o conceito descritivo, cabe um comentário sobre Medeiros (1999), que apresenta uma crítica à tarefa descritiva, principalmente no que diz respeito à isenção de julgamentos por parte do pesquisador descritivo. A autora, além de um resumo sobre a abordagem descritiva nos estudos da tradução, coloca que essa isenção é impossível de ser atingida e, até mesmo, limitadora para o avanço da área de estudos. Há colocações pertinentes da autora sobre a necessidade de uma posição crítica quanto aos fatos observados, buscando-se os possíveis motivadores culturais dos comportamentos tradutológicos descritos, que mereceriam, em alguns casos, do ponto de vista político, serem combatidos, e não

<sup>15</sup> “fatos (observáveis ou reconstruíveis) da vida real e não meras entidades especulativas resultantes de hipóteses preconcebidas e modelos teóricos” (minha tradução).



simplesmente serem passivamente descritos. Porém o escopo do trabalho descritivo inclui sim um posicionamento crítico, só que diferente do apresentado por Medeiros (1999). Toury (1995, p. 14, grifo do original) afirma que o estudo descritivo visa também "*to confront the position which is actually assumed by a translation with the one it was intended to have, and draw the necessary conclusions*"<sup>16</sup>. Ou seja, o estudo descritivo também inclui uma leitura crítica, porém com relação à diferença do que é de fato encontrado e o que é declarado sobre a tradução. Este escopo crítico não exclui aquele apresentado por Medeiros (1999), mas apenas se coloca em outra dimensão de análise.

### 3.3 Normas de tradução

Segundo Medeiros (1999, p. 141), o conceito de normas de tradução é chave na abordagem descritiva de Toury. Não só para Toury, mas como para Chesterman (1997), que chama os estudos descritivos de *estudos normativos*. Neste sentido, a noção de normas de tradução é a própria base para o estudo descritivo. Chesterman (1997, p. 52-54) define normas como as leis gerais que governam um certo fenômeno – neste caso, a tradução. Assim, um estudo normativo ou descritivo da tradução busca definir estas leis (normas) gerais que governam uma determinada tradução (ou um *corpus*), como demonstra Øverås (2006), em uma análise de um texto literário (além de um resumo sobre o conceito de estudos descritivos em tradução e normas).

Outra definição bastante prática de normas é apresentada por Hermans (2006, p. 59):

*The content of a norm is a notion of what a particular community regards as correct or proper. The directive force of a norm is there to secure and maintain these notions as values. The assumption is roughly that norms serve as the active ingredient by means of which general values are transmuted into guidelines and prompts for concrete action.*<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> “confrontar a posição que é *realmente* assumida por um tradutor com a que era pretendida e tirar as conclusões necessárias” (minha tradução, grifos do original).

<sup>17</sup> “O conteúdo de uma norma é a noção do que uma determinada comunidade considera correto ou apropriado. A força diretiva de uma norma existe para assegurar e manter essas noções e valores. A suposição é, *grosso modo*, que as normas sirvam como o ingrediente ativo através do qual valores gerais são transformados em diretrizes e pontos de partida para ações concretas” (minha tradução).

### 3.4 Memes de tradução

Chesterman (1997), além de compartilhar uma visão descritiva quanto aos Estudos da Tradução, propõe o conceito de *memes* de tradução como uma ferramenta. Trata-se de uma metáfora emprestada da sociobiologia, de que “*ideas spread, replicate themselves, like genes do*”<sup>18</sup> (CHESTERMAN, 1997, p. 2). Assim, *memes* de tradução são idéias sobre tradução que se espalham entre tradutores, através dos tempos, em diferentes lugares. Alguns exemplos são colocados pelo autor (1997, p. 8): original-tradução; equivalência; intraduzibilidade; livre-versus-literal etc. Outra questão sobre estes *memes* é o fato de que não funcionam isoladamente, mas em complexos, com vários *memes* inter-relacionados. Um desses complexos, pertinente a essa dissertação pela leitura da *BG* enquanto um texto religioso, é o que o autor chama de Palavra-de-Deus (*Word of God*), relacionado, em sua origem, aos tradutores da *Bíblia*, cuja questão seria que:

*[...] if you believe that the scriptures are indeed Word of God, and if you believe that you have a mission to spread this Word, you quickly find yourself in a quandary. The Word is holy; how then can it be changed? For translation does not only substitute one word-meaning for another but also reconstructs the structural form in which these word-meaning are embedded.*

*Yet in holy texts, it was felt, even the form was holy. To meddle with the original form of the scriptures was to risk blasphemy, heresy; a translator might even risk his life[...]*<sup>19</sup>

(CHESTERMAN, 1997, p. 21, 22)

Para sintetizar a idéia Palavra-de-Deus, Chesterman (1997, p. 23) utiliza a metáfora *translation is copying*<sup>20</sup>.

### 3.5 Problemas de tradução

Nord (2001) é bastante referenciada pela sua abordagem tradutológica utilizando a *Skopostheorie*, a qual, como já comentado, não se subscrevem totalmente Toury e

<sup>18</sup> “idéias espalham-se, replicam-se, da mesma forma que fazem os genes” (minha tradução).

<sup>19</sup> “[...] se você acredita que as escrituras são de fato a Palavra de Deus, e se você acredita que tem a missão de espalhar esta Palavra, rapidamente se encontrará num dilema. A Palavra é sagrada; como, então, pode ser alterada? A tradução não apenas substitui uma palavra-significado por outra, mas também reconstrói a forma estrutural na qual estas palavras-significados estão embutidas. No entanto, em textos sagrados, sentia-se que até a forma era sagrada. Interferir com a forma original das escrituras era arriscar-se em blasfêmia, heresia; um tradutor poderia até arriscar sua vida [...]” (minha tradução).

<sup>20</sup> “traduzir é copiar” (minha tradução).

Chesterman. Nord tem seus estudos voltados eminentemente para o ensino da tradução, ou seja, um estudo aplicado e não necessariamente descritivo. Porém há conceito, de problemas de tradução, também apresentado pela autora, que pode ser conciliado no conjunto teórico apresentado nessa pesquisa. Assim, Nord (2001, p. 64) coloca que problemas de tradução

*are here considered to be objective or at least intersubjective; they are not to be equaled with translation difficulties, which are the subjective difficulties that a particular translator or trainee encounters in a translation process because of deficient linguistic, cultural or translational competence or because they do not have appropriate documentation. Translation problems will always remain problems, even when a translator has learnt how to deal with them rapidly and effectively.<sup>21</sup>*

Nord (2001, p. 65-67) também propõe uma classificação dos problemas de tradução, apresentada a seguir:

- a) pragmáticos – diferenças entre as situações do texto original e texto alvo;
- b) culturais – diferenças entre as normas e convenções que guiam o comportamento verbal e não-verbal nas duas culturas envolvidas;
- c) lingüísticos – diferenças estruturais no vocabulário, na sintaxe e nas características supra-segmentais das duas línguas;
- d) idiossincráticos – específicos de um texto original em particular, como figuras de linguagem, neologismos e gírias.

---

<sup>21</sup> “São aqui considerados como sendo objetivos ou, pelo menos, intersubjetivos; eles não devem ser igualados a dificuldades de tradução, que são dificuldades subjetivas que um tradutor ou aprendiz de tradutor em particular encontra em seu processo de tradução devido à deficiência lingüística, cultural ou competência translatória ou porque eles não possuem documentação apropriada. Problemas de tradução sempre permanecerão problemas de tradução, mesmo quando um tradutor aprendeu a lidar com eles rápida e eficientemente” (minha tradução).

## 4 NOTAS DE TRADUÇÃO

Este capítulo situa as NT como um tipo específico de paratexto e apresenta algumas classificações de NT apresentadas por diferentes autores. Para tanto, primeiramente discutem-se o conceito de paratexto em geral e, em seguida, também de forma geral, o conceito de NT. Posteriormente, o conceito de NT será apresentado de maneira mais detalhada, dividido entre os gêneros literário, religioso e filosófico (cf. Capítulo 2, sobre a *BG*).

### 4.1 *Conceito geral de paratexto*

Gérard Genette (1997, p. 1,2) afirma que o texto em si, principalmente na forma de um livro, nunca está sozinho. Há sempre outros recursos que o acompanham e que variam em extensão e forma, com a função de dar presença ao texto e trabalhar na sua recepção. Alguns exemplos comuns, presentes no mesmo volume do livro, são títulos, sumários e notas de tradução. Outros, menos associados à paratextos, por estarem presentes fora do volume do livro, são entrevistas sobre o autor e reportagens sobre o livro – para Genette (1997, p. 8) “*in principle, every context serves as a paratext*”<sup>22</sup>. Tais recursos são partes “indefinidas” do texto, por estarem, de certa forma, dentro e fora dele. A função geral desses recursos é colocada por Watts (2005, introd.) da seguinte maneira:

*From design elements such as the raised foil-leaf lettering of much trade fiction published for the North American market to less superficial paratextual interventions such as Jean-Paul Sartre’s “preface” to Jean Genet’s complete works that runs at more than 500 pages, the paratext exists to capture readers and influence the work’s reception.*<sup>23</sup>

Nelson (2005, p. 1) define paratexto como “*the liminal matter that forms the bridge between the context of a text and the text itself*”<sup>24</sup>. O paratexto quase sempre explicita informações sobre a obra que não estão diretamente colocadas no texto em si. Não são, em todos os casos, textos totalmente independentes, tanto que, como também coloca Nelson (2005, p. 8), “*paratext is only paratext in relation to another text which we perceive it to be*

<sup>22</sup> “em princípio todo contexto serve como um paratexto” (minha tradução).

<sup>23</sup> “Desde elementos gráficos, como a inscrição em relevo de muitas ficções comerciais publicadas para o mercado norte americano, até intervenções paratextuais menos superficiais como o “prefácio” de Jean-Paul Sartre para a obra completa de Jean Genet que vai para mais de 500 páginas, o paratexto existe para prender os leitores e influenciar a recepção da obra” (minha tradução).

<sup>24</sup> “a matéria limiar que forma a ponte entre o contexto de um texto e o próprio texto” (minha tradução).

*enclosing*”<sup>25</sup>. São recursos que podem passar despercebidos para os leitores em geral, porém extremamente relevantes, por exemplo, no contexto da pesquisa acadêmica. Neste último caso, como aponta Dalgaard (2006, p. 181), um título ou um resumo podem ser o suficiente para um pesquisador decidir se irá ou não continuar a ler o texto que encontra em suas pesquisas.

Os tipos de paratexto foram classificados por Genette (1997, p. 4-5) em uma análise baseada em obras “originais”(i.e. não-traduições). A menção a traduções ocorre somente na classificação da autoria de notas, que podem ser de um tradutor (cf. LÉGER, 2006, p. 65-66). Há, também, outras tentativas de classificação de paratextos voltadas especificamente para o caso de traduções, apesar de bastante específicas e pouco generalizáveis, como a de Roby (2006), que investigou glosas em documentos eletrônicos voltados para o ensino de línguas.

Uma outra perspectiva teórica para o estudo dos paratextos é de Torop (2005), que, para operacionalizar o estudo da tradução propõe diferentes parâmetros, a saber: obra, língua, tempo, espaço, texto e manipulação sócio-política. Dentre eles, o parâmetro Obra, segundo Osimo (2005), é a “criação da tradução em forma de livro, como um volume publicado, em certos casos com aparato crítico, notas, epílogo, cronologias, etc.”. Portanto, num estudo de uma tradução segundo o parâmetro obra, como demonstra Ferreira (2006b) na análise de uma tradução da *BG*, os objetos centrais de pesquisa são os paratextos presentes no livro, vistos como objetos que influenciam a leitura e trabalham na recepção do texto pelo leitor. Osimo (2005, lição 33) afirma que estes aparatos podem

buscar o reforço da idéia que o público já tem da obra ou, pelo contrário, pretender recriá-la para estimular uma reação diferente do leitor. (...) Há quem acredite que os metatextos [paratextos] limitam a liberdade do leitor, mas também é certo que muitas vezes os leitores não dispõem dos conhecimentos necessários para compreender a polissemia do texto, seus mecanismos e seus dominantes.

No entanto a classificação de Genette (1997) se mostra mais detalhada e dá conta da contextualização terminológica necessária sobre o tema para essa dissertação. Genette utiliza três categorias de análise principais que serão detalhadas a seguir.

#### **4.1.1 Tipos de paratexto em relação a sua distância física do texto original**

Genette (1997, p. 4, 5, 211) classificaos tipos de paratexto quanto a sua distância física em relação ao texto original (texto em si, sem paratextos) de duas maneiras:

---

<sup>25</sup> “paratexto só é um paratexto em relação a outro texto ao qual percebemos estar anexado” (minha tradução).

- a) *peritextos*, quando presentes no mesmo volume físico do texto, por exemplo, título, prefácio, ilustrações etc.; ou
- b) *epitextos*, quando se encontram fora do mesmo volume físico do texto, por exemplo, entrevistas com autor numa revista, resenhas do livro em outras publicações, contexto biográfico do autor etc.

#### 4.1.2 Tipos de paratexto em relação à época em que surgiram

Outra classificação apresentada por Genette (1997, p. 4-5, 211) toma como critério a época em que surgiram os paratextos, podendo estes se enquadrarem em mais de um dos seguintes casos:

- a) *priori*, quando criados antes do lançamento da obra original, por exemplo, propagandas do livro etc.;
- b) *originais*, quando criados juntamente com a aparição da obra original, por exemplo, um prefácio na 1ª edição, sumário etc.;
- c) *posteriores*, quando criados depois da edição original, por exemplo, só da 2ª edição em diante;
- d) *atrasadas*, quando criados depois de muito tempo do original, por exemplo, no caso de só estarem em uma nova edição feita muito tempo depois da original<sup>26</sup>;
- e) *póstumos*, quando criados depois da morte do autor;
- f) *anthumous*, quando criados durante a vida do autor.

#### 4.1.3 Tipos de paratexto em relação ao seu conteúdo

Outra classificação apresentada por Genette (1997, p. 4-5, 211), refere-se ao seu tipo de conteúdo:

- a) *textuais*, elementos compostos de textos, por exemplo, prefácios, introduções etc.;
- b) *ilustrações*, elementos não textuais, por exemplo, fotos, desenhos etc.;

---

<sup>26</sup> Genette não especifica o que seria “muito” tempo, mas se acredita que dever ser algo como após a 10ª edição ou 10 anos.

- c) materiais, elementos da característica física da obra, por exemplo, tipografia, acabamento material do livro etc.;
- d) fatuais, elementos não explícitos, mas que, quando conhecidos influenciam na recepção do texto pelos leitores, por exemplo, dados do sexo e idade do autor ou prêmios recebidos de alguma instituição renomada.

## 4.2 *Notas de tradução como um paratexto*

Dentro das possibilidades de paratextos, Genette (1997, p. 319) define as notas como “*a statement of variable length (one word is enough) connected to a more or less definite segment of text and either placed opposite or keyed to this segment*”<sup>27</sup>. O mesmo autor afirma que as notas geralmente estão ligadas a outros paratextos, como um prefácio, em uma continuidade quanto a sua função. Assim, prefácios preocupam-se com direções gerais e notas tratam dos casos mais pontuais e, como acrescenta. Genette (1997, p. 4, grifo do original), “*many notes are addressed to certain readers*”<sup>28</sup>. Assim, as notas, continua Genette (1997, p. 324), mais do que paratextos do tipo prefácio, são opcionais para os leitores que querem saber mais detalhes sobre um ponto específico.

Dentro de uma perspectiva histórica, o uso de notas aparece desde a Idade Média, principalmente sob o nome de *glosa*. No século XV, era comum encontrar textos colocados no meio da página e, cercado o texto, as notas apareciam com letras em tamanho menor. As notas laterais ou marginais apareceram no século XVI mais curtas e ligadas a trechos mais específicos do texto. Só no século XVII tornou-se comum colocar as notas no rodapé da página. (GENETTE, 1997, p. 320-321; HENRY, 2000, p. 228-240).

Genette (1997, p. 320-321) acrescenta que nos dias de hoje a prática ainda é bastante variada, sendo as notas colocadas nas margens, entre as linhas, no final dos capítulos, numa coluna central que separa outras duas de texto, nas páginas pares ou só nas páginas ímpares (sendo que o texto ficaria na página oposta às notas), num volume separado ou longas notas infra-paginais que continuam por várias páginas.

Mittmann (2003) apresenta o único estudo aprofundado sobre NT encontrado na revisão da literatura, com base num aparato teórico da Análise do Discurso. Apesar de não partir de

---

<sup>27</sup> “Uma colocação de extensão variável (uma palavra é o suficiente) conectada a um segmento de texto mais ou menos definido, colocada em oposição ou em harmonia com este segmento” (minha tradução).

<sup>28</sup> “Muitas notas são endereçadas a *certos* leitores” (minha tradução, grifos do original).

concepções teóricas da área da tradução e não apresentar critérios claros sobre a seleção do *corpus*, há algumas considerações pertinentes para essa dissertação. A autora, nesta mesma obra (p. 114-123), em uma revisão da literatura sobre NT, observa três perspectivas teóricas sobre o tema:

- a) NT como um recurso auxiliar para a compreensão do leitor da tradução, para resolver problemas de tradução que não foram resolvidos no próprio texto, cf. Barbosa (1990), Nida (1964), Rónai (1981), Santos (1979) e Hattnher (1985);
- b) NT como um lugar privilegiado para se analisar o papel do tradutor, por ser um local onde se pode ouvi-lo, cf. Duke (1993);
- c) NT como um canal de exposição da produção tradutológica, cf. Cesar (1988).

### ***4.3 Notas de tradução em diferentes gêneros textuais***

A pesquisa de questões mais específicas sobre NT foi feita com base na questão das várias leituras da *BG*, discutida em 2.5. Assim, serão apresentados a seguir exemplos de notas segundo diferentes autores, relacionados à textos literários, religiosos e filosóficos.

#### **4.3.1 NT que refletem uma leitura do texto enquanto um texto literário**

Notas do gênero literário, em geral, remetem a questões estéticas, por exemplo, alusões, jogos de palavras, elipses, imagens, estilo, eufonia etc. Cesar (1999, p. 285), em seu livro sobre tradução de literatura, apesar de colocar pouca informação sobre NT, mas em poucas linhas que dispensa ao assunto, expressa claramente uma opinião sobre esse recurso.

As notas de pé de página constituem, em geral, a parte menos importante de um ensaio. Sua localização dentro da página corrobora este fato. Podemos deixar de lê-las, quando o interesse pelo conjunto da obra é muito grande. Ou podemos estudá-las cuidadosamente, quando estamos mais interessados em detalhes microscópicos, digressões eruditas, fontes informativas, bibliografia obscura [...]. Alguns escritores particularmente interessados em facilitar a leitura de seus trabalhos tentam reduzir ao máximo o número dessas notas e até mesmo as eliminam completamente. Outros, porém, se regozijam com a maior quantidade possível de numerzinhos espalhados pelo texto – como sinais evidentes da fecundidade de suas pesquisas de *background*, que poderiam passar despercebidas aos olhos do leitor, não fosse aquele o recurso usado para atraí-lo.

Quando a autora comenta sobre os tipos de notas possíveis, ela as categoriza em:

- a) problemas gerais de interpretação;



- b) problemas de sintaxe;
- c) indiosincrasias estilísticas.

Henry (2000, p. 228-240), em um artigo que comenta sobre a validade do uso de notas, apresenta este recurso como uma tentativa de superar dificuldades de tradução. A autora analisa principalmente os casos em que as notas explicitam elementos da obra original que ficaram implícitos na tradução. O artigo, já no título (*De l'érudition à l'échec*<sup>29</sup>), questiona até que ponto a NT é uma prova de erudição ou uma declaração de fracasso do tradutor. Para a autora, esta questão está relacionada à negociação que o tradutor faz entre a sua leitura e a que ele quer que o leitor da tradução tenha. Assim, Henry conclui que diferentes tipos de textos e leitores alvos irão gerar diferentes tipos de notas. A questão do fracasso ou da erudição, portanto, depende do objetivo delas na tradução, que é definido como o de ajudar a “*restituer l'oeuvre première dans un contexte linguistique, culturel, géographique [...]*”<sup>30</sup> (HENRY, 2000, p. 230). A maioria dos exemplos utilizados é do livro *Small World*, de David Lodge, que, no entanto, não possui muitas notas (somente 23). Esta limitação do caso estudado, complementada apenas com outros poucos exemplos de textos também literários, mostra que o enfoque do artigo é pouco exaustivo. Os tipos de NT possíveis, segundo a autora, são:

- a) convenções tipográficas, como diferentes regras para o uso de itálico em diferentes países;
- b) problemas com a língua de um personagem ou de um enunciado no original, como a fala de um personagem no original na língua de chegada da tradução, que era uma língua estrangeira para o texto original;
- c) citações de títulos de obras no texto, como quando se mantém o título original, na língua de origem, e a tradução é feita na nota;
- d) jogos de palavras.

A mesma pesquisadora (2000, p. 235-236) apresenta uma pequena lista de possibilidades alternativas ao uso das notas de tradução, que também são encontradas em traduções da *BG*:

- a) manter o termo na língua original, como no caso de *Halloween*, que é léxico cultural;
- b) tradução literal, palavra por palavra, como uma transcodificação de cada termo segundo um dicionário;

---

<sup>29</sup> *Da erudição ao fracasso* (minha tradução).

<sup>30</sup> “reconstituir a obra original em outro contexto lingüístico, cultural, geográfico” (minha tradução).

- c) manter o termo na língua original e acrescentar uma ajuda dentro do texto entre parênteses;
- d) manter o termo original e acrescentar uma ajuda com uma paráfrase entre vírgulas;
- e) trocar por um equivalente, como uma alusão diferente, mais próxima à cultura de chegada;
- f) acrescentar uma ajuda no texto que ajude o leitor a compreender melhor, como um acréscimo.

#### **4.3.2 NT que refletem uma leitura do texto enquanto um texto religioso (sagrados)**

Goddard (1999), em um artigo que trata do sistema de notas de tradução da *Bíblia New International Version*, analisa a tradução do *Velho* e do *Novo Testamento* e expõe as principais situações em que se usam as notas. Também apresenta a metodologia tipográfica para a confecção de notas, contendo regras para o uso do itálico, das pontuações e da repetição de casos recorrentes. De modo geral, o autor recomenda sempre o uso de notas para ajudar o leitor na compreensão do texto; mesmo que estas não sejam lidas e nem muito bem vistas pelo leitor médio. Interessante também é a justificativa ética desta prática, devido, principalmente, às variações entre os manuscritos originais que compõem a *Bíblia* e as diferentes interpretações que este fato pode gerar. E parece ser justamente por causa deste contexto que Goddard acha ser o uso de notas pelo tradutor um atestado da sua exaustiva pesquisa e competência na língua do texto original. Acrescenta-se também o fato de as traduções da *Bíblia* serem feitas em equipe, o que exige bastante discussão e fundamentação das propostas de cada um dos tradutores. Goddard (1999, p. 32) afirma que, mesmo com o tratamento da *Bíblia* como mensagem divina e com o grande zelo que o texto recebeu, durante o processo de cópia houve inúmeros erros. Isto tornou sua tradução mais complicada, somando-se o fato de a *Bíblia* ser um conjunto de diferentes textos e, muitas vezes, somente de traduções. Tornam-se necessárias muitas pesquisas pelas várias versões, traduções e textos paralelos para se chegar a uma compreensão mais assegurada. O pesquisador (1999, p. 34,35) afirma que as notas muito importantes devem entrar no meio do texto, porém também apresenta (GODDARD, 1999, *passim*) vários casos em que se usam notas fora do texto – i.e. no rodapé, ao final do capítulo etc.:

- a) trechos com traduções alternativas importantes;
- b) divergências entre a tradução proposta e o original, sugerindo que o leitor investigue mais a fundo por ele mesmo;
- c) erros do escriba no texto original que podem ser provados com referências cruzadas a outras passagens do texto;
- d) diferenças na grafia de versões do original;
- e) traduções alternativas quando não há consenso entre o grupo de tradutores, servindo para chamar a atenção do leitor para que ele investigue mais antes de tirar as próprias conclusões;
- f) palavras ou frases que possuem interpretação duvidosa devido à dificuldade de compreensão do original;
- g) equivalentes dinâmicos<sup>31</sup>, usando-se a domesticação na tradução com uma nota estrangeirizadora;
- h) unidades de medida, mantendo as originais para dar o “clima” de texto antigo e a tradução em um nota;
- i) variações dos nomes de uma mesma pessoa, pois a padronização dos nomes no texto só ocorre para pessoas e lugares bem conhecidos;
- j) explicação do jogo de palavras no original;
- k) trechos onde traduções canônicas divergem;
- l) quando não há muita evidência no original para sustentar a tradução proposta;
- m) trechos de compreensão difícil;
- n) referências de citações no original de textos da própria *Bíblia*, outras notas e outros textos relacionados à *Bíblia*.

Nida (2001, p. 22-28), em um artigo sobre tradução da *Bíblia*, contextualiza brevemente a origem dos textos que a compõem, a história da sua tradução e aborda questões lingüísticas e sócio-lingüísticas envolvidas nesta tradução. Sobre o último ponto, que inclui o uso de notas de tradução, o autor (NIDA, 2001, p. 24-25) coloca que

*a number of matters that might seem uncontroversial in a secular context take on great sociolinguistic importance in a biblical context, especially in matters of canonicity, textual reliability, dialect differences, levels of language, degrees of literalness, format, and supplementary material such as notes, introductions, and prefaces.*<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Termo cunhado por Nida (1964) diz respeito à qualidade da tradução para a qual a mensagem do texto de origem foi transportada para a língua do receptor de tal forma que a resposta do receptor é essencialmente como a dos receptores do texto original (NIDA & TABER *apud* SHUTTLEWORTH, 1997, p.47).

<sup>32</sup> “várias questões que não parecem ser controversas em um texto secular tomam grande importância sócio-lingüística em um contexto bíblico, especialmente questões de canonicidade, confiabilidade [...continua p.43

Cada uma destas questões é tratada com mais detalhes e Nida afirma que a maioria dos leitores da *Bíblia* gosta de *supplementary material* (material suplementar). Constam aqui prefácios que apresentam a base textual para a tradução e os princípios e procedimentos utilizados na preparação do texto, glossários, índices e mapas relacionados às histórias. O autor (NIDA, 2001, p. 27) coloca que essa rejeição está ligada à visão desses materiais como “ladrões” da auto-suficiência e parecem sugerir “*that the Holy Spirit did not know best what people should receive*”<sup>33</sup>. No entanto Nida ressalta que em muitos casos as notas são indispensáveis para a maioria das pessoas, como nos casos das variações de nomes próprios e de costumes culturais e idiomas muito diferentes dos do leitor. O autor também defende o uso de introduções como ferramentas para a compreensão do contexto cultural e histórico de cada livro. Nida finaliza o artigo apresentando princípios e procedimentos de tradução que a maioria dos tradutores da *Bíblia* tende a seguir. Entre eles estão o uso de notas para colocar informações contextuais, introduções aos capítulos e glossários.

Trabelsi (2005, p. 400-411) comenta a dificuldade de tradução do *Corão* para o francês e afirma que este problema é devido a dois fatores: a densidade semântica e a riqueza estilística do texto original. Segundo a sua pesquisa, as traduções acabam privilegiando uma dessas duas características, criando dois conceitos de fidelidade. Porém, prossegue a autora, o problema essencial de tradução, neste caso, é semântico e não estilístico. Ela conclui assim devido a uma análise de quatro traduções, percebendo que o maior determinante é o *status* do *Corão* como um texto sagrado. Essa característica gera, por exemplo, grandes dificuldades de aceitação de traduções que divergem das interpretações dos exegetas renomados entre os muçulmanos. Há grupos mais tradicionais que afirmam ser impossível traduzir o *Corão*, sendo uma tradução por si só uma afronta à palavra de Deus. Estes exegetas colocam que o *Corão* deve ser estudado somente no original para se evitem quaisquer “desvios” e mesmo porque o estilo do texto original “divino” é inigualável. Esta forte crença quanto à sua intraduzibilidade foi o fator que mais adiou as traduções para o francês, que tiveram início somente no séc. XX.

A autora coloca que há a possibilidade de complementar as traduções com informações em notas, como para os seguintes casos:

- a) explicações, por exemplo, comentários sobre um verso;

---

... continuação da p.42 textual, diferenças dialetais, registros de linguagem, níveis de literacidade, formato e material suplementar como notas, introduções e prefácios” (minha tradução).

<sup>33</sup> “que o Espírito Santo não sabia o melhor que as pessoas deveriam receber” (minha tradução).

- b) explicação de elipses que não são comuns na língua francesa;
- c) explicação de alusões;
- d) comentários pessoais sobre a atual realidade muçulmana e sua relação com o que está posto no *Corão*;
- e) comparação com a *Bíblia* cristã;
- f) comparação com a poesia árabe pré-islâmica.

Quanto às formas tipográficas das notas, encontraram-se os seguintes casos:

- a) notas entre o texto da tradução e o texto árabe original;
- b) notas no rodapé da página.

### 4.3.3 NT que refletem uma leitura do texto enquanto um texto filosófico

Seligmann (1998, p. 28,29) afirma, no contexto da tradução de textos filosóficos, que uma das principais peculiaridades da tradução deste gênero “é o papel central que as notas explicativas desempenham”. Ao analisar traduções de textos filosóficos como de Fichte (1980) e Novalis (1988), todos do tradutor Torres Filho, Seligmann (1998) propõe a seguinte classificação das notas empregadas nestas obras:

- a) notas que indicam o termo ou frase no original;
- b) notas que visam esclarecer determinados conceitos;
- c) notas que procuram destacar as relações de assonância e eufonia do termo original;
- d) notas que indicam detalhes, correções, adendos ou rasuras do manuscrito, ou que apontam para erros ou variantes das diferentes reedições;
- e) notas que ressaltam o uso de estrangeirismos no original;
- f) notas que esclarecem quem são as pessoas, autores e obras mencionados;
- g) notas que indicam que o texto já aparecia no original em determinada língua estrangeira;
- h) notas que fornecem variantes de tradução e/ou de interpretação;
- i) notas irônicas.

O pesquisador (1998, p. 29) continua afirmando que “há uma relação direta entre o discurso filosófico-prosaico e o uso de notas”, pois a “intertextualidade é não apenas uma constante, mas, pode-se dizer, constitui o seu cerne”. Seligmann (1998, p. 29) coloca que as notas são um dos modos de explicitar este diálogo característico dos textos filosóficos.

Gulmini (2004, p. 595-600) elabora uma tradução de um texto filosófico do sânscrito (*Yoga-Sūtra* de Patañjali, cf. GULMINI, 2002) e propõe uma reflexão sobre intertextualidade e inter-discursividade como recursos metodológicos importantes para a recuperação dos sentidos intencionais dos textos de partida no caso de traduções interculturais. Os dois grandes temas abordados são “texto e contexto” e a “questão semântica”. A autora (2004, p. 597) explica que o estilo extremamente compacto do texto, em aforismos, está ligado às suas origens – uma comunidade discursiva fechada de praticantes de yoga, de

forma a somente serem passíveis de interpretação pelos membros de sua própria formação discursiva, por exprimirem um vocabulário teórico, cujas bases e matrizes de sentido são determinadas pelos sistemas que as fundamentam. [...] O processo de tradução de um discurso produzido por outra cultura geralmente apresenta estes fortes mecanismos de adaptação ideológica, resultando, na maior parte das vezes, numa interpretação bastante distante daquela suscitada pelo mesmo discurso, quando inserido no contexto dos interlocutores para os quais foi produzido.

A autora afirma que a tradução de um texto como este é possível, porém “ela esbarra em obstáculos que exigem do tradutor um ‘duplo’ trabalho de tradução: de um lado, o texto; de outro, a cultura e o contexto...” (GULMINI, 2004, p. 595). Como solução, a proposta é a de se incluir referências e comentários.

Verificamos, portanto, que a recuperação dos contextos que propiciaram o surgimento e veiculação de determinado texto — recorrendo-se para isso a referências não apenas históricas como também textuais e intertextuais — revela-se fundamental para uma proposta de tradução de um texto produzido por outras formações discursivas e culturais, em outros espaços e tempos. (GULMINI, 2004, p. 597-598)

[...] numa tradução intercultural de um texto teórico pertencente a uma teoria inexistente na cultura de chegada, a recuperação de intertextualidades e interdiscursividades torna-se procedimento fundamental, e o que é considerado como “tradução literal” do texto em si, na sua imanência, sem referências e explicações, torna-se a tradução menos literal possível [...]. Por esta razão defendemos que uma tal tradução deve ser exaustivamente comentada... (GULMINI, 2004, p. 600)

## 5 *CORPORA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO*

Este capítulo comenta o uso de *corpora* nos estudos da tradução de forma breve e também apresenta as suas classificações pertinentes ao *corpus* utilizado nessa dissertação.

### 5.1 *Perspectivas gerais sobre corpora*

Antigamente, antes do uso dos computadores em pesquisas lingüísticas, *corpus* (*corpora* no plural) significava qualquer coleção de textos escritos. Atualmente, o conceito expandiu-se para uma coleção de textos em um formato processável por computadores. (BAKER, 1995, p. 225; JOHANSON, 1998, p. 3)

Esta mudança do conceito sobre *corpus* se deu a partir da década de 1960, com o advento dos *corpora* eletrônicos, que abriram novos caminhos para a pesquisa lingüística e da tradução com base em *corpus*. Apesar das várias décadas desde o início dos estudos com base em *corpus*, no Brasil os estudos ainda são incipientes. (TAGNIN, 2002, p. 9; SARDINHA 2004, p. 6)

Mesmo com as divergências teóricas gerais sobre tradução, parece haver certa unanimidade entre os pesquisadores no que diz respeito ao uso de *corpora* como base para os estudos da tradução (SARDINHA, 2002, p. 1-2).

As pesquisas em tradução com base em *corpora* geralmente são relacionadas com a necessidade de uma grande quantidade de dados para se poder visualizar padrões da linguagem como, por exemplo, concordâncias verbais, uso lexical etc.

### 5.2 *Classificação de corpora eletrônicos nos estudos da tradução*

Diferentes pesquisas em tradução desenvolveram variados tipos específicos de *corpora*, cujas denominações também variam e ainda estão em processo de estabilização, conforme afirma Pagano *et al.* (2005, p. 193):

De fato percebe-se uma diversidade de estudos a partir de referenciais teóricos diferentes e com objetivos variados. Os tipos de *corpus* estudados também variam, destacando-se os *corpora* paralelos, compostos de originais e suas respectivas

traduções e *corpora* comparáveis, formados por textos originalmente produzidos numa língua e textos traduzidos para esta mesma língua.

Com a mesma nomenclatura, alguns dos pontos referidos por Sardinha são abordados por outros pesquisadores. Por exemplo, o tipo do *corpus* usado pode ser chamado de paralelo, no sentido empregado por Varantola (2002, p. 174): “*Parallel corpora refer to collections of source language texts and their translations*”<sup>34</sup>, que é a nomenclatura empregada por Baker (1995). Aqui, o uso que se terá do *corpus* paralelo não será o que é mais comumente visto nas pesquisas recentes (cf. MAGALHÃES e BATISTA, 2002), pois, como já dito, o texto original não possui notas.

Dentro da definição apresentada por Pagano *et al.* (2005, p. 193), o *corpus* dessa pesquisa não se enquadraria perfeitamente em nenhum dos casos. Não é um *corpus* paralelo, pois não inclui o texto original da *BG*, em sânscrito. Tampouco trata-se de um *corpus* comparável, apesar de apresentar textos (NT) produzidos em português do Brasil e outros que são traduções. No entanto não separa os textos das NT que foram traduzidos de outras NT – no caso de traduções indiretas – e os textos de NT que foram produzidas nas edições brasileiras.

Sardinha (2004, p. 20,21) apresenta um resumo das principais nomenclaturas empregadas na Lingüística de *corpus* para definir o conteúdo e o propósito de um *corpus*. De acordo com a classificação de Sardinha, o *corpus* de NT da *BG* utilizado nessa dissertação configura-se da seguinte maneira:

- a) modo – textos escritos impressos (livros);
- b) tempo – diacrônico e contemporâneo;
- c) seleção – amostragem e estático;
- d) conteúdo – especializado, traduções de um único texto;
- e) disposição interna – paralelo e alinhado, com ligação de cada verso de cada tradução e suas notas correspondentes com os versos do texto original;
- f) finalidade – pesquisa.

também empregada por Baker (1995). Aqui, o uso que se terá do *corpus* paralelo não será o que é mais comumente visto nas pesquisas recentes (cf. MAGALHÃES; BATISTA, 2002), pois, como já dito, o texto original não possui notas.

Mais especificidades do *corpus* utilizado, como os detalhes sobre a seleção dos textos, digitalização dos mesmos e construção da estrutura tecnológica, estão colocadas no Capítulo 6 a seguir.

---

<sup>34</sup> “*Corpora* paralelos referem-se a coleções de textos da língua de origem e suas traduções” (minha tradução).



## 6 METODOLOGIA

Este capítulo trata da metodologia de trabalho adotada para atingirem-se os objetivos expostos na introdução: a descrição das ocorrências reais de notas de tradução encontradas em edições brasileiras da *BG*. Desta forma, a explicação metodológica dar-se-á com a descrição do *corpus* utilizado, dividido em duas etapas: 1) seleção do conteúdo do *corpus*, e 2) organização do conteúdo do *corpus*.

### 6.1 *Seleção do conteúdo do corpus*

Para a seleção do conteúdo do *corpus*, procurou-se adotar critérios que possibilitassem uma quantidade representativa de NT e, ao mesmo tempo, exaustividade quanto às traduções que se enquadrassem nesses critérios. A intenção de obter uma quantidade representativa de NT era a de possibilitar a observação de eventuais padrões quanto ao tipo de NT em diferentes traduções, bem como encontrar maior variedade de tipos de NT. Já com a questão da exaustividade, visava-se permitir a descrição das NT de forma representativa e mais objetiva possível, ou seja, evitando-se a descrição das NT com exemplos coletados de forma aleatória. Postos estes critérios, foram realizados três recortes dentro do universo de todas as traduções da *BG* existentes até se chegar às obras utilizadas no *corpus*.

#### 6.1.1 **Primeiro recorte: português do Brasil**

Há centenas de traduções da *BG* para diversos idiomas, sendo que várias oferecem notas de tradução. Primeiramente, tentou-se incluir traduções de diferentes idiomas europeus (i.e. português, espanhol, inglês, francês, alemão e italiano), porém, este recorte não se mostrou viável para se atingir a exaustividade. Então se tentou o recorte para as edições brasileiras, pois uma pesquisa bibliográfica prévia havia demonstrado uma grande quantidade de NT nas traduções dentro deste recorte, bem como a possibilidade de se atingir a exaustividade.

Dado este primeiro passo, realizou-se um levantamento de todas as traduções da *BG* para o português do Brasil, através dos seguintes locais:

- a) mecanismos de busca na *internet* (Google e Yahoo!<sup>35</sup>);
- b) livrarias na *internet*<sup>36</sup>;
- c) Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Rio de Janeiro)<sup>37</sup>;
- d) catálogos de bibliotecas universitárias na *internet*<sup>38</sup>;
- e) traduções da *BG* (através das referências).

O resultado desta busca revelou 22 traduções (veja a lista completa no Apêndice A, p. 122). Nestas traduções, incluem-se as que se declaram diretas do original em sânscrito, bem como as que se declaram indiretas, baseadas em traduções para outro idioma que não o português do Brasil – neste caso apenas o inglês e o espanhol. Das 22 traduções encontradas, 15 não entraram no *corpus*. Duas<sup>39</sup> delas porque não se teve acesso aos textos, nem fisicamente, nem digitalmente, e as outras 13 devido aos recortes que serão detalhados a seguir.

### 6.1.2 Segundo recorte: texto padrão da *BG*

O segundo recorte, depois de selecionarem-se as traduções existentes para o português do Brasil, foi incluir somente as traduções que apresentam o texto traduzido na estrutura de versos e capítulos segundo as edições críticas de Calcutá ou de Puna, ou seja, com 18 capítulos e 700 ou 701 versos (na distribuição apresentada na Tabela 17, p. 93). Adotando-se este critério, pôde-se identificar a localização de cada NT segundo uma numeração de capítulos e versos alinhados entre todas as traduções do *corpus* e, por isso, foi possível realizarem-se comparações. A exceção é Rohden (1997), que omite os primeiros 25 versos do capítulo I. Com este segundo recorte, seis traduções foram excluídas:

- a) três<sup>40</sup> eram versões resumidas ou parciais (não apresentavam grande parte dos versos do texto original ou sintetizavam os versos);

<sup>35</sup> Disponíveis em: <<http://www.google.com>>; <<http://www.yahoo.com>>. Termos de busca: bhagavad, bhagawad, bhagwad, gita, geeta, gitá, gîtâ, guita, gítá.

<sup>36</sup> Algumas lojas e os locais na internet onde estão disponíveis: Saraiva <<http://www.livrariasaraiva.com.br>>; Siciliano <<http://www.siciliano.com.br>>; Submarino <<http://www.submarino.com.br>>; Arte Pau Brasil <<http://www.paubrasil.com.br>>; Bazar das Palavras <<http://www.bazardaspalavras.com.br>>; ReLer.com.br <<http://www.reler.com.br>>; Papyrus <<http://www.sebopapyrus.com.br>>; Livraria Osorio <<http://www.livro.net.com.br>>; Traça <<http://www.traca.com.br>>; Sebo OnLine <<http://www.sebol.com.br>>.

<sup>37</sup> Catálogo disponível em: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>. Visitas pessoais em 2005 e 2006.

<sup>38</sup> Bibliotecas em que se encontraram traduções da *BG*: UFU, UFPR, UFSC, UFRJ, PUCRS, USP.

<sup>39</sup> Row (1993); Paramazend ([19--?]).

<sup>40</sup> Jardim Jr (1985); Prabhu (1994); Hermógenes (2006).

- b) uma<sup>41</sup> tradução era uma adaptação para crianças (com modificações na estrutura dos versos);
- c) uma<sup>42</sup> apresentava estrutura de capítulos e quantidade de versos significativamente diferente das edições críticas (mais capítulos e versos);
- d) uma outra<sup>43</sup> continha apenas a tradução de alguns capítulos iniciais (1 a 6).

### 6.1.3 Terceiro recorte: presença de notas de tradução

O terceiro e último recorte foi o de selecionou, dentre as que passaram pelo segundo recorte, as traduções que apresentam NT. Nesta etapa, seis traduções<sup>44</sup> foram descartadas. Este recorte, apesar de aparentemente simples, foi o mais complexo, devido a questões conceituais do que seria uma NT. Esta questão ficou evidente no processo de digitalização das NT de Stella (1970), que utilizou as notas de rodapé somente para as referências bibliográficas de citações que ele faz nos “comentários”, isto é, peritextos destacados logo após os versos traduzidos. A observação do conteúdo desses “comentários” de Stella, em comparação às NT de rodapé, no final de capítulo ou de livro de outras traduções do *corpus*, mostrou que a diferença era apenas na forma de apresentação (diagramação). Ou seja, tratava-se apenas de uma opção de organização visual do paratexto – ao invés de se colocar uma nota de rodapé, colocou-se um texto logo após o verso, como encontra por Trabelsi (2005) em traduções do *Corão*

Algo parecido ocorre na tradução de Lima (1992), que também apresenta um peritexto “comentário” após vários versos da tradução, bem como os peritextos de notas numeradas e agrupadas no final de cada capítulo. Porém, através de uma análise do material, percebeu-se que os “comentários” foram peritextos de autoria do primeiro tradutor, M. K. Gandhi, do sânscrito para o gujaráti. As notas ao final dos capítulos são dos dois tradutores seguintes, do gujaráti para o inglês e do inglês para o português, diferenciadas entre si por uma aviso “N.T.”, quando eram um produto da tradução para o português (veja Apêndice D, p. 138).

---

<sup>41</sup> Vishaka (1996).

<sup>42</sup> Wilmer (2002).

<sup>43</sup> Torres Jr e Torres (1994). Aparentemente outro volume com tradução dos outros capítulos seria publicado, mas não foi encontrado.

<sup>44</sup> Azevedo (1981); Duarte (1998); Aricira (1981); Pombo (1976); Desimon (2006); Chandramukha Swami (2006).

Apesar de esta constatação de similaridade entre as “notas-comentário” e as outras com diagramação convencional permitir sua inclusão no *corpus*, devido à falta de tempo hábil para o término dessa dissertação, e a necessidade de se estabelecer mais claramente a diferença entre comentários e “notas-comentário”, não foi possível incluir todas as ocorrências de comentários encontrados em edições brasileiras. O *corpus* utilizado apresenta apenas algumas (280) “notas comentário”, sendo todas da tradução de Stella (1970). Há, dentre as traduções a que se teve acesso e que passariam pelos dois primeiros recortes, outras cinco obras<sup>45</sup> que poderiam oferecer centenas de “notas-comentário” para um estudo.

A quantidade final de NT selecionadas para a composição do *corpus*, divididas por tradução, pode ser visualizada na seguinte tabela:

<i>Tradutor</i>	<i>Contagem</i>	<i>Porcentagem</i>
Prabhu e Dasi (2002)	4	0,4%
Mesquita (1987)	7	0,7%
Kleinert (1994)	41	4,1%
Lima (1992)	42	4,2%
Lorenz (1999)	68	6,8%
Rohden (1997)	114	11,3%
Stella (1970)	302	30%
Ferreira (1973)	427	42,5%
TOTAL	1.005	100,%

**Tabela 1: Contagem e porcentagem de NT em cada edição da BG no corpus**

Como se pode perceber pela Tabela 1, há grande diferença na quantidade de NT entre as várias traduções que compõem o *corpus*. Este fato exige relativização das informações baseadas no *corpus* como um todo, como as médias estatísticas gerais. Porém a inclusão de diferentes traduções, mesmo com poucas NT, aumenta a chance de se encontrar mais diversidade qualitativa de NT. Também, apesar dessa variação quantitativa, as traduções com poucas NT devem ser adicionadas ao *corpus* devido aos critérios objetivos de seleção do *corpus*.

Algumas traduções presentes no *corpus* possuem outras edições além da que foi utilizada nessa dissertação, como é o caso de Lorenz, Rohden e Ferreira. No caso de Lorenz utilizou-se a edição que se teve acesso fisicamente (i.e. 1999), apesar de haverem edições mais antigas e outras mais recentes. A edição de Rohden (1997) utilizada parece ser idêntica, em conteúdo, às edições mais recentes, de 2000 e 2003, porém apresenta mais facilidade de digitalização. Quanto à tradução de Ferreira (1973), esta é idêntica (cópia facsímile) à edição mais recente, de 2005.

<sup>45</sup> Azevedo (1981); Pombo (1976); Lima (1992); Desimon (2006); Chandramukha Swami (2006).

Deve-se levar em conta que todas as traduções presentes no *corpus* também possuem outros tipos de peritexto além das NT. São introduções, glossários, ilustrações, apêndices etc. As NT, assim, compõem um ponto na combinação paratextual possível em uma tradução.

## 6.2 Organização do conteúdo

Após a seleção do conteúdo que formou o *corpus*, tornou-se necessário criar uma estrutura de documentação. Primeiramente todo o material selecionado para o *corpus* foi digitalizado. Esta foi uma etapa bastante morosa e durante a qual se enfrentaram dificuldades, principalmente pela inexperiência do pesquisador e, aliada a este fato, pela falta de literatura sobre o tema. Assim, criou-se o Apêndice B, com sugestões para digitalização de textos a serem utilizados em *corpora* digitais de pesquisa, com a intenção de preencher essa lacuna na literatura.

Com todo material digitalizado, desenvolveu-se um banco de dados<sup>46</sup> em computador para armazenar os dados. A disposição interna do banco de dados, ou seja, do próprio *corpus*, foi feita de forma que cada ocorrência (NT) analisada estivesse registrado com os dados necessários para se proceder à sua descrição e conseqüente análise. Assim, cada ocorrência (NT) foi documentada com o que se chamou *etiquetas*. Cada uma das etiquetas contém dados diferentes e estão agrupadas nas seguintes categorias:

- a) localização;
- b) registro geral;
- c) conteúdo;
- d) forma de apresentação.

A criação dessas categorias intentou organizar as etiquetas de forma lógica e cronológica do ponto de vista do processo de etiquetagem. Desta forma, facilitou-se a organização das etiquetas dentro das categorias que foram utilizadas no processo de análise (Capítulo 4). É importante ressaltar que uma NT pode receber quantidades diferentes de etiquetas. Outro fato é que alguns tradutores criam mais de uma NT para um mesmo verso, enquanto outros podem optar por utilizar apenas uma NT para tratar de vários conteúdos

---

<sup>46</sup> Utilizou-se o programa Base, que é parte do pacote de aplicativos BrOffice, versão 2.0.1 para Microsoft Windows®. Trata-se de um programa gratuito, disponível na internet em: <<http://www.broffice.org>>. O mesmo trabalho realizado também pode ser feito com o Access do Microsoft Office®.

relacionados a um verso. A seguir, descreve-se cada uma das etiquetas, organizadas pelas categorias apresentadas.

## 6.2.1 Etiquetas de localização

A categoria *Localização* é composta por etiquetas que localizam a NT entre as diferentes traduções presentes no *corpus* e dentro da tradução a qual pertence (capítulo e verso), através da documentação dos dados detalhados em seguida.

### 6.2.1.1 Tradução

A etiqueta *Tradução* informa à qual tradução a NT pertence, através do último sobrenome do tradutor da edição brasileira. Mesmo que a tradução presente no *corpus* seja a tradução de outra tradução<sup>47</sup>, o nome do tradutor ao qual se refere é o da tradução para o português do Brasil. Os nomes dos tradutores utilizados são os mesmos da Tabela 1 acima (p. 51), porém serão referidos no decorrer dessa dissertação somente pelo último nome, sem a data da obra – p.e. Lima, Lorenz etc. (Para mais detalhes sobre cada uma das traduções, bem como dos outros tradutores envolvidos em algumas delas, veja o Apêndice A, p. 122)

### 6.2.1.2 Capítulo

A etiqueta *Capítulo* apresenta o número romano do capítulo em que a NT incide, variando do I até o XVIII. O uso dos números romanos para os capítulos visa facilitar a diferenciação destes dos números dos versos, que estão em números arábicos.

---

<sup>47</sup> Das oito traduções do *corpus*, apenas Stella (1970) parece ter tido como texto original base alguma edição em sânscrito, apesar de ter também se baseado em outras traduções. As traduções de Lorenz (1999) e Mesquita (1987) não informam nada sobre esta questão. As outras cinco, de Ferreira (1973), de Rohden (1997), de Lima (1992), de Kleinert (1994), e de Prabhu e Dasi (2002) declaram terem utilizado como textos originais outras traduções (do inglês ou do espanhol). Para mais informações, veja o Apêndice A (p.122).

### 6.2.1.3 *Verso*

A etiqueta *Verso* apresenta o número arábico do verso em que a NT aparece, variando do 1 até o 78 (número encontrado apenas no capítulo XVIII). Nesta etiqueta, foi feita uma adaptação para registrarem-se também os casos de NT que incidem em locais dentro de capítulos definidos, mas que não são os versos. Tais exceções são duas: 1) título do capítulo, que recebeu o número 0 (zero); e 2) colofão<sup>48</sup>, que recebeu o número 88.

### 6.2.1.4 *Múltiplos versos*

A etiqueta *Múltiplos versos* apresenta uma informação “sim” ou “não”, em resposta à pergunta “Esta NT refere-se a mais de um verso?”. Este dado é observado no texto da NT de três maneiras. A primeira maneira é uma referência explícita a outros versos, como no exemplo de Lima (XV:8, código 411):

8. Quando o Senhor do corpo adquire um e depois o deixa, leva-os consigo aonde quer que vá, tal como o vento leva os perfumes das flores(1).  
[...]  
(1) Nos versos 7 e 8 se faz referência à mente e aos sentidos em seu estado potencial, não manifestado, tal como existem em Prakriti. A mente é considerada como um dos sentidos, o sentido interno. O corpo sutil (Linga Sharira) acompanha o Jiva em seu trânsito através da existência cósmica.

A segunda maneira é implicitamente, sendo que a NT se refere ao conteúdo de outros versos, porém sem apresentar o número destes outros versos. Um exemplo é encontrado em Stella (XVII:8-10, código 361, NT está sublinhada):

8. - Os alimentos que aumentam a vida do ser, a força, a saúde, o bem estar, a alegria, que são suculentos, saborosos, gordos, firmes, e deliciosos, são caros aos bons.  
9. - Amargos, ácidos, salgados, muito quentes, picantes, grosseiros, quentes: os alimentos agradam aos apaixonados, produzem sofrimentos, dor, enfermidade.  
10. - Já usado, insípido, pútrido, rançoso, resto, sujo: o alimento agrada aos tórpidos.  
Como o corpo é construído por meio da nutrição ingerida, a qualidade da nutrição é de importância, como se vê.

A terceira e última maneira é pelo fato de a tradução de vários versos estar condensada como se fosse apenas um verso, como num caso de Rohden (II:42, código 898):

- 42-44 - Homens sem sabedoria deliciam-se na análise da simples letra dos Vedas(14), declarando que nada há para além do texto. Os que estão cheios de desejos egoístas consideram o céu como meta final, louvando excessivamente complicados rituais e cerimônias multiformes, com o fim de conseguirem poder e prazer em encarnações futuras. Todos os que visam poder e prazer têm da Verdade

<sup>48</sup> O texto ao final de cada capítulo que indica o seu término, não traduzido em muitas edições da *BG*.

uma visão imperfeita, desorientados como estão no seu critério. Não acertaram com a senda da sabedoria. Perderam o caminho reto do seu destino. Não atingiram a experiência espiritual.

[...]

(14) Vedas – isto é, visão, conhecimento – é a Bíblia do Oriente, da qual faz parte o Mahabharata, que poderíamos considerar como o paralelo ao “Novo Testamento”, cujo coração é o Evangelho, comparável à Bhagavad Gita. O que Krishna expõe a Arjuna sobre a letra e o espírito dos Vedas é um paralelo às palavras do apóstolo Paulo: “A letra mata, o espírito é que dá vida”. Aos chefes da sinagoga, que só conheciam o texto bíblico, mas não o seu espírito, diz Jesus: “Guias cegos guiando outros cegos! Vós roubastes a chave do conhecimento (em grego gnosis, em sânscrito vedas) do reino de Deus; vós mesmos não entraís, nem permitis que entrem os que desejariam entrar”.

## 6.2.2 Etiquetas de registro geral

A categoria *Registro geral* é composta por etiquetas que procuravam individualizar cada NT presente no *corpus* e fornecer subsídios para se prosseguir com a etiquetagem das duas categorias seguintes (conteúdo e forma de apresentação). Trata-se de uma categoria que não entra na análise dos dados. É composta pelas etiquetas a seguir.

### 6.2.2.1 Código

A etiqueta *Código* apresenta como dado um número inteiro único para cada NT, gerado progressivamente a cada vez que uma NT era inserida no *corpus*, variando entre 1 e 1.005.

### 6.2.2.2 Observação

A etiqueta *Observação* apresenta uma descrição qualitativa do conteúdo do texto da NT, visando a criação das etiquetas de conteúdo. Ou seja, todas as NT receberam esta etiqueta, da primeira à última, para, posteriormente, proceder-se à etiquetagem da categoria de conteúdo (6.2.3), numa nova observação da primeira à última etiqueta. Para se exemplificar o conteúdo desta etiqueta, coloca-se um caso simples em Lorenz (II:45, código 23), no qual a observação foi apenas “Remissão a outro capítulo da *BG*”:

45. Os Vedas (isto é, as Sagradas Escrituras) tratam das três gunas ou qualidades da Natureza (1) e instruem os pensadores a se elevarem acima delas. Liberta-te, ó Arjuna, dessas gunas; sê livre dos contrastes das forças opostas da natureza, que pertencem à vida finita e às coisas sujeitas à mudança. Procura para teu descanso a consciência do teu Eu Real, a Verdade eterna. Deixa longe de ti os cuidados



mundanos e a avidez de possessões materiais. Concentra-te em ti mesmo, e não te entregues às ilusões do mundo finito. [...]

(1) Veja-se o Capítulo XIV.

Há casos mais complexos, onde a NT apresenta vários conteúdos e as observações são mais numerosas. Um exemplo está em Ferreira (I:10, código 425):

10. Nossas forças, comandadas por Bhíshma, são insuficientes(9), enquanto que as forças contrárias, sob o comando de Bhíma, são suficientes para a batalha.

(9) Essa passagem tem sido objeto de diversas interpretações. A maioria dos tradutores traduzem o termo *aparyáptam* por "insuficiente", sendo esta, a meu ver, a verdadeira interpretação da palavra, desde que se entenda que tal insuficiência não se refere ao número dos combatentes (o exército dos Kurus excedia em um terço o dos Pándavas), mas ao poder, disposição, idoneidade ou competência dos mesmos. Nesse sentido, segundo M. Chatterji, "as forças dos Kurus são sobrepujadas pelas dos filhos de Pándu, porque o Mal, representado pelos Kurus, é pessoal, enquanto o Bem, simbolizado pelos Pándavas, é universal. O Mal se apóia apenas no poder do malfeitor, enquanto o Bem se fortalece pela fé no caráter absoluto da Lei e da Justiça".

A etiqueta de observação desta NT marca o seguinte:

Comentário sobre divergências entre várias traduções deste verso; apresentação do termo sans. trad. que gera a controvérsia; exp. sobre a escolha da trad.; citação de um exegeta sobre a simbologia.

Ressalta-se que as informações da etiqueta Observação tiveram validade somente para o processo de criação e a primeira aplicação das etiquetas de conteúdo. Depois de todo o *corpus* estar etiquetado quanto ao conteúdo, fizeram-se revisões, com base não mais na etiqueta *Observação*, mas nos próprios textos dos versos e das NT. Estas revisões permitiram reflexões sobre as observações feitas inicialmente e, em alguns casos, as etiquetas de conteúdo nesse relatório final podem divergir do que é apresentado em *Observação*, como pode ser visto no *corpus* (Apêndice F, p. 142).

### 6.2.3 Etiquetas de conteúdo

As etiquetas que compõem a categoria de conteúdo, como já colocado, foram criadas a partir da análise dos padrões ocorridos nas etiquetas *Observação* (6.2.2.2). Todas as etiquetas desta categoria, bem como as da categoria seguinte (Forma de apresentação), apresentam como dado "sim" ou "não" em resposta à presença ou não de um fenômeno observado.

### 6.2.3.1 *Referência ao Cristianismo*

A etiqueta *Referência ao Cristianismo* indica a presença de remissões à e citações da *Bíblia* ou comparações das idéias do verso da *BG* com idéias do Cristianismo. Um exemplo está em Lorenz (IV:4, código 35):

4. Disse Arjuna: "Como devo compreender-te, ó Senhor, quando dizes que ensinaste a Vivasvat? Ele viveu no princípio do Tempo e tu nasceste há poucos decênios" (1). [...]

(1) Compare-se o Evangelho segundo São João, cap. VIII, vers. 57 e 58: "Disseram-lhe os judeus: "Ainda não tens cinqüenta anos, e viste Abraão?" Disse-lhes Jesus: "Em verdade, vos digo que, antes que Abraão fosse feito, eu sou".

### 6.2.3.2 *Referência à Ciência*

A etiqueta *Referência à Ciência* informa a presença de citações ou comparações das idéias de cientistas, pensadores e escritores que viveram nos últimos dois séculos, com as idéias do verso. A seguir, um exemplo de Rohden (III:24, código 904, grifo meu), na qual as partes sublinhadas estão relacionadas com a etiqueta *Referência à Ciência*:

24 - Se, por um só momento, eu deixasse de agir, pereceria o mundo inteiro(20), vítima do caos - e minha seria a culpa da ruína da humanidade. [...]

(20) "Deus é pura atividade" (Aristóteles). "Meu Pai age sempre, e eu também ajo" (Jesus, o Cristo). A Realidade - dizem os grandes filósofos - não é um ser estático (Sein, To-be), mas um devir dinâmico (Werden, To-become). Paralelamente a essa intuição espiritual, descobriu a ciência nuclear dos nossos dias que o mundo físico, que aos nossos sentidos parece ser estático e sólido, é, na realidade, um processo dinâmico e fluido; no seu livro sobre o "Campo Unificado", afirma Einstein que a substância de todas as coisas - desde o hidrogênio até o urânio - é luz cósmica, radiação.

### 6.2.3.3 *Referência à Filosofia grega*

A etiqueta *Referência à Filosofia grega* informa a presença de citações ou comparação de idéias de textos e filósofos gregos. A seguir, um exemplo de Rohden (XV:15, código 991, grifo meu), onde as partes sublinhadas estão relacionadas com a etiqueta *Referência à Filosofia grega*:

15 - Bipolar é tudo quanto existe no mundo: o Uno, que é indiviso, e o múltiplo, que é divisível; o que vive no mundo é divisível, indivisa é a força vital.(108)

(108) Cerca de 400 anos antes da era cristã elaborou o filósofo e matemático grego Demócrito de Abdera a sua célebre "teoria atômica", mencionada respeitosamente por cientistas modernos, como Albert Einstein e Fritz Karhn. Para Demócrito, a Suprema Realidade (Deus) é o a-tomo, palavra grega para "indiviso" ou "indivisível". Compreendeu o exímio pensador que tudo que é divisível é quantidade

dimensional, a qual, por sua própria natureza, representa um derivado, causado, efeito, mas que a qualidade indimensional (Realidade) deve ser necessariamente indivisível (átomo), ou seja, pura energia, o actus purus de Aristóteles, a Causa não-causada, a Infinita Realidade em si mesma, além de tempo, espaço e causalidade passiva. - O nosso “átomo” de hoje não é o de Demócrito, porque não é “atômico”, indivisível. O verdadeiro “Átomo” é o Infinito, o Absoluto, o Universal, o Uno, a Causa-Prima.

#### 6.2.3.4 *Referência a outras tradições orientais*

A etiqueta *Referência a outras tradições orientais* informa a presença de citações de textos ou comparações com idéias do Budismo, da Teosofia – Sociedade Teosófica, fundada por Helena Petrovna Blavatsky – e do Taoísmo – tradição espiritual milenar chinesa. O exemplo a seguir recebeu a etiqueta *Referência a outras tradições orientais*, pela parte que está sublinhada, presente em Stella<sup>49</sup> (IV:4, código 178, grifo meu):

Arjuna disse: 4. - O teu nascimento é posterior, o nascimento de Visvavat é anterior, como posso entender que tu o tenhas assim ensinado no princípio?  
Buda afirma que havia sido instrutor de inumeráveis Bodhisattvas nas éras passadas (51). Saddharmapundarīka, XV, 1. E Jesus disse: "Antes que Abrão fôsse, eu sou".  
 (51). - João, 8: 58.

O agrupamento de três tradições sob a mesma etiqueta deve-se à baixa ocorrência de referências a cada uma dessas tradições individualmente; diferentemente das etiquetas relacionadas ao Cristianismo, à Ciência ou à Filosofia. Como não se percebeu necessidade de separação, manteve-se as três tradições agrupadas.

#### 6.2.3.5 *Referência a outro tradutor da BG*

A etiqueta *Referência a outro tradutor da BG* informa a presença de citações de outras traduções da *BG* ou comparações com as idéias de outros tradutores e exegetas da *BG*. No exemplo a seguir, em Ferreira (II:65, código 495), há uma NT com a citação de um dos exegetas clássicos da *BG* – isto é, os mais antigos e utilizados como base para diferentes linhas (*saṃpradāya*) do Hinduísmo, como Ādi Śaṅkaracārya, Ramanuja, Madhusūdana Sarasvatī, Madhvacharya, Abhinavagupta, entre outros.

---

<sup>49</sup> O texto da NT neste exemplo apresenta, em realidade, dois textos: uma NT após o verso e outra no rodapé. Este texto de rodapé é apenas a referência bibliográfica de uma citação na nota após o verso. Os dois textos foram contados como uma só NT no *corpus*. Para mais informações sobre esse caso, veja 6.1.3, na Metodologia.

65. Alcançada a serenidade, desaparecem os sofrimentos e inquietações, pois a inteligência tranqüila firma-se no conhecimento (47). [...]

(47) Ádi Shankaracharya, comentando essa passagem, diz: "Em cada ato de conhecimento, a potência cognoscitiva assume a forma do objeto conhecido. Quando o verdadeiro Eu é conhecido, ou, em outros termos, quando o universo objetivo é conhecido como não-Eu, a potência cognoscitiva está em absoluto repouso, pois permanece estável e firme na forma do Eu Imutável e Eterno".

### 6.2.3.6 *Referência a outro texto sânscrito*

A etiqueta *Referência a outro texto sânscrito* informa a presença de remissões a citações de outros textos da literatura em sânscrito que não a própria *BG* a qual a NT pertence, ou outra edição da *BG* – que seriam, respectivamente, os casos das etiquetas *Remissão intratextual* e *Referência a outro tradutor da BG*. São casos geralmente ligados a outros textos ligados ao Hinduísmo (*Purāna, Upaniṣad, Itihāsa*). Note-se que essa etiqueta não foi utilizada em casos em que a NT apresenta somente uma explicação, sem citações de trechos, sobre uma obra cujo título é citado no verso traduzido da *BG* – é o caso de *Veda* e *Brahmasūtra*. Estes casos, sem citações, foram etiquetados como *Explicações sobre cultura indiana* (explicada adiante em 6.2.3.11), por não serem uma remissão feita pela NT em si, mas pelo próprio texto da *BG*. Casos em que há uma explicação sobre um texto cujo título já é citado no verso da *BG*, e que também citam este outro texto para, por exemplo, apresentar uma idéia supostamente afim a do verso da *BG*; receberam as duas etiquetas – i.e. *Referência a outro texto sânscrito* e *Explicações sobre cultura indiana*. A seguir, um exemplo de uma NT que recebeu apenas a etiqueta *Referência a outro texto sânscrito*, encontrada em Ferreira (IX:32, código 687):

32. Porque aqueles que buscam refúgio em Mim, ó filho de Prithá, mesmo que sejam frutos do pecado(26), mulheres(27), vaishyas e até shúdras(28) chegam ao Fim Supremo. [...]

28 Nas Leis de Manu (XII, 43), as pessoas que pertencem à última casta são igualadas aos animais selvagens.

### 6.2.3.7 *Definição de termo técnico*

A etiqueta *Definição de termo técnico* informa a presença de definições de termos ou pequenos trechos do verso relacionados à terminologia técnica da filosofia e teologia hindu ou do yoga, como se exemplifica a seguir, num caso de Lorenz (II:72, código 25).

72. Este é, ó príncipe de Pându, o estado da união com o Ser Real, o estado bem-aventurado da Consciência Espiritual. Quem o atingiu, não se deixa embarçar nem

desviar pela ilusão. E quem, havendo-o atingido, nele permanece na hora da morte, entra diretamente em Nirvana (2), em Brama, (3), no seio do Pai-Eterno."

(2) A palavra Nirvana designa a desapareição de todas as ilusões; é o domínio completo do espírito sobre a matéria.

### 6.2.3.8 *Informação do termo sânscrito*

A etiqueta *Informação do termo sânscrito* marca a apresentação de termos em sânscrito relacionados a outros termos técnicos ou nomes próprios traduzidos no verso. Ressalta-se que não foram etiquetados os casos em que se apresenta um termo em sânscrito relacionado a outro no verso, quando este termo em sânscrito já é informado no verso (veja o exemplo de 6.2.3.9, sobre a etiqueta seguinte). Para verificar se o termo em sânscrito informado na NT fazia parte do verso em sânscrito, utilizou-se como referência a edição em sânscrito de Bhaktivedanta (2006). Um exemplo do uso desta etiqueta está presente em Ferreira (XVIII:29, código 835):

29. Há também três tipos de juízo(13) e de firmeza(14), correspondentes às três qualidades, conforme vou expor-te em ordem e sem reserva, ó Dhananjaya. [...]  
(14) Dhriti.

### 6.2.3.9 *Apresentação de sinônimos, antônimos e traduções alternativas*

A etiqueta *Apresentação de sinônimos, antônimos e traduções alternativas* informa a presença da apresentação de sinônimos, antônimos e traduções alternativas relacionadas a termos técnicos da filosofia e teologia hindu ou trechos não técnicos, porém não relacionados a nomes próprios da mitologia hindu. A seguir, um exemplo presente em Lorenz (XVIII:29, código 62) de uma tradução alternativa a um termo técnico do yoga:

29. Triplicemente concorde com as qualidades (gunas) é também a divisão do Intelecto [Buddhi (1)] e da Constância [Dhriti (2)], segundo passo a descrever-te claramente e sem reservas. [...]  
(1) Buddhi: também traduzido por Discernimento.

A seguir, outro exemplo, porém com uma tradução alternativa de um trecho não técnico, presente em Stella (I:44, código 105, NT está sublinhada):

44. - A morada dos homens cujas leis da família são destruídas, ó Janârdana, está fixada no inferno, assim temos ouvido.

Também se traduz: "assim nos tem sido revelado" ou "assim nos tem sido transmitido".

Agora um exemplo de apresentação de sinônimo a um termo traduzido no verso, presente em Lorenz (VI:41, código 39):

41. A alma, cuja devoção e fé, acompanhadas de boas obras, carecem da aquisição da perfeita disciplina, depois da morte do corpo, vai habitar o céu dos justos que ainda não atingiram a Perfeição (1). Ali fica gozando felicidade por inúmeros anos, mas, depois, reencarna-se em casa de um homem bom e nobre, nas condições adaptadas ao seu desenvolvimento e adiantamento.

(1) Os teósofos hindus chamam a esse céu: devakhan (morada dos deuses).

### 6.2.3.10 *Explicação sobre mitologia hindu*

A etiqueta *Explicação sobre mitologia hindu* informa a presença de explicações sobre dois casos diferentes. O primeiro deles é sobre personagens, famílias, deuses, demônios e outros seres da mitologia hindu cujos nomes são citados no verso. São explicações baseadas em material literal do enredo da *BG* ou de outras obras da literatura hindu, como outros capítulos do *Mahābhārata* e do *Rāmāyaṇa*. Um segundo caso que esta etiqueta informa são explicações que também se relacionam a nomes próprios, mas agora de animais (i.e. macaco, cavalo etc.), cores, locais (i.e. espaço entre os dois exércitos) e situações (i.e. há amigos dos dois lados da batalha). Trata-se da informação de supostas simbologias que estão presentes na *BG* através de figuras de linguagem (pensamento), como alegorias, metáforas e metonímias; ou seja, um significado além do literal. Há uma NT de Stella (I:14, código 82) que exemplifica estes dois casos.

14.- Em seguida eretos no grande carro, atrelado de cavalos brancos, Mâdhava e o filho de Pându assopraram nas conchas divinas.

Arjuna, filho de Pându e de Prthâ (ou Kuntí), foi também chamado filho de Indra. Casou-se com Subhadrá, irmã de Krsna. No curso da batalha matou Bhîsma, Jayadratha, Karna e muitos outros. Tendo conseguido sair ileso da batalha, depois de muitas aventuras belicosas, retirou-se para o Himâlaya. Êle realizou em Drârakâ as cerimônias fúnebres de Krsna seu amigo.

Antigos comentadores derivam o nome de Krsna de hrsîka e îça "Senhor dos sentidos". Estudiosos modernos, porém, preferem derivar de krs e heça com o sentido de "possuidor de fôrça" "cabelos eriçados".

Filho de Pându é Arjuna.

Mâdhava é um epíteto de Krsna, significando seu grande poder sôbre a natureza. Em tôda a literatura hindu e budista o carro simboliza o organismo psicológico. Os corcéis são os sentidos, as rédeas o seu poder, porém o cocheiro, o guia, é o espírito, o eu verdadeiro, Atman. Krsna, o cocheiro, é o espírito nos indivíduos.

### 6.2.3.11 *Explicações sobre cultura indiana*

A etiqueta *Explicações sobre cultura indiana* informa a presença de explicações sobre obras cujos nomes são citados, como *Veda*, *Upaniṣad*, *Purāṇa* etc., como em Stella (II:42, código 135, NT está sublinhada):

42. - Esta palavra florida dita pelos ignorantes, que se comprazem nas palavras do Veda, ó filho de Pârtha, que dizem: "não há outro assim".

Veda, livro sagrado dos hindus, que constitui a revelação sôbre a qual se baseia o ritual brahmanico.

Outro caso em que a etiqueta *Explicações sobre cultura indiana* informa são explicações sobre questões históricas e sociais da Índia, como exemplificado pela NT de Lima (IX:32, código 399):

Porque, encontrando refúgio em Mim, ainda aqueles que nasceram em um ambiente de pecado, as mulheres, os Vaixás e os Sudras também, todos eles alcançam a meta suprema(2).[...]

(2) Vaixás (comerciantes e agricultores) e Sudras (trabalhadores manuais) eram as duas castas inferiores da sociedade hindu. Na Índia antiga, só podiam conhecer e recitar os Vedas os Brâmanes, que eram a casta superior.

### 6.2.3.12 *Explicações sobre antonomásticos*

A etiqueta *Explicações sobre antonomásticos* informa a presença de explicações sobre antonomásticos individuais (i.e. um personagem) ou de grupo (i.e. conjunto de personagens, classe de seres etc.). Apesar de os tradutores se referirem aos antonomásticos como *epítetos*, *outros nomes*, *sobrenomes*, *patronímicos*, *nomes de família* ou *apelidos*, acredita-se que não sejam os casos presentes na *BG*. Por “antonomástico” aqui, entende-se o caso de antonomásia que é, segundo Ferreira (1995) a “substituição de um nome próprio por um comum ou uma perífrase”. Trata-se de um conteúdo relacionado à etiqueta *Explicação sobre mitologia hindu*, que também trata de nomes próprios. Entretanto a etiqueta *Explicações sobre antonomásticos* refere-se a esclarecimentos *sobre os antonomásticos*, principalmente de Arjuna e Kṛṣṇa, e não explicações *sobre os personagens* – o que é marcado pela etiqueta *Explicação sobre mitologia hindu*. A seguir, uma amostra de Ferreira (XI:35, código 756) que explica um antonomástico (herói do diadema) de Arjuna:

Sanjaya disse: 35. Ouvindo tais palavras de Keshava, o herói do diadema(15), atemorizado e trêmulo, juntou as mãos e prosternando-se diante de Krishna, dirigiu-se a ele com voz entrecortada.[...]

(15) Arjuna usava um diadema brilhante, presente do deus Indra.

Há casos em que o antonomástico foi mantido em sânscrito no verso e a NT o traduz ou apenas o referencia ao personagem a que se refere, como é o caso em Stella (I:21, código 88, NT está sublinhada):

21. - Disse então esta palavra a Hrsikeça, ó Senhor da terra: coloca, ó Açyuta, o meu carro no meio dos dois exércitos.

Açyuta (infalível): os outros nomes aplicados a Krsna, além de Açyuta, são: Madhusûdana (vencedor do demônio Madhu), Arisûdana (conquistador dos inimigos), Govinda (pastor ou aquele que dá a iluminação), Vâsudeva (filho de Vasudeva), Yâdava (descendente de Yadu), Keçava (da bela cabeleira), Mâdhava (espôso de Loksamî), Hrsîkeça (mestre dos sentidos, hrsîkatêça), Janârdana (libertador dos homens).

Um exemplo de NT sobre antonomásticos de grupo está em Mesquita (X:6, código 1004) que, em duas NT ao final do capítulo, informa os nomes das pessoas as quais dois antonomásticos de grupos (Os sete Grandes Videntes e os Antigos Quatro) referem-se:

X.6 - “Os sete Grandes Videntes (6), os Progenitores da humanidade, os Antigos Quatro (7), e os Legisladores, nasceram da Minha Vontade e tiveram origem diretamente em Mim. Deles emana toda a raça humana. [...]

(6) Mareechi, Atri, Pulah, Kratu e Vashishta.

(7) Sanak, Sanandan, Sanatan, Sanktmur.

### 6.2.3.13 *Explicação sobre a tradução*

A etiqueta *Explicação sobre tradução* informa a presença de explicações sobre questões relacionadas à edição crítica, ocorrência de termos, problemas ou estratégias de tradução etc.

A seguir, um exemplo de Ferreira (XIII:1, código 771, grifo meu):

Krishna disse: 1. Este corpo, filho de Kuntí, é chamado meio(2) e aquele que o conhece é chamado pelos sábios de conhecedor do meio(3).[...]

(2) Kshetra significa "perecível" e também "residência, morada, terreno, campo, matéria, corpo", etc. Todas essas acepções se aplicam a esse caso. "Residência", porque a matéria é morada do Espírito; "campo", por ser o terreno em que se semeiam as sementes boas ou más e onde se colhem os frutos de nossas ações; "corpo", porque é o veículo do Eu individual. É preciso notar, no entanto, que não se trata simplesmente do corpo físico, ou da matéria grosseira, mas do agregado de todos os componentes que integram a parte material do ser humano, incluindo os sentidos, a mente, etc. O termo "meio", a meu ver, é o que mais se aproxima do termo em questão, denotando a substância, centro ou espaço material em que reside o Espírito.

A seguir, um exemplo de Stella (I:28, código 92), apresentando comentário sobre a edição crítica:

28. - Possuído de extrema compaixão, consternado, falou isto.

Arjuna disse: Vendo, ó Krsna, o meu próprio povo reunido desejoso de combater,  
O texto crítico omite a expressão: "Arjuna disse".



#### 6.2.3.14 *Remissão intratextual*

A etiqueta *Remissão intratextual* informa a presença de citação ou remissão a outras partes da *BG*, como outras *NT*, glossário, introdução etc. Trata-se de um tipo de conteúdo bastante comum em *NT* da *Bíblia*. Um exemplo de Stella (II:17, código 118):

17. - Mas conhece aquele que é indestrutível, por quem tudo isto é penetrado; ninguém é capaz de causar a destruição dêste imperecível.

Tatam: penetrado. Ver também VIII, 22, 46; IX, 4; XI, 38 e o Mahâbhârata XII, 240, 20. Çamkara emprega o termo "vyâptam".

#### 6.2.3.15 *Comentário*

A etiqueta *Comentário* informa a presença de interpretações e comentários feitos pelo tradutor sobre as idéias apresentadas no verso. Estes comentários tratam de idéias apresentadas de forma direta, como a filosofia apresentada por Kṛṣṇa, ou indiretamente, como as informações simbólicas apresentadas pelo enredo. Neste caso indireto, ressalta-se, a etiqueta *Comentário* marca o desenvolvimento da idéia supostamente simbólica, e não apenas a apresentação da suposta simbologia, cujo caso é marcado pela etiqueta *Explicação sobre mitologia hindu*. A seguir, um caso de Lima (VIII:25, código 397, grifo meu) que apresenta uma *NT* etiquetada como *Comentário* (pela parte sublinhada) e *Explicação sobre mitologia hindu* (pela parte não sublinhada):

25. Fumaça, Noite, a Quinzena escura (a lua minguante), os seis meses do Solstício sul, através destes os Iogues alcançam o plano da Lua e dali retomam.

(4) [...] Diz-se que Fogo, Luz, Dia, Fumaça, Escuridão, Noite, etc., podem significar as deidades que presidem ao tempo. "O plano da Lua", para onde vão os que seguem o sendeiro escuro, corresponde a nosso conceito de céu ou paraíso. Os que fazem sacrifícios aos deuses e outras obras de caridade com fins interessados vão para o céu por algum tempo e devem voltar a nascer. Os que seguem o sendeiro luminoso do caminho de Brahman unem-se a Ele e não voltam a nascer.

Outro exemplo de uma *NT*, agora etiquetada somente como *Comentário* está em Ferreira (II:11, código 452):

Krishna disse: 1. Estás te lamentando por quem não deves lamentar-te, ainda que tuas palavras sejam sábias(3). O homem verdadeiramente sábio não tem lágrimas; nem para os mortos nem para os vivos(4). [...]

(4) A vida e a morte não são mais do que fases ou aspectos diferentes da vida única. Na realidade, a morte não existe. O Espírito, o verdadeiro Eu, como partícula segregada da Divindade, de natureza idêntica à Dela, é Inalterável e Eterna, sendo a Imortalidade um de seus atributos.

Mais uma *NT* *Comentário* aparece em Rohden (II:12, código 894):

12 - Nunca houve tempo em que eu não existisse, nem tu, nem algum desses príncipes - nem jamais haverá tempo em que algum de nós deixe de existir em seu Ser real.(10) [...]

(10) Com estas e as seguintes palavras, procura Krishna mostrar a Arjuna que a destruição física do nosso corpo material não equivale à destruição metafísica do corpo imaterial, isto é, da individualidade. E como o mal não está no fato objetivo da morte física, mas sim na realidade metafísica da nossa alma.

## **6.2.4 Etiquetas de formas de apresentação**

O conjunto das etiquetas de forma de apresentação diz respeito a questões visuais da localização das NT. A seguir, descreve-se e exemplifica-se cada uma das etiquetas dessa categoria.

### **6.2.4.1 Nota de rodapé**

A nota de rodapé está disposta de maneira distinta do corpo principal do texto da tradução, com ligação com o texto do verso através de algum recurso gráfico (i.e. asterisco, número etc.) e separação do texto da tradução da página por outro recurso gráfico (i.e. barras ou linha divisória etc.), tipografia diferenciada (i.e. tamanho menor etc.) ou espaço em branco. A seguir, a Ilustração 1 mostra uma nota de rodapé de Kleinert (1994, p. 80).

É dedicada ao bem estar  
 Dos seus semelhantes:  
 Assim são os videntes  
 Que entram em Brahman  
 E conhecem o Nirvana.

Auto-controlados,  
 Liberados dos desejos,  
 Refreindo o coração  
 E conhecendo o Atman,  
 O homem encontra o Nirvana  
 Que está em Brahman,  
 Aqui e no outro mundo.

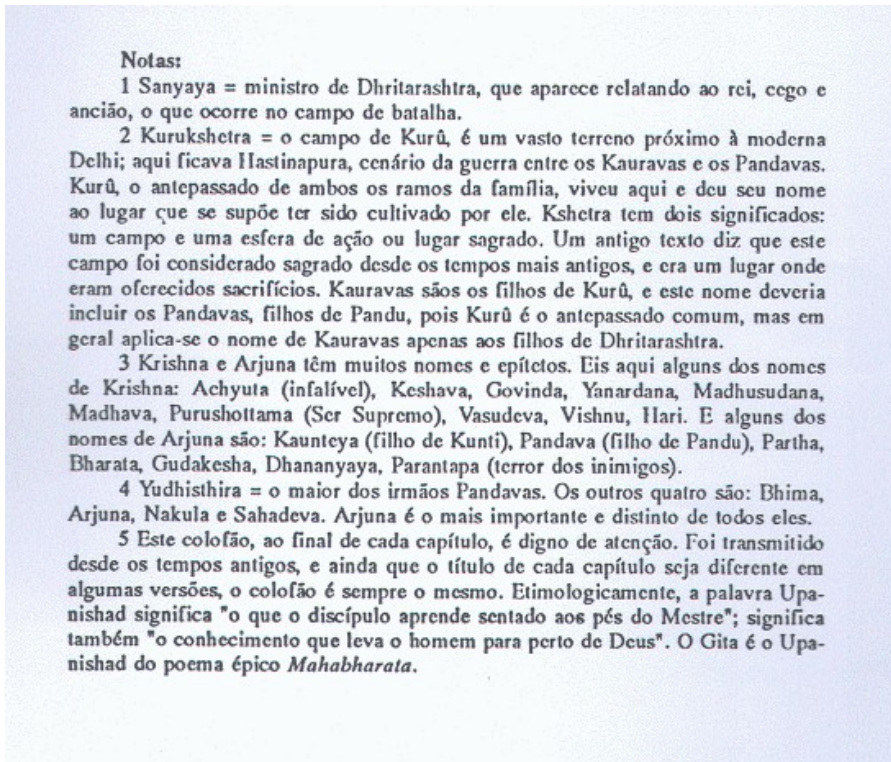
Desligando o sentido  
 Do que é exterior,  
 Fixando o olhar  
 Na raiz das sombrancelhas,<sup>1</sup>  
 Refreindo a corrente respiratória  
 Que entra e sai  
 Dentro das narinas,  
 Reprimindo os sentidos,  
 Reprimindo o intelecto,  
 Lançando fora o medo,  
 Lançando fora a raiva,

*1 - Quando os olhos estão semi-cerrados em meditação, as pupilas permanecem fixas e seu olhar converge, como se fosse, entre as sombrancelhas. - Swami Swarūpananda*

*Ilustração 1: Foto com exemplo de NT de rodapé*

#### 6.2.4.2 Nota de final de capítulo

As notas de final de capítulo estão dispostas ao final de cada capítulo em que incidem, agrupadas com todas as NT relacionadas àquele capítulo e estão referenciadas ao ponto do verso em que aparecem por meio de algum recurso gráfico (i.e. asterisco, número etc.). A seguir, a Ilustração 2 demonstra uma página com notas de final de capítulo de Lima (1992, p. 28).

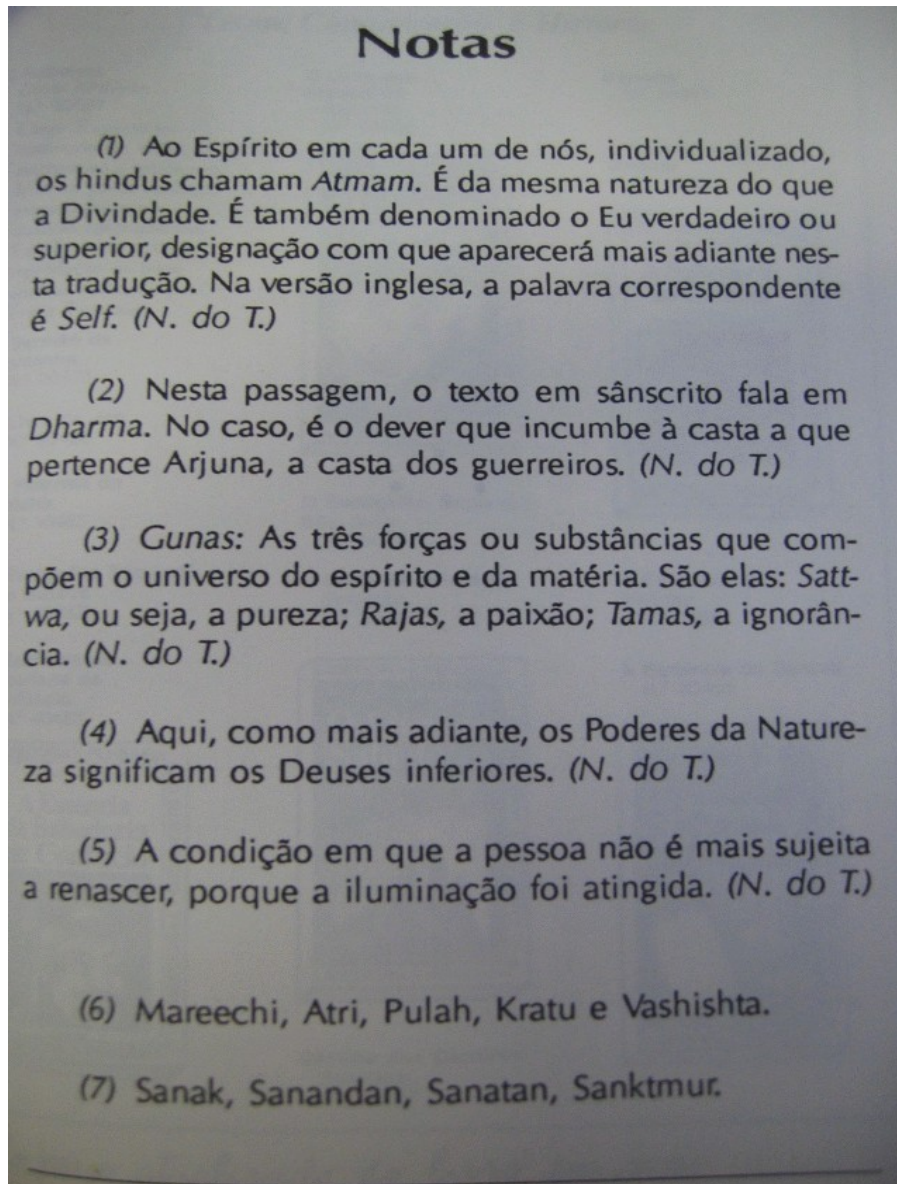


*Ilustração 2: Foto com exemplo de NT de final de capítulo*

#### 6.2.4.3 Nota de final de livro

As notas de final de livro estão dispostas ao final do livro (i.e. depois de todo o texto da tradução da *BG*), agrupadas mesmo quando relacionadas a diferentes capítulos ou versos, ligadas a um trecho ou verso específico por meio de recurso gráfico (i.e. asterisco, número etc.). A seguir, a Ilustração 3 mostra um página<sup>50</sup> de Mesquita (1987), com notas de final de livro:

<sup>50</sup> Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



*Ilustração 3: Foto com exemplo de NT de final de livro*

#### 6.2.4.4 Nota após o verso

As notas após o verso estão dispostas logo após o texto da tradução de um verso, de forma visualmente distinta deste, seja por uma linha em branco, uma tipografia diferenciada, mesmo que não tenham um recurso gráfico de ligação entre um local específico do verso traduzido (i.e. asterisco, número etc.). No *corpus* dessa dissertação, apenas Stella é quem apresenta esta forma, que é exibida na Ilustração 4:

senta a tendência à decrepitude e à morte. Eles são responsáveis para manter a origem e a dissolução do mundo.

6. — Dentre elas a bondade, sendo pura, causa a iluminação e a saúde, ela prende pela adesão à felicidade e pela adesão ao conhecimento, ó impecável.

O conhecimento aqui significa o conhecimento inferior, intelectual.

7. — Sabe que a paixão é a sede do desejo, tem a sua fonte na cobiça e no apêgo, ela prende o incorporado, ó filho de kuntî, pelo apêgo à ação.

8. — Sabe que o torpor nasce da ignorância e extravai todos os seres corporais, êle prende pela negligência, pela indolência, pelo sono, ó filho de Bharata.

9. — A bondade triunfa na felicidade, a paixão na ação, ó filho de Bharata, porém as trevas obscurecem o conhecimento, triunfam na negligência.

10. — A bondade predomina, subjugando a paixão e o torpor, ó filho de Bharata, a paixão predomina, subjugando a bondade e o torpor, o torpor predomina subjugando a bondade e a paixão.

11. — Quando a luz do conhecimento irradia por tôdas as partes dêste corpo, sabe, então, que a bondade é predominante.

*sarvadvâresu dehesmin* — tôdas as portas do corpo.

12. — Cobiça, atividade, iniciativa, ação, avidez, aparecem quando a paixão domina, ó touro dos Bharatas.

13. — Ausência de luz e de atividade, negligência e também desvario, aparecem se as trevas estão em atividade, ó jóia dos Kurus.

14. — Se a bondade está em atividade quando o elemento corpóreo se dissolve, êle então atinge os mundos imaculados do mais alto saber.

15. — Se êle morre na paixão renasce nos liames do ato, da mesma forma se morre nas trevas renasce em matriz devairada.

16. — O fruto da boa ação é chamado puro e verdadeiro, o fruto da paixão é a desgraça, o fruto da obscuridade é a ignorância.

17. — Da bondade nasce o conhecimento e da paixão a ambição; das trevas nascem a negligência e o erro e também a ignorância.

Tais são os efeitos psicológicos dos três modos.

18. — Aquêles que residem na bondade passam para o alto, os da paixão se conservam no meio, os que se acham nos elementos inferiores vão para baixo.

19. — Quando o observador não vê outro agente fora dos elementos e conhece além dos elementos, êle passa à minha natureza.

### 6.3 Organização do corpus

A organização do corpus pode ser visualizada na forma de uma tabela, onde as colunas representam as divisões de dados entre as etiquetas e as linhas representam as divisões de dados entre as diferentes NT do *corpus*. A Tabela 2, apenas com as etiquetas de localização e registro geral, exemplifica essa organização do corpus:

<i>Código</i>	<i>Tradutor</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Verso</i>	<i>Texto Verso</i>	<i>Texto NT</i>	<i>Observação</i>
25	Lorenz	II	72	72. Este é, ó príncipe de Pându, o [...] em Nirvana (2), [...]	(2) A palavra Nirvana designa a desapareição de todas as ilusões [...] sobre a matéria.	Def. termo sans (nirvana) não trad.

*Tabela 2: Exemplo da organização do corpus para dados de etiquetas com texto*

Na Tabela 2, a NT é a código 25, da tradução Lorenz (1999), capítulo II, verso 72, cujo texto da tradução do verso é “72. Este é, ó príncipe de Pându, o [...] em Nirvana (2), [...]” (texto abreviado), cujo texto da NT é “(2) A palavra Nirvana designa a desapareição de todas as ilusões [...] sobre a matéria.” (texto abreviado), e se observou que a NT define um termo técnico.

As etiquetas das categorias *Conteúdo* e *Forma de apresentação* que não foram exemplificadas na Tabela 2 são igualmente organizadas por campos (colunas), porém marcadas através de um sistema “sim / não”. Estas etiquetas foram criadas e preenchidas posteriormente aos outros campos ilustrados na Tabela 2. É importante ressaltar que uma mesma NT pode receber quantas etiquetas de conteúdo e forma forem necessárias, e não há nenhuma NT sem tais categorias de etiquetas.

Voltando-se novamente à visualização da disposição interna do *corpus* na forma de uma tabela, vemos que cada uma das etiquetas é uma coluna e que são marcadas se a ocorrência do fenômeno representado pela etiqueta estiver presente no texto da NT. Caso contrário, o campo fica em branco, o que representa “não”. A Tabela 3, utilizando-se a mesma NT 25 do exemplo anterior, com apenas duas das etiquetas de *Forma de apresentação* e uma de *Conteúdo*, exemplifica esta disposição.

<i>Código</i>	<i>Nota de rodapé</i>	<i>Nota de fim de capítulo</i>	<i>Definição de termo técnico</i>
25	sim		sim

*Tabela 3: Exemplo da organização do corpus para dados de etiquetas tipo sim/não*

No exemplo da tabela acima, a NT 25 é uma de rodapé e define um termo técnico. O fato do campo da etiqueta *Nota de fim de capítulo* estar em branco representa “não”, isto é, a NT 25 não é uma nota de fim de capítulo.



## 7 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo dedica-se à análise dos dados coletados no *corpus* através da compilação das etiquetas de conteúdo, localização e forma, que foram desenvolvidas na primeira etapa de análise do *corpus*, apresentada no capítulo anterior. Primeiramente são apresentadas análises do conteúdo das NT de cada tradução em separado, para depois se apresentarem análises do *corpus* em geral. Nestas análises gerais, são incluídos dados fornecidos pelas etiquetas de localização dos capítulos da *BG* em que os conteúdos incidem. Em seguida, são apresentadas as análises sobre os tipos de forma de apresentação de NT, com ênfase na de notas após o verso. Por último, serão analisadas as NT que ocorrem sobre os versos mais anotados do *corpus*, tanto pela quantidade de etiquetas de conteúdo, quanto pela quantidade de tradutores diferentes.

### 7.1 *Análises do conteúdo das NT de cada tradução em separado*

Nestas análises de cada tradução em separado, a ordem de das edições analisadas não seguiu nenhum critério, porém os dados são analisados seguindo um padrão definido de apresentação. O primeiro ponto é a comparação da proporção de distribuição do conteúdo em cada tradução com a proporção encontrada no *corpus* como um todo, demonstrada nas tabelas com uma coluna intitulada *Corpus*. Em seguida, são analisadas as distribuições independentemente desta média do *corpus*. Por último, as informações das distribuições da tradução são complementadas com informações de outros peritextos textuais e epitextos relacionados à tradução analisada, independentemente da época em que surgiram (veja 4.1.1, 4.1.2 e 4.2.3, p. 37-38, para a nomenclatura de paratextos). Alguns peritextos textuais como, por exemplo, capa (i.e. 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> capas e orelhas), título, folha de rosto, dados editoriais e sumário, não serão comentados. Tampouco serão discutidos outros peritextos fatuais e não-textuais, como ilustrações e material. A intenção com este recorte de peritextos que serão comentados é manter o foco nas NT. Uma análise profunda sobre todos os peritextos presentes nas traduções do *corpus* foge ao escopo dessa dissertação. Quanto aos epitextos comentados, estes serão, principalmente, contextos biográficos dos tradutores e, também, contextos de produção da tradução analisada, como questões históricas, culturais etc. Não foram encontrados epitextos de todas as traduções em um mesmo nível de profundidade e,

como com os peritextos, comenta-se sobre os que trazem alguma informação para o foco de análise deste capítulo, que são as NT. Mais detalhes sobre peritextos e epitextos de cada edição brasileira da *BG* estão no Apêndice A (p. 122).

### 7.1.1 Análise do conteúdo das NT em Lorenz (1999)

As 84 etiquetas de *Conteúdo* em Lorenz representam apenas 5,3% de todas de conteúdo presentes no *corpus* (1.593). Para se observar a distribuição particular do conteúdo das NT desta edição, gerou-se a Tabela 4, a seguir, com a contagem e a percentagem das etiquetas de conteúdo desta tradução, classificadas em ordem crescente quanto à quantidade de ocorrências nesta tradução<sup>51</sup> e, para se tecerem comparações, a percentagem destas mesmas etiquetas no *corpus* como um todo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Corpus</i>
Referência a outras tradições orientais	0	0%	0,5%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	0	0%	6,7%
Referência à Ciência	0	0%	0,6%
Referência à Filosofia grega	0	0%	0,5%
Referência a outro texto sânscrito	0	0%	1,9%
Explicação sobre tradução	0	0%	2,7%
Explicação sobre antonomástico	1	1,2%	3%
Explicação sobre cultura indiana	2	2,4%	1,8%
Remissão intratextual	2	2,4%	1,8%
Referência ao Cristianismo	6	7,1%	4,6%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	7	8,3%	7,7%
Informação do termo sânscrito	10	11,9%	17,8%
Comentário	17	20,2%	18,6%
Definição de termo técnico	17	20,2%	17,7%
Explicação sobre mitologia hindu	22	26,2%	14,1%
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

**Tabela 4: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Lorenz (1999)**

Observando-se a Tabela 4, percebe-se que Lorenz apresenta 9 dos 15 tipos de conteúdo pesquisados. Destes nove, grande parte (78,6%) são apenas de quatro tipos (*Informação do termo sânscrito, Comentário, Definição de termo técnico e Explicação sobre mitologia hindu*).

<sup>51</sup> As tabelas seguintes, referentes as análises do conteúdo das NT de cada tradução em separado, apresentam as etiquetas classificadas segundo a quantidade de ocorrências em cada uma destas traduções; ou seja, a ordem das etiquetas está diferente em cada tabela.

Também se nota que há poucas remissões a outras culturas fora a hindu. A exceção, quanto às referências interculturais, são algumas (7,1%) de *Referência ao Cristianismo*, que, aliás, estão numa proporção acima da média do *corpus* (4,6%).

Apesar de Lorenz declarar (1999, intro.) ter se baseado em outras traduções<sup>52</sup> além do texto em sânscrito, não se remete a nenhum outro tradutor da *BG*, o que é uma das suas maiores diferenças de proporção com relação à média do *corpus* (6,7%).

A preocupação técnica quanto ao conteúdo da *BG* está expressa na quantidade de *Definição de termos técnicos*, o segundo conteúdo mais ocorrido (20,2%) e um pouco acima da média do *corpus* (17,7%). Os outros conteúdos com grande ocorrência, *Informação do termo sânscrito*, *Comentário* e *Explicação sobre mitologia hindu*, também acima da média do *corpus*, podem ser um simples reflexo da configuração de peritextos da edição da tradução de Lorenz, que não possui glossário ou outros peritextos, como introduções e apêndices que possam esclarecer estas questões de outra forma (veja Apêndice A, p. 122, para detalhes dos peritextos em Lorenz).

Nas NT etiquetadas como *Explicação sobre mitologia hindu*, Lorenz refere-se, na maioria das vezes, a explicações de possíveis alegorias e não a explicações literais (cf. NT de Lorenz no Apêndice F, p. 142). Esta leitura alegórica da *BG* já é declarada em sua introdução (1999, intro.):

Como já dissemos [no início da introdução], além do sentido histórico; material ou literal, tem o Bhagavad-Gîtâ (como toda Escritura Sagrada: a Bíblia, os Vedas, o Corão, etc.), ainda vários graus do sentido espiritual ou esotérico; e para que os nossos leitores possam, com facilidade, descobri-lo, lhes diremos que a luta aqui descrita é a que se trava no interior de cada homem, entre o "Bem" e o "Mal". Arjuna, o Homem, acha-se colocado no campo de suas ações, entre dois exércitos inimigos, dos quais os Pândavas representam as forças superiores, e os Kurus, as forças inferiores da alma.

E também quando Lorenz (1999, intro.) declara sua intenção quanto ao uso das NT:

Não podemos desvendar totalmente o sentido esotérico deste precioso livro, porque - conforme as leis da natureza superior - cada um há de descobri-lo por si mesmo; acrescentamos, entretanto, notas e observações que serão úteis para aqueles que aspiram à Iniciação.

Para finalizar a análise do conteúdo das NT de Lorenz, faz-se uma breve contextualização biográfica do autor, como elementos epitextuais da obra.

Francisco Valdomiro Lorenz nasceu na antiga Tchecoslováquia em 1872 e faleceu em 1957, Porto Alegre, RS. Envolveu-se com tradições esotéricas, como a Ordem Rosacruz<sup>53</sup> e a

<sup>52</sup> Ramacháraca (inglês), Schlegel (latim) e Franz Hartmann (alemão).

<sup>53</sup> “[...] organização internacional de caráter místico-filosófico, que tem por missão despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, [...continua p.75

Astrologia. Tinha conhecimento de dezenas de idiomas. Editou seu primeiro livro em 1890, escrito em esperanto (SEPHARIEL, 2006). No Brasil, escreveu vários livros, muitos ainda em circulação, em áreas como esoterismo, literatura (romance), idiomas (esperanto), parapsicologia entre outras. Alguns dos títulos são: *Elementos de Quiromancia*; *O Esperanto como Revelação*; *Receituário dos Melhores Remédios Caseiros*; *A voz do antigo Egito*; *Cabala*. A tradução da *BG* de Lorenz, pelo que se pesquisou, foi a primeira realizada para o português do Brasil, anterior a 1936.

Estas informações epitextuais parecem convergir com o perfil de uso das NT de Lorenz, principalmente pelos conteúdos mais ocorridos. *Definição de termos técnicos* e *Informação do termo sânscrito* pelo interesse em idiomas, e *Comentário* e *Explicação sobre mitologia hindu* (alegorias), pelo interesse nos conhecimentos esotéricos (espirituais). Também parece confirmar a ausência de referências a outros textos da tradição hindu, marcadas por *Referência a outro texto sânscrito* e *Referência a outro tradutor da BG*; Lorenz parece ter tido mais conhecimento sobre outras tradições espirituais, como a do antigo Egito e a da Ordem Rosa Cruz.

### 7.1.2 Análise do conteúdo das NT em Prabhu e Dasi (2002)

As etiquetas em Prabhu e Dasi representam a menor parcela do *corpus*, com apenas 0,4% do total de etiquetas de conteúdo. Todos os conteúdos dessa tradução podem ser visualizados a seguir, na Tabela 5, que apresenta a contagem e a percentagem das suas etiquetas de conteúdo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>corpus</i>
Referência a outras tradições orientais	0	0%	0,5%
Referência à Ciência	0	0%	0,6%
Referência à Filosofia grega	0	0%	0,5%
Explicação sobre cultura indiana	0	0%	1,8%
Explicação sobre tradução	0	0%	2,7%
Informação do termo sânscrito	0	0%	17,8%
Explicação sobre antonomástico	0	0%	3,0%
Referência ao Cristianismo	0	0%	4,6%
Referência a outro texto sânscrito	0	0%	1,9%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	0	0%	6,7%
Comentário	0	0%	18,6%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	1	16,7%	7,7%

---

... continuação da p.74 respeitando a liberdade individual[...]" (ORDEM, 2006).

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>corpus</i>
Remissão intratextual	1	16,7%	1,8%
Explicação sobre mitologia hindu	1	16,7%	14,1%
Definição de termo técnico	3	50%	17,7%
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 5: Contagem e porcentagem do conteúdo das NT em Prabhu e Dasi (2002)*

Como pode ser detectado na Tabela 5, há apenas seis etiquetas nesta tradução. Esta baixa quantidade não possibilita muitas análises além da relacionada à escolha dos poucos conteúdos encontrados. Ou seja, apesar de haver poucas etiquetas, percebe-se que 50% delas estão relacionadas à *Definição de termos técnicos*, que também está bastante presente no resto do *corpus* (17,7%). No entanto *Informação do termo sânscrito* e *Comentário*, as outras etiquetas bastante presentes no *corpus*, não tiveram nenhuma ocorrência nesta tradução.

Situando-se a presença dos conteúdos em Prabhu e Dasi juntamente com outros peritextos da obra, nota-se os seguintes elementos pré-textuais (41 p.): folha com nome de todos os tradutores anteriores (sânscrito > bengali > inglês > português); nota dos editores; reverências a várias gerações de mestres da linhagem espiritual a qual o tradutor se subscreve; reprodução dos versos XI:15-22,38 (revelação mística da forma divina de Kṛṣṇa); explicações sobre um mantra famoso (Gāyatrī); dedicatória; reprodução de um trecho em *devanāgarī* da *BG*; invocação; prefácio (nota do editor da edição bengali em 1961); e introdução. Como elementos pós-textuais, encontram-se: seleção de versos tidos como importantes para a recitação regular; glossário; e índice alfabético dos versos em sânscrito. Junto ao texto da *BG*, há o verso em *devanāgarī*, transliterado, traduzido “palavra por palavra”, tradução do verso, as NT e alguns comentários (cf. PRABHU e DASÍ, 2002, p. 33, 175, 269, entre outras).

É possível que o baixo número de NT se deva aos fartos peritextos. Por exemplo, a ausência de NT com *Informação do termo sânscrito*, *Sinônimos*, *antônimos e tradução alternativa*, e *Definição de termo técnico* é suprida com o verso em *devanāgarī*, transliterado e traduzido “palavra por palavra”, bem como o glossário.

Mais explicações sobre o conteúdo – e ausência dele – nas NT desta que é a edição brasileira da *BG* mais recentemente publicada (2002)<sup>54</sup> estão em epitextos e no contexto de produção da obra. Trata-se de uma tradução ligada a uma linhagem discipular de uma tradição hindu (desde Śrī Chaitanya Mahāprabhu), um caso semelhante à tradução de Pombo (1976), ligada ao Movimento Hare Krishna (ISKON). Este contexto discipular explica a ausência de remissões a outras culturas ou outros tradutores da *BG*. O interesse com a tradução, como já

<sup>54</sup> Outras traduções posteriores à 2002, como Hermógenes (2006), são novas edições (em outra editora) ou re-impressões.

demonstrado pelo conteúdo dos elementos pré-textuais, é filosófico-devocional, segundo uma determinada interpretação de uma linhagem de gurus (mestres); e não, por exemplo mitológico, literário ou lingüístico. Trata-se, pode-se dizer, de uma edição eminentemente religiosa.

### 7.1.3 Análise do conteúdo das NT em Stella (1970)

As NT de Stella apresentam 623 etiquetas de conteúdo, que representam 39,1% de todas do *corpus*, a maior representação, próxima a de Ferreira (37,3%). Para a análise do conteúdo das NT de Stella, gerou-se a Tabela 6, com contagem e percentagem das suas etiquetas de conteúdo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>corpus</i>
Referência à Filosofia grega	3	0,5%	0,5%
Referência à Ciência	4	0,6%	0,6%
Referência a outras tradições orientais	5	0,8%	0,5%
Remissão intratextual	9	1,4%	1,8%
Explicação sobre cultura indiana	12	1,9%	1,8%
Explicação sobre antonomástico	12	1,9%	3,0%
Referência ao Cristianismo	16	2,6%	4,6%
Referência a outro texto sânscrito	25	4,0%	1,9%
Explicação sobre tradução	33	5,3%	2,7%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	49	7,9%	6,7%
Explicação sobre mitologia hindu	52	8,3%	14,1%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	72	11,6%	7,7%
Definição de termo técnico	82	13,2%	17,7%
Comentário	116	18,6%	18,6%
Informação do termo sânscrito	133	21,3%	17,8%
<b>TOTAL</b>	<b>623</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 6: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Stella (1970)*

Ao observar a Tabela 6, percebe-se que a distribuição dos conteúdos das NT de Stella está bastante próxima da média do *corpus*. E, em comparação com esta média, nota-se a proporção em dobro para *Referência a outro texto sânscrito*, que foi, em grande parte, para *As leis de Manu*<sup>55</sup> – o único tradutor do *corpus* a citar esta obra. Outro caso é *Explicações sobre a tradução*, em que apresenta uma proporção maior do que a média, e que marca explicações que tematizam a tradução de uma forma que não se encontra em nenhuma outra edição do *corpus*. Há, por exemplo, avisos sobre as ocorrências de determinados termos do verso ao

<sup>55</sup> *Manu-sanhitā*. Também traduzido como *Código de Manu*. Importante compilação de leis da Índia antiga (século V a.C.), obra fundamental da lei hindu, 1ª e principal obra *smṛiti* (DOWSON, 2005, p. 201-202).

longo do texto da *BG*, e também informações sobre divergências entre diferentes MSS em certos termos ou versos. Estas *Explicações sobre a tradução* são características da tradução de Stella, que demonstra um olhar diferente dos olhares das outras duas traduções analisadas. Esta preocupação filológica também pode ser demonstrada pela proporção acima da média de *Informação do termo sânscrito*, apesar de apresentar uma proporção de *Definição de termos técnicos* levemente abaixo da média do *corpus*.

Situando-se a obra de Stella em relação aos outros peritextos, fora as NT, verifica-se: agradecimentos; prefácio do tradutor (informações sobre o processo de tradução da *BG*); introdução do tradutor (informações sobre enredo, métrica, histórica de tradução, edição crítica, MSS, mitologia, religião hindu, budismo, história de criação, cristianismo etc.); bibliografia de MSS, traduções e estudos da *BG*; e sumário (chamado de *índice*). Lembra-se, também, que a maioria das NT de Stella aqui analisadas são um peritexto que se encontra logo após o verso traduzido, que, em alguns casos, cita outras obras cujas referências estão em notas de rodapé.

Por ter uma introdução bastante rica em detalhes sobre a mitologia hindu, talvez Stella tenha sentido menos necessidade de se referir a este conteúdo nas NT – em 8,3% contra 14,1% da média do *corpus*. Porém a baixa ocorrência de *Explicações sobre antonomásticos*, se comparada à média do *corpus*, pode ser atribuída ao fato de o tradutor agrupar explicações deste conteúdo em poucas notas. Um exemplo está em Stella (I:21, código 88):

21. - Disse então esta palavra a Hrsikeça, ó Senhor da terra: coloca, ó Açyuta, o meu carro no meio dos dois exércitos.

Açyuta (infalível): os outros nomes aplicados a Krsna, além de Açyuta, são: Madhusûdana (vencedor do demônio Madhu), Arisûdana (conquistador dos inimigos), Govinda (pastor ou aquele que dá a iluminação), Vâsudeva (filho de Vasudeva), Yâdava (descendente de Yadu). Keçava (da bela cabeleira), Mâdhava (espôso de Loksamî), Hrsikeça (mestre dos sentidos, hrsikatêça), Janârdana (libertador dos homens).

Há uma outra NT (I:14, código 377) que também informa vários outros antonomásticos de Kṛṣṇa e Ārjuna, o que afeta a proporção quantitativa apresentada na Tabela 6, fazendo parecer que há pouca informação relacionada ao tema.

Dentro de uma análise do contexto biográfico do tradutor, Jorge Bertolaso Stella nasceu na Itália, em 1888, vindo para o Brasil com 3 anos de idade. Foi ordenado Ministro Evangélico em 1919, membro do Instituto Histórico e Geográfico de vários Estados e da Academia Evangélica de Letras (RJ), sócio fundador da Sociedade de Estudos filológicos de São Paulo entre outras participações. Lecionou em ginásios, seminários protestantes e depois de jubilado, lecionou a cadeira de História das Religiões na Faculdade de Teologia da Igreja

Independente. Publicou, além da tradução da *BG*, vários outros trabalhos sobre línguas (indígena, etrusca, basca), Cristianismo, e, sobre Hinduísmo, *Provérbios da Índia* (cf. STELLA, 1956); *O Rig-Veda*, 1958; e *Introdução às Upanichades*, 1969. (STELLA, 2006). Stella, juntamente com Arieira (1981, não está no *corpus*), é um dos únicos tradutores de edições brasileiras que teve como base o texto da *BG* em sânscrito. Stella (1970, p. 8), apesar de afirmar que se baseou também na tradução de Ramakrishna, coloca (STELLA, 1970, p. 7) que traduziu a *BG* “oito vezes do texto sânscrito” e a ensinou “durante mais ou menos três anos”. A sua tradução da *BG* foi publicada originalmente por partes na Revista de História (USP) (cf. ISTITUTO INTER..., 2006), onde também publicou outros artigos sobre a literatura indiana.

Analisando o uso das NT de Stella, seus dados biográficos e epitextos da obra, nota-se uma certa relação entre estes dados, principalmente na preocupação com o sânscrito e nas referências a outras tradições, como Cristianismo, Budismo etc.

#### 7.1.4 Análise do conteúdo das NT em Lima (1992)

As etiquetas de conteúdo de Lima representam 3,5%, do *corpus* todo. Para a análise do conteúdo das suas NT, criou-se a Tabela 7, com contagem e percentagem das suas etiquetas de conteúdo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Corpus</i>
Referência a outras tradições orientais	0	0%	0,5%
Referência à Filosofia grega	0	0%	0,5%
Referência a outro texto sânscrito	0	0%	1,9%
Referência ao Cristianismo	0	0%	4,6%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	0	0%	6,7%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	0	0%	7,7%
Referência à Ciência	1	1,8%	0,6%
Explicação sobre cultura indiana	1	1,8%	1,8%
Explicação sobre tradução	1	1,8%	2,7%
Informação do termo sânscrito	2	3,6%	17,8%
Remissão intratextual	4	7,1%	1,8%
Explicação sobre antonomástico	4	7,1%	3,0%
Comentário	6	10,7%	18,6%
Explicação sobre mitologia hindu	11	19,6%	14,1%
Definição de termo técnico	26	46,4%	17,7%
<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 7: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Lima (1992)*



Na Tabela 7, nota-se que grande parte (66,1%) do conteúdo é de *Explicações da mitologia hindu e Definição de termos técnicos*, em uma proporção bastante distinta da média do *corpus*. Aliás, esta tradução talvez seja a que mais foge da média geral do *corpus* na distribuição de quase todas as etiquetas. Interessante notar que, dentre os conteúdos sem nenhuma ocorrência, estão quase todos os que caracterizam a remissão intertextual com outras tradições (i.e. *Referência à Filosofia grega*, *Referência a outras tradições orientais*, *Referência ao Cristianismo*) e todas com a própria tradição hindu (i.e. *Referência a outro tradutor da BG* e *Referência a outro texto sânscrito*). A exceção de referência a tradições estrangeiras é apenas uma ocorrência de *Referência à Ciência*.

Na tradução de Lima, é importante lembrar o que já foi citado na Metodologia (6.1.3), que há peritextos após vários dos versos, de autoria de M. K. Gandhi, o primeiro tradutor da linha de traduções, que começou do sânscrito para o gujaráti. Estes peritextos após os versos, como também já mencionado, não foram incluídos no *corpus*. Os peritextos incluídos são as notas ao final de cada capítulo, feitas pelo tradutor do gujaráti para o português e algumas poucas pelo tradutor do inglês para o português do Brasil (i.e. Lima). Outros peritextos presentes na edição brasileira são: apresentação; introdução de Gandhi (sobre a tradução, a filosofia da *BG*); sinopse do capítulo no início de cada um; e sumário. A influência destes peritextos no uso das NT analisadas talvez esteja na introdução de Gandhi e em suas notas, que podem ter inibido a quantidade delas por Lima. Ou mesmo pela estima que se possa ter pela figura de Gandhi e, conseqüentemente, para o direcionamento ideológico que Gandhi dá em sua tradução.

### 7.1.5 Análise do conteúdo das NT em Ferreira (1973)

As etiquetas de conteúdo em Ferreira representam 37,3% de todas no *corpus*. Para a análise do conteúdo das NT desta tradução, a Tabela 8 exhibe a contagem e percentagem das suas etiquetas de conteúdo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Corpus</i>
Referência ao Cristianismo	0	0%	4,6%
Referência a outras tradições orientais	1	0,2%	0,5%
Referência à Ciência	1	0,2%	0,6%
Remissão intratextual	1	0,2%	1,8%
Referência à Filosofia grega	2	0,3%	0,5%
Referência a outro texto sânscrito	4	0,7%	1,9%
Explicação sobre tradução	7	1,2%	2,7%

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Corpus</i>
Explicação sobre cultura indiana	10	1,7%	1,8%
Explicação sobre antonomástico	22	3,7%	3,0%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	36	6,1%	7,7%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	57	9,6%	6,7%
Explicação sobre mitologia hindu	104	17,5%	14,1%
Definição de termo técnico	105	17,7%	17,7%
Comentário	109	18,4%	18,6%
Informação do termo sânscrito	135	22,7%	17,8%
<b>TOTAL</b>	<b>594</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 8: Contagem e porcentagem do conteúdo das NT em Ferreira (1973)*

A Tabela 8 revela que o único conteúdo que não está presente nas NT de Ferreira é *Referência ao Cristianismo*. Com exceção deste conteúdo, a proporção de etiquetas nesta tradução, de modo geral, acompanha a média do *corpus*.

Nota-se que a grande maioria (76,3%) do conteúdo está distribuído em quatro etiquetas: *Explicação sobre mitologia hindu*, *Definição de termo técnico*, *Comentário*, e *Informação do termo sânscrito*, que também são as mais frequentes no *corpus* como um todo.

Outros peritextos da obra são: texto sobre Roviralta Borrel (tradutor do sânscrito para o espanhol); texto sobre história da *BG* (enredo do *Mahābhārata* anterior ao início da *BG*); e glossário.

Tendo-se em conta o conjunto de peritextos, o que se ressalta é a grande quantidade de *Definição de termo técnico*, mesmo com a existência de um glossário.

Para a contextualização da tradução através de epitextos, não se conseguiu nenhuma informação sobre a tradutora do espanhol para o português do Brasil, Eloísa Ferreira. Na edição brasileira, apenas há informações na introdução sobre o tradutor do sânscrito<sup>56</sup> para o espanhol, Roviralta Borrel. Porém não se teve contato com a tradução de Borrel publicada em Madri, 1910, em espanhol, e não se sabe ao certo qual dos dois tradutores criou as NT presentes na edição brasileira de Ferreira. Na introdução da edição brasileira (FERREIRA, 1973, p. 11) sobre Borrel, deixa-se entender que as notas seriam do tradutor espanhol. No entanto, verificando-se uma edição mexicana da tradução de Borrel (cf. BORREL, 1975), encontraram-se diferenças entre as NT desta em comparação com a edição brasileira. Assim, não é seguro tecer análises sobre o uso das NT dentro do contexto dos tradutores.

<sup>56</sup> Não está claro, pela edição brasileira de Ferreira (1973), se a tradução foi diretamente de um MS sânscrito, pois isto não é afirmado nem negado. Há apenas uma afirmação (FERREIRA, 1973, p.12) no texto introdutório sobre Roviralta Borel de que ele “computou as [traduções da *BG*] de Max Müller, Franz Hartmann, William Judge, Lionel Barnett e a de John Davies; leu as conferências do barão Guillelme Humboldt [...]”

### 7.1.6 Análise do conteúdo das NT em Kleinert (1994)

As etiquetas de conteúdo em Kleinert representam 2,8% de todo o *corpus*. Para a análise do conteúdo das NT de Kleinert, gerou-se a Tabela 9, com contagem e percentagem de suas etiquetas de conteúdo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Corpus</i>
Referência à Filosofia grega	0	0%	0,5%
Referência a outras tradições orientais	0	0%	0,5%
Referência à Ciência	0	0%	0,6%
Explicação sobre tradução	0	0%	2,7%
Referência ao Cristianismo	0	0%	4,6%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	0	0%	7,7%
Informação do termo sânscrito	0	0%	17,8%
Referência a outro texto sânscrito	1	2,2%	1,9%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	1	2,2%	6,7%
Explicação sobre antonomástico	2	4,4%	3,0%
Explicação sobre cultura indiana	3	6,7%	1,8%
Comentário	6	13,3%	18,6%
Remissão intratextual	8	17,8%	1,8%
Explicação sobre mitologia hindu	10	22,2%	14,1%
Definição de termo técnico	14	31,1%	17,7%
<b>TOTAL</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 9: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Kleinert (1994)*

Ao analisar a Tabela 9, nota-se uma proporção de conteúdo bastante distinta da média do *corpus*, com a ocorrência de várias etiquetas numa quantidade muito acima da e outras muito abaixo. Todas as etiquetas que marcam remissões intertextuais a outras tradições que não a hindu não ocorrem nenhuma vez. A etiqueta *Informação de termo em sânscrito*, que está bastante presente na média do *corpus*, também não ocorre nenhuma vez. A grande concentração de conteúdo está em *Comentário*, *Remissão intratextual*, *Explicação sobre mitologia hindu*, e *Definição de termo técnico*; sendo que, nestas últimas, três mencionadas, numa proporção bem acima da média.

Outros peritextos presentes nessa tradução são os seguintes: comentários de jornais na Índia e nos EUA sobre esta tradução; dedicatória; prefácio; introdução (filosofia na *BG*, por Aldous Huxley); texto sobre o enredo da *BG* e do *Mahābhārata*; apêndice sobre a cosmologia da *BG*; apêndice das idéias da *BG* sobre guerra.

A análise do conteúdo das NT em conjunto com estes outros peritextos mostra que a presença de poucos *Comentários* (6 ocorrências) podem ser devido à grande extensão do prefácio, da introdução e dos apêndices. O mesmo poderia ser o caso com *Explicação sobre*

*mitologia hindu*. Apesar de uma proporção bastante acima da média com *Definição de termo técnico*, em números absolutos não é uma grande quantidade, principalmente para uma edição que não apresenta um glossário. O enfoque da obra parece ser o de ter fartos peritextos pré e pós-textuais e deixar que o texto da tradução funcione de forma autônoma.

### 7.1.7 Análise do conteúdo das NT em Rohden (1997)

As etiquetas de conteúdo presentes nas NT de Rohden (176) representam 11% de todas do *corpus*. Para a análise do conteúdo da NT desta edição, foi desenvolvida a Tabela 10, com contagem e percentagem das etiquetas de conteúdo desta tradução:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Corpus</i>
Referência a outro texto sânscrito	0	0%	1,9%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	0	0%	6,7%
Explicação sobre cultura indiana	1	0,6%	1,8%
Referência a outras tradições orientais	2	1,1%	0,5%
Explicação sobre tradução	2	1,1%	2,7%
Referência à Filosofia grega	3	1,7%	0,5%
Referência à Ciência	3	1,7%	0,6%
Informação do termo sânscrito	3	1,7%	17,8%
Remissão intratextual	4	2,3%	1,8%
Explicação sobre antonomástico	5	2,8%	3,0%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	5	2,8%	7,7%
Explicação sobre mitologia hindu	24	13,6%	14,1%
Definição de termo técnico	31	17,6%	17,7%
Comentário	42	23,9%	18,6%
Referência ao Cristianismo	51	29,0%	4,6%
<b>TOTAL</b>	<b>176</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 10: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em Rohden (1997)*

Observando-se a Tabela 10, nota-se que *Referência ao Cristianismo* ocorre numa proporção muito acima da média do *corpus*. Este conteúdo juntamente com *Comentário*, que também ocorre acima da média do *corpus*, são as principais características desta tradução em comparação às outras. Outra grande diferença com relação à média, agora bastante abaixo, está em *Informação do termo sânscrito*. Interessante também observar que os dois únicos conteúdos que não ocorreram (i.e. *Referência a outro texto sânscrito* e *Referência a outro tradutor da BG*) são os que caracterizam a intertextualidade com outras obras da tradição em que a *BG* está inserida.

Outros peritextos presentes na edição analisada são: advertência sobre o uso da palavra latina *crear* na tradução; texto sobre a flôr de lótus<sup>57</sup>; citações de apreciação da *BG* por pessoas famosas; texto sobre a filosofia da *BG* e o processo de tradução; reprodução de alguns versos da *BG* em *devanāgarī*; sinopse dos capítulos ao início de cada capítulo; glossário; apêndice sobre o *Mahābhārata*; apêndice sobre o filme do *Mahābhārata* de Peter Brook; relação de outras obras do tradutor (Rohden); apresentação do *Mahābhārata*. Há uma introdução em cada capítulo e colocação de palavras em sânscrito entre parênteses nos versos.

Levando-se em conta o conjunto de peritextos, o que chama a atenção é a relativamente grande quantidade de conteúdo *Definição de termo técnico* e *Explicação sobre mitologia hindu*, mesmo com vários peritextos que poderiam inibir estes tipos de NT.

Quanto a epitextos desta tradução, pode-se colocar alguns fatos biográficos de Huberto Rohden. Nasceu em 1893, em Tubarão, SC, e faleceu em 1981 (a edição da *BG* de Rohden utilizada no *corpus* é postuma). Escreveu mais de 60 livros, na maioria de filosofia e autoconhecimento. Graduiu-se em Ciências, Filosofia e Teologia na Europa e traduziu, além da *BG*, o *Novo Testamento* e o *Tao Te Ching* (WIKIPÉDIA, 2006). Foi biografado em Guimarães (2002) e hoje possui grupos em sua memória (cf. MEMÓRIA..., 2006). Aos 27 anos, foi ordenado sacerdote e, depois de 25 anos, deixou o clero (INSTITUTO AHAU, 2006).

Pela história de sacerdócio cristão e uma tendência filosófica universalista, a grande quantidade de *Referência ao Cristianismo* parece ser um reflexo natural da leitura de Rohden da *BG*.

### 7.1.8 Análise do conteúdo das NT em Mesquita (1987)

Para a análise do conteúdo das NT de Mesquita, a Tabela 11 foi gerada, com contagem e percentagem das etiquetas de conteúdo desta tradução:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Corpus</i>
Referência à Filosofia grega	0	0%	0,5%
Referência a outras tradições orientais	0	0%	0,5%
Referência à Ciência	0	0%	0,6%
Remissão intratextual	0	0%	1,8%
Explicação sobre cultura indiana	0	0%	1,8%
Referência a outro texto sânscrito	0	0%	1,9%

<sup>57</sup> A flor de lótus é um importante símbolo de pureza na cultura indiana hindu.

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Corpus</i>
Explicação sobre tradução	0	0%	2,7%
Referência ao Cristianismo	0	0%	4,6%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	0	0%	6,7%
Comentário	0	0%	18,6%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	1	11,1%	7,7%
Explicação sobre mitologia hindu	1	11,1%	14,1%
Informação do termo sânscrito	1	11,1%	17,8%
Explicação sobre antonomástico	2	22,2%	3,0%
Definição de termo técnico	4	44,4%	17,7%
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 11: Contagem e porcentagem do conteúdo das NT em Mesquita (1987)*

Investigando atentamente a Tabela 11, percebe-se uma proporção de conteúdo bastante distinta da média do *corpus* e uma baixa quantidade de etiquetas (9). Percebe-se que Mesquita dá ênfase aos conteúdos *Definição de termo em sânscrito* e *Explicação sobre antonomástico*, numa proporção bastante superior à média do *corpus*, além de serem os conteúdos com maior ocorrência em sua tradução (66,6%). Chama a atenção também a inexistência de *Comentário*, que é um conteúdo encontrado em grande proporção no *corpus* como um todo.

Como no caso de Prabhu e Dasi, Mesquita apresenta poucas NT, mas diferentemente daquela outra tradução, o único outro peritexto textual presente nessa edição é um pequeno prefácio, com três páginas em formato de bolso, onde são comentados o enredo, o trabalho de tradução e a filosofia da *BG*. Esta configuração faz dessa edição brasileira da *BG* a mais “enxuta” de peritextos. Esta “simplicidade” parece ser a intenção de Mesquita (1982, p. 8), declarada em sua introdução:

A presente tradução tentou evitar introduzir em seu texto as designações religiosas em sânscrito, como Bramã, Atman, Prakriti, Vichnou. O propósito foi tornar o texto imediatamente inteligível ao leitor ocidental, mesmo ao que não conhecesse a religião hindu.

Quanto aos epitextos, pouco se encontrou sobre a pessoa do tradutor, Henrique de Araújo Mesquita, a não ser a menção deste nome como tradutor de outras obras ligadas ao Cristianismo, Judaísmo (cf. KAPLAN, 2000) e cultura árabe (cf. BECKFORD, 2002).

## **7.2 Análises gerais das NT do corpus**

Apresentadas as análises individuais de cada tradução, coloca-se a Tabela 12, a seguir, como um resumo das porcentagens de cada conteúdo no total de cada tradução em separado:

<b>Conteúdo</b>	<b>Lorenz</b>	<b>Prabhu</b>	<b>Stella</b>	<b>Lima</b>	<b>Ferreira</b>	<b>Kleinert</b>	<b>Rohden</b>	<b>Mesquita</b>	<b>Corpus</b>
Ref. à Filosofia grega	0,00%	0,00%	0,50%	0,00%	0,30%	0,00%	1,70%	0,00%	0,50%
Ref. a outras tradições orientais	0,00%	0,00%	0,80%	0,00%	0,20%	0,00%	1,10%	0,00%	0,50%
Ref. à Ciência	0,00%	0,00%	0,60%	1,80%	0,20%	0,00%	1,70%	0,00%	0,60%
Remissão intratextual	2,40%	16,70%	1,40%	7,10%	0,20%	17,80%	2,30%	0,00%	1,80%
Exp. sobre cultura indiana	2,40%	0,00%	1,90%	1,80%	1,70%	6,70%	0,60%	0,00%	1,80%
Ref. a outro texto sânscrito	0,00%	0,00%	4,00%	0,00%	0,70%	2,20%	0,00%	0,00%	1,90%
Exp. sobre tradução	0,00%	0,00%	5,30%	1,80%	1,20%	0,00%	1,10%	0,00%	2,70%
Exp. sobre antonomástico	1,20%	0,00%	1,90%	7,10%	3,70%	4,40%	2,80%	22,20%	3,00%
Ref. ao Cristianismo	7,10%	0,00%	2,60%	0,00%	0,00%	0,00%	29,00%	0,00%	4,60%
Ref. a outro tradutor da BG	0,00%	0,00%	7,90%	0,00%	9,60%	2,20%	0,00%	0,00%	6,70%
Sinôn., antôn. e trad. alternativa	8,30%	16,70%	11,60%	0,00%	6,10%	0,00%	2,80%	11,10%	7,70%
Exp. sobre mitologia hindu	26,20%	16,70%	8,30%	19,60%	17,50%	22,20%	13,60%	11,10%	14,10%
Def. de termo técnico	20,20%	50,00%	13,20%	46,40%	17,70%	31,10%	17,60%	44,40%	17,70%
Inform. do termo sânscrito	11,90%	0,00%	21,30%	3,60%	22,70%	0,00%	1,70%	11,10%	17,80%
Comentário	20,20%	0,00%	18,60%	10,70%	18,40%	13,30%	23,90%	0,00%	18,60%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
<b>Variação das proporções</b>	<b>1,29</b>	<b>2</b>	<b>0,98</b>	<b>1,78</b>	<b>1,2</b>	<b>1,43</b>	<b>1,38</b>	<b>1,81</b>	<b>1</b>

Tabela 12: Percentagem do conteúdo em cada tradução e média do *corpus*

Fica transparente, na Tabela 12, o que já se viu em detalhes nas análises das traduções em separado; cada tradução apresenta uma distribuição particular de conteúdo nas NT, sendo que várias se distanciam da média do *corpus*. Um dado novo que se acrescentou na Tabela 12 são os coeficientes de variação das proporções que cada conteúdo tem em cada tradução – o coeficiente varia de 0 até 3. Este coeficiente demonstra que, apesar de alguns conteúdos estarem presentes em grande parte das traduções, suas proporções, em comparação com outros conteúdos que uma determinada tradução apresenta, não são homogêneas.

Com as análises das características individuais de cada tradução concluídas, passa-se agora para análises gerais com enfoque nos conteúdos. Ou seja, a ênfase dada a partir de agora será em se analisar como o total de cada conteúdo em separado se distribui pelas traduções presentes no *corpus*, ou seja, o oposto do que foi feito anteriormente nas análises das traduções em separado. Assim, ainda se utilizando da Tabela 12 para análise, observando-se a coluna *corpus*, nota-se que praticamente 70% (14,1 + 18,6 + 17,7 + 17,8) do conteúdo está representado por apenas 4 das 15 etiquetas: *Explicação sobre mitologia hindu*; *Definição de termo técnico*; *Informação do termo sânscrito*; e *Comentário*. Cada uma destas quatro etiquetas, se comparadas individualmente com cada uma das outras 11, ocorre numa quantidade significativamente maior (pelo menos o dobro). Por exemplo, a etiqueta *Explicação sobre mitologia hindu*, a última colocada do grupo das quatro etiquetas que representam cerca de 70% do total, ocorre numa percentagem de 14,1%, que é quase o dobro da etiqueta *Sinônimos, antônimos e tradução alternativa*, esta com um percentual de 7,7%.

O conteúdo *Explicação sobre antonomásticos*, que ocorre em 3% das etiquetas, pode somar-se ao total de *Explicação sobre mitologia hindu*, por ser, como já apresentado na metodologia, de conteúdo relacionado. Assim, tem-se o total de 17,1% para o conjunto destes dois conteúdos afins.

Outro agrupamento de etiquetas que pode ser observado na Tabela 12 é relacionado a paralelos com tradições diferentes ao Hinduísmo (*Referência à Filosofia grega*, *Referência a outras tradições orientais*, *Referência à Ciência* e *Referência ao Cristianismo*), que é a tradição na qual a *BG* teve origem. Somados os totais de ocorrências destas etiquetas, tem-se o total de 6,2%, com forte influência de *Referência ao Cristianismo*. Um total praticamente igual ao da etiqueta *Referência a outro tradutor da BG*, que é 6,7%. Contudo, somando-se a percentagem de *Referência a outro tradutor da BG* com *Referência a outro texto sânscrito*, tem-se o total de 8,6%; o que representa a participação de paralelos dentro da própria tradição em que a *BG* está inserida. Desta forma, estas comparações indicam a relação da intertextualidade das traduções do *corpus* com a própria tradição em que a *BG* está inserida e com as tradições a elas estrangeiras. Como se percebe, a referência intertextual à tradição em que a *BG* está inserida é mais freqüente, porém esta informação poderia ser ainda mais explorada com uma comparação desta mesma questão (i.e. referências a mesma cultura vs. outras culturas) em outros textos sagrados, como a *Bíblia*, o *Corão* e a *Torá*. Talvez a percentagem de 6,2% de remissões a outras culturas seja elevada dentro deste tipo de texto sensível. Uma soma geral do conjunto de todas as etiquetas sobre referências intertextuais demonstra o peso da intertextualidade em geral, que é de 14,8%.

Outro dado fornecido na Tabela 12 é a baixa (2,7%) ocorrência de *Explicações sobre a tradução*. No entanto *Sinônimos*, *antônimos* e *tradução alternativa*, bem como *Informação do termo sânscrito*, são conteúdos que, indiretamente, tematizam a tradução. Se a etiqueta *Explicações sobre a tradução* marca os casos em que há um discurso direto sobre a tradução do verso, “lembrando” o leitor de que o texto é uma tradução, estas duas outras etiquetas também podem gerar um efeito parecido no leitor. Por exemplo, ao fornecer uma tradução alternativa em uma NT, o leitor também poderá receber a informação indireta de que se trata de uma tradução e não do texto original. Em outro exemplo, no caso de informar ao leitor o termo original em sânscrito correspondente a um outro traduzido no verso, também se “lembra” o leitor de que o que está no verso não é o texto original. Assim, somando-se estas três etiquetas que colocam o texto numa posição de um texto traduzido, tem-se o total de 28,2%, um percentual já expressivo e que representa a participação de conteúdos que tematizam a tradução.



O último conteúdo da Tabela 12 a ser comentado é de baixo percentual (1,8%), sobre remissões intratextuais. São casos onde se referem a outras NT da mesma tradução, glossários, apêndices, introduções, prefácios etc.

Os dados utilizados como base para os percentuais da Tabela 12 são as contagens, também apresentadas nas análises individuais das traduções e resumidas na Tabela 13 a seguir:

<b>Conteúdo</b>	<b>Lorenz</b>	<b>Prabhu</b>	<b>Stella</b>	<b>Lima</b>	<b>Ferreira</b>	<b>Kleinert</b>	<b>Rohden</b>	<b>Mesquita</b>	<b>Σ</b>
Referência à Filosofia grega	0	0	3	0	2	0	3	0	8
Ref. a outras tradições orientais	0	0	5	0	1	0	2	0	8
Referência à Ciência	0	0	4	1	1	0	3	0	9
Remissão intratextual	2	1	9	4	1	8	4	0	29
Explicação sobre cultura indiana	2	0	12	1	10	3	1	0	29
Referência a outro texto sânscrito	0	0	25	0	4	1	0	0	30
Explicação sobre tradução	0	0	33	1	7	0	2	0	43
Explicação sobre antonomástico	1	0	12	4	22	2	5	2	48
Referência ao Cristianismo	6	0	16	0	0	0	51	0	73
Ref. a outro tradutor da BG	0	0	49	0	57	1	0	0	107
Sinôn., antôn. e trad. alternativa	7	1	72	0	36	0	5	1	122
Explicação sobre mitologia hindu	22	1	52	11	104	10	24	1	225
Definição de termo técnico	17	3	82	26	105	14	31	4	282
Informação do termo sânscrito	10	0	133	2	135	0	3	1	284
Comentário	17	0	116	6	109	6	42	0	296
<b>TOTAL (contagem)</b>	<b>84</b>	<b>6</b>	<b>623</b>	<b>56</b>	<b>594</b>	<b>45</b>	<b>176</b>	<b>9</b>	<b>1593</b>
<b>Percentagem</b>	<b>5,3%</b>	<b>0,4%</b>	<b>39,1%</b>	<b>3,5%</b>	<b>37,3%</b>	<b>2,8%</b>	<b>11%</b>	<b>0,6%</b>	<b>100%</b>

Tabela 13: Contagem e percentagem do conteúdo das NT em cada tradução

As contagens da Tabela 13 agora serão utilizadas para se calcular a proporção de cada tradução para o total dos conteúdos, mudando-se o enfoque, visualmente falando, para a leitura pelas linhas da tabela, como mostra a Tabela 14 a seguir. Outra informação que a Tabela 14 acrescenta é o coeficiente de variação<sup>58</sup> (Var.) das ocorrências das etiquetas entre as diferentes traduções. Quanto maior este coeficiente, variando de 0 (zero) até 3, maior a dispersão das ocorrências. É esta informação da variação que facilita a comparação de diferentes distribuições dos conteúdos de forma independente da sua quantidade total no *corpus*.

<b>Conteúdo</b>	<b>Lorenz</b>	<b>Prabhu</b>	<b>Stella</b>	<b>Lima</b>	<b>Ferreira</b>	<b>Kleinert</b>	<b>Rohden</b>	<b>Mesquita</b>	<b>Σ</b>	<b>Var.</b>
Remissão intratextual	6,9%	3,4%	31,0%	13,8%	3,4%	27,6%	13,8%	0,0%	100%	0,92
Def. de termo técnico	6,0%	1,1%	29,1%	9,2%	37,2%	5,0%	11,0%	1,4%	100%	1,07
Exp. sobre mitologia hindu	9,8%	0,4%	23,1%	4,9%	46,2%	4,4%	10,7%	0,4%	100%	1,24
Exp. sobre antonomástico	2,1%	0,0%	25,0%	8,3%	45,8%	4,2%	10,4%	4,2%	100%	1,24
Exp. sobre cultura indiana	6,9%	0,0%	41,4%	3,4%	34,5%	10,3%	3,4%	0,0%	100%	1,29

<sup>58</sup> O coeficiente de variação é utilizado aqui pois independe da quantidade de ocorrências de cada distribuição de dados (etiquetas, capítulos etc.) e é calculado dividindo-se o desvio-padrão pela média simples.

Conteúdo	Lorenz	Prabhu	Stella	Lima	Ferreira	Kleinert	Rohden	Mesquita	Σ	Var.
Comentário	5,7%	0,0%	39,2%	2,0%	36,8%	2,0%	14,2%	0,0%	100%	1,31
Ref. à Ciência	0,0%	0,0%	44,4%	11,1%	11,1%	0,0%	33,3%	0,0%	100%	1,38
Ref. à Filosofia grega	0,0%	0,0%	37,5%	0,0%	25,0%	0,0%	37,5%	0,0%	100%	1,41
Sinôn., antôn. e trad. alternativa	5,7%	0,8%	59,0%	0,0%	29,5%	0,0%	4,1%	0,8%	100%	1,7
Inform. do termo sânscrito	3,5%	0,0%	46,8%	0,7%	47,5%	0,0%	1,1%	0,4%	100%	1,71
Ref. a outras tradições orientais	0,0%	0,0%	62,5%	0,0%	12,5%	0,0%	25,0%	0,0%	100%	1,77
Ref. a outro tradutor da BG	0,0%	0,0%	45,8%	0,0%	53,3%	0,9%	0,0%	0,0%	100%	1,84
Ref. ao Cristianismo	8,2%	0,0%	21,9%	0,0%	0,0%	0,0%	69,9%	0,0%	100%	1,95
Explicação sobre tradução	0,0%	0,0%	76,7%	2,3%	16,3%	0,0%	4,7%	0,0%	100%	2,12
Ref. a outro texto sânscrito	0,0%	0,0%	83,3%	0,0%	13,3%	3,3%	0,0%	0,0%	100%	2,3

Tabela 14: Percentagem de participação das traduções para o total de cada conteúdo

Observando-se a Tabela 14, é possível perceber o quão homogêneos são os conteúdos entre as diferentes traduções. Essa informação pode indicar, mais do que as análises das traduções individualmente, possíveis *memes* e problemas de tradução, ou seja, se certos conteúdos são idiosincrasias de alguma tradução ou são compartilhados por várias delas. Peguem-se os dois extremos de variação como exemplos.

O conteúdo *Referência a outro texto sânscrito* é o que apresenta maior variação de todos (2,3), pois 83,3% das ocorrências estão somente na tradução de Stella. Isto indica que se trata, muito provavelmente, de uma particularidade desta tradução.

Já o conteúdo *Remissão intratextual*, apesar de não ocorrer em Mesquita, é o que apresenta a menor variação. Ou seja, pode ser um indício de que não se trata de uma idiosincrasia de uma determinada tradução, mas possivelmente de um *meme*. Interessante ressaltar que este conteúdo é também encontrado freqüentemente na *Bíblia* (GODDARD, 1999; NORD, 2006, informação verbal<sup>59</sup>), um outro texto sagrado. Segundo Trabelsi (2005), não parece ser o caso do *Corão*. Porém seria necessário um *corpus* maior, com diferentes textos sagrados e várias traduções de cada um, para que uma pesquisa pudesse confirmar um *meme* não só da *BG* e da *Bíblia*, mas de textos sagrados em geral.

Verificando-se os outros conteúdos com alto coeficiente de variação (acima de 1,55, a média dos coeficientes), têm-se *Referência ao Cristianismo* (1,95), *Referência a outro tradutor da BG* (1,84), *Referência a outras tradições orientais* (1,77), *Explicação sobre tradução* (2,12), *Informação do termo sânscrito* (1,71), e *Sinônimo, antônimo e tradução alternativa* (1,7). Estes conteúdos são pouco homogêneos entre as diferentes traduções. Vale lembrar que, como já visto na análise individual de cada tradução, outros peritextos, além das

<sup>59</sup> Palestra *¿Para qué volver a traducir el Nuevo Testamento? Aspectos funcionales de la traducción de textos bíblicos*, ministrada em 6 de julho de 2006, às 18:00 no CCE/UFSC, Florianópolis.

NT, podem conter estes conteúdos. Especialmente *Referência a outro tradutor da BG* e *Explicação sobre tradução*, que geralmente são encontrados em prefácios e introduções.

Os conteúdos com menor coeficiente de variação (abaixo de 1,55), levando-se em conta que o valor do coeficiente varia entre 0 (zero) e 3, também não são *muito* homogêneos, em um sentido absoluto. Assim, coloca-se apenas que são mais homogêneos que outros deste *corpus*. As exceções parecem ser, como já mencionado, *Remissão intratextual*, com um coeficiente de variação de 0,92 e *Definição de termo técnico*, com 1,07. Porém, destes dois conteúdos, *Definição de termo técnico* está presente em todas as traduções. Esta exaustividade de presença, aliada à relativa baixa variabilidade, e à própria quantidade absoluta (veja Tabela 13, p. 88) coloca este conteúdo em destaque no *corpus*. Esta conjuntura mostra que há, muito provavelmente, um problema de tradução com relação aos termos técnicos presentes no texto em sânscrito da *BG*.

Outro dado a ser incluído nesta análise de relevância dos conteúdos no *corpus* como um todo é a quantidade de traduções que apresentam uma determinada etiqueta de conteúdo. Este dado não é expresso precisamente pelo coeficiente de variação. Por esta ótica, *Explicação sobre mitologia hindu*, com um coeficiente de variação abaixo da média, em 1,24, também está presente em todas as traduções. Além disso, ocorre numa grande quantidade absoluta (veja Tabela 13, p. 88). Esta conjuntura o coloca em maior relevância do que outros conteúdos com coeficiente e variação próximos, como *Explicação sobre antonomástico* (1,24) e *Explicação sobre cultura indiana* (1,29), porém não estão presentes em todas as traduções e também ocorrem numa quantidade absoluta menos expressiva.

O coeficiente de variação aplicado na Tabela 14 mede a variação da distribuição das ocorrências das etiquetas nas traduções do *corpus*; mede o quanto algumas etiquetas ocorrem em quantidades elevadas em poucas traduções ou ocorrem numa quantidade homogênea entre elas. Este mesmo coeficiente de variação pode ser aplicado para diferentes questões envolvidas na análise do conteúdo das NT. Pode-se, acrescentar o coeficiente de variação da quantidade total de cada etiqueta em comparação ao total de etiquetas do *corpus*, demonstrado na coluna *Quantidade* – quanto maior o coeficiente, maior é a participação da etiqueta no total do *corpus*. Também se calculou o coeficiente de variação da quantidade de traduções em que cada conteúdo incide, demonstrado na coluna *Traduções* – quanto maior o coeficiente, maior a variação entre traduções em que ocorre, ou seja, menor a quantidade de traduções que não apresentam este conteúdo. Por último, calculou-se um coeficiente chamado de *Relevância*, que é a tentativa de se demonstrar em números o produto das relações destes três fatores que influenciam a análise do conteúdo – isto é, quantidade absoluta de etiquetas no *corpus*,

quantidade de traduções diferentes em que aparece e variação da quantidade de ocorrências das etiquetas entre as diferentes traduções. É resultado do coeficiente *Quantidade* dividido pela multiplicação dos inversos dos coeficientes *Distribuição* e *Traduções*. Os resultados destes cálculos são demonstrados na Tabela 15 a seguir, com os conteúdos classificados em ordem crescente, conforme o coeficiente de relevância:

<i>Conteúdo</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Distribuição</i>	<i>Traduções</i>	<i>Relevância</i>
Referência a outras tradições orientais	0,02	1,77	0,376	0,023
Referência à Filosofia grega	0,02	1,41	0,376	0,028
Referência à Ciência	0,02	1,38	0,356	0,034
Referência a outro texto sânscrito	0,06	2,32	0,376	0,065
Explicação sobre tradução	0,08	2,12	0,356	0,107
Explicação sobre cultura indiana	0,05	1,29	0,265	0,160
Referência ao Cristianismo	0,14	1,95	0,376	0,187
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	0,2	1,84	0,376	0,292
Remissão intratextual	0,05	0,92	0,189	0,315
Explicação sobre antonomástico	0,09	1,24	0,189	0,385
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	0,23	1,7	0,265	0,511
Informação do termo sânscrito	0,53	1,71	0,265	1,179
Comentário	0,56	1,31	0,265	1,606
Explicação sobre mitologia hindu	0,42	1,24	0,100	3,425
Definição de termo técnico	0,53	1,07	0,100	4,964

*Tabela 15: Variação de quantidade, distribuição, traduções e relevância do conteúdo*

A Tabela 15 acima mostra a classificação dos conteúdos das NT por sua relevância. Os conteúdos *Explicação sobre mitologia hindu* e *Definição de termo técnico* destacam-se segundo este cálculo, indicando fortes possibilidades de problemas de tradução, ou pelo menos com maior chance, se comparados aos outros conteúdos.

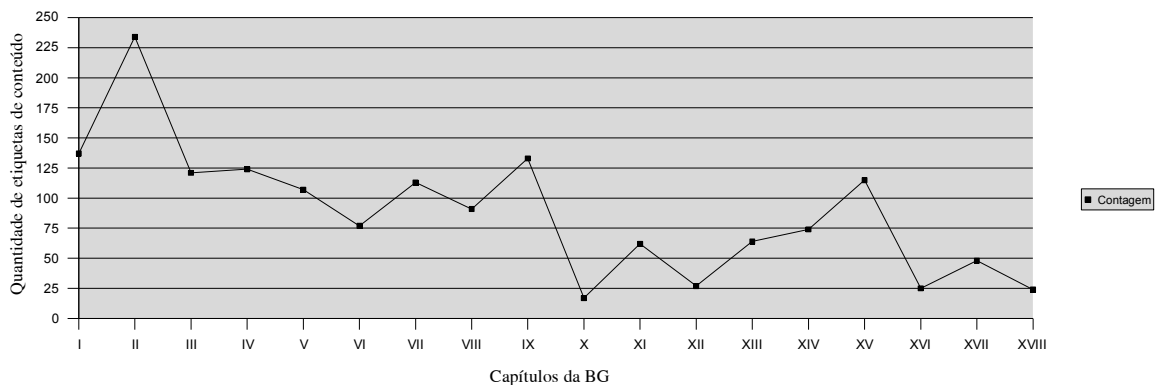
### **7.2.1 Análise da distribuição das etiquetas de conteúdo entre os capítulos da *BG***

Para se iniciar a análise da distribuição do conteúdo das NT entre os capítulos da *BG*, apresenta-se a Tabela 16, com a contagem e percentagem simples e cumulativa das etiquetas de conteúdo em cada um dos 18 capítulos.

Capítulo	Contagem	Porcentagem	Contagem cumulativa	Porcentagem cumulativa
I	137	8,6%	137	8,6%
II	234	14,7%	371	23,3%
III	121	7,6%	492	30,9%
IV	124	7,8%	616	38,7%
V	107	6,7%	723	45,4%
VI	77	4,8%	800	50,2%
VII	113	7,1%	913	57,3%
VIII	91	5,7%	1.004	63,0%
IX	133	8,3%	1.137	71,4%
X	17	1,1%	1.154	72,4%
XI	62	3,9%	1.216	76,3%
XII	27	1,7%	1.243	78,0%
XIII	64	4,0%	1.307	82,0%
XIV	74	4,6%	1.381	86,7%
XV	115	7,2%	1.496	93,9%
XVI	25	1,6%	1.521	95,5%
XVII	48	3,0%	1.569	98,5%
XVIII	24	1,5%	1.593	100%
<b>TOTAL</b>	<b>1593</b>	<b>100%</b>	-	-

**Tabela 16: Contagem e porcentagem do conteúdo em cada capítulos da BG**

A tabela 16 demonstra que há bastante variação na quantidade de etiquetas entre os capítulos – de até 217 ocorrências entre o II e o X. Esta variação pode ser mais facilmente visualizada com a construção da Ilustração 6, que utiliza os dados de contagem simples da Tabela 16.



**Ilustração 5: Gráfico da distribuição do conteúdo das NT entre os capítulos da BG**

Através da Ilustração 6, pode-se observar três patamares de quantidade de conteúdos:

- de maior quantidade, composto pelo capítulo II;
- mediano, tendo como base a área entre as grades 150 e 75 no eixo das quantidades, composto pelos capítulo I, III até IX e XV;

- c) menores quantidades, tendo como base a área abaixo da grade 75 do eixo das quantidades, composto pelos capítulos X até XIV e XVI até XVIII.

Estes patamares, com exceção do caso dos capítulos II e XV, demonstram um declínio em duas etapas, isto é, do capítulo I ao IX e do X até o final. E, se levarmos em consideração uma contagem cumulativa, também apresentada na Tabela 16 (p. 92), veremos que a metade (50,2%) da quantidade total de etiquetas de conteúdo (796,5) está até o capítulo VI (800). Nota-se que, até o capítulo IX, a partir de onde a quantidade cai bruscamente (veja a Ilustração 6), temos um total de 1.137 etiquetas, o que representa 71,4% do total de todas as etiquetas de conteúdo. Ou seja, a grande maioria dos conteúdos são abordados até a metade do texto da *BG* – o que pode indicar também maior variedade de conteúdos (i.e. diferentes etiquetas). Este movimento pode demonstrar duas possibilidades: 1) muitos dos conteúdos a serem colocados pelas NT dizem respeito à obra como um todo, mas são expressos nos capítulos iniciais; ou 2) muitos dos conteúdos ocorrem nos capítulos iniciais.

Para se refinar estas questões, observou-se os dados sobre a quantidade de versos em cada capítulo, que também varia bastante e é demonstrado na Tabela 17 abaixo:

<i>Capítulo</i>	<i>Conteúdo</i>		<i>Versos</i>		<i>Índice de Concentração</i>
	<i>Contagem</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Contagem</i>	<i>Porcentagem</i>	
I	137	8,6%	47	6,7%	2,91
II	234	14,7%	72	10,3%	3,25
III	121	7,6%	43	6,1%	2,81
IV	124	7,8%	42	6,0%	2,95
V	107	6,7%	29	4,1%	3,69
VI	77	4,8%	47	6,7%	1,64
VII	113	7,1%	30	4,3%	3,77
VIII	91	5,7%	28	4,0%	3,25
IX	133	8,3%	34	4,9%	3,91
X	17	1,1%	42	6,0%	0,4
XI	62	3,9%	55	7,8%	1,13
XII	27	1,7%	20	2,9%	1,35
XIII	64	4,0%	35	5,0%	1,83
XIV	74	4,6%	27	3,9%	2,74
XV	115	7,2%	20	2,9%	5,75
XVI	25	1,6%	24	3,4%	1,04
XVII	48	3,0%	28	4,0%	1,71
XVIII	24	1,5%	78	11,1%	0,31
<b>TOTAL</b>	<b>1.593</b>	<b>100%</b>	<b>701</b>	<b>100%</b>	<b>-</b>

*Tabela 17: Contagem, porcentagem e concentração do conteúdo nos capítulos*

A Tabela 17 confirma o que já era esperado: há uma relação, em vários casos, entre a quantidade de versos e a quantidade de conteúdo em NT. O índice de concentração, fornecido

pela última coluna à direita, é o cálculo da contagem de conteúdo dividida pela contagem de versos. Este índice possibilita visualizar a influência da quantidade de versos na quantidade de conteúdo através de uma unidade de medida comparativa que neutraliza a diferença de quantidade de versos entre os capítulos. Por exemplo, a diferença de percentagem dos conteúdos nos capítulos VII e XV é de 0,1%, porém, comparando-se estes dois capítulos, levando-se em conta a diferença na quantidade de versos que cada um deles possui, através do índice de concentração, percebe-se que a quantidade de versos no capítulo XV é bem mais concentrada do que a do capítulo VII. Outro exemplo é a percentagem expressiva do capítulo II, com 14,7% das etiquetas de conteúdo, que pode ser devido à grande quantidade de versos (72) deste capítulo. Seu índice de concentração, em 3,25, é igual ao do capítulo VIII, que possui menos da metade de etiquetas de conteúdo. Assim, ressaltam-se os capítulos com um alto índice de concentração que, provavelmente, apresentam maior quantidade de conteúdos para serem abordados em NT.

Outra análise da distribuição dos conteúdos entre os capítulos que pode ser feita é o detalhamento da quantidade de cada etiqueta, como pode ser visualizado na Tabela 18:

<i>Conteúdo</i>	<i>I</i>	<i>II</i>	<i>III</i>	<i>IV</i>	<i>V</i>	<i>VI</i>	<i>VII</i>	<i>VIII</i>	<i>IX</i>	<i>X</i>	<i>XI</i>	<i>XII</i>	<i>XIII</i>	<i>XIV</i>	<i>XV</i>	<i>XVI</i>	<i>XVII</i>	<i>XVIII</i>	$\Sigma$	<i>Var.</i>
Ref. à Filosofia	0	1	2	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	8	1,67
Ref. à o. trad. orient.	0	2	0	3	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	1,12
Ref. à Ciência	0	2	1	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	9	1,66
Rem. intratextual	0	6	2	2	0	3	4	2	1	0	2	0	2	0	2	0	3	0	29	0,61
Exp. cultura indiana	8	6	0	1	4	0	0	2	4	0	1	0	1	0	1	0	1	0	29	0,44
Ref. à o. tex. sânsc.	3	6	6	2	2	0	2	2	0	1	0	0	0	1	3	0	0	2	30	0,54
Exp. tradução	10	6	4	2	0	1	1	2	3	0	3	2	0	1	4	0	3	1	43	0,41
Exp. antonomástico	23	5	1	0	0	2	0	0	5	0	0	0	2	0	10	0	0	0	48	0,18
Ref. ao Cristianismo	0	8	6	15	5	5	1	2	1	0	2	1	2	7	12	3	2	1	73	1,01
Ref. a outro tradutor	3	17	12	13	5	10	6	6	2	2	5	2	5	7	4	2	3	3	107	0,24
Sinonimo, ant., trad.	8	17	9	4	12	5	11	8	8	2	3	2	6	10	10	2	2	3	122	0,24
Exp. mit. hindu	48	8	13	16	5	2	5	13	63	0	0	6	5	9	22	2	5	3	225	0,06
Def. termo técnico	11	42	20	25	23	17	34	19	19	4	13	4	12	12	10	5	9	3	282	0,1
Info. termo sânscr.	13	46	23	17	22	15	26	23	21	4	18	3	12	14	13	2	7	5	284	0,1
Comentário	10	62	22	24	25	14	22	12	4	4	15	7	17	13	23	8	11	3	296	0,08
TOTAL	137	234	121	124	107	77	113	91	133	17	62	27	64	74	115	25	48	24	1.593	0,02
<b>Varição</b>	<b>1,33</b>	<b>1,17</b>	<b>0,98</b>	<b>1,06</b>	<b>1,21</b>	<b>1,11</b>	<b>1,4</b>	<b>1,18</b>	<b>1,78</b>	<b>1,4</b>	<b>1,42</b>	<b>1,24</b>	<b>1,21</b>	<b>1,08</b>	<b>0,95</b>	<b>1,33</b>	<b>1,02</b>	<b>0,99</b>	<b>1</b>	

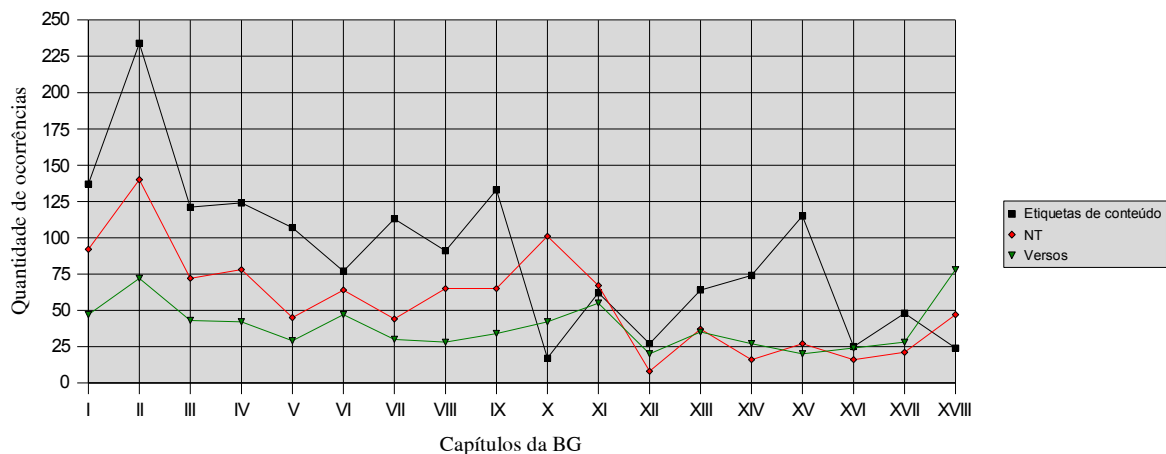
Tabela 18: Contagem e variação de cada conteúdo entre os capítulos da *BG*

Na Tabela 18, é possível visualizar em detalhe a distribuição de cada conteúdo entre os 18 capítulos da *BG*. A última linha abaixo e a última coluna à direita fornecem o coeficiente de variação – quanto maior o coeficiente, maior a dispersão, ou seja, maior a variação de ocorrências. Este coeficiente, no caso da última coluna à direita, mede a dispersão da quantidade de ocorrências de uma determinada etiqueta ao longo de todos os capítulos. No caso da variação fornecida na última linha abaixo, ela informa o contrário, a dispersão de ocorrências de todas as etiquetas em um determinado capítulo. Assim, pode-se observar que

os conteúdos com maior dispersão, ou seja, que ocorrem com uma distribuição menos homogênea entre os capítulos, são os que têm uma quantidade absoluta menor, como *Referência à Filosofia grega*, *Referência à Ciência*, *Referência ao Cristianismo* e *Referência a outras tradições orientais*. Conteúdos como *Explicação sobre mitologia hindu*, *Comentário*, *Definição de termo técnico* e *Informação de termo sânscrito* ocorrem em grande quantidade e também numa distribuição mais homogênea entre os capítulos.

Outra questão que pode ser observada é que somente o capítulo II apresenta todas os conteúdos observados e é também o que possui a maior quantidade de etiquetas no total (234). O capítulo que apresenta a menor variedade de conteúdo é o X, com apenas seis tipos. É também o capítulo com a menor quantidade de etiquetas (17).

Uma análise em conjunto da distribuição das etiquetas, versos e NT, dividida pelos capítulos, gerou a seguinte ilustração:



**Ilustração 6:** Gráfico da quantidade de NT, versos e conteúdos entre os capítulos da BG

A demonstra a quantidade de etiquetas, a quantidade de versos e a quantidade de NT distribuídas pelos 18 capítulos da BG. Percebe-se, como era de se esperar, que a quantidade de etiquetas está ligada a quantidade de NT, porém não numa proporção sempre direta. Há NT com conteúdos mais variados (mais etiquetas) do que outros, como pode ser notado pela variação das distâncias das retas de NT e Etiquetas. Este fato pode ser demonstrado pela diferença entre a quantidade de etiquetas presentes no capítulo II, que possui 72 versos, e o capítulo XVIII, que possui 78 versos. No capítulo II, há uma grande distância entre a reta da quantidade de NT e de Etiquetas, o que é o contrário do que ocorre no capítulo XVIII. Ou seja, além de haver mais NT no capítulo II, estas NT apresentam conteúdos mais variados do que as NT do capítulo XVIII. Outra inversão, ainda comparando os capítulos II e XVIII, é que neste último a quantidade de versos supera tanto a quantidade de NT, quanto de etiquetas.



### 7.3 *Análise da forma de apresentação das NT*

A contagem das etiquetas de forma de apresentação em cada tradução pode ser visualizada na Tabela 19:

<i>Tradutor</i>	<i>Rodapé</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Fim</i>	<i>Verso</i>	<i>TOTAL</i>
Prabhu	4	-	-	-	4
Mesquita	-	-	7	-	7
Kleinert	41	-	-	-	41
Lima	-	42	-	-	42
Lorenz	68	-	-	-	68
Rohden	114	-	-	-	114
Stella	23	-	-	299	322
Ferreira	-	427	-	-	427
<b>TOTAL</b>	<b>250</b>	<b>469</b>	<b>7</b>	<b>299</b>	<b>1.025</b>
<b>Percentagem</b>	<b>24,40%</b>	<b>45,80%</b>	<b>0,68%</b>	<b>29,20%</b>	<b>100%</b>

Tabela 19: Contagem das formas de apresentação das NT em todo *corpus*

Observando-se a Tabela 19, percebe-se que a maioria das formas de apresentação das NT do *corpus* é de final de capítulo e a forma de rodapé é utilizada por mais traduções (5). No entanto, é o formato após o verso que se analisa em maior profundidade nessa dissertação, pois é um formato pouco associado a NT. A única tradução com este tipo de NT que se incluiu no *corpus* é Stella (1970), com 299 casos. Lembre-se que o total de NT da tradução de Stella no *corpus* é 302 (Tabela 1, p. 51), porém algumas destas ocorrências contadas como apenas uma NT apresentam um peritexto após o verso ligado a outro no rodapé; portanto receberam duas etiquetas quanto à forma de apresentação. Assim, o total de etiquetas de forma de apresentação na tradução de Stella é de 322, uma quantidade superior à 302, que é o total de NT desta tradução.

Apesar da associação comum da forma de apresentação após o verso com o conteúdo *Comentário*, constata-se que, neste *corpus*, não se trata apenas de comentários do tradutor sobre as idéias do verso. Para se demonstrar esta constatação, foram selecionadas todas as NT após o verso e contadas as ocorrências das outras etiquetas de conteúdo destes mesmos versos selecionados, como na Tabela 20 abaixo:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>
Remissão intratextual	9	1,5%
Explicação de antonomástico	12	2,0%
Explicação sobre cultura indiana	12	2,0%
Referência ao Cristianismo	16	2,6%
Referência a outro texto sânscrito	25	4,1%
Explicação da tradução	33	5,4%
Referência a outro tradutor da <i>BG</i>	49	8,0%

<b>Conteúdo</b>	<b>Contagem</b>	<b>Porcentagem</b>
Explicação sobre mitologia hindu	52	8,5%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	71	11,6%
Definição de termo técnico	82	13,4%
Comentário	116	19,0%
Informação do termo em sânscrito	133	21,8%
<b>TOTAL</b>	<b>610</b>	<b>100%</b>

**Tabela 20: Contagem do conteúdo das NT após o verso**

Os dados da Tabela 20 acima, demonstram que as NT logo após o verso apresentam uma percentagem expressiva de *Comentário* (19%). Porém o total de outros conteúdos é bastante superior (81%). Estes dados mostram que a diferença entre os peritextos chamados “comentários” e os chamados “NT” pode estar apenas na forma de apresentação e não no conteúdo.

## 7.4 Análise dos versos mais anotados

Os versos com a maior quantidade de NT no *corpus* são o 45 do capítulo II, e o 1 do capítulo IV, ambos com onze NT. Porém, destes dois versos, o II:45 é o que apresenta a maior variedade de tradutores (7), quase todos do *corpus* (8), conforme mostra a Tabela 21:

<b>Código</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Observação</b>
23	Lorenz	Remissão a outro capítulo da <i>BG</i> .
138	Stella	Def. de termo (Yogaksema) trad. (aquisição de bens novos e conservação dos bens antigos); informação e trad. alternativa de um termo (sattva) trad. (pureza); comentário; informação e def. de term (guna) não trad.; citação de Belloni-Fillipi e A. Besant.
382	Lima	Def. de termo (Gunas) sans. não trad.
470	Ferreira	Def. de termo sans. (gunas) não trad.; interpretação/citação de outra pessoa (Davies).
471	Ferreira	Def. de um termo sans. trad.
472	Ferreira	Comentário sobre diferentes escolhas de tradução para um termo sans. não trad.; exp. sobre a escolha da tradução adotada.; citação de outro trecho da <i>BG</i> .
848	Kleinert	Exp. sobre o nome de um livro (Vedas) citado e o seu sentido (porção ritualística) no verso.
849	Kleinert	Remissão ao apêndice, que contém a def. do termo em sans. não trad. marcado no verso.
850	Kleinert	Exp. sobre metáfora (pares de opostos).
899	Rohden	Informação do termo em sânscrito (guna) de um trad.; remissão aos capítulos finais, onde há explicações sobre o termo (gunas).
1001	Mesquita	Def. de um termo (gunas) trad., mas informado entre parênteses ao lado da tradução no verso.

**Tabela 21: Código, tradutor e observação das NT do verso 45, capítulo II**

Nota-se na Tabela 21 que Ferreira e Kleinert utilizam três NT distintas para o mesmo verso, enquanto os outros cinco tradutores utilizam somente uma NT cada. Porém, como demonstrado em *Observações*, percebe-se que NT como as de Stella possuem vários

conteúdos, enquanto que outras NT, como as de Kleinert, apresentam somente um conteúdo em cada NT. Ou seja, a quantidade de NT por tradutor num mesmo verso deve ser apenas uma diferença de uso da NT. Alguns tradutores, como Stella, utilizam apenas uma NT para vários conteúdos, enquanto Ferreira e Kleinert preferiram separar os casos e utilizar diferentes NT para diferentes conteúdos.

A contagem e a percentagem dos conteúdos de todas as 11 NT que incidiram sobre o verso 45 do capítulo II, e que foram o resultado das observações da Tabela 21, é demonstrada na Tabela 22 a seguir:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>
Referência a outros tradutores da <i>BG</i>	0	0%
Referência à Filosofia grega	0	0%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	0	0%
Referência a outro texto sânscrito	0	0%
Explicação de antonomástico	0	0%
Referência ao Cristianismo	0	0%
Referência a outra tradição oriental	1	5,0%
Explicação da tradução	1	5,0%
Explicação sobre cultura indiana	1	5,0%
Explicação sobre mitologia hindu	1	5,0%
Comentário	2	10%
Referência à Ciência	2	10%
Informação de termo sânscrito	3	15,0%
Remissão intratextual	4	20%
Definição de termo técnico	5	25,0%
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>

*Tabela 22: Contagem e percentagem do conteúdo das NT do verso 45, capítulo II*

Observando-se a Tabela 22, nota-se que a maioria dos conteúdos é *Definição de termo técnico*, com 25%, que, como se observou na Tabela 21 (p. 97), tratam da definição do termo *guna* (qualidade<sup>60</sup>).

As NT do outro verso que recebeu 11 NT, o primeiro do capítulo IV, são apresentadas na Tabela 23:

<i>Código</i>	<i>Tradutor</i>	<i>Observação</i>
32	Lorenz	Exp. da simbologia sobre uma entidade (Vivasvat) cujo nome é citado.
33	Lorenz	Exp. da simbologia sobre uma entidade (Manu) cujo nome é citado.
175	Stella	Exp. sobre um personagem citado (Vivasvat).
535	Ferreira	Def. de termo sans. não trad. (Yoga); citação de outro trad. (Sankara).
536	Ferreira	Trad. de um nome próprio; exp. sobre um personagem cujo nome próprio é citado.
537	Ferreira	Exp. sobre um personagem cujo nome próprio é citado.

<sup>60</sup> Segundo Monier-Williams (2002, p. 357, minha tradução), *guna*, entre outras acepções, significa “qualidade, peculiaridade, atributo ou propriedade [...] um atributo dos 5 elementos”

<b>Código</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Observação</b>
538	Ferreira	Exp. sobre personagem cujo nome próprio é citado.
544	Ferreira	Informação do termo (Adharma) sans. trad.
908	Rohden	Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu (Vivasvan) cujo nome é citado.
909	Rohden	Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu (Manu) cujo nome é citado, com paralelo deste personagem com um do cristianismo (Adão) da Bíblia.
910	Rohden	Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu (Ikshvaku) cujo nome é citado, com paralelo deste personagem com um do cristianismo (Noé) da Bíblia.

**Tabela 23: Código, tradutor e observação das NT do verso 1, capítulo IV**

A Tabela 23 revela que, apesar do verso IV:1 também receber onze NT, como o II:45, a variedade de tradutores distintos é mais baixa (4). Além deste fato, a quantidade de conteúdo das NT do verso II:45 também é menor, como demonstra a Tabela 24:

<b>Conteúdo</b>	<b>Contagem</b>	<b>Porcentagem</b>
Explicação sobre cultura indiana	0	0%
Referência à Ciência	0	0%
Referência à Filosofia grega	0	0%
Remissão intratextual	0	0%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	0	0%
Explicação da tradução	0	0%
Referência a outro texto sânscrito	0	0%
Explicação de antonomástico	0	0%
Comentário	0	0%
Referência a outra tradição oriental	0	0%
Informação de termo sânscrito	1	8,3%
Referência a outros tradutores da BG	1	8,3%
Definição de termo técnico	1	8,3%
Referência ao Cristianismo	2	16,7%
Explicação sobre mitologia hindu	7	58,3%
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>

**Tabela 24: Contagem e porcentagem do conteúdo das NT do verso 1 do capítulo IV**

Através da análise da Tabela 24, percebe-se que, diferentemente das etiquetas do verso II:45, os conteúdos em IV:1 são menos variados, concentrando-se (58,3%) em *Explicação sobre mitologia hindu* e *Referência ao Cristianismo* (16,7%). Os casos sobre mitologia, como se pode notar em *Observação* na Tabela 23 (p. 99), tratam de personagens cujos nomes são citados no verso – i.e. Vivasvat<sup>61</sup>, Manu<sup>62</sup> e Ikshvaku<sup>63</sup>.

<sup>61</sup> Vivasvān, “O claro”, o Sol (DOWSON, 2005, p.368, minha tradução). Aqui diz respeito ao Sol enquanto uma divindade, o deus Sol.

<sup>62</sup> Manu, “O homem”, diz respeito aos 14 progenitores mitológicos da humanidade e soberanos da Terra, cada um em controle por um determinado período. (DOWSON, 2005, p.199, minha tradução). Na BG, trata-se do 7º Manu, chamado de Manu-Vaivasvat, que é filho de Vivasvat, o deus Sol.

<sup>63</sup> Ikṣvāku, filho do 7º Manu, fundador de uma dinastia de reis, governou Ayodhyā (DOWSON, 2005, p.123, minha tradução)

Outro verso que se ressalta, não pela quantidade de NT, mas pela variedade de tradutores que o anotaram, é o verso 17 do capítulo VIII. Acredita-se que a variedade de tradutores que anotam um verso é mais significativo, do ponto de vista probabilístico, do que a simples quantidade absoluta de NT utilizada por poucos tradutores. Até porque, como já visto, a quantidade de NT de um mesmo tradutor em um mesmo verso pode ser apenas uma maneira particular de aquela tradução utilizar a NT. Outros tradutores poderão apresentar poucas ou somente uma NT para um mesmo verso, porém com maior variedade de conteúdo. A Tabela 25, a seguir, ilustra as NT incidentes no verso 17 do capítulo VIII:

<i>Código</i>	<i>Tradutor</i>	<i>Observação</i>
72	Prabhu	Def. de um termo (yuga) não trad.
252	Stella	Remi. a outro texto sânscrito (Manu); def. de um termo em sânsc. (Yugas) trad. (idades).
396	Lima	Def. de termo (Yuga) não trad.; citação de cientista e pesquisas antropológicas.
650	Ferreira	Exp. de um conceito (dia de Brahma) citado no verso.
651	Ferreira	Exp. de um conceito (dia de Brahma) citado no verso e seu sentido particular no verso.
870	Kleinert	Remissão ao apêndice para informações sobre um conceito (mil eras) abordado.
943	Rohden	Def. de um termo (yuga) não trad.; exp. do sentido simbólico/metafórico de um termo (yuga) no verso; paralelo de um termo (yuga) com outro (aion) presente na Bíblia.

*Tabela 25: Código, tradutor e observação das NT do verso 17, capítulo VIII*

Observando-se a Tabela 25, nota-se que há 7 NT de seis tradutores diferentes. É possível perceber que os conteúdos das NT são bastante similares entre as traduções. A contagem e a percentagem das etiquetas de conteúdo que incidiram em todas estas NT demonstradas na Tabela 25 estão presentes na Tabela 26 a seguir:

<i>Conteúdo</i>	<i>Contagem</i>	<i>Percentagem</i>
Explicação sobre cultura indiana	0	0%
Referência à Filosofia grega	0	0%
Referência a outros tradutores da BG	0	0%
Explicação da tradução	0	0%
Referência a outra tradição oriental	0	0%
Explicação de antonomástico	0	0%
Comentário	0	0%
Referência ao Cristianismo	1	7,7%
Referência a outro texto sânscrito	1	7,7%
Remissão intratextual	1	7,7%
Referência à Ciência	1	7,7%
Sinônimo, antônimo e tradução alternativa	1	7,7%
Explicação sobre mitologia hindu	2	15,4%
Informação de termo sânscrito	2	15,4%
Definição de termo técnico	4	30,8%
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

*Tabela 26: Contagem e percentagem do conteúdo das NT do verso 17, capítulo VIII*

A Tabela 26 mostra que a maioria (61,6%) do conteúdo é de *Definição de termo técnico*, *Informação de termo sânscrito* e *Explicação sobre mitologia hindu*. Nestas NT, como se pode verificar na Tabela 25 (p. 100), a questão particular em *Explicação sobre mitologia hindu* está relacionada ao conceito “dia de Brahmā”<sup>64</sup>. Já em *Definição de termo técnico* e *Informação de termo sânscrito*, a questão é com o termo *yuga*<sup>65</sup>. Porém o conceito mitológico de “dia de Brahmā” está ligado ao termo técnico *yuga*; ou seja, tratam de uma mesma questão: do conceito e medição de tempo no Hinduísmo.

Estas análises sobre os versos mais anotados, tanto quanto à quantidade absoluta de NT relativo a tradutores diferentes, pode ser um indício de duas possibilidades. Uma seria problemas de tradução da *BG*, no sentido discutido por Nord (veja Capítulo 3), que ficam evidenciados pela variedade de tradutores que marcam os mesmos temas em suas NT. Neste caso, seriam problemas pragmáticos e lingüísticos. O problema pragmático seria evidenciado pelas NT com *Explicação sobre mitologia hindu*, pois são explicações que não seriam necessárias dentro do contexto cultural original da obra, que é hindu. Já o problema lingüístico evidencia-se pelas NT sobre *Definição de termo técnico* e *Informação do termo sânscrito*, pois demonstram um trabalho de esclarecimento das diferenças lingüísticas entre o texto original em sânscrito e a tradução em português do Brasil.

Outra possibilidade de interpretação desses indícios seria como *memes* de tradução da *BG*, onde alguns versos são sempre anotados porque outros tradutores sempre os anotam. Esta segunda possibilidade é reforçada, como já visto, pelo fato de tradutores do *corpus* terem se baseado pelo menos parcialmente em outras traduções da *BG*.

#### 7.4.1 Probabilidade de diferentes tradutores anotarem um verso da *BG*

O cálculo da probabilidade de um verso da *BG* ser anotado por apenas um dos tradutores do *corpus*, considerando que a possibilidade de anotação em qualquer um dos 701 versos é igualmente provável, pode ser feito dentro do conceito de probabilidade simples. Assim, o cálculo, segundo Stevenson (1981, p. 62), é “simplesmente uma função do número de resultados possíveis”. Ou seja, o cálculo em questão seria o resultado da quantidade de NT

<sup>64</sup> Segundo Prabhupāda (2006, VIII:17, minha tradução), *Ahaḥ* (dia) *brahmanah* (de Brahmā). Diz a mitologia que um dia de vida do deus Brahmā, o criador do universo, é equivalente a 1.000 ciclos de quatro *yuga*.

<sup>65</sup> Segundo Monier-Williams (2002, p.854, minha tradução), *yuga*, entre outras acepções, significa “[...]uma idade do mundo, um longo período de anos mundanos[...].”

de cada tradutor no *corpus* dividida pela quantidade de versos possíveis de serem anotados (701). O resultado deste cálculo está na Tabela 27:

<i>Tradutor</i>	<i>Qde. NT</i>	<i>Probabilidade</i>
Ferreira	427	60,91%
Lorenz	68	9,70%
Mesquita	7	1,00%
Rohden	114	16,26%
Stella	302	43,08%
Lima	42	5,99%
Prabhu e Dasi	4	0,57%
Kleinert	41	5,85%

**Tabela 27: Probabilidade simples de cada tradutor anotar um verso da BG**

Com os dados da Tabela 27, que apresenta a probabilidade de cada tradutor do *corpus* individualmente anotar apenas um verso da *BG*, pode-se prosseguir e calcular a probabilidade de mais de um dos tradutores anotarem um mesmo verso específico. Segundo Stevenson (1981, p. 70, grifo meu), se “dois eventos são independentes, então a probabilidade da ocorrência de ambos é igual ao *produto* de suas probabilidades individuais [...]”. Tomando-se que a decisão dos tradutores do *corpus* de anotar um determinado verso é independente do processo de anotação dos outros tradutores do *corpus*, pode-se calcular a probabilidade esperada para que determinados tradutores anotem um mesmo verso. Assim, o resultado será a multiplicação das probabilidades individuais de cada tradutor, apresentadas na Tabela 27, que anotaram o verso em questão. A seguir é apresentado o cálculo da probabilidade esperada dos casos analisados anteriormente:

<i>Tradutor</i>	<i>II:45</i>	<i>IV:1</i>	<i>VIII:17</i>
Ferreira	0,61	0,61	0,61
Lorenz	0,1	0,1	-
Mesquita	0,01	-	-
Rohden	0,16	0,16	0,16
Stella	0,43	0,43	0,43
Lima	0,06	-	0,06
Prabhu e Dasi	-	-	0,01
Kleinert	0,06	-	0,06
<b>Probabilidade</b>	<b>1,45E-007</b>	<b>4,14E-003</b>	<b>8,53E-007</b>
<b>Probabilidade</b>	<b>0,0000145%</b>	<b>0,4139773%</b>	<b>0,0000853%</b>

**Tabela 28: Probabilidades de anotações dos versos II:45, IV:1 e VIII:17**

Ao observar a Tabela 28, constata-se que a probabilidade de todos os três casos é muito baixa, principalmente no II:45. Este resultado leva a crer que há problemas idiossincráticos ou um forte *meme* de tradução quanto ao uso de NT nestes versos. Porém este resultado, em um

sentido amplo de problemas de tradução da *BG*, precisaria ser relativizado pela existência de várias outras traduções que não utilizam NT.



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo finaliza a dissertação, recapitula sua estrutura e objetivos, bem como discute seus resultados, limitações e apresenta sugestões para pesquisas futuras relacionadas. Conforme colocado na introdução, essa dissertação pretendeu explorar o campo de estudos da tradução através do recorte específico das NT da *BG*. Seu objetivo principal foi descrever as notas de tradução presentes em edições brasileiras da *BG*. Outros objetivos específicos foram: identificar as traduções existentes da *BG* para o português do Brasil; desenvolver um *corpus* manipulável por computador; e desenvolver uma metodologia para a descrição das NT. Para tanto, iniciou-se com uma revisão da literatura sobre a *BG* e seu contexto histórico, autoria, traduções, edições críticas e leituras possíveis. Quanto à noção de tradução de textos escritos, enquadrou-se este como um fenômeno dentro da ampla atividade translatória, proposta pela *Skopostheorie*, conforme Nord (2001). Para o panorama de estudos da tradução, adotou-se a abordagem descritiva, trabalhada principalmente por Toury (1995) e Chesterman (1997). Também foram revisados alguns conceitos mais específicos, como normas – leis gerais que governam um fenômeno –, *memes* – idéias que se propagam – e problemas de tradução – características problemáticas independentemente das dificuldades próprias do tradutor. Para se compreender o que já foi dito sobre NT, pesquisou-se a noção de paratextos em geral, principalmente com Genette (1997), e explicações específicas sobre NT encontradas em diferentes gêneros textuais, conforme as diferentes leituras que a *BG* permite: filosófica, literária e religiosa. O tipo de pesquisa, baseada em um *corpus* digital, também exigiu a revisão sobre o assunto. Posteriormente, desenvolveu-se uma metodologia de trabalho, com a escolha do *corpus* e uma análise inicial dos dados para se criar uma taxionomia de estudo para as NT em questão. Com os dados organizados em um banco de dados criado especialmente para essa dissertação e com as NT devidamente etiquetadas, prosseguiu-se com a análise principal dos dados, no que diz respeito ao conteúdo e localização das NT.

### 8.1 Resultados

O resultado, quanto ao objetivo geral, foi atingido pela descrição das NT em edições brasileiras da *BG*, segundo a metodologia de etiquetas criada para este fim. Assim, descreveu-se a localização, a forma de apresentação e o conteúdo de cada NT do *corpus*. Diferente de

uma descrição “pura”, como a apresentada no capítulo anterior, apresenta-se agora os resultados mais reflexivos sobre aquelas análises, principalmente em conjunto com os conceitos fundamentados no início da pesquisa, nos capítulos sobre conceitos de tradução (3) e notas de tradução (4).

### 8.1.1 *Memes de tradução*

Apresentam-se aqui algumas reflexões sobre *memes* de tradução da *BG*, através da própria possibilidade de se descrever as NT utilizando-se as etiquetas criadas. De certa forma, cada etiqueta poderia ser considerada um *meme* ou uma idéia, já que nenhuma ocorreu isoladamente em uma tradução; todas, umas mais, outras menos, estão presentes em pelo menos três traduções. Lembra-se aqui dos exemplos de *memes* que Chesterman (1997, p. 8, já citado em 3.4), comenta: original-tradução, equivalência, intraduzibilidade, livre-versus-literal. Apesar e cada etiqueta evidenciar *memes*, é o agrupamento de algumas delas que demonstra esta questão mais claramente.

Tomando-se primeiramente as etiquetas que continham algum tipo de referência a culturas diferentes da hindu, na qual *BG* está inserida, pode-se notar um *meme* “universalidade-de-idéias”. Ou seja, há uma idéia, um *meme*, de que supostos significados do texto da *BG* são comparáveis com outras idéias de outras culturas ou universais (como preferem alguns tradutores); e, assim, passíveis de serem colocados em uma espécie de equivalência de idéias com as de outras culturas e tradições, como a grega, a científica, a cristã, a budista... Apesar de estas referências interculturais não terem sido as mais expressivas dentre todas as etiquetas, principalmente pelo cálculo do índice de relevância mostrado na Tabela 15 (p. 91), são idéias presentes em várias traduções e que estão à disposição do tradutor, apesar de não chegarem a ser normas. Este mesmo *meme* pode abarcar as referências à própria cultura da *BG*, marcadas pelas etiquetas *Referência a outros tradutores da BG* e *Referência a outros textos sânscritos*, o que denota a idéia de que uma tradução da *BG* está inserida dentro de outras traduções e textos sânscritos, num *meme* “intertextualidade”.

Nesta mesma busca por *memes*, pode-se também agrupar as etiquetas *Explicação sobre mitologia hindu*, *Explicação sobre antonomástico* e *Explicação sobre cultura indiana* como indícios de um *meme* “diferença-cultural”. Esta seria a idéia, em um certo sentido até oposta à “universalidade-de-idéias”, de que há características culturais expressas no texto da *BG*,

através de aspectos mitológicos, literários e sociais, que são diferentes da cultura do texto da tradução. Esta questão pode parecer evidente, mas, lembra-se, há a opção de se ignorar este *meme*, como alguns tradutores preferem fazer, por exemplo, ao omitir nomes das divindades e antonomásticos. Este *meme* de tradução parece também ser uma grande questão de outros textos sagrados, como demonstrado nos exemplos de NT da *Bíblia*, apresentados por Goddard (1999) e Nida (2001) (veja 4.3.2). Este *meme* “diferença-cultural”, diferentemente de “universalidade-de-idéias”, representa etiquetas que apresentaram um conjunto maior de índices de relevância, ou seja, são, também, *memes* mais populares.

Um último agrupamento de etiquetas que representa o maior índice de relevância em conjunto é de *Comentário, Informação do texto sânscrito, Explicação sobre a tradução, Definição de termo técnico e Apresentação de sinônimos, antônimos e tradução alternativa*. Estes conteúdos das NT parecem evidenciar o *meme* “intraduzibilidade”, ou seja, uma idéia de que o texto traduzido dos versos não se sustenta sozinho e precisa do apoio de um paratexto, um metadiscorso. Esta suposta intraduzibilidade parece se enquadrar também no *meme* Palavra-de-Deus, como colocado por Chesterman (1999, já citado em 4.3.2), o que complica ainda mais a situação para os tradutores que acreditam nestas idéias: além de intraduzível, a *BG* é sagrada.

Assim, a análise do *corpus* inteiro ajudou a constituir os *memes* presentes através das traduções, e a análise por tradutor mostrou em que proporção cada tradutor utilizou cada um destes *memes*.

### 8.1.2 Problemas de tradução

Os problemas de tradução são apontados pelas idéias indicadas com os conteúdos de maior relevância que persistiram de forma mais expressiva através de diferentes traduções, em maior quantidade e com menos variações.

Os conteúdos de baixa relevância, como *Referência a outras tradições orientais, Referência à Filosofia, Referência a outros textos sânscritos e Referência à Ciência*, não parecem indicar problemas de tradução, mas sim características de determinados tradutores. Como já visto nas análises de cada tradução em separado, o contexto biográfico do tradutor parece ter uma relação direta com a ocorrência dos conteúdos.

Já conteúdos como *Definição de termo técnico e Explicação sobre mitologia hindu*, que apresentam os maiores índices de relevância, parecem indicar problemas de tradução, pois,

como comentado, persistem sob vários pontos de vista e em várias traduções. É interessante que essas etiquetas mais relevantes também são as que apresentam a menor variação de ocorrências entre os capítulos. Ou seja, tampouco são problemas pontuais de alguns capítulos, mas sim da obra inteira.

Outro fato que reforça a questão de os problemas de tradução estarem relacionados à *Explicação sobre mitologia hindu* e *Definição de termo técnico* são os resultados relacionados com a observação dos casos de versos mais anotados, tanto quanto à quantidade de NT, quanto à variedade de tradutores. A baixa probabilidade de coincidências de vários tradutores anotarem o mesmo verso mostra que há fatores não-aleatórios na decisão sobre o local de incidência de NT – lembra-se o caso da probabilidade de 0,0000145% do ocorrido em que 7 tradutores diferentes anotaram o verso II:45. E o fato de os conteúdos mais presentes, justamente nestes casos dos versos anotados, serem estas duas etiquetas as mais relevantes coloca mais peso nesta conclusão.

### 8.1.3 Notas de tradução como um paratexto

Analisando-se as NT em conjunto com os outros peritextos de cada tradução em que estão inseridas, evidencia-se que essas não têm sempre relação com a variedade ou extensão de outros peritextos na mesma obra. Um exemplo está na comparação entre a tradução de Mesquita (1987) e a de Prabhu e Dasi (2002). Ambas apresentam um baixo número de NT (9 e 4, respectivamente), porém com grande diferença na variedade e extensão de outros peritextos. Este é um indício de que não há uma norma quanto à configuração do conjunto de paratextos em edições com NT.

A análise da distribuição das NT e dos conteúdos entre os capítulos demonstrou que não é a quantidade de versos que aumenta as ocorrências de NT (veja os capítulos II e XVIII) ou a quantidade de NT que aumenta a quantidade de conteúdos diferentes.

Quanto à análise do conteúdo das NT com relação à forma de apresentação após o verso, percebe-se que, apesar de peritextos com esta forma de apresentação serem associados ao conteúdo *Comentário*, a grande maioria (81%, cf. Tabela 20, p. 97) do conteúdo das NT do *corpus* é outro. Este fato, em conjunto com o de que há muitas NT de rodapé, de final de capítulos e de livro que apresentam conteúdo *Comentário*, demonstra que a diferença entre o tradicional comentário e a NT pode estar somente na forma de apresentação.

### 8.1.4 Resultados de objetivos específicos

Como resultados secundários, frutos de objetivos mais específicos, cita-se primeiramente o levantamento de dados sobre as traduções existentes da *BG* para o português do Brasil, reunidos no Apêndice A (p. 122), com uma exaustividade que não se encontrou em outras pesquisas. Estas informações servirão de base para futuros estudos, como será comentado logo adiante (8.3).

Um segundo resultado específico foi o próprio desenvolvimento do *corpus* de pesquisa, tendo em vista que há poucos estudos de tradução com base em *corpora* digitais no Brasil. A metodologia adotada, que inclui questões pertinentes a qualquer estudo com base em *corpus*, como a seleção, organização e manipulação dos dados, pode servir de referência para outras pesquisas semelhantes. Foi com este intuito que também se criou o Apêndice B (p. 133), com sugestões de procedimentos para digitalização de textos a serem utilizados em *corpora* digitais.

O terceiro resultado específico, tendo-se em vista o campo pouco explorado de estudos de tradução da *BG*, é o levantamento de indícios para outras pesquisas nesta linha. Por exemplo, a questão das definições de termos técnicos, que foi constatada, porém não explorada em profundidade. Assim, os resultados dessa dissertação não só levantam idéias, mas também fundamentam pesquisas futuras sobre a *BG*.

## 8.2 Limitações

Cabe aqui destacar as limitações relativas ao presente trabalho. A primeira delas é o fato de o *corpus* utilizado não apresentar todos os peritextos das edições investigadas. Um *corpus* exaustivo de peritextos – i.e. que incluísse todos os peritextos de cada edição, além das NT – poderia fornecer informações mais precisas sobre problemas e *memes* de tradução relacionados às edições analisadas. A análise complementar que se realizou, na tentativa de minimizar esta limitação levando-se em conta o conjunto de alguns peritextos textuais de cada tradução, não foi precisa quanto ao peso e aos detalhes de cada peritexto textual citado. Assim, a influência de outros peritextos presentes nas edições analisadas não foi estudada em profundidade, o que, provavelmente, influencia os resultados obtidos sobre as edições do *corpus* de pesquisa que tiveram como base somente a análise aprofundada das NT.

A segunda limitação a se comentar diz respeito à abrangência dos resultados para todo o *corpus* de edições brasileiras da *BG*. Das 23 edições encontradas, o *corpus* dessa pesquisa apresenta apenas 8. Assim, há ainda muito material para ser analisado de forma a se terem conclusões mais generalizáveis para o conjunto das edições da *BG* em português do Brasil.

Uma terceira questão é referente ao fato de não se ter analisado questões da tradução do texto em si, ou, como diria Genette (1997), do texto “original”, sem os paratextos. Evidentemente não é possível abarcar todos os tipos de análise numa dissertação, porém se ressaltam essa limitação, pois relativiza a generalização dos resultados quanto aos estudos sobre a tradução da *BG*.

Como quarta limitação, pontua-se que, ao final da análise dos dados, percebeu-se a necessidade de algumas melhorias na taxionomia das NT utilizada (i.e. as etiquetas). Há uma limitação na descrição das NT com vários conteúdos repetidos. Por exemplo, não se fez distinção entre NT com breves menções de outras traduções da *BG* e NT com extensas citações de várias outras traduções diferentes. Há um peso nesta questão que não foi computado na análise. Outra limitação da taxionomia está na diferença de especificidade entre as etiquetas, pois algumas, como *Explicação sobre mitologia hindu*, representam uma maior variedade de conteúdos do que, por exemplo, *Explicação sobre antonomástico*. Porém, não se conseguiu desmembrar ainda mais as etiquetas devido à dificuldade de separação entre mitologia, religião, teologia, filosofia hindu etc. Ainda sobre a limitação da taxionomia das etiquetas, há uma questão quanto aos níveis de análise que elas representam, principalmente da categoria das etiquetas de conteúdo. Uma análise descritiva das NT mais apurada pediria melhor separação em níveis ou categorias de análise que, em parte, já foram feitos entre *Forma de apresentação* e *Conteúdo*. Porém, dentro da categoria *Conteúdo*, há casos como *Remissão intratextual* e *Definição de termo técnico* que não estão na mesma categoria de análise; i.e. uma informa *a maneira* como foi feito algo e a outra *o que* foi feito. Assim, talvez seja possível criar uma nova categoria de etiquetas quanto à forma discursiva.

### 8.3 *Pesquisas futuras*

Há, como desdobramento dessa dissertação, vários aspectos que podem ser explorados em outras pesquisas futuras. O primeiro deles é um estudo mais profundo sobre os peritextos em geral das edições brasileiras da *BG*, questão esta já pontuada nas limitações deste trabalho.

O segundo aspecto, também relacionado ao suprimento de outra limitação, diz respeito a outra análise mais exaustiva das edições brasileiras da *BG*.

O terceiro aspecto tem respaldo nos dados analisados e é sobre a tradução de termos técnicos na *BG*. Como se percebeu pelos dados, esta questão é, muito provavelmente, um tema central para o estudo da tradução deste texto indiano.

Outra sugestão é a realização de um estudo sobre a história da tradução da *BG* no Brasil. A presente investigação conseguiu, como já comentado neste capítulo, reunir várias informações sobre as edições brasileiras da *BG*. Com estes dados, será possível entrar mais profundamente em cada tradução encontrada, talvez encontrar outras, e reconstituir a trajetória histórica da tradução deste texto. Assim, com mãos nestas informações históricas, será possível utilizar a época da tradução como mais uma categoria de análise em qualquer outra pesquisa da *BG*.

Por fim, seria relevante a inclusão de edições da *BG* em outros idiomas na pesquisa. Utilizando-se um *corpus* multilíngüe, poder-se-ia trazer informações sobre outras “escolas” de tradução e possíveis diferenças no uso de paratextos em geral e NT em específico.

#### **8.4 Aplicações dos resultados**

Pode-se também pensar em algumas aplicações pedagógicas ou instrumentais para os resultados dessa pesquisa. Uma delas envolve as diferentes maneiras de uso das NT documentadas, tanto quanto à forma de apresentação, quanto ao conteúdo que pode ser abordado por meio deste tipo de paratexto. Estas formas podem ser levadas em conta no repertório de possibilidades, principalmente no universo dos textos sagrados.

Outra possível aplicação vislumbrada seria o auxílio para futuras traduções da *BG*, outros textos hindus em sânscrito ou mesmo de outros texto sagrados, no sentido de fornecer informações sobre os prováveis problemas de tradução que podem ser levados em conta.

Espera-se que este trabalho sirva como uma semente lançada no campo fértil dos Estudos da Tradução em geral, contribuindo especificamente para o estudo sobre paratextos, notas de tradução e uso de *corpora* digitais. Além disso, ao focar a *BG*, enquanto um texto sagrado e em sânscrito, espera-se ter preenchido uma lacuna importante na literatura dos Estudos da Tradução, principalmente no Brasil, sobre sânscrito, textos sagrados, religiosos e

sensíveis, bem como especificamente sobre a *BG*, que, por si só, mostra-se como um campo promissor de pesquisas<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> Há, também, uma contribuição pessoal para o pesquisador dessa dissertação: a satisfação de poder estudar a tradução como uma grande busca de identificação com o Outro, atrás, junto ou ao rodapé do texto. Enquanto não houver identificação por parte do leitor, não há, ainda, uma tradução.



## REFERÊNCIAS

ARIEIRA, Gloria. **Śrīmadbhagavadgītā: a gloriosa canção do senhor**. Rio de Janeiro: Vidya Mandir, 1979-1981. 3v., mais detalhes sobre esta tradução no Apêndice A.

ARNOLD, Edwin. **Song Celestial or Bhagavad-Gita**. Yoga movement. Apple Valley: The Roberts Group. Disponível em: <<http://www.yogamovement.com/texts/gita.html>>. Acesso em: 19 maio 2005. Tradução do sânscrito para o inglês, a l.e. foi: New York, Truslove:Hanson & Comba, 1900.

AZEVEDO, Murilo Nunes de. **O Cântico do Senhor (Bhagavad Gita)**. São Paulo: Cultrix, 1981. Mais informações no Apêndice A.

BAKER, Mona. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. **Target: International Journal of Translation Studies**, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, v.7, n.2, p. 223-243, 1995. ISSN 0924-1884.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990.

BECKFORD, William. **Vathek**. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002. ISBN 85.254.0620-1.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Tradução de Maria Emília Pereira Channut. Bauru: EDUSC, 2002. (Coleção Signum), 356p., inclui bibliografia, ISBN 85-7460-137-3.

BORREL, Roviralta. **Bhagavad Gita: Canto del Señor**. 3. imp. México: Editorial Diana, 1975. Baseada na 1. ed. de 1972.

CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CESAR, Ana Cristina. O conto *Bliss* anotado... ou Paixão e técnica: tradução, em língua portuguesa do conto *Bliss* de Katherine Mansfield, seguida de 80 anotações. In: **Escritos da Inglaterra**. Tradução de Maria Luiza Cesar. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 9-84.

CHANDRAMUKHA SWAMI. **108 Pérolas de Sabedoria**. [s.l.: s.n.], [20--?]. Disponível em: <<http://www.gita.vraja.net>>. Acesso em: 20 jul. 2006. Tradução do inglês para o português do Brasil da tradução do sânscrito para inglês de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, mais detalhes no Apêndice A.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13.e. São Paulo: Ática, 2003.

CHESTERMAN, A. **Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory**. Amsterdam: John Benjamins, 1997. (Benjamins Translation Library Series, No. 22).

DALGAARD, Rune. Hypertext and the Scholarly Archive: Intertexts, Paratexts and Metatexts at Work. In: ACM CONFERENCE ON HYPERTEXT AND HYPERMEDIA, XII, 2001, Aarhus [Denmark], **Proceedings...** New York: Acm Press, 2001, p. 175-184. Disponível em: <[http://imv.au.dk/~runed/pub/dalgaard\\_acmht01.pdf](http://imv.au.dk/~runed/pub/dalgaard_acmht01.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2006.

DESIMON, Olavo Orlando (Swami Krishnapriyananda Saraswati). **O Bhagavad-Gita, o som de Deus**. Fremont (EUA): International Gita Society. Disponível em: <[http://www.gita-society.com/language/brazil\\_intro.htm](http://www.gita-society.com/language/brazil_intro.htm)>. Acesso em: 17 maio 2006. Tradução do inglês para o português do Brasil baseada na tradução do sânscrito para o inglês de Ramananda Prasad, mais detalhes no Apêndice A.

DOWSON, John. **A Classical Dictionary of Hindu Mythology & Religion, Geography, History, and Literature**. 15. imp. New Delhi: Rupa and Co, 2005. 411p. 1.e. de 1982.

DUARTE, Rogério. **Bhagavad Gita: Canção do Divino Mestre**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Tradução do sânscrito para o português do Brasil, mais no Apêndice A.

DUKE, Dawn Alexis. **Traçando os rumos da nota do tradutor: o caso de O mundo se despedaça**. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, São Paulo, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994-1995. Obra em 19 fascículos semanais encartados na Folha de São Paulo, de outubro de 1994 a fevereiro de 1995.

FERREIRA, Eloise. **Bhagavad-Gîtâ**. São Paulo: Editora Três, 1973. Tradução do espanhol para o português do Brasil baseada na tradução do sânscrito para o espanhol de Roviralta Borrel, inclui introdução e notas de tradução, esgotada na editora Uma nova impressão idêntica no miolo, com nova encadernação, foi feita em 2005, mais detalhes desta tradução no Apêndice A.

FERREIRA, Rodrigo Gomes. A contribuição de elementos extratextuais para a traduzibilidade da Bhagavad Gita analisada segundo o parâmetro "Obra" de Peeter Torop. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 58., 2006, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** São Paulo: SBPC/UFSC, 2006b. Anais ainda não publicados.

FERREIRA, Rodrigo Gomes. Deus como personagem: indícios da (des)preocupação com aspectos literários em traduções do texto sagrado Bhagavad GItA. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, PGET, Universidade Federal de Santa Catarina, n.2, maio 2006. Disponível

em: <<http://www.scientiainductionis.ufsc.br/deus.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2006a. Revista virtual.

FICHTE, J. G. **A doutrina-da-ciência de 1794 e outros escritos**. Tradução, comentários e notas de R. R. Torres Filho. São Paulo: Abril, 1980.

GENETTE, Gérard. **Paratexts: Threshold of Interpretation**. Cambridge University Press, 1997. Edição digitalizada disponível em: <<http://books.google.com>>.

GODDARD, Burton L. The Footnoting System. In: POLCYN, Richard P. (ed.). **The NIV: The Making of a Contemporary Translation**. Colorado Springs: International Bible Society, 1999, p. 32-44.

GOHN, Carlos Alberto. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, Adriana (org.). **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 147-170.

GUIMARÃES, Zoraida H. **Um Pilar de Luz no Cosmo**. Florianópolis: Lunardelli, 2000.

GULMINI, Lilian Cristina. Cultura e intertextualidade numa tradução do sânscrito. In: **Revista estudos lingüísticos**, Grupo de estudos lingüísticos do estado de São Paulo, v. 33, p. 595-600, 2004.

GULMINI, Lilian Cristina. **O Yogasutra de Patañjali**: Tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e lingüísticos. 29 maio 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística: Semiótica e Lingüística Geral) – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-03122003-163103/>>. Acesso em: 20 set. 2005.

HATTNER, Álvaro. Nota de pé de página: alicerce fundamental da tradução. **Tradução & Comunicação**, São Paulo, UNIBERO, n.6, p. 98-100, jul. 1985. ISSN: 0101-2789.

HENRY, Jacqueline. De l'érudition à l'échec: la note du traducteur. **Meta: Journal des Traducteurs**, Canadá, Les Presses de l'Université de Montréal, v. XLV, n. 2, p. 228-240, 2000.

HERMANS, Theo. Translation and Normativity. **Current Issues in Language & Society**, v. 5, n. 1&2, p. 51-72, 1998. Disponível em: <<http://www.channelviewpublications.net/cils/005/0051/cils0050051.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2006.

HERMÓGENES, José. **O Fluir da canção do Senhor**: Gita Vahini. 2.e. [s.n.]: Zian Editora, 2006. 256p., ISBN: 85-88584204, mais informações no Apêndice A.

HINDU SCRIPTURES: Ancient holy texts revealed by God and man. Lifestyle. Insight. **Hinduism Today**, Hawaii, Himalayan Academy, v.28, n.3, p. 37-52, jul./aug./sep. 2006. ISSN 0896-0801, edição digital em PDF.

HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa. **Translatorisches Handeln**: Theorie und Methode. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1984.

INSTITUTO AHAU. **Huberto Rohden**. Inspire-se. Disponível em: <<http://www.ahau.org/hubertorohden.0.html>>. Acesso em: 10 jul. 2006. Local na internet do espaço terapêutico Instituto Ahau.

ISTITUTO INTERNAZIONALE DI STORIA ECONOMICA "F. DATINI". **Revista de História**, Provincia di Prato [Itália]. Disponível em: <<http://www.istitutodatini.it/biblio/riviste/r-t/re-hi3.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2006.

JARDIM JR, David Gomes. **A Essência do Bhagavad Gita**: Dos Upanishads e Outras Escrituras Hindus. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. 112p., ISBN 85-00-40916-9, mais informações no Apêndice A.

JECUPÉ, Kaka Werá. **Tupã Tenondé**: a criação do universo, da Terra e do homem segundo a tradição oral Guaraní. São Paulo: Peirópolis, 2001.

JOHANSSON, Stig. On the role of corpora in cross-linguistic research. In: JOHANSSON, Stig; OKSEFJELL, Signe. **Corpora and Cross-linguistic Research**: Theory, Method, and Case Studies. Amsterdam: Rodopi, 1998, p. 1-24. (Language and Computers: Studies in Practical Linguistics, n. 24).

KAK, Subhash. Uma ponte para o futuro. **Cadernos de Yoga**, Florianópolis, Comunidade do Saber, n. 11, p. 23, 2006.

KAPLAN, Yosef. **Do Cristianismo ao Judaísmo**: A História de Isaac Oróbio de Castro. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 542 p.

KLEINERT, Thalysia de M. P. **Bhagavad Gita**: a canção do senhor. São Paulo: Shakti, 1994. Tradução do inglês para o português do Brasil da tradução do sânscrito para o inglês de Swami Prabhavananda e Christopher Isherwood, mais no Apêndice A.

KOTHARI, Rita. **Translating India**. Manchester, U.K.: St. Jerome Publishing, 2003.

LAL, P. **The Mahabharata**: an Annotated Bibliography. Calcutta, India: Writers Workshop, 1973. Disponível em: <[http://www.geocities.com/harindranath\\_a/maha/mbh\\_biblio\\_lal.html](http://www.geocities.com/harindranath_a/maha/mbh_biblio_lal.html)>. Acesso em: 15 maio 2006.

LÉGER, Benoit. Traduire ou imiter les *Psaumes*: la version de Desfontaines (1717). **TTR**: traduction, terminologie, rédaction, [s.n.], Association canadienne de traductologie, v. 14, n. 1, 1. sem., p. 65-99, 2001. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/ttr/2001/v14/n1/index.html>>. Acesso em: 24 mar. 2006. (Traductologie et diversité). ISSN 1708-2188.

LIMA, Norberto de Paula. **Bhagavad Gita segundo Gandhi**. São Paulo: Ícone, 1992. Tradução do inglês para o português de Norberto de Paula Lima. Tradução do sânscrito para o gujaráti de M. K. Gandhi, mais detalhes desta tradução no Apêndice A.

LORENZ, Francisco Valdomiro. **Bhagavad-Gîtâ**: a mensagem do mestre. São Paulo: Pensamento, 1999. il., tradução para o português do Brasil, mais detalhes no Apêndice A.

MAGALHÃES, Célia Maria; BATISTA, Maria da Conceição. Features in translated brazilian-portuguese texts: a corpus-based research. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Núcleo de Tradução, n.9, p. 81-129, 2002.

MALMKJR, Kirsten (ed.). **The Linguistics Encyclopedia**. U.K.: Routledge, 2001. 643 p.

MEDEIROS, Ritalice Ribeiros de. Translational Norms: A Prescripion? Revisiting the Concept. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Tradução, n.4, p. 141-150, 1999.

MEMÓRIA Rohden. **Os livros de Huberto Rohden**. Disponível em: <<http://memoriarohden.cjb.net/>>. Acesso em: 10 jul. 2006. Local na internet de um grupo sobre Huberto Rohden.

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório**: Análise e Reflexão sob uma Perspectiva Discursiva. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 183 p. Inclui bibliografia, ISBN 85-7025-673-6.

MONIER-WILLIAMS, Sir Monier. **A Sanskrit-English Dictionary**. Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/sripedia/ebooks/mw/index.html>>. Acesso em: 01 jul. 2005. Versão digital completa.

MONIER-WILLIAMS, Sir Monier. **A Sanskrit-English Dictionary**. New Delhi: Motilal Banarsidass, 2002. ISBN 81-208-0065-6, 1. ed. impressa em Oxford, pela University Press, 1899.

MOREL, HÉCTOR V. **El Bhagavad Gita**: o el canto del señor. 4.e. Buenos Aires: Kier, 1994. Tradução do inglês para o castelhano baseada na tradução do sânscrito para o inglês de Annie Besant.

NELSON, Kristopher. **A Pretext for Writing**: Prologues, Epilogues, and the notion of Paratext. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.eskimo.com/~krisn/eng599/eng599.html>>. Acesso em: 7 jul. 2005. Publicado originalmente em: 12 jun. 1998.

NIDA, Eugene A. Bible Translation. In: BAKER, Mona (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 2001, p. 22-28.

NIDA, Eugene A. Techniques of adjustment. In: NIDA, Eugene A. **Toward a science of translating**. Leiden, Holanda: Brill, 1964, p. 226-240.

NORD, Cristiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. U.K.: St. Jerome Publishing, 2001. Re-impressão da 1a. ed. de 1997.

NOVALIS. **Pólen**: Fragmentos, diálogos, monólogo. Introdução, tradução e comentários de R. R. Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.

O BHAGAVAD-GITA COMO ELE É. São Paulo: Fundação Bhaktivedanta, 1998. 308 p., tradução para o português do Brasil de devotos do Movimento Hare Krishna baseada na tradução do sânscrito para o inglês de Bhaktivedanta Swami Prabhupāda. ISBN 85-7015-056-3, ed. condensada, mais detalhes no Apêndice A.

ORDEM ROSACRUZ. Missão Rosacruz. **Ordem RosaCruz**. Disponível em: <<http://www.amorc.org.br/index.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2006. Local na *internet* oficial da instituição em língua portuguesa.

OSIMO, Bruno. **Curso de Tradução**. Tradução de Mauro Rubens da Silva e Nadia Fossa. Disponível em: <[http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic\\_resources.traduzione\\_bp?lang=bp](http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.traduzione_bp?lang=bp)>. Acesso em: 04 out. 2005. 1a. parte, Conceitos Fundamentais, lições 31-33.

ØVERÅS, Linn. In Search of the Third Code: An Investigation of Norms in Literary Translation. **Meta**, Les Presses de l'Université de Montréal, v. XLIII, n. 4, 1998. Disponível na internet em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1998/v43/n4> >. Acesso em: 15 jul. 2006. Sem paginação.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. **Competência em tradução**: cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PARAMAZEND, S. **O canto do senhor abençoado**. Rio de Janeiro: [s.n.], [19--?]. (Sabedoria da China e da Índia), mais detalhes no Apêndice A.

POMBO, Márcio Lima Pereira. **O Bhagavad Gita como ele é**. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1976. Tradução do inglês para o português do Brasil da tradução do sânscrito para o inglês de Swami Prabhupada, mais informações no Apêndice A.

PRABHUPĀDA, Bhaktivedanta Swami. **Bhagavad-gītā As It Is**. [s.n.]: The Bhaktivedanta Book Trust International, Inc. Disponível em: <<http://bhagavadgitaasitis.com>>. Acesso entre: 15 out 2005 e 15 jul 2006. Tradução do sânscrito para o inglês, mais informações no Apêndice A.

PRASAD, Anil K. The Gita: A matchless metaphor for management. **Yemen Times**, Yemen, n. 961, v. 14, 3 jul. 2006 / 5 jul. 2006. Disponível na internet em: <<http://yementimes.com/article.shtml?i=961&p=local&a=11>>. Acesso em: 15 jul. 2006.

RAMACHARAKA, Yogi (ed.). **The Bhagavad Gita or the Message of the Master**. USA: Kessinger Publishing, 1998. Compilação de várias traduções antigas. 1.ed. em 1935, Chicago, pela The Yogi Publication Society.

RAMASAMY, Narayanan; SIMPSON, Candace J. **Introduction to Samskr̥tam**: part 1. Bombay, India: Asia Publishing House, 1988.

ROBY, Warren B. What's in a Gloss? **Language Learning & Technology**, v.2, n.2, p. 94-101, jan. 1999. Disponível em: <<http://llt.msu.edu>>. Acesso em: 30 jan. 2006.

ROHDEN, Huberto. **Bhagavad Gita: a sublime canção**. São Paulo: Martin Claret, 2000. 224p., Tradução para o português do Brasil, ed. especial il., inclui apresentação, depoimentos, introdução, ilustrações, 115 n.t., glossário, explicação sobre o Mahabharata com propaganda de uma tradução e um filme, propaganda da tradução da *BG* de Prabhupada. Omite os 1<sup>os</sup> 24 versos, não translitera termos em sânscrito, ISBN 85-7232-170-5, mais detalhes sobre esta tradução no Apêndice A.

ROHDEN, Huberto. **Bhagavad Gita**. São Paulo: Martin Claret, 1997. Tradução para o português do Brasil de Huberto Rohden, ISBN 85-7232-170-5, ed. utilizada no corpus, mais detalhes sobre esta tradução no Apêndice A.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 2.e. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROW, Vasudeva. **Srimad Bhagavad Gita**. Goiania: Bandeirantes, 1993. Tradução do inglês para o português do Brasil baseada na tradução do sânscrito para o inglês de H. Yogui, mais detalhes no Apêndice A.

SAMSKRITAPRIYAH. The **Devanagari Script**. Disponível em: <<http://acharya.iitm.ac.in/sanskrit/lessons/Devan/devan.html>>. Acesso em: 24 jun. 2005. Uma das lições de um curso *online* de sânscrito.

SANTOS, Agenor Soares dos. N. do T.: Quando se justifica e quando se impõe um comentário do tradutor. **ABRATES**, Rio de Janeiro, ano IV, n.1, p. 5-8, mar./abr. 1979.

SARDINHA, Tony Berber. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Tradução, n.9, p. 15-59, 2002.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004. Inclui bibliografia.

SCHLEGEL, August Wilhelm Von. Sobre a Bhagavad Gita. Tradução de Maria Aparecida Barbosa. In: WERNER, Heidermann (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**: Antologia bilíngüe, alemão-português. v.1. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. p. 107-113.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, Werner. **Clássicos da teoria da tradução**: antologia bilíngüe, alemão-português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001. p. 27-87.

SELIGMANN, Márcio. Filosofia da Tradução – Tradução de Filosofia: o princípio da intraduzibilidade. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Tradução, n. 3, p. 11-47, 1998.

SEPHARIEL. Francisco Valdomiro Lorenz. **Hermanubis Martinista**. Disponível em: <<http://www.hermanubis.com.br>>. Acesso em: 08 jul. 2006. Biografias.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1997.

SNELL-HORNBY, Mary. Transcodificação linguística ou transferência cultural? Uma crítica da teoria da tradução na Alemanha. Tradução de Élide P. Ferreira e Paulo Ottoni. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, UNICAMP, n.30, p. 83-91, jul./dez. 1997.

STELLA, Jorge Bertolaso. **Provérbios da Índia**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1956. 48p., prefácio do autor, esgotado.

STELLA, Jorge Bertolaso. **Zoroastro, Buda e Cristo**. [s.l.]: Projeto Periferia. Disponível na internet em: <<http://www.geocities.com/projetoperiferia5/zoroastro.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2006. Texto digitalizado do livro publicado originalmente em 1971, inclui biografia e relação de obras do autor.

STELLA, José Bertolaso. **A Bhagavad-Gîtâ**. São Paulo: Sociedade de Estudos Históricos, 1970. Tradução do sânscrito para o português.

STEVENSON, William J. **Estatística aplicada à administração**. Tradução de Alfredo Alves de Farias. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.



SWAMI PRABHAVANANDA; ISHERWOOD, Christopher. **The Song of God: Bhagavad Gita**. EUA: Mentor, 1972. Tradução do sânscrito para o inglês, verso e prosa não numerados, introdução de Aldous Huxley, inclui apêndices.

TAGNIN, Stella. Apresentação. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Tradução, n. 9, p. 9, 2002.

TATHAGATANANDA, Swami. **The Bhagavad-Gita's Central Role In Germany's Spiritual Life**. Vedanta Society of New York. Disponível na internet em: <[http://www.vedanta-newyork.org/articles/bhagavad\\_gita\\_3.htm](http://www.vedanta-newyork.org/articles/bhagavad_gita_3.htm)>. Acesso em: 06 dez. 2004.

TOROP, Peeter. **La Traduzione Totale**. Tradução de Bruno Osimo. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[http://www.wordtheque.com/owawt/new\\_wordtheque.w6\\_start.doc?code=52173&lang=IT](http://www.wordtheque.com/owawt/new_wordtheque.w6_start.doc?code=52173&lang=IT)>. Acesso em: 05 out. 2005. Título do original: Total'nyj perevod, publicado em 2002.

TORRES JR, Jayme da França; TORRES, Márcia de Castilho. **Sua Santidade Maharishi Mahesh Yogi comenta o Bhagavad Gita**: Nova tradução e comentário, Capítulos 1 a 6. São Paulo: Best Seller, 1994. Tradução do inglês para o português da tradução do sânscrito para o inglês de Maharishi Mahesh Yogi, ISBN 85-7123-408-6, mais informações no Apêndice A.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995. (Benjamins Translation Library, Vol 4).

TRABELSI, Chédia. La problématique de la traduction du Coran: étude comparative de quatre traductions françaises de la sourate « La lumière ». **Meta**, Les Presses de l'Université de Montréal, v. XLV, n. 3, p. 400-411, 2000. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2000/v45/n3>>. Acesso em: 14 nov. 2005.

VARANTOLA, Krista. Disposable corpora as intelligent tools in translation. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Tradução, n. 9, p. 171-189, 2002.

VISHAKA. **O amigo mais querido**: Bhagavad-Gita para crianças. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1996. il., color., adaptação infanto-juvenil, tradução do inglês para o português do Brasil, mais informações no Apêndice A.

WATTS, Richard. **Packaging Post/Coloniality: The Manufacture of Literary Identity in the Francophone World**. Lanham [USA]: Lexington Books, 2005, introdução, não paginado. Disponível em: <<http://chapters.lexingtonbooks.com/07/391/0739108557ch1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2005.

WEININGER, M. J. Bhagavad Gita: Canção do Divino Mestre. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Núcleo de Tradução, n. 4, p. 453-460, 1999. Resenha da tradução: DUARTE, Rogério. Bhagavad Gita: Canção do Divino Mestre. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Tradução do sânscrito para o português do Brasil, mais detalhes sobre esta tradução no Apêndice A.

WIKIPÉDIA. Huberto Rohden. **Wikipédia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Huberto\\_Rohden](http://pt.wikipedia.org/wiki/Huberto_Rohden)>. Acesso em: 10 jul. 2006. Artigo em enciclopédia colaborativa na internet.

WILKINS, Charles. **The Bhagvet Geeta**. Pune, Índia: The Asiatic Society of Bengal, 1785. 1.a. tradução registrada da Bhagavad-Gita para uma língua ocidental.

WILMER, Haydée Touriño (org.). **Śrīmad Bhagavad Gita**: de Bhagavan Sri Krishna. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2002. 344p., 16x23 cm, ISBN 85-902292-1-1, tradução, resumo do Mahabharata, glossário, artigos complementares, baseado num texto sânscrito com 26 capítulos e 745 versos, mais detalhes desta tradução no Apêndice A.

WUJASTYK, D. **Transliteration of Devanāgarī**. [s.l.: s.n.]. Disponível na internet em: <<http://www.ucl.ac.uk/~ucgadkw/members/transliteration/html/translit.html>>. Acesso em 17 jan. 2005. Publicado originalmente em: 25 jun. 1996.

YOGANANDA, Paramahansa. **God Talks With Arjuna**: The Bhagavad Gita. Kolkata: Yogoda Satsanga Society of India, 2002. 2 v., il., color., Tradução do sânscrito para o inglês, inclui ampla introdução, comentários, versos em devanagari e transliterados (Convenção de Genebra).

ZIMMER, Heinrich Robert. **Filosofias da Índia**. Tradução de Nilton Almeida Silva, Cláudia Giovani Bozza e participação de Adriana Facchini de Césare; versão final Lia Diskin. 2.ed. rev. amp. São Paulo: Palas Athena, 2003. Compilado por Joseph Campbell, 1.ed. em 1986.

# APÊNDICE A – Edições brasileiras da

## *Bhagavad-Gītā*

As 22 edições abaixo estão classificadas por ordem crescente segundo as datas das suas primeiras publicações encontradas.

### **O canto do senhor abençoado**

S. Paramazend.

**Edição:** [Coleção?] Sabedoria da China e da Índia. Rio de Janeiro: [s.n., 19--?]. Referenciada na bibliografia de Stella (1970, p. 26).

### **Bhagavad-Gîtâ: a mensagem do mestre**

Francisco Valdomiro Lorenz

#### **Edições:**

1. 3a. ed., de 1936 (disponível na UFRJ, sob o título *Bhagavad Gita: a sublime canção da imortalidade*);
2. São Paulo: Pensamento, 1999;
3. São Paulo: Pensamento, 2001, 178p. ISBN: 8531500583, brochura, formato médio, mais recente encontrada na loja Submarino em: 08 jul. 2006.

**Linha de tradução:** declara basear-se na edição inglesa de Ramacháraca, a edição em sânscrito e latim de Schlegel, e a edição alemã de Franz Hartmann.

**Observações:** Inclui introdução; sumário; propaganda de outros livros da editora; sinopse na quarta capa; notas de tradução numeradas no rodapé; sinopse do capítulo ao início de cada capítulo; versos em prosa e numerados; transliteração não padronizada (aparentemente tentar grafar sibilantes como “sh” e vogais longas com acento circunflexo).

**Sobre o tradutor:** Francisco Valdomiro Lorenz nasceu na antiga Tchecoslováquia em 1872 e faleceu em 1957, Porto Alegre, RS. Envolveu-se com tradições esotéricas, como a Ordem Rosa Cruz<sup>67</sup> e a Astrologia. Tinha conhecimento de dezenas de idiomas. Editou seu primeiro

---

<sup>67</sup> “[...] organização internacional de caráter místico-filosófico, que tem por missão despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da Tradição e da Cultura Rosacruz” (ORDEM, 2006).

livro em 1890, escrito em esperanto (SEPHARIEL, 2006). No Brasil, escreveu vários livros, muitos ainda em circulação, em áreas como esoterismo, literatura (romance), idiomas (esperanto), parapsicologia entre outras. Alguns dos títulos são: *Elementos de Quiromancia; O Esperanto como Revelação; Receituário dos Melhores Remédios Caseiros; A voz do antigo Egito; Cabala*. A tradução da *BG* de Lorenz, pelo que se pesquisou, foi a primeira realizada para o português do Brasil, anterior a 1936.

## **Bhagavad Gita**

Huberto Rohden

### **Edições:**

1. 1.e. [s.l.: s.n.],1962. A existência desta edição é afirmada em um peritexto de Rohden (2000, p. 14), onde se afirma que sua primeira tradução da *BG* publicada foi em 1962, informação que não está na edição de 1997;
2. São Paulo: Martin Claret, 1997. ISBN 85-7232-170-5.
3. São Paulo: Martin Claret, 2000. ISBN 85-7232-170-5. Apresenta leves modificações no projeto gráfico da edição de 1997.
4. São Paulo: Martin Claret, 2003. ISBN: 85-7232-544-1. 159 p., 1.e. em formato de bolso.

**Linha de tradução:** Declara (p. 17) ter se baseado principalmente em Sir Edwin Arnolds e Swami Premananda, com apoio de Franz Hartmann e conferência com Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

**Peritextos:** advertência sobre o uso da palavra latina *crear* na tradução; texto sobre a flôr de lótus; citações de apreciação da *BG* por pessoas famosas; texto sobre a filosofia da *BG* e o processo de tradução; reprodução de alguns versos da *BG* em *devanāgarī*; sinopse dos capítulos ao início de cada capítulo; glossário; apêndice sobre o *Mahābhārata*; apêndice sobre o filme do *Mahābhārata* de Peter Brook; sumário; relação de outras obras do tradutor (Rohden); sinopse do livro na quarta capa; apresentação do *Mahābhārata*, da *BG* e biografia do tradutor na orelha do livro.

**Observações:** Tradução em prosa, versos numerados, omite os 10s 24 versos, não translitera termos em sânscrito.

## **A Bhagavad-Gîtâ**

Jorge Bertolaso Stella

**Linha de tradução:** Tradução do sânscrito para o português de Jorge Bertolaso Stella.

**Edição (única):** Coleção da Revista de História. n.32. São Paulo: Sociedade de Estudos Históricos; Universidade de São Paulo, Departamento de História, 1970. ISSN: 0034-8309. (Encontrada na biblioteca da USP (FFLCH) sob o número 0096905).

**Peritextos:** agradecimentos; prefácio do tradutor (informações sobre o processo de tradução da *BG*); introdução do tradutor (informações sobre enredo, métrica, histórica de tradução, edição crítica, MSS, mitologia, religião hindu, budismo, história de criação, cristianismo etc.); bibliografia de MSS, traduções e estudos da *BG*; e sumário (chamado de índice).

**Sobre o tradutor:** Jorge Bertolaso Stella nasceu na Itália, em 1888, vindo para o Brasil com 3 anos de idade. Foi ordenado Ministro Evangélico em 1919, membro do Instituto Histórico e Geográfico de vários estados e da Academia Evangélica de Letras (RJ), sócio fundador da Sociedade de Estudos filológicos de São Paulo entre outras participações. Lecionou em ginásios, seminários protestantes e depois de jubilado, lecionou a cadeira de História das Religiões na Faculdade de Teologia da Igreja Independente. Publicou, além da tradução da *BG*, vários outros trabalhos sobre línguas (indígena, etrusca, basca), Cristianismo, e, sobre Hinduísmo, Provérbios da Índia (cf. STELLA, 1956); O Rig-Veda, 1958; e Introdução às Upanichades, 1969. (STELLA, 2006). Stella, juntamente com Arieira (1981)(não está no corpus), é um dos únicos tradutores de edições brasileiras que teve como base o texto da *BG* em sânscrito. Stella (1970, p. 8), apesar de afirmar que se baseou também na tradução de Ramakrishna, coloca (STELLA, 1970, p. 7) que traduziu a *BG* “oito vezes do texto sânscrito” e a ensinou “durante mais ou menos três anos”. A sua tradução da *BG* foi publicada originalmente por partes na Revista de História (USP) (cf. ISTITUTO INTER..., 2006), onde também publicou outros artigos sobre a literatura indiana.

## **Bhagavad-Gîtâ**

Eloise Ferreira

**Linha de tradução:** Tradução do espanhol para o português do Brasil de Eloise Ferreira. Tradução do sânscrito para o espanhol de Roviralta Borrel.

**Edições:**

1. São Paulo: Editora Três, 1973. Esgotada na editora.
2. 2. imp. São Paulo: Editora Três, 2005. Impressão fac símile do miolo da 1. edição, com nova encadernação.

**Peritextos:** texto sobre Roviralta Borrel; texto sobre história da *BG* (enredo do *Mahābhārata* anterior ao início da *BG*); e glossário.

## O Bhagavad Gita como ele é

Márcio Lima Pereira Pombo

### Edições:

1. 1.ed. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1976. (Mais antiga encontrada). Outras impressões desta edição existiram, como em 1985.
2. 2.ed. 2.imp. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust International, jan. 1995. 969p., ISBN 85-7015-056-3, 15,1 x 22,7cm, 24 il. color., capa dura, 20.000 exemplares, a 1.imp. é de ago. 1993 com tiragem de 10.000 exemplares, disponível para compra nas lojas do Movimento Hare Krishna.
3. Edição condensada: O Bhagavad-Gita como ele é. São Paulo: Fundação Bhaktivedanta, 1998. 308 p., ISBN 85-7015-056-3.
4. Edição de bolso: Bhagavad-gita Como Ele É Pocket. 924 p., 10x14 cm, 16 il. color., 700 versos, tradução em português, comentários, índice de versos, glossário, guia do alfabeto e da pronúncia em sânscrito, brochura.
5. Edição digital: PRABHUPĀDA, Bhaktivedanta Swami. Bhagavad-gītā As It Is. [s.n.]: The Bhaktivedanta Book Trust International, Inc. Disponível em: <<http://bhagavadgitaasitis.com>>.

**Linha de tradução:** Tradução do inglês para o português do Brasil de Márcio Lima Pereira Pombo. Tradução do sânscrito para o inglês de Swami Prabhupada.

**Observações:** O nome de Pombo como tradutor aparece apenas no catálogo da PUCRS, que pode ser acessado na *internet* em: <[http://verum.pucrs.br/F/2HH5JI2SSBGH2XXCL1HIUKPB3GHYNHXS7AA51Y9A7N24LN4FC6-02263?func=full-set-set&set\\_number=567259&set\\_entry=000009&format=999](http://verum.pucrs.br/F/2HH5JI2SSBGH2XXCL1HIUKPB3GHYNHXS7AA51Y9A7N24LN4FC6-02263?func=full-set-set&set_number=567259&set_entry=000009&format=999)> e cataloga uma edição da Fundação Bhaktivedanta, 1985.

**Peritextos:** versos em devanagari, transliterados, tradução termo por termo, tradução do verso, comentários em quase todos versos; comentários críticos sobre esta tradução; sumário com sinopses dos capítulos; texto situando a *BG* no enredo do Mahabharata; prefácio; introdução sobre a filosofia da *BG*; texto sobre o autor (Prabhupāda); referências; glossário; guia do alfabeto e da pronúncia em sânscrito; índice dos versos sânscritos; índice dos versos citados, índice alfabético.

## Śrīmadbhagavadgītā: a gloriosa canção do senhor

Gloria Arieira

**Edições (única):** Rio de Janeiro: Vidya Mandir, 1979-1981. 3v. Uma nova edição, revisada e ampliada, segundo a tradutora, está em andamento, porém sem data de publicação.

**Linha de tradução:** Tradução para o português do Brasil de Gloria Arieira, declaradamente com base em anotações pessoais de aulas sobre a *BG* ministradas por Swami Dayananda Saraswati (guru da tradutora) e nos comentários de Ādi Śāṅkarācārya (*Gītābhaṣya*) – a tradução de Swami Dayananda com comentários ainda não havia sido publicada na época da tradução.

**Observação:** Separada em capítulos e versos numerados; texto em devanagari, transliterado com diacríticos; versão impressa feita de fotocópias e encadernação simples com espiral, feita com apostila do curso sobre a *BG* ministrado pela tradutora; não possui ISBN.

**Depoimento da tradutora:** A tradução foi feita para a tradutora dar aulas sobre a *BG*, de 1979 a 1981, durante quase 3 anos, quando ela traduzia 4 versos por semana para dar aula naquela semana. Ela utilizou uma edição em sânscrito, o comentário de Sri Shankara e as notas particulares dela das aulas que teve com Swami Dayananda Saraswati (seu guru). Foram feitas outras edições com revisões no texto. Atualmente (28 ago 2006) a tradutora está com uma nova revisão em andamento que será publicada em um futuro próximo e que incluirá o significado de cada palavra e o comentário para os capítulos e os versos.

## **O Cântico do Senhor (Bhagavad Gita)**

Murilo Nunes de Azevedo

**Edições:** São Paulo: Cultrix, 1981. Esgotado na editora; Disponível na Biblioteca Nacional, catálogo: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>.

**Linha de tradução:** Tradução, adaptação e comentários de Murilo Nunes de Azevedo.

**Peritextos:** apresenta as várias traduções que ele usou juntamente com o original; sumário; numeração os versos; breve comentário após cada (ou pequenos grupos de) verso. Nota introdutória, sumário, versos numerados, comentários em quase todos os versos (de umas 36 palavras), 180p.

## **A Essência do Bhagavad Gita: Dos Upanishads e Outras Escrituras Hindus**

David Gomes Jardim Júnior

**Edições (única):** Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. 112p. ISBN 85-00-40916-9. Esgotado na editora.

**Observações:** Prosa não numerada; não apresenta todos versos; nenhum peritexto do tipo notas de tradução ou comentários. Além da tradução da *BG*, apresenta seleções de trechos de outros livros, como o Rgveda, o atharvaveda etc.

### **Gita: o evangelho de Krishna**

Henrique de Araújo Mesquita

**Linha de tradução:** Tradução de Henrique de Araújo mesquita.

**Edições (única):** Rio de Janeiro: Ediouro, 1987, 120p. (Série Sabedoria e pensamento). Esgotado na editora; disponível na Biblioteca Nacional, catálogo em: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>, classificação 294.5924, localização II-429,1,9).

**Peritextos:** Sumário; prefácio do tradutor (diz que não usa termos "religiosos" hindus como Bramaa, aatman etc e refere-se à traduções para o francês de Camille Rao e Jean Herbert com comentários de Sri Aurobindo e a trad. em inglês de Isherwood), texto dividido por capítulos (sem nome) e versos não numerados separados por parágrafo, ilustrações de pinturas; formato de livro de bolso, traduz títulos no sumário; coloca o título do original com "Gita"; não diz se é uma tradução direta do sânscrito; 7 notas de tradução ao final do livro.

### **Bhagavad Gita segundo Gandhi**

Norberto de Paula Lima

**Linha de tradução:** Tradução do inglês para o português de Norberto de Paula Lima. Tradução do sânscrito para o gujaráti de M. K. Gandhi.

**Edição (única):** São Paulo: Ícone, 1992.

**Peritextos:** apresentação; introdução de Gandhi (sobre o a tradução, a filosofia da *BG*); sinopse do capítulo ao início de cada capítulo; e sumário.

### **Srimad Bhagavad Gita**

R. Vasudeva Row

**Linha de tradução:** Tradução do inglês para o português do Brasil de R. Vasudeva Row. Tradução do sânscrito para o inglês de H. Yogui.

**Edições:** Goiania: Bandeirantes, 1993. (A sua referência está no *Index Translationum*, disponível na internet em: <<http://www.unesco.org/culture/xtrans/>>, na busca bibliográfica com "bhagavad" no campo *word(s) from the original or translation Title* e "Portuguese" no campo *Target Language*. Acesso em 17 maio 2006.)



## **Sua Santidade Maharishi Mahesh Yogi comenta o Bhagavad Gita: Nova tradução e comentário, Capítulos 1 a 6**

Jayme da França Torres Júnior; Márcia de Castilho Torres.

**Edições (única):** São Paulo: Best Seller, 1994, ISBN 85-7123-408-6, disponível na Biblioteca Nacional, catálogo: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>.

**Linha de tradução:** Tradução do inglês para o português do Brasil de Jayme da França Torres Júnior e Márcia de Castilho Torres. Tradução do sânscrito para o inglês de Maharishi Mahesh Yogi.

**Peritextos:** dedicatória; prefácio à edição brasileira; transliteração românica; prefácio (1o tradutor); introdução; para cada capítulo: visão geral do capítulo dizendo o que acontece nos versos ou grupos de versos; intro ao capítulo; nagari; transliteração; tradução do verso (não parece ser versificada, mas quebra em 4 ou 3 linhas sempre); apêndices (A sagrada tradição, meditação transcendental: o princípio básico, lei cósmica (lei natural) a lei básica da criação, Os seis sistemas de filosofia indiana, endereços das capitais Maharishi da era da iluminação (algumas fora do Brasil), sumário, capítulos numerados.

## **Bhagavad Gita: a canção do senhor**

Thalysia de Matos Peixoto Kleinert

**Linha de tradução:** Tradução do inglês para o português do Brasil de Thalysia de Matos Peixoto Kleinert. Tradução do sânscrito para o inglês de Swami Prabhavananda e Christopher Isherwood.

**Edições (única):** São Paulo: Shakti, 1994.

**Observações:** versos não numerados em prosa e versificados.

Peritextos: comentários de jornais na Índia e nos EUA sobre esta tradução; dedicatória; prefácio; introdução (filosofia na *BG*, por Aldous Huxley); Gita e o Mahābhārata; apêndice sobre a cosmologia da *BG*; apêndice das idéias da *BG* sobre guerra, notas de rodapé numeradas.

## **O Gita: Resumo e Significados**

Rukmini Pati Prabhu

**Edições:** 1.a. ed. São Paulo: Madras, 1994. ISBN: 85-855-051-6-8, encontrada em livrarias.

**Observações:** Não apresenta todos os versos.

## **O amigo mais querido: Bhagavad-Gita para crianças**

Vishaka

**Edições (única):** São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1996. Tradução do original em inglês *Our most dear friend: Bhagavad-gita for children*. Tradução (adaptação) e ilustração da obra em inglês de Vishaka (1950-). (Encontrado na Biblioteca Nacional, catálogo disponível em: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>, classificação 294.5924, localização IV-2,4,43/INF. Literatura infanto-juvenil)

**Observações:** Ilustrado, colorido.

## **Bhagavad Gita: Canção do Divino Mestre**

Rogério Duarte

**Edições (única):** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 224 p., brochura, ISBN 85-7164-729-1, lançamento em: 09 mar. 1998, atualmente disponível em livrarias.

**Linha de tradução:** Tradução do sânscrito para o português de Rogério Duarte.

**Peritextos:** CD de audio com o texto da *BG* cantado (32 "Canções do Divino Mestre" e tem a participação de 29 músicos, entre eles Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, Arnaldo Antunes, Chico César e Cássia Eller); dedicatória e agradecimentos; sumário; nota introdutória de Caetano Veloso; texto sobre aspectos cronológicos; introdução à *BG* (contexto do Mahabharata, métrica, posicionamento de tradução, resumo filosófico da *BG*, paralelo das idéias da *BG* com idéias ocidentais; citações de pessoas famosas sobre a *BG*; glossário.

**Observações:** sem transliteração, tradução em versos.

## **O Fluir da canção do Senhor: Gita Vahini**

José Hermógenes.

**Linha de tradução:** Tradução, introdução e notas explicativas do inglês para o português do Brasil de José Hermógenes. Tradução (interpretação) do sânscrito para o inglês de Sathya Sai Baba.

**Edições:**

1. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999, ISBN 85-0105451-8, prefácio, apresentação (Hermógenes); Saudações (N. Kasturi); Re-escrita dos versos em tipografia normal, comentário em negrito; 694 NT, 267p., esgotada na editora; disponível na Biblioteca Nacional, catálogo: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>.
2. 2.ed. Zian Editora, 2006. ISBN: 8588584204, 256p., brochura.

## 108 Pérolas de Sabedoria

Chandramukha Swami

**Edições:** 26 dez. 1999; disponível na *internet* em: <<http://www.gita.vraja.net/>>. Acesso em: 24 jul. 2006. Edição digital com o conteúdo de outra impressa (a que não tive acesso).

**Linha de tradução:** declara ter-se baseado exclusivamente em *Bhagavad-gita Como Ele É* de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

**Observações:** Tradutor parece ser do Movimento Hare Krishna; introdução; dedicatória; traduz os versos em prosa, numerados, em 108 grupos sequenciais; comentários após cada grupo de versos.

## O Bhagavad-Gita, o som de Deus

Olavo Orlando Desimon (Sriman Ojasvi Dasa Vyasa ou Swami Krishnapriyananda Saraswati)

**Edições:**

1. 1. ed. Porto Alegre: Sociedade da Vida Divina Brasil e Sociedade Internacional Gita do Brasil, 2001. Esgotada, edição limitada, capa dura, sobre-capas coloridas, distribuída na ocasião do ciclo de palestras em 2002 quando Ramananda Prasad veio ao Brasil, verso em devanagari, verso traduzido, comentário dos versos (de Ramananda Prasad) e notas de tradução de Desimon.
2. 2. ed. rev. Porto Alegre: Sociedade Internacional Gita do Brasil, 2002. Esgotada, paratextos iguais à 1. ed.
3. 3. ed. rev. Porto Alegre: Sociedade Internacional Gita do Brasil, 2005. Esgotada, igual à 1. ed.
4. 4. ed. rev. Porto Alegre: Sociedade Internacional Gita do Brasil. No momento de troca de *e-mails* com o tradutor da edição brasileira (28 ago 2006), esta edição estava pronta e à espera de uma definição sobre a gráfica para impressão.
5. Versão disponível na *internet* em: <[http://www.gita-society.com/language/brazil\\_intro.htm](http://www.gita-society.com/language/brazil_intro.htm)>. Acesso em: 17 maio 2006. Edição de 2002, em prosa, versos numerados, notas do tradutor para o inglês após a maioria dos versos, algumas notas do tradutor para o português, subtítulos para avisar sobre o assunto tratado nos versos seguintes; não há padronização de apresentação visual dos versos e NT; há muitos erros de digitação.

6. Versão disponível na *internet* em: <<http://www.gita-society.org.br/>>. Acesso em 28 ago 2006. O título desta versão está como “Bhagavad-Gita, a Canção do Senhor” e é o texto da 1. ed. impressa (2001) com algumas correções.

**Linha de tradução:** Tradução do inglês para o português do Brasil baseada na tradução do sânscrito para o inglês de Ramananda Prasad.

**Observações:** O tradutor da edição brasileira é presidente da IGS Brasil e Latino-América. Ramananda Prasad é especialista em Sânscrito, Hindi e outras escritas e línguas locais da Índia. A tradução foi feita diretamente do original segundo a tradição do Advaita Vedanta de Sri Adi Sankaracharya, sob orientação de Sri Swami Hariharji Maharaj, fundador internacional do Gita Ashrama (mestre espiritual de Ramananda).

### **Srimad Bhagavad Gita de Bhagavan Sri Krishna**

Haydée Touriño Wilmer.

**Edições (única):** Rio de Janeiro: Edição da organizadora/tradutora, 2002, ISBN 85-902292-1-1, encontrado na Biblioteca Nacional, catálogo disponível em: <[www.bn.br](http://www.bn.br)>, encontrado em sebos.

**Observações:** 26 capítulos; 745 versos; tradução dos versos, resumo do Mahabharata, glossário e artigos complementares da tradutora; informações: Sudda Dharma Mandalam [www.riberguia.com.br](http://www.riberguia.com.br), caixa postal 407, cep 14015-130, Ribeirão Preto (SP). Conteúdo: divisão em capítulos e versos numerados, introdução à cada verso ou grupo de versos.

### **Srimad Bhagavad Gita: O Tesouro Oculto do Doce Absoluto**

Sripad Bhuvana Mohan Prabhu e Srimati Bhimala Dasi

**Linha de tradução:** Tradução do sânscrito para o bengali de Srimad Bhakti Raksak Sridhar Dev-Goswami Maharaj. Tradução bengali para o inglês de Tridandi Bhikṣu Śrīpād B. S. Sagar Swāmī Mahārāj. Tradução do inglês para o português de Śrīpād Bhuvana Mohan Prabhu e Śrīmati Bhimala Devi Dasi.

**Edições (única):** São Paulo: Prema, 2002, ISBN 85-88583-02-X.

**Peritextos:** 4 notas de rodapé numeradas; folha com nome de todos tradutores anteriores (sânscrito > bengali > inglês > português); sumário; nota dos editores; reverências a várias gerações de mestres da linhagem espiritual a qual o tradutor se subscreve; reprodução de XI:15-22,38 (revelação mística da forma divina de Kṛṣṇa); explicações sobre um mantra famoso (Gāyatrī); dedicatória; reprodução de um trecho em *devanāgarī* da *BG*; invocação;

prefácio (nota do editor da edição bengali em 1961); introdução. Como elementos pós-textuais, encontram-se: seleção de versos tidos como importantes para a recitação regular; glossário; e índice alfabético dos versos em sânscrito. Junto ao texto da *BG* há o verso em *devanāgarī*, transliterado, traduzido “palavra por palavra”, tradução do verso, as e alguns comentários no meio do texto (p. 33, 175, 269...).

**Sobre o processo de tradução:** Trata-se de uma tradução ligada à uma linhagem discipular de uma tradição hindu (desde Śrī Chaitanya Mahāprabhu), um caso semelhante à tradução de Pombo (1976), ligada ao Movimento Hare Krishna (ISKON). Este contexto discipular explica a ausência de remissões a outras culturas ou outros tradutores da *BG*. O interesse com a tradução, como já demonstrado pelo conteúdo dos elementos pré-textuais, é filosófico-devocional, segundo uma determinada interpretação de uma linhagem de gurus (mestres); e não, por exemplo mitológico, literário ou lingüístico. Trata-se, pode-se dizer, de uma edição eminentemente religiosa.

## APÊNDICE B – Sugestões para digitalização de textos para *corpora* digitais

1. Antes de iniciar a digitalização de todo um texto, faça um teste de comparação do reconhecimento do texto com base em uma imagem digitalizada diretamente do texto original (i.e. livro) e com base numa fotocópia do texto original. Em alguns casos, o reconhecimento do texto é mais eficiente à partir de fotocópias e não diretamente do texto original, principalmente quando o papel é fino (e o verso aparece) ou há pouco contraste entre o texto e o fundo. Dependendo do formato do texto a ser digitalizado, como no caso de livros de bolso, e até mesmo do estado de conservação do mesmo, será mais fácil e seguro manusear fotocópias do que o texto original.
2. Grave as imagens do texto em formato TIF, resolução de 300 dpi e em P&B (não utilize escalas de cinza – *grayscale*).
3. Antes de reconhecer o texto, digitalize todo o texto em imagens, criando-se uma fotocópia digital completa (incluindo as capas, lombada, contra-capas e todas as páginas numeradas ou não).
4. Procure digitalizar as páginas individualmente e somente o exato tamanho da folha, para se economizar espaço de armazenamento dos arquivos. Outra opção, talvez mais rápida, pode ser digitalizar páginas duplas (i.e. o livro aberto) e depois cortar uma por uma ou manter este padrão de folhas duplas (porém tendem a complicar o reconhecimento do texto).
5. Nomeie os arquivos das imagens numerando-os de forma progressiva, começando pelas capas e lombadas, elementos pré-textuais e assim por diante. Também inclua abreviaturas que identificam todo o conjunto de imagens de um texto, como as iniciais do autor, tradutor ou título – por exemplo: *BG-XYZ\_00*, onde *BG* é a sigla do título de um texto (*Bhagavad-Gītā*), *XYZ* são as iniciais do nome do tradutor e *00* é o número sequencial da imagem – posteriormente, este número poderá ser substituído pelo número da página do livro.
6. Revisar se todas as imagens estão com boa qualidade e se não faltou nenhuma.
7. Grave as imagens em seqüência, num documento em formato PDF.
8. Para reconhecer o texto das imagens deve-se utilizar um programa OCR (*Optical Character Recognition*), como os seguintes:

- OmniPage Pro (ScanSoft), disponível na *internet* em: <<http://www.scansoft.com>>;
  - Readiris Pro (I.R.I.S.), disponível na *internet* em: <<http://www.irislink.com>>.
9. Crie uma versão do texto em um arquivo RTF (*Rich Text Format*), como do WordPad do Windows, caso queira manter a formatação original do texto (i.e. negrito, itálico, fontes, marcas de notas), e evite formatos específicos de programas processadores de texto, como o Microsoft Word (DOC) ou o OpenOffice Writer (ODT). Caso não precise manter a formatação, grave em um arquivo TXT (Text), como do Bloco de Notas do Windows.
  10. Revisar toda o texto digitalizado, letra por letra.
  11. Grave a versão final das imagens e do texto reconhecido em uma pasta separada, faça uma cópia de segurança – na *internet*, em outra mídia móvel, como CD, DVD etc – e apague todos os outros arquivos não finais e revisados.

## APÊNDICE C – Convenção de Genebra para transliteração do sânscrito

A convenção adotada nessa dissertação foi a feita por um comitê de transliteração formado no *Geneva Oriental Congress*, em 1894, e as decisões lá tomadas são as mais aceitas até os dias de hoje<sup>68</sup> (WUJASTYK, 1996, cap. 3). As convenções adotadas são as seguintes:

- a) caracteres romanos normais (i.e. sem diacríticos) são usados para representar a letra de som mais próximo em *devanāgarī* - baseado na pronúncia da língua inglesa britânica;
- b) *mácron* é usado para distinguir as vogais com duração de pronúncia longa das de duração curta – por exemplo, “ā” é longo e “a” é curto;
- c) o ponto subscrito marca as consoantes cerebrais (retroflexas) – i.e. “ḍ” e “ṭ”;
- d) til sobrescrito ao “n” marca o som nasal e palatal – i.e. “ñ”;
- e) o ponto sobrescrito ao “n” marca o som nasal gutural (velar) – i.e. “ṇ”;
- f) o “h” após uma consoante a marca como a versão aspirada – i.e. “kh” e “k”;
- g) o acento agudo sobre o “s” marca a sibilante palatal – i.e. “ś” é palatal e “s” é dental.
- h) apesar dos diacríticos das vogais em *devanāgarī* poderem ser escritos acima, abaixo ou até antes das consoantes às quais estão ligados, a transliteração delas deve ser sempre após as consoantes.
- i) apesar da *devanāgarī* utilizar um sistema de ligaduras para encontros consonantais, na transliteração ignoram-se estas ligaduras e os encontros consonantais são grafados com caracteres de consoantes romanos sem nenhuma vogal ou espaço entre eles.

À seguir, apresenta-se algumas tabelas com a correspondência de cada caractere em *devanāgarī* e seu correspondente na transliteração da convenção de Genebra.

---

<sup>68</sup> Para mais detalhes sobre as discussões acadêmicas sobre a transliteração do sânscrito, veja a introdução do *Sanskrit-English Dictionary* de Monier-Williams (2002).



Origem do som / Tempo	Vogais Curtas		Vogais Longas	
Guturais	अ	a	आ	ā
Palatais	इ	i	ई	ī
Cerebrais	ऋ	r̄	ॠ	r̄ī
Dentais	ऌ	l̄	ॡ	l̄ī
Labiais	उ	u	ऊ	ū

*Tabela 29: Transliteração de vogais do sânscrito na convenção de Genebra*

Ditongos	
ए	e
ऐ	ai
ओ	o
औ	au

*Tabela 30: Transliteração de ditongos do sânscrito na convenção de Genebra*

Origem do som / tipo	Semi-vogais		Sibilantes	
Velar	ह	ha		
Palatal	य	ya	श	śa
Cerebral	र	ra	ष	ṣa
Dental	ल	la	स	sa
Labial	व	va		

*Tabela 31: Transliteração de semi-vogais e sibilantes na convenção de Genebra*

Vogais de suporte		
Anusvāra	अं	aṁ
Visarga	अः	aḥ

*Tabela 32: Transliteração de vogais de suporte do sânscrito na convenção de Genebra*

Consoantes	Surdas				Sonoras				Nasais	
	Não-aspiradas		Aspiradas		Não-aspiradas		Aspiradas			
<b>Guturais</b>	क्	k	ख्	kh	ग्	g	घ्	gh	ङ्	ṅ
<b>Palatais</b>	च्	c	छ्	ch	ज्	j	झ्	jh	ञ्	ñ
<b>Cerebrais</b>	ट्	ṭ	ठ्	ṭh	ड्	ḍ	ढ्	ḍh	ण्	ṇ
<b>Dentais</b>	त्	t	थ्	th	द्	d	ध्	dh	न्	n
<b>Labiais</b>	प्	p	फ्	ph	ब्	b	भ्	bh	म्	m

*Tabela 33: Transliteração das consoantes do sânscrito segundo a convenção de Genebra*

Há outros esquemas de transliteração que também podem ser aplicados para caracteres sânscritos. Porém, para a transliteração de termos em relatórios, principalmente quando se terá leitores não familiarizados com o sânscrito e sua transliteração em caracteres romanos, a convenção de Genebra é a mais adequada. As outras convenções, por sua vez, oferecem outras facilidades que a de Genebra não oferece, como, por exemplo:

- a) Seven-bit ou ASCII – voltado para o processamento eletrônico de textos na *internet*;
- b) Tübingen TUSTEP, Velthuis e Harvad-Kyoto – voltado para o uso mais amplo de todas línguas do sul da Ásia e o processamento eletrônico de grandes *corpora* (não exige caracteres com diacríticos);
- c) ITRANS – voltada para o uso de um programa computacional específico (ITRANS) disponível na *internet* em: <<http://www.omkarananda-ashram.org/Sanskrit/Itranslt.html>>.

## APÊNDICE D – Indícios da sequência de tradutores na edição da *BG* de Lima (1992)

Há indícios que parecem demonstrar as “seis mãos” em que a tradução foi feita. Há notas de tradução, que provavelmente foram feitas por uma pessoa, outras notas diferenciadas, feitas por outro tradutor, e um recurso de comentário diferenciado junto aos comentários do Gandhi, indicando uma possível outra pessoa, como no cap. 5 verso 18:

18. Os homens de aulo-realização consideram iguais um brahmin culto e humilde, uma vaca, um elefante, um cão e ainda aquele que come cães.

Quer dizer, eles servem a todos igualmente, de acordo com as necessidades de cada um. Tratar igualmente um brahmin (a casta mais alta) e um "shwapaka" (casta inferior, que come cães), significa que o sábio chupará o veneno de uma mordida de cobra em um "sbwapaka" com a mesma ansiedade e presteza com que o faria a um brahmin.

[Gandhi explicou este verso extensamente em uma reunião de trabalhadores, os quais, segundo ele, deveriam compreender o sentido de igualdade.]

O forte indício de que as notas numeradas e colocada ao final dos capítulos são do tradutor para o inglês está em Lima (VI:1, p. 77). Veja-se primeiro o verso traduzido, seguido, conforme o próprio texto, do peritexto após o verso:

Disse o Senhor:

1. Aquele que executa todos os atos obrigatórios sem depender de seus frutos é um Sannyasin e um iogue - tal não é o homem que descuida do fogo do sacrifício e que descuida das ações(1).

O fogo pode ser tomado aqui como significando todo possível instrumento da ação. O fogo era necessário quando se realizavam sacrifícios pelo fogo. Considerando que fiar era uma forma de trabalho universal nessa época, um homem que descuidasse da roca não poderia chegar a ser um Sannyasin.(2)

Agora, a seguir, cita-se as duas notas numeradas referenciadas na citação anterior e que se encontram ao final do capítulo VI (LIMA, 1992, p. 83):

(1) Sannyasin = renunciante, nome dado aos monges hindus. A palavra Sannyasa significa perfeito abandono (San = perfeito; Nyasa = abandonar, renunciar a). Os sannyasins abandonaram completamente todas as ataduras familiares, deveres profissionais e posses materiais. Usam vestimentas alaranjadas, a cor da chama do fogo, para simbolizar que queimaram todos os desejos no fogo da renúncia.

(2) Fiar a roca foi o símbolo da não-cooperação na luta pela independência da Índia. Gandhi popularizou o uso do khadi, tela tecida em teares caseiros com algodão fiado na roca, e recomendou o boicote às telas inglesas. Isto foi um duro golpe para a economia da Inglaterra, que viu se fechar um dos melhores mercados para sua indústria têxtil.

Ainda hoje em dia, o presidente da Índia vai ao monumento a Gandhi para celebrar seu aniversário e, acompanhado de altos dignatários do governo, fia a roca simbolicamente durante uma hora.

# APÊNDICE E – Noções elementares sobre o idioma sânscrito

Apesar deste trabalho não lidar com questões lingüísticas do idioma sânscrito, é interessante uma breve introdução sobre certos aspectos dele que podem ser referenciados na análise dos dados.

## História

Sânscrito vem de *saṃskṛtam*, que significa, literalmente, “aquilo que é bem feito”, referindo-se à precisão estrutural que apresenta (RAMASAMY *et al.*, 1988, p. xiii). A regularidade estrutural fonológica e morfológica do sânscrito é uma das evidências de que não se trata de um idioma vernáculo, mas de uma língua somente para registro de conhecimentos tidos em alta estima. O sânscrito está ligado à civilização hindu, que o usou para registrar inúmeros conhecimentos sobre os mais variados campos, i.e. medicina, matemática, gramática, arquitetura, filosofia, textos sagrados, etc.

O principal precursor desta tradição indiana foi Pāṇini, que viveu na segunda metade do primeiro milênio a.C., e escreveu o *Aṣṭadhyayi* (que significa “oito livros”, em sânscrito), a sua gramática do sânscrito. Esta obra não foi igualada até o século XVII e até hoje, uma referência na área. Uma das grandes inspirações para a dedicação dos indianos para o estudo tão profundo do sânscrito parece ter sido a preservação da cultura védica recente (1200-1000 a.C.). O grande interesse pelo estudo do sânscrito no ocidente teve início com a afirmação de Sir Williams Jones, em 1786, de que o idioma tinha a mesma origem do grego, do latim, do gótico e do celta. Os estudos filológicos do sânscrito tiveram início somente no século XIX, na Alemanha, com A.W. von Schlegel, na mesma época em que foi publicada a primeira gramática do sânscrito em inglês. Foi neste período, com os estudos comparativos do sânscrito com línguas européias, que houve o primeiro período de crescimento da lingüística histórica européia e um firme estabelecimento da lingüística comparativa. Por exemplo, a identificação das raízes verbais, prefixos e sufixos do sânscrito antigo foi o que inspirou o conceito moderno de morfemas (MALMKJR, 2001, p. 220).

A escrita *devanāgarī*, usada para o sânscrito, originou-se da *Brahmī*, que é a mais antiga da Índia. O *devanāgarī* é hoje também usada para a escrita de idiomas como hindi e marathi

(WUJASTYK, 1996, cap. 1). A *devanāgarī* (oriunda da cidade divina), como a vemos hoje, data de 1700 d.C. (SAMSKRITAPRIYAH, 2005).

### **Formação de palavras**

Uma das grandes características do idioma sânscrito é que ele usa cerca de 2.200 raízes verbais (*dhātus*) para gerar quase todas as palavras derivadas possíveis, acrescentando-se prefixos e sufixos (RAMASAMY *et al.*, 1988, p. xiv e xviii).

### **Eufonia**

Há rigorosas regras chamadas de “*sandhi*” e que estabelecem modificações para os sons quando certas letras se encontram, inclusive entre palavras diferentes. A intenção é manter o ponto de articulação e o esforço de produção do som da letra anterior, visando facilitar a pronúncia. (RAMASAMY *et al.*, 1988, p. xvii)

### **Sistema verbal**

Há seis tempos verbais no sânscrito (i.e. presente, passado não pertencente ao dia da ação, passado geral, passado remoto, futuro geral, futuro não pertencente ao dia da ação), quatro modos (i.e. imperativo, potencial, benéfico e condicional), três pessoas (i.e. 1ª, 2ª e 3ª), três números (singular, dual e plural) e duas vozes (passiva e ativa). A combinação de todas estas possibilidades gera 180 formas verbais para cada raiz. (RAMASAMY *et al.*, 1988, p. xix)

### **Sistema nominal**

Há três gêneros (i.e. masculino, feminino e neutro), que são atribuídos por regra e são fixos. (RAMASAMY *et al.*, 1988, p. xix)

Há oito casos de declinações, marcados com a adição de sufixos, i.e. nominativo, acusativo, instrumental, dativo, ablativo, genitivo, locativo e vocativo (RAMASAMY *et al.*, 1988, p. 16-17).

### **Sistema fonético**

O sânscrito escrito, assim como quase todas as línguas indianas, possui uma forte base na fonética. Desde centenas de anos antes de Cristo, estudiosos indianos estudaram a fonética do sânscrito e elaboraram tratados sobre isto. Este fato levou a uma escrita extremamente regular e fundada na sua pronúncia. (WUJASTYK, 1996, cap. 2)

O “alfabeto” sânscrito é formado por *akṣaras*, como as letras do sânscrito são chamadas, sendo que o nome de cada letra é o próprio som que ela representa (SAMSKRITAPRIYAH, 2005). Na verdade, trata-se quase de um silabário, pois, semelhante ao árabe ou hebraico, as vogais não são escritas, apenas são marcadas com diacríticos quando diferem do “a”.

A escrita *devanāgarī* explicitamente diferencia consoantes mudas e sonoras, aspiradas e não aspiradas. Além desta categorização, tanto as consoantes quanto as vogais, semivogais, sibilantes e vogais de apoio são organizadas segundo o seu local de articulação, i.e. em guturais (velares), palatais, cerebrais (retroflexas), dentais e labiais. Em quase todos os casos, cada letra escrita corresponde a um fonema distinto. Este fato torna o trabalho de transliteração mais fácil e já há mais de 100 anos pesquisadores do sânscrito concordaram em um esquema de transliteração para os caracteres romanos que mudou muito pouco desde aquela ocasião. (WUJASTYK, 1996, cap. 2)

Para uma relação completa de todos os caracteres do sânscrito em *devanāgarī* e suas transliterações para caracteres romanos, organizados pelas diferenciações fonéticas supracitadas, veja o Apêndice C.

## APÊNDICE F – *Corpus* da dissertação

Formatações como itálico, negrito, sublinhado, diacríticos e alguns parênteses (em volta de números das NT, no meio do verso), presentes nos textos originais das traduções, foram removidos neste corpus.

Para se facilitar a localização na “selva” do *corpus*, coloca-se a seguir os códigos das NT correspondentes à cada tradução:

- a) **1 - 68** (p. 142 - p. 157) = Lorenz (1999);
- b) **69 - 72** (p. 157 - p. 158) = Prabhu e Dasi (2002);
- c) **73 - 374** (p. 158 - p. 229) = Stella (1970);
- d) **375 - 416** (p. 229 - p. 240) = Lima (1992);
- e) **417 - 843** (p. 240 - p. 330) = Ferreira (1973);
- f) **844 - 884** (p. 330 - p. 339) = Kleinert (1994);
- g) **885 - 998** (p. 339 - p. 369) = Rohden (1997);
- h) **999 - 1005** (p. 369 - p. 370) = Mesquita (1987).

<i>Código 1</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> 1. Disse Dhritarâshtra (2), rei dos Kurus, falando com o fiel Sanjaya: "Conta-me, ó Sanjaya, os feitos dos meus guerreiros e os do exército dos Pândavas, quando se reuniram para se combaterem no sagrado campo dos Kurus".			
<b>Texto da NT:</b> (2) Representante da Vida material (forças cegas).			
<b>Observação:</b> Exp. alegórica de personagem (Dhritarâshtra) e tradução do nome proprio.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 2</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. Pôs-se a relatar Sanjaya: "Quando o teu filho Duryôdhana (1), o comandante supremo dos teus exércitos, ó rei, avistou as falanges dos Pândavas (2), preparadas para o combate, se aproximou do seu preceptor Drôna, o filho de Bharadvaja, e disse:			
<b>Texto da NT:</b> (1) Difícilmente vencível; obstinação.			
<b>Observação:</b> Tradução do nome proprio de um personagem (Duryodhana) e significado alegórico do personagem.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 3</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. Pôs-se a relatar Sanjaya: "Quando o teu filho Duryôdhana (1), o comandante supremo dos teus exércitos, ó rei, avistou as falanges dos Pândavas (2), preparadas para o combate, se aproximou do seu preceptor Drôna, o filho de Bharadvaja, e disse:			
<b>Texto da NT:</b> (2) Os Kurus representam as forças inferiores da alma humana; os Pândavas (ou filhos de Pându), as forças superiores.			
<b>Observação:</b> significado alegórico da família/personagens			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 4</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. Vê como é grande o número daqueles combatentes fortes que ali estão em seus carros de guerra e com seus arcos e flechas. Há, entre eles, heróis iguais a Bhima (3) e Arjuna (4).			
<b>Texto da NT:</b> (3) Bhima (terrível) é a vontade espiritual.			
<b>Observação:</b> tradução do nome próprio e explicação alegórica do personagem			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 5</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. Vê como é grande o número daqueles combatentes fortes que ali estão em seus carros de guerra e com seus arcos e flechas. Há, entre eles, heróis iguais a Bhima (3) e Arjuna (4).			
<b>Texto da NT:</b> (4) Arjuna é o homem em seu desenvolvimento.			
<b>Observação:</b> significado alegórico do personagem			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 6</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. Ali estão: o audaz Yudhâmanyo, o forte Uttamauja, o filho de Subhadra e todos os filhos de Drupada (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Os heróis mencionados aqui e nos seguintes versículos representam forças intelectuais, inclinações, faculdades, paixões, artes e ciência. Os "barros" são os corpos pelos quais essas forças se manifestam no homem. As forças inferiores são servidoras do egoísmo e do instinto cego, ao passo que as superiores agem em harmonia com a Vontade Divina.			
<b>Observação:</b> significado alegórico dos personagens			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 7</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> 10. Porém, ó Mestre, hei de confessar-te que este nosso exército, se bem que muito valente e comandado por Bhishma (2), na minha opinião não tem o número e a força suficientes, enquanto em nossa frente está o inimigo, comandado por Bhima, em posição ameaçadora, e muito mais forte.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Bhishma (terror) é o egoísmo. O exército dos Kurus, isto é, as forças inferiores, têm por chefes o Egoísmo e a obstinação; o exército pândava, isto é as forças espirituais, superiores, obedecem à			



vontade Divina.
<b>Observação:</b> Significado alegórico do personagem com a tradução do nome próprio
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;

<i>Código 8</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Igualmente deram sinal bélico Krishna, a encarnação de Deus, e Arjuna, filho de Pându, que estavam em seu magnífico carro de guerra, ornado com ouro e pedras preciosas, e puxado por cavalos brancos (1). E responderam os instrumentos dos Pândavas em som repetido e desafiador, como o som de trovão violento.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Branco é o símbolo da pureza; cavalo, o símbolo da força e da obediência.			
<b>Observação:</b> significado alegórico do animal citado			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 9</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. Então Arjuna, em cuja cimeira figurava um macaco (1), vendo que os Kurus estavam já em ordem de batalha, e que as flechas começavam a voar pelos ares, tomou na mão o seu arco e disse a Krishna, que estava com ele no carro:			
<b>Texto da NT:</b> (1) Tomado como símbolo da audácia e engenho			
<b>Observação:</b> significado alegórico do animal citado			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 10</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. Quando Arjuna assim falou, Krishna fez parar o carro no meio do espaço entre os dois exércitos contrários (2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) Antaskârana, a "ponte" ou o "caminho" entre a terrena e a divina parte da mente.			
<b>Observação:</b> Alegoria de local.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 11</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. Notou também que mestres, benfeitores, amigos e camaradas ali estavam, preparados para se combaterem reciprocamente (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Também as forças "inimigas" são nossos amigos e mestres, pois por meio delas é que alcançamos a experiência: elas são os degraus pelos quais o homem sobe até ao conhecimento perfeito de si mesmo.			
<b>Observação:</b> Interpretação/comentário sobre simbologia/alegoria do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 12</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 42</i>
------------------	----------------------	-------------------	-----------------

**Texto do verso:** 42. A adulteração do sangue é precursora do esquecimento dos ritos devidos aos antepassados, e estes (se as doutrinas do povo são verdadeiras) (1), sendo privados dos sacrifícios de que se sustentam, caem das alturas celestes.

**Texto da NT:** (1) A tradição, que prescrevia o respeito à família, aos parentes, aos instrutores, aos ritos, à instituição e deveres das castas, sem o que a alma cairia em condições piores, antes e depois da morte.

**Observação:** Exp. sobre contexto cultural do hinduísmo.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé;

<i>Código 13</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. "Donde te vem, ó Arjuna, essa pusilanimidade? Esta fraqueza, indigna de um homem, faz-te infeliz, pois te fecha as portas do céu (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) O homem que está cheio de medo e dúvidas, afasta-se por si mesmo do céu da bem-aventurança, que é próprio à alma que conhece a verdade.			
<b>Observação:</b> Interpretação do ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 14</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> Palavras do Verbo Divino (1)			
<b>Texto da NT:</b> (1) Krishna é o representante do Verbo Divino ou Logos (Cristo em nós).			
<b>Observação:</b> Exp. alegórica de Krishna e analogia à tradição cristã.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 15</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Sabe, ó príncipe de Pându, que nunca houve tempo em que não existíssemos eu ou tu, ou qualquer destes príncipes da terra; igualmente, nunca virá tempo em que algum de nós deixe de existir (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) O que no homem é divino, o seu Ser verdadeiro, é eterno. Não nasce nem morre, e forma a sua individualidade, que aparece periodicamente, vestida de corpo material, mas é independente dele.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 16</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. Aquilo que é irreal, ilusório, não tem em si o Ser Real, não existe na realidade, e sim só na ilusão; e aquilo que é o Ser Real, nunca cessa de ser, - nunca pode deixar de existir, apesar de todas as aparências contrárias. Os sábios, ó Arjuna, fizeram pesquisas relativas a isto e descobriram a verdadeira Essência e o sentido interior das coisas (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Só aquele Ser, no homem que é penetrado pela Verdade, pode conhecê-la, porque a Verdade é a sua essência conhece-se, no homem, a si mesma.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 17</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Sabe que o Ser Absoluto, de que todo o Universo tem o seu princípio, está em tudo, e é indestrutível. Ninguém pode causar a destruição desse Imperecível (2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) O corpo é o instrumento do Espírito; é a sombra incorporizada, em que a Luz se esforça por manifestar-se.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 18</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. Conhece esta verdade, ó príncipe! O Homem real, isto é, o Espírito do homem, não nasce nem morre. Inato, imortal, perpétuo e eterno, sempre existiu e sempre existirá. O corpo pode morrer ou ser morto e destruído; porém, aquele que ocupou o corpo, permanece depois da morte deste (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) O Espírito é a vida mesma; isto é, a Vida Eterna, de que a vida exterior, corporal, é só um reflexo, uma manifestação de ordem inferior.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 19</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. Como a gente tira do corpo as roupas usadas e as substitui por novas e melhores, assim também o habitante do corpo (que é o Espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em outra, nova e recém-preparada para ele (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) A reencarnação é uma lei universal em toda a natureza. O espírito do homem desencarnado volta, depois de um tempo de descanso, a ocupar um novo corpo, formando assim nova pessoa. Enquanto a alma não tem conhecimento espiritual de si mesma este processo é inconsciente.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 20</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Em sua essência, é invisível, inconcebível, incognoscível (2). Sabendo isto, não te entregues à aflição pueril.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Isto é, para o intelecto exterior; mas é cognoscível para a percepção interior de homem espiritualmente iluminado.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 21</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Quanto à alma, o Homem real, Espírito ou Ser Eterno, alguns o tomam por coisa maravilhosa; outros ouvem falar e falam dele como de uma maravilha, com incredulidade e sem compreensão.			

Mas a mente mortal não compreende esse mistério, nem o conhece em sua natureza verdadeira e essencial, apesar de tudo o que foi dito, ensinado e pensado a seu respeito (1).

**Texto da NT:** (1) Só pode compreender o Ser Eterno, quem o realizou em si mesmo.

**Observação:** Comentário sobre o ensinamento de Krishna.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>22</b>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>40</b>
<b>Texto do verso:</b> 40. Nada de teus esforços se perde neste caminho; já a menor porção desta ciência e prática (1) nos livra de grande medo e perigo.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Yoga significa "união", não só no sentido de doutrina filosófica, como também na prática; o saber teórico sem a realização prática não tem valor.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de termo (yoga) sans. relacionado a um trad. (prática).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>23</b>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>45</b>
<b>Texto do verso:</b> 45. Os Vedas (isto é, as Sagradas Escrituras) tratam das três gunas ou qualidades da Natureza (1) e instruem os pensadores a se elevarem acima delas. Liberta-te, ó Arjuna, dessas gunas; sê livre dos contrastes das forças opostas da natureza, que pertencem à vida finita e às coisas sujeitas à mudança. Procura para teu descanso a consciência do teu Eu Real, a Verdade eterna. Deixa longe de ti os cuidados mundanos e a avidez de possessões materiais. Concentra-te em ti mesmo, e não te entregues às ilusões do mundo finito.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Veja-se o Capítulo XIV.			
<b>Observação:</b> Remissão a outro capítulo da <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>24</b>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>70</b>
<b>Texto do verso:</b> 70. O homem, cujo coração é como o Oceano, a que afluem todos os rios e que, apesar disso, permanece constante e não sai dos seus limites, o homem que sente o ímpeto dos desejos, das paixões e inclinações, mas que, todavia, fica imóvel, - esse alcança a Paz (1). Aquele, porém, que se entrega aos desejos, não conhece a Paz, e é escravo dos desejos inquietantes.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Tal estado, em que todos os desejos e todos os pensamentos "dormem", mas em que se sente a mais elevada consciência da Divindade, chama-se (com o termo sânscrito) Samadhi.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>25</b>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>72</b>
<b>Texto do verso:</b> 72. Este é, ó príncipe de Pându, o estado da união com o Ser Real, o estado bem-aventurado da Consciência Espiritual. Quem o atingiu, não se deixa embarçar nem desviar pela ilusão. E quem, havendo-o atingido, nele permanece na hora da morte, entra diretamente em Nirvana (2), em Brama, (3), no seio do Pai-Eterno."			

<b>Texto da NT:</b> (2) A palavra Nirvana designa a desapareição de todas as ilusões; é o domínio completo do espírito sobre a matéria.
<b>Observação:</b> Def. termo sans (nirvana) não trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código 26</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 72</i>
<b>Texto do verso:</b> 72. Este é, ó príncipe de Pându, o estado da união com o Ser Real, o estado bem-aventurado da Consciência Espiritual. Quem o atingiu, não se deixa embarçar nem desviar pela ilusão. E quem, havendo-o atingido, nele permanece na hora da morte, entra diretamente em Nirvana (2), em Brama, (3), no seio do Pai-Eterno."			
<b>Texto da NT:</b> (3) Brama - Deus Criador.			
<b>Observação:</b> Def. termo sans (brama) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 27</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. Respondeu Krishna, o Divino: "Como já te disse, ó nobre príncipe, há dois caminhos que vão à Perfeição. O primeiro é o caminho do Conhecimento (1), e o segundo o da Ação (2). Uns preferem o primeiro, e outros, o segundo desses dois caminhos; sabe, porém, que considerados do alto, ambos são um só caminho. Escuta!			
<b>Texto da NT:</b> (1) Sankhya.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (sankhya) correspondente a outro traduzido (caminho do conhecimento).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 28</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. Respondeu Krishna, o Divino: "Como já te disse, ó nobre príncipe, há dois caminhos que vão à Perfeição. O primeiro é o caminho do Conhecimento (1), e o segundo o da Ação (2). Uns preferem o primeiro, e outros, o segundo desses dois caminhos; sabe, porém, que considerados do alto, ambos são um só caminho. Escuta!			
<b>Texto da NT:</b> (2) Yoga.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (yoga) correspondente a outro traduzido (caminho da ação).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 29</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. Tu, porém, ó Arjuna, liberta-te de todos os cuidados, de todo medo e, igualmente, do egoísmo e das esperanças pessoais; em Meu nome (1), faze tudo o que hás de fazer, concentrando todos os teus pensamentos no Altíssimo!			
<b>Texto da NT:</b> (1) Isto é, em nome de Deus. Khrishna é a Encarnação Divina.			
<b>Observação:</b> Interpretação da colocação de Krishna e exp. sobre a simbologia de krishna.			

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código 30</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> 37. Explica Krishna "Esta tentação, ó príncipe, é a essência dos desejos que o homem em si acumulou (1). Ela é o seu maior inimigo, e chama-se Paixão; nasce da natureza carnal, cheia de pecado e de erro, e ataca o homem para o consumir.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Em sânscrito, dá-se-lhe o nome de Kâma. (Não confundir com Carma! )			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (kâma) correspondente a outro traduzido (desejos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de rodapé; Informação do termo sânscrito: 1;			

<i>Código 31</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. Os sentidos são grandes e poderosos; porém, maior e mais poderosa é a mente; maior do que esta é a Razão, e o mais forte é o Eu Real, a Luz da Divindade (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Os sentidos, que são a sede do desejo, designam-se, em sânscrito, pelo termo Kâma; a mente chama-se Manas; a Razão Iluminada, Budhi; o Eu Real, a Consciência da Divindade, Âtmâ.			
<b>Observação:</b> Informação dos termos em sânscrito (kâma, manas, budhi, âtmâ) correspondente à termos traduzidos (sentidos, mente, razão, Eu Real).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 32</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> 1. Continuou a falar Krishna: "Já na mais remota antiguidade dei esta doutrina da união com o Eu Divino a Vivasvat (1) . Ele a ensinou a Manu (2), e este a transmitiu a Ikshvâku, o fundador da dinastia solar.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Vivasvat é o Sol Espiritual ou a Mente Divina no princípio do mundo.			
<b>Observação:</b> Exp. da simbologia sobre uma entidade (Vivasvat) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 33</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> 1. Continuou a falar Krishna: "Já na mais remota antiguidade dei esta doutrina da união com o Eu Divino a Vivasvat (1) . Ele a ensinou a Manu (2), e este a transmitiu a Ikshvâku, o fundador da dinastia solar.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Manu se deriva da raiz sânscrita man, pensar. Aqui refere ao Filho do Sol e Pai da Raça atual.			
<b>Observação:</b> Exp. da simbologia sobre uma entidade (Manu) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 34</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. De Ikshvâku passou esta doutrina a outros, e era conhecida pelos Rishis (3) ; no decorrer dos tempos, entretanto, caiu em esquecimento o sentido espiritual, conservando-se apenas a letra. Tal é a sorte da Verdade entre os homens.			

<b>Texto da NT:</b> (3) Rishis são os Reis Sábios ou Patriarcas.
<b>Observação:</b> Exp. de um termo (Rishis) não trad..
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código 35</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. Disse Arjuna: "Como devo compreender-te, ó Senhor, quando dizes que ensinaste a Vivasvat? Ele viveu no princípio do Tempo e tu nasceste há poucos decênios" (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Compare-se o Evangelho segundo São João, cap. VIII, vers. 57 e 58: "Disseram-lhe os judeus: "Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?" Disse-lhes Jesus: "Em verdade, vos digo que, antes que Abraão fosse feito, eu sou".			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de rodapé;			

<i>Código 36</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Até aqueles que adoram os Devas (1), e lhes pedem recompensa por suas ações, encontram o que procuram, pois no mundo dos homens toda ação produz o seu fruto.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Devas: o mesmo que Anjos.			
<b>Observação:</b> Analogia de um termo (devas) não trad. com outro (anjos) da tradição cristã			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 37</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. Mas Eu sou o Criador da humanidade inteira, em todas as suas fases e formas. De Mim procedem as quatro castas (2), com as suas qualidades e atividades distintivas. Sabe que Eu sou o Criador delas, se bem que, em Mim mesmo, sou imutável e sem qualidades.			
<b>Texto da NT:</b> (2) As quatro castas que representam as quatro classes de atividade humana, são: os Brâmanes (sábios), os Kshatriyas (guerreiros), os Vaisyas (comerciantes) e os Sudras (operários).			
<b>Observação:</b> Def. de termo (castas) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 38</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> 11. Senta-se num lugar limpo, nem demasiado alto, nem demasiado baixo; cinge-se com um pano ou com o couro de antílope preto, e repousa sobre verbenas (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) O plano é o símbolo da castidade, o antílope é o símbolo da delicadeza do sentimento; a verbena (erva "Kucha") é o símbolo da firmeza. O yogi deve ser casto, delicado e firme.			
<b>Observação:</b> explicação da alegoria/simbologia do verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 39</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. A alma, cuja devoção e fé, acompanhadas de boas obras, carecem da aquisição da perfeita			

disciplina, depois da morte do corpo, vai habitar o céu dos justos que ainda não atingiram a Perfeição (1). Ali fica gozando felicidade por inúmeros anos, mas, depois, reencarna-se em casa de um homem bom e nobre, nas condições adaptadas ao seu desenvolvimento e adiantamento.

**Texto da NT:** (1) Os teósofos hindus chamam a esse céu: devakhan (morada dos deuses).

**Observação:** Exp. de um termo trad (céu dos justos) citando um sinônimo em sans. "devakhan" não está no verso em sânscrito.

**Outras etiquetas:** Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;

<i>Código 40</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. Eu sou o líquido da água; Eu sou a luz do sol e da lua; Eu sou a sílaba sagrada AUM (1); Eu sou o cântico dos livros sagrados; Eu sou a harmonia dos sons que vibram no éter; Eu sou a virilidade dos homens.			
<b>Texto da NT:</b> (1) AUM é o símbolo do Ser Supremo. A simboliza o Criador ou Pai; U, o Conservador, Salvador ou Filho, e M, o Destruidor, Renovador ou Espírito Santo.			
<b>Observação:</b> Def. termo (AUM) não trad.; analogia à tradição cristã.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 41</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. As três qualidades da minha natureza: a harmonia, a atividade e a inatividade, as quais também se manifestam como a luz da verdade, o desejo da paixão e as trevas da ignorância, em Mim têm o princípio e estão em Mim, mas Eu não dependo delas (2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) Deus é superior à natureza; a natureza não é Deus, mas é uma manifestação da força Divina. Deus está na natureza, mas não se limita a ela.			
<b>Observação:</b> Interpretação/comentário sobre o ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 42</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 19</i>
<b>Texto do verso:</b> 19. Depois de muitas vidas, em que acumulou sabedoria, vem o Sábio a Mim e, realizando a sua União comigo, compreende que o homem perfeito é idêntico ao universo (1). Poucos há que chegaram a este grau de adiantamento.			
<b>Texto da NT:</b> (1) O homem perfeito é chamado, nas Escrituras Sagradas : Vâsudêva, Filho do Homem.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (vasudeva) de um traduzido (homem perfeito); tradução alternativa de um termo (vasudeva).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 43</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. Adhibhûta, o princípio universal de vida, não é senão a minha Vontade manifestada nas leis naturais do universo. Adhidaiva, a suprema deidade, é o Espírito, cuja atividade perpétua produz a geração dos seres e das formas. Adhiyajña, o Supremo Sacrifício, é o meu aparecimento em corpo; este mistério torna-se			



claro só àqueles que são capazes de compreender os ensinamentos superiores (1).

**Texto da NT:** (1) Deus que, em sua essência, é imanifesto, invisível, imaterial, assume forma humana; como a Luz penetra as trevas e as transmuta em luz, assim a Divindade penetra a humanidade, para torná-la divina. Este é o Supremo Sacrifício.

**Observação:** Interpretação; def. de um termo (supremo sacrifício) trad.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código 44</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. Aquele, porém, que, na hora da morte, não pensou em Mim, mas dirigiu todos os pensamentos a um outro ser (2), depois da morte a este ser se une. Porque cada um chega a ser o que desejou ser; o semelhante atrai o semelhante.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Há seres de natureza espiritual ("devas" ou "deuses") que, para nós, são invisíveis; o espírito humano pode entrar em relação com eles, se a eles dirige firmemente a sua vontade e o seu pensar.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação do ensinamento de Krisna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 45</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. O yogi que pensa em Mim incessante e fixamente, ó príncipe, e nunca se apega com os seus pensamentos a qualquer outro objeto, com facilidade Me achará (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Isto não quer dizer que não devemos ocuparmos com os negócios e objetos exteriores, mas que devemos, qualquer que seja a nossa ocupação, fazer tudo com boas intenções e sem nunca nos esquecermos da divina origem e do divino alvo da nossa vida.			
<b>Observação:</b> Interpretação do ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 46</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. Todos os mundos e universos (2), mesmo o mundo de Brama, onde um dia é igual a mil yugas (3), e a noite da mesma extensão, todos hão de passar. Mas, ainda que passem e se renovem e de novo passem, não há necessidade de volta para a alma do sábio que se uniu a Mim.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Os hindus distinguem sete mundos (lokas) ou planos espirituais, a saber: 1 - bhurloka (o mundo físico); 2 - Antariskshaloka (o mundo astral) ; 3 - Svarloka (Devakhan, o céu); 4 - Maharloka (o mundo das almas elevadas) ; 5 - Janaloka; 6 - Tapasloka; 7 - Satyaloka. Estes três últimos chamam-se Brahmaloikas, mundos Divinos. O sétimo é o mundo da Realidade, Verdade Absoluta (satya - verdade).			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo sans (lokas) relacionado a um (mundos) termo trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 47</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. Todos os mundos e universos (2), mesmo o mundo de Brama, onde um dia é igual a mil yugas (3), e a noite da mesma extensão, todos hão de passar. Mas, ainda que passem e se renovem e de novo			

passem, não há necessidade de volta para a alma do sábio que se uniu a Mim.

**Texto da NT:** (3) Um Maha-yuga dura 4.320.000 anos solares.

**Observação:** Def. de termo (yugas) não trad.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código 48</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Aqueles, porém, que desencarnam no meio da fumaça dos erros, na noite da ignorância, não podem ultrapassar a região da Lua (1) e não de voltar à esfera da mortalidade e ir renascendo até que adquiram o grau necessário de amor e de saber.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Isto é, a região astro-mental ou de Kama-Manas.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (região da lua) trad. e colocação de um sinonimo em sans. (kama-manas) que não está no verso em sans.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 49</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> 1. Fala o Verbo Divino: "A ti, ó Arjuna, cujo coração está livre de contradição, ensinarei agora a misteriosa ciência suprema, a Ciência dos Reis (1) e o Real Segredo (2), cujo conhecimento te tornará para sempre livre do mal e da desventura.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Raja-vidyâ.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito (raja-vidya) correspondente a outro (ciência dos reis) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 50</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> 1. Fala o Verbo Divino: "A ti, ó Arjuna, cujo coração está livre de contradição, ensinarei agora a misteriosa ciência suprema, a Ciência dos Reis (1) e o Real Segredo (2), cujo conhecimento te tornará para sempre livre do mal e da desventura.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Râja-guhya.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito (raja-guhya) correspondente a outro (real segredo) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código 51</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. No fim de um Kalpa (1), todos os seres e todas as coisas refluem em minha natureza imaterial e, no princípio de outro Kalpa, torno a emanar de Mim todas as coisas e todos os seres.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Um Kalpa, período de atividade criadora, é um dia de Brama, que dura 4.320.000.000 de anos solares. Corresponde ao que os teósofos chamam uma Cadeia Planetária.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (kalpa) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 52</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Eu sou o Pai do Universo e igualmente a Mãe; Eu sou a Origem e o Conservador de tudo. Eu sou o objeto do verdadeiro conhecimento; Eu sou a palavra mística AUM; Eu sou o Rig, Salma e Yajus-Veda (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Isto é, toda a ciência.			
<b>Observação:</b> Explicação de metonímia(?) (Os vedas = toda a ciência).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 53</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. Os que seguem as prescrições dos Vedas, oferecendo muitos sacrifícios, bebendo o Soma (1) sagrado e purificando-se dos pecados, e imploram o caminho do céu, serão admitidos no céu de Indra (2) e ali obterão o alimento celeste e gozarão os prazeres dos deuses.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Soma é a bebida sagrada dos brâmanes, extraída de uma planta rara; corresponde à ambrosia ou néctar dos gregos e à Eucaristia dos cristãos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (soma) não trad. e analogia à cultura grega e à cristã.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 54</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. Os que seguem as prescrições dos Vedas, oferecendo muitos sacrifícios, bebendo o Soma (1) sagrado e purificando-se dos pecados, e imploram o caminho do céu, serão admitidos no céu de Indra (2) e ali obterão o alimento celeste e gozarão os prazeres dos deuses.			
<b>Texto da NT:</b> (2) O céu Indra é o mais alto dos céus onde, porém, ainda existe a ilusão da separatividade dos seres, e por isso, não pode ser o estado perfeito e eterno. Também ali há mocidade e velhice, isto é, as forças espirituais exaurem-se, o espírito entra em inconsciência e torna a reencarnar-se nesta terra ou em algum outro planeta.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (céu de indra) parcialmente trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 55</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. De Mim tiraram origem os sete grandes Rishis ou reis-sábios, os quatro patriarcas (1) e os Manus (2): todos foram emanados da minha Mente, e deles proveio o gênero humano.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Os quatro patriarcas são os quatro espíritos emanados de Brama; Sanatkumara, Sanaka, Sanâtana e Sananda.			
<b>Observação:</b> Exp. de antonomástico de grupo (os quatro patriarcas).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código 56</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. De Mim tiraram origem os sete grandes Rishis ou reis-sábios, os quatro patriarcas (1) e os Manus (2): todos foram emanados da minha Mente, e deles proveio o gênero humano.			

<b>Texto da NT:</b> (2) Manus são os chefes e legisladores de uma raça.
<b>Observação:</b> Exp. de grupo (Manus) de seres da mitologia hindu/def. de termo não trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;

<i>Código 57</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. Sou Pralada entre os Daityas (1); tempo entre suas medidas; leão entre as feras, e águia entre as aves.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Daityas - Deuses intelectuais, opostos aos deuses meramente rituais, e inimigos de puja, sacrifícios.			
<b>Observação:</b> Exp. de grupo (daityas) de seres da mitologia hindu/def. de termo não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 58</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Amo aquele que não se apaixona, nem odeia, não se entristece nem cobiça, e desapega-se das ações tanto boas como más (1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Porque tanto umas como outras, feitas com apego, citam a alma, karmicamente, ao ciclo das reencarnações compulsórias, isto é, não a libertam.			
<b>Observação:</b> Interpretação do ensinamento de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 59</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. Agora, explicar-te-ei qual é o objeto do conhecimento e qual a espécie de conhecimento que confere a Imortalidade. O objeto do conhecimento é Parabrahm (1), que não tem princípio nem fim, e não se pode chamar nem Ser, nem Não-ser.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Parabrahm - a Suprema Divindade (Deus, no sentido cristão).			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (parabrahm) não trad. e analogia à tradição cristã.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 60</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. Por isso, aqueles que conhecem Brama pronunciam sempre a palavra AUM (1), que significa o Eterno Poder Supremo, antes de praticarem qualquer ato religioso, ou antes de darem esmola.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Os cristãos dizem: Em nome de Deus!			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (AUM) não trad. e analogia à tradição cristã.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 61</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Alguém que, abstendo-se da ação e não se ligando ao fruto, exterminasse aquelas hostes, não seria seu matador nem a tal ação se vincularia (1).			

<b>Texto da NT:</b> (1) Veja-se Capítulo II:19; Capítulo III:29, e Capítulo V:8 e 9.
<b>Observação:</b> remissão a outros capítulos da <i>BG</i> .
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;

<i>Código 62</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Triplicemente concorde com as qualidades (gunas) é também a divisão do Intelecto [Buddhi (1)] e da Constância [Dhriti (2)], segundo passo a descrever-te claramente e sem reservas.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Buddhi: também traduzido por Discernimento.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de termo (budhi) trad. e com o termo original entre parênteses.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 63</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Triplicemente concorde com as qualidades (gunas) é também a divisão do Intelecto [Buddhi (1)] e da Constância [Dhriti (2)], segundo passo a descrever-te claramente e sem reservas.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Dhriti: igualmente significa vontade, firmeza, perseverança, resolução.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de termo (Dhriti) trad. e com o termo original entre parênteses.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 64</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. Entre as castas dos Brâhmanes (sacerdotes, instrutores, intelectuais), Kshatriyas (militares, estadistas, políticos), Vaishyas (comerciantes, banqueiros, fazendeiros) e Shudras (domésticos, criados, serventes) foram distribuídos os Karmas (1), de conformidade com as qualidades dimanantes de sua peculiar natureza.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Karma: ação. Aqui significa o karma criado pelos atos, pensamentos e desejos do indivíduo em suas existências anteriores, e que atualmente constitui o seu Dever específico. Assim, pois, segundo Krishna, a casta ou classe social do indivíduo não é hereditária, mas oriunda de sua conduta pretérita.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (karma) não trad.; interpretação dos ensinamentos de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 65</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45. Alcança a perfeição quem quer que cumpra contente o seu próprio dever (1). Ouve agora como alcança a perfeição o indivíduo contente.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Também: karma congênito, tarefa.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (karma) de um trad. (dever); tradução alternativa (karma congênito, tarefa).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 66</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 70</i>
------------------	----------------------	-----------------------	-----------------

**Texto do verso:** 70. E quem meditar neste nosso Santo Colóquio, por meio dele me adorará com o sacrifício da Sabedoria(1). Tal é a Minha vontade.

**Texto da NT:** (1) O Jnana-Yajna (Sacrifício da Sabedoria) é considerado superior a todos os demais atos sacrificiais, porque é o que conduz diretamente à libertação.

**Observação:** Informação e def. de termo sânscrito (Jnana-Yajna) de um trad. (sacrifício da sabedoria).

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;

<i>Código 67</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 75</i>
<b>Texto do verso:</b> 75. Por mercê de Vyasa (1) conheci este mistério do Yoga, revelado pela palavra do próprio Krishna, o Senhor do Yoga.			
<b>Texto da NT:</b> (1) A Vyasa Dvaipayana são atribuídas a composição do Bhagavad Gîtâ e a autoria do Mahabharata. Foi um grande yogi, dotado de poderes sobrenaturais.			
<b>Observação:</b> Explicação sobre pessoa (Vyasa) cujo nome próprio é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé;			

<i>Código 68</i>	<i>Lorenz (1999)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 77</i>
<b>Texto do verso:</b> 77. E quando recordo e me lembro daquela maravilhosíssima transfiguração de Hari (2), aniquilo-me de assombro, ó Rei, e outras tantas vezes me rejubilo.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Um dos nomes de Vishnu e de Krishna.			
<b>Observação:</b> Explicação de um nome próprio (Hari) ligado à mitologia, com referência a outros nomes próprios correspondentes (Vishnu e Krishna).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 69</i>	<i>Prabhu e Dasi (2002)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> A alma é imperceptível, incocebível e não é afetada pelas seis mutações*. Portanto, sabendo que a alma é assim, você não deve mais lamentar.			
<b>Texto da NT:</b> * Nascimento, existência, crescimento, maturidade, diminuição e destruição.			
<b>Observação:</b> Explicação/Exp. sobre um termo (seis mutações = Nascimento, existência, crescimento, maturidade, diminuição e destruição.); [Os textos das traduções dos versos 24 e 25 estão juntos, começando da seguinte forma: "A alma é indivisível e não pode ser queimada, molhada ou ressecada. Ela é perpétua, constante, impassível e sempre existente Nada pode obstruir sua passagem". Fiz a divisão do verso, para marcá-lo como sendo o 25, baseando-me na tradução dos termos contidos no verso que se apresenta antes do texto da tradução em prosa.]			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 70</i>	<i>Prabhu e Dasi (2002)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> As almas virtuosas libertam-se de todos os pecados que nascem dos cinco diferentes tipos de violência cometidos contra todos os seres vivos pela aceitação das sobras dos cinco sacrifícios oferecidos aos semideuses universais*. Porém os descendentes que preparam alimento para sua própria gratificação tão-só			

compartilham pecado.

**Texto da NT:** \* Os remanescentes de alimentos mencionados aqui não são o mesmo que a prasAda, ou os alimentos sagrados aceitos pelos devotos exclusivos do Supremo Senhor Sri KR<sup>^</sup>iSNa. Todos os alimentos aprovados dos devotos puros são primeiro oferecidos ao Senhor, e assim eles não acumulam nem piedade nem pecado. (Veja 9.20/26)

**Observação:** Def. de um termo (sobras dos cinco sacrifícios); remissão a outros versos da BG.

**Outras etiquetas:** Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;

<i>Código 71</i>	<i>Prabhu e Dasi (2002)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> Renunciando mentalmente a todas as ações na forma acima mencionada, a alma que mantém seus sentidos controlados reside feliz dentro da morada corpórea de nove portais* -livre do falso ego de considerar-se a realizadora das ações, mesmo que externamente execute todas as aividades, e livre ainda do falso ego de considerar-se a causa da ação, mesmo que ocupe outros na ação.			
<b>Texto da NT:</b> * Dois olhos, duas narinas, dois ouvidos, boca, anus e genital.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora (morada corpórea de nove portais).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 72</i>	<i>Prabhu e Dasi (2002)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> Um dia do Senhor BrahmA dura cem chaturyugas* e sua noite tem a mesma duração. Aqueles que sabem disso têm o verdadeiro conceito do dia e da noite.			
<b>Texto da NT:</b> * Uma yuga (era) no cálculo do tempo dos semideuses = as quatro yugas, ou chaturyuga, no cálculo de tempo da humanidade, ou 4.320.000 anos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (yuga) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 73</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso I</i>
<b>Texto do verso:</b> Dhrtarâstra disse: 1. - No campo do direito, no campo dos kurus, reunidos, desejosos de combater, que fizeram os meus e também os filhos de Pându, ó Samjaya?			
<b>Texto da NT:</b> Dhrtarâstra é o pai de Duryodhana e tio dos filhos de Pându. Dada sua fraqueza, cabe a Dhrtarâstra a responsabilidade do conflit entre os primos. Campo dos kurus, kuruksetre, que só se encontra aqui, famoso campo de batalha, meta de peregrinação, fica próximo de Amballana, na Índia setentrional. Campo dos kurus foi também chamado o território entre o Gages superior, o Yamunâ e o Drsadvatî, centro do qual irradiou na Índia a cultura brahmânica e por isso é considerado campo santo. O kuruksetra é também chamado tapahksetra, o campo da penitência, da disciplina (Manu, II, 19, 20). Kuru descende de Bharata e deu seu nome à estirpe. Kuruidas são chamados tanto os filhos de Pându como os filhos de Dhrtarastra, porém especialmente os primeiros. Mâmakâh: o "meu" povo (literalmente "os meus"). Êste sentimento de possessão é o resultado do egoísmo, ahañkâra, que é a fonte do mal. O egoísmo dos Kauravas (Dhrtarâstra) revelou-se no amor ao poder e ao domínio. Samjaya é o auriga e o cantor do rei Dhrtarâstra. Feito invulnerável			

miraculosamente por Vyâsa e dotado da faculdade de ver tudo, pôde referir ao velho rei que era cego, todos os acontecimentos que se processavam na batalha, à medida que se sucediam.

**Observação:** Explicação sobre os personagens do enredo, situação geográfica dos lugares mencionados, possíveis valores simbólicos de elementos; citação de outro texto sânscrito (Manu).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;

<i>Código 74</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> Samjaya disse: 2. - Duryodhana então, o rei, tendo visto disposto em batalha o exército dos filhos de Pându, aproximou-se do mestre e dirigiu-lhes a palavra.			
<b>Texto da NT:</b> Dhrtarâstra casou-se com a princesa Gandhârî e dêsse matrimônio nasceram cem filhos e uma filha, sendo Duryodhana o primeiro dêles. Êste rei ou príncipe era forte e audaz, porém astuto e maligno. Âcârya mestre ou instrutor, aquêle que conhece a significação das escrituras, de quem se trata aqui, Drona, era brahmane e foi mestre em tôda a ciência e no manêjo das armas tanto dos filhos de Dhrtarâstra como dos filhos de Pându.			
<b>Observação:</b> Explicação sobre o enredo do MB			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 75</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Olha, ó mestre, êste grande exército dos filhos de Pându, organizado pelo filho de Drupada, o teu sábio discípulo.			
<b>Texto da NT:</b> Dhrtadyumna é o filho de Drupada, rei de Pâncâla.			
<b>Observação:</b> Explicação dos personagens do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 76</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Aqui estão heróis, grandes arqueiros, iguais em combate a Bhîma e Arjuna: Yuyudhâna, Virâta e Drupada do grande carro.			
<b>Texto da NT:</b> Bhîma é o comandante principal de Yudhisthira, embora Dhrtadyumna seja o titular dêste encargo. Arjuna é o amigo de Krsna e o grande herói dos filhos de Pându. Yuyudhâna é o cocheiro de Krsna e também chamado Sâtyaki. Virâta é o príncipe das terras onde os filhos de Pandu viveram algum tempo escondidos ou domiciliados.			
<b>Observação:</b> Exp. personagens do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 77</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Dhrtaketu, Cekitâna e o valente rei Kâçi, Purujit e Kuntîbhoja e Çaibya, touro dos homens.			
<b>Texto da NT:</b> Dhrtaketu é o rei de Cedis. Cekitâna é um guerreiro célebre dos filhos de Pându. Purujit e Kuntîbhoja são irmãos. Êles, às vêzes, são confundidos. Çaibya é o rei da tribo dos çibis.			



**Observação:** Exp. personagens do enredo.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;

<i>Código 78</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. - Mas quais são os melhores dos nossos, os condutores do meu exército, ouve-os, ó o melhor dos duas vezes nascidos, para o teu conhecimento, os nomeio.			
<b>Texto da NT:</b> Dvijottama: é o melhor dos duas vezes nascidos. Um dvija é aquele que recebeu o cordão sagrado, literalmente aquele que é nascido duas vezes. O fim da educação é a iniciação à vida espiritual. O duas vezes nascido é o brahmane. O primeiro nascimento é o natural, o segundo é o espiritual. O homem nasce criança da natureza e cresce até à estatura espiritual para vir a ser uma criança de luz. Só aqui se encontra a expressão dvijottama.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Dvijottama) trad. (duas vezes nascidos); informação sobre a ocorrência única do termo na <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 79</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. - Tu mesmo e Bhîsma e Karna e Krapa, vencedor na batalha, Açvatthâman, Vikarna e também o filho de Somadatta.			
<b>Texto da NT:</b> Bhîsma é o comandante chefe do exército dos kuruidas. Bhîsma é o velho guerreiro, cheio de sabedoria que proporcionou a educação aos filhos de Dhrtarâstra e aos filhos de Pându. Karna é o meio irmão de Arjuna. Krapa é cunhado de Drona. Vidarna é o terceiro dos cem filhos de Dhrtarâsta. Somadatti é o filho de Somadatta, rei de Bâhikas. Açvatthân é o filho de Drona.			
<b>Observação:</b> Exp. dos personagens do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 80</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Insuficiente é esta nossa força comandada por Bhîsma, suficiente porém é esta força deles comandada por Bhîma.			
<b>Texto da NT:</b> Aparyâptam é interpretada por Çrîdhara com o sentido de insuficiência, insuficiente e segundo Ânandagiri com o sentido de ilimitado. Outra tradução do çloka ou verso é a seguinte: "Ilimitada é esta nossa força comandada por Bhîsma, mas limitada é esta força deles comandada por Bhîma". Parece que a primeira tradução se ajusta melhor com o çloka no. 11, em que se pede que Bhîsma seja defendido.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de outros tradutores e explicação da escolha da tradução utilizada.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 81</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Tendo-lhe despertado a alegria, o Velho kuru, o grande pai, soltando um alto rugido de			

leão, assoprou na concha, majestoso.

**Texto da NT:** "Rugiu como um leão" - Bhîsma proclama assim enfaticamente a sua confiança.

**Observação:** Exp. de metáfora (rugiu como um leão).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;

<i>Código</i> 82	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Em seguida eretos no grande carro, atrelado de cavalos brancos, Mãdhava e o filho de Pându assopraram nas conchas divinas.			
<b>Texto da NT:</b> Arjuna, filho de Pându e de Prthâ (ou Kuntî). Foi também chamado filho de Indra. Casou-se com Subhadrá, irmã de Krsna. No curso da batalha matou Bhîsma, Jayadratha, Karna e muitos outros. Tendo conseguido sair ileso da batalha, depois de muitas aventuras belicosas, retirou-se para o Himâlaya. Êle realizou em Drârakâ as cerimônias fúnebres de Krsna seu amigo. Antigos comentadores derivam o nome de Krsna de hrsîka e îça "Senhor dos sentidos". Estudiosos modernos, porém, preferem derivar de krs e heça com o sentido de "possuidor de fôrça" "cabelos eriçados". Filho de Pându é Arjuna. Mãdhava é um epíteto de Krsna, significando seu grande poder sôbre a natureza. Em tôda a literatura hindu e budista o carro simboliza o organismo psicológico. Os corcéis são os sentidos, as rédeas o seu poder, porém o cocheiro, o guia, é o espírito, o eu verdadeiro, Atman. Krsna, o cocheiro, é o espírito nos indivíduos.			
<b>Observação:</b> Exp. dos personagens no enredo do MB; exp. sobre antonomástico; etimologia do nome de um personagem.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 83	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. - Hrsikeça na Pâncajanya, Dhanamjay na Devatta, Vrkodara, dos terríveis feitos, assoprou na grande concha Paundra.			
<b>Texto da NT:</b> Pâncajanya: a concha de Krsikeça, que é Krisna, foi feita de osso gigante Pâncajanya, morto por êle. Dhanamjaya é Arjuna cuja concha Devadatta é o "dom de Deus". Vrakodara, o ventre de lôbo, é Bhîma.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre antonomásticos não traduzidos; def. de termo (Pâncajanya, Devatta, Paundra) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 84	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. - O rei Yudhisthira, filho de Kuntî, na Antavijâiya, Nakula e Sahadeva na Sughosa e na Manipuspaka.			
<b>Texto da NT:</b> O rei, príncipe. Yudhisthira é o primogênito dos cinco filhos de Pându. Yudhisthira, Vrakodara, Nakula e Sahadeva, são os quatro irmãos de Arjuna. Sahadeva é o mais jovem dêles. As conchas dos remanescentes três irmãos foram chamadas: Anantavîjaya – infinita vitória, Sughosa – doce som, Manipuspaka – ornada de pedras preciosas e de flôres.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagens do enredo; tradução dos nomes de objetos (conchas) utilizados por personagens.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 85</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. - E Kâçaya, o supremo arqueiro, e Çikhandî do grande carro. Dhristdymna e Virâta e Sâtyaki, o invencível.			
<b>Texto da NT:</b> Kâçaya é o rei de Kâçi, a moderna Benares. Alguns traduzem “o rei de Kâçi”.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de outros tradutores; exp. sobre os personagens.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código 86</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 19</i>
<b>Texto do verso:</b> 19. - Êste ruído dilacerou os corações dos filhos de Dhrtarâstra e tumultuoso fêz ressoar o céu e a terra.			
<b>Texto da NT:</b> O termo céu naliha só só se encontra aqui:			
<b>Observação:</b> Aviso sobre a particularidade de uma ocorrência lexical no presente verso em relação ao resto do texto.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código 87</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. - Ora, o filho de Pându, cujo emblema era um macaco, tendo visto em linha de batalha os filhos de Dhrtarâstra, quando o choque das armas tinha começado, erguendo o arco.			
<b>Texto da NT:</b> Pravrtte çastrasampâte como o vôo dos projéteis começara. Nasce assim a batalha o pensamento filosófico, o qual não é contemplação estéril, mas é doutrina de vida e de ação. Kapidhvajah, capi-macaco, dhvajah – emblema, estandarte. Êste termo só se encontra aqui.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre a particularidade de uma ocorrência lexical no presente verso em relação ao resto do texto; exp. de metáfora; comentário sobre possível interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 88</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. - Disse então esta palavra a Hrsikeça, ó Senhor da terra: coloca, ó Açyuta, o meu carro no meio dos dois exércitos.			
<b>Texto da NT:</b> Açyuta (infalível): os outros nomes aplicados a Krsna, além de Açyuta, são: Madhusûdana (vencedor do demônio Madhu), Arisûdana (conquistador dos inimigos), Govinda (pastor ou aquele que dá a iluminação), Vâsudeva (filho de Vasudeva), Yâdava (descendente de Yadu). Keçava (da bela cabeleira), Mâdhava (espôso de Loksamî), Hrsîkeça (mestre dos sentidos, hrsîkatêça), Janârdana (libertador dos homens).			
<b>Observação:</b> Exp. dos antonomásticos de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota após o verso;			

<i>Código 89</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. - Eu desejo ver êstes combatentes aqui reunidos, que querem, em batalha, ser agradáveis ao maligno filho de Dhrtarâstra.			

**Texto da NT:** O maligno filho de Dhrtarâstra é Duryodhana, o responsável pela guerra. Todos os preparativos da guerra estão prontos. Nessa mesma manhã Yudhishthira contempla a formação impenetrável organizada por Bhîsma. Tremendo de medo, diz à Arjuna: "Como podemos nós vencer em face de um tal exército (43)? Arjuna encoraja seu irmão, citando-lhe um antigo verso: "Aquêles que desejam a vitória não a conquistam tanto pela fôrça e pela proeza, senão pela verdade, compaixão, piedade e pela virtude. A vitória é certa lá onde está Krsna... A vitória é um dos seus atributos como é também a humildade" (44). Krsna aconselha à Arjuna a purificar-se e suplicar a Durgâ em favor da vitória. Arjuna desce de seu carro e entoia um hino de louvor à deusa. Satisfeita com a sua devoção, ela abençoa Arjuna: "Ó filho de Pându, tu vencerás rapidamente teu inimigo. Tu tens contigo Nârâyana mesmo". E todavia, homem de ação que êle era, Arjuna não refletia nos enredos da sua emprêsa. A presença do seu instrutor, a consciência do divino, o auxílio fêz-lhe compreender, que os inimigos que êle precisava combater lhe eram caros e sagrados. Era-lhe necessário cortar os liames sociais para a proteção da justiça, a supressão da violência e da ilegalidade. O estabelecimento do reino de Deus sôbre a terra é uma emprêsa de cooperação entre Deus e o homem. O homem colabora com Deus na obra da criação. ----- (43). - M. B. Bhîsmaparva, 21, 31. (44). - M. B. Bîsmaparva. 21, 11-12. Radhakrishnan. La Bhagavad-Gîtâ, p. 99. 100.

**Observação:** Exp. do enredo do MB; possível interpretação simbólica do enredo.

**Outras etiquetas:** Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Nota após o verso;

<i>Código 90</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> Samjaya disse: 24. - Assim interpelado por Gudâkeça, Hrsîkeça, ó filho de Bharata, colocou entre os dois exércitos o excelente carro.			
<b>Texto da NT:</b> Além de Gudâkeça, os sobrenomes de Arjuna são: Bhârata (descendente de Bharata), Dhanamjaya (conquistador das riquezas), Gudâkeça (cujos cabelos se parecem com os cachos), Pârtha (filho de Partha), Paramtapa (vencedor dos inimigos). Bhârata é Dhrtarâstra.			
<b>Observação:</b> Exp. dos antonomásticos de Arjuna e Dhrtarâstra.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota após o verso;			

<i>Código 91</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. - Sogros e também amigos, nos dois exércitos; êle, o filho de Kuntî, tendo visto êsses parentes em linha.			
<b>Texto da NT:</b> A mãe dos Pandus tinha dois nomes: Pârthâ e Kuntî. Filho de Pârthâ ou filho de Kuntî designa sempre o mesmo Arjuna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre os dif. nomes da mãe de Arjuna usados no texto.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 92</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. - Possuido de extrema compaixão, consternado, falou isto.			
<b>Texto da NT:</b> Arjuna disse: Vendo, ó Krsna, o meu próprio povo reunido desejoso de combater, O texto crítico			

omite a expressão: "Arjuna disse".
<b>Observação:</b> Apresentação de verso omitido na edição crítica.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;

<i>Código 93</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. - Os meus membros desfalecem, a bôca torna-se sêca e o meu corpo treme e os pelos se eriçam.			
<b>Texto da NT:</b> São expressões de aflição e temor.			
<b>Observação:</b> Interpretação do enredo? ( São expressões de aflição e temor.) (meus membros desfalecem, a bôca torna-se sêca e o meu corpo treme e os pelos se eriçam)			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 94</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. - O gandiva cai da mão e a pele arde, não posso manter-me em pé e a minha mente vacila.			
<b>Texto da NT:</b> Êstes arco (gandiva) tem uma história legendária: como dom passou de Soma para Varuna, de Varuna passou para Agni, de Agni passou para Arjuna.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (gandiva) não trad.; Exp. sobre a mitologia hindu relacionada a um objetivo (gandiva)			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 95</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> 31. - E vejo, ó Keçava, presságios funestos e não prevejo bem alguém matando o meu povo no combate.			
<b>Texto da NT:</b> A palavra nimittâni, preságio, sòmente encontra neste passo:			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans (nimittâni) de outro trad. (presságio); Aviso sobre a ocorrência particular (única) de um termo do verso, dentro da <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 96</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. - Não desejo, ó Krsna, nem a vitória, nem o reino e nem os prazeres; a que serve para nós, ó Govinda, o reino, a que servem os gozos ou a vida?			
<b>Texto da NT:</b> Nos momentos de grande dor estamos dispostos a adotar o método da renúncia. Êste verso exprime a disposição de Arjuna de abandonar o mundo.			
<b>Observação:</b> Interpretação da passagem.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 97</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 34</i>
<b>Texto do verso:</b> 34. - Mestres, pais, filhos e também avós, tios, sogros, netos, cunhados, parentes.			
<b>Texto da NT:</b> O indivíduo de casta elevada tem grande veneração para com os mestres espirituais. O termo			

âcâryâh, mestres se refere a Drona, a Kripa e a outros e pitâmahâh avós se refere primeiramente a Bhîsma.
<b>Observação:</b> Exp. do contexto cultural para uma possível interpretação do verso; informação de termo sans. (acaryah e pitamahah) relacionado a outro trad. (mestres, avós) e a que personagens eles se referem.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Informação do termo sânscrito; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;

<i>Código 98</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35. - Não desejo matá-Ios, embora procurem matar-me, ó matador de Madhu, mesmo que fôsse por causa do reino dos três mundos, como então pelo império da terra?			
<b>Texto da NT:</b> As três palavras aqui são céu, terra e pâtâla, habitação dos demônios. A frase é também usada para bhur bhavah svah, significando respectivamente o mundo dos homens, o espaço intermédio dos seres semi-divinos e o céu dos devas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo (reino dos três mundos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 99</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 36</i>
<b>Texto do verso:</b> 36. - Que prazer nos adviria se matássemos os filhos de Dhrhtarâstra, ó Janârdana? O pecado cairia sôbre nós, matando esses assassinos.			
<b>Texto da NT:</b> Janârdana, Krsna: a antiga explicação do nome é "um que é vencido pelas orações dos homens". Êle provavelmente tinha o sentido de "turbador dos homens", isto é, dos inimigos. Âtatâyinah = assassino, agressor, incendiário, envenenador, ladrão. Matar um assassino não é, segundo a lei, um pecado. Ora Arjuna para pôr em evidência o horror de matar um parente, afirma que mesmo que um parente seja um assassino, matá-Ia é um grave pecado. Alguns traduzem âtatâyinah como "arcos estendidos". Não se deve matar o inimigo mesmo que seja um agressor. Não se deve cometer um pecado em represália a um outro pecado. "Conquistar a cólera dos outros pela não cólera; os maus pela santidade, o avaro pelos dons, a falsidade pela verdade". M. R. Udyogapava, 38, 73, 74. O termo âtatâyinah só se encontra neste verso. Pecado grave é ofender a família, instituição que, no conceito brahmânico, abrange os vivos, os mortos e os nascituros, a quem se presta um verdadeiro culto, sendo impiedade violá-la.			
<b>Observação:</b> Interpretação e comentário do verso; citação de outro texto sânscrito (?); exp. de antonomástico; aviso sobre a ocorrência única de um termo (atatayinah).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre antonomástico; Comentário; Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código 100</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 38</i>
<b>Texto do verso:</b> 38. - Ora mesmo que êstes tenham a mente perturbada pela avareza, não vejam o mal na destruição da família e o pecado em hostilizar os amigos.			
<b>Texto da NT:</b> Entre os hindus cada família tinha um culto do qual o pai de família era o sacerdote. Dêste culto dependia a sorte dos antepassados no além-túmulo.			

**Observação:** Comentário sobre o contexto cultural que o conteúdo do verso expõe.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota após o verso;

<i>Código 101</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 40</i>
<b>Texto do verso:</b> 40. - Com a destruição da família, as leis perpétuas da família perecem, com a destruição da lei, a família inteira é dominada pela ilegalidade.			
<b>Texto da NT:</b> As leis perpétuas: os ritos especiais e os deveres de que se incumbe a família.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (leis perpétuas) trad. [dharma]			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código 102</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. - Imperando a ilegalidade, ó Krsna, corrompem-se as mulheres da família, com a corrupção das mulheres, ó Vrsnide, surge a confusão das castas.			
<b>Texto da NT:</b> Vrsnide patronímico de Krsna. Varna é geralmente traduzido por casta, embora o atual sistema das castas não corresponda de modo algum ao ideal da Bhagavad-Gîtâ. O termo varnasamkarah "confusão das castas" só aparece aqui.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre antonomástico (patronímico) de Krsna; def. de um termo (varna) trad. (castas); aviso sobre a ocorrência única de um léxico (varnasamkarah) na BG.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código 103</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. - A confusão conduz ao inferno os destruidores da família e também a família; os seus ancestrais caem privados dos ritos do bôlo de arroz e da água.			
<b>Texto da NT:</b> Também se traduz: "privados da oferta de nutrição e da água" ou "privados da farinha de arroz e da água" (44a). Aqui se faz alusão à crença que mostra que os ancestrais mortos exigem estas oferendas para o seu bem-estar. ----- (44a). - Código de Manu, III, 22, 214, 215. Se não houver descendentes masculinos que ofereçam regularmente água lustral e pão cozido às almas dos antepassados extintos, estes últimos não podem mais fruir as recompensas celestes que mereceram com as suas boas obras e são constrangidos a interromper sua viagem de ascensão aos céus e voltar à terra para empreender de novo o sacrifício de adquirir méritos religiosos.			
<b>Observação:</b> Traduções alternativas; interpretação do ensinamento de Krsna; citação de outro texto sânscrito (Manu); nota de rodapé agregada à nota após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código 104</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 43</i>
<b>Texto do verso:</b> 43. - Por êstes crimes dos destruidores da família, que causam a confusão das castas, são			

destruídas as leis da raça e as leis eternas da família.

**Texto da NT:** Quando fazemos em pedaços os ideais encarnados nas tradições imemoriais, quando perturbamos o equilíbrio social não fazemos outra coisa que introduzir o caos no mundo.

**Observação:** Interpretação do ensinamento de Krsna.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>105</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>44</b>
<b>Texto do verso:</b> 44. - A morada dos homens cujas leis da família são destruídas, ó Janârdana, está fixada no inferno, assim temos ouvido.			
<b>Texto da NT:</b> Também se traduz: "assim nos tem sido revelado" ou "assim nos tem sido transmitido".			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>106</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>46</b>
<b>Texto do verso:</b> 46. - Se sem defesa e sem armas, os filhos de Dhrtarâstra, de armas na mão, na batalha, me matassem, isto seria melhor para mim.			
<b>Texto da NT:</b> Outra variante traz: priyataram mais satisfeito em lugar de ksemataram melhor.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de um trecho, aparentemente devido à diferenças entre MSS. Porém nenhum dos termos que ele cita na NT está presente no verso em sânscrito do vedabase.net.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>107</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>88</b>
<b>Texto do verso:</b> Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gitâ, ciência do Brahmane, tratado do yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o primeiro capítulo chamado: o abatimento de Arjuna.			
<b>Texto da NT:</b> Upanishadas são livros teosóficos. Upanishada significa doutrina arcana, secreta, misteriosa. Esta fórmula final não faz parte do texto. Os títulos dos diversos capítulos apresentam ligeiras variantes nas diferentes versões. Ciência do Brahmane ou ciência do Absoluto é brahmavidyâ.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a presença do colofão em diferentes edições críticas; aviso que há outras traduções; informação sobre o termo em sans (brahmavidya) relacionado a outro trad. (ciência do brahmane); def. de um termo (upanishada) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>108</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 2. - De onde te vem, ó Arjuna, no perigo chegado, êste abatimento, indigno de um ária, que não conduz ao céu e causa desonra?			
<b>Texto da NT:</b> Anâryajustam não é ária. Os árias, segundo alguns, são aqueles que têm um tipo particular de cultura interior e de prática social que insistem no tocante a coragem e a cortesia, a nobreza e a justiça. O termo			



ária só se encontra neste passo.
<b>Observação:</b> Def. de um termo (ária) trad. (Anâryajustam); aviso sobre a ocorrência única deste termo na BG.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 109</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Não caias na condição de eunuco, ó filho de Pârtha, isto não se assenta em ti, abandona a pueril pusilaminidade do coração, ergue-te, ó opressor dos inimigos.			
<b>Texto da NT:</b> Paramtapa -- opressor dos inimigos, Arjuna.			
<b>Observação:</b> Exp. de um antonomástico de Arjuna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 110</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Melhor é no mundo comer o alimento mendigado a matar os mestres magnânimos; se matasse os mestres, embora ávidos de riquezas, comeria os alimentos tintos de sangue.			
<b>Texto da NT:</b> Rudhirapradighân: tintos de sangue. Considerando as vítimas de todos os tempos, ouvindo os gritos das mulheres e das crianças e vendo as mil formas de destruição, de opressão e de injustiça: os corações bem formados não podem deixar de repelir tôda e qualquer conquista de sangue.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Rudhirapradighân) trad. (tintos de sangue); interpretação do ensinamento de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 111</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. - A piedade é a minha fraqueza, ela feriu o meu íntimo, com a mente perturbada pelo dever, interrogo-te: o que é melhor fazer, dize-me francamente, eu sou teu discípulo, instrui-me, refugio-me em ti.			
<b>Texto da NT:</b> Aqui se trata do Dharma sagrado, regra divina de que os indianos não se podem subtrair. O Dharma é fixo, independente de tôda a crença filosófica ou religiosa. A observância dos ritos é indispensável para a felicidade, quer nesta ou na outra vida.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (dharma) trad. (dever).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 112</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 9</i>
<b>Texto do verso:</b> Samjaya disse: 9. - Tendo assim falado a Hrsîkeça, Gudakeça, o destruidor dos inimigos, disse assim a Govinda: "Não combatarei" e tornou-se silencioso.			
<b>Texto da NT:</b> Paramtaph - destruidor dos inimigos. Govinda - a onisciência do instrutor, diz Madhûdana, está indicada nesta palavra. Tûsnim babhuva: tornou-se silencioso. A voz da verdade não pode ser entendida senão no silêncio.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Paramtaph) de um antonomástico (destruidor dos inimigos); Comentário; informação do termo sans (Tûsnim babhuva) trad. (tornou-se silencioso); citação de um exegeta			

(Madhudana) [madhusUdhana?].

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Comentário; Referência a outro tradutor da *BG*; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 113</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Hrsîkeça, como sorrindo, ó filho de Bharata, disse a êle, que estava desolado no meio dos dois exércitos, esta palavra: Bharata é Dhrtarâstra.			
<b>Texto da NT:</b> O termo iva (como se) aplicado ao sorriso de Krsna é uma particularidade da língua mística familiar nas Upanishadas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a presença de um termo ( iva (como se) ) no verso, que é particular à linguagem mística da Upanisad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 114</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 11. - Tu choras por aquêles que não deves chorar e disseste palavras sábias; os sábios não choram nem os mortos e nem os vivos.			
<b>Texto da NT:</b> A versão de Kashmir diz: "Tu não falas como um homem inteligente": prâjnvat na abhibhâsase. O instrutor explica brevemente nos versos II, 38, a sabedoria da filosofia do Sâmkhya. Aqui Sâmkhya não se relaciona ao sistema de Kapila, mas ao ensinamento das Upanishadas.			
<b>Observação:</b> Apresenta uma tradução alternativa de outro tradutor (Kashmir); remissão a outro verso relacionado; esclarecimento sobre a conotação de um termo (samkhya) utilizado no verso (como "conhecimento" e não como o nome da filosofia de Kapila).			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 115</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Eu jamais deixei de existir, nem tu, nem êstes príncipes dos homens e também não haverá momento em que nós todos deixaremos de existir no futuro.			
<b>Texto da NT:</b> Çamkara considera convencional esta referência à pluralidade. Êle afirma que o número plural é empregado para designar os corpos que são diferentes e não o eu universal que é Um. Râmânuja insiste na distinção entre Krsna, Arjuna e os príncipes e a declara final. Para êle tôda a alma individual é imperecível e coeterna com o universo. A referência aqui não é a eternidade do espírito absoluto, mas à pré-existência e à post-existência dos egos empíricos.			
<b>Observação:</b> Apresentação de comentários de outros tradutores/comentadores clássicos, com interpretações diferentes entre si; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota após o verso;			

<i>Código 116</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. - Como a alma neste corpo passa através da infância, da juventude, da velhice, assim			

também passa para um outro corpo: o sábio nisto não se confunde.
<b>Texto da NT:</b> Dehin, alma, incorporável.
<b>Observação:</b> Apresentação do termo sânscrito (dehin) de determinado termo (alma) usado na tradução.
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<b>Código 117</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. - Não se conhece a existência daquilo que não é, nem se conhece a não existência daquilo que é, mas o fim de um e de outro é visto por aqueles que vêm a verdade.			
<b>Texto da NT:</b> Formichi traduz este çloka da seguinte maneira: "Não se conhece criação daquilo que já não existe, não se conhece destruição daquilo que existe: dentre ambos estes dois (falsos conceitos, criação do não existente e destruição do existente) o fim foi visto por aqueles que vem no fundo das cousas".			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 118</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. - Mas conhece aquele que é indestrutível, por quem tudo isto é penetrado; ninguém é capaz de causar a destruição deste imperecível.			
<b>Texto da NT:</b> Tatam: penetrado. Ver também VIII, 22, 46; IX, 4; XI, 38 e o Mahâbhârata XII, 240, 20. Çankara emprega o termo "vyâptam".			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sânscrito (tratam) de um trad. (penetrado); remissão a outros versos da BG e do MB; apresenta o termo utilizado por Sankara sobre o termo em questão.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Referência a outro tradutor da BG; Remissão intratextual; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 119</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. - Quem o conhece como matador e quem o considera morto, ambos não têm discernimento: este não mata, nem é morto.			
<b>Texto da NT:</b> O autor mostra aqui a diferença entre eu e o não eu, o purusa e a prakrta do Sâmkhya.			
<b>Observação:</b> Comentário / interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<b>Código 120</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. - Não nasce, nem morre, nem tendo uma vez nascido jamais deixa de existir, incriado, perpétuo, eterno, este antigo, não morre, morrendo o corpo.			
<b>Texto da NT:</b> O mesmo conceito encontra-se na Katha-Upanishada, 2a. parte, no. 18.			
<b>Observação:</b> Remissão a outro texto (Katha Up.) devido a uma suposta equivalência conceitual sobre o que é apresentado no verso.			

**Outras etiquetas:** Referência a outro texto sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 121</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. - Aquêlê que sabe que êste é imperecível, eterno, incriado indissolúvel, como pode êste homem, ó filho de Pârtha, matar alguém ou ser causa que alguém seja morto?			
<b>Texto da NT:</b> Quando sabemos que o eu é invulnerável como podemos matá-lo?			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 122</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. - Como o homem abandona as vestes velhas e toma outras novas, assim a alma abandona os velhos corpos e reveste outros novos.			
<b>Texto da NT:</b> O renascimento é uma lei da natureza. Como o trigo, um mortal morre e como o trigo êle renasce. Katha Upanishada. I, 6.			
<b>Observação:</b> Apresenta um verso de outro texto (Katha U.) que tem a mesma idéia do verso traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 123</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. - As armas não o cortam, o fogo não o queima, as águas não o molham, nem o vento seca.			
<b>Texto da NT:</b> Êste êle, o espírito ou a alma.			
<b>Observação:</b> Explicitação sobre qual é o sujeito o qual a tradução se refere (alma).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 124</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. - Ê invisível, êle é inconcebível, êle é chamado imutável, por isto, conhecido êle assim, não deves afligir-te.			
<b>Texto da NT:</b> Ê sempre o purusa do Samkhya que é descrito aqui, não o Brahman das Upanishadas.			
<b>Observação:</b> Comentário / interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 125</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. - Certa é a morte do que nasce e certo é o nascimento do que morre, por isto, por uma cousa inevitável, tu não deves afligir-te.			
<b>Texto da NT:</b> A morte é um fato universal e a vida é um fato universal. "Há tempo de naseer e tempo de morrer". Quantas vêzes se nasce, quantas vezes se morre? O nascimento já é morte, a morte já é vida.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 126</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. - Um o olha como uma maravilha, outro como uma maravilha fala dêle, outro o ouve como uma maravilha e embora ouvindo ninguém o conhece.			
<b>Texto da NT:</b> Espírito, alma, o eu divino, incorporável.			
<b>Observação:</b> Explicitação do objeto o qual o verso se refere (Espírito, alma, o eu divino, incorporável.).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 127</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. - Êste espríto é sempre ínvulnerável no corpo de cada um, ó filho de Bharata, por isto, tu não deves lamentar ser algum.			
<b>Texto da NT:</b> O homem é composto do eu, que é imortal e do corpo que é mortal. Este serve de instrumento àquêle e deve ser conservado.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 128</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 31. - Ora considerando o teu dever, não deves temer, não há outra cousa melhor para um guerreiro do que uma guerra justa.			
<b>Texto da NT:</b> Ksatrya guerreiro, homem ária da segunda casta real.			
<b>Observação:</b> Informação de def. de um termo (ksatrya) trad. (guerreiro).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 129</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. - Por acaso apresenta-se urna porta aberta do céu, felizes os guerreiros, ó filho de Pârtha, que accitam tal combate.			
<b>Texto da NT:</b> A felicidade de um ksatrya, guerreiro, consiste não no prazer e no confôrto doméstico, mas em combater pela justiça.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 130</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. - Ora se tu não travares esta batalha justa, então cometerás um pecado, tendo faltado ao teu dever e à gloria.			
<b>Texto da NT:</b> Quando a luta entre a justiça e a injustiça se processa, aquêle que se abstem por falso sentimento ou fraqueza comete um pecado. Lutar pela justiça é um dever.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 131</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 35</i>
-------------------	----------------------	--------------------	-----------------

**Texto do verso:** 35 - Os guerreiros dos grandes carros pensarão que te retiraste do combate por temor e aqueles para quem tu eras muito estimado serás menosprezado.

**Texto da NT:** "Grandes carros" - grandes guerreiros.

**Observação:** Exp. de metáfora. (grandes carros > grandes guerreiros).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>132</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<b>Texto do verso:</b> 39. - Êste conhecimento te foi dado pelo Sâmkhya, ouve porém êste pêlo Yoga, provido com êste conhecirmento, ó filho de Pârtha, serás livre do vínculo da ação.			
<b>Texto da NT:</b> Na Bhagavad-Gîtâ, Sâmkhya não designa o sistema de filosofia conhecido com êste mesmo nome, como Yoga não designa o Yoga de Pâtanjali, A versão escolástica do Sâmkhya é um franco dualismo: purusa o eu e prakrti o não eu. A Bhagavad-Gitâ transcende êste dualismo em firmar a realidade de um Eu Supremo, que é o Senhor de tôdas as cousas. Sâmkhya e Yoga não são nêste poema sistemas contraditórios. Êles têm o mesmo alvo, apenas diferem no método. Karma, ato ou ação. Tôda a boa ação tem como resultado vincular o espírito em novas existências, que constituirão prêmio ou castigo. O escopo de tôda a filosofia é justamente livrar o espírito dêsses sucessivos renascimentos que prendem as existências, os quais não podem deixar de ser dolorosas, porque todo o vínculo, tôda a ligação De uma livre atitude é dor. É interessante notar também que o têrmo Karma não aparece no Rig-Veda.			
<b>Observação:</b> Def. de termos (samkhya, yoga) não trad.; def. e informação de termo (ação) trad. (karma); aviso sobre a aparição de um termo do verso em outro texto da literatura relacionada (Rgveda).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>133</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>40</b>
<b>Texto do verso:</b> 40. - Não há aqui esforço em vão, não há decepção, mas um pouco dêste dever livra de grande perigo.			
<b>Texto da NT:</b> Dharma - conhecimento, doutrina, dever, lei.			
<b>Observação:</b> Definição e informação de um termo (dever) trad. (dharma).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>134</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. - Para o resoluto, a mente aqui é uma, ó filh de Kuru, muitos em ramos e infinitos são os pensamentos entre os irresolutos.			
<b>Texto da NT:</b> Outros traduzem: "Nêle, ó jóia dos kurus, a inteligência resoluta é uma, mas os pensamentos do irresoluto são múltiplos e sem fim".			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 135</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. - Esta palavra florida dita pelos ignorantes, que se comprazem nas palavras do Veda, ó filho de Pârtha, que dizem: "não há outro assim".			
<b>Texto da NT:</b> Veda, livro sagrado dos hindus, que constitui a revelação sôbre a qual se baseia o ritual brahmanico.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (veda) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota após o verso;			

<i>Código 136</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 43</i>
<b>Texto do verso:</b> 43. - Que têm as almas cheias de desêjo, visando o céu, oferece o nascimento como fruto da ação e prescrevem muitas e variadas cerimônias para conquista do prazer e da soberania.			
<b>Texto da NT:</b> O instrutor distingue o verdadeiro karma da piedade ritualista. Os sacrifícios do Veda são destinados à aquisição de recompensas materiais. Mas a Gîtâ recomenda que renunciemos todo o desêjo e todo o esforço egoista e a fazer a vida inteira um sacrifício oferecido com uma devoção verdadeira. Svarga - céu é o mundo dá luz, o céu de Indra, o paraíso no qual estão as almas dos bons antes de descerem à terra.			
<b>Observação:</b> Comen.; def. e info. de um termo (céu) trad. (svarga).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código 137</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 44</i>
<b>Texto do verso:</b> 44. - Para aqueles que são apegados ao gôzo e à soberania, cuja razão está voltada para essa palavra, o pensamento, idêntico à resolução, não existe na sua meditação.			
<b>Texto da NT:</b> A Bhagavad-Gîtâ, nos çloka 42-44, mostra haver superado o avaro formalismo da religião brahâmânica fundada sôbre a leitura dos Vedas e sôbre um ritual complicado. Não é mais um feliz renascimento que se deseja como fruto de pias ações, mas a emancipação dos efeitos das ações; não são mais os gozos celestes que estão no pensamento dos devotos, mas a identificação com o Ser, não é mais o sacrifício aos deuses a prática meritória, mas a meditação.			
<b>Observação:</b> Comentário contextualizando historicamente a posição da filosofia da BG dentro do bramanismo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código 138</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45. - Os Vedas têm por objeto os três guna, ó Arjuna, sê livre dos três guna, livre da dualidade, sempre firme na pureza, sem aquisição e conservação, senhor de ti mesmo.			
<b>Texto da NT:</b> Yogaksema é a aquisição dos bens novos e a conservação dos bens antigos. Outros traduzem sattva por bondade em lugar de pureza. A matéria, segundo a escola do Samkhya, é quantitativamente indeterminada; quantitativamente resulta dos três elementos (guna) representados como três cabos de uma corda, a matéria que conserva prisioneiro o espírito. São êstes: o sattva, o rajas, o tamas, literalmente: a bondade, a paixão, as trevas, porém, diz Belloni-Fillipi, de significação tão ampla e variada que melhor seria usá-Ios sem traduzí-los, Segundo A. Besant, guna = atributos ou formas de energias. Elas são: Sattva ritmo ou			

pureza; rajas atividade ou paixão; tamas energia ou trevas. Êstes três elementos se manifestam não só na ordem física, mas na intelectual e moral. Luz e sereno são efeitos do saliva e assim também gênio e santidade enquanto que o rajas produz tempestade, luta e paixão, e o tamas inércia, ignorância e apatia. A vida inteira do universo não é senão o resultado da luta entre êstes três elementos com o fim de um vencer o outro. O afirmar que os Vedas têm por objeto os três elementos equívale dizer que os Vedas não vão além da matéria e ignoram assim a verdadeira espiritualidade a qual consiste em escolher o princípio espiritual, a alma, da matéria, em tornar puro espírito, ou seja a eterna Realidade, o Ser Supremo.

**Observação:** Def. de termo (Yogaksema) trad. (aquisição de bens novos e conservação dos bens antigos); informação e trad. alternativa de um termo (sattva) trad. (pureza); Comentário; informação e def. de term (guna) não trad.; citação de Belloni-Fillipi e A. Besant.

**Outras etiquetas:** Comentário; Referência à Ciência; Referência a outras tradições orientais: 11; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 139</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 46</i>
<b>Texto do verso:</b> 46. - Quanto há de utilidade numa cisterna de que emana água de toda parte, tal é a de um Inteligente brahmane em todos os Vedas.			
<b>Texto da NT:</b> A Bhagavad-Gîtâ não se prende à letra dos Vedas, ela assinala um progresso no pensamento especulativo Indiano. Como obra ortodoxa ela não rejeita, nem renega os Vedas. Nos çloka 42-45 se faz referência não tanto aos Vedas quanto à escola da Pûrvamîmâmsâ, a qual afirma que o mais alto ensino dos Vedas consiste em prescrever a obra, o sacrifício e que a recompensa, o fruto das obras, ou então a posse dos céus, é o máximo que por meio dessa obra se pode obter. A Bhagavad-Gîtâ combate resolutamente êste último princípio, embora admita com a Pûrvamîmâmsâ a necessidade da obra e discorde da Uttara-Mimâmsâ, a qual faz consistir o mais alto mérito no conhecimento do Brahman opta a tornar inútil para o homem a ação. A Bhagavad-Gîtâ pois procura um caminho de reconciliação entre as duas escolas que interpretam os Vedas, a Pûrvamîmâmsâ e a Uttara-mimânisâ e afirma no çloka 46, que um brahmane iluminado aprenderá dos Vedas a necessidade de agir, porém agirá por um simples sentimento do dever, não porém pela esperança de um prêmio (45). ----- (45). - Formichi C., Il Canto del Beato. "Alie Fanti delle Religioni". Ano I Fase. 1, 1921, p. 34, 35.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de Formichi (trad. da BG).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;			

<i>Código 140</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 47</i>
<b>Texto do verso:</b> 47. - Tens direito sòmente à ação, jamais aos frutos, não deve ser o fruto da ação o motivo, nem o teu apêgo deve ser à inação.			
<b>Texto da NT:</b> Êste verso célebre contém o princípio essencial do desinterêsse.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 141</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 48</i>
<b>Texto do verso:</b> 48. - Fundado no yoga, ó Dhanamjaya, pratica as obras, abandonando o apêgo, sê o mesmo no			



sucesso e no insucesso: a indiferença é chamada Yoga.
<b>Texto da NT:</b> Yogasthah - residindo no Ioga, fixa a matéria interior. Samatvam é o equilíbrio interior, a matéria do eu, o domínio da cólera, da susceptibilidade, do orgulho e da ambição.
<b>Observação:</b> Informação e def. de termos (yogasthah, samatvan) trad. e trad. parcialmente no verso (fundado no yoga, indiferença?).
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<b>Código 142</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 50</b>
<b>Texto do verso:</b> 50. - Aquêlê que é unido à sabedoria abandona aqui ambos o bem e o mal, por isto une-te ao yoga, o yoga é a habilidade nas ações.			
<b>Texto da NT:</b> Acentua-se a distinção entre o bem e o mal.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<b>Código 143</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 51</b>
<b>Texto do verso:</b> 51. - Os sábios unidos à sabedoria renunciam o fruto nascido da ação, livres do liame do nascimento, vão para o lugar que é livre do mal.			
<b>Texto da NT:</b> Alguns traduzem no plural: dos nascimentos; morada sem dor é o nirvâna.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa; traduções alternativas e sinonímia de um termo trad. (lugar que é livre do mal).			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 144</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 53</b>
<b>Texto do verso:</b> 53. - Quando separado da Escritura, a tua mente for fixa, estável, inabalável na meditação, então alcançarás o yoga.			
<b>Texto da NT:</b> Çruti - Santa Escritura, Veda, texto sagrado, revelação. Samâdhi, meditação, não é parte da consciência, mas a forma mais alta da consciência. Samâdhi só se encontra aqui, no v. 44 e no 54.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo (çruti, samadhi) trad. (Escritura, meditação); aviso sobre ocorrência de um termo (samadhi) neste versos e nos outros 2 lugares na BG.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 145</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 54</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 54. - Qual a descrição daquele cuja inteligência é firme na meditação, ó Keçava? Êle, de entendimento firme, como fala, como fica parado, como anda?			
<b>Texto da NT:</b> O termo samâdhi - "meditação" significa concentração total do espírito, meditação religiosa. Nos traços da vida hindu, o mais alto grau é o symnyâsa, onde as obrigações rituais e sociais são abandonadas. O primeiro degrau é o discípulo estudante, o segundo é o chefe de família, o terceiro é o da solidão e o quarto e			

último é o da renúncia total. Aquêles que abandonam a vida da família e adotam o estado sem lar são os "renunciadores" (samnyâsins).
<b>Observação:</b> Def. de um termo (samadhi) em sânscrito que foi traduzido no verso (meditação); comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>146</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>55</b>
<b>Texto do verso:</b> 55. - Quando êle, ó filho de Pârtha, abandona todos os desejos da mente, e o espírito está satisfeito em si mesmo por si mesmo, então é chamado firme na inteligência.			
<b>Texto da NT:</b> Negativamente êste estado é o da ausência de desêjo egoista e positivamente é o da concentração sôbre o Supremo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>147</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>56</b>
<b>Texto do verso:</b> 56. - Aquêle cuja mente não é agitada pelos sofrimentos, não tem desêjo de prazeres, livre de paixão, de mêdo, de cólera, é chamado sábio de inteligência firme.			
<b>Texto da NT:</b> Muni: tradicionalmente derivado de man-: um recluso que fêz voto de silêncio; usado por algum santo, sábio ou asceta. Encontra-se nos seguintes passos: aqui, V: 6, 28, X: 26. É uma palavra antiga para designar o asceta e encontra-se no Rig-Veda.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânscrito (muni) que foi traduzido no verso (sábio?); aviso sobre ocorrência de um termo neste versos e em outro 3 lugares na <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>148</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>59</b>
<b>Texto do verso:</b> 59. - Os objetos dos sentidos desaparecem para o mortal, que se priva do alimento, exceto o gôsto, o gôsto também desaparece ao ter visto o Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> O autor explica aqui a diferença entre a abstenção exterior e a renúncia interior. Podemos rejeitar os objetos e deixar subsistir seu desêjo. O desêjo nos abandona quando o Senhor é visto. O domínio deve ser tanto sôbre o corpo, como sôbre a mente. A libertação da tirania do corpo não é suficiente, é preciso que nos libertemos também da tirania dos desejos. Jesus disse que não basta evitar a prática de um mal, é preciso evitar pensar em praticá-la, isto é, pecar com a mente (46). ----- (46). -- Mat. 5:28.			
<b>Observação:</b> Comentário; referência a Bíblia cristã; texto após o verso conectado com um de rodapé.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>149</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>61</b>
<b>Texto do verso:</b> 61. - Tendo-os dominado todos, sendo unido, tendo a mim por principal objetivo, cujos sentidos estão sob o contrôle, a sua inteligência é firme.			

<b>Texto da NT:</b> Matparah, supremo alvo, outra versão é tatparah aplicado a, todo inteiro a.
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de um termo sânscrito (Matparah) trad. devido à diferentes MSS.
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<b>Código 150</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 62</b>
<b>Texto do verso:</b> 62. - Quando o homem medita nos objetos dos sentidos nasce o apêgo por êles, do apêgo surge o desêjo, do desêjo a ira.			
<b>Texto da NT:</b> Kâma: O desêjo. Os desejos podem se mostrar tão poderosos quanto as mais poderosas fôrças exteriores. Êles podem nos elevar à glória ou lançar-nos na desonra.			
<b>Observação:</b> Def. e info. de um termo (kâma) trad. (desejos); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 151</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 63</b>
<b>Texto do verso:</b> 63. - Da ira procede a ilusão, da ilusão a perda da memória, da perda da memória a perda da inteligência, pela perda da inteligência êle perece.			
<b>Texto da NT:</b> Budhinâça: perda da inteligência. Êle é incapaz de discriminar entre o justo e o injusto. Quando o espírito é dominado pela paixão, sua memória está perdida, sua inteligência obscurecida e o homem vai à ruína.			
<b>Observação:</b> Info. de um termo (budhinâça) trad. (perda da inteligência); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 152</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 71</b>
<b>Texto do verso:</b> 71. - O homem que abandona todos os desejos age sem paixão, sem ambição, sem egoísmo, êsse chega à paz.			
<b>Texto da NT:</b> Há uma Upanishada que reza: "a mente humana é de duas espécies: pura e impura: Aquela que atenta para a satilficação dos desejos é impura; aquela que é livre do apêgo dos desejos é pura". Çântim: a paz, supressão de tudo aquilo que turba a existência terrestre.			
<b>Observação:</b> Citação de outro texto (Up.); def. e info de um termo (çântim) trad. (paz).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 153</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 72</b>
<b>Texto do verso:</b> 72. - Êste é o estado de Brahman, ó filho de Pârtha, quem a adquire isto não é confundido, quem nêle pois perdura até o fim chega ao nirvâna em Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Brâhmîsthiti, divino, a vida eterna. Antikâle - no tempo final, até a morte. Brahmanircânâ - extinção em Brahman. Só se encontra aqui e no cap. V., 24, 25, 26. Nirvâna é idêntico a Deus. Nirvana é o estado perfeito do Budismo, segundo outros significa extinção. O têrmo se presta para muitas interpretações.			
<b>Observação:</b> Def. termos (Brâhmîsthiti, Antikâle, Brahmanircânâ, Nirvana)			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código 154</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 88</i>
<b>Texto do verso:</b> Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o segundo capítulo chamado: O Yoga pelo Sâmkhya.			
<b>Texto da NT:</b> Outros títulos são dados na classificação do capítulo e intitulam os capítulos: "A doutrina do Sâmkhya e a doutrina do Yoga" ou então o "Yoga do conhecimento", ou ainda "Reto conhecimento do Espírito" etc.			
<b>Observação:</b> Traduções alternativas dadas por outros tradutores ao colofão o qual a NT se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa;			

<i>Código 155</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 3. - Nêste mundo há duas vias ensinadas por mim desde a antigüidade, ó inocente: pela disciplina do conhecimento dos Sâmkhyas, pela disciplina da ação dos seguidores dos Yogins.			
<b>Texto da NT:</b> A escola Sâmkhya representa o racionalismo indiano. Yogin - seguidor do Yoga, santo, asceta.			
<b>Observação:</b> Def. termo (yogin, sâmkhyas) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 156</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Abstendo-se da ação o homem não obtém o livramento dos resultados da ação e nem pela renúncia sômente chega à perfeição.			
<b>Texto da NT:</b> Siddhi - onde êle realiza as aspirações da disciplina pelo Yoga.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (siddhi) sânscrito traduzido (perfeição) no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 157</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Aquêle que sentado controla os órgãos da ação, revolvendo na mente os objetos dos sentidos, engana a si mesmo, êle é chamado um hipócrita.			
<b>Texto da NT:</b> Além dos sentidos da percepção (audição, vista, olfato, gôsto, tato), os hindus admitem cinco sentidos da ação: caminhar, aferrar, evacuar, reproduzir, falar.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (órgãos de ação) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código 158</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 9</i>
<b>Texto do verso:</b> 9. - Exceto a ação para o fim do sacrificio, êste mundo é prêso à ação, pratica esta ação, ó filho de Kuntî, renunciando o apêgo.			

<b>Texto da NT:</b> Çamkara identifica yajna a Visnu. Râmânúja a interpreta literalmente por sacrifício.
<b>Observação:</b> Comentários opostos de outros exegetas conhecidos.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota após o verso;

<b>Código 159</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Tendo Prajâpati no principio criado os homens com o sacrificio, disse: "Por êste vos propagareis, seja isto para vós a vaca da abundância que satisfaça os vossos desejos".			
<b>Texto da NT:</b> Prajâpati - Senhor dos homens, Demiurgo. Aqui é Brahmâ, o Criador. Kâmadhuk é a vaca mítica de Indra, de que se pode tirar tudo o que se deseja. Garbe pensa que os çloka 9-18 são uma interpolação em sentido ritualista.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre ser (Prajapati) da mitologia hindu cujo nome é citado com paralelo com o cristianismo (gnosticismo); exp. de um termo sânscrito traduzido (vaca da abundância) no verso.; interpretação; citação de outro estudioso sobre uma possível interpolação do verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 160</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Os deuses nutridos pelo sacrificio vos darão os bens desejados, aquêle que recebe sem retribuir os bens que êles oferecem, êsse certamente é um ladrão (47).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (47). - Provérbios 3: 9, 10.			
<b>Observação:</b> Ref. à uma passagem da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota após o verso;			

<b>Código 161</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Da nutrição originam-se os sêres, da chuva nasce a nutrição, do sacrificio nasce a chuva, o sacrificio origina-se da ação.			
<b>Texto da NT:</b> Parjanya, chuva, nuvem, deus do temporal (48) nome de uma divindade Védica. ----- (48). - Manu, III, 76.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sânscrito traduzido no verso, com citação de outro texto em sânscrito.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 162</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15. - A ação origina-se de Brahma, Brahma, sabe, se origina do Imperecível, por isso Brahma, que está em tôda a parte, eternamente se apoia no sacrificio.			
<b>Texto da NT:</b> A ação tem sua raiz no Imperecível.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 163</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. - Na verdade pelas obras Janaka e outros obtiveram a perfeição, ora em consideração do bem do mundo deves agir.			
<b>Texto da NT:</b> Janaka, rei de Mithilâ, é o pai de Sitâ, espôsa de Râma, célebre pela sua sabedoria. Lokasamgraha, manutenção do mundo, designa a unidade do mundo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 164</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. - Não há por mim obra que deva ser cumprida nos três mundos, ó filho de Pârtha, nem nada a obter que não tenha sido obtido e no entanto me aplico à ação.			
<b>Texto da NT:</b> A vida de Deus e a vida do mundo não são opostos uma a outra.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 165</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. - Ora se eu não fôsse sempre infatigável na ação, os homens, ó filho de Pârtha, por tôda a parte seguiriam o meu caminho.			
<b>Texto da NT:</b> O termo vartama "caminho" só se encontra aqui e no capô IV, 11.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre a ocorrência particular de um termo sânscrito traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código 166</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. - Se eu cessasse de agir êstes mundos pereceriam, seria o autor da confusão e estas criaturas seriam destruídas.			
<b>Texto da NT:</b> Êste çloka (verso) é considerado espúrio por alguns críticos.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre a opinião de críticos quanto a originalidade do verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código 167</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. - Não gere o sábio dúvida nos ignorantes, presos à ação, mas haja recolhido, sabendo encontrar o agradável em tôda a ação.			
<b>Texto da NT:</b> Não se deve enfraquecer a devoção religiosa de quem quer que seja. Não se deve tirar aquilo que a pessoa possui se não se tiver alguma cousa melhor a oferecer. A fé é mais larga do que a crença.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 168</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> 31. - Os homens que seguem constantemente êste meu ensino, que têm fé, não maldizem, êles se libertam das ações.			
<b>Texto da NT:</b> Karmabhîh outros traduzem: "pelas suas ações", pelas ações.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de um termo (karmabhîh) trad. (das ações), por outros tradutores (pelas ações).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 169</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 36</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 36. - Ora porque, ó descendente de Vrsni, êste homem é levado a praticar o pecado contra a sua vontade como impelido por uma fôrça?			
<b>Texto da NT:</b> Anicchannapi - mesmo contra a sua vontade.			
<b>Observação:</b> def. de um termo em sânscrito (Anicchannapi) traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 170</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 38</i>
<b>Texto do verso:</b> 38. - Como o fogo é envolto pelo fumo e o espêlho pelo pó, como o embrião é envolto pela placenta, assim êste é envolto por ela.			
<b>Texto da NT:</b> "Ela" é a paixão do verso 37. Alguns traduzem "êste" por mundo, outros por conhecimento. Çamkara entende que idam é sabedoria.			
<b>Observação:</b> Interpretação; tradução alternativa de outros tradutores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 171</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39. - Envolta é a sabedoria, ó filho de Kuntî, por êste insaciável fogo sob a forma de desejo, que é o inimigo permanente do sábio.			
<b>Texto da NT:</b> A palavra kâmarûpa pode também significar "em forma de desejo". "O desejo jamais é satisfeito pelo gôzo dos objetos do desejo; êle aumenta sem cessar como o fogo ao qual se lhe atira combustível (49). ----- (49) . - Manu, II, 94.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de um termo em sânscrito (kâmarûpa) traduzido (forma do desejo); comentário citação de outra obra hindu (Manu); NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código 172</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. - Por isto, ó touro das Bharatas, dominando no princípio os sentidos, abandona êste pecado destruidor de sabedoria do discernimento.			
<b>Texto da NT:</b> Kathaka Up. I 3, 10. Os objetos dos sentidos são superiores aos sentidos, e o manas (sentido			

interno) aos sentidos; mas a buddhi é o grande âtman e por grande âtman se entende o intelecto cósmico, de que é emanção a buddhi ou inteligência individual, um é puro sujeito do conhecer, a outra é a propagação individual caduca. É possível que jñâna e vijñâna designem respectivamente a sabedoria do Vedânta e o saber analítico do Sâmkhya. Çâmkara explica jñâna por: "conhecimento de si e das outras cousas aprendidas nas escrituras e dos instrutores" e vijñâna por: "experiência pessoal, anubhava, das cousas assim ensinadas". Para Râmânua, jñâna se refere à âtmasvarûpa ou à natureza do eu e vijñâna é âtmâviveka -- o conhecimento discritivo do eu. Nesta tradução: jñâna é apresentada-sabedoria espiritual e vijñâna - conhecimento lógico (49a). ----- (49a). - Radhakrishnan, Bhagavad-Gîtâ, p. 161.

**Observação:** Citação de outra obra sânscrita (Katha Up.); Comentário; citação de exegetas; def. de termos (jñâna e vijñâna) trad.; NT de rodapé ligada à NT após o verso.

**Outras etiquetas:** Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>173</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>42</b>
<b>Texto do verso:</b> 42. - Os sentidos, se diz, são grandes, maior do que os sentidos é a mente, maior do que a mente é a inteligência, maior do que a inteligência é êle.			
<b>Texto da NT:</b> Deve-se entender o conhecimento da verdade filosófica e o saber adquirido pela própria experiência. Êste verso enuncia a hierarquia dos níveis da consciência.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>174</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>43</b>
<b>Texto do verso:</b> 43. - Conhecendo assim aquilo que é superior à inteligência, concentrastes em ti mesmo por ti mesmo, mata, ó dos grandes braços, o inimigo inconciliável sob a forma do desejo.			
<b>Texto da NT:</b> Segundo Yâmunâcârya, êste capítulo expõe a necessidade de cumprir a ação sem algum apêgo egoísta pelos seus resultados, com vista a assegurar o bem do mundo e perceber que a energia ativa pertence aos modos de Prakrti ou a Deus mesmo.			
<b>Observação:</b> Citação de outro exegeta (Yâmunâcârya).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>175</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>I</b>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 1. - Êste yoga imperecível eu o narrei a Visvavat, Visvavat comunicou a Manu, Manu o narrou a Iksvâku.			
<b>Texto da NT:</b> Visvavat, um nome do sol, literalmente o brilhante; o pai de sete Manus (daí chamado Vaivasvata), o progenitor da presente raça humana. Iksvâku é filho de Manu, chefe da dinastia solar.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem citado (Vivasvat).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			



<i>Código 176</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Assim transmitido de um para outro, conheceram-no os sábios reis, porém num longo curso de tempo êste yoga esteve aqui desaparecido, ó tormentador dos inimigos.			
<b>Texto da NT:</b> Râjarsis - reis e rsis - sábios, reis, anacoretas, que se dedicaram à vida espiritual e são considerados como semi-deuses no céu de Indra. Râma, Krsna e Buda têm ensinado a mais alta sabedoria. Kâlana mahatâ, num longo curso de tempo. Êste ensinamento é gradualmente obscurecido com o correr dos séculos. Para renovar a fé, para o bem da humanidade, é que aparecem os grandes instrutores. Krsna o ensina a seu discípulo para despertar a fé nêle e eliminar a sua ignorância.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânscrito (Râjarsis, kâlana mahatâ) que foi traduzido; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 177</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Ora êste mesmo yoga antigo te foi hoje declarado por mim, pois és meu devoto e amigo, êste é o segrêdo supremo.			
<b>Texto da NT:</b> Yoga purâtanah, antigo yoga. O Instrutor declara que não anuncia doutrina nova alguma, mas restabelece a antiga tradição, a verdade eterna transmitida de mestre a discípulo. O ensinamento é renovação, redescoberto, restauração de um conhecimento por muito tempo esquecido. Buda e Mahâvira, Çamkara e Râmânuja, contentam-se em afirmar que eles não fazem senão reformular ou formular as novas instruções dos seus antigos mestres. Os grandes instrutores não têm a pretensão à originalidade. Êles afirmam sòmente que ensinam a antiga verdade que é a norma definitiva segundo a qual todos os ensinamentos são julgados, a fonte eterna de tôdas as religiões e de tôdas as filosofias, a philosophia perennis, o sanâtana dharma, aquilo que Santo Agostinho chama: "A sabedoria que não tem sido feita, mas que é hoje aquilo que sempre tem sido e sempre será" (50). ----- (50). - Conf. IX, 10; Radhakrlshnan, Bhagavad-Gîtâ, p. 164.			
<b>Observação:</b> Def. termo sânscrito (Yoga purâtanah) traduzido (yoga antigo); Comentário; citação de Buda, Mahaavira, Shankara, Raamaanuja, Santo Agostino (apud Radhakrishnam); NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Referência a outras tradições orientais: 11; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código 178</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 4. - O teu nascimento é posterior, o nascimento de Visvavat é anterior, como posso entender que tu o tenhas assim ensinado no principio?			
<b>Texto da NT:</b> Buda afirma que havia sido instrutor de inumeráveis Bodhisattvas nas éras passadas (51). Saddharmapundarîka, XV, 1. E Jesus disse: "Antes que Abrão fôsse, eu sou". ----- (51). - João, 8: 58.			
<b>Observação:</b> Citação de Buda, Jesus; NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Referência a outras tradições orientais: 11; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código 179</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 5. - Muitos são os meus nascimentos passados e os teus, ó Arjuna, eu os conheço todos, tu não os conhece, ó destruidor dos inimigos.			
<b>Texto da NT:</b> Esta é a doutrina da encarnação ou o avatâra. Avatâra: significa pròpriamente "descida" e não deve ser confundida com a encarnação cristã. Entre o avatâra da Índia e a encarnação de Cristo, comparadas entre sí, há uma diferença inconciliável, na opinião de Pizzagalli.			
<b>Observação:</b> Comentário; paralelo com o cristianismo; citação de outro tradutor da <i>BG</i> (Pizzagalli).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota após o verso;			

<i>Código 180</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Embora não sendo criado, de essência imperecível, Senhor das criaturas, governador da minha própria natureza, renaço pelo meu próprio poder.			
<b>Texto da NT:</b> As encarnações dos seres humanos não são voluntárias. O nascimento ordinário das criaturas é determinado pela fôrça de Prakrti avaçam prakrter vaçât (IX, 8), mas o Senhor renasce pelo seu próprio poder, âtmamâyayâ. Mâyâ - poder mágico sôbrenatural. "É a faculdade de realizar o impossível".			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de outro verso da <i>BG</i> ; def. de termo (mAyA) trad.; informação do termo em sâns. (âtmamâyayâ) de outro trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 181</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. - Para proteção dos bons, destruição dos malfetores, estabelecimento da justiça, renasço de época em época.			
<b>Texto da NT:</b> É a função de Deus, chamado Visnu, protetor do mundo, manter o mundo no caminho da justiça. Ele assume o nascimento para restabelecer o direito quando o mal prevalece.			
<b>Observação:</b> Exp. contexto mitológico hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 182</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Como êles se voltam para mim, assim também eu os accito, ó filho de Pârthâ, os homens seguem inteiramente o meu caminho.			
<b>Texto da NT:</b> Mama vartmâ: meu caminho, a maneira de me adorar. Encontra-se também no capítulo III, 23. Sarvaçah: de todos os lados, total, inteiramente, de todo modo. Outra versão dá sarvaprakâraih, de tôdas as maneiras. Êste çloka (ou verso) põe em relêvo a larga catolicidade da religião da Bhagavad-Gîtâ. Ela não fala de tal ou qual forma de religião, mas do "elan" ou do impulso que se exprime em tôdas as formas no desêjo de encontrar a Deus e de compreender a nossa relação com Êle. É o mesmo Deus que todos adoram. A diferença de concepção e de aproximação são determinadas pela côr local e a adaptação social. Tôdas as manifestações são aquelas de um único ser supremo: "Visnu é Çiva e Çiva é Visnu quem pensa que êles são diferentes vai			

para o inferno". "AquêIe que se conhece sob o nome de Visnu é na realidade Rudra e Rudra é Brahmâ" (52).  
----- (52) . - Radhakrishnan, Bhauavad-Gîtâ, p. 169. 170.

**Observação:** Def. de termo em sânscrito (Mama vartmâ, Sarvaçah) traduzido; aviso sobre a ocorrência de um termo na *BG*; Comentário; citação de outro tradutor da *BG* (Radhakrishnan); paralelo com o cristianismo; NT de rodapé ligada à NT após o verso; aviso sobre uma variação que há em diferentes edições do texto em sânscrito.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Comentário; Referência a outro tradutor da *BG*; Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé; Nota após o verso;

<i>Código 183</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. - Foram criadas por mim quatro castas, segundo a difenciação de qualidades e ações, conhece a mim o seu autor, embora não opere sendo o Imutável.			
<b>Texto da NT:</b> Akartâram: o não agente. Como o Supremo é sem apêgo, é chamado o não agente. As obras não afetam o seu ser imutável bem que êle esteja no plano invisível de tôdas as ações.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânscrito (Akartâram) que foi traduzido; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 184</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. - Sem esperança, dominando a mente e a si mesmo renunciando tôda a possessão, cumprindo a ação do corpo sòmente, não comete pecado.			
<b>Texto da NT:</b> Çârîram karma é ação necessária na manutenção do corpo segundo Çamkara e Madhusûdana. É ação acabada pelo corpo só, segundo o Vedânta Diçika.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Çârîram karma) trad. (ação do corpo) segundo outros tradutores/exegetas (Çamkara e Madhusûdana); citação de outro texto sânscrito (Vedânta Diçika).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 185</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. - Brahmah é oferenda, Brahman é oblação, no fogo está Brahman, por Brahman é consumado o sacrificio, em Brahman pois deve andar quem opera, meditando em Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Êste Brahman neutro é o ser absoluto de quem o mundo e os deuses são a manifestação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Bhahman) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código 186</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Alguns yogins oferecem sacrificios aos deuses, outros porém com o sacrificio oferecem sacrificio no fogo de Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Observam as práticas estabelecidas nos ritos.			

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota após o verso;

<i>Código 187</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. - Alguns oferecem riquezas, oferecem ascetismo, oferecem exercício espiritual, os ascetas com votos rigorosos oferecem o estudo e o seu conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> Yati - asceta, uma classe de ascetas místicos, associadas aos Bhrghus.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Yati) em sânscrito traduzido (asceta).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 188</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> 31. - Aquêles que comem a ambrósia do resto do sacrifício vão a Brahman o eterno, se êste mundo não é de quem não sacrifica, como poderá sê-lo o outro, ó melhor dos Kurus?			
<b>Texto da NT:</b> A lei do mundo é o sacrifício e aquele que o viola não pode obter o poder nem aqui, nem no além.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 189</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. - Assim os sacrifícios são de muitas espécies oferecidos na bôca de Brahman, sabe, todos são originados da ação, assim, conhecendo isto, serás livre.			
<b>Texto da NT:</b> Assim são expostos nos Vedas: a bôca dêsse fogo que recebe oferendas.			
<b>Observação:</b> Citação de outro texto sânscrito (Veda).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 190</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 34</i>
<b>Texto do verso:</b> 34. - Conhece isto pela prostração, pela pergunta, pelo serviço, êles te ensinarão o conhecimento, os conhecedores que vêm a verdade.			
<b>Texto da NT:</b> Êste verso estabelece que na vida espiritual a fé vem em primeiro lugar, depois o conhecimento e por fim a experiência.			
<b>Observação:</b> Interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 191</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 36</i>
<b>Texto do verso:</b> 36. - Mesmo se fôres o maior pecador de todos os pecadores atravessarás todo o pecado sòmente com a barca do conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> O têrmo vrjinam - pecado só se encontra aqui.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre a ocorrência única na BG. de um termo (vrjinam) trad. (pecado).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código 192</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 38</i>
<b>Texto do verso:</b> 38. - Não há aqui purificação semelhante ao conhecimento; aquele que é perfeito em yoga com o tempo o encontrará em si mesmo (53).			
<b>Texto da NT:</b> - (53). - 4:36. A Bhagavad-Gîtâ ensina a salvação universal para todos os pecadores (capítulo 9: 30. 32).			
<b>Observação:</b> Remissão para outros versos da <i>BG</i> ; NT de rodapé.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código 193</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39. - AquêLe que tem fé obtem o conhecimento, intento sòmente a êle, domina os sentidos, obtido o conhecimento, entra sem demora na paz suprema.			
<b>Texto da NT:</b> Çraddha: fé. A fé é necessária para a aquisição da sabedoria. A fé não é crença cega. Ela é aspiração da alma voltada para a sabedoria.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânscrito (Çraddha) traduzido (fé); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 194</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Deve-se reconhecer constante renunciado aquele que não odeia, não deseja, que é sem duplicidade, ó guerreiro dos grandes braços, êle é libertado fàcilmente do liame.			
<b>Texto da NT:</b> Nityasamnyâsi: aquele em quem há sempre o espírito de renúncia.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Nityasamnyâsi) em sân. trad. (constante renunciado).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 195</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Os ignorantes, não os sábios, falam do Sâmkhya e do Yoga como separados, ora aquele que se baseia em um obtém juntamente o fruto de ambos.			
<b>Texto da NT:</b> Bâlâ - criança, ignorante, tolo. Aqui Sâmkhya significa renunciar as boas obras e aprofundar-se no conhecimento; Yoga ao contrário é agir conforme o dever. Neste capítulo, diz Radhakrishnan, Yoga significa Karma-Yoga e Samkhya designa a via intelectual e a renúncia à ação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Bâlâ,) trad. (ignorante) e outros (Samkhya, Yoga) não trad.; Comentário; citação de outro tradutor/exegeta (Shankara, Radhakrishnan)			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 196</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - AquêLe lugar que é obtido pelos seguidores do Sâmkhya, é obtido também pelos seguidores do Yoga, aquele que vê que o Sâmkhya e o Yoga são um, êsse vê.			
<b>Texto da NT:</b> Há quem afirme que sthâmani aqui significa lugar, sede, nirvâna. O têrmo encontra-se aqui no			

capítulo VIII: 28, IX: 18, XVIII: 62. O Mabhbhârata diz que a religião do Bhagavata é igual em mérito à religião do Sâmkhya.

**Observação:** Tradução alternativa de um termo (sthâmani); aviso sobre os locais de ocorrência deste termo; citação do MB.

**Outras etiquetas:** Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código 197</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Ora a renúncia, ó guerreiro dos grandes braços, é difícil de ser obtida sem o yoga, o sábio praticando o yoga não tarda em ir ao Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Yoga: disciplina.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Yoga) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 198</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Aquêlê que age, depositando as ações em Brahman, abandona o apêgo, êle não é manchado pelo pecado como a fôlha de lôto pela água.			
<b>Texto da NT:</b> A Bhagavad-Gîtâ ensina não renunciar as obras, mas oferecê-las, cumprí-las em ofertas ao Senhor em quem só há a imortalidade.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 199</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Os yogins, abandonando o apêgo, praticam a ação com o corpo, com a mente, com a razão e também com os sentidos sòmente, para a purificação de si mesmos.			
<b>Texto da NT:</b> O "manas" - mente é o órgão central da percepção que supre os cinco sentidos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (manas) trad. (mente).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 200</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Aquêlê que está unido, tendo abandonado o fruto da ação, obtém a paz imutável, aquêlê que não está unido, levado pelo desejo, prêso ao fruto, está amarrado.			
<b>Texto da NT:</b> Yuktah - "unido", disciplinado na ação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Yuktah) trad. (unido).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 201</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 13</i>
-------------------	----------------------	-------------------	-----------------

<b>Texto do verso:</b> 13. - Tendo abandonado tôdas as ações pela mente, tendo-se dominado, incorporado felizmente nas nove portas da cidade, não age, nem faz agir.
<b>Texto da NT:</b> O corpo é muitas vêzes chamado a cidade de Brahman. As sete portas, na parte superior do corpo são: os dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e a bôca e as duas partes inferiores são as da eliminação.
<b>Observação:</b> Exp. sobre simbolismo (nove portas da cidade).
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;

<b>Código 202</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. - O Senhor do mundo não criou o agente, nem as ações, nem o yoga, que prende o fruto à ação, porém é a própria natureza que produz.			
<b>Texto da NT:</b> Prabhuh - Senhor, outros dizem ser o Eu Soberano do conhecedor, o verdadeiro Eu, um com tudo aquilo que é.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Prabhuh) trad. (Senhor) com traduções alternativas de outros tradutores (não identificados).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 203</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15. - O Senhor não participa do pecado, nem mérito de ninguém, a sabedoria é envolta pela ignorância, por isso as criaturas são iludidas.			
<b>Texto da NT:</b> Ajñânena "pela ignorância". É a ignorância que nos faz crer na realidade última do múltiplo; jñânâna "sabedoria". É a sabedoria que é fundamento único de tôdas as distinções.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Ajñânena, jñânâna) traduzido (pela ignorância, sabedoria); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 204</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. - Os sábios vêm com um mesmo olhar um Brahmane, que tem o adôrno da sabedoria e da humildade, uma vaca, um elefante, um cão e também uma pária.			
<b>Texto da NT:</b> Samadarçinah - ver com um olho igual. O Eterno é mesmo em todos os sêres: nos animais e nos homens. Samadarçinah só se encontra aqui. Açavapâka - comedor de cão, homem de baixa casta, pária. Vidyâvinayasmpanne - um grande saber conduz a uma grande humildade. À medida que o nosso conhecimento aumenta nós tornamos cada vez mais conscientes das trevas que nos cercam. Um pouco de conhecimento conduz ao dogmatismo; um pouco mais ainda à pesquisa; mais ainda à oração, diz S. Radhakrishnan. Vinaya: humildade ou melhor a modéstia, fruto da cultura.			
<b>Observação:</b> Def. de termos em sans. (Samadarçinah, Açavapâka, Vidyâvinayasmpanne, Vinaya) trad. (ver com um olho igual, pária, que tem o adôrno da sabedoria e da humildade, humildade); Comentário; citação de outro tradutor/exegeta (Radhakrishnan).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do			

termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código</i> 205	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. - Não se alegra obtendo o agradável, não se perturba obtendo o desagradável, tem a mente firme sem perturbação, conhecendo Brahman, está firmado em Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Brhamani sthitah: estabelecido em Deus.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Brhamani sthitah) parcialmente trad. (firmado em Brahman).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 206	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. - Os videntes obtêm o nirvâna Brahmânico, purificados do pecado, tendo destruído a dualidade, dominada a mente, gozam em fazer o bem a tôdas as criaturas.			
<b>Texto da NT:</b> Há dois aspectos da religião, o pessoal e o social, pessoalmente devemos descobrir o Divino em nós, socialmente, a comunidade deve ser submissa à imagem do Divino. Êste çloka ou verso revela que o nirvâna não é simples aniquilamento, mas é um estado positivo, cheio de conhecimento e domínio de si.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 207	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. - Aquêlê que me conhece desfrutador dos sacrifícios e das austeridades, o grande Senhor de todos os mundos, o amigo de tôdas as criaturas, chega à paz.			
<b>Texto da NT:</b> O Deus transcendente torna-se o Senhor de tôda a criação, amigo de tôdas as criaturas. Dá o sol e a chuva aos bons e aos maus (54). ---- (54). - Mat. 5:45.			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia; NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 208	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 1. - Aquêlê que age sem esperar o fruto da ação, que deve praticar, êsse é asceta e yogin e não aquêlê que renuncia o fogo sagrado e os ritos.			
<b>Texto da NT:</b> Samnyâsa - renunciador. A palavra indica o quarto e último estado da vida religiosa do Brahmane.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Samnyâsa) trad. (asceta); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 209	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Ó filho de Pandu, aquilo que chamam renúncia, sabe, isto é yoga, sem o propósito de renúncia ninguém se torna yogin.			



<b>Texto da NT:</b> Êste verso afirma que a atividade disciplinada (yoga) é exatamente tão boa quanto a renúncia (samnyâsa).
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;

<b>Código 210</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Quando êle não adere aos objetos dos sentidos nem às ações, tendo renunciado todo o desejo, então se diz que alcançou o yoga.			
<b>Texto da NT:</b> Manu diz que todos os desejos nascem de samkalpa (resolução, propósito, liberação, intenção, pensamento). O Mahâbhârata reza: "Ó desejo, eu conheço a tua raiz, tu és nascido de samkalpa, o pensamento; eu não pensarei mais em ti e tu cessarás de existir" (55). ----- (55). - Çântîparra, 77, 25. Radhakrishnan. Bhagavad-Gîtâ, 199.			
<b>Observação:</b> Citação de outras duas obras em sânscrito (Manu, MB); NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<b>Código 211</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Por meio de si mesmo, eleve-se a si mesmo, não se degrade a si mesmo, o eu na verdade é amigo do eu, o eu na realidade é inimigo do eu. "O eu é o senhor do eu, o eu é o elvo do eu" (56).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (56). - Dhammapada, 380.			
<b>Observação:</b> Remissão à um texto budista (Dhammapada).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outras tradições orientais: 11; Nota após o verso;			

<b>Código 212</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. - Aquêle que se regorija na sabedoria, no conhecimento, vencidos os sentidos, imperturbável, unido assim é chamado yogin é igual para êle a terra, a pedra, o ouro.			
<b>Texto da NT:</b> Kûtasctha - literalmente: colocado em lugar alto, imutável, sem mudança, firme, fixo, tranquilo, imperturbável. O yogin é chamado yukta ou um yoga, quando êle é concentrado no ser Supremo.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Kûtasctha, yukta) trad. (imperturbável, unido); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 213</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9. - Excelso é o que tem a mente igual para com os companheiros e amigos, inimigos e neutres, imparciais, adversários e parentes bons e também maus.			
<b>Texto da NT:</b> Outra versão para viçisiate - superior, excelso é vimucyate, segundo Çâmkara.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre sinônimo de um termo em sans. (viçisiate) trad. (Excelso), segundo um outro exegeta (Shankara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>214</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. - O yogin está constantemente unido a si mesmo, num lugar isolado, solitário, controlando a mente e a si mesmo, livre de aspirações e sem possessão.			
<b>Texto da NT:</b> Rahasi: na solidão. O indivíduo deve procurar um lugar tranquilo, .. beira de um rio, na colina, onde possa abrir o seu coração a Deus (57). Orígenes descreve os cristãos, os primeiros eremitas, da seguinte forma: "Êles habitam no deserto, onde o ar é mais puro, o céu mais aberto e Deus mais familiar". A prática do yoga era conhecida pela civilização indiana 2.500 – 1.000 antes de Cristo. ----- (57) . - Mat. 6:6.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Rahasi) trad. (solitário); citação da Bíblia; comentário sobre questões históricas do Yoga; NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>215</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Que êle estabeleça num lugar puro a sede firme para si mesmo, nem muito alto, nem muito baixo, coberto de pano, de pele de kuça, um sôbre o outro.			
<b>Texto da NT:</b> Kuça - erva especialmente aplicada a diferentes usos litúrgicos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Kuça) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>216</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Fixando aí a mente num ponto, tendo dominado o pensamento, os sentidos, os atos, sentado num assento, prática o yoga para a purificação de si mesmo.			
<b>Texto da NT:</b> A purificação do coração se obtém pela disciplina. Plotino disse: "A sabedoria é o estado de um ser ao repouso" (58). ----- (58). - Enneades. IV, 4, 12.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de um filósofo neoplatônico (Plotino); NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência à Filosofia grega; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>217</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. - Firme, imóvel, mantendo na mesma posição o corpo, a cabeça, o pescoço, veja êle a ponta do próprio nariz sem olhar para outra direção.			
<b>Texto da NT:</b> A postura, âsana, é aqui descrita. Patanjali indica que a postura deve ser firme e agradável para ser um auxílio à concentração. Uma postura conveniente dá ao corpo a serenidade. O corpo deve ser conservado puro se a imagem viva de Deus deve aí habitar, sampreksya nâsikâgram. O olhar deve ser fixado sôbre a extremidade do nariz. Um olhar errante não auxilia a concentração.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de autor (Patañjali) sobre yoga; def. de termos (aasana, sampreksya nâsikâgram) trad. (posição, veja êle a ponta do próprio nariz sem olhar para outra direção).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota após o			

verso;

<i>Código 218</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Mente calma, sem receio, constante no voto Brhamacâri, tendo a mente controlada, unido a mim, absorvido em mim.			
<b>Texto da NT:</b> Brahmâcârivrate sthitah, constante no voto de continência ou castidade, Brahmâcârya se define: ausência de relações sexuais em pensamento, palavras e atos, em tôdas as condições de lugar e de tempo.			
<b>Observação:</b> Def. de termos (Brahmacârivrate sthitah) em sans. parcialmente trad. (constante no voto Brhamacâri).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 219</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. - Ora yogin não é o que come muito, nem o que come pouco, nem o que dorme muito, nem também quem vigia, ó Arjuna.			
<b>Texto da NT:</b> Devemos libertar-nos das tendências de animais. Evitar o excesso em tôdas as cousas.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 220</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. - Para o moderado na nutrição e na distração, moderado no comportamento e nos atos, moderado no sono e na vigília, há uma disciplina que mata a dor.			
<b>Texto da NT:</b> Yogi - disciplina.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Yogi) trad. (disciplina).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 221</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. - Aquêlê em que êle conhece a suprema felicidade, percebida pela razão, que transcende dos sentidos, onde também está estabelecida, não se separa da verdade.			
<b>Texto da NT:</b> Nosso conhecimento por contacto físico ou símbolos mentais é indireto e aproximativo. A religião é uma realização contemplativa de Deus.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 222</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. - yogin que domina a mente chega a esta felicidade suprema, sua paixão é acalmada, torna-se Brahman sem pecado.			
<b>Texto da NT:</b> O progresso consiste na purificação do corpo, da vida e da mente. Quando o organismo exterior é			

purificado, a luz ali brilha sem obstrução. Brahmabhûtam, unido a Brahman ou unido a Deus.
<b>Observação:</b> Comentário; def. de um termo em sans. (Brahmabhûtam) parcialmente trad. (torna-se Brahman).
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>223</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>28</b>
<b>Texto do verso:</b> 28. - Harmonizado assim constantemente o seu eu, o yogín, que rejeitou o pecado, goza facilmente a infinita bem-aventurança do contacto com Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Brahmamaparçam: O contacto com o Eterno. Deus não é um simples rumor ou uma aspiração vaga, mas uma realidade viva com a qual estamos em contacto positivo.			
<b>Observação:</b> Def. termo em sans. (Brahmasamaparçam) parcialmente trad. (contacto com Brahman); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>224</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30. - Aquêlo que me vê em tôda a parte e vê tudo em mim, eu não sou perdido para êle e êle não é perdido para mim.			
<b>Texto da NT:</b> Êste verso revela a experiência de unidade profunda de tôdas as cousas em um ser amigo que é o Deus pessoal. Único porque é universal. Quanto mais é profunda a experiência do eu, mais larga é a sua compreensão. Uma vez unido ao Divino, nós o somos também com a evolução total da vida.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>225</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>32</b>
<b>Texto do verso:</b> 32. - Ó Arjuna, quem à semelhança de si mesmo vê tudo da mesma maneira ou seja prazer ou seja a dor, êste é considerado um sumo yogin.			
<b>Texto da NT:</b> Âtma-aupamyã, significa a igualdade dos outros consigo mesmo.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Âtma-aupamyã) trad. (à semelhança de si mesmo).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>226</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>37</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 37. - Aquêlo que não é asceta, porém possui a fé e cuja mente é separada do yoga, pois não recebeu a perfeição no yoga, ó Krsna, que fim consegue?			
<b>Texto da NT:</b> Krsna da raiz krs - raspar, arrancar, porque arranca todos os pecados dos seus adeptos.			
<b>Observação:</b> Exp. simbólica do personagem Krishna através de um análise filológica do seu nome.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>227</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>40</b>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 40. - Ó filho de Pârtha, nem aqui, nem no mundo futuro há			

destruição para êle, aquêlo que faz o bem, ó caro, não segue o caminho do mal.
<b>Texto da NT:</b> "Para aquêlo que se esforça e recomeça, a redenção é sempre possível", Goethe.
<b>Observação:</b> Citação de Goethe.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência à Ciência; Nota após o verso;

<b>Código 228</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. - Obtido os mundos pela prática da virtude, tendo habitado por numerosos anos, o decaído do yoga renasce numa casa de puros e de prósperos.			
<b>Texto da NT:</b> Çaçvatîh: numerosos, mas não eternos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (Çaçvatîh) trad. (numerosos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 229</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 44</b>
<b>Texto do verso:</b> 44. - Êle, embora relutante, é conduzido por fôrça daquele primeiro hábito; quem deseja também conhecer o yoga vai além da palavra de Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> Brahman, isto é, Veda: çabdabrahma - a lei védica. Râmânuja considera çabdabrahma eqüivalente a prakrti.			
<b>Observação:</b> Citação de exegeta (Râmânuja); def. de um termo (çabdabrahma) parcialmente trad. (palavra de Brahman).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 230</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 45</b>
<b>Texto do verso:</b> 45. - Perseverando assim o yogin com assiduidade, purificado da culpa, aperfeiçoando-se por meio de vários nascimentos, chega à meta suprema.			
<b>Texto da NT:</b> A Bhagavad-Gîtâ dá a fé e a esperança para a redenção de todos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<b>Código 231</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 46</b>
<b>Texto do verso:</b> 46. - O yogín é superior aos ascetas, julgado superior aos que têm o conhecimento, o yogín é superior aos que praticam o sacrifício, sê pois um yogín, ó Arjuna.			
<b>Texto da NT:</b> Karma - aqui é ato ritual, sacrifício. Jñâna - significa aqui çâstrapânditya, a erudição da escritura e não a experiência espiritual.			
<b>Observação:</b> Def. de termos (karma, jñâna) trad. (sacrifício, conhecimento).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 232</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo VII</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Esta sabedoria com a ciência, eu te declarei integralmente, quando a conheceres nada mais			

resta aqui a conhecer.

**Texto da NT:** O termo jñâna é sabedoria, iluminação espiritual direta e vijnâna é o conhecimento racional analítico dos princípios da existência.

**Observação:** Def. de termos (jñâna, vijnâna) trad. (sabedoria, ciência).

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>233</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Entre mil homens um se esforça para a perfeição, mesmo dos perfeitos que se esforçam um talvez me conheça segundo a realidade.			
<b>Texto da NT:</b> Outra versão: yatatâm sahasrânâm "e dos melhores daqueles que se esforçam".			
<b>Observação:</b> Informação e trad. de um trecho (yatatâm sahasrânâm) alternativo encontrado em outras edições do texto original.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>234</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Esta minha natureza se divide em oito partes assim: terra, água, fogo, vento, éter, mente, também razão e consciência do eu.			
<b>Texto da NT:</b> Prakritih: A natureza identificada com a çakti ou mâyâ, base do mundo objetivo.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Prakritih) trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>235</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Esta é a minha natureza inferior, conhece porém a superior, elemento vital, ó dos grandes braços, pela qual êste mundo é sustentado.			
<b>Texto da NT:</b> O Supremo é Îçvara, o Senhor pessoal do universo em quem são conhecidas as almas conscientes (ksetrajna) e a natureza inconsciente (ksetra), tanto um como o outro são considerados como sua natureza superior (parâ) e inferior (aparâ), êle é a vida e a forma de todos os sêres. O ser universal de Deus inclui a totalidade do inconsciente na sua natureza inferior e a totalidade consciente na sua natureza superior. A encarnação da alma nos corpos, a vitalidade, os sentidos, a mente e a inteligência, constituem o ego que utiliza o quadro material como um campo da sua atividade. Todo o indivíduo tem dois aspectos: a alma e a sua imagem (ksetrajña e ksetra). Êstes são os deuses naturais de Îçra a que transcendem todos os deuses (VIII, 3, 13). O Antigo Testamento ensina que a criação foi tirada do nada. Platão e Aristóteles atribuem a uma natureza primitiva à qual Deus deu a forma. Assim Deus é um artífice ou um arquiteto antes que um criador, pois a substância primitiva é concebida eterna e incriada e que sòmente a forma é devida à vontade de Deus. Para os pensadores cristãos Deus não criou a partir de uma matéria preexistente, mas a partir do nada. A matéria e a forma são as criações de Deus. Uma concepção semelhante é exposta neste verso. O jîva não é senão uma manifestação parcial do Supremo (XV. 7). A realidade integral e indivisa do Supremo aparece divisa na multiplicidade das almas (XII. 16). A unidade é a verdade e a multiplicidade que a exprime é uma verdade de			

ordem inferior, sem dúvida, mas não uma ilusão (58a.). ----- (58a.). - Radhakrisnan. Bhagavad-Gíta, 222.
<b>Observação:</b> Comentário; paralelo com conceitos cristãos; remissão a outros versos da <i>BG</i> , paralelo com conceitos de filósofos gregos (Platão e Aristóteles); citação de outro tradutor/exegeta (Radhakrishnan); NT de rodapé ligada à NT após o verso.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Remissão intratextual; Referência à Filosofia grega; Nota de rodapé; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>236</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Sabe, esta é a matriz de todos os seres, eu sou a origem de todo o mundo, também a dissolução.			
<b>Texto da NT:</b> "Eu", isto é, a minha essência transcendental.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (eu) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>237</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Eu sou a força dos fortes, livre do desejo e da paixão, ó touro dos Bharatas, nos seres sou o amor que não se opõe à lei.			
<b>Texto da NT:</b> Kârmârâga: O desejo e a paixão. Çamkara distingue kâma, o desejo daquilo que não se possui e râga afeição àquilo que se possui.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Kâmarâga) trad. (desejo e paixão); citação de exegeta (Shankara) sobre a diferenciação de significado entre diferentes termos sâns. parecidos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>238</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Esta minha divina ilusão, devido à qualidade da matéria, é difícil de vencer, somente aqueles que se refugiam em mim, estes conseguem superar a ilusão.			
<b>Texto da NT:</b> "Divina" - daivî. Sobrenatural, que pertence ao Senhor Supremo. Râmânúja explica que mâyâ aqui, é capaz de produzir efeitos maravilhosos.			
<b>Observação:</b> Def. de temor em sâns. (daivî) trad. (divina); citação de outro exegeta (Ramanuja).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>239</b>	<i>Stella</i> (1970)	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21. - Qualquer que seja a forma que o devoto procura adorar com fé, sou eu quem lhe inspira esta fé inabalável.			
<b>Texto da NT:</b> O rei Açoka no Edito XII enaltece todas as religiões e recomenda respeito a todas elas. Toda a adoração eleva a alma.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de um rei indiano (Ashoka).			

**Outras etiquetas:** Comentário; Referência a outras tradições orientais: 11; Nota após o verso;

<i>Código</i> 240	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. - Munido desta fé êle procura propiciar êsse ser e obtém os seus desejos por mim concedidos.			
<b>Texto da NT:</b> Tôdas as formas são formas do único Supremo. Exemplo de tolerância religiosa, Nazari.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de outra pessoa (Nazari).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência à Ciência; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 241	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. - Eu não sou conhecido de todos por estar envolto no yoga ilusório, êste mundo louco não sabe que eu sou eterno, imperecível.			
<b>Texto da NT:</b> Yoga. Çamkara entende aqui por yoga a união dos três guna; para Madhusúdana yoga significa samkalpa, a vontade.			
<b>Observação:</b> Citação de outros exegetas (Shankara, Madhusudana) sobre o significado da palavra "yoga" no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 242	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 1. - Que é êste Brahman? que é o supremo espírito? que é a obra, ó melhor dos homens? que é o supremo ser? e que significa a suprema divindade?			
<b>Texto da NT:</b> Em têrmos filosóficos indianos: que é Brahman, que é Adhyâtmâ, que é Karma, ó nobilíssimo, que é chamado Adhiabhûta, que é chamado Adhidaiva? Que é Adhiyñã e como nêste corpo, ó matador de Madhû? (59). ----- (59). - Pizzagalli, Bhagavad-Gîtâ, 82.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de outro tradutor (Pizzagalli).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 243	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Como é feito o supremo sacrifício aqui nêste corpo, ó matador de Madhu? no momento da morte como és conhecido por aquêles que se dominam a si mesmo?			
<b>Texto da NT:</b> Como te revelas tu na hora da morte às almas espirituais?			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 244	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 3. - Indestrutível é o Brahman supremo, sua essência íntima é chamada suprema, a causa da origem da existência dos sêres se chama ato.			
<b>Texto da NT:</b> Adhyâtmâ, o senhor do corpo, aquêle que faz as experiências.			



**Observação:** Def. de termo (Adhyâtma) trad. (essência íntima).

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 245</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - E aquele que no momento da morte se lembra somente de mim, abandonando o corpo, êsse assume a minha natureza, nisto não há dúvida.			
<b>Texto da NT:</b> Alguns traduzem kalevaram corpo por cadáver.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de um termo (kalevaram) trad. (corpo) por outros tradutores (não informados) (cadáver).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 246</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Ou ainda, se pensa em qualquer ser, quando no fim se abandona o corpo, passa-se a êste ser, ó filho de Kuntî, sempre absorvido neste mesmo pensamento.			
<b>Texto da NT:</b> Sadâ tad bhâva bhâvitah: sempre absorvido no pensamento daquela coisa. Isto não é o pensamento acidental do último momento, mas o esforço persistente da vida inteira que determina o porvir.			
<b>Observação:</b> Def. de um trecho (Sadâ tad bhâva bhâvitah) trad. (sempre absorvido neste mesmo pensamento).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 247</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. - Portanto, em todos os tempos, pensa em mim e combate, fixa também em mim a mente e a inteligência e a mim virás sem dúvida.			
<b>Texto da NT:</b> Sarvesu kâlesu, em todos os tempos. É somente graças a êste pensamento contínuo que poderemos nos recordar de Deus no momento crítico, Çrîdhara.			
<b>Observação:</b> Informação dos termos em sans. (Sarvesu kâlesu) de outros trad. (em todos os tempos); citação de exegeta clássico (Shridhara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 248</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 9</i>
<b>Texto do verso:</b> 9. - Aquêl que medita sobre o vidente, o antigo, o soberano, mais sutil que o sutil, o sustentador de tudo, cuja forma transcende toda concepção, cor do sol, além das trevas.			
<b>Texto da NT:</b> Kavi sábio, onisciente, vidente, o poeta profeta. Temos aqui uma descrição não do Absoluto sem relação nem mudança, mas de Îçvara, o Deus pessoal, Vivo, Criador e Rei do cosmo. Êle é a luz oposta às trevas.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. (Kavi) trad. (vidente); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 249	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> VIII	<i>Verso</i> 12
<b>Texto do verso:</b> 12. - Tôdas as portas fechadas e a mente concentrada no coração, o sôpro vital firmado na cabeça, concentrado pelo yoga.			
<b>Texto da NT:</b> O corpo é chamado a cidade das nove portas, V. 13. As portas se referem aos sentidos.			
<b>Observação:</b> Exp. de simbologia (portas fechadas = abstração dos sentidos); remissão a outro verso da BG.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Remissão intratextual; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 250	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> VIII	<i>Verso</i> 13
<b>Texto do verso:</b> 13. - Proferindo assim o Ôm, a sílaba de Brahman, lembrando-se de mim, quando parte, abandonando o corpo, êle vai à meta suprema.			
<b>Texto da NT:</b> Ôm, ou Aum designa o inexpremível Absoluto. Esta estrofe do Çivamahimnastrotra mostra alguns valores da sílaba om: "Ó tu que dás refúgio, com as três letras a u m, indicando os Vedas (59a.), os três estados (vigília, sonho, sono profundo), os três mundos (terra, atmosfera, céu), os três deuses (Brahmâ, Visnu, Rudra), a palavra om te nomeia separadamente. Conjunta com as seus subtis (o nâda) a palavra om nomeia coletivamente tu, o teu estado absoluto transcendente (59b.). Mâm anusmaram, lembrando-se de mim. Segundo o Yoga Sûtra, o estado supremo pode ser obtido pela adoração a Deus. ----- (59a.). - (Rev., In., Sv.). (59b.). - (Str. 27). G. Renato Franci. La preghiera nelle religioni indiane, Bologna, 1962, p. 258.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (om) não trad. de termo (Mâm anusmaram) trad. (lembrando-se de mim); citação de outro texto sânscrito estudiosos e outros textos sobre yoga; 2 NT de rodapé ligadas à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 251	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> VIII	<i>Verso</i> 16
<b>Texto do verso:</b> 16. - Os mundos existentes até a morada de Brahmâ estão sujeitos ao retôrno, ó Arjuna, mas quem vem a mim, ó filho de Kuntí, não tem mais nascimento.			
<b>Texto da NT:</b> Trata-se de Brahmâ masculino concebido como deus, não deve ser confundido com Brahma neutro: o Absoluto. Todos os mundos estão sujeitos à mudança.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Brahma) não trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 252	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> VIII	<i>Verso</i> 17
<b>Texto do verso:</b> 17. - Aquêles que sabem que um dia de Brahmâ dura mil idades, a noite é mil idades, estas criaturas conhecem o dia e a noite.			
<b>Texto da NT:</b> Esta doutrina da emanção do mundo encontra-se em Manu, I, 51, etc. Yugas dia, idade, período cósmico.			
<b>Observação:</b> Remissão a outro texto sânscrito (Manu); def. de um termo em sâns. (Yugas) trad. (idades).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>253</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. - Tôdas as cousas perceptíveis emanam das imperceptíveis ao chegar o dia, chegada a noite elas também são absorvidas naquela chamada não perceptível.			
<b>Texto da NT:</b> Aqui o imperceptível ou não manifesto é prakrti.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo trad. (imperceptível).			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>254</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. - Esta multidão de sêres que nasce repetidamente, chegada a noite contra a vontade se extingue; ao chegar o dia, ó filho de Pârtha, renasce.			
<b>Texto da NT:</b> Esta emergência e esta dissolução periódica de tôdas as existências não afetam o Senhor de tôdas as existências.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>255</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. - Porém outra é a essência superior a esta, não manifesta, que não perece, eterna, esta não morre, morrendo todos os sêres.			
<b>Texto da NT:</b> Aviakta literalmente: "indistinto", "indiscriminado", é um têrmo que se dá a prakrti, no seu estado primitivo, de alguma sorte caótico.			
<b>Observação:</b> Def. de termo em sâns. (Aviakta) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>256</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. - O supremo Homem é êste, ó filho de Pârtha, que é conseguido por devoção, que a outro não é dirigida, em quem estão os sêres e por quem êste mundo todo é permeado.			
<b>Texto da NT:</b> Idam - êste, êsse, no sentido de universo, mundo.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Idam) trad. (êste).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>257</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25. - O fumo, a noite também a metade da sombra do mês, os seis meses do curso austral, o yogin, que entra nesta claridade lunar, renasce.			
<b>Texto da NT:</b> Afirma-se que os ancestrais mortos (pitris) vivem no mundo da lua e ficam lá até o momento de voltarem para a terra.			
<b>Observação:</b> Esta nota parece referir-se também aos versos 23 e 24; comentário sobre o que reza a tradição hindu no tema do verso.			

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso; Múltiplos versos.

<i>Código</i> 258	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. - Na verdade estas estradas do mundo, a luminosa e a escura, são consideradas eternas, por uma se vai de onde não se volta, por outra de onde se volta de nôvo.			
<b>Texto da NT:</b> A vida é um conflito entre luz e a sombra. A primeira conduz à libertação, a segunda ao renascimento.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 259	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. - Qualquer que seja o fruto do mérito assinalado nos Vedas, nos sacrifícios, nas ascetes, nas esmolas, o ultrapassa o ligado ao yoga, tudo isto sabendo, chega à morada suprema, primordial.			
<b>Texto da NT:</b> "Conhecendo isto", isto é, realizando as verdades nas respostas das sete questões dos çloka ou versos 1 e 2.			
<b>Observação:</b> Comentário ligando o presente verso a outros (1,2) no início deste capítulo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Remissão intratextual; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 260	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Esta é ciência real o segrêdo real purificador de modo elevado, que se adquire imediatamente, legítimo, fácil de praticar imperecível.			
<b>Texto da NT:</b> Râjavidyâ râjagnhyam, literalmente conhecimento real, a maior sabedoria, o maior segrêdo.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Râjavidyâ râjagnhyam) trad. (ciência real).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 261	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Os homens incrédulos desta lei, ó conquistador dos inimigos, não vêm a mim e voltam pelo caminho da morte e dos renascimentos.			
<b>Texto da NT:</b> Samsâra: transmigração, ciclo, mudança de existência, mundo, etc.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Samsâra) trad. (renascimentos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 262	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - E nem em mim estão os sêres, vê a minha magia de Supremo Senhor, sustentador dos sêres sem estar nos sêres, o meu eu é a causa da existência dos sêres.			
<b>Texto da NT:</b> O instrutor não está inclinado ao panteísmo, o qual afirma que tudo é Deus, mas ao panteísmo, pelo qual tôdas as cousas têm a sua sub-existência em Deus. Yoga aqui se traduz por magia, mistério, yoga etc.			

**Observação:** Comentário; def. de um termo (yoga) trad. (magia).

**Outras etiquetas:** Comentário; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código</i> 263	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. - Todos os sêres, ó filho de Kuntí, ao término do ciclo, passam à natureza que é minha, de nôvo quando começa o ciclo, eu os produzo.			
<b>Texto da NT:</b> O texto crítico traz māmikām e não māmaklm minha.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre divergências entre a edição crítica e de outras edições do texto em sânscrito quanto à um termo (māmikām).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 264	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Os loucos me desprezam quando assumo a forma humana, desconhecem a minha essência suprema como grande Senhor dos sêres.			
<b>Texto da NT:</b> O culto das imagens pode ser empregado como meio para se chegar ao Divino. A não ser isso não tem valor. Na Bhagavata, III, 29, 21, o Senhor disse: "Eu estou presente em todos os sêres, possuindo sua alma, mas, como êles ignoram a minha presença, o mortal se consagra à adoração das imagens" (60). ----- (60). - Radhakrishnan. Bhagavad-Gíta, 255.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de outro texto sânscrito (Bhagavata) (apud Radhakrishnan); NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 265	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Vãs são as suas esperanças, vão os seus atos, vão o seu conhecimento, êles são insensatos, tomam a enganosa natureza dos Raksas e dos Âssuras.			
<b>Texto da NT:</b> Os primeiros são dominados por tamas e inclinados a atos de crueldade, os segundos são dominados por rajás, e dados à ambição e avidez, etc., (Çrîdhara). Raksas - de natureza diabólica, de demônio, espírito maligno; Âssura, de natureza diabólica, inimigos dos deuses.			
<b>Observação:</b> Def. de termos (Rakshas, Assuras) não trad. relacionados à classes de seres da mitologia hindu; citação de um exegeta (Shridhara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 266	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Sempre me glorificam e se esforçam firmes nos votos, louvam-me com devoção, êles me adoram, sempre senhores de si mesmos.			
<b>Texto da NT:</b> Jñâtâ - conhecimento, bhaktyâ devoção, nityayuktah ação. Três palavras que indicam perfeição elevada.			

**Observação:** Def. de termo em sâns. (bhaktyâ, nityayuktah) trad.; def. de um termo (Jñâtivâ) que não está presente no verso em sânscrito (vedabase).

**Outras etiquetas:** Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 267</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. - Outros também me oferecem o sacrifício da sabedoria e me adoram como o único, o distinto e o múltiplo, com a face voltada para todas as direções.			
<b>Texto da NT:</b> Çamkara pensa que aqui são mencionadas três classes de adoradores. Para Râmânua e Madhava se trata de uma só classe. Tilak é de opinião que se trata de sistemas advaita, dvaita e yicistâdvaita.			
<b>Observação:</b> Citação de diferentes exegetas (Shankara, Ramanuja, Madhava, Tilak).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;			

<i>Código 268</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. - Eu sou o rito, eu sou o sacrifício, eu sou a oferenda aos manes, eu sou a erva, eu sou a fórmula, eu sou também a manteiga do sacrifício, eu sou o fogo, a libação.			
<b>Texto da NT:</b> Ausada - erva, simboliza a nutrição de todas as criaturas. Maritra (fórmula) - é um hino do Rig-Veda. Só se encontra aqui. Também se traduz: hino sagrado, fórmula sagrada.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânc. (Ausada, maritra) trad. (erva, fórmula); aviso sobre a ocorrência única de um termo em sânc. (maritra), porém este termo (maritra) não foi encontrado no original em sânscrito (vedabase), sendo possivelmente um erro de digitação da palavra "mantra".			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 269</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 19</i>
<b>Texto do verso:</b> 19. - Eu produzo o calor, eu retenho e derramo a chuva, e sou também a imortalidade e a morte, ó Arjuna, eu sou o ser e o não ser.			
<b>Texto da NT:</b> Sat é a absoluta realidade, asat é a existência cósmica e o Supremo é ao mesmo tempo uma e outra causa. Râmânua interpreta sat existência presente, asat como existência passada e futura.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (sat, asat) trad. (ser, não ser); citação de Ramanuja.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 270</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. - Os conhecedores dos três Vedas, os bebedores de soma, purificados do pecado, oferecendo-me sacrifício, pedem o céu; tendo eles pela virtude conseguido o santo mundo de Indra, desfrutaram no céu os gozos divinos dos deuses.			
<b>Texto da NT:</b> Tríplice ciência - os três Vedas. Soma - planta sagrada, usada nos sacrifícios.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (soma) não trad.; def. de termo (três vedas) trad. [trai-vidyaa].			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 271	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. - Quando aqueles que devotos a outras divindade, oferecem sacrifício com fé, é ainda a mim, ó filho de Kuntî, que oferecem um culto irregular, embora contra a regra antiga.			
<b>Texto da NT:</b> O autor da Bhagavad-Gîtâ acolhe a luz de qualquer lado do céu que ela venha. Ela tem direito de brilhar porque é luz.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 272	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. - Os devotos aos deuses vão aos deuses, os devotos aos ancestrais vão aos ancestrais, os que sacrificam aos espíritos, vão aos espíritos, porém os que sacrificam a mim na verdade vêm a mim.			
<b>Texto da NT:</b> Bhûta, criatura, espírito, demônio.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Bhûta) trad. (espírito).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 273	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. - Eu sou o mesmo para todos os seres, ninguém me é odioso, nem querido, mas aqueles que me adoram com devoção estão em mim e eu também estou neles.			
<b>Texto da NT:</b> Deus não tem amigo, nem inimigo, Êle é imparcial.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 274	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. - Mesmo se alguém de má conduta me adora e não a outro, êsse deve ser considerado um santo, porque êle resolveu retamente.			
<b>Texto da NT:</b> "Abandonando os caminhos maus da sua vida exterior e pela fôrça de sua resolução interior", Çamkara, Cf.: "Se êle se arrepender depois de ter cometido o pecado, êle é livre do pecado; se êle decide não mais cometer êsse pecado, êle será purificado".			
<b>Observação:</b> Citação de um exegeta (Shankara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 275	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. - Ó filho de Pârtha, aqueles que se refugiaram em mim, sejam de nascimento vil, mulheres, vaiçayas, também çudras, êles chegam à meta suprema.			
<b>Texto da NT:</b> A mensagem da Bhagavad-Gîtâ é para todos, sem distinção de raça, de sexo ou de casta. É o Evangelho do amor. Pâpa - yonayah - pecado cometido em outras existências (Pizzagali). Vaiçaya - casta dos agricultores e mercadores. Çudra - casta dos servos.			

**Observação:** Comentário; def. de termos em sân. (Vaiçaya, Çudra) não trad.; def. de termo (Pâpa - yonayah) trad. (de nascimento vil).

**Outras etiquetas:** Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código 276</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. - Que dizer dos santos brahmanes e devotos e dos reis ascetas? Tendo pois nascido nêste mundo instável e infeliz, adora-me.			
<b>Texto da NT:</b> Anityam asukham lokam: mundo impermanente e doloroso.			
<b>Observação:</b> Def. de uma expressão em sânscrito (Anityam asukham lokam) traduzida.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 277</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 1. - Ouve ainda, ó guerreiro dos grandes braços, a minha suprema palavra, a qual a ti, que eu amo, declaro, porque desejo o teu bem.			
<b>Texto da NT:</b> Prîya-mânâya se traduz também: "a ti que és o meu bem amado".			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa para um termo (Prîya-mânây).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 278</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - O intelecto, o conhecimento, o não apêgo, a paciência, a verdade, o domínio de si mesmo, a calma, o prazer, a dor, a existência e a não existência, o temor e também a coragem.			
<b>Texto da NT:</b> Çama - a calma, a paz do espírito.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Çama) trad. (calma).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 279</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Abstenção do mal, a igualdade, o contentamento, a austeridade, a liberdade, a honra e a desonra, são os diferentes estados procedentes também de mim.			
<b>Texto da NT:</b> Ahimsâ: não violência, não fazer mal a ser algum, não desejar matar. Só se encontra quatro vêzes: aqui; XIII, 7; XVI, 2; XVII, 4 e não se encontra no Rig-Veda.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Ahimsâ) trad. (Abstenção do mal); aviso sobre os locais de ocorrência deste termo na BG e do fato de que não ocorre no Rgveda.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código 280</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 7</i>
-------------------	----------------------	-------------------	----------------



<b>Texto do verso:</b> 7. - Aquêles que conhece realmente esta glória e o poder que estão em mim, êle está unido pelo yoga inalterável, nisto não há unido dúvida.
<b>Texto da NT:</b> O têrmo vibhûlti glória, penetrado de poder etc. O têrmo yoga poder místico, magia etc.
<b>Observação:</b> Def. de dois termos em sâns. (vibhûlti) trad. (glória) e um (yoga) não trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>281</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. - A êsses sempre unidos, que me adoram com louvor, dou êste yoga da sabedoria pela qual êles vêm a mim.			
<b>Texto da NT:</b> Buddhiyoga é a fôrça graças à qual o discípulo adquire a sabedoria que lhe faz perceber o um em tôdas as formas transitórias.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Buddhiyoga) parcialmente traduzido (yoga da sabedoria).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>282</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 12. - O supremo Brahman, a suprema habitação, a suprema purificação, o terno Homem, o primeiro deus, o Senhor sem nascimento.			
<b>Texto da NT:</b> Purusa no seu sentido primitivo é masculino, macho. Na Bhagavad-Gîtâ é o espírito animador, Espírito Supremo.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Purusa) trad. (o primeiro deus?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>283</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. - Chamam todos os videntes, o divino vidente Nârada, Asita, Devâla, Vyâsa e também tu mesmo m'o disseste.			
<b>Texto da NT:</b> Nârada é o chefe dos gandharvas, segundo a lenda é o inventor do alaúde.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Nârada) da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>284</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21. - Dos Âdityas eu sou Visnu, dos luminares sou o sol radiante, dos Marîçis sou Marut, dos astros sou a lua.			
<b>Texto da NT:</b> Eram êstes doze filhos de Âdity, mãe dos deuses, personificação do espaço eterno e do infinito. Os Âdityas são os deuses védicos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma classe de seres (Âdityas) da mitologia hindu cujo nome é citado; exp. sobre seres (filhos de Âdity) da mitologia hindu e sua simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 285	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. - Dos Vedas sou o Sâma veda, dos deuses sou Vâsara, dos sentidos sou a mente, dos sêres sou o intelecto.			
<b>Texto da NT:</b> O Sâmaveda é mencionado como principal dos Vedas por causa da sua beleza musical. Vâsava - Indra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metonímia (Dos Vedas sou o Sâma veda); informação de um nome alternativo de uma divindade hindu (Vâsava) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 286	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. - Dos Rudrâs sou Çamkara, dos Yaksâs e Raksara sou Vitteça, dos Pâvatas sou Vasci, dos cumes sou eu o Meru.			
<b>Texto da NT:</b> Vitteça - Senhor das riquezas (Kubera). Pârata - Agni, Fogo, Deus do fogo. Meru - é o Olimpo indiano, montanha mítica em tôrno da qual giram os planetas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre nomes próprios citados (Vitteça, Pârata, Meru) relacionados à mitologia hindu; analogia com a mitologia grega.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência à Filosofia grega; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 287	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. - Dentre tôdas as árvores sou Açvattha e dos Devarsis sou Nârada, dos Gandharvas sou Çittarartha, dos Siddhas sou o asceta Kapila.			
<b>Texto da NT:</b> Devarsis - divinos videntes. Siddhas – perfeitos. Kapila - autor da filosofia Sâmkhya.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem e classes de seres (Devarsis, Siddhas, Kapila) relacionados à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 288	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. - Dentre os cavalos sabe sou Ucchhçravas, nascido da ambrósia, dos reis dos elefantes sou Airâvata e dos homens o monarca.			
<b>Texto da NT:</b> Ucchhçravas - cavalo de Indra. Airâvata - elefante de Indra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre animais (Ucchhçravas, Airâvata) relacionados à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 289	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. - Das armas sou o raio, das vacas sou Kâmadhuk procriador, das serpentes sou Vâsuki.			
<b>Texto da NT:</b> Kandarpa - Deus do amor, amor. Vâsuki - serpente, serpente rei.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre seres (Kandarpa, Vâsuki) relacionados à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 290</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. - Dentre os Daityas sou Prahláda, dos cálculos eu sou o tempo, dos animais sou o rei dos animais e dos pássaros eu sou Vinatâ.			
<b>Texto da NT:</b> Daityas - Titans. Vinatâ - mãe de Garuda, rei dos pássaros.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre seres (Daityas, Vinatâ) relacionados à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 291</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> 31. - Dos purificadores sou o vento, dentre os guerreiros eu sou Râma, dos peixes sou o monstro marinho, dos rios sou Jâhnavî.			
<b>Texto da NT:</b> Maraka - sôbre êle o deus das águas atravessa o oceano. Yahuu - Jâhnavî - Ganges. O Ganges é mencionado uma só vez no Rig-Veda.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre seres (Maraka, Yahuu - Jâhnavî) relacionados à mitologia hindu; aviso sobre a ocorrência de um termo (Jahnavi, Ganges) no Rigveda.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código 292</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. - Eu sou o princípio, o meio e o fim da criação, ó Arjuna, das ciências sou a ciência do eu, dos que disputam eu sou a dialética.			
<b>Texto da NT:</b> Adhyâtmavidyâ vidyânâm, das ciências, eu sou a ciência do eu. Dos que disputam eu sou a dialética ou, como traduz Vecchiotti dos que falam eu sou o diálogo. A ciência do eu é aquela que conduz à bem-aventurança.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânsc. (Adhyâtmavidyâ vidyânâm) trad. (das ciências sou a ciência do eu); trad. alternativa de outro tradutor (Vecchiotti).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código 293</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. - Das letras sou o A, e dos compostos sou o dual, sou o tempo imperecível, eu sou também o criador com as faces para tôdas as direções.			
<b>Texto da NT:</b> O dual simboliza a união do espírito com a matéria.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metonímia (dos compostos eu sou o dual).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código 294</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35. - Dentre os hinos eu sou Brhtsâman, dos metros sou Gâyatrî, dos meses eu sou Mârگاçirsa, das estações sou as flôres.			
<b>Texto da NT:</b> Gâyatrî - neste metro está escrito o hino III, 62 do Rig-Véda. Mârگاçirsa - novembro-dezembro. Kusumâkara - a primavera.			

**Observação:** Def. de termos (Gâyatrî, Mârگاçirsa) não trad.; def. de termo (Kusumâkara) trad. (estação das flores).

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;

<i>Código</i> 295	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> 37. - Dos Vrsni sou o filho de Vâsudeva, dos Pândavas sou Dhanañjaya, dos ascetas eu sou Vyâsa, dos poetas Kavi sou o Uçana.			
<b>Texto da NT:</b> Uçaná - poeta místico, autor de um código de leis.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (talvez histórico) cujo nome próprio (Uçaná) é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 296	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. - Mas, ó Arjuna, que necessidade tens de conhecer êste pormenor? Eu estou nêste mundo todo, permeando-o com uma parcela de mim mesmo.			
<b>Texto da NT:</b> Ekâmçena: de uma simples fração. Só se encontra nêste verso. Não que a unidade divina seja dividida. Êste cosmo é uma revelação parcial do infinito, sua luz é um raio do esplendor divino. A luz transcendente do Supremo tem o seu domínio além do cosmo, além do tempo e do espaço.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Ekâmçena) trad. (pormenor?); aviso sobre a ocorrência única deste termo na <i>BG</i> ; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 297	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Tu falaste assim de ti mesmo, ó sublime Senhor, desejo ver a tua forma divina, ó Homem supremo.			
<b>Texto da NT:</b> Uma cousa é saber que o espírito eterno habita em todos os sêres, outra é ter a visão. Arjuna deseja ver a forma universal, encarnação visível do Invisível Divino. Êle quer ver como é "o nascimento e a morte de todos os sêres" (X; 8.). Tôda a verdade metafísica, abstrata deve confinar com uma realidade visível.			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de outro verso da <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Remissão intratextual; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 298	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 5. - Vê, ó filho de Pârtha, a cem e a mil, as minhas formas diversas em gênero, divinas, de côres diversas e de vários aspectos.			
<b>Texto da NT:</b> Arjuna vai contemplar, na medida do possível, a revelação do Ser Supremo. Na Mahâbhârata (VI, 131), se diz que Krsna apareceu na sua forma objetiva a Duryodhana. A história da experiência religiosa demonstra o grande número de visões. A Transfiguração de Cristo (61), a visão de Paulo, no caminho de Damasco (62), a de Constantino que viu a cruz com esta divisa: "Por êste sinal tu vencerás", a de Joana d'Arc, etc. ----- (61). - Marcos 9: 2-8. (62). - At. 9: 1-8.			

**Observação:** Comentário; citação do MB; paralelo com a Bíblia; 2 NT de rodapé ligadas à NT após o verso.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Nota de rodapé; Nota após o verso;

<i>Código</i> 299	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. - Ora não podes ver-me com os teus próprios olhos, dou-te um olho divino, vê o meu soberano yoga.			
<b>Texto da NT:</b> Olho algum de carne pode ver esta forma soberana. O olho humano não é feito para tal excesso de luz. Os olhos humanos não podem ver senão as formas exteriores; a alma íntima só vê pelo olho do espírito. Há um tipo de conhecimento que podemos adquirir por nosso esforço: conhecimento fundado sobre a atividade dos sentidos e elaboração intelectual. Outro conhecimento é possível quando estamos sob a influência da graça, ela é a percepção direta das realidades espirituais. A visão divina é um dom de Deus. Divya cakçus - é o olho de anjo, enquanto que māmisa çakçus é olho da carne.			
<b>Observação:</b> Comentário; def. de um termo em sâns. (Divya cakçus) trad. (ôlho divino).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 300	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 9</i>
<b>Texto do verso:</b> Samjaya disse: 9. - Tendo assim falado, ó rei, Hari, o grande Senhor do yoga, revelou ao filho de Pârtha a sua suprema forma divina.			
<b>Texto da NT:</b> Hari só é citado duas vezes: aqui e no capítulo XVIII: 77. É a transfiguração de Krsna em que Arjuna vê tôdas as criaturas do céu e da terra unidas na forma divina.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre o ocorrência de um termo (Hari) não trad. no BG; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 301	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Com múltiplas bôcas e olhos, com inúmeros aspectos maravilhosos, com múltiplos ornamentos divinos, brandindo as múltiplas armas divinas.			
<b>Texto da NT:</b> Anekavaktranayanam - bôca e olhos múltiplos. Êle vê tudo e devora tudo. As descrições do Ser Eterno ou Universal encontram-se, na Purusha Sukta (62a). - (62a). - Rig-Veda, IX, 4, 90). Cf. Mundaka Upanishada, II. 1, 4.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Anekavaktranayanam) trad. (múltiplas bôcas e olhos); remissão a outro texto sânscrito (Purusha Sukta); NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 302	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. - O mundo todo aí com suas classes múltiplas, presos em unidade, mostra-se então ao filho de Pându, no corpo do Deus dos deuses.			
<b>Texto da NT:</b> Arjuna tem a visão do Um no múltiplo e do múltiplo em Um.			

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota após o verso;

<b>Código 303</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Então êle, conquistador das riquezas, penetrado de assômbro, os pelos eriçados, inclinando a cabeça, prostrou-se diante de Deus, com as mãos postas e disse:			
<b>Texto da NT:</b> (Numa agonia de terror religioso, Arjuna adora).			
<b>Observação:</b> Comentário sobre enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<b>Código 304</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. - Tu és o imperecível supremo que é preciso conhecer, tu és o supremo apóio de todo o universo, tu és o eterno guardião da lei antiga, para mim, penso tu és o sempiterno Homem.			
<b>Texto da NT:</b> Aksaram - imperecível, Arjuna declara que o Ser Supremo é ao mesmo tempo Brahman, Îçvara, O Absoluto e o Deus manifesto. Çâsvatadharmagoptâ: guardião imortal da lei eterna. Abhinavagupta adota a variante sâttvatadharmagoptâ - guardião do dharma sâttvata.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Aksaram) trad. (imperecível); tradução alternativa de outro tradutor (Abhinavagupta) que adotou um trecho (Çâsvatadharmagoptâ) diferente (sâttvatadharmagoptâ), devido a outra edição do texto em sânscrito.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 305</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. - Os Rudras, os Âdityas, os Vasûs, os Sâddhyas, os Viçvas, os dois Açvis, os Maruts, os Manes, os Gandharvas e os Saksas, os Asuras, os Sidhas, todos assim te contemplam admirados.			
<b>Texto da NT:</b> Usmapa - os que absorvem o fumo dos manjares, Manes.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sân. (Usmapa) trad. que é o nome de um classe de seres da mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<b>Código 306</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. - Os mundos e eu também, ó guerreiro dos grandes braços, estamos aterrados em ver a tua forma imensa com muitas bôcas e olhos, com muitos braços, coxas e pés, muitos ventres e muitos dentes terríveis.			
<b>Texto da NT:</b> É uma exageração poética que mostra a universalidade e a onipresença do Supremo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<b>Código 307</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. - Ó Visnu, ao ver-te tocar o céu, brilhando com vivas côres, com a bôca aberta, com os			

grandes olhos abrazados, estou terrificado no meu íntimo e não encontro ânimo, nem paz.
<b>Texto da NT:</b> Vishnu é citado três vezes: aqui, no verso 30 e no capítulo X: 21.
<b>Observação:</b> Aviso sobre os locais de ocorrência do nome de uma divindade (Vishnu) na BG.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;

<b>Código 308</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25. - Ao ver tua boca com dentes terríveis semelhantes ao fogo destruidor do tempo, não sei onde encontrar refúgio, tem piedade, Senhor dos deuses, ó habitação do mundo.			
<b>Texto da NT:</b> Kâlânala - literalmente - o fogo do julgamento final. Fogo da destruição universal.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sâns. (Kâlânala) trad. (fogo destruidor do tempo).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 309</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26. - Eis que todos os filhos de Dhrtarâstra e com os soberanos na terra e também Bhîsma e Drona e o filho do cocheiro, juntamente com os nosos comandantes de guerra.			
<b>Texto da NT:</b> Sûtaputras - filho de cocheiro (Karna).			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um antonomástico (Sûtaputras) trad. (filho do cocheiro) de um personagem (Karna).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 310</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 32</b>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 32. - Sou o tempo, destruidor dos mundos, amadurecido, empenhado em reunir os homens aqui, mesmo sem ti, todos êsses guerreiros, colocados em exército inimigo, não mais existirão.			
<b>Texto da NT:</b> Loka - mundo; lokn - mundos, homens. Kâla o tempo é o motor primeiro do universo. Só Deus é conhecido como o tempo. Êle cria e distrai perpetuamente. O tempo é o curso de um fluxo que se move sem parar.			
<b>Observação:</b> Def. de termos em sâns. (Loka, Kâla) trad. (mundos, tempo); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 311</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 33</b>
<b>Texto do verso:</b> 33. - Então levanta-te, conquista a glória, vencidos os inimigos, goza um próspero reino; há muito êles foram mortos por mim, ó Savyasâcin, sê tu mero instrumento.			
<b>Texto da NT:</b> Savyasâcin - que tira o arco com as duas mãos, ambas as mãos, ambidestro. O autor parece sustentar aqui a predestinação divina:			
<b>Observação:</b> Exp. de antonomástico (Savyasâcin) não traduzido; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>312</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>35</b>
<b>Texto do verso:</b> Samjaya disse: 35. - Tendo ouvido estas palavras de Keçava, Kirítí, tremendo com as mãos postas prostou-se apavoradíssimo e gaguejando falou novamente a Krsna.			
<b>Texto da NT:</b> Tudolf Otto menciona esta cena para exemplificar o ofício do numinoso, do mysterium tremendum em religião. Nêste modo se apresenta o aspecto transcendente de Deus. Kirítí - Arjuna.			
<b>Observação:</b> Citação de outro estudioso(?) (Tudolf Otto); exp. de um antonomástico (Kiriitii) de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Referência à Ciência; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>313</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>37</b>
<b>Texto do verso:</b> 37. - Como não te adoram, ó magnânimo, maior do que Brahmâ, autor original? Ó infinito, Senhor dos deuses, em quem o mundo habitas, tu imperecível, o ser e o não ser e aquêle que está além.			
<b>Texto da NT:</b> Âdikartr - Tu és o criador primordial ou ainda tu és o criador mesmo de Brahmâ. Jagannivâsa - refúgio do universo. Deus em quem o universo reside.			
<b>Observação:</b> Def. de term em sâns. (Âdikartr, Jagannivâsa) trad. (não identifiquei).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>314</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<b>Texto do verso:</b> 39. - És Vâyü, Yama, o Fogo, Varuna, a Lua, Prajâpati, o progenitor, honra a ti, mil vêzes honra e ainda honra.			
<b>Texto da NT:</b> Çaçânkah - a lua. Em outra versão Prajâpati é progenitor de tudo.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito (Çaçânkah) de um trad. (lua); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>315</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. - Tomei-te também por um amigo, sem refletir te disse: ó amigo Krsna, ó Yâdava, ó amigo, ignorava esta tua grandeza, perdoa-me, ó incomensurável, aquilo quem te disse por distração ou por afeto.			
<b>Texto da NT:</b> Tavedam - tua grandeza, varia lectio tavemam.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito (Tavedam) de um trad. (tua grandeza) e def. em latim.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>316</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>42</b>
<b>Texto do verso:</b> 42. - Se por gracejo não te tratei com honra, em ocasião de vestir, beber e comer, que estivesse só ou em companhia dêstes, ó inabalável, eu te peço perdão, ó infinito.			
<b>Texto da NT:</b> A visão de deus imprime um profundo sentimento de indignidade e de pecado. Ao ter Isaias visto o Senhor sôbre o trono, disse: "Ai de mim que vou perecendo porque e usou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo impuro de lábios e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos" (63).			



Gururgarîyan. Alguns MSS trazem gurorgarîyan. O texto de Madhusûdana e alguns outros MSS têm gurur que significa um "mestre". Thomson traduziu "do que Guru mesmo" significando Brahmâ. O comentaria de Çridhara tem gurur, mas no texto está gurur e explica com gurutara = mais venerável. ----- (63). - Is. 6: 5.
<b>Observação:</b> Comentário; citação da Bíblia; aviso sobre variações de um termo (Gururgarîyan) em diferentes MSS; traduções alternativas devido à variação dos MSS; NT de rodapé ligada à NT após o verso.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>317</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>44</b>
<b>Texto do verso:</b> 44. - Inclinando-me então e prostrando o meu corpo diante de ti, Senhor adorável, eu peço a tua graça; possas, ó Deus, suportar-me como um pai ao filho, o amigo ao amigo, sê clemente.			
<b>Texto da NT:</b> Deus como pai é uma concepção familiar entre os hindus. O Rig-Veda escreve: "Sê próximo a nós como um pai para seu filho, habita conosco, ó Senhor, resplandecendo e abençoando-nos" (I, 1, 9). o Yajur Veda diz também: "Ó Senhor tu és nosso pai, instrui-nos como um pai" (XXXVII, 20). No Velho Testamento se encontram as mesmas idéias. No ensino de Cristo a idéia de Deus como Pai é central. Jesus emprega a palavra Pai, referindo a Deus, 171 vezes.			
<b>Observação:</b> Comentário, citação Rigveda, do Yajurveda e da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>318</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>46</b>
<b>Texto do verso:</b> 46. - Eu desejo ver-te com o diadema, a clava, o disco na mão, retoma à tua forma com quatro braços, ó tu que tens mil braços e a forma universal.			
<b>Texto da NT:</b> Krsna é a encarnação de Visnu.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Krsna) na mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>319</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>54</b>
<b>Texto do verso:</b> 54. - Mas com a devoção, que exclui qualquer outro, pode-se me conhecer, ó Arjuna, e ver como eu sou realmente e entrar em mim, ó conquistador dos inimigos.			
<b>Texto da NT:</b> Çamkara define o devoto ideal: aquele que percebe um único objeto, Deus, por meio de todos os seus sentidos. Êle adora a Deus de todo o seu espírito e de todo o seu corpo. Sâksâtâkara - percepção direta da forma divina é possível ao verdadeiro místico do amor.			
<b>Observação:</b> Citação de um exegeta (Shankara); def. de um termo sâns. (Sâksâtâkara) que não faz parte do verso em sânscrito (vedabase).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>320</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>55</b>
--------------------------	----------------------	---------------------------	------------------------

**Texto do verso:** 55 - Ó filho de Pându, aquele que pratica obras para mim, que me considera seu alvo, que me é devoto, livre de apêgo e de inimizade para com todos os sêres, êsse vem a mim.

**Texto da NT:** Os comentadores indianos dizem ser êste verso a quinta-essência da Bhagavad-Gîtâ.

**Observação:** Citação de comentários de exegetas indianos.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;

<b>Código 321</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XII</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 2. - Aquêles que fixam a mente em mim, perfeitamente unidos me adoram com fé suprema são considerados por mim os mais devotos.			
<b>Texto da NT:</b> Upâsana é adoração, é a meditação contínua.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sâns. (Upâsana) trad. (adoram).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<b>Código 322</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XII</b>	<b>Verso 10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Caso sejas incapaz de me obter pelo esforço, sê aquele cujo alvo supremo é o meu serviço, mesmo praticando as obras por amor de mim alcançarás a perfeição.			
<b>Texto da NT:</b> Matkarma interpreta-se por: serviço do Senhor, pûjâ ou culto no sentido restrito, oferenda de flôres, de frutos ou de incenso, edificação de templo, o estudo das escrituras.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sâns. (Matkarma) trad. (meu serviço).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 323</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XII</b>	<b>Verso 12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. - O conhecimento é superior à prática, a meditação é superior ao conhecimento, a renúncia ao fruto da ação é superior à meditação, desta renúncia vem imediatamente a paz.			
<b>Texto da NT:</b> "Prática" subentende a concentração. Çrîdhara interpreta jñâna por: âveça - esforço do espírito dirigido para Deus e dhyâna por: cheio de Deus. Sûrya Gîta: "A devoção é superior ao conhecimento e a ação sem desejo é superior à devoção. Aquêles que compreende êste princípio do Vedânta deve ser considerado como o melhor yogin".			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (prática) trad.; citação de exegeta (Shridhara); citação de outro texto em sânscrito (Surya Gita).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<b>Código 324</b>	<b>Stella (1970)</b>	<b>Capítulo XIII</b>	<b>Verso 0</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: A matéria e o espírito, o campo e o conhecedor do campo, o conhecimento e o objeto do conhecimento, é aquilo que aImejo saber, ó filho de Kuntî.			
<b>Texto da NT:</b> Êste verso não se encontra em certas edições. Se êle fôsse incluído na Bhagavad-Gîtâ, o número			

total de versos ou çloka seria 701 e não 700, que é o número tradicionalmente aceito. O texto crítico não traz êste çloka. No MS (D) da Biblioteca Real de Paris e nos dois MSS de Londres, na Edição de Calcutá do Mahâbhârata e em outros três MSS, se encontra o verso no princípio do capítulo. Parece que é uma interpolação posterior (64). Prakrti é natureza, matéria. ---- (64). - S. Rao Sastri. The Bhagavad-Gîtâ. 1952 - p. 343.

**Observação:** Aviso sobre o fato deste verso não estar na edição crítica, mas aparecer em outros MSS; citação de outro tradutor da *BG* sobre a interpolação do presente verso.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da *BG*; Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;

<i>Código</i> 325	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 1. - Êste corpo, ó filho de Kuntî, é chamado o campo, aquêle que o conhece é também chamado pelos sábios o conhecedor do campo.			
<b>Texto da NT:</b> Ksetra - campo, o corpo, isto é, a ação do espírito, Ksetrajña - que conhece o campo.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sâns. (Ksetra, Ksetrajña) trad. (campo, conhecedor do campo).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 326	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Os sábios, cada um, de muitas maneiras tem notado isto, em hinos variados, com palavras dos aforismos de Brahman, bem preciosos e definidos.			
<b>Texto da NT:</b> A Gîtâ sugere que sejam expostas as verdades já contidas nos Vedas, Upanishadas e Brahmasutra, mais tarde sistematizado por Bâdarâyana. Os hinos védicos são chamados cchandandas ou cânticos rítmicos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 327	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Os grandes elementos, o sentimento do eu, a inteligência e também o indeterminado, os dez sentidos e a mente e os cinco objetos dos sentidos.			
<b>Texto da NT:</b> A mente é o sentido interno (o décimo primeiro).			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 328	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. - Que tem êle a conhecer? Dir-t'o-ci. Quem conhece obtém a imortalidade, o supremo Brahman não tem comêço, diz-se que êle não é nem o ser, nem o não ser.			
<b>Texto da NT:</b> Anâdimat param: sem origem suprema (Çamkara); anâdi matparam: sem origem, regido por mim (Râmânua).			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Anâdimat param) trad. com a citação de outros exegetas (Shankara e Ramanuja).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Informação do termo sânscrito; Apresentação de			

sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código</i> 329	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. - Das luzes é a luz, é chamado além das trevas, é o conhecimento, é o que deve ser conhecido, a meta do conhecimento, reside no coração de todos.			
<b>Texto da NT:</b> A luz reside no coração de todos os sêres.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 330	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. - Alguns pela meditação vêm o Eu mesmos em si mesmo por si mesmos, outros pelo Sâmkhya Yoga e outros pejo Yoga das ações.			
<b>Texto da NT:</b> Sâmkhya aqui designa jñâna - conhecimento. Também se traduz: "Alguns pelo Sâmkhya, pelo Yoga"; outros: "pela união da ação" e outros ainda traduzem por "Karma Yoga", outro por Sâmkhyana-yogena por "disciplina da ação".			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Samkhya) não trad.; tradução deste termo por outros tradutores para ilustrar diferentes interpretações.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 331	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. - Aquêles que vê o Ser Supremo igualmente presente em todos os sêres, Imperecível quando êles perecem, êsse vê.			
<b>Texto da NT:</b> Nêste verso assegura-se que Deus vive e continua a ser quando o universo cessar de existir.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 332	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 34</i>
<b>Texto do verso:</b> 34. - Aquêles que percebem pelo ôlho da ciência a distinção entre o campo e o conhecedor do campo e também a libertação dos sêres da matéria, êles vão ao Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> Bhûtaprakrti: a natureza material dos sêres.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sâns. (Bhûtaprakrti) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 333	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Procurado refúgio nesta sabedoria, tornando-se semelhante a mim, êles não renascem mais com a criação e nem são destruídos na dissolução.			
<b>Texto da NT:</b> Isto não é svarûpatâ, a identidade, mas sòmente samânadharmatâ - semelhança quantitativa. O indivíduo se une em essência com aquilo que êle procura. Êle chega a sâdrçyamukti. Êle percebe o divino na			

sua consciência e na sua vida interior. "Sê então perfeito como vosso Pai que está no céu" (65). Çamkara pensa diferentemente. Para êle sâdharma significa identidade de natureza e não igualdade de atributos. --- (65). - Mat. 5:48.

**Observação:** Comentário; citação da Bíblia; citação de Sankara.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;

<i>Código</i> 334	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - O grande Brahman é a minha matriz, nêle eu coloco o germe e é de lá que nascem todos os sêres, ó filho de Bharata.			
<b>Texto da NT:</b> Brahman é sinônimo de natureza (prakrti).			
<b>Observação:</b> Sinonímia de um termo (Brahman) não trad. com prakrti.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 335	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - As formas que nascem em tôdas as matrizes ó filho de Kuntî, têm o grande Brahman como matriz, eu sou o pai gerador.			
<b>Texto da NT:</b> Prakrti é a mãe e Deus é o pai de tôdas as formas vivas.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 336	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Bondade, energia, trevas, são os elementos nascidos da natureza, estão prêsas ao corpo, ó dos grandes braços, indestrutível, incorporável.			
<b>Texto da NT:</b> Sattva é pureza e luminosidade perfeita, rajas é impureza que conduz à atividade e tamas é obscuridade e inércia. Como a aplicação de Gîtâ é moral, deve-se traduzir sattva por bondade, rajas por paixão e tamas por torpor. A trindade cósmica reflete a predominância de um e de outro modo: sattva em Visnu, o conservador, rajas em Brahmâ, o criador e tamas em Çiva, o destruidor. Sattva contribui para a estabilidade do universo, rajas para a sua atividade criativa e tamas representa a tendência à decrepitude e à morte. Êles são responsáveis para manter a origem e a dissolução do mundo.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (sattva, rajas, tamas) trad. (bondade, energia, trevas); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 337	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Dentre elas a bondade, sendo pura, causa a iluminação e a saúde, ela prende pela adesão à felicidade e pela adesão ao conhecimento, ó impecável.			
<b>Texto da NT:</b> O conhecimento aqui significa o conhecimento inferior, intelectual.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (conhecimeto) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 338	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Quando a luz do conhecimento irradia por tôdas as partes dêste corpo, sabe, então, que a bondade é predominante.			
<b>Texto da NT:</b> sarvadvâresu dehesmin - tôdas as portas do corpo.			
<b>Observação:</b> Def. de um trecho em sâns. (sarvadvâresu dehesmin) trad. (tôdas as partes dêste corpo).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 339	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. - Da bondade nasce o conhecimento e da paixão a ambição; das trevas nascem a negligência e o erro e também a ignorância.			
<b>Texto da NT:</b> Tais são os efeitos psicológicos dos três modos			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 340	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. - Eu sou a base de Brahman, o imortal, o imperecível, da lei eterna e da absoluta felicidade.			
<b>Texto da NT:</b> Várias são as interpretações dadas a Brahman pelos exegetas, no sentir de Radhakrishnan, Çamkara explica que o Senhor Supremo é Brahman neste sentido de que êle é a manifestação de Brahman. Dá êle outra explicação dizendo que Brahman é o Senhor pessoal. Nilakantha interpreta Brahman por: o Veda. Râmânua vê em Brahman a alma emancipada e Madhva a Maya. Para Madhusúdana Brahman designa o Senhor pessoal. Krsna se identifica com o Brahman absoluto, incondicional.			
<b>Observação:</b> Citação de diferentes interpretações de diferentes exegetas.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 341	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> O Bem-aventurado Senhor disse: 1. - As raízes para cima, os ramos para baixo, se diz, é a açvattha imperecível; suas fôlhas são os hinos, aquele que conhece, êsse conhece o Veda.			
<b>Texto da NT:</b> Açvattha - figueira eterna, árvore pipal. A açvattha simboliza o espírito universal que, no mundo das cousas (o céu), tira o seu ser (as raízes), e daquele que há de vir a ser (a terra) as suas formas. A palavra açvattha só se encontra neste verso e no cap. X: 26.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sâns. (Açvattha) não trad.; comentário/explicação da simbologia; aviso sobre a ocorrência do termo na BG.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre a tradução; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 342	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Em baixo e em cima os ramos se desenvolvem, fortificados pelos modos e brotam como ramos os objetos dos sentidos; em baixo as raízes se ramificam em união com ações no mundo dos homens.			
<b>Texto da NT:</b> Çamkara explica que as raízes dirigidas para baixo são a raiz secundária, vâsanas, efeitos dos			

atos passados que a alma traz consigo.
<b>Observação:</b> Citação de outro exegeta com exp. da simbologia.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota após o verso;

<i>Código</i> 343	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. - Aquêles que livres do orgulho e desilusão, venceram o mal do apêgo, constantes em sua própria alma, seus desejos desaparecem, livres da duplicidade do prazer e da dor e livres da ilusão, vão a êsse lugar eterno.			
<b>Texto da NT:</b> Nos versos 4 e 5 encontra-se uma interessante semelhança com a Jerusalém Celestial (65a). ---- (65a.). - Apocalipse, 21 :23.			
<b>Observação:</b> N.t. para o verso 4 e 5 [registrada no BD somente um vez, para o v5]; paralelo com à Bíblia; NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé; Nota após o verso; Múltiplos versos.			

<i>Código</i> 344	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. - Nem sol, nem lua, nem fogo ilumina o lugar em que aquêles que vão não voltam, essa é a minha morada suprema.			
<b>Texto da NT:</b> Êste verso se refere a Brahman imutável acessível às práticas ascéticas.			
<b>Observação:</b> Comentário [o termo "Brahma" não está no sânscrito].			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 345	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. - Um fragmento do meu ser torna-se alma vivente, eterna, no mundo dos vivos, atrai a si os sentidos de que a mente é o sexto, os quais residem na natureza.			
<b>Texto da NT:</b> Mamaivâmçah: um fragmento de mim mesmo. Êste termo não significa que o Supremo seja susceptível de divisão. Çamkara explica que o eu é um fragmento do Supremo da mesma maneira que o espaço num vaso ou numa casa é uma porção do espaço universal. Para Râmânuja é um fragmento (amça) de Deus. Ela se torna uma alma individual, substancial no mundo e submete-se a escravidão em aceitar o serviço dos objetos dos sentidos. Êste termo amça só se encontra aqui.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sâns. (Mamaivâmçah) trad.; Comentário; citação de diferentes exegetas com diferentes interpretações; aviso sobre a ocorrência única deste termo neste verso na <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 346	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. - Quando toma um corpo, quando o abandona, o Senhor os leva consigo como o vento leva os perfumes da sua origem.			
<b>Texto da NT:</b> "Leva-os" - os cinco sentidos e a mente do çloka 7. O corpo sutil acompanha a alma nas suas peregrinações através da existência cósmica.			

**Observação:** Remissão intratextual (outro verso); comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Remissão intratextual; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>347</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. - Eu sou vaiçvânara que habita nos corpos dos vivos e unido aos sopros expirados e aos aspirados, digiro a nutrição quádrupla.			
<b>Texto da NT:</b> Vaiçvânara – fogo. As quatro espécies de alimentação são: aquela que é triturada pelos dentes, aquela que é bebida, aquela que é lambida pela língua, aquela que é engulida sem mastigar ou sugada pelos lábios.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sâns. (Vaiçvânara) não trad.; def. de uma expressão (nutrição quádrupla).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>348</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. - Há outro espírito muito elevado, que se chama o Eu supremo, o imperecível, o Senhor que penetra e sustenta os três mundos.			
<b>Texto da NT:</b> Paramâtmâ é O Eu Supremo, Deus na alma. A Gîtâ exalta a concepção do Deus pessoal que une em si a existência não temporal (Aksara) e o começo temporal (Ksara).			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Paramâtmâ) trad. (Eu supremo); comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>349</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. - Aquêlê que assim não desvairado me conhece como Espírito elevado, êsse conhece tudo e me adora com todo o seu ser, ó filho de Bharata.			
<b>Texto da NT:</b> O conhecimento conduz à devoção.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>350</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. - Não violência, verdade, ausência de cólera, renúncia, paz, ausência de calúnia, compaixão pelos sêres, ausência de ganância, doçura, modéstia, ausência de agitação.			
<b>Texto da NT:</b> "Não violência" ahimsâ a palavra deriva da raiz han ferir, matar, causar dano. O desiderativo sincopado de han é hims. isto é, desejar de causar dano, daí o substantivo himsá desejo de causar dano e finalmente mediante o a inicial privativo ahimsâ - ausência de desejar de causar dano.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sâns. (ahimsâ) trad. através da análise gramatical do mesmo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>351</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3. - Energia, paciência, firmeza, pureza, ausência de malícia, ausência de arrogância, são as qualidades daquele que nasce com a natureza divina, ó filho de Bharata.			



**Texto da NT:** O instrutor expõe os traços distintivos daqueles que procuram a perfeição divina. Muitos sêres participam de duas naturezas, uma boa e outra má. O Mahâbhârata diz: "Nada há totalmente bom ou totalmente mau".

**Observação:** Comentário; citação do MB.

**Outras etiquetas:** Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Nota após o verso;

<i>Código</i> <b>352</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Hipocrisia, insolência, susceptibilidade, cólera, brutalidade, e a ignorância, são as qualidades, ó filho de Pârtha, daquele que nasce com a natureza demoníaca.			
<b>Texto da NT:</b> Ásura - demoníaca.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sânscrito. (Ásura) de um termo trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>353</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. - O mundo, dizem, é irreal, sem base e sem Deus, êle não é regido por uma causa regular, mas causada por desejo sòmente.			
<b>Texto da NT:</b> Apratistham - sem base moral. É a opinião dos materialistas. É a opinião dos Lokâyatikas que a paixão sexual é a causa única de todos os sêres vivos, Çamkara.			
<b>Observação:</b> trad. alternativa de termo em sânscrito. (Apratistham) segundo outras interpretações; citação de um exegeta (Shankara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>354</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. - Entregam-se ao desejo insaciável, hipócritas, orgulhosos, arrogantes, tomados de paixões falsas, devido à confusão, agem com impuras decisões.			
<b>Texto da NT:</b> No Brhaspati Sutra se diz que kâma, desejo, é o fim supremo do homem.			
<b>Observação:</b> Citação de um outro texto em sânscrito (Brhaspati Sutra).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>355</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. - Assediados por inquietações sem limites cujo fim é a morte, fazem o gôzo do desejo seu alto escopo, convencidos de que isto é tudo.			
<b>Texto da NT:</b> É a doutrina materialista que nos convida a comer, beber e ser alegre, porque a morte é, certa e nada existe além (66). ----- (66). - 1o. Cor. 15:32.			
<b>Observação:</b> Citação da bíblia; NT de rodapé ligada à NT após o verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>356</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. - Êstes malvados, cruéis, os piores dos homens, impuros, eu os lançarei constantemente nas			

matrizes demoníacas dos renascimentos.

**Texto da NT:** Matrizes ou ventres demoníacos são os ventres dos animais cruéis, como o tigre, serpente, etc. (67). ----- (67). - O termo samsara, nascimento, renascimento, etc., somente aparece nas Upanishadas mais antigas e na Bhagavad-Gîtâ e só aparece nesse passo.

**Observação:** Exp. de simbologia (matrizes demoníacas); aviso sobre a ocorrência única na *BG* de um termo (samsara) e sua ocorrência em outros textos em sânscrito (Up.) e na *BG*; NT de rodapé ligada à NT após o verso.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé; Nota após o verso;

<i>Código</i> 357	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVI</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. - Que a lei seja a regra para decidir o que deves fazer e não fazer, sabe, pratica então o ato aqui que a lei te prescreve.			
<b>Texto da NT:</b> Çastra - lei, livro sagrado, Escritura.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sân. (Çastra) trad. (lei).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 358	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 1. - Aquêles que negligenciam as leis sagradas, mas sacrificam com fé, qual é então, ó Krsna, a sua posição, é da bondade, a da paixão das trevas?			
<b>Texto da NT:</b> Râmânuja pensa que aquêles que violam as çâstras por ignorância ou negligência, com ou sem fé, são condenados.			
<b>Observação:</b> Citação da interpretação um exegeta.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 359	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. - A fé é de cada ser, ó filho de Bharata, é de acôrdo com a sua natureza, o homem é da natureza da sua fé, aquilo que é a sua fé isto êle é também.			
<b>Texto da NT:</b> Çraddhâ: a fé, não é aceitação de uma crença, mas um esforço em demanda à religião de si mesmo, pela concentração das energias da mente sobre um ideal dado. O homem é a sua fé.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sân. (Çraddhâ) trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota após o verso.			

<i>Código</i> 360	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Os homens bons sacrificam aos deuses, os apaixonados aos semi-deuses e aos demônios, os outros, os tórpidos, sacrificam aos espíritos e aos fantasmas.			
<b>Texto da NT:</b> Yksas - semi-deuses. Raksas - demônios, pretas - espírito de um morto. Bhutas - fantasma, alimento. Os homens das trevas são aquêles que prestam culto aos mortos e aos espíritos.			

**Observação:** Def. de termos sâns. (Yksas, Raksas, pretas, bhutas) trad., sendo alguns ligados à nome de classes de seres da mitologia hindu; comentário.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Nota após o verso.

<i>Código</i> <b>361</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>10</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. - Os alimentos que aumentam a vida do ser, a fôrça, a saúde, o bem estar, a alegria, que são suculentos, saborosos, gordos, firmes, e deliciosos, são caros aos bons. 9. - Amargos, ácidos, salgados, muito quentes, picantes, grosseiros, quentes: os alimentos agradam aos apaixonados, produzem sofrimentos, dor, enfermidade. 10. - Já usado, insípido, pútrido, rançoso, resto, sujo: o alimento agrada aos tórpidos.			
<b>Texto da NT:</b> Como o corpo é construído por meio da nutrição ingerida, a qualidade da nutrição é de importância, como se vê.			
<b>Observação:</b> Comentário; [n.t refere-se aos versos 8, 9 e 10, mas foi registrada no BD somente para o v.10]			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso; Múltiplos versos.			

<i>Código</i> <b>362</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. - O dom que é dado àquêle de quem nada se espera com o sentimento de dever de dar, oferecendo em tempo e em lugar à pessoa digna, êsse dom é declarado bom.			
<b>Texto da NT:</b> Todo o dom parcial redundando em dom total de sí. As dádivas feitas aos pobres não ajudam somente os pobres, mas doadores. Aquêle que dá recebe.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>363</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. - "Om tat sat" é considerado como tríplice designação de Brahman e por ela foram criados outrora os Brahmanes, os Vedas, os sacrifícios.			
<b>Texto da NT:</b> Om ou Aum - exprime a supremacia absoluta, tat - universalidade, sat - a realidade de Brahman. Também se diz: Om - Ser, tat - Aquilo, sat - o Real.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma expressão em sâns. (Om tat sat) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>364</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 1. - Ó dos grandes braços, ó Hrsikeça, ó matador de Keçin, desejo saber a respeito da renúncia e do desapêgo e sua dilerença.			
<b>Texto da NT:</b> Keçin nome de um demônio morto por Krsna.			
<b>Observação:</b> Exp. de um antonomástico que remete a outras histórias do MB com a explicação de um ser cujo nome (Keçin) foi citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Explicação sobre mitologia hindu; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>365</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
--------------------------	----------------------	------------------------------	-----------------------

<b>Texto do verso:</b> 2. - Os inspirados entendem por renúncia o abandono das obras inspiradas pelo desejo, a renúncia ao fruto de todas as obras, dizem os sábios, é o desapêgo.
<b>Texto da NT:</b> A Bhagavad-Gîtâ não ensina a renúncia completa às obras, mas a conversão de todas as obras em <i>niskâmakarma</i> ou ação sem desejo.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;

<i>Código</i> 366	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. - Ouve de mim a decisão sobre o desapêgo, ó melhor dos Bharatas, o desapêgo, ó tigre dos homens, tem sido distinguido por três espécies.			
<b>Texto da NT:</b> Râmânuja analisa o abandono de três formas: 1. abandono do fruto, 2. abandono da idéia que é o agente, abandono do apêgo, 3. abandono de toda a idéia de agência, na compreensão de que o Senhor é o autor de toda a ação.			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de um exegeta.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 367	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. - Ó dos grandes braços, aprende de mim, estes cinco fatores de cumprimentos de todos os atos, como são ensinados na doutrina do Sâmkhya.			
<b>Texto da NT:</b> Sâmkhya - aqui designa o Vedânta (Çamkara).			
<b>Observação:</b> Citação de um exegeta (Shankara) sobre a conotação de um termo em sans. (Sâmkhya) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> 368	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. - A sede da ação, o agente, os vários órgãos e as formas diversas do esforço e o destino também em quinto lugar.			
<b>Texto da NT:</b> Adhistâna a sede, relaciona-se ao corpo físico. Kartâ o agente, é segundo Çamkara, o ego fenomenal. Para Râmânuja, o agente é o eu individual, o jivâtma; para Madhva é Visnu, o Senhor Supremo. Daivam, a providência, destino, fado. A providência representa o fator extra-humano que intervem no esforço humano e o controla. É a vontade sábia e onisciente que está na obra do universo. Em todas as ações humanas, há um elemento inexplicável que se chama sorte ou acaso, o destino ou a força acumulada pelos atos das vidas passadas. Esse elemento chama-se aqui daiva. A crença em daiva, diz ainda Radhakrishnan, não deve ser por outro lado um pretexto à passividade. O homem é um limite de transição. Ele é consciente do seu alvo. A pressão da natureza, da hereditariedade e do meio, pode ser vencida pela vontade do homem.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (Adhistâna, Kartaa, Daivam) trad.; citação de diferentes exegetas com interpretações divergentes; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>369</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. - As obras dos Brahmanes, dos Ksatryas, dos Vaiçyas e dos Çûdras, ó afligidor dos inimigos, são distintas, conforme as qualidades, nascidas da natureza.			
<b>Texto da NT:</b> Ksatrya - guerreiro, pertence à 2a. classe, Vaiçya-agricultor, à 3a. classe, Çûdra - servo, pertence à última classe.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre termos sans. (Ksatrya) não traduzidos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>370</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>54</b>
<b>Texto do verso:</b> 54. - Unido a Brahman, apaziguado em espírito, não lastima, nem deseja, igual para com todos os sêres, êle chega à devoção suprema a mim.			
<b>Texto da NT:</b> Êste versículo é uma indicação nova porque para Bhagavad-Gîtâ o estado supremo não é mais o desaparecimento da alma individual no Absoluto, mas a devoção ao Senhor Supremo, que une em si o móvel e o imóvel. União com o Senhor, visão beati.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre a mudança de proposta filosófica no texto, em relação aos versos anteriores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>371</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>58</b>
<b>Texto do verso:</b> 58. - Pensando em mim, por minha graça superarás tôdas as dificuldades, porém se por egoísmo não quiserdes escutar, perecerás.			
<b>Texto da NT:</b> Somos livres para escolher a salvação ou a perdição.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>372</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>78</b>
<b>Texto do verso:</b> 78. - Onde está Krsna, o Senhor do yoga, onde está o filho de Pârtha, que traz o arco, ai está, é minha opinião, a vitória, a prosperidade e a virtude.			
<b>Texto da NT:</b> O ensinamento da Bhagavad-Gîtâ é Yoga: o seu instrutor é iogechvara, o Senhor do Yoga.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código</i> <b>373</b>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. - No fim de muitos nascimentos o sábio chega a mim, porém é difícil encontrar êste magnânimo que diga assim: "Vasûdeva é tudo".			
<b>Texto da NT:</b> Vâsudevah sarvam. Vâsudeva é tudo. Râmânûja interpreta esta frase: "Vâsudeva é o meu tudo", Madhava interpreta: "Vâsudeva é a causa de tudo".			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa por outros tradutores/exegetas de um trecho (Vâsudevah sarvam) parcialmente trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Apresentação de			

sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota após o verso;

<i>Código 374</i>	<i>Stella (1970)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 55</i>
<b>Texto do verso:</b> 55. - Pela devoção êle me fica conhecendo tal qual e quanto sou verdadeiramente e tendo-me conhecido verdadeiramente entra imediatamente em mim.			
<b>Texto da NT:</b> O conhecedor, o místico, se une ao Senhor supremo, a Pessoa Perfeita, para conhecimento e experiência diretas; jñâna, a suprema sabedoria e a bhakti, a suprema devoção, têm o mesmo alvo. Tornar-se Brahman, é amar a Deus, é conhecê-la plenamente e entrar no seu Ser.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota após o verso;			

<i>Código 375</i>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso I</i>
<b>Texto do verso:</b> Dhritarashtra disse: 1. Diz-me, ó Sanyaya(1), que fizeram meus filhos e os filhos de Pandu, prontos para o combate, reunidos no campo de Kuru(2), o campo do dever.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Sanyaya = ministro de Dhritarashtra, que aparece relatando ao rei, cego e ancião, o que ocorre no campo de batalha.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Sanyaya) do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 376</i>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso I</i>
<b>Texto do verso:</b> Dhritarashtra disse: 1. Diz-me, ó Sanyaya(1), que fizeram meus filhos e os filhos de Pandu, prontos para o combate, reunidos no campo de Kuru(2), o campo do dever.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Kurûkshetra = o campo de Kurû, é um vasto terreno próximo à moderna Delhi; aqui ficava Hastinapura, cenário da guerra entre os Kauravas e os Pandavas. Kurû, o antepassado de ambos os ramos da família, viveu aqui e deu seu nome ao lugar que se supõe ter sido cultivado por ele. Kshetra tem dois significados: um campo e uma esfera de ação ou lugar sagrado. Um antigo texto diz que este campo foi considerado sagrado desde os tempos mais antigos, e era um lugar onde eram oferecidos sacrifícios. Kauravas são os filhos de Kurû, e este nome deveria incluir os Pandavas, filhos de Pandu, pois Kurû é o antepassado comum, mas em geral aplica-se o nome de Kauravas apenas aos filhos de Dhritarashtra.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Kurûkshetra); Exp. significado simbólico do termo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 377</i>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Então, Madhava (Krishna) e Pandava (Arjuna), de pé em seu grande carro de guerra, com brancos cavalos, sopraram suas trompas divinas(3).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (3) Krishna e Arjuna têm muitos nomes e epítetos. Eis aqui alguns dos nomes de Krishna: Achyuta (infallível), Keshava. Govinda, Yanardana, Madhusudana, Madhava, Purushottama (Ser Supremo), Vasudeva, Vishnu, Hari. E alguns dos nomes de Arjuna são: Kaunteya (filho de Kunti). Pandava (filho de Pandu), Partha, Bharata, Gudakesha, Dhananyaya, Parantapa (terror dos inimigos).			

**Observação:** Exp. dos antonomásticos de Krsna e Arjuna, com a tradução de alguns deles.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 378	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. O rei Yudhisthira(4), filho de Kunti, soprou a Anantavijaya, e Nakula e Sahadeva sopraram suas trompas Sughosha e Manipushpaka.			
<b>Texto da NT:</b> ----- (4) Yudhisthira = o maior dos irmãos Pandavas. Os outros quatro são: Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva. Arjuna é o mais importante e distinto de todos eles.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Yudhisthira) do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 379	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 88</i>
<b>Texto do verso:</b> Assim termina o primeiro capítulo, intitulado "O Desalento de Arjuna", no diálogo entre Sri Krishna e Arjuna sobre a ciência da Ioga como parte do conhecimento de Brahman, no Upanishad chamado o Bhagavad Gita(5).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (5) Este colofão, ao final de cada capítulo, é digno de atenção. Foi transmitido desde os tempos antigos, e ainda que o título de cada capítulo seja diferente em algumas versões, o colofão é sempre o mesmo. Etimologicamente, a palavra Upanishad significa "o que o discípulo aprende sentado aos pés do Mestre"; significa também "o conhecimento que leva o homem para perto de Deus". O Gita é o Upanishad do poema épico Mahabharata.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o colofão; def. de termo (upanishad) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 380	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. Esta alma encarnada no corpo de cada ser sempre está além de todo dano, ó Bharata; portanto, não deves afligir-te por ninguém. Até aqui, Krishna, pela força de argumentos baseados na razão pura, demonstrou que a alma (Atman) é permanente, enquanto o corpo físico é passageiro; e explicou que se, sob certas circunstâncias, pode-se considerar justificável a destruição de um corpo físico, é um engano imaginar que os Kauravas não deveriam ser mortos porque são familiares. Agora, Ele recorda a Arjuna seu dever de Xátria(1).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (1) Xátria = guerreiro, uma das castas da antiga Índia. As principais eram: Brâmanes, Xátrias, Vaixás e Sudras.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Xátria) em sans. não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 381	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35. Os Maharathas(2) pensarão que o medo te fez retirar da batalha, e perderás a estima daqueles que te haviam colocado no alto.			
<b>Texto da NT:</b> ----- (2) Maharatha = alto grau militar.			

**Observação:** Def. de um termo (Maharatha) em sans. não traduzido.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 382	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45. O domínio dos Vedas se circunscreve à ação das três Gunas(3); afasta-te delas, ó Arjuna! Livra-te dos pares de opostos, permanece na verdade eterna, despreza as ganâncias e possessões, sê o amo de tua alma.			
<b>Texto da NT:</b> ----- (3) Gunas = constituintes da matéria, segundo a filosofia Samkhya. As três Gunas (Sattva, Rajas e Tamas) representam os modos ou momentos do ser: inteligência, energia e massa. No plano mental, representam luminosidade ou clareza, ação ou agitação, inércia ou torpeza, respectivamente. No plano ético, Sattva denota pureza, Tamas denota impureza e Rajas oscila entre ambos. Estes termos são aplicados na filosofia hindu para representar caracteres ou tendências dos seres humanos e das coisas, de sua atividade e de seu temperamento.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Gunas) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 383	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 63</i>
<b>Texto do verso:</b> 63. A ira alimenta a decepção, a decepção leva à perda da memória, a perda da memória arruína a razão, e a ruína da razão significa a completa destruição*.			
<b>Texto da NT:</b> ----- * A expressão que Gandhi verte por "ruína da razão" é, em sânscrito, budhinAsah. Não se trata, portanto, da razão tal como a entende a filosofia ocidental, mas da iluminação espiritual, budhi, aquela que a alma adquire quando se eleva acima do Samsara e emancipa-se do tumulto ilusório produzido pelas "dez mil coisas". (NT)			
<b>Observação:</b> Comentário do tradutor brasileiro sobre a tradução de uma expressão traduzida pelo primeiro tradutor (gujarate > inglês, Gandhi), informando a expressão original em sânscrito (budhinAsah).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 384	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. Porque nada pode permanecer inativo nem por um momento; tudo é impulsionado à ação pela força das três Gunas inerentes ao Prakriti(1).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (1) Prakriti = a matéria. Segundo a filosofia Samkhya, tudo quanto existe pode ser reduzido a dois princípios fundamentais: espírito (Purusha) e matéria (Prakriti). Estas duas categorias da existência são eternas, incriadas. Purusha é o princípio consciente, inativo; Prakriti é inconsciente, embora seja o princípio ativo de toda manifestação. Prakriti é constituída por três substâncias elementares: Sattva, Rajas e Tamas. São as Gunas, elementos inseparáveis que se combinam em diferentes proporções para formar os objetos materiais. Sattva corresponde ao princípio da inteligência. Rajas ao princípio da energia, Tamas ao princípio da massa ou inércia. As três Gunas estão sempre em atividade, cada uma tentando predominar sobre as outras; a natureza das coisas é determinada pelo predomínio de uma ou outra das Gunas.			



**Observação:** Def. de um termo (Prakriti) sans. não trad.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 385</i>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. Porque, somente por meio da ação, Janaka(2) e outros alcançaram a perfeição; ainda que para servir de guia para a humanidade, deves agir.			
<b>Texto da NT:</b> ----- (2) Janaka = rei-filósofo da antiguidade. Seu nome é símbolo da perfeita autorealização junto a uma atividade incessante no mundo. Janaka reinava sem qualquer interesse egoísta, e sem o sentido pessoal de ser ele um rei.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Janaka) cujo nome próprio citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 386</i>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Outros, absortos na prática do Pranayama, sacrificam o prana (exalação) no apana (inalação) e o apana no prana, ou controlam o passo de ambas as energias vitais. Aqui se faz referência às classes de prática do controle da energia vital, ou Pranayama: puraka, rechaka e kumbhaka(1).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (1) Pranayama = controle de Prana ou energia vital. Segundo a filosofia da Ioga, o corpo físico funciona por meio da energia vital ou Prana, a qual tem cinco diferentes funções fisiológicas: prana que atua na respiração; apana, que atua nos órgãos internos de excreção; samana, que atua no processo de digestão; vyana, no processo da circulação sanguínea, e udana, através da laringe. O Prana é um só, mas toma diferentes nomes segundo a função que desempenha. Pranayama não é o controle da respiração, mas o controle da energia vital que atua na respiração. Puraka é o movimento de inalação, rechaka é o de exalação e kumbhaka é a retenção do movimento, quer seja depois da inalação ou da exalação.			
<b>Observação:</b> Nota referenciada do texto comentário sobre o verso, def. termo (Pranayama) sans. não trad..			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 387</i>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. O sacrifício do conhecimento é melhor que os sacrifícios materiais, ó Parantapa, porque toda ação que não escraviza encontra sua consumação no Conhecimento (Jnana *). Quem não sabe que atos de caridade realizados sem conhecimento amiúde convertem-se em um grande dano? A menos que todo ato seja inspirado pelo conhecimento, por nobres que forem seus motivos, serão imperfeitos. Daí que a completa realização de toda ação esteja no Conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> ----- * Jnana (pronuncia-se jnhana) quer dizer “conhecimento”, mas um tipo especial de conhecimento, que transcende o intelectual. É semelhante ao que os primeiros cristãos denominavam de gnose (que é, aliás etimologicamente aparentada com jnana), e que Teódoto, um dos líderes gnósticos, definiu como a compreensão imediata de “quem éramos e quem nos tornamos, onde estávamos... para onde nos precipitamos; do que estamos sendo libertos; o que é o nascimento e o que é o renascimento”. (NT)			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Jnana) em sans. trad. entre parênteses no verso; NT do tradutor do inglês para o português.			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>388</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Disse o Senhor: 1. Aquele que executa todos os atos obrigatórios sem depender de seus frutos é um Sannyasin e um iogue - tal não é o homem que descuida do fogo do sacrifício e que descuida das ações(1).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (1) Sannyasin = renunciante, nome dado aos monges hindus. A palavra Sannyasa significa perfeito abandono (San = perfeito; Nyasa = abandonar, renunciar a). Os sannyasins abandonaram completamente todas as ataduras familiares, deveres profissionais e posses materiais. Usam vestimentas alaranjadas, a cor da chama do fogo, para simbolizar que queimaram todos os desejos no fogo da renúncia.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Sannyasin) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>389</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Disse o Senhor: 1. Aquele que executa todos os atos obrigatórios sem depender de seus frutos é um Sannyasin e um iogue - tal não é o homem que descuida do fogo do sacrifício e que descuida das ações(1). O fogo pode ser tomado aqui como significando todo possível instrumento da ação. O fogo era necessário quando se realizavam sacrifícios pelo fogo. Considerando que fiar era uma forma de trabalho universal nessa época, um homem que descuidasse da roca não poderia chegar a ser um Sannyasin.(2)			
<b>Texto da NT:</b> ----- (2) Fiar a roca foi o símbolo da não-cooperação na luta pela independência da Índia. Gandhi popularizou o uso do khadí, tela tecida em teares caseiros com algodão fiado na roca, e recomendou o boicote às telas inglesas. Isso foi um duro golpe para a economia da Inglaterra, que viu se fechar um dos melhores mercados para sua indústria têxtil. Ainda hoje em dia, o presidente da Índia vai ao monumento a Gandhi para celebrar seu aniversário e, acompanhado de altos dignatários do governo, fia a roca simbolicamente durante uma hora.			
<b>Observação:</b> Comentário do 2o. trad. sobre o uso de uma determinada expressão no comentário do primeiro tradutor, que está ligado ao contexto da vida pessoal do 1o. tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>390</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Por meio do Atman deve se elevar e não se permitir uma queda; porque o Atman é o amigo de si mesmo e também o inimigo de si mesmo(3).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (3) Atman = o princípio espiritual do ser humano, alma. Eu Superior.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Atman) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>391</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. Saiba que estes dois aspectos formam a fonte de onde todos os seres surgem; Eu sou a origem e o fim do universo inteiro(1).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (1) Estes dois aspectos correspondem a Purusha e Prakriti, os dois princípios fundamentais			

em que se baseia a filosofia Samkhya. Ver nota 1 do capô III.

**Observação:** Interpretação; remissão a outra NT.

**Outras etiquetas:** Comentário; Remissão intratextual; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>392</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. Da água sou o sabor, ó Kaunteya; do sol e da lua, sou a luz; a sílaba AUM em todos os Vedas(2); o som no éter, a virilidade no homem.			
<b>Texto da NT:</b> ----- (2) AUM (OM) = a Palavra Sagrada, o Logos, símbolo do Ser Supremo além das formas e nomes, além de toda manifestação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (AUM) sans. não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>393</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. Ao fim de muitos nascimentos, o homem iluminado busca refúgio em Mim; muito raras são as grandes almas para as quais "Vasudeva é tudo"(3).			
<b>Texto da NT:</b> ----- (3) Vasudeva = um dos nomes de Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um antonomástico de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>394</b>	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Adhibhuta é Minha forma perecível; Adhidaiva é o ser individual nessa forma; e Adhiyajna, ó o melhor dentre os homens, sou Eu neste corpo purificado pelo sacrifício. Isto é, desde o Imperecível Imanifestado até o átomo perecível, todo o universo é o Supremo e uma expressão do Supremo. Por que, então, o homem se arroga a origem de suas ações em vez de fazer Sua Vontade e dedicar todos seus atos a Ele?(1)			
<b>Texto da NT:</b> (1) Gandhi resumiu em seu breve comentário a essência destes termos para aqueles que não se interessam pelo aspecto técnico de seu significado. Estes versos descrevem todo o processo pelo qual o Absoluto chega ao plano da manifestação e regressa depois ao plano do Absoluto. 1) Primeiro está o Impessoal, Imanifestado, Incondicionado, Absoluto; 2) decide revelar-se em um de Seus aspectos - em Prakriti, a maléria imanifestada - aqui chamado Adhyatma; 3) Prakriti entra em atividade pela ação das Gunas, e esta atividade é chamada Karma (trabalho, ação); 4) o passo seguinte neste processo são as inumeráveis manifestações da matéria, aqui chamadas Adhibhuta; 5) então, o Absoluto se converte no condicionado, como o Ego destas formas, e isto é chamado Adhidaiva; 6) o Absoluto incondicionado tem a potencialidade para recuperar seu prístino estado de incondicionado e o processo chega à sua culminância na dissolução do corpo físico e a identificação do condicionado com o Incondicionado, do manifestado com o Imanifestado.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o comentário de Gandhi; exp. sobre cosmogonia abordada no verso com a def. de termos (Adhyatma, Adhibhuta, Adhidaiva) sans. não traduzidos no verso e não def. no comentário de Gandhi.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 395	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Fechando todas as portas, encerrando a mente no coração(2), fixando o prana dentro da cabeça, absorvo na meditação ióguica.			
<b>Texto da NT:</b> (2) Coração (hridaya) = a região dentro do peito onde se experimentam as emoções.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (hridaya) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 396	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Estes homens certamente sabem o que é Dia e o que é Noite, pois sabem que um dia de Brahma dura mil Yugas, e que sua noite também dura mil Yugas(3). Isto é, que nosso dia e nossa noite de doze horas cada são menos que uma fração infinitesimal do vasto ciclo do tempo. Os prazeres perseguidos durante estes momentos incalculavelmente pequenos são um espelhismo. Melhor que desperdiçar estes breves momentos, deveríamos dedicá-los a servir a Deus por meio do serviço à humanidade. Por outro lado, nosso tempo é como uma gota no oceano da eternidade; portanto, se falhamos em nosso propósito, isto é, na auto-realização, não devemos desesperrar. Devemos esperar nossa hora.			
<b>Texto da NT:</b> (3) Yuga = época ou idade. Os hindus dividem o tempo em quatro épocas ou idades, cada uma de diferente duração: Kritayuga, de 4.000 anos; Tretayuga, de 3.000 anos; Dwaparayuga, de 2.000 anos, e Kaliyuga, de 1.000 anos. A isto há que se somar um período de transição de 2.000 anos entre estas idades, o que perfaz um total de 12.000 anos. Mas estes são anos dos deuses! Os dois solstícios (de inverno e de verão, ou sul e norte, como são chamados no Gita) constituem o dia e a noite dos deuses, assim 360 anos humanos perfazem um ano divino. Um yuga dos deuses, constituído pelas 4 yugas mencionadas, daria um total de 4.320.000 anos humanos. Quando as 4 yugas tiverem se repetido mil vezes, terão constituído um dia de Brahman; igual período corresponde a uma noite de Brahman. O dia de Brahman é chamado Kalpa, que é a duração de uma criação. Assim, "dia de Brahman" significa o tempo da evolução ou manifestação do universo; e "noite de Brahman" significa a involução ou reabsorção do universo no Imanifestado. Para alguns, isto pode parecer um pouco exagerado. Mas recordemos as palavras de Max Planck, o grande físico: "A razão nos diz que o homem individual e a humanidade como um todo, junto com o universo que captamos com nossos sentidos, não são mais que um pequeno fragmento na imensidão da Natureza, cujas leis não são afetadas de maneira alguma pelo cérebro humano. Pelo contrário, elas existiram muito antes que houvesse vida na Terra, e continuarão existindo muito depois que o último físico tiver perecido." Por outro lado, os modernos antropólogos reconhecem que a evolução do ser humano talvez tenha começado há uns 150.000 anos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Yuga) sans. não trad.; citação de um cientista físico e dados sobre pesquisas atropológicas.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência à Ciência; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 397	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Fumaça, Noite, a Quinzena escura (a lua minguante), os seis meses do Solstício sul, através destes os Iogues alcançam o plano da Lua e dali retomam. Não compreendo o significado destes versos. Não me parecem estar de acordo com os ensinamentos do Gita. Este ensina que quem tiver seu coração humilde e			

devoto, dedicando-se à ação desinteressada, e tendo visto a Verdade, alcança a salvação, não importa em que momento morra. Estes versos pareceriam contradizê-la. Talvez possam ser interpretados de uma maneira geral significando que um homem de sacrifício, um homem iluminado que conhece a Brahman, é libertado do nascimento se mantiver a iluminação no momento da morte; e que, pelo contrário, o homem que não tem qualquer desses atributos vai para o plano da Lua - que não é duradouro - e volta a nascer. A Lua, além de tudo, brilha com uma luz emprestada.(4)

**Texto da NT:** (4) Há uma grande diferença de opiniões a respeito da interpretação verbal destes versos, e muito maior quanto a seu significado. De acordo com alguns, a palavra sânscrita kala, no verso 23, não significa "tempo" mas "sendeiro", aquele pelo qual a alma segue após a morte; isso está de acordo com as palavras sânscritas gati e sriti, usadas nos versos 26 e 27 com o significado de "sendeiro". Gandhi traduz kala como "condições" no verso 23, para incluir ambos os significados. Diz-se que Fogo, Luz, Dia, Fumaça, Escuridão, Noite, etc., podem significar as deidades que presidem ao tempo. "O plano da Lua", para onde vão os que seguem o sendeiro escuro, corresponde a nosso conceito de céu ou paraíso. Os que fazem sacrifícios aos deuses e outras obras de caridade com fins interessados vão para o céu por algum tempo e devem voltar a nascer. Os que seguem o sendeiro luminoso do caminho de Brahman unem-se a Ele e não voltam a nascer.

**Observação:** Comentário sobre grande divergência entre traduções sobre este verso; traduções alternativas; comentário sobre as escolhas de tradução do 1o. trad. (Gandhi); sugestão de interpretação.

**Outras etiquetas:** Comentário; Explicação sobre a tradução; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 398	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. Todos os seres, ó Kaunteya, se dissolvem em meu Prakriti ao final de um Kalpa(1), e Eu dou-lhes existência novamente quando outro Kalpa começa.			
<b>Texto da NT:</b> (1) Kalpa = dia de Brahman (ver nota 3 no cap. VIII).			
<b>Observação:</b> Def de um termo (Kalpa) sans. não trad.; remissão a outra NT.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 399	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. Porque, encontrando refúgio em Mim, ainda aqueles que nasceram em um ambiente de pecado, as mulheres, os Vaixás e os Sudras também, todos eles alcançam a meta suprema(2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) Vaixás (comerciantes e agricultores) e Sudras (trabalhadores manuais) eram as duas castas inferiores da sociedade hindu. Na Índia antiga, só podiam conhecer e recitar os Vedas os Brâmanes, que eram a casta superior.			
<b>Observação:</b> Def. de termos(Vaixás, Sudras) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Definição de termo técnico; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 400	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. Os sete grandes Sábios, os antigos quatro e os Manus também nasceram de Mim e de Minha mente, e deles nasceram todas as criaturas no mundo(1).			

**Texto da NT:** (1) Os sete grandes Sábios são os Rishis que, supõe-se, nasceram da mente de Brahma, como Atri, Vasishta e outros. Os antigos quatro são os Kumaras ou jovens virgens que decidiram permanecer Brahmacharis. Manu é o primeiro homem ao começo de cada era. Todos estes são nascidos da mente de Brahma. Os sete grandes Rishis representam os planos cósmicos da criação e os quatro Manus representam os planos psicológicos. Dá-se-lhes nomes humanos para simbolizar os Poderes que dirigem os processos do mundo físico e mental.

**Observação:** Exp. de antonomástico de grupo (sete grandes sábios, antigos quatro); Exp. de personagem da mitologia (Manu) cujo nome é citado; exp. da mitologia; exp. da simbologia.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 401	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. Dos Adityas, Eu sou Vishnu; das luminárias, o Sol radiante; dos Maruts, Eu sou Marichi; das estrelas, a Lua(2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) Neste verso e nos seguintes aparecem muitos nomes de deuses e personagens da mitologia hindu. Eis aqui alguns dos mais importantes: Adityas = as divindades que presidem aos meses do ano. Maruts = os deuses do vento. Rudras = os deuses da destruição. Kubera = deus da riqueza, cujos tesouros são guardados pelos Yakshas e rakshasas, espécies de demônios. Vasus = personificação dos objetos etéreos. Meru = montanha fabulosa, feita de ouro e pedras preciosas, que se supõe ser o centro da terra. Brihaspati = o preceptor ou Guru dos deuses. Kartikeya = deus da guerra (como Marte). Kapila = um dos grandes Rishis, a quem se atribui a filosofia Samkhya. Uchaishravas = o cavalo do deus Indra. Indra = deus nacional dos arianos, guerreiro que dá a vitória a seu povo. Vajra = o raio de Indra, feito dos ossos de um Rishi que se imolou voluntariamente para a salvação do mundo. Kamadhenu = uma vaca celestial que outorga todos os desejos. Yama = deus da morte. Varuna = deus das águas. Garuda = rei dos pássaros.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagens da mitologia hindu (vários) citados neste e em outros versos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 402	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Entre os grandes sábios, Eu sou Bhrigu; das palavras, Eu sou a sílaba AUM; dos sacrifícios, Eu sou Japa(3), das coisas imóveis, os Himalaias.			
<b>Texto da NT:</b> (3) Japa = repetição dos mantras.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. (Japa) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 403	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. Das letras, a letra A; dos compostos, Eu sou "dwandwa"(4); Eu sou o tempo eterno; Eu sou o criador que se encontra em todas as partes.			
<b>Texto da NT:</b> (4) Dwandwa = modalidade do sânscrito em que as duas partes de um composto estão coordenadas sem predomínio de nenhuma das duas.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. (Dwandwa) não trad.			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 404	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 34</i>
<b>Texto do verso:</b> 34. Eu sou a Morte que a tudo colhe, como também a fonte das coisas que serão; das virtudes femininas(5), Eu sou a glória, a beleza, a oratória, a memória, a inteligência, a constância e a clemência.			
<b>Texto da NT:</b> (5) Virtudes femininas = refere-se a substantivos abstratos do gênero feminino.			
<b>Observação:</b> Exp. de uma metonímia (das virtudes femininas...).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 405	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35. Dos hinos védicos, Eu sou Brihat-Saman; dos metros, Gayatri(6); dos meses, Margashirsha; das estações, a primavera.			
<b>Texto da NT:</b> (6) Gayatri = um dos metros védicos, considerado como a quintessência de todos os mantras.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (Gayatri) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 406	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. Certamente és tal como Tu descreveste, Parameshwara! Agora anelo contemplar Tua forma como Ishwara(1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Ishwara = nome que se dá na Índia a deus em seu aspecto de Criador do mundo, como também seu Mantenedor e Destruidor. Corresponde à Trindade de Brahma (Criador), Vishnu (Mantenedor) e Shiva (Destruidor).			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (Ishwara) não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 407	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. Senhor, se crês que é possível para mim ter essa visão, revela-me, ó Yogeswara, Tua forma imperecível(2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) Yogeshwara = Senhor ou Mestre da Ioga. Parameshwara = Senhor Supremo.			
<b>Observação:</b> Exp. de antonomástico (Yogeshwara) não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 408	<i>Lima (1992)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. Contempla os Adityas, os Vasus, os Rudras, os dois Ashwins e os Maruts(3); contempla, ó Bharata, numerosas maravilhas nunca dantes reveladas.			
<b>Texto da NT:</b> (3) Adityas, Vasus, Rudras, etc. são deuses védicos que passaram ao hinduísmo com diferentes nomes.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre deuses da mitologia hindu cujos nomes (Adityas, Vasus, Rudras, etc) estão citados no verso.			

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 409</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. Os Rudras, Adityas, Vasus, Sadhyas, todos os deuses, os dois Ashwins, Maruts, Manes, as hostes de Gandharvas, Yakshas, Asuras e Siddhas; todos te contemplam maravilhados.(4)			
<b>Texto da NT:</b> (4) Nomes de deuses, semideuses, demônios e outros seres celestiais ou espíritos que habitam a região dos céus. Segundo o hinduísmo, o céu é uma região dentro do universo aonde vão as almas para receber o prêmio de suas ações e voltar à terra depois de algum tempo: não é eterno e se dissolve junto com todo o universo quando termina o ciclo de manifestação de Brahman.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre nomes próprios de deuses da mitologia hindu citados; exp. sobre mitologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 410</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XIII</b>	<b>Verso 19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. Sabe que Prakriti e Purusha são ambos sem princípio, e sabe que todas as modificações e as Gunas nascem de Prakriti(1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Prakriti = a matéria. Ver cap. III, 5.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Prakriti) sans. não trad.; remissão a outro verso em outro capítulo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 411</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XV</b>	<b>Verso 8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. Quando o Senhor do corpo adquire um e depois o deixa, leva-os consigo aonde quer que vá, tal como o vento leva os perfumes das flores(1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Nos versos 7 e 8 se faz referência à mente e aos sentidos em seu estado potencial, não manifestado, tal como existem em Prakriti. A mente é considerada como um dos sentidos, o sentido interno. O corpo sutil (Linga Sharira) acompanha o Jiva em seu trânsito através da existência cósmica.			
<b>Observação:</b> NT para 2 versos (7 e 8); comentário sobre alusão feita no verso; exp. da cosmogonia relacionada.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo; Múltiplos versos.			

<b>Código 412</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XV</b>	<b>Verso 14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. Sou Eu que me converto no fogo que mora nos corpos de tudo o que respira, e assimilo as quatro classes de alimentos com a ajuda da inalação e da exalação(2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) As quatro classes de alimentos: o que se mastiga, o que se chupa, o que se lambe e o que se bebe.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma expressão (as quatro classes de alimentos) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 413</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XVI</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Aquele que renega os mandamentos dos Shastras e não segue senão o mandato de seus desejos egoístas, não alcança a perfeição, nem a felicidade, nem o mais elevado estado(1).			



<b>Texto da NT:</b> (1) Shastras = palavra sânscrita que se usa em geral para designar as escrituras ou textos sagrados de qualquer religião.
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Shastras) sans. não trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 414</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XVII</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Om Tat Sat foi declarado como a tríplice denominação de Brahman é por este nome foram criados desde a antiguidade os Vedas e os sacrifícios(1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) Om Tat Sat. Om (Aum) é o símbolo do Absoluto. Esta sílaba é considerada como a Palavra Sagrada pelos hindus e foi usada para designar Deus desde a mais remota antiguidade. Tat significa "aquilo", o indefinível, a universalidade de Brahman. Sat significa "existência", o que é existente, real. Om Tat Sat é a tríplice designação de Brahman e abarca tanto o universo cósmico quanto o Absoluto que o transcende.			
<b>Observação:</b> Def. de expressão (Om Tat Sat) em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 415</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Tríplice é o fruto das ações: desagradável, agradável, mesclado; esses frutos se acumulam depois da morte para os que não os abandonaram, mas jamais para os Sannyasins(1).			
<b>Texto da NT:</b> (1) O significado etimológico das palavras "sannyasa" e "tyaga" é abandonar; o uso corrente dá aos dois termos quase o mesmo sentido; "Sannyasin" (aquele que renuncia) e "Tyagui" (aquele que abandona) têm a mesma meta, como Samkhya-loga e Karma-loga foram explicadas no capítulo V.			
<b>Observação:</b> Def. de dois termos sans. (sannyasa) não trad. e (tyaga) trad.; remissão a outro capítulo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 416</b>	<b>Lima (1992)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. Os deveres de Brâmanes, Xátrias, Vaixás e Sudras estão distribuídos de acordo com suas qualidades inatas, ó Parantapa(2).			
<b>Texto da NT:</b> (2) As quatro castas tradicionais da antiga Índia.			
<b>Observação:</b> Def. de 4 termos (nomes das castas) em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 417</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 0</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna Vicháda Yoga Yoga1 do conflito e do desalento de Arjuna			
<b>Texto da NT:</b> 1 A palavra Yoga, que aparece no título de cada canto ou capítulo, indica a maneira de praticar a união divina (Yoga) pela aplicação das idéias ou ensinamentos de cada canto. Mas, observando as numerosas acepções de tal palavra, seria possível atribuir-lhe o significado de livro, tratado, discurso, doutrina, método, etc., segundo o caso.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Yoga) no título; traduções alternativas do termo.			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>418</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Dhritaráshtra disse: 1. Que fizeram, Sanjaya, meu povo e os Pândavas, ansiosos por combater, ao se encontrarem na planície sagrada, a planície de Kuru <sup>2</sup> ?			
<b>Texto da NT:</b> 2 Kurukshetra, também chamado Dharmakshetra (Campo da Lei, ou Terra Santa), por ser a terra dos antigos sábios e santos. O primeiro nome deriva do nome do rei Kuru, ascendente dos dois ramos rivais dos Kurus e dos Pândavas.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Kurukshetra) em sans. parcialmente trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>419</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> Sanjaya disse: 2. O príncipe Duryodhana <sup>3</sup> , quando viu o exército dos Pândavas alinhado para combate, aproximou-se de seu mestre <sup>4</sup> falando-lhe assim:			
<b>Texto da NT:</b> 3 O príncipe Duryodhana é a personificação da inveja e da injustiça.			
<b>Observação:</b> Exp. da simbologia de um personagem (alegoria).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>420</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> Sanjaya disse: 2. O príncipe Duryodhana <sup>3</sup> , quando viu o exército dos Pândavas alinhado para combate, aproximou-se de seu mestre <sup>4</sup> falando-lhe assim:			
<b>Texto da NT:</b> 4 Drona. Esse sábio brahmána instruiu os príncipes Kurus e Pândavas na arte da guerra.			
<b>Observação:</b> Exp. de antonomástico (?) (mestre = Drona) e o personagem o qual se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de fim de capítulo; Explicação sobre mitologia hindu.			

<i>Código</i> <b>421</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Nela militam, armados com seus arcos potentes, numerosos heróis que em combate se igualam a Bhíma e Arjuna: Yuydháma, Viráta e Drupada, em grande carro de guerra <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 5 Os chefes iam montados em carros de guerra, sendo por essa razão chamados "chefes de grande carro" (mahárathas). Cada um deles podia lutar sozinho com mil arqueiros. Todos eles eram acompanhados por um súta ou condutor.			
<b>Observação:</b> Exp. de termo (carro de guerra) trad. (maharatha); exp. do enredo/mitologia			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>422</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>I</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. O forte Yudhámánu e o vitorioso Uttamaujá, o filho de Subhadrá <sup>6</sup> e os filhos de Draupadí <sup>7</sup> , todos heróis de grande valor.			
<b>Texto da NT:</b> 6 Abhimanyu, filho de Arjuna e Subhadrá, irmã de Krishna.			

**Observação:** Exp. sobre a relação entre personagens citados no enredo e os personagens principais da *BG*.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

Código <b>423</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	Capítulo <b>I</b>	Verso <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. O forte Yudhámanyu e o vitorioso Uttamaújá, o filho de Subhadrá6 e os filhos de Draupadí7, todos heróis de grande valor.			
<b>Texto da NT:</b> 7 Draupadí, filha de Drupada, era esposa dos cinco príncipes Pándavas. Teve um filho de cada um deles.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

Código <b>424</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	Capítulo <b>I</b>	Verso <b>7</b>
<b>Texto do verso:</b> 7. Mas sabe também, ó príncipe dos duas vezes nascidos8, quem são nossos chefes mais ilustres, os chefes de meu exército. Vou enumerá-los, para que os conheças.			
<b>Texto da NT:</b> 8 Dvija em sânscrito. Título dado aos brahmánas e a indivíduos pertencentes a outras castas superiores.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre termo (Dvija) sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

Código <b>425</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	Capítulo <b>I</b>	Verso <b>10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. Nossas forças, comandadas por Bhíshma, são insuficientes9, enquanto que as forças contrárias, sob o comando de Bhíma, são suficientes para a batalha.			
<b>Texto da NT:</b> 9 Essa passagem tem sido objeto de diversas interpretações. A maioria dos tradutores traduzem o termo aparyáptam por "insuficiente", sendo esta, a meu ver, a verdadeira interpretação da palavra, desde que se entenda que tal insuficiência não se refere ao número dos combatentes (o exército dos Kurus excedia em um terço o dos Pándavas), mas ao poder, disposição, idoneidade ou competência dos mesmos. Nesse sentido, segundo M. Chatterji, "as forças dos Kurus são sobrepujadas pelas dos filhos de Pándu, porque o Mal, representado pelos Kurus, é pessoal, enquanto o Bem, simbolizado pelos Pándavas, é universal. O Mal se apóia apenas no poder do malfeitor, enquanto o Bem se fortalece pela fé no caráter absoluto da Lei e da Justiça".			
<b>Observação:</b> Comentário sobre divergências entre várias traduções deste verso; apresentação do termo sans. trad. que gera a controvérsia; exp. sobre a escolha da trad.; citação de um exegeta sobre a simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Explicação sobre a tradução; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

Código <b>426</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	Capítulo <b>I</b>	Verso <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Nesse momento, o imponente ancião, ancestral dos Kurus10, soprou em seu búzio, fazendo ressoar no campo de batalha um rugido de leão, enchendo de júbilo o coração de Duryodhana.			
<b>Texto da NT:</b> 10 Bíshma, irmão de Vichitravírya, avô dos príncipes Kurus e Pándavas. No décimo dia de luta			

foi morto por Arjuna.
<b>Observação:</b> Exp. sobre antonomástico (acestral dos Kurus); exp. sobre o desenrolar o destino do personagem citado.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 427	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Então, de pé em seu grande carro, puxado por cavalos brancos <sup>11</sup> , Mádhava <sup>12</sup> e o filho de Pându (Arjuna) fizeram soar suas trompas divinas.			
<b>Texto da NT:</b> 11 O carro simboliza o corpo humano, veículo da mônada imortal e os restantes princípios que integram o homem. A palavra rath significa ao mesmo tempo veículo, carro e corpo. Os cavalos, segundo Hartmann, representam a força e a obediência.			
<b>Observação:</b> Exp. da simbologia através da etimologia das palavras; citação de um exegeta sobre a simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 428	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Então, de pé em seu grande carro, puxado por cavalos brancos <sup>11</sup> , Mádhava <sup>12</sup> e o filho de Pându (Arjuna) fizeram soar suas trompas divinas.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Krishna é conhecido também como Mádhava (Senhor de Madhu) e Madhusúdana (matador de Madhu), por ter matado um gigante chamado Madhu.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a quem se refere um antonomástico (Krsna), apresentação de outro antonomástico e o motivo que levou o personagem a recebê-lo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 429	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Hrishíksha <sup>13</sup> soprou sua Panchajanya <sup>14</sup> e Dhananjaya <sup>15</sup> a sua Devadatta <sup>16</sup> ; Vrikodara <sup>17</sup> , o das terríveis façanhas guerreiras, soprou em sua potente trompa Paundra;			
<b>Texto da NT:</b> 13 Sobrenome de Krishna.			
<b>Observação:</b> Informação do personagem a qual um antonomástico se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 430	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Hrishíksha <sup>13</sup> soprou sua Panchajanya <sup>14</sup> e Dhananjaya <sup>15</sup> a sua Devadatta <sup>16</sup> ; Vrikodara <sup>17</sup> , o das terríveis façanhas guerreiras, soprou em sua potente trompa Paundra;			
<b>Texto da NT:</b> 14 A gigantesca. Foi fabricada com os ossos do gigante Panchajana, morto por Krishna no fundo do mar.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Panchajanya) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 431	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Hrishíksha <sup>13</sup> soprou sua Panchajanya <sup>14</sup> e Dhananjaya <sup>15</sup> a sua Devadatta <sup>16</sup> ; Vrikodara <sup>17</sup> , o das terríveis façanhas guerreiras, soprou em sua potente trompa Paundra;			
<b>Texto da NT:</b> 15 Apelido de Arjuna, terceiro dos príncipes Pândavas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a qual personagem um antonomástico se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 432	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Hrishíksha <sup>13</sup> soprou sua Panchajanya <sup>14</sup> e Dhananjaya <sup>15</sup> a sua Devadatta <sup>16</sup> ; Vrikodara <sup>17</sup> , o das terríveis façanhas guerreiras, soprou em sua potente trompa Paundra;			
<b>Texto da NT:</b> 16 Dádiva dos deuses. Essa trompa fora ofertada a Arjuna por Varuna, deus das águas, a pedido de Agni, deus do fogo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo (Devadatta) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 433	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Hrishíksha <sup>13</sup> soprou sua Panchajanya <sup>14</sup> e Dhananjaya <sup>15</sup> a sua Devadatta <sup>16</sup> ; Vrikodara <sup>17</sup> , o das terríveis façanhas guerreiras, soprou em sua potente trompa Paundra;			
<b>Texto da NT:</b> 17 Bhíma, segundo dos príncipes Pândavas. Vrikodara significa "barriga de lobo".			
<b>Observação:</b> Exp. de antonomástico.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 434	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. o príncipe Yudishtira <sup>18</sup> , filho de Kuntí, fez soar Anantavijaya <sup>19</sup> ; Nakula e Sahadeva <sup>20</sup> , Sughosa e Manipushpaka <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 18 Primogênito dos cinco príncipes Pândavas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o personagem cujo nome foi citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 435	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. o príncipe Yudishtira <sup>18</sup> , filho de Kuntí, fez soar Anantavijaya <sup>19</sup> ; Nakula e Sahadeva <sup>20</sup> , Sughosa e Manipushpaka <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 19 Eterna vitória.			
<b>Observação:</b> Tradução de um termo (Anantavijaya) sans. não trad. [nome de uma concha].			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 436	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. o príncipe Yudishtira <sup>18</sup> , filho de Kuntí, fez soar Anantavijaya <sup>19</sup> ; Nakula e Sahadeva <sup>20</sup> , Sughosa e Manipushpaka <sup>21</sup> .			

<b>Texto da NT:</b> 20 Os dois últimos príncipes Pândavas. Eram gêmeos, filhos de Pându e Madrí.
<b>Observação:</b> Exp. sobre dois personagens cujos nomes próprios são citados.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 437</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. o príncipe Yudishtira <sup>18</sup> , filho de Kuntí, fez soar Anantavijaya <sup>19</sup> ; Nakula e Sahadeva <sup>20</sup> , Sughosa e Manipushpaka <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 21 Dulcíssima e Adornada com pedrarias.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo sans. não trad. (nome de uma trompa).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 438</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Então o filho de Pându (Arjuna), cujo estandarte ostentava um símio <sup>22</sup> , vendo os filhos de Dhritarâshtra alinhados para o combate, as setas voando, empunhou seu arco e dirigindo-se a Hrishíkeshha, ó senhor da terra, disse-Lhe estas palavras:			
<b>Texto da NT:</b> 22 O símio, aqui, deve ser considerado como entidade simbólica. Na tradução de V. Q. Judge lê-se "Hanuman", o deus-macaco do Rámáyána, fiel aliado de Ráma, célebre por sua audácia e esperteza.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um detalhe do enredo que remete a outros pontos da mitologia hindu; apresentação da tradução de um outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 439</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 21</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 21. Pára meu carro, ó Achyuta <sup>23</sup> , entre dois exércitos,			
<b>Texto da NT:</b> 23 Imortal.			
<b>Observação:</b> Tradução de um antonomástico não trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 440</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Quero ver de perto quem são esses que aqui se reuniram, ávidos por lutar em defesa do pérfido filho de Dhritarâshtra <sup>24</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 24 Duryodhana, primogênito dos príncipes Kurus. Suas provocações originaram a guerra entre Kurus e Pândavas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o personagem o qual uma passagem (pérfido filho de Dhritarâshtra) se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 441</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30. Gândíva <sup>25</sup> escapa-me das mãos, minha pele queima, não posso manter-me de pé, meus pensamentos formam um turbilhão, vejo sinistros presságios, ó Keshava <sup>26</sup> !			

<b>Texto da NT:</b> 25 Literalmente: que fere no rosto. Nome do arco de Arjuna. Essa arma era dotada de poderes extraordinários.
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (Gândíva) não trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 442</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30. Gândíva <sup>25</sup> escapa-me das mãos, minha pele queima, não posso manter-me de pé, meus pensamentos formam um turbilhão, vejo sinistros presságios, ó Keshava <sup>26</sup> !			
<b>Texto da NT:</b> 26 Um dos nomes de Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a qual personagem um antonomástico se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 443</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 32</b>
<b>Texto do verso:</b> 32. O que é para nós a soberania, ó Govinda <sup>27</sup> , o que são os prazeres, o que é a própria vida?			
<b>Texto da NT:</b> 27 Outro dos nomes de Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a qual personagem um antonomástico se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 444</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 35</b>
<b>Texto do verso:</b> 35. Não consentiria em matá-los, ainda que tivesse de perecer eu mesmo, ó Madhusúdana, nem mesmo para conquistar a soberania dos três mundos <sup>28</sup> , quanto mais pelo domínio da Terra!			
<b>Texto da NT:</b> 28 A terra, a região intermediária e o Céu; ou, em outros termos, a morada dos homens, semideuses e deuses.			
<b>Observação:</b> Def. de uma expressão (três mundos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 445</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 36</b>
<b>Texto do verso:</b> 36. Que prazeres poderemos gozar, Janárdhana <sup>29</sup> , depois de matarmos os filhos de Dhritaráshtra? Ainda que sejam eles os agressores, seria um erro exterminá-los.			
<b>Texto da NT:</b> 29 Outro nome de Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a qual personagem um antonomástico se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 446</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 40</b>
<b>Texto do verso:</b> 40. Destruída a família, desaparecem suas tradições externas <sup>30</sup> ; com o desaparecimento das tradições, a impiedade domina toda a família;			
<b>Texto da NT:</b> 30 Dharmas. A lei bramânica impunha a todo chefe de família a obrigação de velar pela manutenção das práticas ou cerimônias piedosas da família, entre elas as que beneficiavam os antepassados.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Dharmas) sans. trad.			

**Outras etiquetas:** Informação do termo sânscrito; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 447	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. com o domínio da impiedade, ó Krishna, depravam-se as mulheres da família e da depravação das mulheres, ó Várshneya 31, nasce a confusão das castas.			
<b>Texto da NT:</b> 31 Nome de família de Krishna, descendente de Vrishni.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a qual personagem um antonomástico se refere.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 448	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. Tal confusão leva ao inferno os destruidores da família e a própria família, pois os ancestrais, privados de pinda <sup>32</sup> e das libações perecem.			
<b>Texto da NT:</b> 32 Os hindus eram obrigados pelos Vedas a oferecer água e uma torta de arroz, chamada pinda, aos manes de seus antepassados até a terceira geração. Essa cerimônia, denominada shráddha, se efetuava em todos os meses na Lua Nova. Privada dessas oferendas fúnebres, necessárias para seu descanso, os manes dos antepassados perderiam sua condição celestial e cairiam no inferno.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 449	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 2. De onde provêm, Arjuna, neste momento crítico, esse torpe desalento, indigno de um homem de raça nobre, essa covardia que traz ignomínia e cerra as portas do Céu <sup>1</sup> ?			
<b>Texto da NT:</b> 1 Era um dever para os guerreiros conservar incólumes seu nome e sua fama. Os que morriam com bravura no campo de batalha alcançavam a bem-aventurança celeste.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 450	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. Não renuncies, filho de Prithá, à virilidade do combate e do herói! É indigno de ti! Liberta-te dessa fraqueza vergonhosa e levanta-te, ó terror dos inimigos <sup>2</sup> !			
<b>Texto da NT:</b> 2 Parantapa, em sânscrito.			
<b>Observação:</b> Apresentação do termo sâns. relacionado a um antonomástico traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 451	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 11. Estás te lamentando por quem não deves lamentar-te, ainda que tuas palavras sejam sábias <sup>3</sup> . O homem verdadeiramente sábio não tem lágrimas; nem para os mortos nem para os vivos <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 "Palavras que soam como sábias, mas que carecem do sentido profundo da sabedoria", comenta			



Annie Besant a respeito dessa passagem. Segundo G. R. S. Mead, essa frase é irônica. "Usas palavras sábias, mas ao mesmo tempo demonstras tua inconseqüência, pois o verdadeiro sábio não chora nem pelos vivos nem pelos mortos", comentou Ádi Shankaracharya.

**Observação:** Citação de outros tradutores/exegetas sobre interpretação do verso.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da *BG*; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 452	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 11. Estás te lamentando por quem não deves lamentar-te, ainda que tuas palavras sejam sábias <sup>3</sup> . O homem verdadeiramente sábio não tem lágrimas; nem para os mortos nem para os vivos <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 4 A vida e a morte não são mais do que fases ou aspectos diferentes da vida única. Na realidade, a morte não existe. O Espírito, o verdadeiro Eu, como partícula segregada da Divindade, de natureza idêntica à Dela, é Inalterável e Eterna, sendo a Imortalidade um de seus atributos.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 453	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Não é verdade que tenha havido um tempo em que Eu não existia, nem esses príncipes <sup>5</sup> . Também não é verdade que algum de nós no futuro deva deixar de existir.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Existe uma absoluta identidade entre todos os espíritos individuais, assim como entre estes e o Espírito Universal.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 454	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. As sensações <sup>6</sup> , ó filho de Kuntí, de frio e de calor, de sofrimento e de prazer, são efêmeras e estão sujeitas a incessantes vaivéns. Aprende a dominá-las, ó descendente de Bhárata!			
<b>Texto da NT:</b> 6 Sparshas. Relações, contatos ou choques da matéria com os órgãos dos sentidos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 455	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> 16. O que realmente existe não pode deixar de existir, da mesma forma que o não-existente não pode começar a existir <sup>7</sup> . O limite entre um e outro é claramente percebido por aqueles que vêem a verdade.			
<b>Texto da NT:</b> 7 Se bem que a Matéria Primordial seja - segundo os sistemas filosóficos Sámkhya e Yoga - Eterna e Indestrutível, o corpo e todas as demais formas transitórias da matéria não têm existência real ou absoluta, mas apenas uma existência condicional e finita. O sistema de Kapila, o Sámkhya, em sua forma teísta, inclui no Espírito Supremo todo ser, considerando a matéria apenas uma parte inferior da natureza dual da Divindade (Bhagavad Gítá, VII, 4 e 5), uma forma ilusória e passageira, na qual o Espírito esconde			

temporariamente sua verdadeira natureza e que no fim será absorvida na Natureza Divina de que se originou. A matéria, portanto, não surgiu do nada, porque tudo quanto existe só pode ter sido emanado de uma entidade existente; nem pode voltar ao nada, ao não-ser, ao completo aniquilamento.

**Observação:** Comentário/interpretação.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 456	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Sabe que é Eterno e Indestrutível Aquele que criou o Universo e que o preenche todo8. Quem pode aniquilar o Imperecível?			
<b>Texto da NT:</b> 8 O Ser Supremo é, ao mesmo tempo, Causa Eficiente e Causa Material do Universo, ou seja, é ao mesmo tempo o oleiro e o barro com que se faz o tijolo. A criação é, na realidade, a emanção da Matéria Primordial (Prakriti), que é uma parte do Ser Supremo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 457	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. Mesmo que pensasses que o Espírito está constantemente sujeito ao nascer e morrer9, não terias porque lamentá-lo, ó guerreiro de braço possante10,			
<b>Texto da NT:</b> 9 Isto é, nasce e morre com cada um dos corpos em que se aloja.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 458	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. Mesmo que pensasses que o Espírito está constantemente sujeito ao nascer e morrer9, não terias porque lamentá-lo, ó guerreiro de braço possante10,			
<b>Texto da NT:</b> 10 Mahábáhó, em sânscrito.			
<b>Observação:</b> Apresentação do termo em sânscrito de um antonomástico traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 459	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. Só é manifesto o estado intermediário dos seres, filho de Bhárata. Sua origem e seu fim11 escapam à percepção humana. Que motivo tens, pois, para te entristeceres?			
<b>Texto da NT:</b> 11 Compare-se essa passagem à seguinte de Sir V. Hamilton: "O Universo não é mais que um meio entre dois extremos, ambos inconcebíveis" (Lectures on Metaphysics). O estado intermediário é a vida presente, na qual o Espírito se encontra revestido por um corpo visível. As fases da existência física se alteram sem cessar. Em seu estado pré-natal, os corpos estão confundidos na massa infinita da matéria primordial indiferenciada. Surgem dela, manifestando-se durante a vida, e, ao chegar o momento da morte, ou dissolução, voltam ao seio dessa matéria, absorvendo-se e dissolvendo-se em sua massa. Apenas o Espírito permanece Imutável.			

**Observação:** Citação de um filósofo; comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Referência à Filosofia grega; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 460	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> 31. Por outro lado, considerando os deveres inerentes à tua casta, não deves afastar-te nem vacilar um momento, pois, para um kshátriya <sup>12</sup> , nada melhor do que lutar por uma causa justa.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Pessoa pertencente à casta militar, segunda em categoria.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (kshátriya) sans. não trad. (nome de uma casta).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 461	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39. Os ensinamentos que acabo de te expor encontram-se na doutrina Sámkhya <sup>13</sup> . Escuta agora os que se referem ao Yoga <sup>14</sup> , graças ao qual, filho de Prithá, irás livrar-te das cadeias da ação <sup>15</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 13 Um dos seis sistemas filosóficos da Índia. Segundo alguns comentadores, o termo Sámkhya aqui se refere à doutrina do verdadeiro conhecimento do Espírito ou Realidade Suprema, da Imortalidade do Eu e sua Libertação através do conhecimento.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. (samkhya) não trad.; indicação do significado do termo neste verso segundo outros comentadores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 462	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39. Os ensinamentos que acabo de te expor encontram-se na doutrina Sámkhya <sup>13</sup> . Escuta agora os que se referem ao Yoga <sup>14</sup> , graças ao qual, filho de Prithá, irás livrar-te das cadeias da ação <sup>15</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 14 Outro sistema da filosofia hindu. Segundo Ádi Shankaracharya, esse Yoga constitui o culto da Divindade (Íshvara) e consiste na prática da meditação (dhyána), como instrumento da Libertação do Eu, ou na execução de obras sem apego ou objetivos interesseiros, depois de libertar-se das influências dos "pares contrários".			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans.(yoga) não trad.; indicação do significado do termo neste verso segundo um exegeta clássico (Sankara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 463	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39. Os ensinamentos que acabo de te expor encontram-se na doutrina Sámkhya <sup>13</sup> . Escuta agora os que se referem ao Yoga <sup>14</sup> , graças ao qual, filho de Prithá, irás livrar-te das cadeias da ação <sup>15</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 15 Cada obra ou ação está ligada de certa forma a seu autor, pois suas conseqüências, boas ou más, cairão infalivelmente sobre ele na vida presente ou futura. Por isso, a ação é uma poderosa causa do renascimento. A aspiração daquele que se aplica ao Yoga é libertar-se dos resultados positivos ou negativos de suas ações e atingir, através da meditação contínua, a união mística (Yoga) com a Divindade e a absorção final em sua Essência. Só então o yogi deixa de estar sujeito ao renascimento e se liberta para sempre de toda relação			

com a matéria, fonte de todo mal e sofrimento.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>464</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>40</b>
<b>Texto do verso:</b> 40. Nesse caminho, nenhum esforço é vão, e nenhum obstáculo é insuperável. Um mínimo dessa prática piedosa é suficiente para nos salvar do grande perigo <sup>16</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 16 Bhaya (perigo, temor, desgraça). Esse grande perigo, ou mal, é a vida transmigratória, a existência terrena ou condicionada em formas cada vez mais inferiores.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>465</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. Aqui não há mais que um pensamento <sup>17</sup> único, de natureza fixa e constante, ó descendente de Kuru, enquanto os pensamentos dos inconstantes se ramificam até o infinito <sup>18</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 17 Buddhi.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Buddhi) correspondente a um traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>466</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. Aqui não há mais que um pensamento <sup>17</sup> único, de natureza fixa e constante, ó descendente de Kuru, enquanto os pensamentos dos inconstantes se ramificam até o infinito <sup>18</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 18 "O verdadeiro yogi concentra todo o seu pensamento num só objeto: a Libertação do Eu; enquanto que os pensamentos dos homens inconstantes são tão inumeráveis como as coisas que desejam e como os atos que praticam para obtê-las" (comentário de Rámánujáchárya).			
<b>Observação:</b> Citação de um exegeta clássico (Ramanuja) com interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>467</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>II</b>	<i>Verso</i> <b>42</b>
<b>Texto do verso:</b> 42. Os ignorantes que se comprazem com as palavras dos Vedas <sup>19</sup> recitam palavras floridas exclamando no final: "Não há nada como isso" <sup>20</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 19 Sagradas Escrituras dos hindus. Nos Vedas encontram-se numerosas passagens que aflagam a vaidade humana, tais como: "É inesgotável o mérito dos que praticam o sacrifício Sháturmásya". Os ignorantes se satisfazem com a letra morta dos livros sagrados e não se dão ao trabalho de buscar a verdade real contida em suas páginas.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. (Vedas) não trad.; comentário próprio e com citação de um Veda.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Comentário; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 468	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. Os ignorantes que se comprazem com as palavras dos Vedas <sup>19</sup> recitam palavras floridas exclamando no final: “Não há nada como isso” <sup>20</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 20 "Não há nada além disso", "Isso já é o bastante", em outras traduções.			
<b>Observação:</b> Traduções alternativas de outros tradutores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 469	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 44</i>
<b>Texto do verso:</b> 44. Vivendo dessa forma afeitos aos prazeres e ao poder, enganados por tais palavras lisonjeiras, seu pensamento carece de firmeza, que se requer para a contemplação espiritual <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 21 Samádhi, terceiro estado de consciência na meditação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. (Samádhi) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 470	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45. O tema dos Vedas são os três gunas <sup>22</sup> . Supera os três gunas, Arjuna. Livra-te dos pares contrários <sup>23</sup> . Foge do afã de acumular riquezas e, subordinado ao Eu, permanece firme no sattva <sup>24</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 22 Os três modos, qualidades ou elementos que constituem a natureza material: sattva, rajas e tamas. O significado dessa passagem, segundo Davies, é que Arjuna deve livrar-se de toda influência da matéria, boa ou má, pois que os melhores resultados que possa obter a partir dela são relativamente um mal.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. (gunas) não trad.; interpretação/citação de outra pessoa (Davies).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência à Ciência; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 471	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45. O tema dos Vedas são os três gunas <sup>22</sup> . Supera os três gunas, Arjuna. Livra-te dos pares contrários <sup>23</sup> . Foge do afã de acumular riquezas e, subordinado ao Eu, permanece firme no sattva <sup>24</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 23 Dyandyas, em sânscrito. É a suscetibilidade à dor e ao prazer, a luta de paixões, a ilusão nascida das simpatias e antipatias, representadas por um par composto de duas coisas em oposição mútua (frio e calor, afeto e aversão, prazer e dor, etc.) produzidas por impressões sensíveis.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 472	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45. O tema dos Vedas são os três gunas <sup>22</sup> . Supera os três gunas, Arjuna. Livra-te dos pares contrários <sup>23</sup> . Foge do afã de acumular riquezas e, subordinado ao Eu, permanece firme no sattva <sup>24</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 24 Vários comentadores consideram que o termo sattva se refere ao primeiro dos três gunas. No entanto, atendo-me ao texto: "supera os três gunas", acredito que o termo esteja empregado em uma de suas			

outras acepções (realidade, verdade, bondade, pureza), provavelmente no sentido de Realidade, ou seja, o Espírito, em contraposição às qualidades da matéria, "aquilo que está acima delas" (Bhagavad Gítá, XIV:19).

**Observação:** Comentário sobre diferentes escolhas de tradução para um termo sans. não trad.; exp. sobre a escolha da tradução adotada.; citação de outro trecho da *BG*.

**Outras etiquetas:** Remissão intratextual; Explicação sobre a tradução; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 473	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 46</i>
<b>Texto do verso:</b> 46. Para um brahmána iluminado, os Vedas têm a mesma utilidade que pode ter uma cisterna ao lado de uma imensa torrente de água que se espalha por toda parte <sup>25</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 25 Literalmente: "Tanta utilidade há numa cisterna, por toda parte inundada de água...". Essa obscura passagem tem sido objeto situado junto a (ou em comparação a) um copioso caudal, ou vasta extensão de água. Corrobora essa interpretação o comentário de Ádi Shankaracharya: "Qualquer que seja a utilidade de um poço ou cisterna (beber, banhar-se, etc.), maior é a de uma torrente de água que transborda por toda parte...; assim também, toda utilidade do ritual védico está compreendida na do verdadeiro conhecimento adquirido por um brahmána que haja renunciado ao mundo e se tenha deixado penetrar pela verdade concernente à Realidade Absoluta". Segundo Davies, o autor usou uma expressão velada para não ferir os sentimentos dos brahmáns, dizendo pura e simplesmente que os Vedas não têm utilidade alguma para eles. Essa opinião é bastante razoável considerando-se a linguagem desdenhosa que o autor emprega ao se referir aos Livros Sagrados. Por outro lado, considerando que o brahmána iluminado não aspira a um céu transitório, nem ao renascimento e nem aos bens temporais que prometem os Vedas, tal passagem não poderia significar simplesmente que os Vedas são tão inúteis para o brahmána que possui o conhecimento espiritual como uma mísera cisterna, quando se dispõe de um abundante manancial de água cristalina?			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de um exegeta clássico (Sankara) e outro tradutor(?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 474	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 48</i>
<b>Texto do verso:</b> 48. Firme no Yoga <sup>26</sup> , executa tuas obras sem apego nem interesse, permanecendo o mesmo qualquer que seja o resultado, feliz ou adverso, Dhananjaya <sup>27</sup> , pois o Yoga significa igualdade de ânimo <sup>28</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 26 Yogastha. A palavra Yoga aqui expressa a elevação espiritual até a Divindade, e o desprezo pelas coisas do mundo, sem que nenhum obstáculo possa contrariar semelhante estado.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. (Yogastha) não trad.; sentido conotativo do termo neste verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 475	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 48</i>
<b>Texto do verso:</b> 48. Firme no Yoga <sup>26</sup> , executa tuas obras sem apego nem interesse, permanecendo o mesmo qualquer que seja o resultado, feliz ou adverso, Dhananjaya <sup>27</sup> , pois o Yoga significa igualdade de ânimo <sup>28</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 27 Sobrenome de Arjuna. Significa dominador ou aquele que despreza riquezas.			
<b>Observação:</b> Exp. de antonomástico.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 476	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 48</i>
<b>Texto do verso:</b> 48. Firme no Yoga <sup>26</sup> , executa tuas obras sem apego nem interesse, permanecendo o mesmo qualquer que seja o resultado, feliz ou adverso, Dhananjaya <sup>27</sup> , pois o Yoga significa igualdade de ânimo <sup>28</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 28 Yoga expressa nesse caso aquele estado de serenidade de ânimo, no qual a Luz do Espírito se reflete na mente, assim como a Lua se retrata em toda sua pureza nas águas tranqüilas de um lago.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Yoga) sans. não trad..			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 477	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 49</i>
<b>Texto do verso:</b> 49. A ação, Dhananjaya, é bem inferior ao Yoga do conhecimento <sup>29</sup> . Busca, pois, teu refúgio no conhecimento <sup>30</sup> . Pobres almas miseráveis são aquelas que fazem do fruto de suas obras o objeto de seus pensamentos e atividades.			
<b>Texto da NT:</b> 29 Buddhi Yoga. Devoção mental (Schlegel, Telang, Davies, etc.); Yoga da sabedoria (Govindácharya, Mahádeva Shástri); Yoga do discernimento, ou união com Buddhi (Annie Besant).			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Buddhi Yoga) sans. de um trad.; def. do termo por diferentes exegetas/tradutores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Referência a outras tradições orientais: 11; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 478	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 49</i>
<b>Texto do verso:</b> 49. A ação, Dhananjaya, é bem inferior ao Yoga do conhecimento <sup>29</sup> . Busca, pois, teu refúgio no conhecimento <sup>30</sup> . Pobres almas miseráveis são aquelas que fazem do fruto de suas obras o objeto de seus pensamentos e atividades.			
<b>Texto da NT:</b> 30 Buddhi.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Buddhi) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 479	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 50</i>
<b>Texto do verso:</b> 50. Neste mundo, o homem que possui o conhecimento se desembaraça das boas e más ações <sup>31</sup> . Assim, aplica-te ao Yoga <sup>32</sup> . O Yoga é a capacidade de agir corretamente <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 31 Aquele que age sob a égide do verdadeiro conhecimento liberta-se das cadeias formadas por milhares de ações boas ou más no decorrer de suas numerosas existências. O bem e o mal não são duas idéias absolutas, mas relativas, constituindo pólos opostos de um mesmo fator ou entidade. O bem e o mal, tal como os entendemos atualmente, desaparecem ante o bem positivo que é o aperfeiçoamento ou progresso evolutivo da Humanidade, pois que na escala da evolução é impossível galgar os degraus superiores sem passar pelos inferiores e da mesma forma é impossível valorizar uma virtude sem ter caído no vício oposto. É verdade que não devemos amar o vício, mas não podemos esquecer que sem passar por ele não podemos alcançar a virtude. O progresso individual se alcança apenas com experiência própria, adquirida no decorrer de numerosas			

existências.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 480	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 50</i>
<b>Texto do verso:</b> 50. Neste mundo, o homem que possui o conhecimento se desembaraça das boas e más ações <sup>31</sup> . Assim, aplica-te ao Yoga <sup>32</sup> . O Yoga é a capacidade de agir corretamente <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 32 Devoção ou conhecimento espiritual.			
<b>Observação:</b> Def. particular ao verso de um termo (Yoga) sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 481	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 50</i>
<b>Texto do verso:</b> 50. Neste mundo, o homem que possui o conhecimento se desembaraça das boas e más ações <sup>31</sup> . Assim, aplica-te ao Yoga <sup>32</sup> . O Yoga é a capacidade de agir corretamente <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 33 No Yoga está o segredo de levar a cabo as ações sem ficar preso às suas conseqüências.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 482	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 51</i>
<b>Texto do verso:</b> 51. Dotado de conhecimento e abandonando o fruto de suas obras, o sábio de liberta dos vínculos da reencarnação e se encaminha para a morada onde não há mal nem sofrimento <sup>34</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 34 Nirvana.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Nirvana) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 483	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 52</i>
<b>Texto do verso:</b> 52. Quando o teu entendimento <sup>35</sup> se libertar desse emaranhado de enganos, chegarás a desdenhar as Escrituras que conheces e as que falta conhecer <sup>36</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 35 Buddhi.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Buddhi) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 484	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 52</i>
<b>Texto do verso:</b> 52. Quando o teu entendimento <sup>35</sup> se libertar desse emaranhado de enganos, chegarás a desdenhar as Escrituras que conheces e as que falta conhecer <sup>36</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 36 Shruti (audição, desvelação, e daí os Vedas e outras Escrituras inspiradas na Desvelação Divina). Possivelmente essa passagem se refere às doutrinas baseadas na letra morta dos Livros Sagrados, ou seja, os ensinamentos exotéricos que ocultam o sentido íntimo ou esotérico das Escrituras.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. trad.; interpretação.			



**Outras etiquetas:** Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 485	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 53</i>
<b>Texto do verso:</b> 53. Quando tua mente, até agora dispersa pelas doutrinas desveladas, se imobilizar e se estabilizar na contemplação espiritual <sup>37</sup> , então lcançarás o Yoga <sup>38</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 37 Samádhi.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Samádhi) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 486	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 53</i>
<b>Texto do verso:</b> 53. Quando tua mente, até agora dispersa pelas doutrinas desveladas, se imobilizar e se estabilizar na contemplação espiritual <sup>37</sup> , então lcançarás o Yoga <sup>38</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 38 A união com o Espírito ou com o Eu Superior. Yoga significa, nesse caso, harmonia com a Vontade Divina (segundo Annie Besant).			
<b>Observação:</b> Interpretação; citação de outra tradutora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 487	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 54</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 54. O que distingue, Keshava, aquele que está firme no conhecimento espiritual <sup>39</sup> e é constante na contemplação? Como pode ele falar tendo a mente de tal forma fixa? Como pode mover-se e descansar?			
<b>Texto da NT:</b> 39 Sthita prájña significa firme no conhecimento espiritual, ou sabedoria divina. Através da firmeza ou da concentração do pensamento no Eu Superior, o homem adquire a Sabedoria Suprema.			
<b>Observação:</b> Def. de uma expressão em sans. trad.; interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 488	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 55</i>
<b>Texto do verso:</b> 55. Quando o homem extirpa todos os desejos de seu coração, filho de Prithá, e encontra dentro de si mesmo e por si mesmo <sup>40</sup> a alegria e a felicidade, pode-se dizer que está firme no Supremo Conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> 40 Isto é, independentemente de qualquer objeto exterior.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação de um trecho.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 489	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 59</i>
<b>Texto do verso:</b> 59. O homem abstinentemente deixa de ser afetado pelos objetos dos sentidos, mas a sensação ainda permanece. Até mesmo a sensação se desvanece quando se contempla o Supremo <sup>41</sup> .			

<b>Texto da NT:</b> 41 A Suprema Realidade, o Espírito Supremo.
<b>Observação:</b> Intepretação.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 490</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 61</b>
<b>Texto do verso:</b> 61. Depois de dominar todos os seus sentidos, o homem devoto pode descansar, entregando-se inteiramente a Mim <sup>42</sup> , pois aquele que domina seus sentidos está firme no Supremo Conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> 42 Krishna começa a desvelar-se como Personificação da Divindade Suprema, ainda que não o faça de maneira expressa.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o desenrolar do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 491</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 62</b>
<b>Texto do verso:</b> 62. O homem que detém seu pensamento nos objetos dos sentidos desperta em si mesmo a inclinação por eles. Da inclinação nasce o desejo; do desejo, a cólera <sup>43</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 43 Krodha (ira, cólera, furor, aversão, ódio, em geral todas as paixões que participam da cólera). A maioria dos tradutores toma essa palavra no sentido de cólera, partindo do princípio de que o desejo, quando contrariado, origina a cólera. "Paixão", "emoção violenta", em outras traduções.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad. e sua definição; comentário sobre diferentes escolhas de tradução do termo por outros tradutores; tradução alternativa de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 492</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 63</b>
<b>Texto do verso:</b> 63. da cólera, a desordem mental; da desordem mental, a confusão da memória <sup>44</sup> ; da confusão da memória, a perda do discernimento e pela perda do discernimento o homem se perde completamente <sup>45</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 44 E, conseqüentemente, o esquecimento dos deveres pessoais, assim como os ensinamentos recebidos.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 493</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 63</b>
<b>Texto do verso:</b> 63. da cólera, a desordem mental; da desordem mental, a confusão da memória <sup>44</sup> ; da confusão da memória, a perda do discernimento e pela perda do discernimento o homem se perde completamente <sup>45</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 45 Está condenado a sofrer novamente as dores e misérias da existência transmigratória.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 494	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 64</i>
<b>Texto do verso:</b> 64. Mas o homem disciplinado que se relaciona com os objetos exteriores <sup>46</sup> através dos sentidos livres de atração e repulsão, subordinados ao Eu, alcança a serenidade.			
<b>Texto da NT:</b> 46 Os necessários para a manutenção do corpo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 495	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 65</i>
<b>Texto do verso:</b> 65. Alcançada a serenidade, desaparecem os sofrimentos e inquietações, pois a inteligência tranqüila firma-se no conhecimento <sup>47</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 47 Ádi Shankaracharya, comentando essa passagem, diz: "Em cada ato de conhecimento, a potência cognoscitiva assume a forma do objeto conhecido. Quando o verdadeiro Eu é conhecido, ou, em outros termos, quando o universo objetivo é conhecido como não-Eu, a potência cognoscitiva está em absoluto repouso, pois permanece estável e firme na forma do Eu Imutável e Eterno".			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de Sankara.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 496	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 66</i>
<b>Texto do verso:</b> 66. Para aquele que não se recolhe em si mesmo não há conhecimento nem aptidão para a contemplação <sup>48</sup> . Quem não pratica a contemplação não consegue paz. E como pode haver felicidade para aquele que não tem paz?			
<b>Texto da NT:</b> 48 Bhávaná. Através da contemplação e concentração espiritual, o homem recebe a Luz do Espírito, ou seja, de seu Eu interno.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 497	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 69</i>
<b>Texto do verso:</b> 69. O que é noite para todos os seres é dia para o homem que consegue vencer-se a si mesmo. E o que é dia para os demais seres vem a tornar-se noite para o sábio vidente <sup>49</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 49 O que é sonho, ilusão e trevas para os homens comuns é Pura Realidade e Luz para o sábio iluminado e vice-versa.			
<b>Observação:</b> Interpretação.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 498	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 70</i>
<b>Texto do verso:</b> 70. Consegue a paz aquele em cujo coração os desejos se extinguem, como os rios se perdem no oceano, que jamais transborda <sup>50</sup> . Mas está muito distante da paz aquele que acaricia desejos.			
<b>Texto da NT:</b> 50 A afluência dos rios não faz subir o nível das águas do mar nem altera de forma alguma sua condição. Da mesma forma, as percepções sensíveis não afetam a tranqüilidade do sábio (segundo Barnett).			

**Observação:** Explicação da metáfora usada no verso (os desejos se extinguem, como os rios se perdem no oceano, que jamais transborda); citação do comentário de outro tradutor(?) (Barnett).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 499	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 71</i>
<b>Texto do verso:</b> 71. O homem que, tendo extirpado de seu coração todo tipo de desejo, vive isento de afecções, interesses e egoísmo <sup>51</sup> , obtém a paz <sup>52</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 51 Ahamkára. Refere-se à falsa noção de que o Eu é quem executa os atos da vida, enquanto Seu papel é de simples espectador.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo (Ahamkára) sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 500	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 71</i>
<b>Texto do verso:</b> 71. O homem que, tendo extirpado de seu coração todo tipo de desejo, vive isento de afecções, interesses e egoísmo <sup>51</sup> , obtém a paz <sup>52</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 52 Estado de isolamento espiritual, mesmo durante a vida terrena, em virtude do qual o Espírito se subtrai à influência do corpo e de tudo que o rodeia.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (paz) traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 501	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 72</i>
<b>Texto do verso:</b> 72. Tal é a meta, a condição divina, filho de Prithá. Quem consegue alcançá-la não se acha mais exposto a perturbações ou enganos, e se nela persevera até a hora de sua morte, alcança o nirvana em Brahman <sup>53</sup>			
<b>Texto da NT:</b> 53 Brahmanirvana. Extinção, aniquilamento, ou melhor, absorção em Brahman.			
<b>Observação:</b> Informação e def. (Brahmanirvana) de uma expressão em sans. parcialmente traduzida.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 502	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 3. Segundo te disse antes, há neste mundo dois caminhos <sup>1</sup> , ó tu de coração puro <sup>2</sup> : o dos sámkhyas, que praticam a devoção <sup>3</sup> através do conhecimento espiritual, e o dos yogis, que professam a devoção através das obras.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Métodos ou regras de vida.			
<b>Observação:</b> Trad. alternativa de uma expressão (dois caminhos) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 503	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 3</i>
-------------------	------------------------	---------------------	----------------

**Texto do verso:** Krishna disse: 3. Segundo te disse antes, há neste mundo dois caminhos<sup>1</sup>, ó tu de coração puro<sup>2</sup>: o dos sámkhyas, que praticam a devoção<sup>3</sup> através do conhecimento espiritual, e o dos yogis, que professam a devoção através das obras.

**Texto da NT:** 2 Somente os homens de coração puro estão aptos para receber a Verdade.

**Observação:** Comentário sobre o uso de um antonomástico/interpretação da informação contida no antonomástico.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>504</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 3. Segundo te disse antes, há neste mundo dois caminhos <sup>1</sup> , ó tu de coração puro <sup>2</sup> : o dos sámkhyas, que praticam a devoção <sup>3</sup> através do conhecimento espiritual, e o dos yogis, que professam a devoção através das obras.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Yoga.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (Yoga) de um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>505</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Porque na realidade ninguém permanece inativo um instante sequer, pois todo homem se vê impelido à ação, ainda que a despeito de si mesmo, pelas qualidades <sup>4</sup> que brotam da natureza material <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 4 Gunas.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (Gunas) de um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>506</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Porque na realidade ninguém permanece inativo um instante sequer, pois todo homem se vê impelido à ação, ainda que a despeito de si mesmo, pelas qualidades <sup>4</sup> que brotam da natureza material <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 5 Prakriti.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um termo (Prakriti) traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>507</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. Aquele que, controlando seus órgãos de ação <sup>6</sup> , permanece inativo, mas com o pensamento voltado para os objetos dos sentidos, é um falso devoto, que tem a alma confusa.			
<b>Texto da NT:</b> 6 Os órgãos de ação (karmendriyas) são cinco: as mãos (páni), os pés (páda), a boca ou a voz (vák), os órgãos excretores (páyu) e os órgãos reprodutores (upashta).			
<b>Observação:</b> Def. de termo (órgãos de ação) em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>508</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>7</b>
--------------------------	------------------------	----------------------------	-----------------------

<b>Texto do verso:</b> 7. Só tem mérito aquele, Arjuna, que, tendo subjugado seus sentidos através do Sentido Interno <sup>7</sup> , se consagra desinteressadamente ao Yoga da ação <sup>8</sup> .
<b>Texto da NT:</b> 7 Manas. Esse princípio rege os sentidos, cujas impressões recebe e analisa, transformando as sensações em conceitos rudimentares.
<b>Observação:</b> Informação de um termo (Manas) sans. trad e sua definição.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<b>Código</b> 509	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 7</b>
<b>Texto do verso:</b> 7. Só tem mérito aquele, Arjuna, que, tendo subjugado seus sentidos através do Sentido Interno <sup>7</sup> , se consagra desinteressadamente ao Yoga da ação <sup>8</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 8 Karma Yoga. É a consagração da energia física no altar divino, isto é, o emprego dos órgãos pessoais de ação unicamente em obediência à Lei e ao dever (segundo Annie Besant).			
<b>Observação:</b> Informação de um termo (Karma Yoga) sans. trad e sua definição; citação do comentário de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código</b> 510	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. Cumpre, pois, a ação a ti devida <sup>9</sup> , Arjuna, pois a ação é preferível à inação. Se te entregasses à inação não poderias nem mesmo prover o sustento do corpo.			
<b>Texto da NT:</b> 9 Os atos prescritos pela lei, as obrigações de casta, etc.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código</b> 511	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. Quando, em tempos remotos, o Divino Criador <sup>10</sup> criou a Humanidade e o sacrifício, disse: “Multiplicai-vos pelo sacrifício e seja ele para vós a vaca da abundância que sacie vossos desejos <sup>11</sup> .”			
<b>Texto da NT:</b> 10 Prajapáti.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. do nome de uma divindade cujo nome foi trad. (Divino Criador)			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código</b> 512	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. Quando, em tempos remotos, o Divino Criador <sup>10</sup> criou a Humanidade e o sacrifício, disse: “Multiplicai-vos pelo sacrifício e seja ele para vós a vaca da abundância que sacie vossos desejos <sup>11</sup> .”			
<b>Texto da NT:</b> 11 Kamaduk, em sânscrito. De kama (desejo) e duh (ordenar). É a vaca da abundância, ou vaca de Indra, da qual se podia extrair o que se desejasse. Corresponde à cabra Amaltea da mitologia grega. Segundo Davies, trata-se de uma representação simbólica da terra, que oferece tantos e tão variados produtos.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Kamaduk) sans. de um termo trad.; exp. da simbologia mitológica de uma expressão (abundância da vaca); paralelo com mitologia grega; citação da interpretação de outro tradutor			

(Davies).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da *BG*; Referência à Filosofia grega; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>513</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Sustentai os deuses pelo sacrifício <sup>12</sup> , para que eles por sua vez vos sustentem. Servindo-vos assim mutuamente, alcançareis o Bem Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> 12 O alimento oferecido em sacrifício era transferido aos deuses através de seu mensageiro Agni (o fogo).			
<b>Observação:</b> Exp. sobre mitologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>514</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Porque, sustentados pelo sacrifício, os deuses vos concederão os alimentos que apreciáveis <sup>13</sup> ". Aquele que desfruta os dons recebidos dos deuses sem oferecer-lhes uma parte em troca é um ladrão.			
<b>Texto da NT:</b> 13 Como se pode ler no Vishnu Purána (I.6), os deuses, alimentados pelo sacrifício, sustentam a Humanidade enviando-lhe a chuva fecundante.			
<b>Observação:</b> Citação de um Purana.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>515</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15. Saiba que a ação nasce de Brahmá <sup>14</sup> e que Brahmá procede do Eterno, portanto Brahman <sup>15</sup> , que tudo engloba e penetra, está sempre presente no sacrifício.			
<b>Texto da NT:</b> 14 Diversas interpretações têm sido dadas a essa passagem. Shankaracharya, M. Chatterji, Telang, P. Mitra e outros crêem que por Brahmá deve entender-se aqui os Vedas, ou Palavra Brahmá. Segundo Davies, se refere a Brahmá, o Criador. Rámánujáchárya acredita que Brahmá significa nesse caso "o corpo" ou "a matéria".			
<b>Observação:</b> Comentário sobre um termo com traduções divergentes; citação da interpretação de outros tradutores e exegetas.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>516</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15. Saiba que a ação nasce de Brahmá <sup>14</sup> e que Brahmá procede do Eterno, portanto Brahman <sup>15</sup> , que tudo engloba e penetra, está sempre presente no sacrifício.			
<b>Texto da NT:</b> 15 O Espírito Supremo, Universal.			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. não traduzido. (Brahmá)			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>517</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Aquele que, levando uma vida pecaminosa, se compraz no gozo dos sentidos, não segue o movimento da roda <sup>16</sup> . Esse homem, filho de Prithá, vive inutilmente.			
<b>Texto da NT:</b> 16 As rotações da roda de causa e efeito, conforme o que foi dito antes, ou como se lê nas Leis de Manu, III, 76: "A oferenda colocada no fogo... se eleva até o Sol; do Sol torna a descer em forma de chuva; da chuva nascem as plantas; das plantas se alimentam as criaturas".			
<b>Observação:</b> Comentário sobre metáfora (roda do karma); citação de outro texto hindu (Leis de Manu).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>518</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Mas o homem que fundamenta todas as suas delícias no seu Eu interno <sup>17</sup> e só em seu Eu interno encontra satisfação e contentamento, nada tem a fazer.			
<b>Texto da NT:</b> 17 Espírito ou Átman.			
<b>Observação:</b> Def. de uma expressão (Eu interno) trad (Atman) /traduções alternativas de um termo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>519</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. Portanto, aplica-te a todas as obras que tens de executar, mas sempre com total desprendimento, pois o homem que mostra uma perfeita abnegação em seus atos alcança o Supremo <sup>18</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 18 O Ser Supremo, o nirvana.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (O Supremo) trad. (nirvana).			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>520</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Só através da ação Janaka <sup>19</sup> e outros chegaram à perfeição. Assim tu, visando ao bom governo do mundo <sup>20</sup> , deves executar as obras a teu cargo.			
<b>Texto da NT:</b> 19 Rei de Videha ou Mithilá, e um dos grandes sábios (rishis). Não podia renunciar à ação pelos deveres inerentes à sua condição de kshátriya, ou guerreiro. Mesmo depois de ter atingido o Supremo Conhecimento, continuou a trabalhar assiduamente em favor da Humanidade.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem cujo nome é citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>521</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Só através da ação Janaka <sup>19</sup> e outros chegaram à perfeição. Assim tu, visando ao bom governo do mundo <sup>20</sup> , deves executar as obras a teu cargo.			
<b>Texto da NT:</b> 20 Isto é, para que a Humanidade se conserve fiel a seus deveres, base indispensável para a			



manutenção da ordem no mundo.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>522</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. Não há nada nos três mundos, filho de Prithá, que Eu deva fazer, nem há nada a alcançar que Eu não tenha alcançado. Mas, apesar de tudo, permaneço sempre em ação <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 21 Como mostra o Mahabhárata, a obra de Krishna é a Sustentação e a Direção do Universo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>523</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>27</b>
<b>Texto do verso:</b> 27. Todas as ações são efetuadas pelas qualidades <sup>22</sup> da Natureza. No entanto, aquele cujo entendimento se encontra ofuscado pelo egoísmo, ao executar uma ação, pensa: “Eu sou o autor”.			
<b>Texto da NT:</b> 22 Gunas.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. (Gunas) de um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>524</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>28</b>
<b>Texto do verso:</b> 28. Mas aquele que conhece a verdade acerca da parte que desempenham as qualidades <sup>23</sup> , ó guerreiro de braço possante, sabendo que as qualidades atuam unicamente sobre as qualidades <sup>24</sup> , não se prende à ação.			
<b>Texto da NT:</b> 23 As diversas acepções do termo vibhága (separação, divisão, distinção, diferença, distribuição, participação, etc.) têm causado divergências de interpretação em relação a essa passagem. Segundo Ádi Shankaracharya, "divisão ou classificação das qualidades e de suas respectivas funções"; segundo outros, "a distribuição ou relação das qualidades e ações". Telang, Chatterji e Garbe optam por "diferença ou distinção", mas não entre qualidades e ações, mas entre estas e o Eu; "Aqueles que sabem que o Eu é distinto e independente do conjunto de qualidades (corpo, sentidos, etc.) e das ações que elas executam...". Segundo Davies, vibhága não se refere à diferença entre as qualidades e ações, mas às partes que elas desempenham independentes. "Toda ação se deve às qualidades e as qualidades são afetadas em sua distribuição e ordenação subsequente pelas ações de cada vida sucessiva, determinando uma condição superior ou inferior".			
<b>Observação:</b> Comentário sobre divergências de tradução de um termo traduzido; apresentação de outras acepções de um termo; citação de traduções de outros tradutores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>525</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>28</b>
<b>Texto do verso:</b> 28. Mas aquele que conhece a verdade acerca da parte que desempenham as qualidades <sup>23</sup> , ó			

guerreiro de braço possante, sabendo que as qualidades atuam unicamente sobre as qualidades<sup>24</sup>, não se prende à ação.

**Texto da NT:** 24 "As qualidades ou energias na forma dos órgãos dos sentidos atuam sobre as qualidades ou energias em forma de objetos dos sentidos, sem que o Eu participe dessa ação" (comentário de Ádi Shankaracharya).

**Observação:** Citação de Sankara sobre um termo traduzido.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>526</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>33</b>
<b>Texto do verso:</b> 33. Até o homem sábio age segundo sua própria natureza <sup>25</sup> . Todos os seres seguem a sua. De que serve a coibição?			
<b>Texto da NT:</b> 25 Natureza aqui deve ser entendida como a soma de disposições, tendências, gostos e inclinações resultantes dos atos, pensamentos e hábitos, bons ou maus, de vidas anteriores, constituindo a disposição ou natureza pessoal manifestada na vida presente. A natureza - acrescenta Shankaracharya - é irresistível; não se pode lutar contra ela, a não ser que alguém dirija todos os seus esforços pessoais no sentido de contrabalançar a influência de seus afetos e aversões.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o sentido particular de um termo no verso; citação de Sankara sobre o termo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>527</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>34</b>
<b>Texto do verso:</b> 34. Ligados aos objetos dos sentidos estão o apego e a aversão <sup>26</sup> . Evita cair sob o jugo desses dois sentimentos, porque eles são os inimigos do homem <sup>27</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 26 O Espírito é passivo. Toda emoção, qualquer que seja, emana da qualidade passional da Natureza.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>528</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>34</b>
<b>Texto do verso:</b> 34. Ligados aos objetos dos sentidos estão o apego e a aversão <sup>26</sup> . Evita cair sob o jugo desses dois sentimentos, porque eles são os inimigos do homem <sup>27</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 27 Os obstáculos em que tropeça o homem no caminho do progresso espiritual.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>529</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>35</b>
<b>Texto do verso:</b> 35. Mais vale cumprir o próprio dever, ainda que de forma imperfeita, do que cumprir perfeitamente o dever alheio <sup>28</sup> . É melhor sucumbir desempenhando seu próprio dever. É perigoso cumprir deveres alheios.			
<b>Texto da NT:</b> 28 O mérito não se baseia na qualidade de um ato determinado, mas no fato de ater-se cada um			

às suas próprias obrigações, ou seja, em obediência aos preceitos da Lei, seja qual for o resultado de seu modo de agir.

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 530</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 37. É o desejo, a cólera nascida da qualidade passional, voraz e extremamente pernicioso. Eis aí, Arjuna, o inimigo do homem aqui na Terra <sup>29</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 29 Porque prende o homem à terra, expondo-o a todos os sofrimentos e misérias desta vida.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 531</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39. Eterna inimiga do sábio <sup>30</sup> , turva o conhecimento, ó filho de Kuntí, assumindo a forma de desejo, insaciável como o fogo.			
<b>Texto da NT:</b> 30 Apenas o sábio vê na paixão e no desejo a origem de todos os males, enquanto que a maior parte da Humanidade, submersa na ilusão e sedenta de prazeres, os acalenta como amigos (segundo Chatterji).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 532</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 40</i>
<b>Texto do verso:</b> 40. Os sentidos, o pensamento e a inteligência tornam-se sede do desejo, que, turbando através deles o conhecimento, submerge em confusão o Eu encarnado <sup>31</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 31 As qualidades da matéria não podem influir diretamente sobre o Espírito a não ser pelos sentidos, pelo pensamento e pela inteligência. Se esses princípios, excitados pelo desejo ou pela cólera, transmitem falsas impressões dos objetos exteriores, o Eu, simples espectador, se desorienta e cai numa confusão lamentável.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 533</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. Assim, pois, ilustre descendente de Bhárata, controlando antes de mais nada os sentidos, extirpa essa atitude errônea que aniquila o conhecimento e a intuição <sup>32</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 32 Jñána e vijñána. Jñána significa conhecimento ou sabedoria em geral. Aqui se refere ao conhecimento transmitido através dos livros ou dos ensinamentos de um mestre. Vijñána é o conhecimento superior, intuitivo, interno; uma espécie de visão direta com os olhos da alma graças à qual o homem adquire, por experiência própria, o conhecimento claro e imediato da Verdade como se se tratasse de um objeto colocado diante de seus olhos. Corresponde às faculdades da mente superior.			
<b>Observação:</b> Informação dos termos originais e def. deles, demonstrando as diferenças de sentido entre eles.			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 534	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42. Dizem que os sentidos são poderosos, mas mais poderoso é o pensamento, superior ao pensamento é a inteligência e ainda superior à inteligência é Ele33.			
<b>Texto da NT:</b> 33 O Eu Superior, Átman, ou Espírito.			
<b>Observação:</b> Explicitação ("ele" quer dizer "Eu Superior, Atman, Espírito).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 535	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Essa eterna doutrina do Yoga1, desvelei-a outrora a Vivasvat2; Vivasvat transmitiu-a a Manu3; Manu transmitiu-a a Ikshváku4;			
<b>Texto da NT:</b> 1 Yoga da ação (Karma Yoga), isto é, a correta execução das obras, que, purificando o homem, deixa-o em condições de receber a iluminação espiritual. É eterna porque essa doutrina é eterna em seu resultado: a libertação definitiva da existência transmigratória (segundo Ádi Shankaracharya).			
<b>Observação:</b> Def. de termo sans. não trad. (Yoga > Karma Yoga); citação do comentário de Sankara.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 536	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Essa eterna doutrina do Yoga1, desvelei-a outrora a Vivasvat2; Vivasvat transmitiu-a a Manu3; Manu transmitiu-a a Ikshváku4;			
<b>Texto da NT:</b> 2 Literalmente, "o que tudo ilumina". O deus-Sol. Foi iniciado nessa doutrina para que com ela desse força à toda a casta guerreira que dele descende.			
<b>Observação:</b> Tradução de um nome próprio; exp. sobre um personagem cujo nome próprio é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 537	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Essa eterna doutrina do Yoga1, desvelei-a outrora a Vivasvat2; Vivasvat transmitiu-a a Manu3; Manu transmitiu-a a Ikshváku4;			
<b>Texto da NT:</b> 3 Refere-se ao sétimo dos Manus, Valvasvata Manu, filho do Sol.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem cujo nome próprio é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 538	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Essa eterna doutrina do Yoga1, desvelei-a outrora a Vivasvat2; Vivasvat transmitiu-a a Manu3; Manu transmitiu-a a Ikshváku4;			
<b>Texto da NT:</b> 4 Filhos de Manu. Primeiro Rei, fundador da Dinastia Solar da Índia e um dos rishis (santos sábios) da classe real.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem cujo nome próprio é citado.			

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 539	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. e assim sucessivamente, transmitindo-se de um a outro, todos os rishis reais <sup>5</sup> a aprenderam. Mas no transcorrer do tempo perdeu-se no mundo essa doutrina, ó perseguidor de teus inimigos.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Santos sábios da classe real.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o nome de uma categoria (rishis reais) de pessoas citada.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 540	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. Acabo de desvelar-te agora essa mesma antiqüíssima doutrina, porque tu és Meu devoto e amigo. Esse é o Segredo Supremo <sup>6</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 6 A doutrina conservou-se secreta, só sendo desvelada às pessoas dignas de conhecê-la.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 541	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 4. Sendo Teu nascimento posterior ao de Vivasvat <sup>7</sup> , como entender que Tu lhe tivesses ensinado tal doutrina no início dos tempos?			
<b>Texto da NT:</b> 7 Krishna, como tal, nasceu depois de Vivasvat. Mas, como Vishnu (segunda pessoa da Trimurti ou trindade indiana), tivera já vários Avatares ou encarnações.			
<b>Observação:</b> Comentário/explicação sobre questões da mitologia hindu relacionadas ao conteúdo do verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 542	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. Ainda que Eu não tenha princípio nem fim e seja o Senhor de todas as criaturas, entronizado em Minha natureza material, nasço em virtude de Meu poder mágico <sup>8</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 8 Máyá. O poder mágico do pensamento capaz de criar formas passageiras ilusórias e conseqüentemente irreais, comparadas à Eterna Realidade (segundo Annie Besant).			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. (Máyá) trad; citação da def. do termo por outra tradutora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 543	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. Pois sempre que desmaia a Justiça <sup>9</sup> , filho de Bhárata, e triunfa a iniquidade <sup>10</sup> , renasço,			
<b>Texto da NT:</b> 9 Dharma.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Dharma) sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 544	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<i>Texto do verso:</i> 7. Pois sempre que desmaia a Justiça <sup>9</sup> , filho de Bhárata, e triunfa a iniquidade <sup>10</sup> , renasço,			
<i>Texto da NT:</i> 10 Adharma.			
<i>Observação:</i> Informação do termo (Adharma) sans. trad.			
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 545	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 8</i>
<i>Texto do verso:</i> 8. encarnando-Me assim de idade em idade <sup>11</sup> , para proteger os justos, abater os maus e restabelecer a veneranda Lei <sup>12</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 11 Yuga. Vastíssimo intervalo de tempo.			
<i>Observação:</i> Informação do termo (Yuga) sans. trad.; def. do termo.			
<i>Outras etiquetas:</i> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 546	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 8</i>
<i>Texto do verso:</i> 8. encarnando-Me assim de idade em idade <sup>11</sup> , para proteger os justos, abater os maus e restabelecer a veneranda Lei <sup>12</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 12 Dharma.			
<i>Observação:</i> Informação do termo (Dharma) sans. trad.			
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 547	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 11</i>
<i>Texto do verso:</i> 11. Da mesma forma que os homens Me procuram, Eu os acolho; qualquer que seja o caminho que eles sigam, é o Meu caminho <sup>13</sup> , filho de Prithá.			
<i>Texto da NT:</i> 13 A Humanidade adota diferentes deuses com diversas finalidades, mas, seja qual for o culto que professem os homens, adoram o Ser Supremo, o Deus único, sob tal ou qual aspecto.			
<i>Observação:</i> Comentário.			
<i>Outras etiquetas:</i> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 548	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 12</i>
<i>Texto do verso:</i> 12. Quem ansia por alcançar o objetivo de suas obras <sup>14</sup> , cultua os deuses <sup>15</sup> aqui na terra; pois nesse mundo dos mortais alcança-se rapidamente o fruto da ação.			
<i>Texto da NT:</i> 14 Refere-se à aquisição de bens materiais, filhos, etc. (segundo Telang), ou à promessa de vantagens celestiais como recompensa às práticas piedosas (segundo Chatterji).			
<i>Observação:</i> Citação da def. do sentido de um termo (obras) por outros dois tradutores.			
<i>Outras etiquetas:</i> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 549	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 12</i>
<i>Texto do verso:</i> 12. Quem ansia por alcançar o objetivo de suas obras <sup>14</sup> , cultua os deuses <sup>15</sup> aqui na terra; pois nesse mundo dos mortais alcança-se rapidamente o fruto da ação.			

<b>Texto da NT:</b> 15 Alusão às divindades de ordem inferior. Segundo Davies, trata-se de uma adaptação do sistema Yoga às práticas populares. O culto aos deuses tem uma eficácia relativa. Pode proporcionar a felicidade mais ou menos duradoura do Svarga (Paraíso de Indra), mas não a bem-aventurança final do nirvana.
<b>Observação:</b> Comentário sobre o significado de um termo (deuses) trad.; citação da interpretação do termo por outro tradutor.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 550</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Eu instituí as quatro castas, segundo a divisão das qualidades e ações <sup>16</sup> . Saiba que sou seu Autor. Eu que sou, no entanto, Inativo e Imutável <sup>17</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 16 Guna karma vibhágashas. As qualidades (gunas) foram distribuídas em diferentes proporções entre os indivíduos das quatro castas, para o devido desempenho de suas respectivas funções. Entre os brahmánas (sacerdotes) predomina a qualidade sattva; nos kshátriyas (guerreiros) predomina rajas e sattva em segundo lugar; nos vaishyas (comerciantes e agricultores) predomina rajas e tamas; e nos shúdras (servos) prevalece tamas com uma parte de rajas.			
<b>Observação:</b> Informação de um trecho (Guna karma vibhágashas) em sans. trad. e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 551</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Eu instituí as quatro castas, segundo a divisão das qualidades e ações <sup>16</sup> . Saiba que sou seu Autor. Eu que sou, no entanto, Inativo e Imutável <sup>17</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 17 Aquele que não se atém às conseqüências das ações na verdade não age. Além disso, a ação é executada com as energias de Prakriti, ou natureza material.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 552</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. As obras não Me contaminam, nem seu fruto é objeto de desejo para Mim; aquele que Me conhece não se prende por suas ações <sup>18</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 18 A compreensão da Natureza Divina é um meio de Libertação (segundo Thomson).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 553</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. Aquele que age sem ser impelido pelo desejo e cujas obras são consumidas pelo fogo do conhecimento <sup>19</sup> , é considerado sábio pelos inteligentes.			
<b>Texto da NT:</b> 19 Os atos que executou são anulados, desde que o conhecimento, evidenciando suas verdadeiras causas, destrói sua responsabilidade por eles (segundo Thomson).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de outro tradutor.			

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da *BG*; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 554	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20. O homem que não tem apego ao fruto da ação e vive sempre satisfeito e independente, não age em absoluto, apesar de se engajar na ação <sup>20</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 20 Todo ato executado com desinteresse, apenas na intenção de cumprir um dever, tem suas conseqüências anuladas. Pelo contrário, até o cumprimento dos deveres religiosos com finalidades egoísticas, como a preocupação com a própria salvação, é uma ação errônea.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 555	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. Livre de ansios e esperanças, mantendo disciplinados o corpo e a mente, renunciando a todo tipo de possessividade e executando apenas os atos corporais, o homem se liberta do mal <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 21 Livra-se do renascimento, pois a existência terrena é fruto dos karmas negativos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 556	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Alguns devotos oferecem sacrifícios apenas aos deuses <sup>22</sup> . Outros oferecem até o sacrifício por sacrifício <sup>23</sup> , no fogo de Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> 22 Segundo Shrídhara, o "apenas" significa que tais devotos não vêem nos deuses o Espírito Universal, Absoluto, Brahman. Esse culto é distinto do que praticam os sábios que adoram Brahman em todos os seres.			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de um exegeta (Shridhara) clássico sobre o significado de um termo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 557	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Alguns devotos oferecem sacrifícios apenas aos deuses <sup>22</sup> . Outros oferecem até o sacrifício por sacrifício <sup>23</sup> , no fogo de Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> 23 O termo yajña, geralmente traduzido por sacrifício, é aqui sinônimo de Átman, ou Eu. Isso significa que tais devotos sacrificam seu próprio Eu, que na realidade é idêntico a Brahman. Reconhecer a identidade do Eu (condicionado) com Brahman (incondicionado) é sacrificar o Eu, a individualidade, em Brahman (segundo Ádi Shankaracharya). Esse é um sacrifício de conhecimento, sendo o conhecimento do Espírito Supremo o fogo que purifica o homem de suas culpas.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. trad. e sua sinonímia; citação do comentário de Sankara; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			



<i>Código</i> 558	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. Existem os que sacrificam o ouvido e os demais sentidos no fogo da continência <sup>24</sup> . Outros sacrificam o som e os demais objetos dos sentidos no fogo dos sentidos <sup>25</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 24 A continência é representada como fogo. Cada sentido tem seu fogo. O isolamento e outras práticas ascéticas são o fogo do sacrifício que consome os sentidos, pois a falta de uso de um órgão tende a atrofiá-lo.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre uma metáfora (fogo da continência)			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 559	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. Existem os que sacrificam o ouvido e os demais sentidos no fogo da continência <sup>24</sup> . Outros sacrificam o som e os demais objetos dos sentidos no fogo dos sentidos <sup>25</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 25 Esses devotos, vivendo em meio ao bulício mundano, procuram acalmar seus apetites aplicando os sentidos a seus objetos apropriados mas sujeitando-se aos princípios da lei e com um perfeito domínio dos sentidos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 560	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Há quem sacrifique a expiração na inspiração e a inspiração na expiração, ou reprima ambos os movimentos respiratórios, fazendo do exercício do pránáyáma <sup>26</sup> sua tarefa principal.			
<b>Texto da NT:</b> 26 O pránáyáma é um dos exercícios práticos do Yoga. Consiste em regular e dominar a respiração e consta de três partes: púraka, a inspiração prolongada sem exalação; rechaka, exalação prolongada sem inspiração; e kumbhaka, suspensão de ambos os movimentos.			
<b>Observação:</b> def. de termo sans. não trad. (pránáyáma)			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 561	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30. Existem ainda os que, sujeitando-se a uma alimentação regrada, sacrificam seus alentos vitais <sup>27</sup> nos alentos vitais. Todos esses devotos sabem o que é o sacrifício, e através dele se purificam das ações errôneas.			
<b>Texto da NT:</b> 27 Prána significa vida. Segundo Thomson, esses devotos, pela abstinência excessiva, vivem quase sem vida, oferecendo neste mundo sua própria vida em sacrifício.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Prána) sans. trad. e sua def.; citação do comentário de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 562	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 31</i>
-------------------	------------------------	--------------------	-----------------

<b>Texto do verso:</b> 31. Sustentados com os resíduos do sacrifício <sup>28</sup> , alimento da Imortalidade, vão unir-se ao eterno Brahman <sup>29</sup> . Aqueles que não praticam nenhum sacrifício não podem gozar este mundo; como poderão, pois, gozar o outro, ó melhor dos Kurus?
<b>Texto da NT:</b> 28 Não provando o alimento sem ter antes oferecido parte dele em sacrifício.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 563</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 31</b>
<b>Texto do verso:</b> 31. Sustentados com os resíduos do sacrifício <sup>28</sup> , alimento da Imortalidade, vão unir-se ao eterno Brahman <sup>29</sup> . Aqueles que não praticam nenhum sacrifício não podem gozar este mundo; como poderão, pois, gozar o outro, ó melhor dos Kurus?			
<b>Texto da NT:</b> 29 Através do conhecimento espiritual adquirido depois de se ter purificado pelo método exposto.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 564</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 33</b>
<b>Texto do verso:</b> 33. Superior a todo sacrifício material é o sacrifício da sabedoria <sup>30</sup> , ó perseguidor de teus inimigos. Toda ação em sua integridade, filho de Prithá, está consumada no conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> 30 Porque os efeitos do sacrifício material são igualmente materiais, enquanto que o resultado do sacrifício de conhecimento é a Libertação.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 565</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 35</b>
<b>Texto do verso:</b> 35. Desde que alcances tal conhecimento, não cairás novamente em confusão, filho de Pându, pois graças a ele verás todos os seres em ti mesmo, e conseqüentemente em Mim <sup>31</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 31 Todos os seres da criação existem no Ser Supremo. Trata-se da percepção da Unidade essencial de todos os seres e da identidade do espírito individual com o Espírito Universal.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 566</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo IV</b>	<b>Verso 38</b>
<b>Texto do verso:</b> 38. Na verdade, não há, neste mundo, purificador comparável ao conhecimento. Aquele que atingiu a perfeição pelo Yoga <sup>32</sup> irá encontrá-lo dentro de si mesmo no decorrer do tempo.			
<b>Texto da NT:</b> 32 Refere-se ao Yoga da ação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (yoga) não trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>567</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<b>Texto do verso:</b> 39. O homem cheio de fé obtém o conhecimento aplicando-se a ele e subjungando os sentidos. Atingindo o conhecimento, logo alcançará a Paz Suprema <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 33 Nirvana.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Nirvana) sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>568</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. As ações, Dhananjaya, não aprisionam aquele que, submetido ao Eu, renunciou à ação pelo Yoga <sup>34</sup> e destruiu a dúvida através do conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> 34 Yoga do conhecimento.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o sentido (yoga do conhecimento) de um termo (yoga) não trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>569</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>42</b>
<b>Texto do verso:</b> 42. Assim, matando com a espada do conhecimento a dúvida nascida da ignorância e arraigada em tua alma, aplica-te ao Yoga <sup>35</sup> . Levanta-te e luta, Bhárata!			
<b>Texto da NT:</b> 35 Yoga da ação.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o sentido (yoga da ação) de um termo (yoga) não trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>570</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3. Deve considerar-se como perseverante renunciante <sup>1</sup> aquele que não sente nem aversão nem desejo, pois aquele a quem não afetam os “pares contrários” se livra com facilidade das cadeias da ação.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Sannyási.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Sannyási) sans. de um tradu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>571</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Os yogis executam seus atos exclusivamente com o corpo, pensamento <sup>2</sup> , intelecto <sup>3</sup> e mesmo com os simples sentidos, sem abrigar qualquer desejo, a fim de purificar seu coração.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Manas.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Manas) sans. de um tradu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>572</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Os yogis executam seus atos exclusivamente com o corpo, pensamento <sup>2</sup> , intelecto <sup>3</sup> e mesmo com os simples sentidos, sem abrigar qualquer desejo, a fim de purificar seu coração.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Buddhi.			

**Observação:** Informação do termo sans. (Buddhi) de um tradu.

**Outras etiquetas:** Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>573</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. O Habitante do corpo, renunciando a toda ação, através da mente, se mantém sereno, como feliz vencedor, na cidade de nove portas <sup>4</sup> , sem agir e sem ser causa de qualquer ação.			
<b>Texto da NT:</b> 4 O corpo, freqüentemente chamado "cidade de Brahman", com suas nove aberturas, através das quais se relaciona com o mundo exterior.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora (cidade de nove portas)			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>574</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. O Senhor <sup>5</sup> não cria a atividade nem os atos do mundo, nem tampouco a conexão entre o ato e suas conseqüências. A natureza individual é que age.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Prabhús. Alguns tradutores unem essa palavra à palavra lókasya desse mesmo verso e traduzem: "O Senhor do Mundo...", enquanto outros, seguindo Ádi Shankaracharya, Rámánuja e outros, traduzem: "O Senhor do corpo...", ou seja, o Espírito, o Eu Superior.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. de um tradu.; comentário sobre traduções alternativas do termo; citação de traduções divergentes de outros tradutores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>575</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Pensando nele <sup>6</sup> , unidos de coração a Ele, e fazendo d'Ele sua Meta Suprema, permanecem limpos do mal através do conhecimento e vão para o lugar de onde não se volta <sup>7</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 6 O Supremo, a Realidade Absoluta.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre ao que se referia (O Supremo) um pronome demonstrativo (nele).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>576</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Pensando nele <sup>6</sup> , unidos de coração a Ele, e fazendo d'Ele sua Meta Suprema, permanecem limpos do mal através do conhecimento e vão para o lugar de onde não se volta <sup>7</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 7 O nirvana.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metáfora (vão para o lugar de onde não se volta). [nirvana não está no sânscrito]			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>577</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. Os sábios vêm com igualdade o brahmána, dotado de saber e de modéstia, a vaca, o elefante, o cão e o pária <sup>8</sup> .			

**Texto da NT:** 8 O sábio vê em todos os seres do Universo apenas o Espírito que reside em seu interior e que é idêntico em todos eles, apesar de enorme diferença que apresentam em sua natureza material.

**Observação:** Comentário/interpretação.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 578</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21. Aquele cujo coração não se atém às impressões exteriores encontra em si mesmo a felicidade. Em união mística com Brahman, através do Yoga <sup>9</sup> , desfruta perpétua bem-aventurança.			
<b>Texto da NT:</b> 9 Contemplação extática ou samádhi.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (yoga) com sentido particular neste verso (samádhi).			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 579</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Aquele que, neste mundo, antes de livrar-se do corpo, aprende a resistir aos impulsos do desejo e do ódio, goza de união espiritual <sup>10</sup> e vive feliz.			
<b>Texto da NT:</b> 10 "É um yukta (unido)", no original, referindo-se à união com o Ser Supremo através da meditação e do verdadeiro conhecimento.			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo sans. de um termo (yukta) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 580</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. O homem que encontra satisfação, deleite e luz <sup>11</sup> em seu interior é um yogi, que, unido a Brahman, alcança o nirvana <sup>12</sup> em Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> 11 A iluminação, ou conhecimento espiritual.			
<b>Observação:</b> Exp. de simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 581</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. O homem que encontra satisfação, deleite e luz <sup>11</sup> em seu interior é um yogi, que, unido a Brahman, alcança o nirvana <sup>12</sup> em Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Segundo Rámánuja, nirvana significa aqui a felicidade que provém do conhecimento do Espírito.			
<b>Observação:</b> Citação do sentido particular de um termo (nirvana) no verso segundo um tradutor/exegeta clássico (Ramanuja).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 582</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26. Muito próximos do nirvana em Brahman estão aqueles que extirpam de seu coração os desejos e o ódio. Aqueles que disciplinaram o corpo e a mente conhecem o Eu <sup>13</sup> .			

<b>Texto da NT:</b> 13 O Eu Superior, Espírito ou Átman.
<b>Observação:</b> Exp. sobre ao que se referia (Eu superior) um termo (eu).
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 583</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 27</b>
<b>Texto do verso:</b> 27. Evitando que cheguem ao interior as impressões exteriores <sup>14</sup> , concentrando a visão entre as sobranceiras, deixando passar o alento de modo uniforme pelas narinas na inspiração e na expiração <sup>15</sup>			
<b>Texto da NT:</b> 14 Ou seja, que as impressões exteriores sejam puramente exteriores sem que a elas se associe o pensamento, ou que a mente não se degrade pondo-se a serviço do plano sensitivo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 584</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 27</b>
<b>Texto do verso:</b> 27. Evitando que cheguem ao interior as impressões exteriores <sup>14</sup> , concentrando a visão entre as sobranceiras, deixando passar o alento de modo uniforme pelas narinas na inspiração e na expiração <sup>15</sup>			
<b>Texto da NT:</b> 15 As práticas aqui mencionadas pertencem ao Rája Yoga.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 585</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 28</b>
<b>Texto do verso:</b> 28. com os sentidos, o pensamento e o intelecto subjugados por completo, consagrado unicamente à Liberação Final, e isento de anseios, aversões e temores, o sábio é livre para sempre <sup>16</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 16 Há dois tipos de Libertação da existência material: a Libertação Final, que ocorre com a morte do corpo do devoto perfeito, quando seu Espírito se absorve para sempre no Espírito Universal, e a Libertação relativa, que pode ser alcançada durante a vida material e que consiste de abstração espiritual tão completa que o Espírito parece totalmente desligado do corpo e de tudo o que o rodeia. O texto se refere a esta última (segundo Thomson).			
<b>Observação:</b> Comentário sobre duas interpretações possíveis; citação da opinião sobre o sentido do verso segundo outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 586</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 29</b>
<b>Texto do verso:</b> 29. Sabendo que sou Eu que recebo os sacrifícios e que sou o Senhor de todos os mundos <sup>17</sup> e o amigo de todos os seres, encontra a paz.			
<b>Texto da NT:</b> 17 Nos sistemas Sámkhya e Vedânta se enumeram oito mundos ou regiões de existência material: 1º Brahmáloka, mundo das divindades superiores; 2º Pitrioka, mundo dos pitris, rishis e prajápatís; 3º Somaloka, da Lua e dos planetas e pitris lunares; 4º Indraloka, de Indra e das divindades inferiores; 5º Gandharvaloka, o dos músicos celestes; 6º Rákchaloka, o dos gigantes; 7º Yakchaloka e 8º Pisachaloka, o dos gênios, demônios, larvas, vampiros, etc.			

**Observação:** Def. termo (todos os mundos) trad..

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>587</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Aquele que executa um ato obrigatório sem esperar por seu fruto é o renunciador <sup>1</sup> e ao mesmo tempo o yogi <sup>2</sup> e não aquele que simplesmente descuida do fogo sagrado e deixa de praticar obras piedosas <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 1 Sannyási.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Sannyási) sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>588</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Aquele que executa um ato obrigatório sem esperar por seu fruto é o renunciador <sup>1</sup> e ao mesmo tempo o yogi <sup>2</sup> e não aquele que simplesmente descuida do fogo sagrado e deixa de praticar obras piedosas <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 2 Refere-se ao que se aplica ao Yoga da ação. Tal devoto é considerado "renunciador" porque renuncia a todos os pensamentos referentes ao fruto da ação, e yogi porque pratica as obras como um meio de alcançar o Yoga.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o sentido particular de um termo no verso; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>589</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Aquele que executa um ato obrigatório sem esperar por seu fruto é o renunciador <sup>1</sup> e ao mesmo tempo o yogi <sup>2</sup> e não aquele que simplesmente descuida do fogo sagrado e deixa de praticar obras piedosas <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 O renunciador (sannyási) não acende o fogo do sacrifício nem pratica os atos de culto porque se consagra inteiramente à contemplação e ao conhecimento espiritual. Aquele que apenas por negligência deixa de praticar obras piedosas e se abandona à inação não pode ser considerado renunciador.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>590</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. Sabe, filho de Pându, que o que chamam de renúncia é Yoga <sup>4</sup> , pois ninguém pode chegar a ser yogi sem antes ter renunciado a todas as intenções <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 4 A palavra Yoga nesse capítulo vai se aproximando do sentido que lhe atribui a filosofia Yoga, ou seja: união mística com o Espírito, através da meditação, ou fixação da mente.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o sentido (união mística) particular de um termo (yoga) no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>591</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. Sabe, filho de Pándu, que o que chamam de renúncia é Yoga <sup>4</sup> , pois ninguém pode chegar a ser yogi sem antes ter renunciado a todas as intenções <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 5 Sankalpa (intenção, desígnio, pensamento, desejo).			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad. e outras traduções possíveis/sinônimos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>592</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3. Para o asceta que deseja alcançar o Yoga, a ação é o meio, enquanto que, para aquele que já o alcançou, o meio é o repouso <sup>6</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 6 Uma vez alcançado o Yoga, as ações deixam de ter utilidade para o yogi, tornando-se até mesmo um estorvo para a quietude mental. Assim, o meio de conservar a mente fixa na contemplação, ou seja, o meio de perseverar no Yoga, é o abandono da ação.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>593</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Procure o homem elevar o eu através do Eu <sup>7</sup> , não permitindo que este afunde <sup>8</sup> . Porque, na verdade, o Eu é amigo do eu, que mesmo assim é seu inimigo.			
<b>Texto da NT:</b> 7 O eu (com inicial minúscula) é o eu pessoal, inferior, transitório, que varia em cada uma das encarnações do mesmo indivíduo. O Eu é o Eu individual, Superior, Eterno e Inalterável através das várias existências do indivíduo, o Espírito individual, que é uma parte do Espírito Universal.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o sentido particular de um termo (eu) no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>594</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Procure o homem elevar o eu através do Eu <sup>7</sup> , não permitindo que este afunde <sup>8</sup> . Porque, na verdade, o Eu é amigo do eu, que mesmo assim é seu inimigo.			
<b>Texto da NT:</b> 8 "Afundar" equivale a descer a condições de existência inferiores.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora. ("Afundar" equivale a descer a condições de existência inferiores)			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>595</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. O yogi satisfeito com o conhecimento de si, tranquilo, que realizou seu próprio equilíbrio, senhor de seus sentidos, que vê da mesma forma o barro, a pedra e o outro, é considerado o verdadeiro místico <sup>9</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 9 Yukta. O que está misticamente unido à Divindade, através da contemplação.			
<b>Observação:</b> Informação do termo (Yukta) sânscrito de um trad. e sua definição.			



**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>596</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Em um lugar puro, prepare um assento para si, nem muito alto nem muito baixo, preparado com erva kusha <sup>10</sup> , uma pele de tigre ou antílope e um pano de seda.			
<b>Texto da NT:</b> 10 Erva sagrada usada nas cerimônias religiosas da Índia, por suas virtudes purificantes.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um material (erva kusha) da Índia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>597</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Então, com a mente concentrada num único ponto, reprimindo a ação do pensamento e dos sentidos, pratique o Yoga <sup>11</sup> para purificar sua alma.			
<b>Texto da NT:</b> 11 Meditação, contemplação.			
<b>Observação:</b> Sinonímia de um termo (yoga) em sans. não trad. para def. seu sentido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>598</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Mantendo-se firme, com o corpo, o pescoço e a cabeça eretos e imóveis, olhando fixamente para a ponta de seu nariz <sup>12</sup> , sem desviar os olhos,			
<b>Texto da NT:</b> 12 Não se trata do fato preciso de olhar para o ponto indicado, mas concentrar o olhar no interior, afastando-o de todos os objetos exteriores.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>599</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. com o ânimo sereno e livre de temor, a mente disciplinada, perseverando no voto de brahmachárin <sup>13</sup> , permaneça recolhido e medite só em Mim, considerando-Me como o Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Voto de castidade.			
<b>Observação:</b> Tradução de um termo (brahmachárin) em sans. não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>600</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. Quando o homem mantém o pensamento disciplinado fixo no Eu e se mostra indiferente a tudo o que é apeteável, diz-se que goza de união espiritual <sup>14</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 14 Literalmente: "É um yukta".			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de uma expressão traduzida no verso, apresentando um dos termos (yukta) em sans. que estava trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>601</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. O yogi que tem a mente dominada e, recolhido em si mesmo, pratica o Yoga <sup>15</sup> , é como uma chama luminosa que, ao abrigo do vento, não sofre nenhuma oscilação.			
<b>Texto da NT:</b> 15 Contemplação, meditação.			
<b>Observação:</b> Sinonimia de um termo (yoga) em sans. não trad. para def. seu sentido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>602</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Quando sua mente, disciplinada pelo exercício do Yoga, está tranqüila; quando, percebendo o eu através do Eu <sup>16</sup> , encontra satisfação em si mesmo;			
<b>Texto da NT:</b> 16 Isto é, quando vê o Espírito Universal, através de seu próprio Eu Superior, ou Espírito individual, já que os dois são idênticos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>603</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21. quando saboreia o infinito deleite que está fora do alcance dos sentidos e só pode ser desfrutado pela inteligência e não se afasta nunca mais da realidade <sup>17</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 17 Do que se refere ao Espírito em contraposição ao mundo material, ilusório.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>604</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>28</b>
<b>Texto do verso:</b> 28. Assim, consagrando-se sem cessar à união mística e estando purificado do mal, o yogi obtém sem dificuldade o infinito deleite da comunhão <sup>18</sup> com Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> 18 Samsparsha.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>605</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>29</b>
<b>Texto do verso:</b> 29. Quem se aplica de coração ao Yoga vê o Espírito de todos os seres e todos os seres no Espírito, pois por toda parte percebe a Identidade <sup>19</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 19 Percebe a Unidade essencial de todos os seres (segundo Telang).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>606</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>31</b>
--------------------------	------------------------	---------------------------	------------------------

<b>Texto do verso:</b> 31. O yogi que, estabelecido na Unidade, adora Meu Ser que habita em todas as criaturas, vive em Mim, qualquer que seja sua condição de vida <sup>20</sup> .
<b>Texto da NT:</b> 20 Seja vivendo em meio ao bulício do mundo, praticando seus deveres, ou em vida ascética, na solidão.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 607</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 35</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 35. Sem dúvida, ó tu de braço poderoso, a mente é movediça e difícil de subjugar. Contudo, filho de Kuntí, pode ser dominada através de esforços contínuos e da indiferença <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 21 Ausência de paixões e desejos.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 608</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 36</b>
<b>Texto do verso:</b> 36. Para aquele que não conseguiu vencer-se a si mesmo, é difícil alcançar o Yoga <sup>22</sup> , mas aquele que é dono de si mesmo e luta com afimco pode alcançá-lo, valendo-se dos meios adequados.			
<b>Texto da NT:</b> 22 Estado de quietude atingido pela mente disciplinada.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (yoga) em sans. não trad. para def. seu sentido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 609</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 38</b>
<b>Texto do verso:</b> 38. Privado de um e de outro <sup>23</sup> , vacilante e confuso no caminho de Brahman, não se perde como a nuvem desgarrada que desaparece no espaço?			
<b>Texto da NT:</b> 23 Do Céu e da libertação final ou nirvana. Perde o Céu (recompensa das práticas piedosas) por ter abandonado o caminho das obras para dedicar-se ao Yoga, ou união mística através da contemplação; e perde a libertação final (fruto do Yoga) porque não progrediu no caminho da união mística.			
<b>Observação:</b> Explicação (Privado de um e de outro = Do Céu e da libertação final ou nirvana).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 610</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41. Depois de atingir a região dos justos <sup>24</sup> e ali permanecer anos sem conta, aquele que não progrediu no Yoga renasce num lugar puro e feliz;			
<b>Texto da NT:</b> 24 Svarga, Céu ou Paraíso de Indra.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um trad. no verso e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 611</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VI</b>	<b>Verso 43</b>
<b>Texto do verso:</b> 43. Recobrando então a mesma disposição de ânimo <sup>25</sup> , adquirida em seu corpo anterior, luta			

com maior empenho para obter a perfeição, filho de Kuru,
<b>Texto da NT:</b> 25 Buddhisamyogam, isto é, todos os progressos espirituais, que adquiriu em sua vida precedente.
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um trad. no verso e sua def.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>612</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>44</b>
<b>Texto do verso:</b> 44. pois é irresistivelmente impelido a isso por sua prática anterior. Apenas pelo desejo de conhecer o Yoga, torna-se superior à palavra divina <sup>26</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 26 Aquele que deseja praticar o Yoga está eximido de praticar as obras prescritas nos Vedas (segundo Ádi Shankaracharya).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de outro tradutor/exegeta clássico (Sankara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>613</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>47</b>
<b>Texto do verso:</b> 47. Mas, entre todos os yogis, aquele que, cheio de fé, abandonando a Mim todo seu ser interior, Me rende adoração, é considerado por Mim como o maior dos místicos <sup>27</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 27 Yukta. Em seu grau superior, o Yoga é a união do Espírito humano com o Divino, em fé, amor e conhecimento (segundo Barnett).			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um traduzido no verso; citação do comentário de outro tradutor(?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>614</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. Vou desvelar-te sem reservas este conhecimento e o superconhecimento <sup>1</sup> . Desde que os adquira, nada resta por aprender neste mundo.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Jñána e vijñána.			
<b>Observação:</b> Informação de dois termos em sans. de dois termos traduzidos no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>615</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Terra, água, fogo, ar e éter <sup>2</sup> , pensamento <sup>3</sup> , intelecto <sup>4</sup> e consciência pessoal <sup>5</sup> são os oito componentes que integram Minha natureza material <sup>6</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 2 Akasha, em sânscrito. Não é propriamente o éter fluido e imponderável admitido pela ciência, mas um elemento muito mais sutil.			
<b>Observação:</b> Informação de termo em sans. de um trad. e sua definição.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>616</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<i>Texto do verso:</i> 4. Terra, água, fogo, ar e éter <sup>2</sup> , pensamento <sup>3</sup> , intelecto <sup>4</sup> e consciência pessoal <sup>5</sup> são os oito componentes que integram Minha natureza material <sup>6</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 3 Manas.			
<i>Observação:</i> Informação de um termo em sans. trad.			
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>617</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<i>Texto do verso:</i> 4. Terra, água, fogo, ar e éter <sup>2</sup> , pensamento <sup>3</sup> , intelecto <sup>4</sup> e consciência pessoal <sup>5</sup> são os oito componentes que integram Minha natureza material <sup>6</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 4 Buddhi.			
<i>Observação:</i> Informação de um termo em sans. trad.			
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>618</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<i>Texto do verso:</i> 4. Terra, água, fogo, ar e éter <sup>2</sup> , pensamento <sup>3</sup> , intelecto <sup>4</sup> e consciência pessoal <sup>5</sup> são os oito componentes que integram Minha natureza material <sup>6</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 5 Ahankára, consciência de si, sentimento de eu.			
<i>Observação:</i> Informação de um termo em sans. trad. e sua def.			
<i>Outras etiquetas:</i> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>619</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<i>Texto do verso:</i> 4. Terra, água, fogo, ar e éter <sup>2</sup> , pensamento <sup>3</sup> , intelecto <sup>4</sup> e consciência pessoal <sup>5</sup> são os oito componentes que integram Minha natureza material <sup>6</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 6 Prakriti, a Natureza Material, em contraposição a Purusha, ou Natureza Espiritual, que juntas são os dois aspectos primitivos da Divindade Una e desconhecida (segundo Blavatsky).			
<i>Observação:</i> Informação de um termo em sans. trad. e sua def. com a citação de outro tradutor.			
<i>Outras etiquetas:</i> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>620</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<i>Texto do verso:</i> 6. Sabe que essa (Minha dupla natureza) é a fecunda matriz de todos os seres. Sou o princípio do mundo e sou também o seu fim <sup>7</sup> .			
<i>Texto da NT:</i> 7 A origem, a causa produtora do Universo e a de sua dissolução. O mundo é a emanção do Ser Supremo e n'Ele se dissolve quando chega ao seu fim.			
<i>Observação:</i> Comentário.			
<i>Outras etiquetas:</i> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>621</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>7</b>
--------------------------	------------------------	----------------------------	-----------------------

**Texto do verso:** 7. Não há absolutamente nada superior a Mim, Dharanjaya. Todo o Universo está preso a Mim, como as pérolas de um colar estão presas ao fio que as mantém unidas<sup>8</sup>.

**Texto da NT:** 8 O Cosmo é como um colar: o Espírito Supremo, do qual depende sua existência, é o fio. Suprimindo-se o cordão, o colar deixará de existir, pois, ainda que subsistam os elementos que o integravam, falta-lhes a conexão, sua unidade, sua disposição como um todo (segundo Thomson).

**Observação:** Explicação de metáfora com a citação de outro tradutor.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 622	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. Eu sou, filho de Kuntí, o sabor da água, a luz do Sol e da Lua, pranava <sup>9</sup> de todos os Vedas, o som no éter e a virilidade nos homens.			
<b>Texto da NT:</b> 9 A misteriosa palavra Om, ou Aum, a mais sagrada da Índia, por ser símbolo da Divindade. É a essência dos Vedas; compreendendo seu significado, compreende-se a verdade contida nesses livros.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. não trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 623	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> 11. Sou a força do forte isento de apetites e paixões. Em todas as criaturas, ó príncipe dos Bháratas, sou o desejo que não contraria a Santa Lei <sup>10</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 10 O Dharma. Refere-se aos desejos lícitos, como os que têm por finalidade a conservação do corpo e da espécie.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. trad. e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 624	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Entenda que de Mim procedem as naturezas individuais <sup>11</sup> , formadas pelas qualidades tattva, rajás e tamas. Eu não estou nelas, mas elas estão em Mim <sup>12</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 11 Bháva significa existência, condição, disposição, natureza, caráter, alma, criatura, etc.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. trad. e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 625	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Entenda que de Mim procedem as naturezas individuais <sup>11</sup> , formadas pelas qualidades tattva, rajás e tamas. Eu não estou nelas, mas elas estão em Mim <sup>12</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 12 As qualidades estão contidas em Minha natureza inferior, que é a sua causa final; mas Eu não estou nelas. Ao contrário das criaturas, o Criador não está ligado à natureza; a vontade divina é absolutamente livre e a substância divina, absolutamente incondicionada (segundo Chatterji).			

**Observação:** Citação do comentário de outro tradutor.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>626</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15. Os maus e os insensatos não Me procuram; seu conhecimento foi arrebatado pela ilusão e eles participam da natureza demoníaca <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 13 Asúrica. Os asuras são demônios, espíritos malignos, inimigos dos deuses.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. trad. e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>627</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Quatro espécies de homens me adoram, Arjuna: os aflitos, os que buscam a sabedoria, os que desejam bens <sup>14</sup> e os sábios, ó príncipe dos Bháratas.			
<b>Texto da NT:</b> 14 Bens terrenos ou corporais. Segundo Chatterji, é preferível adorar a divindade, ainda que seja com fins egoístas; pois, com o tempo, o devoto interessado superará o egoísmo, tornando-se um verdadeiro devoto.			
<b>Observação:</b> Explicação de um termo traduzido; citação do comentário de outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>628</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Entre eles, o homem sábio, sempre consagrado à união mística e adorando o Uno, excede a todos os demais, pois o sábio Me ama acima de todas as coisas e Eu o amo da mesma forma <sup>15</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 15 Isso se explica pela identidade entre o espírito individual e o Espírito Universal.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>629</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21. Qualquer que seja a forma de divindade <sup>16</sup> a que um devoto pretenda render culto com verdadeira fé, sou Eu realmente quem inspira essa fé inquebrantável.			
<b>Texto da NT:</b> 16 Com essa expressão se denota que tais deuses não são mais do que seres materiais, ou imagens, caricaturas da Deidade Suprema. Esta carece de forma.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>630</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. Cheio dessa fé, o devoto procura agradecer tal divindade, servindo-a com esmero e dela conseguindo a satisfação de seus desejos. Mas sou Eu que lhe ofereço tais bens <sup>17</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 17 O poder das divindades inferiores é um reflexo da Onipotência da verdadeira e Suprema Divindade (segundo Chatterji).			

**Observação:** Citação do comentário de outro tradutor.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>631</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. No entanto, a recompensa obtida por esses homens de pequeno entendimento é limitada <sup>18</sup> . Quem adora os deuses vai aos deuses; quem Me adora vem a Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 18 Sua recompensa é temporal, porque todos os céus, juntamente com os deuses que os regem, como entidades criadas e materiais, desaparecem ao fim de um kalpa, para serem novamente produzidos ao começar de um novo kalpa. Pelo contrário, a recompensa dos que adoram o Espírito Supremo é eterna, pois só Ele é Imortal.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>632</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. Os ignorantes, desconhecendo Minha natureza de Ser Supremo e Imperecível, pensam que Eu, Imanifesto como sou, tenho uma forma visível e manifesta <sup>19</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 19 Pensam que a divindade, manifesta até o momento de sua encarnação, transformou-se num ser visível e mortal, ao mesmo nível dos falsos deuses.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>633</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>29</b>
<b>Texto do verso:</b> 29. Aqueles que se refugiam em Mim, esforçando-se para livrar-se da velhice e da morte, conhecem Brahman, o Espírito Supremo e a ação <sup>20</sup> em sua integridade.			
<b>Texto da NT:</b> 20 Karma.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. de um trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>634</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. O que é o supremo sacrifício, como estar aqui no corpo <sup>1</sup> , ó Madhusúdana? Dize-me, enfim, como podem conhecer-Te na hora da morte aqueles que se dominam a si mesmos?			
<b>Texto da NT:</b> 1 No corpo de Krishna.			
<b>Observação:</b> Explicação de um termo trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>635</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 3. Brahman é o Imperecível e o Supremo; sua natureza essencial <sup>2</sup> é denominada Espírito Supremo <sup>3</sup> ; e a emanação que dá origem a todos os seres chama-se ação <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 2 Svabháva.			



**Observação:** Informação do termo em sans. relacionado a dois traduzidos no verso.

**Outras etiquetas:** Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 636</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VIII</b>	<b>Verso 3</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 3. Brahman é o Imperecível e o Supremo; sua natureza essencial <sup>2</sup> é denominada Espírito Supremo <sup>3</sup> ; e a emanção que dá origem a todos os seres chama-se ação <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 Adhyátman. A essência espiritual, o Espírito Supremo em relação a todos os espíritos individuais (do Homem e dos demais seres).			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzidos no verso e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 637</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VIII</b>	<b>Verso 3</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 3. Brahman é o Imperecível e o Supremo; sua natureza essencial <sup>2</sup> é denominada Espírito Supremo <sup>3</sup> ; e a emanção que dá origem a todos os seres chama-se ação <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 4 Karma.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzidos no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 638</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VIII</b>	<b>Verso 4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Ser Supremo <sup>5</sup> é Minha natureza perecível <sup>6</sup> ; Suprema Divindade <sup>7</sup> é o princípio criador masculino <sup>8</sup> ; e Eu mesmo, encarnado neste corpo, sou o supremo sacrifício <sup>9</sup> , ó tu, o melhor dos mortais.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Adhibhúta. Primeiro elemento, essência material. Contém em si a essência da matéria.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzidos no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 639</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VIII</b>	<b>Verso 4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Ser Supremo <sup>5</sup> é Minha natureza perecível <sup>6</sup> ; Suprema Divindade <sup>7</sup> é o princípio criador masculino <sup>8</sup> ; e Eu mesmo, encarnado neste corpo, sou o supremo sacrifício <sup>9</sup> , ó tu, o melhor dos mortais.			
<b>Texto da NT:</b> 6 Kshara. Segundo Chatterji, é o Espírito Supremo que habita a terra, a água e os outros elementos, assim como todo o mundo dos fenômenos, através do divino poder de ilusão.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzidos no verso; citação da def. do termo por outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 640</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo VIII</b>	<b>Verso 4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Ser Supremo <sup>5</sup> é Minha natureza perecível <sup>6</sup> ; Suprema Divindade <sup>7</sup> é o princípio criador masculino <sup>8</sup> ; e Eu mesmo, encarnado neste corpo, sou o supremo sacrifício <sup>9</sup> , ó tu, o melhor dos mortais.			
<b>Texto da NT:</b> 7 Adhidaiva. Suprema Divindade, Senhor dos deuses, Ser Supremo em relação às divindades			

inferiores.
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso e sua def.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>641</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Ser Supremo <sup>5</sup> é Minha natureza perecível <sup>6</sup> ; Suprema Divindade <sup>7</sup> é o princípio criador masculino <sup>8</sup> ; e Eu mesmo, encarnado neste corpo, sou o supremo sacrifício <sup>9</sup> , ó tu, o melhor dos mortais.			
<b>Texto da NT:</b> 8 Purusha. Homem divino, princípio gerador masculino, potência criadora, causa de toda a vida. Segundo Chatterji, refere-se ao Espírito que reside no Sol, foco de energia que dá vida e imprime atividade a todo sistema planetário.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso e sua def.; citação da def. do termo por outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>642</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Ser Supremo <sup>5</sup> é Minha natureza perecível <sup>6</sup> ; Suprema Divindade <sup>7</sup> é o princípio criador masculino <sup>8</sup> ; e Eu mesmo, encarnado neste corpo, sou o supremo sacrifício <sup>9</sup> , ó tu, o melhor dos mortais.			
<b>Texto da NT:</b> 9 Adhiyajña. O Ser Supremo com relação a todos os atos de culto, ou seja, considerado como objeto de adoração. Na tradução de Chatterji: "Aquele que preside ou dirige um sacrifício", entendendo por "sacrifício" a vida humana.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso e sua def.; tradução alternativa por outro tradutor.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>643</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9. O Eu Supremo é o Onisciente <sup>10</sup> , o Eterno <sup>11</sup> , o governador soberano. Mais sutil que o sutil, sustém o Universo. Sua forma é inconcebível. É fulgurante como o Sol que brilha sobre as trevas.			
<b>Texto da NT:</b> 10 Kavi. Literalmente "poeta", mas aqui significa por extensão "sábio", "onisciente".			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso e sua def.; exp. do sentido particular do termo neste verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>644</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9. O Eu Supremo é o Onisciente <sup>10</sup> , o Eterno <sup>11</sup> , o governador soberano. Mais sutil que o sutil, sustém o Universo. Sua forma é inconcebível. É fulgurante como o Sol que brilha sobre as trevas.			
<b>Texto da NT:</b> 11 Purána. Antigo, sem princípio.			

**Observação:** Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso e sua def.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>645</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. Aquele que medita no Eterno, no momento de sua morte, com a mente imóvel, fortalecida pelo Yoga e com o alento vital concentrado entre as sobrancelhas <sup>12</sup> , dirige-se ao Divino Espírito Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Supõe-se que o Espírito individual penetra no corpo por uma sutura conhecida como Brahman-randhara, situada no meio da testa, e que por ela sai para unir-se de novo a Brahman. O alento vital está intimamente relacionado com o Espírito. Os yogis acreditam que se fortalecerem os alentos inspiratórios e expiratórios a subir pelo conduto denominado Sushumná cessará a respiração, e o espírito penetrará em Brahman, seja temporariamente, seja sempre.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>646</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Vou desvelar-te em breves palavras a mansão <sup>13</sup> que os conhecedores dos Vedas chamam de indestrutível, em que entram aqueles que venceram a si mesmos e estão livres de paixões.			
<b>Texto da NT:</b> 13 Padam. Refere-se à mansão dos bem-aventurados, ou nirvana.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso como parte de uma metáfora; exp. de metáfora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>647</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. pronunciando o monossílabo Om, símbolo ad eterna e única divindade, e pensando em Mim, quem deixa o mundo dessa forma, ao abandonar seu corpo encaminha-se à Meta Suprema <sup>14</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 14 Brahman.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>648</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15. Desde que chegam a Mim, essas grandes almas não renascem jamais para esta vida passageira, sede de dor e de miséria; alcançaram a Suprema Perfeição 15.			
<b>Texto da NT:</b> 15 Sansiddhi. O supremo estado de Libertação Final.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um traduzido no verso e sua def.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>649</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Todos os mundos, desde o mundo de Brahmá, estão sujeitos a um retorno ao nascimento <sup>16</sup> ,			

Arjuna. Mas o homem que chegou a Mim nunca mais será exposto ao renascimento, ó filho de Kuntí.

**Texto da NT:** 16 Todos os mundos e todos os céus alternam do estado de ser ao de não-ser. Ao fim de um kalpa são absorvidos por Brahman e desaparecem, para reaparecer no início de um novo kalpa.

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>650</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Aqueles que sabem que o Dia de Brahmá <sup>17</sup> tem uma duração de mil idades <sup>18</sup> e que a morte dura outras mil, são os que conhecem o dia e a noite.			
<b>Texto da NT:</b> 17 O Dia de Brahmá, ou manvatara, é o vasto período de manifestação do Universo, e a Noite de Brahmá, ou pralaya, é o período de sua dissolução ou repouso, quando desaparece o Universo objetivo (a grande ilusão) e impera a vida real no Cosmo.			
<b>Observação:</b> Exp. de um conceito (dia de Brahma) citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>651</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Aqueles que sabem que o Dia de Brahmá <sup>17</sup> tem uma duração de mil idades <sup>18</sup> e que a morte dura outras mil, são os que conhecem o dia e a noite.			
<b>Texto da NT:</b> 18 Yuga, vasto período de tempo. Por yuga, deve-se entender aqui um mahayuga, um período de quatro yugas. Os ciclos de existência obedecem à seguinte contagem de tempo: 1 mahayuga compreende 4.320.000 anos solares. 71 mahayugas constituem o período de um Manu (Humanidade), ou 306.720.000 anos solares. 1000 mahayugas formam um Dia de Brahmá, ou kalpa, compreendendo 4.320.000.000 anos solares. 360 Dias de Brahmá, com suas noites de igual duração, formam um ano de Brahmá, com 3.110.400.000.000 anos solares. 100 anos de Brahmá formam uma Idade de Brahmá, para ou mahakalpa, com 311.040.000.000.000 anos solares. Atualmente, nos encontramos no sétimo manvantara, chamado Vaivasvata, nome do sétimo Manu.			
<b>Observação:</b> Exp. de um conceito (dia de Brahma) citado no verso e seu sentido particular no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>652</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. Com a vinda do dia, o Universo manifesto surge do Imanifesto <sup>19</sup> , e ao chegar a noite, tudo se desvanece no Imanifesto.			
<b>Texto da NT:</b> 19 Esse Imanifesto é a mûlaprakriti (de mûla. origem, e prakriti, matéria), essência de matéria, ou matéria primordial, cósmica caótica ou indiferenciada.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>653</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Mas, acima desse Imanifesto, há na verdade outro Ser Imanifesto <sup>20</sup> , que é eterno e não perece quando perece todo o existente.			
<b>Texto da NT:</b> 20 Brahman, Parabrahman, ou Espírito Supremo. Imanifesto por ser imperceptível aos sentidos.			
<b>Observação:</b> Sinonimia de um termo trad. com termos em sans. e traduzidos; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>654</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21. Aquele que é dito Imanifesto é Imperecível, é a Meta Suprema. Quem chega a alcançá-la, jamais retorna. Essa é a Minha morada <sup>21</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 21 O nirvana, o próprio Ser da Divindade.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>655</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Vou desvelar-te agora o momento em que os yogis <sup>22</sup> partem para não mais voltar e também o momento em que partem para retornar <sup>23</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 22 Refere-se aqui indistintamente aos verdadeiros yogis, aqueles que vivem entregues à meditação e aos que se dedicam ao Karma Yoga.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre sentido particular de um termo (yogi) não trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>656</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Vou desvelar-te agora o momento em que os yogis <sup>22</sup> partem para não mais voltar e também o momento em que partem para retornar <sup>23</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 23 Para reencarnar-se.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora (momento em que os yogis partem = para reencarnar).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>657</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. Fogo, luz, dia, quinzena em que cresce a Lua <sup>24</sup> e os seis meses em que o Sol segue sua rota no norte <sup>25</sup> ; esse é o tempo em que os homens que morrem conhecendo Brahman se dirigem a Brahman <sup>26</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 24 Shuklas, brilhante, ou seja, a quinzena luminosa. Alusão à primeira metade do mês lunar, da Lua Nova até a Lua Cheia.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo em sans. trad.; exp. de metáfora e alusão.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>658</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
--------------------------	------------------------	-----------------------------	------------------------

**Texto do verso:** 24. Fogo, luz, dia, quinzena em que cresce a Lua 24 e os seis meses em que o Sol segue sua rota no norte 25; esse é o tempo em que os homens que morrem conhecendo Brahman se dirigem a Brahman<sup>26</sup>.

**Texto da NT:** 25 O ano está dividido em dois períodos (ayanas) correspondentes aos solstícios.

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>659</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. Fogo, luz, dia, quinzena em que cresce a Lua 24 e os seis meses em que o Sol segue sua rota no norte 25; esse é o tempo em que os homens que morrem conhecendo Brahman se dirigem a Brahman <sup>26</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 26 Isto é, os períodos de tempo regidos pelas divindades do fogo, da luz, do dia, etc.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>660</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Mas tampouco os seres estão em Mim <sup>1</sup> : este é o mistério de Meu poder divino. Sendo sustentáculo de todos os seres e a causa de sua existência, Meu Espírito não está neles.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Porque o Espírito não tem conexão com os objetos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>661</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. Da mesma forma que o ar incomensurável, movendo-se por toda parte, permanece sempre no espaço etéreo <sup>2</sup> , todos os seres estão em Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 2 O ar se agita por toda parte sem deixar de estar contido no ákasha (espaço), sem afetá-lo em nada. O ákasha é imóvel e em tudo penetra.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>662</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Privados de entendimento, toda sua ação, seu conhecimento e suas esperanças são vãs. Eles participam da natureza dos rákshasas <sup>3</sup> e asuras <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 Seres humanos, brutais e sedentos de sangue.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. não traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>663</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Privados de entendimento, toda sua ação, seu conhecimento e suas esperanças são vãs. Eles participam da natureza dos rákshasas <sup>3</sup> e asuras <sup>4</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 4 Demônios ou espíritos malignos. Tanto os rákshasas como os asuras representam a qualidade			

tamas (treva ou ignorância) da Natureza.
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. não traduzido no verso.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>664</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Mas os homens de alma elevada <sup>5</sup> , filho de Prithá, participando de Minha natureza divina <sup>6</sup> e sabendo que Eu sou a fonte eterna e inesgotável de todos os seres, Me adoram com o pensamento fixo em Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Mahatma.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>665</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Mas os homens de alma elevada <sup>5</sup> , filho de Prithá, participando de Minha natureza divina <sup>6</sup> e sabendo que Eu sou a fonte eterna e inesgotável de todos os seres, Me adoram com o pensamento fixo em Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 6 Daiviprakriti. Nela predomina a qualidade sattva (bondade, pureza...) da Natureza.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo em sans. trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>666</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14. Glorificando-Me sem cessar, lutando com afinco <sup>7</sup> , firmes em seus votos e prosternando-se diante de Mim, Me adoram com devoção fervorosa e constante.			
<b>Texto da NT:</b> 7 Esforçando-se para subjugar seus desejos e paixões e atingir o verdadeiro conhecimento espiritual.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>667</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Eu sou a oblação <sup>8</sup> , o sacrifício <sup>9</sup> , a oferenda aos antepassados <sup>10</sup> , a erva bendita <sup>11</sup> , o hino sagrado <sup>12</sup> , a manteiga purificada, o fogo e também a vítima consumida em holocausto <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 8 Kratu.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>668</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Eu sou a oblação <sup>8</sup> , o sacrifício <sup>9</sup> , a oferenda aos antepassados <sup>10</sup> , a erva bendita <sup>11</sup> , o hino sagrado <sup>12</sup> , a manteiga purificada, o fogo e também a vítima consumida em holocausto <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 9 Yajña.			

**Observação:** Informação do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.

**Outras etiquetas:** Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>669</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Eu sou a oblação <sup>8</sup> , o sacrifício <sup>9</sup> , a oferenda aos antepassados <sup>10</sup> , a erva bendita <sup>11</sup> , o hino sagrado <sup>12</sup> , a manteiga purificada, o fogo e também a vítima consumida em holocausto <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 10 Svadhá.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>670</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Eu sou a oblação <sup>8</sup> , o sacrifício <sup>9</sup> , a oferenda aos antepassados <sup>10</sup> , a erva bendita <sup>11</sup> , o hino sagrado <sup>12</sup> , a manteiga purificada, o fogo e também a vítima consumida em holocausto <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 11 Aushada.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>671</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Eu sou a oblação <sup>8</sup> , o sacrifício <sup>9</sup> , a oferenda aos antepassados <sup>10</sup> , a erva bendita <sup>11</sup> , o hino sagrado <sup>12</sup> , a manteiga purificada, o fogo e também a vítima consumida em holocausto <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 12 Mantra, hinos védicos.			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo em sans. relacionado a um termo traduzido. "mantra" está no verso em sânscrito (vedabase).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>672</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16. Eu sou a oblação <sup>8</sup> , o sacrifício <sup>9</sup> , a oferenda aos antepassados <sup>10</sup> , a erva bendita <sup>11</sup> , o hino sagrado <sup>12</sup> , a manteiga purificada, o fogo e também a vítima consumida em holocausto <sup>13</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 13 Huta.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>673</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Sou pai, mãe <sup>14</sup> , sustentador e avô <sup>15</sup> deste Universo. Sou o objeto do conhecimento, o purificador, a sílaba Om e também o Rig, o Sama e o Yajur <sup>16</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 14 Isto é, causa eficiente e causa material do Cosmo.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			



<i>Código</i> <b>674</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Sou pai, mãe <sup>14</sup> , sustentador e avô <sup>15</sup> deste Universo. Sou o objeto do conhecimento, o purificador, a sílaba Om e também o Rig, o Sama e o Yajur <sup>16</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 15 Ou seja, a origem de Prakriti de que emanam todas as coisas.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>675</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17. Sou pai, mãe <sup>14</sup> , sustentador e avô <sup>15</sup> deste Universo. Sou o objeto do conhecimento, o purificador, a sílaba Om e também o Rig, o Sama e o Yajur <sup>16</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 16 Rig Veda, Sama Veda e Yajur Veda são os três Vedas mais antigos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre livros (alguns vedas) cujos nomes são citados nos versos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>676</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18. Sou meta, sustentáculo, Senhor, testemunha, mansão, refúgio, amigo, princípio, fim, fundamento, receptáculo <sup>17</sup> e semente eterna.			
<b>Texto da NT:</b> 17 Nidhána. Literalmente, "tesouro".			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>677</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. Eu dou o calor, retenho e envio a chuva, sou a Imortalidade <sup>18</sup> e a morte, sou o Ser e o não-ser, Arjuna.			
<b>Texto da NT:</b> 18 Amrita, ambrósia ou néctar da Imortalidade.			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>678</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Os que conhecem os Vedas, os que bebem o soma <sup>19</sup> , limpos do mal e oferecendo-Me sacrifícios, imploram a Mim o caminho dos céus. Chegando ao glorioso mundo de Indra <sup>20</sup> participam do banquete celestial dos deuses.			
<b>Texto da NT:</b> 19 Bebida sagrada que os brahmánas iniciados preparam com o sumo fermentado de uma planta rara.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um objeto (bebida soma) citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>679</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
--------------------------	------------------------	---------------------------	------------------------

**Texto do verso:** 20. Os que conhecem os Vedas, os que bebem o soma<sup>19</sup>, limpos do mal e oferecendo-Me sacrifícios, imploram a Mim o caminho dos céus. Chegando ao glorioso mundo de Indra<sup>20</sup> participam do banquete celestial dos deuses.

**Texto da NT:** 20 Indra é o príncipe dos deuses que habitam a mais alta esfera celeste, conhecida como Céu ou Paraíso de Indra. Esse céu, como todos os outros céus materiais, tem duração limitada, ao contrário do nirvana, que é eterno.

**Observação:** Exp. sobre um deidade citada.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 680	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. Depois de gozar ali as delícias do vasto mundo paradisíaco, esgotados os seus méritos <sup>21</sup> , retornam a este mundo mortal. Assim, quem segue a lei dos três livros sagrados, alimentando desejos em seu coração, alcança apenas o transitório.			
<b>Texto da NT:</b> 21 Quando a alma recebeu toda recompensa que merecia por suas boas ações.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 681	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. Mesmo aqueles que adoram outras divindades com fé e devoção ardorosas, Me adoram, ó filho de Kuntí, mas não de acordo com a verdadeira Lei <sup>22</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 22 "Me adoram possuídos pela ignorância" (segundo Ádi Shankaracharya).			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa de outro tradutor clássico (Sankara).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 682	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Aqueles que adoram os deuses vão aos deuses, aqueles que servem aos antepassados <sup>23</sup> vão a eles, aqueles que cultuam os espíritos elementares <sup>24</sup> vão aos espíritos elementares, mas aqueles que Me adoram vêm a Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 23 Pitris.			
<b>Observação:</b> Informação de termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 683	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Aqueles que adoram os deuses vão aos deuses, aqueles que servem aos antepassados <sup>23</sup> vão a eles, aqueles que cultuam os espíritos elementares <sup>24</sup> vão aos espíritos elementares, mas aqueles que Me adoram vêm a Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 24 Bhútas.			
<b>Observação:</b> Informação de termo em sans. relacionado a um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>684</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>29</b>
<b>Texto do verso:</b> 29. Eu sou o mesmo para todos os seres, ninguém Me é querido ou odioso <sup>25</sup> ; mas aqueles que Me adoram com devoção estão em Mim e Eu estou neles.			
<b>Texto da NT:</b> 25 Deus não ama nem odeia, pois o amor e o ódio, o Bem e o Mal, não são mais que pólos opostos de uma mesma coisa. "A respeito da desigualdade que se observa na condição das diversas criaturas, Eu permaneço passivo e neutro. Não há nisso, de minha parte, parcialidade nem injustiça, benevolência ou crueldade. Todas essas diferenças são produtos das ações passadas de cada um, de seu mérito ou de seu demérito. Tudo resulta das operações da inflexível Lei do Karma" (segundo Rámanuja).			
<b>Observação:</b> Comentário; citação de comentário de outro tradutor/exegeta clássico (Ramanuja).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>685</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>32</b>
<b>Texto do verso:</b> 32. Porque aqueles que buscam refúgio em Mim, ó filho de Prithá, mesmo que sejam frutos do pecado <sup>26</sup> , mulheres <sup>27</sup> , vaishyas e até shúdras <sup>28</sup> chegam ao Fim Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> 26 Alusão aos filhos de uniões ilícitas, ou de casamentos entre pessoas de diferentes castas.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora/alusão.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>686</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>32</b>
<b>Texto do verso:</b> 32. Porque aqueles que buscam refúgio em Mim, ó filho de Prithá, mesmo que sejam frutos do pecado <sup>26</sup> , mulheres <sup>27</sup> , vaishyas e até shúdras <sup>28</sup> chegam ao Fim Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> 27 Nos Vedas se declara que as almas das mulheres e das pessoas pertencentes a uma casta inferior estão condenadas a sucessivas transmigrações até reencarnar-se no corpo de um brahmána.			
<b>Observação:</b> Exp. do conceito envolvido com o uso de um termo (mulheres) como inferiores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>687</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>32</b>
<b>Texto do verso:</b> 32. Porque aqueles que buscam refúgio em Mim, ó filho de Prithá, mesmo que sejam frutos do pecado <sup>26</sup> , mulheres <sup>27</sup> , vaishyas e até shúdras <sup>28</sup> chegam ao Fim Supremo.			
<b>Texto da NT:</b> 28 Nas Leis de Manu (XII, 43), as pessoas que pertencem à última casta são igualadas aos animais selvagens.			
<b>Observação:</b> Citação de outro texto sans. (Leis de Manu) para exp. o uso de um termo (sudras) no verso, como seres inferiores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>688</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. Nem os deuses <sup>1</sup> nem os grandes rishis conhecem Minha origem, pois Eu sou o Princípio Absoluto dos deuses e dos grandes rishis.			

<i>Texto da NT:</i> 1 Suras.
<i>Observação:</i> Informação do termo sans. de um trad.
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 689	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> X	<i>Verso</i> 4
<i>Texto do verso:</i> 4. Entendimento <sup>2</sup> , sabedoria, libertação do erro e da ignorância, paciência, sinceridade, domínio de si mesmo, tranqüilidade de ânimo, prazer e dor, miséria e prosperidade, coragem e medo,			
<i>Texto da NT:</i> 2 Buddhi.			
<i>Observação:</i> Informação do termo sans. de um trad.			
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 690	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> X	<i>Verso</i> 6
<i>Texto do verso:</i> 6. Os sete grandes rishis, os quatro Kumáras <sup>3</sup> e também os Manus de quem emanam todas as gerações do mundo, participando de Meu ser, nasceram de Minha mente.			
<i>Texto da NT:</i> 3 Os quatro filhos da mente de Brahmá: Sanaka, Sanandana, Sanátana e Sanat Kumára, cujos nomes expressam os graus do intelecto humano.			
<i>Observação:</i> Exp. sobre um personagem cujo nome próprio é citado no verso; simbologia de um personagem.			
<i>Outras etiquetas:</i> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 691	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> X	<i>Verso</i> 7
<i>Texto do verso:</i> 7. Quem conhece em essência Minha magnitude e Meu poder místico <sup>4</sup> goza de um Yoga <sup>5</sup> inalterável. Quanto a isso não há nenhuma dúvida.			
<i>Texto da NT:</i> 4 Yoga no original. Segundo Rámánuja, é o conjunto dos atributos divinos.			
<i>Observação:</i> Informação do termo sans. de um traduzido no verso; citação da def. do termo por um tradutor/exegeta clássico (Ramanuja).			
<i>Outras etiquetas:</i> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 692	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> X	<i>Verso</i> 7
<i>Texto do verso:</i> 7. Quem conhece em essência Minha magnitude e Meu poder místico <sup>4</sup> goza de um Yoga <sup>5</sup> inalterável. Quanto a isso não há nenhuma dúvida.			
<i>Texto da NT:</i> 5 Devoção.			
<i>Observação:</i> Tradução de um termo (yoga) não traduzido no verso.			
<i>Outras etiquetas:</i> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 693	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> X	<i>Verso</i> 8
<i>Texto do verso:</i> 8. Eu sou a origem de todo ser. De Mim procede a obra do Universo <sup>6</sup> . Sabendo disso, os sábios Me adoram em amorosa contemplação.			
<i>Texto da NT:</i> 6 Isto é, não só o Universo, mas também toda mudança, progresso e destruição que nele ocorre.			

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 694</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. A esses homens que se consagram à união mística e Me servem com amor, Eu lhes inspiro aquela devoção baseada no conhecimento <sup>7</sup> , através da qual chegam a Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 7 Buddhi Yoga.			
<b>Observação:</b> Explicação de uma expressão traduzida.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 695</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 12</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 12. Tu és o Supremo Brahman, a Glória Suprema, a Suprema Pureza, o Espírito Perpétuo e Divino, a Divindade original, sem princípio, Onipresente e Senhor Todo-Poderoso <sup>8</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 8 Vibhum.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. de um traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 696</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Assim Te proclamam todos os richis <sup>9</sup> e também o divino richi Naráda <sup>10</sup> , Asita, Devala e Vyása <sup>11</sup> , e é o que Tu me dizes.			
<b>Texto da NT:</b> 9 Nos hinos védicos, atribuídos aos richis.			
<b>Observação:</b> Exp. de uma metonímia(?) (richis por hinos védicos)			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 697</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Assim Te proclamam todos os richis <sup>9</sup> e também o divino richi Naráda <sup>10</sup> , Asita, Devala e Vyása <sup>11</sup> , e é o que Tu me dizes.			
<b>Texto da NT:</b> 10 Um dos dez progenitores da Humanidade.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma pessoa cujo nome é citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 698</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13. Assim Te proclamam todos os richis <sup>9</sup> e também o divino richi Naráda <sup>10</sup> , Asita, Devala e Vyása <sup>11</sup> , e é o que Tu me dizes.			
<b>Texto da NT:</b> 11 Sábio, autor ou compilador do Mahabhárata, dos Puránas e outros Livros Sagrados.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre pessoa cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 699</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Creio firmemente na verdade de Tuas palavras, ó Keshava, porque nem os deuses nem os dánavas <sup>12</sup> Te conhecem, Senhor bendito.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Demônios descendentes de Dánu. Aqui deve ser entendido em sentido lato: todos os inimigos dos deuses.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma classe de pessoas (danavas) citada; sentido particular de um termo no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 700</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Apenas Tu conheces a Ti mesmo, por Ti mesmo, ó Purushottama <sup>13</sup> , Autor de todas as coisas, Rei dos seres, Deus dos deuses, Senhor do Universo.			
<b>Texto da NT:</b> 13 De Purusha (Espírito, Potência Criadora) e Uttama (altíssimo, supremo).			
<b>Observação:</b> Def. filológica de um termo em sans. não traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 701</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 18</i>
<b>Texto do verso:</b> 18. Fala-me em detalhe de Teu poder misterioso <sup>14</sup> e de Tuas divinas perfeições, Janárdhana, e fala mais e mais, pois Tuas palavras são para mim o néctar da Imortalidade e por mais que eu Te ouça, nunca me sacio.			
<b>Texto da NT:</b> 14 Literalmente, "Teu Yoga".			
<b>Observação:</b> Informação da expressão original relacionada a um traduzida no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 702</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. Entre os adityas <sup>15</sup> sou Vishnu; entre as luzes, o Sol radiante; sou Maríchi entre os maruts <sup>16</sup> ; a Lua entre as estrelas.			
<b>Texto da NT:</b> 15 Os doze deuses solares, personificações do Sol em suas diversas posições, correspondentes a cada mês do ano. Vishnu é a personificação da energia solar, a segunda pessoa da trindade indiana.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma classe de seres (adityas) citada, relacionada à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 703</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. Entre os adityas <sup>15</sup> sou Vishnu; entre as luzes, o Sol radiante; sou Maríchi entre os maruts <sup>16</sup> ; a Lua entre as estrelas.			
<b>Texto da NT:</b> 16 Deuses do ar ou do vento, chefiados por Marichi, um dos sete rishis primitivos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma classe de seres (adityas) citada, relacionada à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 704</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 22</i>
-------------------	------------------------	-------------------	-----------------

**Texto do verso:** 22. Entre os Vedas sou Sama Veda; Vásava<sup>17</sup> entre os deuses; o sentido eterno<sup>18</sup> entre os sentidos; a inteligência<sup>19</sup> nos seres vivos.

**Texto da NT:** 17 Um dos nomes de Indra, rei dos deuses do firmamento.

**Observação:** Exp. sobre um antonomástico de um personagem da mitologia hindu citado no verso.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>705</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. Entre os Vedas sou Sama Veda; Vásava <sup>17</sup> entre os deuses; o sentido eterno <sup>18</sup> entre os sentidos; a inteligência <sup>19</sup> nos seres vivos.			
<b>Texto da NT:</b> 18 Manas, no sistema Sámkhya, é o sentido interno, o analisador das impressões sensíveis, o princípio que combina, elabora e sintetiza as sensações, transformando-as em conceitos rudimentares.			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo em sans. relacionado a um trad. no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>706</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. Entre os Vedas sou Sama Veda; Vásava <sup>17</sup> entre os deuses; o sentido eterno <sup>18</sup> entre os sentidos; a inteligência <sup>19</sup> nos seres vivos.			
<b>Texto da NT:</b> 19 Chaitánya, inteligência, consciência.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. relacionado a um trad. no verso e uma outro sinônimo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>707</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Sou Shankara entre os rudras <sup>20</sup> e Vitesha <sup>21</sup> entre os yakshas e rákshasas <sup>22</sup> ; Pávaka entre os vasus <sup>23</sup> e o Meru <sup>24</sup> entre os picos elevados.			
<b>Texto da NT:</b> 20 Semideuses, senhores dos três mundos superiores, as onze formas de Shiva, ou Shankara, terceira pessoa da trindade indiana ou deus destruidor.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma classe de seres (rudras) citada, relacionada à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>708</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Sou Shankara entre os rudras <sup>20</sup> e Vitesha <sup>21</sup> entre os yakshas e rákshasas <sup>22</sup> ; Pávaka entre os vasus <sup>23</sup> e o Meru <sup>24</sup> entre os picos elevados.			
<b>Texto da NT:</b> 21 Ou Kureva. É o deus ou senhor das riquezas. Habita as regiões tenebrosas onde reina sobre yakshas e rákshasas, que são os guardiães de seus tesouros.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem da mitologia hindu citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>709</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
--------------------------	------------------------	--------------------------	------------------------

<b>Texto do verso:</b> 23. Sou Shankara entre os rudras <sup>20</sup> e Vittesha <sup>21</sup> entre os yakshas e rákshasas <sup>22</sup> ; Pávaka entre os vasus <sup>23</sup> e o Meru <sup>24</sup> entre os picos elevados.
<b>Texto da NT:</b> 22 Yakshas: demônios, gnomos, gênios ou espíritos malignos. Rákshasas: demônios, gênios, gigantes ou titãs.
<b>Observação:</b> Def. de duas classes de seres (yakshas e rakshas) da mitologia hindu citados.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 710</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Sou Shankara entre os rudras <sup>20</sup> e Vittesha <sup>21</sup> entre os yakshas e rákshasas <sup>22</sup> ; Pávaka entre os vasus <sup>23</sup> e o Meru <sup>24</sup> entre os picos elevados.			
<b>Texto da NT:</b> 23 Os oito vasos são personificações de elementos ou fenômenos cósmicos: Apa (água), Anila (vento), Anala (fogo), Ahar (dia), Prabhása (crepúsculo) etc. Pávaka é o deus do fogo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagens da mitologia hindu citados e sua simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 711</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Sou Shankara entre os rudras <sup>20</sup> e Vittesha <sup>21</sup> entre os yakshas e rákshasas <sup>22</sup> ; Pávaka entre os vasus <sup>23</sup> e o Meru <sup>24</sup> entre os picos elevados.			
<b>Texto da NT:</b> 24 A montanha de ouro, supostamente situada no centro da Terra, isto é, no centro do Jambu Dvipa (Índia), que por sua vez está no meio dos outros seis continentes. Em seu cume está situada a mansão dos bem-aventurados.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um local geográfico da mitologia hindu citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 712</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. Sabe, filho de Prithá, que entre os sacerdotes Eu sou Brihaspati <sup>25</sup> entre os chefes guerreiros sou Skanda <sup>26</sup> e entre as águas sou o Oceano.			
<b>Texto da NT:</b> 25 Sacerdote de Indra, preceptor dos deuses.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem da mitologia hindu citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 713</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. Sabe, filho de Prithá, que entre os sacerdotes Eu sou Brihaspati <sup>25</sup> entre os chefes guerreiros sou Skanda <sup>26</sup> e entre as águas sou o Oceano.			
<b>Texto da NT:</b> 26 Segundo filho de Shiva. É o deus da guerra, chefe das hostes celestiais. É também o planeta Marte.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem da mitologia hindu citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			



<i>Código</i> <b>714</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25. Sou Bhri <sup>27</sup> entre os grandes richis; entre as palavras sou a sílaba Om; entre os sacrifícios sou japa <sup>28</sup> ; entre as montanhas, o Himalaya.			
<b>Texto da NT:</b> 27 Um dos sete Prajápatis, ou progenitores da Humanidade, nascidos da mente de Brahmá.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagem da mitologia hindu citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>715</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25. Sou Bhri <sup>27</sup> entre os grandes richis; entre as palavras sou a sílaba Om; entre os sacrifícios sou japa <sup>28</sup> ; entre as montanhas, o Himalaya.			
<b>Texto da NT:</b> 28 Sacrifício que consiste na recitação em voz baixa de orações ou textos sagrados.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>716</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26. A figueira sagrada <sup>29</sup> entre as árvores; Nárada entre os richis divinos <sup>30</sup> ; Chitraratha entre os cantores celestes <sup>31</sup> e o inspirado asceta Kapila <sup>32</sup> entre os siddhas <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 29 Ashattha, figueira sagrada da Índia.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>717</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26. A figueira sagrada <sup>29</sup> entre as árvores; Nárada entre os richis divinos <sup>30</sup> ; Chitraratha entre os cantores celestes <sup>31</sup> e o inspirado asceta Kapila <sup>32</sup> entre os siddhas <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 30 Devarishis. Rishis que chegaram a ser semideuses e moram no céu de Indra.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>718</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26. A figueira sagrada <sup>29</sup> entre as árvores; Nárada entre os richis divinos <sup>30</sup> ; Chitraratha entre os cantores celestes <sup>31</sup> e o inspirado asceta Kapila <sup>32</sup> entre os siddhas <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 31 Gandharvas. Músicos dos deuses, moram no céu de Indra e são chefiados por Chitraratha.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad e def. (uma classes de seres (gandharvas) da mitologia hindu).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>719</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26. A figueira sagrada <sup>29</sup> entre as árvores; Nárada entre os richis divinos <sup>30</sup> ; Chitraratha entre os cantores celestes <sup>31</sup> e o inspirado asceta Kapila <sup>32</sup> entre os siddhas <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 32 Fundador do sistema filosófico Sámkhya.			

**Observação:** Exp. sobre uma pessoa citada no verso (Kapila).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 720</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 26</i>
<b>Texto do verso:</b> 26. A figueira sagrada <sup>29</sup> entre as árvores; Nárada entre os richis divinos <sup>30</sup> ; Chitraratha entre os cantores celestes <sup>31</sup> e o inspirado asceta Kapila <sup>32</sup> entre os siddhas <sup>33</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 33 Seres humanos que chegaram quase à condição divina, pois desde seu nascimento adquiriram alto grau de santidade, conhecimento espiritual, poderes sobre-humanos e total desapego às coisas do mundo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma classe de seres (sidhas) citada, relacionada à mitologia hindu. [NT não marcada no livro original, erro]			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 721</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. Sabe que entre os cavalos sou Uchchaishravas <sup>34</sup> , ó tu que nasceste do néctar; sou Airávata <sup>35</sup> entre os nobres elefantes e entre os homens sou o Soberano.			
<b>Texto da NT:</b> 34 Cavalo brando de Indra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um animal da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 722</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27. Sabe que entre os cavalos sou Uchchaishravas <sup>34</sup> , ó tu que nasceste do néctar; sou Airávata <sup>35</sup> entre os nobres elefantes e entre os homens sou o Soberano.			
<b>Texto da NT:</b> 35 Elefante em que monta o deus Indra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um animal da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 723</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. Entre as armas Eu sou o raio <sup>36</sup> , Kámadhuk <sup>37</sup> entre os rebanhos; Kandarpa <sup>38</sup> entre os que têm descendentes, e Vásuki <sup>39</sup> entre as serpentes.			
<b>Texto da NT:</b> 36 O raio é a arma do deus Indra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma simbologia (raio é de Indra) da mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 724</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. Entre as armas Eu sou o raio <sup>36</sup> , Kámadhuk <sup>37</sup> entre os rebanhos; Kandarpa <sup>38</sup> entre os que têm descendentes, e Vásuki <sup>39</sup> entre as serpentes.			
<b>Texto da NT:</b> 37 A vaca da abundância.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um animal da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 725	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. Entre as armas Eu sou o raio <sup>36</sup> , Kámadhuk <sup>37</sup> entre os rebanhos; Kandarpa <sup>38</sup> entre os que têm descendentes, e Vásuki <sup>39</sup> entre as serpentes.			
<b>Texto da NT:</b> 38 O deus do amor.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma deidade da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 726	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28. Entre as armas Eu sou o raio <sup>36</sup> , Kámadhuk <sup>37</sup> entre os rebanhos; Kandarpa <sup>38</sup> entre os que têm descendentes, e Vásuki <sup>39</sup> entre as serpentes.			
<b>Texto da NT:</b> 39 Rei das serpentes venenosas do inferno.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma deidade da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 727	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Sou Ananta <sup>40</sup> entre as nagas <sup>41</sup> ; Varuna <sup>42</sup> entre os habitantes da água; Aryaman entre os antepassados <sup>43</sup> e Yama <sup>44</sup> entre os juízes.			
<b>Texto da NT:</b> 40 Serpente de mil cabeças, sobre cujo corpo descansa Vishnu. Símbolo da Eternidade.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um ser da mitologia hindu cujo nome é citado; simbologia relacionada à mitologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 728	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Sou Ananta <sup>40</sup> entre as nagas <sup>41</sup> ; Varuna <sup>42</sup> entre os habitantes da água; Aryaman entre os antepassados <sup>43</sup> e Yama <sup>44</sup> entre os juízes.			
<b>Texto da NT:</b> 41 Dragões e serpentes não venenosas, dotados de linguagem e grande sabedoria.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um ser da mitologia hindu cujo nome é citado; simbologia relacionada à mitologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 729	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Sou Ananta <sup>40</sup> entre as nagas <sup>41</sup> ; Varuna <sup>42</sup> entre os habitantes da água; Aryaman entre os antepassados <sup>43</sup> e Yama <sup>44</sup> entre os juízes.			
<b>Texto da NT:</b> 42 Deus do oceano.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um deidade cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 730	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Sou Ananta <sup>40</sup> entre as nagas <sup>41</sup> ; Varuna <sup>42</sup> entre os habitantes da água; Aryaman entre os			

antepassados <sup>43</sup> e Yama <sup>44</sup> entre os juízes.
<b>Texto da NT:</b> 43 Pitris. Aryaman, um dos deuses solares, era o senhor dos antepassados.
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. (pitris) trad. no verso; exp. sobre a mitologia relacionada ao termo.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>731</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>29</b>
<b>Texto do verso:</b> 29. Sou Ananta <sup>40</sup> entre as nagas <sup>41</sup> ; Varuna <sup>42</sup> entre os habitantes da água; Aryaman entre os antepassados <sup>43</sup> e Yama <sup>44</sup> entre os juízes.			
<b>Texto da NT:</b> 44 O juiz dos mortos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre deidade da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>732</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30. Entre os daityas <sup>45</sup> sou Prahláda; entre as medidas, o tempo; entre os animais selvagens sou o rei dos animais; e entre os seres alados, Vainateya <sup>46</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 45 Seres semi-humanos, gigantes ou titãs descendentes de Diti. Seu rei era Prahláda, que, sendo adorador de Vishnu, foi salvo por este das torturas a que condenara seu pai Hiranyakashipu, rei dos asuras.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre seres da mitologia hindu cujos nomes são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>733</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30. Entre os daityas <sup>45</sup> sou Prahláda; entre as medidas, o tempo; entre os animais selvagens sou o rei dos animais; e entre os seres alados, Vainateya <sup>46</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 46 Ave de proporções gigantescas, montada pelo deus Vishnu.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre animal da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>734</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>31</b>
<b>Texto do verso:</b> 31. Entre os agentes purificados sou o vento; sou Ráma entre os guerreiros; Makara <sup>47</sup> entre os peixes e Jáhnví <sup>48</sup> entre os raios.			
<b>Texto da NT:</b> 47 Monstro marinho em que montava Varuna, deus do Oceano.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre monstro da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>735</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>31</b>
<b>Texto do verso:</b> 31. Entre os agentes purificados sou o vento; sou Ráma entre os guerreiros; Makara <sup>47</sup> entre os peixes e Jáhnví <sup>48</sup> entre os raios.			
<b>Texto da NT:</b> 48 O Ganges, o principal dos três rios sagrados da Índia. Suas águas são purificadoras.			

**Observação:** Exp. sobre o nome de um rio citado e sua simbologia no verso.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 736	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32. Sou princípio, meio e fim de todas as coisas criadas, Arjuna; entre as ciências sou a Ciência do Espírito Supremo e sou o argumento Váda <sup>49</sup> entre os que discutem.			
<b>Texto da NT:</b> 49 A principal forma de argumentação para se chegar à verdade.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 737	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. Sou a vogal A entre as letras; o composto copulativo <sup>50</sup> entre as palavras compostas. Sou o tempo infinito, o mestre ordenador, cujas faces estão em toda parte.			
<b>Texto da NT:</b> 50 O dvandva, ou composto copulativo, é aquele composto cujas partes são coordenadas entre si. Em sânscrito a palavra composta por dvandva conserva o significado independente dos termos que entram em sua composição.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo sans. trad; exp. de metonímia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 738	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35. Sou também o grande hino entre os hinos do Sama Veda; entre as formas métricas sou o Gáyatrí <sup>51</sup> ; sou Mrigashírsha <sup>52</sup> entre os meses, e a primavera entre as estações.			
<b>Texto da NT:</b> 51 Forma métrica que consta de três divisões de oito sílabas cada uma. Os versos mais sagrados dos Vedas obedecem a essa forma métrica.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre termo sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 739	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35. Sou também o grande hino entre os hinos do Sama Veda; entre as formas métricas sou o Gáyatrí <sup>51</sup> ; sou Mrigashírsha <sup>52</sup> entre os meses, e a primavera entre as estações.			
<b>Texto da NT:</b> 52 Antigo mês que corresponde a parte de novembro e parte de dezembro, e que era considerado o primeiro mês do ano. É, além disso, o mais agradável.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre termo em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 740	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> 37. Entre os descendentes de Vrishni sou Vásudeva; entre os filhos de Pándu sou Dhananjaya; Vyása entre os munis <sup>53</sup> , e, entre os sábios, o sábio Ushaná <sup>54</sup> .			

<b>Texto da NT:</b> 53 Santo iluminado.
<b>Observação:</b> Exp. sobre termo sans. não trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 741</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 37</b>
<b>Texto do verso:</b> 37. Entre os descendentes de Vrishni sou Vásudeva; entre os filhos de Pându sou Dhananjaya; Vyása entre os munis <sup>53</sup> , e, entre os sábios, o sábio Ushaná <sup>54</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 54 Príncipe dos sábios, primeiro mestre de ética e política. É também o planeta Vênus.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma pessoa cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 742</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 1</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 1. Meu erro se desvaneceu ao escutar Tuas palavras sobre o supremo mistério de Adhyátma <sup>1</sup> , que para meu bem Me desvelastes.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Adhyátma significa "Espírito Supremo" ou "relativo ao Espírito Supremo".			
<b>Observação:</b> Def. de um termo sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 743</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. De Teus lábios aprendi em detalhe a origem e a dissolução dos seres, ó Tu de olhos de lótus <sup>2</sup> , assim como Tua eterna grandeza.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Olhos rasgados e amendoados são considerados um dos elementos da beleza. Segundo Chatterji, deve-se entender: "tranqüilos como a folha de lótus".			
<b>Observação:</b> Exp. sobre valores da cultura indiana (de beleza); citação do comentário de outro tradutor sobre o significado do antonomástico.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 744</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. Contempla os adityas, os vasus, os rudras, os ashvins <sup>3</sup> e os maruts. Admira, filho de Bhárata, essa multidão de maravilhas até agora nunca vistas.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Filhos gêmeos do Sol.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagens da mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 745</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XI</b>	<b>Verso 8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. Mas não é possível que Me vejas com teus olhos. Dou-te, pois, um olho divino <sup>4</sup> . Contempla-Me agora em Meu Yoga divino.			
<b>Texto da NT:</b> 4 A visão espiritual.			

<b>Observação:</b> Exp. sobre metáfora(?).
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 746</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 9</i>
<b>Texto do verso:</b> Sanjaya disse: 9. Tendo assim falado, ó Rei, Hari <sup>5</sup> , Senhor do Yoga, mostrou a Pártha sua Forma Suprema de Divindade Infinita, com rostos voltados para toda parte,			
<b>Texto da NT:</b> 5 Sobrenome de Vishnu e Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre antonomástico de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 747</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Em Teu corpo, ó Deus, contemplo todos os deuses e as inúmeras variedades de seres ao lado de Brahmá, sentado em Seu trono de lótus <sup>6</sup> , e todos os richis e serpentes divinas.			
<b>Texto da NT:</b> 6 Brahmá, o demiurgo de quatro rostos, nasceu de um lótus cuja haste saiu do umbigo de Vishnu.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre simbologia da mitologia hindu citada no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 748</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Vejo-Te com a fronte cingida pela tiara e armado com a maça e o disco <sup>7</sup> , mas mal posso distinguir-Te, pois és por toda parte a meu redor uma massa luminosa de energia, imensurável, resplandecente como o fogo e como o Sol.			
<b>Texto da NT:</b> 7 A tiara, a maça e o disco são insígnias de Vishnu. O disco (shakra) é uma arma de arremesso, de bordas cortantes.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma arma relacionada à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 749</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. Os rudras, adityas, vasus, sádhyas, vishvas <sup>8</sup> , ashvins, maruts e uchmapas <sup>9</sup> , assim como os músicos celestes, yashkas, asuras e siddhas Te contemplam todos maravilhados.			
<b>Texto da NT:</b> 8 Sádhyas são divindades cósmicas, de uma ordem inferior, que habitam a região intermediária entre o Céu e a Terra. Vishvas são deuses inferiores, ligados às cerimônias fúnebres.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagens da mitologia hindu que são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 750</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. Os rudras, adityas, vasus, sádhyas, vishvas <sup>8</sup> , ashvins, maruts e uchmapas <sup>9</sup> , assim como os músicos celestes, yashkas, asuras e siddhas Te contemplam todos maravilhados.			
<b>Texto da NT:</b> 9 Manes de antepassados que atingiram uma condição sobre-humana. Alimentam-se com o vapor que se exala dos alimentos quentes.			

**Observação:** Exp. sobre seres da mitologia hindu citados.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 751</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23. Os mundos se amedrontam como eu, ó Tu de braços poderosos, ao ver Tua Forma monstruosa, com tamanha profusão de bocas e olhos, tantos braços, pernas e pés, tantos ventres e tantos dentes ameaçadores <sup>10</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 10 O Ser Supremo é agora representado sob um novo aspecto. A glória e a magnificência cedem lugar ao terrível e inexorável.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 752</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25. Quando vejo Tuas bocas armadas de dentes ameaçadores e ardentes como o fogo devorador do fim do mundo <sup>11</sup> , meu ânimo se conturba e a alegria me abandona. Tem piedade de mim, Senhor dos deuses, Coluna do Universo!			
<b>Texto da NT:</b> 11 Ao terminar um kalpa, o mundo é destruído pelo fogo que a serpente Ananta lança de sua boca.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um conceito (fim do mundo) relacionado à mitologia hindu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 753</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Assim como borboletas se precipitam para uma fogueira, onde encontram uma morte certa, os mortais com ímpeto crescente lançam-se em Tuas bocas fatais <sup>12</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 12 Tais bocas flamejantes representam a matéria primordial em que se reabsorvem, e portanto se destroem, todos os seres ao chegar o período de dissolução do Universo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 754</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 32. Eu sou o tempo <sup>13</sup> destruidor do mundo; manifesto em minha plenitude para o extermínio da linhagem humana. Nenhum sequer dos guerreiros dos dois exércitos inimigos escapará da morte. Apenas tu sobreviverás.			
<b>Texto da NT:</b> 13 Kála. O tempo ou a morte; nada escapa à sua ação destruidora.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sans. de um trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 755</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 33</i>
-------------------	------------------------	--------------------	-----------------



**Texto do verso:** 33. Levanta-te, pois. Conquista a glória, triunfa sobre teus inimigos, apodera-te do vasto e opulento reino. Feri mortalmente teus adversários, torna-te apenas o instrumento<sup>14</sup>, ó arqueiro ambidestro.

**Texto da NT:** 14 Krishna havia decretado a morte dos Kurus; Arjuna devia ser o instrumento de tal sentença.

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>756</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>35</b>
<b>Texto do verso:</b> Sanjaya disse: 35. Ouvindo tais palavras de Keshava, o herói do diadema <sup>15</sup> , atemorizado e trêmulo, juntou as mãos e prosternando-se diante de Krishna, dirigiu-se a ele com voz entrecortada.			
<b>Texto da NT:</b> 15 Arjuna usava um diadema brilhante, presente do deus Indra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o antonomástico de Arjuna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>757</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>37</b>
<b>Texto do verso:</b> 37. E como poderiam deixar de adorar-Te, ó Espírito excelso, se Tu és maior que o próprio Brahmá <sup>16</sup> , se és Causa Primeira, infinito Senhor dos deuses, arca do Universo <sup>17</sup> , eterno e indivisível, Ser e não-ser, Aquele que está acima de tudo?			
<b>Texto da NT:</b> 16 Krishna representa a Divindade Suprema, Brahman (neutro), de quem procede Brahmá (masculino), personificação do poder criador da primeira.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre simbologia dos personagens.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>758</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>37</b>
<b>Texto do verso:</b> 37. E como poderiam deixar de adorar-Te, ó Espírito excelso, se Tu és maior que o próprio Brahmá <sup>16</sup> , se és Causa Primeira, infinito Senhor dos deuses, arca do Universo <sup>17</sup> , eterno e indivisível, Ser e não-ser, Aquele que está acima de tudo?			
<b>Texto da NT:</b> 17 Porque tudo está contido Nele.			
<b>Observação:</b> Exp. de metáfora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>759</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<b>Texto do verso:</b> 39. Tu és o Deus do ar, o Deus do fogo, o Deus do oceano e o Deus dos mortos <sup>18</sup> ; és a Lua, o gerador <sup>19</sup> e o bisavô <sup>20</sup> do mundo. Louvado sejas mil e mil vezes!			
<b>Texto da NT:</b> 18 Respectivamente Váyu, Agni, Varuna e Yama.			
<b>Observação:</b> Informação dos nomes de quatro deidades cujos antonomásticos(?)(deus do oceano...) são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>760</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<b>Texto do verso:</b> 39. Tu és o Deus do ar, o Deus do fogo, o Deus do oceano e o Deus dos mortos <sup>18</sup> ; és a Lua, o			

gerador <sup>19</sup> e o bisavô <sup>20</sup> do mundo. Louvado sejas mil e mil vezes!
<i>Texto da NT:</i> 19 Prajapati.
<i>Observação:</i> Informação do nome de um personagem da mitologia hindu a que um antonomástico se refere.
<i>Outras etiquetas:</i> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>761</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<i>Texto do verso:</i> 39. Tu és o Deus do ar, o Deus do fogo, o Deus do oceano e o Deus dos mortos <sup>18</sup> ; és a Lua, o gerador <sup>19</sup> e o bisavô <sup>20</sup> do mundo. Louvado sejas mil e mil vezes!			
<i>Texto da NT:</i> 20 Pai de Brahmá, que por sua vez é pai dos prajápatís ou progenitores.			
<i>Observação:</i> Exp. sobre um ser da mitologia hindu citado.			
<i>Outras etiquetas:</i> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>762</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>41</b>
<i>Texto do verso:</i> 41. Se considerando-Te como simples amigo fui irreverente dizendo: “Krishna, Yádava <sup>21</sup> , meu amigo”; se desconheci Tua inefável majestade, seja por inadvertência, seja porque me cegara o afeto.			
<i>Texto da NT:</i> 21 Nome de família equivalente a "filho de Yadu". Em sua natureza humana, Krishna era descendente de Yadu.			
<i>Observação:</i> Exp. sobre antonomástico de Krsna.			
<i>Outras etiquetas:</i> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>763</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>46</b>
<i>Texto do verso:</i> 46. Anseio por ver-Te como antes, coroado com a tiara empunhando a maça e o disco. Assume de novo Tua forma de quatro braços <sup>22</sup> , ó Tu que está dotado de mil braços e formas inumeráveis.			
<i>Texto da NT:</i> 22 Krishna costuma ser representado com quatro braços.			
<i>Observação:</i> Exp. sobre simbologia de Krsna como deidade (Krsna com 4 braços).			
<i>Outras etiquetas:</i> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>764</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>47</b>
<i>Texto do verso:</i> Krishna disse: 47. Por uma graça especial e em virtude de Meu poder místico <sup>23</sup> , desvelei-te, Arjuna, Minha Forma Suprema, gloriosa, infinita, universal e primitiva, que até o presente ninguém além de ti pôde admirar.			
<i>Texto da NT:</i> 23 Átman Yoga.			
<i>Observação:</i> Informação do termo sans. de um trad.			
<i>Outras etiquetas:</i> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>765</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>50</b>
<i>Texto do verso:</i> Sanjaya disse: 50. Dizendo isso, Vásudeva <sup>24</sup> manifestou-se novamente em sua forma própria. Mostrando-se assim em sua forma plácida, o Senhor magnânimo tranqüilizou o aterrado Arjuna.			
<i>Texto da NT:</i> 24 Krishna em sua forma mortal, como filho de Vásudeva.			

**Observação:** Exp. sobre antonomástico de Krsna.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>766</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XII</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 1. Entre os homens piedosos, quem tem maior conhecimento do Yoga: os que Te adoram com devoção constante ou os que adoram o imperecível Imanifesto1?			
<b>Texto da NT:</b> 1 Há dois caminhos de devoção que conduzem à Meta Divina: o daqueles que adoram a Divindade manifesta em uma ou outra forma material, como Krishna, e o daqueles que O adoram em sua natureza mais sublime, puramente espiritual ou Imanifesta. O primeiro caminho (sampraináta samádhi, ou meditação com objeto) é relativamente fácil. O homem tem diante de si uma imagem concreta a que dirigir adoração, ou sobre que meditar. O segundo caminho (asamprajnáta samádhi, ou meditação sem objeto) é superior ao primeiro, mas muito mais difícil de seguir, pois requer grande poder de abstração e um grau elevado de sublimidade mental.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>767</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XII</b>	<i>Verso</i> <b>9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9. Mas se não tens aptidão para fixar com persistência teu pensamento em Mim, procura alcançar-Me, Dhananjaya, através do Yoga da perseverança2.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Abhyása Yoga. Segundo Ádi Shankaracharya, esse abhyása (esforço, prática, perseverança) consiste em abstrair-se por completo, fixando com insistência a atenção num objeto único.			
<b>Observação:</b> Informação dos termos (abhyasa yoga) em sans. de dois trad. (Yoga da perseverança); citação do comentário de Sankara sobre o sentido de um termo traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>768</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XII</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Mas se isso ainda exceder tuas forças, recorre então à devoção a Mim e subjugando-te a ti mesmo, renuncia ao fruto de tuas obras3.			
<b>Texto da NT:</b> 3 No parágrafo anterior faz-se referência às obras piedosas do culto divino. Aqui trata-se de todo tipo de ação, como as que são inerentes à condição de cada um.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>769</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. que vê da mesma forma a lisonja e o insulto e vive silencioso, contente e feliz com tudo o que lhe acontece, sem lugar4, mantendo a mente firme e o coração cheio de fervor, tal homem é amado por Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 4 Isto é, que abandona sua casa para entregar-se à vida ascética.			

**Observação:** Exp. de metáfora.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 770</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 0</i>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: O que é matéria e o que é Espírito? Que se entende por meio e conhecedor do meio, por conhecimento e objeto do conhecimento? Eis o que desejo saber, ó Keshava.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Esse versículo, que consta da edição do Mahabhárata de Calcutá, de Annie Besant e Bhagaván Dás e de vários manuscritos, entre os quais o da Biblioteca Nacional de Paris, é provavelmente adicional.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre um verso que consta na edição crítica, porém não está em outras.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 771</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Este corpo, filho de Kuntí, é chamado meio <sup>2</sup> e aquele que o conhece é chamado pelos sábios de conhecedor do meio <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 2 Kshetra significa "perecível" e também "residência, morada, terreno, campo, matéria, corpo", etc. Todas essas acepções se aplicam a esse caso. "Residência", porque a matéria é morada do Espírito; "campo", por ser o terreno em que se semeiam as sementes boas ou más e onde se colhem os frutos de nossas ações; "corpo", porque é o veículo do Eu individual. É preciso notar, no entanto, que não se trata simplesmente do corpo físico, ou da matéria grosseira, mas do agregado de todos os componentes que integram a parte material do ser humano, incluindo os sentidos, a mente, etc. O termo "meio", a meu ver, é o que mais se aproxima do termo em questão, denotando a substância, centro ou espaço material em que reside o Espírito.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo em sans. trad.; exp. sobre a escolha de tradução de um termo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 772</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Este corpo, filho de Kuntí, é chamado meio <sup>2</sup> e aquele que o conhece é chamado pelos sábios de conhecedor do meio <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 Kshetrajña. O Espírito individual, o verdadeiro Eu, o Espírito Supremo e consciente, presente em todos os seres do Universo.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 773</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. Sabe também que Eu sou o conhecedor do meio em todos os meios <sup>4</sup> , filho de Bhárata. A ciência que abarca o meio e o conhecedor do meio é, a Meu ver, o que constitui a verdadeira sabedoria.			
<b>Texto da NT:</b> 4 O Espírito individual, próprio de cada ser, é uma parte do Espírito Universal.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 774	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4. Ele já foi celebrado de várias maneiras pelos richis nos diversos hinos védicos e também nos Brahma-sûtras <sup>5</sup> que dele apresentam a análise racional e filosófica.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Aforismos referentes a Brahman, atribuídos a Vyasa.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um texto (Brahmasutras) cujo título é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 775	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. A energia imanifesta, indiscriminada <sup>6</sup> ; os cinco estados elementares da matéria <sup>7</sup> ; os dez sentidos e o sentido interno <sup>8</sup> e os cinco domínios dos sentidos <sup>9</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 6 Avyakta.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 776	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. A energia imanifesta, indiscriminada <sup>6</sup> ; os cinco estados elementares da matéria <sup>7</sup> ; os dez sentidos e o sentido interno <sup>8</sup> e os cinco domínios dos sentidos <sup>9</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 7 Mahâbhûtas.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 777	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. A energia imanifesta, indiscriminada <sup>6</sup> ; os cinco estados elementares da matéria <sup>7</sup> ; os dez sentidos e o sentido interno <sup>8</sup> e os cinco domínios dos sentidos <sup>9</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 8 Indriyas, as cinco faculdades sensitivas e os cinco poderes de ação, e Manas, sentido interno.			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo em sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 778	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. A energia imanifesta, indiscriminada <sup>6</sup> ; os cinco estados elementares da matéria <sup>7</sup> ; os dez sentidos e o sentido interno <sup>8</sup> e os cinco domínios dos sentidos <sup>9</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 9 Góshara, as cinco classes de objetos, correspondentes aos cinco sentidos.			
<b>Observação:</b> Informação e def. do termo em sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 779	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6. atração e aversão, prazer e dor, consciência <sup>10</sup> , resistência <sup>11</sup> e o organismo <sup>12</sup> ; eis o que			

constitui o meio e suas diversas modificações.
<b>Texto da NT:</b> 10 Chaitánya.
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um trad.
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>780</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. atração e aversão, prazer e dor, consciência <sup>10</sup> , resistência <sup>11</sup> e o organismo <sup>12</sup> ; eis o que constitui o meio e suas diversas modificações.			
<b>Texto da NT:</b> 11 Dhriti. Segundo Ádi Shankaracharya, uma força que provém do interior do organismo, graças à qual o corpo recupera as energias perdidas depois de cair em estado de abatimento.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um trad.; citação de Sankara que def. o termo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da <i>BG</i> ; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>781</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6. atração e aversão, prazer e dor, consciência <sup>10</sup> , resistência <sup>11</sup> e o organismo <sup>12</sup> ; eis o que constitui o meio e suas diversas modificações.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Sangháta.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>782</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. indiferença pelos objetos dos sentidos, falta de egoísmo, reflexão sobre os males inerentes ao nascimento, decrepitude, enfermidade, dor e morte <sup>13</sup> ;			
<b>Texto da NT:</b> 13 A reflexão sobre os males inerentes à vida terrena é um escudo poderoso contra as seduções que pode nos oferecer a vida com sua felicidade ilusória			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>783</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Vou mostrar-te agora o que se deve conhecer; Aquele através de cujo conhecimento se alcança a Imortalidade: o eterno e supremo Brahman, que não é qualificado nem como Ser, nem como não-ser <sup>14</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 14 Sat e asat. Carecendo de qualidades e sendo inativo por si mesmo, Brahman, o Inconcebível, só pode ser descrito através de negações (não é isso, nem aquilo). Nenhuma palavra pode expressá-lo.			
<b>Observação:</b> Informação de dois termos em sans. de dois trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 784</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Carecendo de sentidos, reflete-se em todas as funções sensitivas <sup>15</sup> ; desligado de todas as coisas, é seu suporte e isento de qualidades <sup>16</sup> , participando de todas elas.			
<b>Texto da NT:</b> 15 O Espírito é passivo, mas refletindo-se nas funções de todos os sentidos e faculdade de nosso ser, aparenta ser ativo.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 785</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Carecendo de sentidos, reflete-se em todas as funções sensitivas <sup>15</sup> ; desligado de todas as coisas, é seu suporte e isento de qualidades <sup>16</sup> , participando de todas elas.			
<b>Texto da NT:</b> 16 Gunas.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito relacionado a um traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 786</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Encontra-se dentro e fora de todos os seres. É imóvel e ao mesmo tempo dotado de movimento. É imperceptível em sua sutileza extrema, e está ao mesmo tempo próximo e distante <sup>17</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 17 Próximo do homem iluminado, virtuoso; distante do ignorante.			
<b>Observação:</b> Explicação/comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 787</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21. Pois, desde que o Espírito reside na matéria, experimenta as (influências das) qualidades nela originadas. E seu apego a tais qualidades é causa de sua reencarnação em uma matriz boa ou má <sup>18</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 18 A influência das três qualidades (gunas) determina as condições do futuro nascimento.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sâns. de um termo trad.; comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 788</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22. Testemunha, fonte de assentimento <sup>19</sup> , experimentador, Senhor Soberano e também Eu Supremo, assim é o Supremo Espírito que habita este corpo.			
<b>Texto da NT:</b> 19 Anumanta, o que consente ou permite.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 789</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> 24. Esse conhecimento pode ser alcançado pela meditação interior, através da qual o Eu Eterno se desvela em nós mesmos, ou pelo Sámkhya Yoga <sup>20</sup> , ou ainda pelo Yoga da ação.			

**Texto da NT:** 20 Segundo os comentadores, não se trata aqui da doutrina de Kapila (Sámkhya), mas do Yoga do conhecimento.

**Observação:** Citação do comentário de outros exegetas sobre o sentido de dois termos (saMkhya yoga) no verso.

**Outras etiquetas:** Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 790</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Também vê a verdade aquele que percebe que todas as ações são executadas pela matéria <sup>21</sup> , e que o Espírito permanece inativo.			
<b>Texto da NT:</b> 21 Isto é, pela ação dos três gunas, que emanam da Natureza material.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 791</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2. Recorrendo a tal conhecimento, identificados Comigo, não renascem ao chegar o tempo da emanação <sup>1</sup> , nem são atingidos pela dissolução universal.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Ao início de um novo kalpa, todos os seres emanam outra vez da Divindade.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre conceito (kalpa) da mitologia citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 792</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. O grande Brahman <sup>2</sup> é Minha matriz e nela Eu deposito a semente que dá origem a todos os seres, filho de bhârata.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Brahman tem aqui o significado de "Natureza material" (Prakriti), que é a imensa matriz do Cosmo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o sentido de um termo (brahman) no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 793</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> 10. Subjugadas rajas e tamas, predomina sattva, ó filho de bhârata. Dominadas sattva e tamas, predomina rajas. E subjugadas sattva e rajas, predomina tamas <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 Em cada ser existem sempre, reunidas em diferentes proporções, as três qualidades. Do predomínio de uma sobre as outras nascem as diferenças individuais.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 794</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XIV</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Se prevalece sattva quando o mortal chega à dissolução do corpo, ele se encaminha às			



regiões puras daqueles que possuem grande sabedoria<sup>4</sup>.

**Texto da NT:** 4 Provavelmente algum dos mundos supraterestrres, como o Céu de Indra, etc (mas não o da Divindade Suprema, só acessível aos que superaram as três qualidades). Devem renascer mais tarde entre pessoas iluminadas, progredindo assim no caminho do verdadeiro conhecimento.

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>795</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIV</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. aquele que, inalterável no prazer e na dor, vive no Eu <sup>5</sup> , contemplando com a mesma indiferença o barro, a pedra e o ouro, mostrando-se o mesmo no prazer e desprazer, no elogio e no insulto, firme,			
<b>Texto da NT:</b> 5 Isto é, em repouso no Eu e desligado de todo objeto exterior.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>796</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 1. Eterno é chamado o Ashvattha, a figueira sagrada que tem suas raízes para cima e os ramos para baixo. Suas folhas são os hinos védicos <sup>1</sup> . Quem o conhece, conhece os Vedas.			
<b>Texto da NT:</b> 1 O Ashvattha é o símbolo do Universo, da vida e do ser. Suas raízes simbolizam o Ser Supremo, a Causa Primeira, a raiz do Cosmo. A corrente cíclica da existência individual é representada por seus ramos que descem até o solo engendrando novas raízes. Essa árvore só pode ser derrubada através do conhecimento espiritual. Sua destruição conduz à Imortalidade.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um objeto (ashvattha) citado e sua simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>797</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2. Seus ramos se espalham para cima e para baixo, nutridos pelas três qualidades. Suas folhas são os objetos dos sentidos. Suas raízes, os vínculos da ação no mundo dos mortais <sup>2</sup> , se estendem para baixo.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Essas raízes secundárias, símbolo das obras sugeridas pelos desejos ou inclinações pessoais, prendem o homem a sucessivos nascimentos.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>798</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. pode ir à procura daquela Meta, da qual, desde que se consiga alcançá-la, não se retorna jamais. Refiro-me àquele Princípio Primordial, de que brotou a antiga emanção <sup>3</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 3 Pravritti, o Universo, ou mundo dos fenômenos.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. trad. no verso e outras acepções/sinônimos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa;			

Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 799	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> 7. Uma parte eterna de Mim mesmo, convertida em Espírito individual <sup>4</sup> no mundo dos viventes, atrai o sentido interno e os outros cinco sentidos que têm sua sede na natureza material.			
<b>Texto da NT:</b> 4 Jíva, o Eu humano.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sans. trad. no verso e outra acepção/sinônimo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 800	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8. Quando o Senhor toma posse de um corpo, ou quando o abandona, leva consigo o sentido interno e os demais <sup>5</sup> , assim como a brisa transporta o perfume das flores.			
<b>Texto da NT:</b> 5 De acordo com a filosofia Sámkhya, o Espírito individual (Jíva) se reveste de um corpo fluido, sutilíssimo, etéreo, constituído pelo intelecto (buddhi), consciência egóica (ahamkára), sentido interno (manas) e os cinco elementos sutis (tanmátras), correspondentes aos cinco sentidos. Esse corpo sutil, laço de união entre o Espírito e a matéria, acompanha o Espírito (Jíva) em suas transmigrações, até que este se liberte definitivamente, quando o corpo sutil se dissolve para sempre na matéria primordial, enquanto o Espírito se absorve na Divindade.			
<b>Observação:</b> Exp. da filosofia saMkhya relacionada ao conteúdo do verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 801	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> 13. Penetrando na Terra, sustento todas as criaturas com Minha energia vital e, transformado em soma <sup>6</sup> suculento, nutro todas as plantas e lhes dou sabor.			
<b>Texto da NT:</b> 6 A seiva que nutre os vegetais.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um objeto cujo nome é citado e não trad. (soma como seiva).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 802	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. Transformado em calor <sup>7</sup> , penetro no corpo de todos os seres que respiram e, unindo-Me ao ar inspiratório e expiratório, produzo a digestão dos quatro tipos de alimento.			
<b>Texto da NT:</b> 7 A digestão, segundo antiga crença dos hindus, devia-se a um fogo interno.			
<b>Observação:</b> Exp. de simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Explicação sobre cultura indiana; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 803	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Habito o coração de todos e de Mim provêm a memória, o conhecimento e a provação de ambos <sup>8</sup> . Sou o que se deve conhecer em todos os Vedas. Sou o autor do Vedanta <sup>9</sup> e o conhecedor dos Vedas.			
<b>Texto da NT:</b> 8 Assim como o conhecimento e a memória são dotes dos justos, os pecadores perdem tais			

faculdades.
<b>Observação:</b> Comentário.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 804	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> 15. Habito o coração de todos e de Mim provêm a memória, o conhecimento e a provação de ambos <sup>8</sup> . Sou o que se deve conhecer em todos os Vedas. Sou o autor do Vedanta <sup>9</sup> e o conhecedor dos Vedas.			
<b>Texto da NT:</b> 9 O Vedanta (literalmente "final dos Vedas"), sistema de interpretação dos Vedas, é posterior à Bhagavad Gítá. Segundo Ádi Shankaracharya, essa passagem significa: "Sou o intérprete das verdades dos Vedas".			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo sans. não trad. (vedAnta); citação do comentário de Sankara sobre o sentido deste termo no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 805	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Mas há outro princípio, o mais elevado, a que se dá o nome de Espírito Supremo <sup>10</sup> , o Senhor Eterno e Infinito que preenche e mantém os três mundos.			
<b>Texto da NT:</b> 10 Paramátman.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 806	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XV</i>	<i>Verso 18</i>
<b>Texto do verso:</b> 18. Porque sou superior ao perecível e ao imperecível, o mundo e os Vedas Me proclamam Princípio Supremo <sup>11</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 11 Purushottama.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito de um trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 807	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVI</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3. energia, paciência, firmeza, pureza, misericórdia, recato - tais são os dotes daquele que nasceu na condição divina <sup>1</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 1 Como recompensa aos méritos adquiridos em vidas anteriores.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 808	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVI</i>	<i>Verso 5</i>
<b>Texto do verso:</b> 5. A qualidade divina conduz à libertação <sup>2</sup> ; a demoníaca leva à escravidão. Mas não temas, filho de Prithá. Tu nasceste na condição divina.			

<b>Texto da NT:</b> 2 Libertação de todo nexu com a matéria: o nirvana.
<b>Observação:</b> Def. do sentido de um termo traduzido no verso.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 809</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVI</b>	<b>Verso 8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. “No Universo”, dizem eles, “não há verdade, nem base moral nem Deus. Seu desenvolvimento não obedece a um plano ordenado; é produto da união sexual <sup>3</sup> . Não tem outra causa além da sensualidade”.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Thomson e Davies explicam essa passagem dizendo que tais homens negam que a criação obedeça ao desenvolvimento regular, à sucessão ordenada, descritos na cosmologia das escolas Sámkhya e Yoga. Todos os comentadores hindus e a maioria dos tradutores opinam que o significado dessa passagem é que o Universo é produto da união dos sexos e não tem outra causa além da sensualidade. Trata-se ainda de uma alusão às doutrinas da escola filosófica de Shárvara (de acordo com o Mahabhárata, um demônio em forma de bráhmene). Este, materialista e cético, afirmava que os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) se combinavam entre si, produzindo o corpo humano, a inteligência e a sensibilidade. Segundo essa seita, a alma não existe, as Escrituras não têm nenhuma autoridade e a única finalidade da existência é o gozo de todos os prazeres possíveis.			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de outro tradutores.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 810</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVI</b>	<b>Verso 9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9. Baseados nessas idéias, esses homens, de alma perdida <sup>4</sup> , de fraco entendimento e de atos brutais, aparecem como inimigos nascidos para ruína do gênero humano.			
<b>Texto da NT:</b> 4 "Que perderam toda possibilidade de alcançar os mundos superiores" (Ádi Shankaracharya).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de SaGkara,			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 811</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVI</b>	<b>Verso 20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. Caídos em tais matrizes demoníacas, submergindo gradualmente no erro, de geração em geração, sem nunca alcançar-Me, esses infelizes vão caindo até a condição mais baixa <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 5 Incapazes de progresso espiritual, por causa de sua índole perversa, vão descendo em suas reiteradas transmigrações, passando pelos seres inferiores, até chegar ao mundo da matéria inorgânica.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 812</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVI</b>	<b>Verso 22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22. O homem que consegue escapar dessas três portas das trevas <sup>6</sup> , filho de Kuntí, cultiva sua própria salvação, alcançando, assim, a Meta Suprema.			

<b>Texto da NT:</b> 6 Regiões infernais.
<b>Observação:</b> Exp. de simbologia
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 813</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVII</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 2. Entre os mortais, há três tipos de fé, nascidas de sua natureza individual <sup>1</sup> . A fé pode ser sáttvica, rajásica ou tamásica <sup>2</sup> . Escuta a descrição das três.			
<b>Texto da NT:</b> 1 Svábháva.			
<b>Observação:</b> Informação do termo sânscrito trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 814</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVII</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 2. Entre os mortais, há três tipos de fé, nascidas de sua natureza individual <sup>1</sup> . A fé pode ser sáttvica, rajásica ou tamásica <sup>2</sup> . Escuta a descrição das três.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Seguindo vários tradutores, adotei os adjetivos sáttvico, rajásico e tamásico, derivados dos substantivos sattva, rajas e tamas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre estratégia de tradução adotada, inspirada em outros tradutores, para adaptar (nacionalizar) adjetivos de certos termos (sáttvico...) em sânscrito derivados de substantivos sânscritos (sattva, rajas e tamas).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 815</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVII</b>	<b>Verso 4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4. Os homens de índole sáttvica adoram os deuses. Os que têm caráter rajásico adoram os yashkas e os rákshasas, e os de natureza tamásica prestam culto às sombras <sup>3</sup> e aos espíritos elementares.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Pretas. Seres humanos desencarnados que habitam o mundo das sombras.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo sânsc. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 816</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVII</b>	<b>Verso 5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5. Os homens que praticam acerbas penitências, não prescritas nos Livros Sagrados <sup>4</sup> , estando por outro lado cheios de hipocrisia e egoísmo, deixando-se arrastar pela violência de seus desejos e paixões,			
<b>Texto da NT:</b> 4 Alusão a mortificações e penitências cruéis que afetam apenas o corpo.			
<b>Observação:</b> Exp. de metonímia/alusão.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 817</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVII</b>	<b>Verso 10</b>
<b>Texto do verso:</b> 10. Os alimentos passados, rançosos, corrompidos, insípidos, restos de comida e pratos impuros <sup>5</sup> são os preferidos pelos homens de temperamento tamásico.			
<b>Texto da NT:</b> 5 Os que não são apropriados como oferendas nos sacrifícios.			

**Observação:** Exp. sobre metáfora.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> <b>818</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19. A ascese praticada com o tolo propósito de torturar-se a si mesmo, ou de fazer mal a alguém <sup>6</sup> , é dita tamásica.			
<b>Texto da NT:</b> 6 Através de um sistema contínuo de mortificações pode-se adquirir poderes extraordinários, entre os quais, ao que se diz, o de causar dano a uma pessoa qualquer, através de uma maldição.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>819</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20. A esmola oferecida a uma pessoa merecedora de tal benefício e que não possa retribuí-lo, com a idéia de cumprir um dever e em tempo e lugar adequados <sup>7</sup> , é sáttvica.			
<b>Texto da NT:</b> 7 "Lugar adequado" é um lugar sagrado, e o tempo oportuno pode ser durante um eclipse, no plenilúnio, o último dia do mês, a manhã, etc.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metáfora(?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>820</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>23</b>
<b>Texto do verso:</b> 23. Om tat sat <sup>8</sup> : é essa a tríplice designação de Brahman. Por ela foram criados em tempos antigos os brahmáns, os Vedas e os sacrifícios.			
<b>Texto da NT:</b> 8 Essas três palavras equivalem, de certa forma, à sentença mística "Tu és Aquele", através da qual se expressa o Espírito Supremo em Sua relação com o Universo, indicando-se a divindade com a sílaba Om, sua universalidade com tat e sua existência real e eterna com Sat.			
<b>Observação:</b> Exp. de uma expressão em sânscrito não traduzida.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>821</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24. Por essa razão, os conhecedores de Brahman jamais iniciam os atos de sacrifício, caridade ou mortificação, ordenados pela lei, sem antes pronunciar o monossílabo Om <sup>9</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 9 "Um ato de culto imperfeito pode tornar-se perfeito desde que se pronuncie uma das designações da divindade" (Ádi Shankaracharya).			
<b>Observação:</b> Citação do comentário de shaGkara.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> <b>822</b>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVIII</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Arjuna disse: 1. Gostaria de saber, ó Tu de braço poderoso, qual é a verdadeira natureza da renúncia, ó Hrishíksha, e a do abandono, assim como o que diferencia um do outro, ó matador de Keshin <sup>1</sup> .			

<b>Texto da NT:</b> 1 Gigante ou monstro assim chamado.
<b>Observação:</b> Exp. de um monstro cujo nome é citado em um antonomástico de Arjuna.
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de fim de capítulo;

<b>Código 823</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 2. Os sábios entendem por renúncia <sup>2</sup> a abstenção das ações sugeridas pelo desejo; e por abandono <sup>3</sup> entendem os que conhecem a renúncia ao fruto de todas as ações.			
<b>Texto da NT:</b> 2 Sannyasa.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 824</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> Krishna disse: 2. Os sábios entendem por renúncia <sup>2</sup> a abstenção das ações sugeridas pelo desejo; e por abandono <sup>3</sup> entendem os que conhecem a renúncia ao fruto de todas as ações.			
<b>Texto da NT:</b> 3 Tyága. Essa palavra e a anterior são sinônimas. Ambas significam renúncia, abandono. Mas, de acordo com o texto, sannyása exprime a renúncia ou abandono da ação, abstenção de agir, relativa aos atos relacionados com os desejos, enquanto tyága se refere à renúncia ou abandono dos frutos da ação.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. trad.; exp. sobre sentido do termo no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 825</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 8</b>
<b>Texto do verso:</b> 8. Aquele que por temor a moléstias corporais abandona alguma obra dizendo: “Isso é penoso”, pratica um abandono de natureza rajásica, e não recolhe o fruto <sup>4</sup> de tal abandono.			
<b>Texto da NT:</b> 4 A libertação, que é a recompensa da renúncia fundamentada no conhecimento.			
<b>Observação:</b> Explicação ou exp. de metáfora.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 826</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11. Na verdade, não é possível um ser encarnado abandonar completamente a ação, mas quem abandona o fruto de suas obras é considerado um tyágin <sup>5</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 5 Renunciador.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo em sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<b>Código 827</b>	<b>Ferreira (1973)</b>	<b>Capítulo XVIII</b>	<b>Verso 12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12. Pode ser de três tipos o fruto da ação que, depois da morte, colhe o homem que não pratica o abandono: bom, mau e misto <sup>6</sup> . Mas não o recolhe em parte alguma aquele que renuncia à ação <sup>7</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 6 "Bom: o Céu, o mundo dos deuses; mau: o inferno, a transmigração em escala descendente;			

misto: a condição humana, o retorno à existência terrena". (Ádi Shankaracharya).
<b>Observação:</b> Citação do comentário de shaGkara.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 828	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> 12. Pode ser de três tipos o fruto da ação que, depois da morte, colhe o homem que não pratica o abandono: bom, mau e misto <sup>6</sup> . Mas não o recolhe em parte alguma aquele que renuncia à ação <sup>7</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 7 Cabe aqui a dúvida sobre se essa passagem significa que o homem que renuncia simplesmente à ação não colhe seu fruto, como o lavrador que não cultivava suas terras, ou se o verdadeiro renunciador, o sannyási, que abandona toda ação para consagrar-se exclusivamente ao conhecimento espiritual, não colhe esse tipo de frutos, efêmeros e ilusórios, mas alcança o nirvana.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre uma passagem com interpretação dúbia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 829	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. o corpo <sup>8</sup> , o agente <sup>9</sup> , os diversos órgãos, as múltiplas funções e em quinto lugar a intervenção divina <sup>10</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 8 Adhishthána.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 830	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. o corpo <sup>8</sup> , o agente <sup>9</sup> , os diversos órgãos, as múltiplas funções e em quinto lugar a intervenção divina <sup>10</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 9 Jíva, a alma dotada das faculdades da inteligência e da ação.			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 831	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> 14. o corpo <sup>8</sup> , o agente <sup>9</sup> , os diversos órgãos, as múltiplas funções e em quinto lugar a intervenção divina <sup>10</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 10 As divindades, graças às quais os sentidos e órgãos desempenham suas funções.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 832	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17. Aquele que está livre de egoísmo <sup>11</sup> e cujo entendimento não está ofuscado, ainda que mate todos esses homens, não mata e não se prende a semelhante ação.			
<b>Texto da NT:</b> 11 Ahankâra.			



**Observação:** Informação de um termo sans. trad.

**Outras etiquetas:** Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 833	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 18</i>
<b>Texto do verso:</b> 18. O conhecimento, o objeto cognoscível e o conhecedor <sup>12</sup> constituem o impulso para ação. O órgão, a operação e o agente são os três elementos que integram a ação.			
<b>Texto da NT:</b> 12 Isto é, o conhecimento do ato que se vai executar, o ato que se vai conhecer e executar e o conhecedor do ato.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 834	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Há também três tipos de juízo <sup>13</sup> e de firmeza <sup>14</sup> , correspondentes às três qualidades, conforme vou expor-te em ordem e sem reserva, ó Dhananjaya.			
<b>Texto da NT:</b> 13 Buddhi.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 835	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29. Há também três tipos de juízo <sup>13</sup> e de firmeza <sup>14</sup> , correspondentes às três qualidades, conforme vou expor-te em ordem e sem reserva, ó Dhananjaya.			
<b>Texto da NT:</b> 14 Dhriti.			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 836	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> 33. Sáttvica, ó Pártha, é a firmeza através da qual se reprime a ação do pensamento, dos alentos vitais e dos órgãos dos sentidos, em inalterável estado de Yoga <sup>15</sup> .			
<b>Texto da NT:</b> 15 Concentração mental. Segundo Ádi Shankaracharya e Anandagiri, a concentração da mente no Espírito é o único meio de reprimir a atividade do pensamento, dos alentos vitais e dos sentidos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o sentido de um termo (yoga) não traduzido no verso através da citação do comentário de dois outros tradutores (Sankara e Anandagiri).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro tradutor da BG; Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 837	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> 37. aquele que de início parece amargo veneno <sup>16</sup> , mas que ao fim é como néctar, sendo resultado da placidez e do claro conhecimento do Espírito, é um prazer sáttvico.			
<b>Texto da NT:</b> 16 As mortificações, o refreamento dos sentidos e o abandono das coisas mundanas são causa de pesar até que, graças a reiterados esforços, se consiga obter a paz de espírito.			

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código</i> 838	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 38</i>
<b>Texto do verso:</b> 38. Aquele que, originado da relação dos sentidos com seus objetos, é de início saboroso como o néctar, mas ao fim se transforma em veneno amargo <sup>17</sup> , é um prazer rajásico.			
<b>Texto da NT:</b> 17 Os prazeres puramente sensuais são efêmeros, deixando atrás de si um certo sentimento de pesar.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 839	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41. Entre os brahmânas, kshatriyas, vaishyas e shúdras, ó terror de teus inimigos, foram distribuídos os karmas <sup>18</sup> , de acordo com as qualidades predominantes em suas respectivas naturezas.			
<b>Texto da NT:</b> 18 Karma significa ação, dever, função e também o destino que surge da natureza de cada um, moldado por seus atos, pensamentos e desejos da atual existência ou das anteriores.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sânscrito não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 840	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 52</i>
<b>Texto do verso:</b> 52. freqüentando paragens solitárias, sendo frugal, dominando o corpo, a palavra e o pensamento, consagrando-se assiduamente ao Yoga da contemplação <sup>19</sup> , fugindo de anseios e paixões;			
<b>Texto da NT:</b> 19 Dhyânayoga			
<b>Observação:</b> Informação de um termo sans. trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Informação do termo sânscrito; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 841	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 53</i>
<b>Texto do verso:</b> 53. livre de egoísmo, violência, orgulho, concupiscência (sensualidade), cólera e sentimento de posse <sup>20</sup> , vivendo com o ânimo tranqüilo, está pronto para unir-se a Brahman.			
<b>Texto da NT:</b> 20 O homem que adquire tal estado de perfeição deve desprender-se de tudo, a ponto de não considerar como seus, seu próprio corpo e sua própria vida.			
<b>Observação:</b> Comentário.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código</i> 842	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 54</i>
<b>Texto do verso:</b> 54. Unido a Brahman <sup>21</sup> e mantendo o ânimo sereno, o homem cessa de gemer e de ansiar, e mostrando-se igual em relação a todas as criaturas, alcança a suprema devoção a Mim.			
<b>Texto da NT:</b> 21 Estando intimamente unido a Ele através de profunda concentração mental, que lhe permite chegar ao conhecimento do Ser Supremo e ver a identidade entre o Espírito individual e o Universal.			

**Observação:** Comentário.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de fim de capítulo;

<i>Código 843</i>	<i>Ferreira (1973)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 75</i>
<b>Texto do verso:</b> 75. Por graça especial de Vyâsa <sup>22</sup> , pude ouvir esse Supremo Mistério do Yoga, desvelado pelo Senhor do Yoga, pelo próprio Krishna, em minha presença.			
<b>Texto da NT:</b> 22 O sábio Vyâsa concedeu a Sanjaya o dom da percepção espiritual, que lhe permitiu inteirar-se do diálogo entre Krishna e Arjuna, para que pudesse desvelar os detalhes da luta ao rei cego Dhritarâshtra.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem do enredo da <i>BG</i> cujo nome é citado; exp. sobre o enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de fim de capítulo;			

<i>Código 844</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> Sanjaya (a Dhritarashtra): Então Krishna, dominador dos sentidos, assim instado por Muna, o conquistador da preguiça <sup>(1)</sup> , dirigiu sua esplendorosa carruagem para um lugar, no meio dos dois exércitos,			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Arjuna é tradicionalmente suposto ter vivido completamente sem dormir. Podemos pensar que isso significa que ele conquistou todas as formas de inação.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre antonomástico de Arjuna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código 845</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 33</i>
<b>Texto do verso:</b> Ó Govinda <sup>(1)</sup> , Como posso eu me importar Com poder ou prazer, Minha própria vida mesmo, Quando todos estes outros, Mestres, pais, Avós, tios, Filhos e irmãos, Netos e primos, Aqueles por amor de quem apenas Eu podia desfrutá-los, Estão aqui prontos Para arriscar sangue e riqueza Numa guerra contra nós?			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Doador de iluminação (um dos nomes de Sri Krishna).			
<b>Observação:</b> Aviso e tradução de um antonomástico de Krishna; [O texto do verso é do v.33 e 34, mas a NT com certeza incide sobre o v.33].			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código 846</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 19</i>
<b>Texto do verso:</b> Alguns dizem que este Atman <sup>(1)</sup> É assassinado, e outros Chamam-no de assassino; Eles não sabem nada. Como pode Ele matar Ou quem O matará?			
<b>Texto da NT:</b> (1)- A Divindade que está dentro de cada ser.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 847</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> Expliquei-te a verdadeira natureza do Atman. Agora ouve sobre o método de Karma Yoga. <sup>(1)</sup> Se puderes entendê-lo e segui-lo, poderás quebrar as cadeias do desejo que te amarra às tuas ações.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Karma: 1) Trabalho, ação. 2) Efeito de uma ação. 3) Lei de causa e efeito que governa a ação			

e seus efeitos nos planos físico e psicológico. Yoga: 1) União com Deus. 2) Um caminho prescrito de vida espiritual. Os vários Yogas são, portanto, caminhos diferentes para união com Deus. Karma Yoga é o caminho da ação desinteressada dedicada a Deus. Yogi: Aquele que pratica yoga.

**Observação:** Def. de dois termos (karma yoga) em sans. não trad..

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> 848	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> Os Vedas(1) nos ensinam a respeito dos três gunas(2) e suas funções. Tu, Arjuna, deves superar os três gunas. Deves ser livre dos pares dos opostos (3). Equilibra tua mente na tranqüilidade. Toma cuidado para não adquirir ou acumular. Estabelece-te na consciência do Atman, sempre.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Escrituras reveladas dos hindus. A referência aqui é da porção ritualística dos Vedas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre o nome de um livro (Vedas) citado e o seu sentido (porção ritualística) no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 849	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> Os Vedas(1) nos ensinam a respeito dos três gunas(2) e suas funções. Tu, Arjuna, deves superar os três gunas. Deves ser livre dos pares dos opostos (3). Equilibra tua mente na tranqüilidade. Toma cuidado para não adquirir ou acumular. Estabelece-te na consciência do Atman, sempre.			
<b>Texto da NT:</b> (2)- Gunas -vide Apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice, que contém a def. do termo em sans. não trad. marcado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 850	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> Os Vedas(1) nos ensinam a respeito dos três gunas(2) e suas funções. Tu, Arjuna, deves superar os três gunas. Deves ser livre dos pares dos opostos (3). Equilibra tua mente na tranqüilidade. Toma cuidado para não adquirir ou acumular. Estabelece-te na consciência do Atman, sempre.			
<b>Texto da NT:</b> (3)- Calor e frio, prazer e dor, etc. As contradições do mundo relativo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metáfora (pares de opostos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 851	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 49</i>
<b>Texto do verso:</b> Trabalho feito com ansiedade pelos resultados é inferior àquele feito sem ansiedade, na calma da própria entrega. Procura refúgio no conhecimento de Brahman.(1) Aqueles que trabalham egoisticamente pelos resultados são miseráveis.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- O Supremo.			
<b>Observação:</b> Tradução de um termo em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 852	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 5</i>
-------------------	------------------------	---------------------	----------------

**Texto do verso:** Liberdade de atividade não é nunca alcançada pela abstenção da ação. Ninguém pode tornar-se perfeito meramente cessando de agir. De fato, ninguém pode nunca descansar da atividade(1), mesmo por um momento. Todos são forçados inevitavelmente a agir pelos gunas.

**Texto da NT:** (1)- Aqui "atividade" inclui ação mental, consciente e sub-consciente.

**Observação:** Exp. sobre o sentido de um termo (atividade) trad. no verso.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> 853	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 10</i>
<b>Texto do verso:</b> No começo, O Senhor dos seres Criou todos os homens. A cada um, seu dever. "Faze isso" disse Ele, "E tu prosperarás." Dever bem feito Preenche desejo, Como Kamadhenu(1), A cumpridora de desejo."			
<b>Texto da NT:</b> (1)- A vaca legendária, mencionada no Mahabharata.			
<b>Observação:</b> Def. de um nome próprio (Kamadhenu) de um personagem (vaca legendária) no MB.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 854	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> "O cumprimento do dever Honra os devas:(2) Para ti, os devas, Em troca, serão graciosos: Cada qual honrando o outro, O homem alcançará o Supremo. Agrada os devas: Tua prece será concedida." Mas aquele que frui da generosidade dos devas, Não mostrando agradecimento, Furta os devas.			
<b>Texto da NT:</b> (2)- Os habitantes do céu.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (devas) em sans. não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 855	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> De fato, Janaka(1) e muitos outros alcançaram iluminação simplesmente porque fizeram sua obrigação nesse espírito. Teu motivo para trabalhar deveria ser o de colocar outros, por teu exemplo, no caminho do dever.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Um rei santo mencionado nos Upanishads.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Janaka) mencionado nas upaniSads cujo nome é citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência a outro texto sânscrito; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 856	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo III</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> Sri Krishna: O rajo-guna(1) tem duas faces, Raiva e luxúria; o voraz, o mortal: Reconhece-os: eles são teus inimigos.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Vide Apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice onde há exp. sobre o termo (guna) marcado; NT da tradução para o português que não existe na tradução para o inglês, porém sem aviso sobre isto.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código 857</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> Eu sou o não nascido, o imortal, O Senhor de tudo que respira. Pareço nascer: É apenas aparência, Apenas Minha Maya.(1) Sou ainda o senhor De Minha Prakriti,(2) O poder que Me cria.			
<b>Texto da NT:</b> (1) e (2) -Estas duas palavras são interligadas. Ambas se referem ao poder criativo de Brahman e, portanto, o estofo básico do qual o universo é feito.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre dois termos (Maya e Prakriti) marcados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 858</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> Brahman é o ritual, Brahman é a oferenda, Brahman é aquele que oferece Ao fogo que é Brahman. Se um homem vê Brahman Em cada ação, Ele encontrará Brahman.(1)			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Este verso é cantado por todos os monges hindus como uma graça antes das refeições. Neste caso "o fogo" é considerado como o fogo da fome.			
<b>Observação:</b> Aviso de que este verso é cantado por monges antes das refeições; exp. sobre sentido (metáfora? fogo da fome) de um termo (fogo) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé;			

<i>Código 859</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> Depois, há outros cujo modo de adoração é renunciar aos objetos dos sentidos e às possessões materiais. Outros, impõem a si mesmo austeridades e disciplinas espirituais: esse é seu modo de adoração. Outros adoram através da prática do Raja Yoga.(1)			
<b>Texto da NT:</b> (1) - Dizem que o Caminho de Raja Yoga tem oito passos: I- Prática de virtudes morais. II- Hábitos regulares de pureza, contentamento, estudo, austeridade e entrega a Deus. III- Postura. IV- Controle da energia vital pelos exercidos de respiração. V- Retirada da mente dos objetos do sentido. VI-Concentração. VII-Meditação. VIII-Absorção na consciência de Deus.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma expressão (Raja Yoga).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 860</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> Feliz é aquele habitante Da cidade dos nove portões,(1) Cujas discriminações Libertou-o de seus atos: Ele não está envolvido na ação, Ele não envolve outros.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- O corpo humano.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metáfora (cidade dos nove portões) com uma "tradução" (o corpo humano).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 861</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> O lugar que não tem volta.(1) Vendo todas as coisas igualmente, O iluminado pode olhar Para o Brahmin, culto e gentil, Para a vaca, para o elefante, Para o cão, para o comedor de cães.			
<b>Texto da NT:</b> (1)- O estado no qual não se é mais sujeito ao renascimento, porque a iluminação foi alcançada.			

**Observação:** Exp. sobre metáfora (lugar que não tem volta).

**Outras etiquetas:** Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;

<i>Código 862</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 24</i>
<b>Texto do verso:</b> Apenas esse yogi Cuja alegria é interior, Interior é sua paz, E interior sua visão, Chegará a Brahman E conhecerá o Nirvana.(1)			
<b>Texto da NT:</b> (1) O estado de unido com Brahman.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (nirvana) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 863</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo V</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> Desligando o sentido Do que é exterior, Fixando o olhar Na raiz das sombrancelhas,(1) Refreindo a corrente respiratória Que entra e sai Dentro das narinas, Reprimindo os sentidos, Reprimindo o intelecto, Lançando fora o medo, Lançando fora a raiva,			
<b>Texto da NT:</b> (1)- Quando os olhos estão semi-cerrados em meditação, as pupilas permanecem fixas e seu olhar converge, como se fosse, entre as sombrancelhas. - Swami Swarupananda			
<b>Observação:</b> Citação de Swami Swarupananda com exp. sobre metáfora (raiz da sobrancelha).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência a outro tradutor da BG; Nota de rodapé;			

<i>Código 864</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Sri Krishna: Aquele que faz a tarefa Ditada pelo dever, Não se importando Com os frutos da ação, Ele é um Yogi, Um verdadeiro sannyasin.(1) Mas aquele que segue Seu voto ao pé da letra, Apenas se refreindo: Não acendendo fogo No ritual de oferenda, Procurando desculpa Para evitar o labor, Ele não é Yogi, Nem verdadeiro sannyasin.			
<b>Texto da NT:</b> (1)-Um monge			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (sannyasin) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 865</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> Porque ele deve entender que, o que é chamado de yoga, é realmente sannyasa(1), já que ninguém pode praticar o yoga de ação se estiver ansioso por seu futuro, ou pelos resultados de suas ações.			
<b>Texto da NT:</b> 1 - O voto formal de renúncia feita pelo monge. Tomando este voto, ele abandona a execução dos ritos Védicos sacrificiais.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (sannyasa) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 866</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VI</i>	<i>Verso 11</i>
<b>Texto do verso:</b> O lugar onde se senta deveria ser firme, nem tão alto nem tão baixo, e situado num lugar limpo. Deveria primeiro cobri-lo com grama sagrada, depois com uma-pele de veado(1); então, cobrir tudo com			

um pano.
<b>Texto da NT:</b> 1-A escolha do material é tradicional, mas não importante para o aspirante espiritual de hoje. Qualquer assento conveniente serve.
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma recomendação (usar a pele de veado para se sentar).
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código 867</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> Minha Prakriti compõe-se de oito partes: terra, água, fogo, ar, éter, mente, intelecto e ego(24).			
<b>Texto da NT:</b> (24) - Vide apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice que possui exp. sobre o assunto do verso; Esta NT não está na tradução para o inglês e não há aviso sobre isto.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código 868</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 12</i>
<b>Texto do verso:</b> Quando um homem deixa seu corpo e parte(25), deve fechar todas as portas dos sentidos. Deve manter a mente firmemente dentro do santuário do coração, e fitar a força vida entre as sombrancelhas.			
<b>Texto da NT:</b> (25) - De acordo com a técnica do yoga, o yogi deve empregar um método especial de deixar o corpo ao morrer. Primeiro, a força vital é puxada para cima do sushumna, a passagem central e espinhal, e reunida no cérebro "entre as sombrancelhas". O yogi então deixa o corpo através de uma abertura no centro do cérebro, chamada sahasrara.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma técnica de Yoga citada (deixar o corpo pelo chakra sushumna ao morrer).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 869</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> Todos os mundos e mesmo os reinos celestiais de Brahma(26) estão sujeitos às leis de nascimento. Porém, para o homem que Me alcançou, não há retorno.			
<b>Texto da NT:</b> (26) - Brahma (não confundir com Brahman) é Deus no aspecto criador-uma das Trindades hindus, com Vishnu, o Preservador, e Shiva, o destruidor. Vide também no Apêndice 1. De acordo com a mitologia hindu, os mundos são classificados variadamente em três, sete ou catorze. O Brahma-loka (reino de Brahma), dizem, é o mais elevado.			
<b>Observação:</b> Aviso sobre a diferença de significado entre termos (BrahmA e Brahman) com grafia parecida; remissão ao apêndice; exp. sobre conceitos da mitologia abordados no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código 870</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> Há dia, também, e noite no universo: O sábio tem conhecimento disto, declarando o dia de Brahma Uma extensão de mil eras(27).			
<b>Texto da NT:</b> (27) - Vide Apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice para informações sobre um conceito (mil eras) abordado.			



**Outras etiquetas:** Remissão intratextual; Nota de rodapé;

<i>Código</i> 871	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo VIII</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> Vou te mostrar dois caminhos.(28) Que o yogi escolha um Quando deixar este corpo: O caminho que leva de volta ao nascimento, O caminho sem retorno.			
<b>Texto da NT:</b> (28) - O "caminho sem volta" é chamado no Upanishad, o Deva-Yana, "o caminho dos brilhantes", que estão libertos do renascimento. O caminho que leva de volta ao nascimento é o "Pitri Yana . "o caminho dos ancestrais ; que alcançam a "noite lunar" (um paraíso sujeito às leis do tempo) e devem no fim renascer. O Fogo, a luz, a fumaça, a noite, etc., provavelmente representam estágios de experiências das almas depois da morte. Assim, a luz pode simbolizar conhecimento, e a fumaça, ignorância.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre conceito abordado (dois caminhos); Há um trecho da NT cadastrada que provavelmente é um erro e corresponde ao v.25, pois é assim que está no original (trad. para o inglês) e também porque a explicação dada corresponde ao v.25.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 872	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 7</i>
<b>Texto do verso:</b> Elas, quando a ronda das eras é realizada, Eu as reúno de volta à semente de seu tornar-se: Lançando-as outra vez Na hora da criação.(29)			
<b>Texto da NT:</b> (29) - Vide Apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice; NT presente somente na tradução para o português, porém sem aviso sobre esta exclusividade.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 873	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 16</i>
<b>Texto do verso:</b> Os rituais que os Vedas ordenam, e os rituais ensinados pelas escrituras: Todos estes Eu sou, e a oferenda feita aos espíritos dos ancestrais, Ervas que curam e alimento, o mantram(30), a manteiga clarificada: Eu, a oblação, e Eu, a flama na qual é ofertada.			
<b>Texto da NT:</b> (30) - Nome, ou nomes de Deus, que o devoto deve repetir e meditar. Um mantra individual é dada pelo mestres cada discípulo na ocasião da iniciação.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (mantram) não traduzido.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 874	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo IX</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> Mesmo aqueles que pertencem às castas mais inferiores - mulheres, Vaishyas(31), e Sudras também - podem alcançar a mais elevada realização, se eles se refugiarem em Mim.			
<b>Texto da NT:</b> (31) - Brahmins (os sacerdotes), os Kshatriyas (os guerreiros), Vaishyas (os mercadores), e os Sudras (os servos).			
<b>Observação:</b> Def. de termos (nomes das castas) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 875</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 13</i>
<b>Texto do verso:</b> Devala ecoou seu louvor; Asita também e Vyasa(32): Agora também ouvi, Teus próprios lábios confirmaram-me, Krishna, esta é a verdade que Tu contas, meu coração pede-me acreditar, Deus dos deuses, Senhor do mundo, a Fonte			
<b>Texto da NT:</b> (32) - Sábios antigos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre pessoas (Vyasa, Asita, Devala) cujos nomes próprios são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 876</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> Eu sou Bhrigu, o grande vidente; entre as palavras, Eu sou a sílaba sagrada OM; sou o voto do japam(33); Eu sou o Himalaya entre as coisas que não podem ser movidas.			
<b>Texto da NT:</b> (33) - A prática de repetir um mantra (nome de Deus) - Vide anotação no Capítulo IX.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (japam) não trad; remissão a outra NT.			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 877</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> Eu sou o grande Sama dos hinos Védicos, e o Gayatri entre a métrica poética; dos meses, Eu sou Margashirsha(34); das estações, o tempo das flores.			
<b>Texto da NT:</b> (34) - Um mês do ano hindu, incluindo parte de Novembro e Dezembro.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Margashirsha) não trad. (nome de um mês hindu).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé;			

<i>Código 878</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 36</i>
<b>Texto do verso:</b> Eu sou o jogo de dados do esperto; Eu sou a força do forte; Eu sou o triunfo e a perseverança; Eu sou o Sattwa(35) do bom.			
<b>Texto da NT:</b> (35) - Vide Apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice com mais informações sobre um termo (Sattwa) não traduzido [Este termo está traduzido para o inglês, mas a tradutora para o português colocou o termo original em sânscrito e não comentou esta escolha; esta NT não existe no original em inglês].			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de rodapé; Remissão intratextual.			

<i>Código 879</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> Vê os Adityas e os Vasus, e os Rudras, e os Aswins, e os Maruts(36). Observa os inúmeros prodígios, O descendente de Bharata, que homem algum jamais viu antes.			
<b>Texto da NT:</b> (36) - Várias classes de seres celestiais.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre seres (Rudras, Aswins etc.) da mitologia hindu cujos nomes são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 880</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 46</i>
<b>Texto do verso:</b> O que tem milhares de membros, Ser Universal, Mostra-me agora a Forma que conhecia antigamente, a que tem quatro braços(37). Com Teu diadema e cetro, o que carrega o disco.			
<b>Texto da NT:</b> (37) - A única explicação para esta passagem parece ser a de que Arjuna está pedindo a Sri Krishna para assumira farinha de sua deidade escolhida, Vishnu - porque não pode significar que Krishna tivesse quatro braços enquanto estava em sua farinha humana. Se esta interpretação estiver correta, podemos presumir que Deus tomou a forma com quatro braços de Vishnu, por um momento, antes de reaparecer como Krishna. Como foi dito em outro lugar, Krishna era considerado uma encarnação de Vishnu.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação do verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 881</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo XIII</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> Brevemente, vou nomeá-las; Primeiro Prakriti, Que é o cosmos Na causa não vista E feição visível; Intelecto, ego; Terra, água e éter, Ar e fogo; Os dez órgãos do homem De conhecimento e execução, A mente do homem também; Os cinco objetos do sentidos(38) O som em sua essência, A essência de aspecto, A essência de odor, De tato e gosto;			
<b>Texto da NT:</b> (38) - Vide Apêndice I.			
<b>Observação:</b> Remissão ao apêndice (cinco objetos dos sentidos).			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Nota de rodapé;			

<i>Código 882</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 19</i>
<b>Texto do verso:</b> Austeridade quando é praticada para propósitos insensatos, ou por excitação de auto-tortura, ou a fim de molestar outra pessoal(39), dizem ser a natureza de tamas.			
<b>Texto da NT:</b> (39) - Magia Negra.			
<b>Observação:</b> Interpretação[?]			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 883</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 14</i>
<b>Texto do verso:</b> Primeiro, este corpo: Depois o ego, o executor, Os órgãos do sentido, E as muitas moções Da Vida neste corpo; Por último, os devas Em espírito presidindo(40).			
<b>Texto da NT:</b> (40) - De acordo com a mitologia hindu, cada órgão do sentido é presidido por uma deidade.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um conceito (uma deidade preside cada órgão do sentido) da mitologia hindu citado no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 884</i>	<i>Kleinert (1994)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 19</i>
<b>Texto do verso:</b> A filosofia de Sankhya(41) declara que o conhecimento, a ação e o que a faz são de três espécies apenas, de acordo com o guna que predomina em cada. Ouça, esta é sua natureza.			
<b>Texto da NT:</b> (41) - Um sistema de filosofia compilado por Kapila.			

**Observação:** Def. de um termo (Samkhya) não traduzido.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> 885	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 30</i>
<b>Texto do verso:</b> 30 - Nada enxergo diante de mim senão dores e ais... Que bem resultaria daí, ó Keshava(1), se eu trucidasse meus parentes?			
<b>Texto da NT:</b> (1) Keshava - um dos muitos apelidos de Krishna (literalmente “de linda cabeleira”).			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um antonomástico de Krishna e sua trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 886	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 32</i>
<b>Texto do verso:</b> 32 - Ó Govinda(2), como poderia semelhante vitória dar-me satisfação? como me compensariam esses espólios da perda que sofreria? e que gozo teria ainda a minha vida, se a possuísse pelo preço do sangue dos únicos que me são caros, e sem os quais a vida me seria sem valor?			
<b>Texto da NT:</b> (2) Govinda - outro apelido de Krishna (literalmente “dono da vaca”).			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um antonomástico de Krishna e sua trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 887	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 34</i>
<b>Texto do verso:</b> 34 - Não os matarei, Madhusudana(3), ainda que com isto lograsse domínios sobre os três mundos - menos ainda me seduz a posse da terra.			
<b>Texto da NT:</b> (3) Madhusudana - outro apelido de Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um antonomástico de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 888	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 36</i>
<b>Texto do verso:</b> 36 - Mesmo que os filhos dos Dhritarashtras sejam pecadores, sobre nossa cabeça recairia a culpa, se os matássemos. Não, não é lícito matá-los. E como poderíamos ser felizes sem os nossos parentes, ó Madhava?(4)			
<b>Texto da NT:</b> (4) Madhava - um dos apelidos de Krishna.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um antonomástico de Krishna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 889	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo I</i>	<i>Verso 40</i>
<b>Texto do verso:</b> 40 - Corrompe-se a mulher, mesclando o puro com o impuro(5) e abre-se o inferno ao destruído e ao destruidor.			
<b>Texto da NT:</b> (5) Literalmente “castas (puras) com castas (impuras)”.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa (castas com castas) supostamente literal de um trecho (o puro com o impuro).			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<b>Código 890</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo I</b>	<b>Verso 41</b>
<b>Texto do verso:</b> 41 - Até as divindades(6), privadas dos sacrifícios, tombam dos céus.			
<b>Texto da NT:</b> (6) Literalmente "ancestrais", que eram divinizados.			
<b>Observação:</b> Tradução alternativa supostamente mais literal de um termo (divindades) traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<b>Código 891</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 2</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 2 – Neste momento decisivo, ó Arjuna, por que te entregas a semelhante desânimo; indigno de um Ariano(7) e que te fecha os céus?			
<b>Texto da NT:</b> (7) Ariano (ou Ário) - nobre, valente.			
<b>Observação:</b> Def. e tradução alternativa de um termo (ariano) traduzido no verso.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<b>Código 892</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3 - Não cedas à fraqueza, que de nada serve. Enche-te de coragem contra teus inimigos e sê o que realmente és!(8)			
<b>Texto da NT:</b> (8) Krishna, o homem cósmico, anima Arjuna, o homem terrestre, a ser explicitamente o que ele é implicitamente, a atualizar as suas potencialidades latentes, a despertar em si o "Eu divino", "reino de Deus", como diria o Cristo.			
<b>Observação:</b> Exp. da alegoria/simbologia de personagens (Krishna e Arjuna); citação de Cristo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<b>Código 893</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 4</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Arjuna: 4 - Mas como posso lutar, ó Madhusudana, e lançar flechas contra Bhishma e Drona(9), que ambos merecem a minha reverência e simpatia?			
<b>Texto da NT:</b> (9) Bhishma e Drona - chefes dos dois exércitos adversos, simbolizando as principais forças do ego humano em luta contra o Eu divino no homem.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre dois personagens cujos nomes são citados; exp. sobre a alegoria/simbologia do enredo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<b>Código 894</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12 - Nunca houve tempo em que eu não existisse, nem tu, nem algum desses príncipes - nem jamais haverá tempo em que algum de nós deixe de existir em seu Ser real.(10)			
<b>Texto da NT:</b> (10) Com estas e as seguintes palavras, procura Krishna mostrar a Arjuna que a destruição física do nosso corpo material não equivale à destruição metafísica do corpo imaterial, isto é, da individualidade. E como o mal não está no fato objetivo da morte física, mas sim na realidade metafísica da nossa alma.			
<b>Observação:</b> Interpretação do ensinamento de Krishna.			

*Outras etiquetas:* Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código</i> 895	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22 - Assim como o homem se despoja de uma roupa gasta e veste roupa nova, assim também a alma incorporada se despoja de corpos gastos e veste corpos novos.(11)			
<b>Texto da NT:</b> (11) Não afirma Krishna que o homem torna a vestir o mesmo corpo, velho material, mas sim que veste o corpo novo, imaterial, como já escrevia São Paulo aos cristãos de Corinto: "Se há corpo material, há também corpo espiritual; pois nem todos os corpos são da mesma natureza. Importa que este corpo corruptível revista a incorruptibilidade, e que este corpo mortal revista a imortalidade".			
<b>Observação:</b> Interpretação do ensinamento em forma de metáfora, de Krishna; citação da Bíblia.			
<i>Outras etiquetas:</i> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 896	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> 31 – De mais a mais, visando o teu próprio dever, não vaciles, porquanto para um príncipe da classe dos guerreiros, nada é superior a uma guerra justa.(12)			
<b>Texto da NT:</b> (12) Que entende Krishna por uma “guerra justa”? Evidentemente, aquela que não é travada em nome do ego, que age impelido por ódio, mas em nome do Eu espiritual, que age por amor a uma causa espiritual, sagrada; pois o mal da guerra não está em que o ego, hábil e perverso político, facilmente declare "justa" qualquer guerra travada em nome do ódio, camuflado de dever. Quando Jesus expulsou os vendilhões do templo, não agiu em nome do ego profano, mas do Eu sagrado. Mas onde os homens bastante crísticos para agir deste modo?... Guerra justa é superar o ego pelo Eu.			
<b>Observação:</b> Interpretação de um conceito (guerra justa) colocado por Krishna; citação da Bíblia.			
<i>Outras etiquetas:</i> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 897	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 39</i>
<b>Texto do verso:</b> 39 - O que até aqui te expus, ó Arjuna, é a doutrina sobre o Eu e o não-Eu. Agora te revelarei o caminho de yôga, em virtude de cujo conhecimento e prática serás capaz de libertar-te da concatenação do teu próprio destino (karma).(13)			
<b>Texto da NT:</b> (13) Insinua estas últimas palavras que, até aqui, Krishna expôs a seu discípulo a doutrina dualista de Sankhya, e que, a partir daqui, vai explicar-lhe a grandiosa verdade monista do yôga, isto é, “união” do finito com o Infinito, em virtude da qual pede o homem, pecador pelo seu ego humano, realizar a sua redenção pelo Eu divino. Pecado e redenção, Satã e Cristo, estão, potencialmente, dentro de toda a criatura humana. Perdição e redenção não vêm de fora do homem, mas são a evolução da sua própria natureza, dessa misteriosa dicotomia do ego-Eu. Essa entrada no nirvana do Cristo interno liberta o homem do karma do seu Lúcifer interno, como faz ver o Nazareno no “Sermão da Montanha”, carta-magna de auto-redenção.			
<b>Observação:</b> Interpretação do discurso de Krishna; paralelo com o cristianismo e passagens da Bíblia; def. de um termo (yôga) não trad.; exp. sobre supostas diferenças entre filosofias (Sankhya e Vedanta) expostas por Krsna durante a BG (mudança neste verso).			
<i>Outras etiquetas:</i> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 898	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 42</i>
<b>Texto do verso:</b> 42-44 - Homens sem sabedoria deliciam-se na análise da simples letra dos Vedas(14), declarando que nada há para além do texto. Os que estão cheios de desejos egoístas consideram o céu como meta final, louvando excessivamente complicados rituais e cerimônias multiformes, com o fim de conseguirem poder e prazer em encarnações futuras. Todos os que visam poder e prazer têm da Verdade uma visão imperfeita, desorientados como estão no seu critério. Não acertaram com a senda da sabedoria. Perderam o caminho reto do seu destino. Não atingiram a experiência espiritual.			
<b>Texto da NT:</b> (14) Vedas – isto é, visão conhecimento – é a Bíblia do Oriente, da qual faz parte o Mahabharata, que poderíamos considerar como o paralelo ao “Novo Testamento”, cujo coração é o Evangelho, comparável à Bhagavad Gita. O que Krishna expõe a Arjuna sobre a letra e o espírito dos Vedas é um paralelo às palavras do apóstolo Paulo: “A letra mata, o espírito é que dá vida”. Aos chefes da sinagoga, que só conheciam o texto bíblico, mas não o seu espírito, diz Jesus: “Guias cegos guiando outros cegos! Vós roubastes a chave do conhecimento (em grego gnosis, em sânscrito vedas) do reino de Deus; vós mesmos não entrais, nem permitis que entrem os que desejariam entrar”.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (vedas) não traduzido e que é o nome de um livro; exp. sobre livros indianos com um paralelo com livros cristãos; citação da Bíblia; NT v.42, 43 e 44.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre cultura indiana; Nota de rodapé; Múltiplos versos.			

<i>Código</i> 899	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> 45 - Os Vedas tratam dos três atributos(15) da Natureza. Tu, porém, Arjuna, remonta para além desses pares de opostos e estabelece-te firmemente na Verdade; não te apegues a lucros nem posses materiais; firmate no Eu - e destarte encontrarás libertação deste mundo relativo e emancipação dos seus atributos.			
<b>Texto da NT:</b> (15) As “gunas”, explicadas num dos capítulos finais.			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito (guna) de um trad.; remissão ao capítulos finais, onde há explicações sobre o termo (gunas).			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 900	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 51</i>
<b>Texto do verso:</b> 51 – Sábios dotados de perfeita sabedoria não se apegam aos frutos do seu trabalho, e com isto se libertam para sempre da escravidão de nascimento e morte e atingem o estado de beatitude absoluta. (16)			
<b>Texto da NT:</b> (16) Enquanto o homem continua apegado aos frutos do seu trabalho – dinheiro, louvores, reconhecimento, gratidão, resultados objetivos de qualquer espécie, inclusive o céu como prêmio externo – pressegue ele no caminho infeliz do sansara do nascer, viver e morrer; mas se libertar-se desse apego e trabalhar com perfeição, entusiasmo e alegria, sem pensar nas conseqüências externas do trabalho, nem mesmo num céu objetivo e póstumo, então entrará na grande liberdade do nirvana, que é um glorioso e eterno viver, sem nascer nem morrer. A reencarnação física é um castigo que o homem se inflige a si mesmo por não se ter libertado plenamente da escravidão do “ter” e entrado na liberdade plena do seu “ser”.			

**Observação:** Interpretação/comentário do ensinamento de KRSna.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de rodapé;

<b>Código 901</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 59</b>
<b>Texto do verso:</b> 59 – Pela prática da abstenção pode alguém amortecer os seus sentidos e torná-los insensíveis aos prazeres sensitivos; mas não se torna necessariamente insensível aos desejos dos mesmos; o desejo dos prazeres sensitivos cessa somente quando o homem entra em contato com o Espírito Supremo dentro dele.(17)			
<b>Texto da NT:</b> (17) Alusão à mais alta meta de Kriya-yôga: o completo domínio das forças vitais do kundalini pela compreensão espiritual. “Quem puder compreendê-lo, compreenda-o”!			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação do ensinamento de Krsna e uma suposta alusão.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<b>Código 902</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>Verso 72</b>
<b>Texto do verso:</b> 72 - Isto se chama viver na consciência de Brahman(18). Quem atingiu esse estado, nunca mais pode recair na ilusão antiga; e, vivendo nesse estado de consciência, o yogui alcança, finalmente, libertação absoluta, na experiência da sua união com Brahman (nirvana).			
<b>Texto da NT:</b> (18) Disse Deus: "Anda na minha presença e sê perfeito!" (Bíblia). Disse Jesus: "Orai sempre, e nunca deixeis de orar (Evangelho). "Orar sempre" é uma permanente atitude do nosso Eu verdadeiro, um estado de consciência espiritual que permeia todos os atos externos, "Eu e o Pai somos um", "O Pai está em mim, e eu estou no Pai". "Já não sou eu que vivo - o Cristo vive em mim... O meu viver é o Cristo".			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia; comentário do ensinamento de Krsna com um paralelo à conceitos cristãos.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<b>Código 903</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15- A fonte dos atos é Brahman(19), o Uno que enche o Universo e está presente em todos os atos.			
<b>Texto da NT:</b> (19) Brahman (neutro) é a Divindade Universal, a Essência Absoluta; Brahma (masculino) é o Deus-criador, a Existência Relativa. Como Brahman, é Deus transcendente e incognoscível pelo cognoscente finito; como Brahma é Deus imanente em qualquer criatura e, portanto, cognoscível pelo cognoscente finito. Como Brahman é Deus tanto o Todo como o Nada, ambos inatingíveis pelo conhecedor finito; somente como Brahma, o Algo imanente na criação, é que o conhecedor finito pode ter consciência da Divindade, embora sempre imperfeita, uma vez que “o conhecido está no cognoscente segundo o modo do cognoscente”.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (Brahman) e outros com grafia parecida (Brahma) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<b>Código 904</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24 - Se, por um só momento, eu deixasse de agir, pereceria o mundo inteiro(20), vítima do caos - e minha seria a culpa da ruína da humanidade.			
<b>Texto da NT:</b> (20) “Deus é pura atividade” (Aristóteles). "Meu Pai age sempre, e eu também ajo" (Jesus, o			



Cristo). A Realidade - dizem os grandes filósofos - não é um ser estático (Sein, To-be), mas um devir dinâmico (Werden, To-become). Paralelamente a essa intuição espiritual, descobriu a ciência nuclear dos nossos dias que o mundo físico, que aos nossos sentidos parece ser estático e sólido, é, na realidade, um processo dinâmico e fluido; no seu livro sobre o "Campo Unificado", afirma Einstein que a substância de todas as coisas - desde o hidrogênio até o urânio - é luz cósmica, radiação.

**Observação:** Citação de Aristóteles, Jesus, Einstein; comentário sobre uma afirmação de Krsna.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Comentário; Referência à Filosofia grega; Referência à Ciência; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>905</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>31</b>
<b>Texto do verso:</b> 31 - Os que estão repletos do meu espírito e, cheios de confiança, praticam esta doutrina, encontram redenção por meio das obras, as quais, neste caso, são obras minhas.(21)			
<b>Texto da NT:</b> (21) Agir intensamente, sem ser escravo de nenhum dos seus atos - é esta a excelsa sabedoria que permeia todas as páginas da Bhagavad Gita. O homem ocidental, via de regra, é dinamicamente ativo e escravo da sua atividade; o oriental é inclinado a ser estaticamente passivo – nenhum dos dois se guia pela suprema sabedoria. Assim como, em geral, o cristão ocidental não se guia pela sabedoria crística do Evangelho que diz professar, de modo análogo o místico oriental nem sempre orienta a sua vida pela mística dinâmica dos seus grandes mestres. Atividade dinâmica e passividade estática – são dois extremos, do Ocidente e do Oriente – passividade dinâmica ou atividade mística seria suprema sabedoria e perfeição, que poucos alcançaram. Quando surgirá sobre a face da terra esse homem cósmico?...			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação de um ensinamento de Krsna; paralelo entre cristãos e orientais.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>906</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>37</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 37 – É o veemente desejo oriundo do amor à posse; é este o maior inimigo do homem, vítima da ignorância, que o leva à perdição.(22)			
<b>Texto da NT:</b> (22) "A cobiça é a raiz de todos os males" (Bíblia). "Ninguém pode servir a dois senhores: a Deus e às riquezas" (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia e Jesus.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>907</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>III</b>	<i>Verso</i> <b>43</b>
<b>Texto do verso:</b> 43 - Uma vez que conhecestes o Eu Supremo, supera os sentidos, a mente e as emoções, pelo poder do EU SOU. Derrota os teus inimigos, que, em formas várias, se a ti apresentam.(23)			
<b>Texto da NT:</b> (23) Nestas últimas palavras aparece nitidamente o sentido simbólico da luta que Arjuna enfrenta: os inimigos que usurparam o trono da alma são os sentidos, a mente e as emoções, que devem ser superados para que o príncipe Espírito (alma) possa ocupar o trono que lhe compete e proclamar o reino de Deus. Arjuna, o irredento, deve ser redento por Krishna, o redentor - e esse Krishna-redentor dormita também nas profundezas da alma de Arjuna, o homem irredento, porém redimível. Esta mesma doutrina do "Cristo			

interno no homem" vai através de todo o Evangelho, embora as teologias eclesiais tenham interpretado dualisticamente este grandioso monismo místico do Evangelho de Cristo.

**Observação:** Comentário sobre a simbologia/alegoria do verso; paralelo com os ensinamentos do cristianismo.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código 908</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 1 - Em tempos idos, transmiti esta doutrina da imortalidade ao senhor da luz, Vivasvan(24); dele passou para Manu(25), o qual a ensinou a Ikshvaku.(26)			
<b>Texto da NT:</b> (24) Vivasvan – é o sol espiritual do Universo.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu (Vivasvan) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 909</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 1 - Em tempos idos, transmiti esta doutrina da imortalidade ao senhor da luz, Vivasvan(24); dele passou para Manu(25), o qual a ensinou a Ikshvaku.(26)			
<b>Texto da NT:</b> (25) Manu - é o paralelo ao Adi-aham (Adam) da Bíblia.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu (Manu) cujo nome é citado, com paralelo deste personagem com um do cristianismo (Adão) da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 910</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 1 - Em tempos idos, transmiti esta doutrina da imortalidade ao senhor da luz, Vivasvan(24); dele passou para Manu(25), o qual a ensinou a Ikshvaku.(26)			
<b>Texto da NT:</b> (26) Ikshvaku – corresponde ao Noé bíblico, pai da humanidade atual.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu (Ikshvaku) cujo nome é citado, com paralelo deste personagem com um do cristianismo (Noé) da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 911</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 2</i>
<b>Texto do verso:</b> 2 - E assim, por tradição, chegou ao conhecimento dos Rishis(27), mestres de yôga, que estimavam esta doutrina. No decorrer dos tempos, porém, começou ela a ser obliterada, até finalmente desaparecer.			
<b>Texto da NT:</b> (27) Rishis – ou videntes, são sábios e patriarcas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo (rishis) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código 912</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6 - Na minha Divindade, sou sem nascimento nem morte, eterno e senhor de tudo que nasce e existe; e, contudo, os meus deuses nascem, vêm e vão. Ao efêmero reflexo no espelho da Natureza imprimo o			

sigilo da minha magia do meu espírito.(28)
<b>Texto da NT:</b> (28) “No princípio era o Verbo...” o Cristo Cósmico, que, mais tarde, quando "o Verbo se fez carne", apareceu entre nós como o Cristo telúrico, servindo-se da natureza humana de Jesus de Nazaré. "Antes que Abraão fosse feito, eu sou"... "Glorifica-me, ó Pai, com aquela glória que eu tinha em ti, antes que o mundo existisse" (Jesus, o Cristo). "O Cristo é o primogênito de todas as criaturas, visíveis e invisíveis" (Paulo, o apóstolo).
<b>Observação:</b> Comentário do ensinamento de Krsna com paralelos cristãos; citação da Bíblia.
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>913</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9 - Aquele que compreende a minha vocação divina e o mistério da minha encarnação, não tem necessidade de nascer novamente após a morte, aqui na terra, ó príncipe; ele vem a mim, ditoso.(29)			
<b>Texto da NT:</b> (29) Sendo que o renascimento físico é um castigo que a si mesmo inflige o homem que não renasceu pelo espírito, está isento dessa reencarnação todo homem que renasce espiritualmente; liberto do fastidioso sansara do nascer, viver, morrer e renascer fisicamente, entra no glorioso nirvana do eterno viver. “Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus” (Paulo, o apóstolo). “São filhos de Deus os que nasceram, não do desejo do varão, nem do desejo da carne, nem (da fusão) dos sangues, mas de Deus” (João, o evangelista). “Quem não nascer de novo pelo espírito não pode ver o reino de Deus” (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Interpretação do ensinamento de Krsna; citação da Bíblia (Jesus, João e Paulo).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>914</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11 - Quem me adora é elevado a mim; andará nos meus caminhos, e eu satisfarei todos os seus desejos.(30)			
<b>Texto da NT:</b> (30) “Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua harmonia e todas as outras coisas vos serão dadas de acréscimo” (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>915</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19 - O seu trabalho é livre da maldição do egoísmo; o seu desejo de recompensa foi consumido no fogo do conhecimento sagrado - esse é um santo, porque santo é o espírito que o anima.(31)			
<b>Texto da NT:</b> (31) Essa atividade na inatividade, esse agir pelo não-agir, o reto agir, é que Lao-Tse no Tao Te Ching chama wu-wei, agir sem apego. Quando tiverdes feito tudo que fazer devíeis, dizei: somos servos inúteis; cumprimos a nossa obrigação – nenhuma recompensa merecemos por isto” (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krsna com um paralelo ao ensinamento de Lao-Tse (Tao Te Ching); citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Referência a outras tradições orientais: 11; Nota de rodapé;			

<i>Código 916</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 20</i>
<b>Texto do verso:</b> 20 - Não se compraz em nenhum fruto do seu trahalho nem se apega a objeto algum da natureza; habita, sempre sereno, na paz do seu Eu, porque sabe que não é ele que age, mesmo quando realiza alguma obra.(32)			
<b>Texto da NT:</b> (32) “As obras que faço não sou eu que as faço, mas o Pai que em mim está é que faz as obras... A minha doutrina não é minha, mas a daquele que me enviou. Quando vos arrastarem às sinagogas e aos tribunais, não vos preocupeis com as palavras e o modo como haveis de falar, porque nesse momento, vos será dado pelo espírito de meu Pai o que haveis de dizer; pois não sois vós que falais, mas é o espírito de meu Pai que fala em vós” (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código 917</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29 - Há também os que procuram adaptar às energias de dentro as energias de fora, robustecendo o pensamento pela inalação espiritual e pela amorosa exalação, evitando qualquer pensamento que não beneficie a alma.(33)			
<b>Texto da NT:</b> (33) Alusão ao exercício de pranayama ou respiração rítmica controlada (kriya yôga).			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma alusão à uma técnica de yoga (pranayama).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 918</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35 - Uma vez atingida a Verdade, ó príncipe, nunca mais sucumbirás à ignorância - e a Verdade te dirá que todos os mundos estão em ti.(34)			
<b>Texto da NT:</b> (34) Quem está com Deus, está com todas as criaturas de Deus – é este o grandioso monismo cósmico que todos os verdadeiros místicos experimentam – mas que os dualistas ignoram. Disto dão eloquente testemunho o Cristo e alguns dos seus mais autênticos discípulos, como Francisco de Assis, que em todas as criaturas de Deus via o Deus das criaturas.			
<b>Observação:</b> Interpretação/comentário do ensinamento de Krsna; paralelo com o cristianismo dando exemplos de Cristo e Francisco de Assis.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 919</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo IV</i>	<i>Verso 37</i>
<b>Texto do verso:</b> 37 - Assim como a chama reduz a cinzas a lenha, assim consome o fogo da sabedoria todas as ações e os efeitos da ação.(35)			
<b>Texto da NT:</b> (35) Neste sentido se devem entender as palavras de Jesus ao ladrão convertido: “Em verdade te digo que ainda hoje estarás comigo no paraíso”.			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>920</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IV</b>	<i>Verso</i> <b>39</b>
<b>Texto do verso:</b> 39 - A Verdade se lhe revela, e se apoderarse da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade.(36)			
<b>Texto da NT:</b> (36) “Conhecereis a Verdade – e a Verdade vos libertará” (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>921</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>7</b>
<b>Texto do verso:</b> 7 - Esse é puro de coração(37), forte no bem e senhor de todos os seus sentidos; a sua vida está a serviço da vida de todos, e ele realiza todas as ações sem ser escravizado por nenhuma delas.			
<b>Texto da NT:</b> (37) Os “puros de coração”, dos quais Jesus fala no Sermão da Montanha, são os que se desapegaram totalmente do seu ego humano, e é por isso que “vêm a Deus”.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma expressão (puros de coração) através da citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>922</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>9</b>
<b>Texto do verso:</b> 9 - Pois quando vê ou ouve, cheira ou come, dorme ou respira, quando abre ou fecha os olhos, quando dá ou recebe, ou exerce outro ato sensório qualquer - não são senão os seus sentidos que operam com esses objetos externos.(38)			
<b>Texto da NT:</b> (38) Cf. as palavras de Jesus: “As obras que faço não sou eu (meu ego humano) que as faço, mas é o Pai que em mim está (o meu Eu divino) que as faz. De mim mesmo nada posso fazer”.			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>923</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>11</b>
<b>Texto do verso:</b> 11- Com todas as forças do espírito, da mente, do coração e do corpo(39) luta o yogui pela purificação de sua alma, sem nada buscar para si mesmo em tudo o que faz.			
<b>Texto da NT:</b> (39) O primeiro e maior de todos os mandamentos é estes: amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças” (Jesus, o Cristo).			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>924</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17 - Quem se integra ao Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque a luz da verdade o libertou do mal.(40)			
<b>Texto da NT:</b> (40) Quem conhece o Evangelho do Cristo e os escritos dos seus grandes discípulos, sobretudo João e Paulo, não pode deixar de descobrir um paralelismo quase contínuo entre estas palavras de Krishna e as do Cristo e seus iniciados. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”...”A luz brilha nas trevas e as trevas não a prenderam”...”Os homens amaram mais as trevas que a luz, porque as suas obras eram más”.			

**Observação:** Comentário do paralelo com a Bíblia; citações da Bíblia (João e Paulo).

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>925</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19 - Os que estão firmes na luz da verdade venceram o mundo, já aqui na terra, pela fé na harmonia universal; porquanto Brahman transcende todas as condições da dualidade, habitando na suprema unidade - quem o conhece repousa em Brahman.(41)			
<b>Texto da NT:</b> (41) Vai, através do Evangelho e da Bhagavad Gita, um traço de grandioso monismo, eqüidistante do dualismo da teologia ocidental e do panteísmo de certas filosofias orientais. Todos os mundos estão em Deus, e Deus está neles; mas o mundo não é idêntico a Deus nem está separado de Deus.			
<b>Observação:</b> Comentário com um paralelo entre a Bhagavad Gita e o Evangelho, sobre a filosofia monista e dualista.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>926</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>24</b>
<b>Texto do verso:</b> 24 - É ele, na verdade, um santo, que encontra o céu dentro de si mesmo; a sua vida é uma com Brahman e abre-lhe a porta do nirvana.(42)			
<b>Texto da NT:</b> (42) Nirvana quer dizer quietação, provinda da extinção de todos os desejos do ego. Nirvana, o oposto do sansara (agitação), é o repouso na Verdade eterna.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (nirvana) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>927</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25 - É assim que os rishis(43), livres de incertezas e senhores de si mesmos, já aqui na terra, entram no nirvana da Divindade, vivendo a vida de todos os seres.			
<b>Texto da NT:</b> (43) Rishi = vidente; maharishi = grande vidente.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (rishi).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>928</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>V</b>	<i>Verso</i> <b>27</b>
<b>Texto do verso:</b> 27 - O yogui que habita na luz, que se abstém do contato com o mundo dos sentidos, cujo olho espiritual se abriu e cuja respiração espiritual sintonizou-se com a respiração corporal.(44)			
<b>Texto da NT:</b> (44) Alusão à prática do “olho simples” e da respiração material transformada em prana espiritual. Cf. As palavras do Cristo: “Se o teu olho for simples, todo o teu corpo estará cheio de luz...” Os exercícios acima insinuados devem ser feitos sob a direção de um guru (mestre) perito e consciencioso, porque, do contrário, podem redundar em espada de dois gumes...			
<b>Observação:</b> Exp. sobre suposta alusão feita no verso; citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 929	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> VI	<i>Verso</i> 6
<b>Texto do verso:</b> 6 - Quem domina o pequeno ego pelo grande Eu, esse é amigo de si mesmo; mas se o ego não odiar a sua própria egoidade, então se torna inimigo do Eu (da alma) do homem.(45)			
<b>Texto da NT:</b> (45) Cf. as palavras do Cristo: "Quem quiser ganhar a sua vida (ego), perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa (Eu), esse a ganhará". A filosofia oriental sintetizou esta sabedoria na fórmula: "O ego é o pior inimigo do Eu - mas o Eu é o melhor amigo do ego". Inimigo só pode ser quem é ignorante, como o ego: amigo é o que é sábio, como o Eu. Em sânscrito, ego é aham (adi-aham, o primeiro-ego, contraído no Gênesis em Adam); o verdadeiro Eu divino no homem, a alma, é Atman; quando o pequeno aham se integra totalmente no grande Atman (ou Atma), então surge a "grande alma", em sânscrito mahaatman, ou mahatma, nome que a intuição espiritual do povo hindu deu a um de seus maiores filhos, Gandhi. O mais glorioso mahatma que a humanidade conhece é aquele que foi plenamente "ungido" (christós, em grego), ou permeado pelo espírito divino, ou Atman, ao ponto de poder dizer: "Eu e o Pai somos um". Outros mahatma extraordinário foi Gautama Siddhartha, que seus discípulos chamavam o "Iluminado" (em sânscrito Buddha, que significa literalmente "aquele que acordou" enquanto os outros continuam a dormir). O "primeiro Eu" divino, o Cristo Cósmico, é chamado na Bhagavad Gita (ver Cap. XI) o "Adi-Atman" (ou Adhyatman). No Evangelho de São João é esse "primeiro Eu" chamado "o Lógos (Verbo) que, no princípio, estava com Deus e pelo qual foram feitas todas as coisas". São Paulo, nas epístolas aos Colossenses e aos Filipenses, chama-o de "primogênito de todas as criaturas" que, quando se encarnou em Jesus de Nazaré, "despojou-se da forma de Deus e se revestiu da forma de homem". É a transição do Cristo Cósmico para o Cristo Telúrico. "Antes que Abraão fosse feito, eu sou". "Pai, glorifica-me agora com aquela glória que eu tinha em ti, antes que o mundo existisse".			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus, São João, São Paulo); comentário através da análise de termos (atma) técnicos; paralelo com Buda			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Referência a outras tradições orientais: 11; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 930	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> VI	<i>Verso</i> 12
<b>Texto do verso:</b> 12 - E, ali sentado, ereto e imóvel, com os sentidos e a mente perfeitamente controlados e a alma unipolarizada(46), pratica o homem yôga a fim de conseguir a purificação da sua alma divina.			
<b>Texto da NT:</b> (46) Uni-polarizado (uni-polaridade), quer dizer, "centralizado ou focalizado num único ponto". O homem profano e descontrolado é pluripolarizado, disperso, distraído, falto de unidade e, por isto mesmo, fraco, descontente, infeliz.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (unipolarizada) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 931	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> VI	<i>Verso</i> 14
<b>Texto do verso:</b> 14 - Esteja firmemente estabelecido no espírito de brahmacharya(47), livre de qualquer solicitude, todo focalizado em mim e a mim devotado com todo o seu ser.			

**Texto da NT:** (47) Bharmacharya (consagrado a Brahma) é disciplina ou abstenção sexual voluntária, que é por todos os mestres espirituais considerada vantajosa à vida espiritual, ao passo que o celibato compulsório, mesmo quando inicialmente voluntário, acabará por se revelar prejudicial. Jesus aconselhou a seus discípulos o celibato voluntário, “por amor ao reino dos céus”, depende da compreensão espiritual.

**Observação:** Def. de um termo (brahmacharya) não trad.; analogia com o ensinamento de Jesus.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>932</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>40</b>
<b>Texto do verso:</b> 40 - Ó filho de Pritha! esse homem não será aniquilado, nem neste mundo nem no outro. Quem ama a verdade não trilha o caminho da ignorância; quem age com sinceridade não perecerá.(48)			
<b>Texto da NT:</b> (48) Cf. as palavras do Cristo: “Quem pecar contra o filho do homem será perdoado...” “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Todo pecado cometido por ignorância e fraqueza é perdoável. Imperdoável é somente o “pecado contra o espírito universal (santo)”, isto é, o pecado cometido com perfeito conhecimento e liberdade; esse pecador se torna “réu de pecado eterno”, e cairá vítima da “morte eterna”, isto é, do auto-aniquilamento, da dissolução da sua individualidade. Será possível, na presente humanidade, esse pecado contra o “espírito santo”? se os próprios assassinos de Jesus não o cometeram?...			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus); comentário ensinamento de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>933</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VI</b>	<i>Verso</i> <b>43</b>
<b>Texto do verso:</b> 43 - E assim, reencarnado, prosseguirá no plano da consciência que atingiu em existência anterior; e reiniciará a jornada rumo à luz, no ponto em que a interrompeu.(49)			
<b>Texto da NT:</b> (49) Não serão estas palavras um paralelo das do Cristo, quando diz: “Há muitas moradas em casa de meu Pai”? Em qualquer hipótese, é insustentável a teologia medieval que assina à alma humana lugar definitivo, céu ou inferno externo, logo após a morte física. Os que admitem purgatório – período de purificação – pelo menos deixam aberta a porta para uma evolução ulterior, após-morte, o que concorda tanto com a razão como com a revelação. Enquanto a consciência e a liberdade do homem persistirem, persiste a sua possibilidade de evolução; o livre-arbítrio não está nos nossos ossos, na carne, no sangue, nos nervos, que pereceram com a morte física; consciência e liberdade são atributos da alma, que não sucumbe a nenhum acidente, doença ou à velhice.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre a explicação de Krsna sobre reencarnação; citação da Bíblia (Jesus).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>934</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3 - Entretanto, no meio de milhares de homens mal se encontra um que, seriamente, vá em demanda da verdade. E mesmo entre os que buscam a verdade e a atingem, raras vezes se encontra um que, de fato, saiba que eu sou a Realidade(50).			
<b>Texto da NT:</b> (50) Este princípio básico do verdadeiro monismo universal, latente em todas as grandes religiões e filosofias, sobre tudo no Evangelho do Cristo, é compreendido por pouquíssimos que se dizem			



discípulos dos grande mestres espirituais da humanidade: a imanência da essência divina em todas as existências do Universo. Tanto o dualismo ocidental como o panteísmo oriental ignoram esta grande verdade, que Krishna enuncia.

**Observação:** Comentário sobre um suposto ensinamento monista; paralelo com o Evangelho de Cristo.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>935</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>6</b>
<b>Texto do verso:</b> 6 - Tudo aquilo são córregos no mundo das existências - eu, porém, sou a Essência de tudo quanto existe; eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim.(51)			
<b>Texto da NT:</b> (51) “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega” (Apocalipse). Alfa e Ômega são a primeira e a última letra do alfabeto grego. “Eu sou o Amém” - esse “Amém” é idêntico ao “AUM”, o sacro trigramma do Oriente.			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Apocalipse); paralelo de "amém" com "aum".			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>936</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12 - O que a Natureza distribui em formas fugazes - consciência, força e matéria(52) – recebo de mim; eu estou nessas formas, mas eu não sou por elas imitado.			
<b>Texto da NT:</b> (52) Em sânscrito “as três gunas”, que são: sattva (verdade, ou espírito), rajas (intelecto) e tamas (sentidos, ou matéria).			
<b>Observação:</b> Informação do termo em sânscrito (gunas) e def. de um termo (matéria) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>937</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14 - Difícil, ó príncipe, é romper o mágico véu que Maya(53) teceu em torno de todas as coisas e que encobre a minha face; mas quem me enxerga em tudo e sem reserva se entrega a mim, esse supera as limitações de Maya.			
<b>Texto da NT:</b> (53) Maya é a Natureza visível, que é maha-ya (grande afirmação, uma grande revelação de Brahman), mas que para os profanos se converte em “ilusão”. Se Maya é ilusão ou revelação, isto não depende de Maya, mas sim do homem que a contempla, com ignorância ou com sapiência. Neste sentido, diz a filosofia oriental que a Natureza é como a teia da aranha que tanto revela com vela (encobre) a aranha – assim como Maya revela Brahman, mas ao mesmo tempo o vela; a Natureza manifesta e oculta a Deus.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (maya) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>938</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19 - Após muitos renascimentos, seja aqui ou em esferas superiores, ingressa ele em meu Ser; mas raras vezes se encontra entre os homens um tão grande em espírito e alma que possa dizer em verdade:			

Vasudeva(54) é o Ser onipresente, ele é o Todo.

**Texto da NT:** (54) Outro nome para Krishna, que na sua Essência divina é o Todo, o Onipresente e Imanente em todos os seres individuais.

**Observação:** Exp. sobre um antonomástico de Krsna.

**Outras etiquetas:** Explicação sobre antonomástico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>939</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VII</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22 - Em virtude dessa fé adere ele ao objeto que demanda e se identifica com a natureza dele – mas a verdadeira natureza de cada ser sou eu, a imanente Realidade de todas as coisas.(55) 25 - Velado pelo esplendor das minhas próprias manifestações, eu, o Espírito, não sou revelado a todos; e os iludidos me desconhecem, a mim, o Eterno e Invisível.(56)			
<b>Texto da NT:</b> (55) e (56) Nestes tópicos reafirma a Bhagavad Gita a verdade fundamental de toda a filosofia e religião: que a Realidade Infinita e Transcendente é finitamente imanente em todos os seus efeitos ou criaturas do Universo. Para encontrar essa suprema Realidade (Deus) não é necessário que o homem saia do mundo dos fenômenos transitórios, como pensam os dualistas, mas que penetre mais profundamente no último reduto desse mundo e descubra o Invisível nos visíveis, o Eterno nos temporários, a Realidade no meio das aparências, o Criador em todas as criaturas. É esta gloriosa conquista dos místicos e videntes, como Francisco de Assis e outros: viam a Deus em todas as suas obras.			
<b>Observação:</b> NT v.22 e 25 (com marcas de numeração 55 e 56, porém um só texto no rodapé); comentário sobre o ensinamento de Krsna supostamente monista; paralelo com o ensinamento de Francisco de Assis.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé; Múltiplos versos.			

<i>Código</i> <b>940</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 3 - Eu sou Brahman, o Único, o Imperecível. Esse Brahman, o Supremo Eu, é a alma de todas as almas. O que nasce de mim e é a causa de toda a evolução chama-se karma(57), a atividade cósmica.			
<b>Texto da NT:</b> (57) Karma – literalmente “ação” - significa a lei de “causa-e-efeito” ou da causalidade, lei que rege todos os mundos finitos e da qual o homem se liberta tão-somente pela força do espírito, ultrapassando a tirania do sansara (agitação) e entrando na gloriosa liberdade do nirvana (quietação). Nirvana é o eterno viver, sem nascer nem morrer. Mas a vida só consegue superar nascimentos e mortes se atingir o zênite da sua força e plenitude. É esta a meta, o destino final, do homem e de todos os seres conscientes e livres.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (karma) não trad.; def. de um termo (nirvana) não presente no verso em sânscrito nem na tradução.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>941</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> 12 – É esta a senda suprema trilhada por todo homem que fecha os olhos ao mundo objetivo, que domina o seu coração e, pela força vital do Prana, aspirado e focalizado entre as sobranceiras, silenciosamente proferir o eterno AUM na consciência de Brahman.(58)			

**Texto da NT:** (58) Muitas vezes se refere a filosofia oriental a essas práticas esotéricas e, sobretudo, à prolação do sacro trigrama AUM ou outro mantra. Mantras são palavras criadoras que realizam o que significam, quando proferidas por pessoa idônea e devidamente receptiva para essa vibração ou verbo sacramental. Esses mantras são símbolos materiais onerados de um simbolizado espiritual, provindo do seu autor; e esse simbolizado ou conteúdo espiritual atua poderosamente sobre quem profere o mantra com a devida receptividade interna, causando nele o que lhe foi causa. Mas... para essa iniciação requer-se um verdadeiro guru.

**Observação:** Comentário sobre o ensinamento de Krishna; def. de termo (AUM).

**Outras etiquetas:** Comentário; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>942</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14 - Fácil é atingir suprema perfeição quando o homem anda na minha presença, constantemente consciente de mim, em todos os caminhos da sua vida e alheio a outros deuses.(59)			
<b>Texto da NT:</b> (59) Deuses – isto é, forças invisíveis, sobretudo a força mental, que tem caráter centrífugo, separatista, anticósmico, e só se integra no grande Todo sob o impacto centrípeto do espírito.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (deuses) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>943</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>17</b>
<b>Texto do verso:</b> 17 - Quem conhece o dia de Brahman de mil yugas(60), e a noite de Brahman, de duração idêntica, conhece dias e noites como Brahman os conhece.			
<b>Texto da NT:</b> (60) Um maha-yuga (grande ciclo) são 4.320.000 anos nossos; um dia brahmânico são 1.000 maha-yugas, ou seja 4.320.000.000 de anos. Mas o sentido simbólico é o de uma duração inconcebível, como o termo aion ou eternidade na Bíblia.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (yuga) não trad.; exp. do sentido simbólico/metafórico de um termo (yuga) no verso; paralelo de um termo (yuga) com outro (aion) presente na Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>944</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21 - É esta a vida do Imanifesto, o Ilimitado, o Perfeito, o Todo, o Eterno - quem atingir esse estado não voltará ao mundo objetivo.(61)			
<b>Texto da NT:</b> (61) O Imanifesto é o estado de pura Potencialidade ou Essência – o Manifesto é o estado da Atualidade ou Existência. A Realidade Integral não é isto nem aquilo, disjuntamente – mas é isto e aquilo, conjuntamente. A Divindade (Realidade) é Ser e Existir, Potência e Ato, Causa e Efeito, Passivo e Ativo, Imanifesto e Manifesto, porque é o TODO, o UNIVERSO.			
<b>Observação:</b> Def. de termo (Imanifesto) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>945</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>VIII</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
--------------------------	----------------------	-----------------------------	------------------------

<b>Texto do verso:</b> 25 - A fumaça, o tempo noturno, a quinzena tenebrosa da lua minguante, os seis meses da passagem do sol pelo sul - se o yogui, durante esse período, receber a luz da lua, tornará para a terra.(62)
<b>Texto da NT:</b> (62) Para compreender devidamente essa linguagem simbólica necessita o iniciando de um verdadeiro Iniciado.
<b>Observação:</b> Comentário sobre a simbologia do verso.
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;

<b>Código 946</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo IX</b>	<b>Verso 5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5 - Mas elas não residem no meu Supremo Ser(63) - interroga o teu íntimo Eu para saberes o que significa esse mistério! O meu espírito crea tudo o que quer - e, no entanto, eu sou sempre livre de tudo.			
<b>Texto da NT:</b> (63) O mundo causado é a existência, mas não a essência causante de Brahmam. Como existência, é Deus imanente em todas as criaturas; como essência, é ele transcendente a todas - é este o grandioso monismo universal da Divindade, equidistante do dualismo das teologias ocidentais como do panteísmo de certas filosofias orientais.			
<b>Observação:</b> Comentário/interpretação de um conceito ensinado por Krsna, supostamente a filosofia monista.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<b>Código 947</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo IX</b>	<b>Verso 19</b>
<b>Texto do verso:</b> 19 - Eu sou o que irradia luz e calor do Sol, que dou e nego chuva. Eu sou a vida imortal, e eu sou também a morte. Eu, ó Arjuna, sou o Sat e o Asat.(64)			
<b>Texto da NT:</b> (64) Sat e Asat – o existir e o não-existir, o positivo e o negativo, o sim e o não. Deus é a grande TESE – posição, anterior às antíteses (contraposições) e à síntese (composição). Dentro da Natureza causada, bipolarizada, aparece Deus como o positivo, a luz, o bem – e como o negativo, como a treva, o mal, como Satan, o antideus; mas fora da Natureza causada, é Deus o impolar, o neutro, o Universal, para além do bem e do mal, para além do positivo e negativo, para além da luz e da treva. Mas nós que enxergamos tudo no plano horizontal da ética, e não na linha vertical da metafísica, temos de conceber Deus como positivo, como luz, bom, a fim de contrabalançar o negativo, a treva, o mal, que já prevalecem em nós e necessitam; ser equilibrados pelos seus contrários. O que, na Divindade, parece ser impolar é, de fato onipolar, a grande TESE, o Alfa e o Ômega.			
<b>Observação:</b> Def. de dois termos (sat e asat) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<b>Código 948</b>	<b>Rohden (1997)</b>	<b>Capítulo IX</b>	<b>Verso 20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20 - Os que vivem segundo os ritos dos três Vedas e beberam o vinho sacro de Soma(65) e foram livres de pecado, esses são por mim conduzidos ao céu de Indra, onde gozam o alimento dos deuses no reino deles.			
<b>Texto da NT:</b> (65) O vinho soma é o símbolo das ciências secretas, bebido por aqueles que desejam possuir forças mágicas.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (soma) não trad.			

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>949</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21 - E, depois de gozarem as delícias desse céu pelo tempo que mereceram por seus atos bons, voltam a este mundo da morte. E, obedecendo fielmente aos preceitos védicos, serão recompensados conforme os seus desejos, empolgados pelo ciclo de nascimentos e mortes.(66)			
<b>Texto da NT:</b> (66) Estes, como se vê, não entram ainda no nirvana da libertação total, porque ainda têm desejos pessoais. Cf. as palavras do Cristo ao jovem rico: “Quem guardar os mandamentos entrará na vida eterna, mas quem não guardar os mandamentos não entrará na vida eterna, mas quem renunciar a tudo que tem e me seguir, terá um tesouro nos céus”. “Vida eterna” e “tesouro nos céus” não significam os mesmo!			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krsna sobre a questão do desfrute dos bons atos no céu.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>950</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25 - Os que cultuam os deuses vão ter com eles; os que cultuam os pitris(67) vão ter com eles; os que cultuam os bhutas(68) vão para o plano astral dos seres sensoriais; quem me cultua a mim vem ter comigo.			
<b>Texto da NT:</b> (67) Pitris – almas avançadas de gerações anteriores.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (pitris) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>951</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>25</b>
<b>Texto do verso:</b> 25 - Os que cultuam os deuses vão ter com eles; os que cultuam os pitris(67) vão ter com eles; os que cultuam os bhutas(68) vão para o plano astral dos seres sensoriais; quem me cultua a mim vem ter comigo.			
<b>Texto da NT:</b> (68) Bhutas – demônios ou entidades do mundo astral ou elemental.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (bhutas) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>952</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>26</b>
<b>Texto do verso:</b> 26 – Quando alguém, com fé e amor, oferece -me algo, por menor que seja - uma folha, uma flor, uma fruta, um gole d’água - eu o aceitarei com prazer das suas mãos.(69)			
<b>Texto da NT:</b> (69) Cf. as palavras do Cristo: “Quem der a alguém um copo d’água fria, por ser meu discípulo, em verdade lhe digo que não ficará sem a sua recompensa!” “O que fizerdes ao menor de meus irmãos, a mim é que o fazeis”. Aos olhos de Deus, o que vale não é o objeto, mas sim a atitude do que sujeito, porque as quantidades objetivas são simples ilusão, ao passo que a qualidade subjetivo é realidade. Cf. as duas moedinhas da pobre viúva!			
<b>Observação:</b> Citação da Bíblia (Jesus).; interpretação do ensinamento de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>953</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>29</b>
<b>Texto do verso:</b> 29 - Eu sou o mesmo para todos; não amo nem desamo ninguém(70); os que em verdade me adoram estão em mim e eu estou neles.			
<b>Texto da NT:</b> (70) De fato, Deus não “ama nem desama” assim como nós amamos ou desamamos; nele não há nenhum desses dois pólos contrários; o seu “amar” não é contrário do “desamar”, como no plano humano das antíteses; Deus é a grande TESE, para além do bem e do mal, do amor e do ódio.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>954</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>IX</b>	<i>Verso</i> <b>33</b>
<b>Texto do verso:</b> 33 - Quanto mais, se for brâhmane consagrado a Brahman, ou um rishi(71) com nobreza d'alma. E tu, uma vez que vieste a esta mudno falaz, adere firmemente a mim.			
<b>Texto da NT:</b> (71) Rishi – vidente, sábio, profeta.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (rishi) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>955</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>12</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Arjuna: 12 - Sim, tu, Parabrahman(72), és a suprema Realidade e absoluta Pureza, o ilimitado Espírito Cósmico.			
<b>Texto da NT:</b> (72) Parabrahman - o Brahman supremo, transcendente, infinito.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (parabrahman) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>956</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13 - Isto afirmam todos os videntes, como também Narada, Vyasa, Asita e Devala(73) - todos ensinam o que tu mesmo ensinas: que tu és a Suprema Divindade, sem nascimento, e que permeias todas as coisas.			
<b>Texto da NT:</b> (73) Nomes de entidades e espíritos superiores.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre personagens/seres (Narada, Vyasa, Asita e Devala) cujos nomes são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>957</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>X</b>	<i>Verso</i> <b>18</b>
<b>Texto do verso:</b> 18 - Em vão me concentro em meditação. Oh! Ensina-me, com clareza e precisão, a tua grandeza e a perfeição do teu Ser; porquanto jamais me saciarei da tua sabedoria.(74)			
<b>Texto da NT:</b> (74) O que se segue não é a definição a Divindade, que Arjuna pediu, mas uma descrição dos efeitos visíveis da Causa invisível.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre a simbologia/alegoria que será apresentada por Krsna nos versos seguintes.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 958	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 21</i>
<b>Texto do verso:</b> 21 - Eu sou Vishnu(75) entre as forças creadoras; entre os seres do mundo sideral, eu sou o Sol; nos espaços atmosféricos sou a tempestade; entre as luminárias do céu noturno sou a Lua.			
<b>Texto da NT:</b> (75) Vishnu - a segunda manifestação (pessoa) da Trindade brahmânica; corresponde ao Lógos ou Verbo do quarto Evangelho, "pelo qual foram feitas todas as coisas e sem o qual nada foi feito". Vishnu é a força creadora de Brahman, Deus em seu aspecto dinâmico.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma divindade (Vishnu) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 959	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 22</i>
<b>Texto do verso:</b> 22 - Eu sou o sama(76) do livro dos Vedas. No céu das divindades sou o Deus supremo; entre os sentidos sou a mente pensante; entre as forças mentais sou a razão consciente.			
<b>Texto da NT:</b> (76) Sama – O mais belo dos cânticos védicos.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um livro (Samaveda) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 960	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 23</i>
<b>Texto do verso:</b> 23 - Entre os destruidores sou o transformador; entre os grandes sou o gigante; entre os espíritos sou o Espírito supremo; entre os elementos purificadores sou o fogo; entre os montes sou o Meru.(77)			
<b>Texto da NT:</b> (77) Meru – o píncaro desse monte é símbolo da visão espiritual e da experiência cósmica.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma montanha (Meru) da mitologia hindu cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 961	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 25</i>
<b>Texto do verso:</b> 25 - Entre os sábios sou a sabedoria; entre as palavras sacras sou a AUM(78), entre as montanhas sou o Himalaia. Eu sou o enlevo nas preces dos devotos.			
<b>Texto da NT:</b> (78) AUM (ou OM) – o mais sagrado dos mantras orientais.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um termo (AUM) não trad. (um mantra).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 962	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27 - Eu sou uchraishrava(79) entre os nobres corcéis, o néctar da imortalidade; entre os elefantes sou airavata(80); entre os governantes sou o monarca supremo.			
<b>Texto da NT:</b> (79) Uchraishrava – o Pégaso, ou cavalo alado, símbolo da inspiração poética.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Uchraishrava, cavalo) da mitologia cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 963	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 27</i>
<b>Texto do verso:</b> 27 - Eu sou uchraishrava(79) entre os nobres corcéis, o néctar da imortalidade; entre os elefantes sou airavata(80); entre os governantes sou o monarca supremo.			
<b>Texto da NT:</b> (80) Airavata – o mais forte dos elefantes.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem (Airavata, elefante) da mitologia cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 964	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 28</i>
<b>Texto do verso:</b> 28 - Entre os projéteis ígneos sou o raio; entre os animais do campo sou a vaca fecunda(81); como força procreadora sou Kandarpa, o deus do amor; entre as serpentes sou Vasuki, a sede do conhecimento.			
<b>Texto da NT:</b> (81) A vaca é, na Índia, o símbolo da Natureza fecunda e útil.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre metonímia (vaca por fertilidade).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 965	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 29</i>
<b>Texto do verso:</b> 29 - Entre os dragões sou Ananta, o imortal; entre os seres aquáticos sou Varuna,(82) o criador dos mundos. Entre os ancestrais eu sou o patriarca; sou o Juiz supremo entre os juízes.			
<b>Texto da NT:</b> (82) Varuna, a mãe da água. Desde a antiguidade (muito antes de Tales de Mileto!) é a água considerada como o elemento básico e criador de todas as coisas.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um personagem/ser da mitologia hindu cujo nome é citado; exp. da importância de um símbolo (água) dentro da mitologia hindu com paralelo histórico com Tales de Mileto.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Referência à Ciência; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 966	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo X</i>	<i>Verso 35</i>
<b>Texto do verso:</b> 35 - No coro dos hinos eu sou o cântico dos cânticos; entre as palavras sacramentais eu sou o sacro gayatri(83). Dos meses lunares sou o primeiro; entre as estações do ano sou a sorridente primavera.			
<b>Texto da NT:</b> (83) Gayatri – mantra de evocação e invocação divina.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre um mantra (gayatri) cujo nome é citado.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 967	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 1</i>
<b>Texto do verso:</b> Fala Arjuna: 1 – Dissipou-se a noite da minha ignorância, revelou-se o grande mistério! O que me disseste de Adhyatman(84) me libertou das algemas do erro.			
<b>Texto da NT:</b> (84) Adhy-Atman (ou Adi-Atman), palavra sânscrita que significa literalmente o "primeiro" (adi) "Eu" ou a primeira "alma" (atman). Eu ou Alma re-presentam a forma individual consciente da suprema Realidade Universal. Esse Adhy-Atman veio de Deus, “no princípio”, isto é, no início dos tempos, porque antes de haver individuação no Universal não havia tempo, só havia eternidade. Com o Adhy-Atman começa o tempo. “Pai, glorifica-me agora com aquela glória que eu tinha antes que o mundo existisse” - com estas palavras se refere o Cristo Cósmico, anterior à encarnação do ego em Jesus de Nazaré. Nas primeiras páginas			



do Gênesis aparece a palavra Adam, contração das palavras sânscritas adhy-aham (ou adi-aham), que significa o “primeiro ego”. Aham ou ego significa um indivíduo dotado de consciência intelectual da pessoa, em seu primeiro estágio evolutivo, acima da subconsciência animal-vegetal-mineral. Adam ou Adhy-aham é o qualificativo que o autor do Gênesis dá ao primeiro ser individual ego-consciente que apareceu sobre a face da terra. Quando esse sub-ego do “Éden” passou para o ego consciente da “serpente”, foi ele expulso, em virtude dessa evolução, do paraíso terrestre do seu estado subconsciente; comeu “do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”; de inconsciente ou subconsciente, se tornou ego-consciente – mas ainda não Eu-consciente, porque ainda não comeu do “fruto da árvore da vida”, que continua, inatingida, no Éden, até que a “serpente” horizontal do ego seja “erguida às alturas” da “serpente” vertical do Eu cósmico, na linguagem esotérica do próprio Cristo.

**Observação:** Def. de um termo (Adhyatman) não trad.; paralelo com com a Bíblia (Gênesis).

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código 968</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 3</i>
<b>Texto do verso:</b> 3 - E, contudo, apesar de me teres declarado a tua divina essência, desejaria conhecer-te na forma existencial acima de todas as miragens deste mundo fenomenal.(85)			
<b>Texto da NT:</b> (85) Isto é, na forma intermediária entre a Divindade sem forma e as formas inferiores do nosso mundo material; na “Forma Cósmica” da mais alta individuação do Universal – o “Cristo Cósmico” anterior à encarnação telúrica, o divino “Lógos” ou “Verbo”, antes de se fazer carne em Jesus.			
<b>Observação:</b> Interpretação; paralelo com o cristianismo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 969</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 8</i>
<b>Texto do verso:</b> 8 - Mas com os olhos do corpo não podes contemplar o meu divino Ser; pelo que te abrirei o olho do espírito - contempla agora a minha natureza mística!(86)			
<b>Texto da NT:</b> (86) A iniciação espiritual está intimamente relacionada com esse abrimento do “olho simples”, chamado também o “olho místico”, o “olho de Shiva”, o “olho de Cristo”, cujo veículo material se acha localizado na base da testa, entre as sobrancelhas. “Se o teu olho for simples – diz Cristo – todo o teu corpo está cheio de luz”. Este texto esotérico do Evangelho é um enigma para os teólogos e exegetas profanos. Profetas, apóstolos, místicos, videntes, filósofos, rishis, mahatmas, quando ultrapassam as barreiras de tempo e espaço, convergem todos no conhecimento da mesma verdade suprema. Os iniciados em Kriya-yôga conhecem esse mistério. É o árreta rémata (ditos indizíveis) que Paulo de Tarso ouviu no “terceiro céu” (samadhi).			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma expressão (olho simples) trad; paralelo com o cristianismo; citação de Jesus.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código 970</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XI</i>	<i>Verso 15</i>
<b>Texto do verso:</b> Fala Arjuna: 15 - Ó Deus! em teu corpo cósmico vejo todos os deuses e todos os seres em vários estágios de evolução; vejo Brahman, o creador, vejo os excelsos sábios e os espíritos de fogo.(87)			

**Texto da NT:** (87) Em sânscrito “salamandras ígneas”, que são os “serafins” ou “serpentes de fogo”, simbolizando as mais altas inteligências do cosmos.

**Observação:** Tradução alternativa supostamente mais literal (espíritos de fogo > salamandras ígneas); def. da expressão; paralelo com o cristianismo (serafins).

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>971</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>16</b>
<b>Texto do verso:</b> 16 - Cheios de braços e de seios sem conta(88) para nutrirem o mudno inteiro; vejo-te também munido de muitos olhos - não enxergo princípio, nem meio, nem fim.			
<b>Texto da NT:</b> (88) Braços e seios simbolizam força e nutrição.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre simbologia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>972</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>22</b>
<b>Texto do verso:</b> 22 - Todos te glorificam, ó Santo, todos: Adityas, Rudras, Vasus, Sayas, Ashvins, Maruts, Ushampas, a multidão dos Gandharvas, dos Yakshas, dos Asuras e dos Siddhas.(89)			
<b>Texto da NT:</b> (89) Nomes das diversas hierarquias de entidades superiores e inferiores do mundo invisível – anjos, diabos, demônios, etc. Cf. palavras de São Paulo: “Em nome do Cristo (Cósmico) se dobrarão todos os joelhos, dos que estão no céu, na terra e nos inferos, confessando que o Cristo é o Senhor”.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre seres da mitologia hindu cujos nomes são citados; citação de São Paulo.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>973</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>27</b>
<b>Texto do verso:</b> 27 - Todos eles somem na terrível garganta, nesse abismo eriçado de dentes – ai! quantos vejo, de membros dilacerados, suspensos por entre esses dentes pontiagudos!...(90)			
<b>Texto da NT:</b> (90) Para as faculdades do homem telúrico causa a visão do Cristo Cósmico, no princípio, essa impressão de terror e destruição, porque “Deus é um fogo devorador, ninguém o pode ver e ainda viver” (Bíblia).			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o enredo; citação da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>974</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30 - Deglutindo, com teus lábios de fogo, devoras todos os mortais; tua luz pervade os mundos, Senhor, e teus raios aniquilam todos os povos.(91)			
<b>Texto da NT:</b> (91) Deus é tanto Vishnu como Shiva, a luz da vida e o fogo da morte, tanto o creador como o destruidor, como o descreve o Apocalipse, cujo paralelo vem descrito neste drama de luz e trevas.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre a descrição de Arjuna; paralelo com o Apocalipse (Bíblia).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 975	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> XI	<i>Verso</i> 34
<b>Texto do verso:</b> 34 – Esmaga-os todos. Drona e Bhishma, Jayadratha e Karma e todos os demais guerreiros valentes. Eu já os matei. Não temas! Lança-te à luta - e serás vencedor!(92)			
<b>Texto da NT:</b> (92) Não admira que, em face de tão insistente convite, muitos veja, nestas palavras de Krishna, um apelo para a “guerra justa” - quando, a realidade, este convite se refere à luta do Eu divino no homem contra seu ego humano. Cf. “O reino dos céus sofre violência, e os que usam violência o tomam de assalto”. “Eu não vim para trazer a paz, mas sim a espada”.			
<b>Observação:</b> Comentário/intepretação da simbologia do enredo nas palavras de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 976	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> XI	<i>Verso</i> 37
<b>Texto do verso:</b> 37 - Só a ti compete a glória, ó Soberano dos mundos; mais alto que Brahman, o creador, és tu a Causa prima, o Ser Supremo, o Deus dos deuses que habitam o Universo. Tu, o Uno, que existes e inexistes, porque transcendes um e outro.(93)			
<b>Texto da NT:</b> (93) A Divindade não existe nem inexistente, mas simplesmente sistente, ou é, porque o Ser Absoluto está para além das polaridades do mundo fenomenal. A Divindade é a grande Tese (neutra), da qual os mundos são pequenas antíteses (positiva e negativa), que, no plano consciente, podem culminar na síntese da imortalidade do indivíduo humano. Que, pelo poder da intuição, ultrapassa a zona das análises mentais, sabe que a Divindade é Yahveh, “aquele que é”, para além de todo o existir ou inexistir. Ele é o Sistir ou Ser universal, para além do tempo e espaço.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre a colocação de Arjuna sobre a existência e não-existência simultânea de Deus.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 977	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> XI	<i>Verso</i> 47
<b>Texto do verso:</b> Fala Krshna: 47 - Pelo místico poder da minha graça, ó Arjuna, acabo de mostrar-te a forma radiante da minha presença cósmica, como antes de ti nunca ninguém me contemplou.(94)			
<b>Texto da NT:</b> (94) Isto é, na forma cósmica, pré-telúrica, antes de o Verbo se fazer carne. Ver o primeiro capítulo da epístola de São Paulo aos Colossenses.			
<b>Observação:</b> Interpretação da colocação de Krshna; remissão à um trecho da Bíblia.			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> 978	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> XI	<i>Verso</i> 48
<b>Texto do verso:</b> 48 - Nem pela leitura dos Vedas, nem por meio de sacrifícios, nem por estudos, nem por boas obras, nem por austeridades, pode um mortal conhecer-me assim como tu acabas de ver-me.(95)			
<b>Texto da NT:</b> (95) O ego humano não pode de si produzir essa visão, embora possa e deva preparar o ambiente para que a força da graça divina possa agir. “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.”			
<b>Observação:</b> Comentário sobre as palavras de Krsna.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>979</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XI</b>	<i>Verso</i> <b>50</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Sanjaya: 50 - Depois destas palavras, reapareceu Vasudeva outra vez em sua forma normal. E esse aspecto do Maha-Atman(96) é na sua forma benigna deu ânimo ao pusilânime.			
<b>Texto da NT:</b> (96) Maha-Atman, a “grande alma”, é outro nome para Adi-Atman, a “primeira alma” (o primeiro ou supremo Eu), que é o Cristo Cósmico, antes da sua encarnação telúrica. Cf. notas 85 e 86. A lamentável confusão entre o Cristo Cósmico e o Cristo Telúrico (encarnado em Jesus de Nazaré), confusão cometida pelos teólogos da sinagoga de Israel e pelos teólogos das nossas igrejas cristãs, torna impossível a compreensão da verdadeira natureza do Cristo. O Cristo Jesus é, certamente, idêntico ao Cristo-Cósmico, mas a sua forma é diferente. “Despojou-se – escreve São Paulo aos cristãos de Filipos – da forma divina e revestiu-se de forma humana”, ocultando, durante a sua vida terrestre, a forma do Cristo Cósmico. Mais tarde, depois de sofrer, voluntariamente, na forma do “Verbo encarnado”, tornou a “entrar em sua glória”, como ele diz aos discípulos de Emaús.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (maha-atman) não trad. e seu sinônimos.; paralelo com o cristianismo; remissão a outras NT; comentário sobre o cristianismo; citação da Bíblia (São Paulo).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Remissão intratextual; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>980</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>13</b>
<b>Texto do verso:</b> 13 - É esta a luz da sapiência que confere imortalidade; é o Brahman supremo e eterno, que não é existência nem inexistência.(97)			
<b>Texto da NT:</b> (97) Sat (Realidade, Ser) e Asat (Não-realidade, Não-ser), em sânscrito. A Realidade Absoluta (Tese) está para além dos Realizados Relativos (antíteses e sínteses). Na ordem lógica do conhecer, aparece Deus (a Realidade) como polarizado – mas na ordem ontológica do ser é ele impolar, por ser onipolar. O Ser Absoluto está além de todo o existir ou não-existir relativos.			
<b>Observação:</b> Informação de dois termos (Sat e Asat) em sânscrito correspondentes a outros trad. (existência e inexistência); comentário sobre o ensinamento de Krsna sobre a existência e não existência simultânea de Deus.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>981</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>20</b>
<b>Texto do verso:</b> 20 - Sabe também que tanto a matéria como o espírito são sem princípio e que os atributos da Natureza têm a sua origem na própria Natureza.(98)			
<b>Texto da NT:</b> (98) A essência de todas as existências é eterna, por ser a própria Realidade do Ser. A diversidade, no tempo e no espaço, provém das existências.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krsna sobre a origem da existência das coisas.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>982</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>21</b>
<b>Texto do verso:</b> 21 - Atua a matéria em virtude do seu poder interno, construindo formas mutáveis; o espírito que nela habita e a fecunda faz com que ela experimente prazer e sofrimento.(99)			

**Texto da NT:** (99) Matéria e espírito não são contrários, mas complementares um ao outro; são dois símbolos para um simbolizado, que está para além deles e eternamente ignoto, o grande X, a indecifrável Incógnita. Deus não é nem espírito nem matéria, no sentido polarizado em que usamos esses termos; Deus é a Realidade Absoluta, para além de todos os “pares de opostos” relativos do nosso conhecer. O materialista ingênuo julga saber o que é a matéria, mas engana-se; o que ele conhece são apenas alguns dos fenômenos empíricos da matéria, cuja íntima essência nos é tão desconhecida como a do espírito. O positivo do espírito e o negativo da matéria são derivados do Neutro ou Universal numa Realidade ultra-espiritual e ultramaterial. Mas essa grande TESE, para além das antíteses e da síntese, é, para nós, eterno enigma e indecifrável mistério.

**Observação:** Comentário/interpretação do ensinamento de Krishna sobre a relação entre matéria e espírito.

**Outras etiquetas:** Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>983</b>	<i>Rohden</i> (1997)	<i>Capítulo</i> <b>XIII</b>	<i>Verso</i> <b>30</b>
<b>Texto do verso:</b> 30 - Aquele que conhece que o que a Natureza produz só ela o faz, e que o Eu é inativo e simples espectador, esse também é vidente.(100)			
<b>Texto da NT:</b> (100) Não é o ego pessoal do homem, mas o seu Eu Universal, o Deus interno, a Natureza essencial, que tudo produz. “As obras que faço não sou eu (meu ego) que as faz, mas o Pai que em mim está (o Eu divino)”.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o ensinamento de Krishna sobre o ego não ser o ator das ações; Citação da Bíblia (?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>984</b>	<i>Rohden</i> (1997)	<i>Capítulo</i> <b>XIV</b>	<i>Verso</i> <b>3</b>
<b>Texto do verso:</b> 3 - O Universo é o grande ventre materno no qual lanço as sementes de todas as coisas(101), e delas, ó filho da terra, procedem todos os seres vivos de qualquer espécie.			
<b>Texto da NT:</b> (101) Dessas “sementes cósmicas” fala Santo Agostinho, no seu livro De Genesi a literam, antecipando a teoria evolucionista de Charles Darwin por um milênio e meio. Ver no meu livro Agostinho, capítulo 10. As sementes cósmicas são a potencialidade latente, as formas são a atualidade manifesta. O Eidos (Idéia) de Platão e os Semina rerum do poeta romano também significam essas potências dormentes lançadas pelo espírito criador no seio da grande mãe cósmica, que os orientais chamam Maya. Brahman (neutro), quando passa a ser Brahma (masculino), se torna, o pai eterno, uno e único, que fecundando Maya, a natureza-virgem, se pluraliza indefinidamente através da criação; a luz incolor da unidade inicial se dispersa no multicolor da pluralidade do cosmos – e isto é Universo, um em diversos, unidade na diversidade. Segundo a teologia grega ortodoxa, o Cristo Cósmico nasce do conúbio do Pai Eterno (1a. Pessoa da Trindade) e da Hágia Sophia (Santa Sabedoria, que é a 2a. Pessoa, a Virgem Cósmica), e dessa fecundação nasce o Cristo humano, o Espírito Santo fecunda a Virgem Telúrica, Maria de Nazaré, e deste novo conúbio nasce o Cristo Telúrico, que se manifestou na terra através de Jesus de Nazaré. Na atual teologia cristã ocidental há uma confusão entre as duas gerações, a do Cristo Cósmico e a do Cristo Telúrico. A majestosa catedral de Istambul (Constantinopla) é consagrada a Hágia Sophia, isto é, Santa Sabedoria, que simboliza o Espírito Santo, e qual, o livro da Sabedoria, do Antigo Testamento, aparece como sendo a Sophia, que quer dizer sabedoria ou sapiência.			

**Observação:** Comentário sobre metáfora (sementes lançadas no ventre materno para gerar o universo); paralelo com idéias de Santo Agostinho; remissão a um livro do tradutor (HR); paralelo com idéias de Platão e teologia cristã, como referência ao Antigo testamento.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Referência à Filosofia grega; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>985</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIV</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5 - Sattva, iluminação; Rajas, atividade, e Tamas, passividade(102) - são os três poderes que nascem da Natureza e prendem o espírito infinito a este mundo finito.(103)			
<b>Texto da NT:</b> (102) Neste capítulo passa Krishna a explicar a Arjuna os três elementos ou fatores que presidem a toda a evolução cósmica: a luz da razão espiritual (sattva), a força mental da inteligência (rajas), e a inércia passiva da matéria (tamas) ou seja: o espírito plenisciente, o intelecto semiconsciente. Luz, calor, matéria. Compreender, querer, ignorar.			
<b>Observação:</b> Def. de termos (Satta, rajas e tamas) não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>986</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XIV</b>	<i>Verso</i> <b>5</b>
<b>Texto do verso:</b> 5 - Sattva, iluminação; Rajas, atividade, e Tamas, passividade(102) - são os três poderes que nascem da Natureza e prendem o espírito infinito a este mundo finito.(103)			
<b>Texto da NT:</b> (103) O espírito infinito é Deus; esse espírito divino em forma finita é a alma humana (“não sabeis que o espírito santo habita em vós?”); a encarnação do espírito de Deus no homem é um processo de involução; a sua progressiva libertação do mundo do finitos é a evolução ou autorealização, através da qual adquire a alma a sua perfeição individual, cujo ponto culminante é a imortalidade, o regresso livre e espontâneo do espírito divino individual ao Espírito Universal. Caso a alma não se immortalize (“renascimento pelo espírito”), perde a sua individualidade e volta ao Espírito Universal, deixando de existir como indivíduo (“morte eterna”).			
<b>Observação:</b> Comentário sobre o espírito infinito na alma humana finita; citação da Bíblia (?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>987</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Krishna: 1 - Ashvattha, a eterna árvore simbólica, tem suas raízes, a fonte primeva, firmadas nas alturas, no Ser Supremo, e seus ramos se desdobram para baixo, pelo mundo criado, em incessante mutação - quem isto compreende conhece o Universo.(104)			
<b>Texto da NT:</b> (104) Ashvattha é a força creadora do cosmos, que radica na Essência da Infinita Realidade, e se expande por todas as Existências dos mundos finitos; é, no dizer de Spinoza, a natureza naturans, a alma do Universo, ao passo que a natura naturata é, por assim dizer, o corpo da invisível Divindade, o Adhy-Atman do cap. XI.			
<b>Observação:</b> Exp. de simbologia (Ashvattha, árvore); paralelo com idéias de Spinoza; remissão a outro cap. da BG.			

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Explicação sobre mitologia hindu; Remissão intratextual; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>988</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>2</b>
<b>Texto do verso:</b> 2 - As ramificações da árvore descem para as baixadas do mundo sensorial, e sobem para as alturas do mundo supersensorial; o seu alimento são as gunas(105). Os objetos do mundo sensorial são como que seus brotos. As raízes nascem sempre de novo dos atos que o homem pratica no mundo objetivo e o prendem a este plano.			
<b>Texto da NT:</b> (105) Gunas são os três atributos da Natureza, explicados no capítulo XIV.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo (gunas) não trad.; remissão a outro cap. da <i>BG</i> .			
<b>Outras etiquetas:</b> Remissão intratextual; Definição de termo técnico; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>989</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4 - Esse ingressa no Altíssimo, naquela morada da qual nunca mais regressa para a vida mortal, porque entrou na posse da Verdade, de cujo seio irradia toda essa manifestação cósmica.(106)			
<b>Texto da NT:</b> (106) Todas as grandes filosofias e religiões sabem que o Universo finito é uma emanção da Divindade infinita, um produto do Todo Essencial, que é idêntico ao Nada Existencial. Entretanto, convém evitar as expressões parcela, centelha da Divindade, que insinuam o erro dualista de que o Universo criado seja algo separado do Deus Creator. O Universo não é separado nem idêntico a Deus, como opinam o dualismo ocidental e o panteísmo oriental, mas está em Deus, porém distinto dele, porque Deus é ao mesmo tempo transcendente a tudo e imanente em tudo. A expressão menos ilusória seria, talvez, esta: o mundo é uma manifestação, ou modalidade de Deus, assim como as ondas do mar são manifestações do mar, assim como as luzes coloridas de um lado do prisma triangular são modalidades da luz incolor do outro lado; ou ainda: Deus está no mundo e os mundos estão em Deus assim como o pensador está em seus pensamentos e os pensamentos estão no pensador; não há nem separação nem identificação entre o pensante e o pensado, entre o pensador e o pensamento. Mas esta concepção é altamente universitária, dificilmente inteligível a crianças de escola primária.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre a questão do dualismo X monismo; exp. sobre escolha de trad. de um termo (manifestação).			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Explicação sobre a tradução; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>990</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>14</b>
<b>Texto do verso:</b> 14 - Como calor vital, revelo-me nos seres que respiram: dupla é a minha respiração o prana que entra, e o apana que sai(107) - e assim assimila quatro classes de elementos.			
<b>Texto da NT:</b> (107) Sobre este processo de inalação e exalação se baseia uma das mais eficientes práticas de meditação e contemplação esotérica; a prolação do sacro trigramma AUM deve ser acompanhada pela visualização da vida-luz que entra e da morte-treva que sai do homem; a primeira (prana) é vermelha como oxigênio vitalizante, a segunda (apaná) é azul como o carbono mortífero.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre uma técnica de pranayama citada; def. de termos (prana e apana) não			

traduzidos.

**Outras etiquetas:** Definição de termo técnico; Nota de rodapé;

<i>Código</i> <b>991</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XV</b>	<i>Verso</i> <b>15</b>
<b>Texto do verso:</b> 15 - Bipolar é tudo quanto existe no mundo: o Uno, que é indiviso, e o múltiplo, que é divisível; o que vive no mundo é divisível, indivisa é a força vital.(108)			
<b>Texto da NT:</b> (108) Cerca de 400 anos antes da era cristã elaborou o filósofo e matemático grego Demócrito de Abdera a sua célebre “teoria atômica”, mencionada respeitosamente por cientistas modernos, como Albert Einstein e Fritz Karhn. Para Demócrito, a Suprema Realidade (Deus) é o a-tomo, palavra grega para “indiviso” ou “indivisível”. Compreendeu o exímio pensador que tudo que é divisível é quantidade dimensional, a qual, por sua própria natureza, representa um derivado, causado, efeito, mas que a qualidade indimensional (Realidade) deve ser necessariamente indivisível (átomo), ou seja, pura energia, o actus purus de Aristóteles, a Causa não-causada, a Infinita Realidade em si mesma, além de tempo, espaço e causalidade passiva. - O nosso “átomo” de hoje não é o de Demócrito, porque não é “atômico”, indivisível. O verdadeiro “Átomo” é o Infinito, o Absoluto, o Universal, o Uno, a Causa-Prima.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre as idéias de Demócrito, Einstein, Fritz Karhn (cientista), Aristóteles quanto à noção de átomo, o indivisível, o absoluto.			
<b>Outras etiquetas:</b> Comentário; Referência à Filosofia grega; Referência à Ciência; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>992</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVI</b>	<i>Verso</i> <b>4</b>
<b>Texto do verso:</b> 4 - Ostentação, arrogância, convencimento, ira, brutalidade, pseudoconhecimento, vaidade e hipocrisia - são estes os sinais dos que falham o nascimento divino e que seguem o destino dos Asuras.(109)			
<b>Texto da NT:</b> (109) Asuras (o oposto de suras) são todos os seres não-divinos, isto é, os que são destituídos de consciência e livre-arbítrio. Os Asuras do mundo infra-humano não são culpados por não possuírem esses atributos; mas o homem, dotado de consciência e livre-arbítrio, quando se porta como um Asura, é culpado.			
<b>Observação:</b> Def. de um termo/classe de seres da mitologia hindu (asuras) cujo nome é citado e não trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código</i> <b>993</b>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo</i> <b>XVII</b>	<i>Verso</i> <b>1</b>
<b>Texto do verso:</b> Fala Arjuna: 1 - Qual o estado daqueles homens, Senhor, que fiéis à consciência praticam o bem, mas não seguem os rituais prescritos? diga-me se eles obedecem a Sattva, Rajas ou Tamas.(110)			
<b>Texto da NT:</b> (110) Neste e no seguinte capítulo traduzimos indistintamente os termos sânscritos Sattva por sabedoria ou razão; Rajas por cobiça ou inteligência; e Tamas por ignorância ou sentidos. O sentido do texto não se altera com essas variantes, que quebram um tanto a monotonia das repetições do texto original.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre a escolha de tradução de termos (sattva, rajas e tamas) não trad. neste verso, para os versos em diante.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre a tradução; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de rodapé;			



<i>Código 994</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4 - Os homens guiados pela razão invocam os deuses; os homens que obedecem a inteligência invocam Rakdhas e Yakshas(111), e os homens que se guiam pelos sentidos invocam Pretas e Bhutas.(112)			
<b>Texto da NT:</b> (111) Entidades do mundo dos mentais ou lucíferes.			
<b>Observação:</b> Exp. de termos (Rakdhas e Yakshas) nomes de classes de seres da mitologia hindu cujos nomes são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 995</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XVII</i>	<i>Verso 4</i>
<b>Texto do verso:</b> 4 - Os homens guiados pela razão invocam os deuses; os homens que obedecem a inteligência invocam Rakdhas e Yakshas(111), e os homens que se guiam pelos sentidos invocam Pretas e Bhutas.(112)			
<b>Texto da NT:</b> (112) Entidades do mundo dos elementais ou demônios.			
<b>Observação:</b> Exp. de termos (Pretas e Bhutas) nomes de classes de seres da mitologia hindu cujos nomes são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de rodapé;			

<i>Código 996</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 6</i>
<b>Texto do verso:</b> 6 - Mas também estas obras devem ser realizadas sem nenhum interesse pessoal e sem nenhum desejo de resultados(113) - é esta a minha lei suprema e imutável.			
<b>Texto da NT:</b> (113) Quando os nossos teólogos ensinam seus fiéis a praticarem boas obras “para merecerem o céu”, entendem eles um céu externo, fora do homem, e isto é erro, que fomenta o espírito mercenário; é um egoísmo póstumo, transferido da vida do aquém para a vida do além. O Evangelho do Cristo ensina que “o reino dos céus está dentro de vós”, e por isto, “quando houverdes feito tudo o que fazer devíeis, dizei: somos servos inúteis; cumprimos a nossa obrigação, nenhuma recompensa merecemos por isto”. Os verdadeiros místicos do Cristianismo compreenderam esta verdade, procurando ser incondicionalmente bons, independentemente da idéia de um céu ou um inferno fora deles. O verdadeiro céu é o próprio fato de ser bom, como o verdadeiro inferno é o fato de ser mau. Céu e inferno não são lugares extra-humanos, mas estados de consciência infra-humanos.			
<b>Observação:</b> Comentário sobre ação desinteressada com paralelo no cristianismo; citação da Bíblia (Evangelho).			
<b>Outras etiquetas:</b> Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;			

<i>Código 997</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 17</i>
<b>Texto do verso:</b> 17 – Quem, todavia, libertou-se totalmente da falsa noção de que o seu ego seja o verdadeiro Eu realizador, quem possui pureza de coração e nítida discriminação, esse não mata, embora exterminasse exércitos, nem é responsável pelas conseqüências dos seus atos.(114)			
<b>Texto da NT:</b> (114) Tornamos a prevenir o leitor de que palavras como estas, quando analisadas apenas mentalmente, e não intuídas espiritualmente, representam um perigo individual e social. É o caso de repetir a advertência de Paulo de Tarso: “O homem mental não compreende as coisas espirituais, nem as pode			

compreender, porque lhe parecem estultícia; pois elas deve ser compreendidas espiritualmente. O homem espiritual compreende todas as coisas.”

**Observação:** Comentário sobre a colocação Krishna (quem tem pureza de coração não mata de verdade quando mata na guerra); citação de Paulo de Tarso.

**Outras etiquetas:** Referência ao Cristianismo; Comentário; Nota de rodapé;

<i>Código 998</i>	<i>Rohden (1997)</i>	<i>Capítulo XVIII</i>	<i>Verso 41</i>
<b>Texto do verso:</b> 41- Os deveres dos brâhmanes (brahmanas), dos guerreiros (kashatriyas) dos agricultores (vaishyas) e dos servos (suras)(115) são determinados pelos atributos da Natureza, que é própria a cada um dos seres. Quem é um brâhmane de verdade possui alma serena e autodomínio, é puro de coração, paciente e sábio, e firmemente consolidado na experiência da Verdade.			
<b>Texto da NT:</b> (115) As classes ou castas principais da Índia, cuja origem e destino não são considerados como resultado de simpatia ou antipatia sociais, mas como determinação metafísica da Lei Cósmica. Daí a serenidade com que cada classe cumpre os deveres próprios da sua categoria.			
<b>Observação:</b> Exp. sobre as castas cujos nomes são citados.			
<b>Outras etiquetas:</b> Nota de rodapé; Explicação sobre cultura indiana;			

<i>Código 999</i>	<i>Mesquita (1987)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 18</i>
<b>Texto do verso:</b> II.18 - “São infinitos todos os corpos materiais habitados pelo Espírito (1) Eterno, Indestrutível, Incomensurável. Portanto, luta. Ó homem valente!			
<b>Texto da NT:</b> (1) Ao Espírito em cada um de nós, individualizado, os hindus chamam Atman. É da mesma natureza do que a Divindade. É também denominado o Eu verdadeiro ou superior, designação com que aparecerá mais adiante nesta tradução. Na versão inglesa, a palavra correspondente é Self. (N. do T.)			
<b>Observação:</b> Informação e def. de um termo (Atman) trad.; apresentação de outra tradução do termo trad., que aparecerá em outros versos; informação da tradução do termo para o inglês (!?).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Apresentação de sinônimo, antônimo e tradução alternativa; Nota de final de livro;			

<i>Código 1000</i>	<i>Mesquita (1987)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 31</i>
<b>Texto do verso:</b> II.31 - “Deves cumprir o teu dever (2). Nada pode ser mais agradável a um guerreiro do que uma guerra justa. É, portanto, indigno. Ó Arjuna, hesitar em tua decisão!			
<b>Texto da NT:</b> (2) Nesta passagem, o texto em sânscrito fala em Dharma. No caso, é o dever que incumbe à casta a que pertence Arjuna, a casta dos guerreiros. (N. do T.)			
<b>Observação:</b> Informação e def. particular ao verso de um termo (dharma) trad.			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Informação do termo sânscrito; Nota de final de livro;			

<i>Código 1001</i>	<i>Mesquita (1987)</i>	<i>Capítulo II</i>	<i>Verso 45</i>
<b>Texto do verso:</b> II.45 - “Os Vedas falam dos três elementos da vida – As Qualidades (Gunas) (3). Ergue-te acima de todas elas, Ó Arjuna, acima de todos os pares de sensações opostas (como o prazer e a dor, o frio e o			

calor etc...); sê firme na verdade, livre de ansiedades mundanas, estabelece-te na contemplação do Espírito.
<b>Texto da NT:</b> (3) Gunas: As três forças ou substâncias que compõem o universo do espírito e da matéria. São elas: Sattwa, ou seja, a pureza; Rajas, a paixão; Tamas, a ignorância. (N. do T.)
<b>Observação:</b> Def. de um termo (gunas) trad., mas informado entre parênteses ao lado da tradução no verso.
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de final de livro;

<b>Código 1002</b>	<b>Mesquita (1987)</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>Verso 11</b>
<b>Texto do verso:</b> III.11 - “Adorai, portanto, os Poderes da Natureza (4) e que eles, em retribuição, vos alimentem; assim, uns ajudando aos outros, vós alcançareis o mais alto bem.			
<b>Texto da NT:</b> (4) Aqui, como mais adiante, os Poderes da Natureza significam os Deuses inferiores. (N. do T.)			
<b>Observação:</b> Def. duma expressão traduzida (Poderes da Natureza).			
<b>Outras etiquetas:</b> Definição de termo técnico; Nota de final de livro;			

<b>Código 1003</b>	<b>Mesquita (1987)</b>	<b>Capítulo V</b>	<b>Verso 17</b>
<b>Texto do verso:</b> V.17 - “Meditando no Divino, tendo fê no Divino, concentrando-se no Divino, e perdendo-se no Divino, com os pecados lavados pelas águas da sabedoria, eles seguem para o lugar de onde não há mais regresso (5).			
<b>Texto da NT:</b> (5) A condição em que a pessoa não é mais sujeita a renascer, porque a iluminação foi atingida. (N. do T.)			
<b>Observação:</b> Exp. sobre uma expressão (lugar onde não há mais regresso).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre mitologia hindu; Nota de final de livro;			

<b>Código 1004</b>	<b>Mesquita (1987)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 6</b>
<b>Texto do verso:</b> X.6 - “Os sete Grandes Videntes (6), os Progenitores da humanidade, os Antigos Quatro (7), e os Legisladores, nasceram da Minha Vontade e tiveram origem diretamente em Mim. Deles emana toda a raça humana.			
<b>Texto da NT:</b> (6) Mareechi, Atri, Pulah, Kratu e Vashishta.			
<b>Observação:</b> Explicação dos nomes de pessoas (Mareechi, Atri, Pulah, Kratu e Vashishta) relacionadas um antonomástico de grupo (sete grandes sábios).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de final de livro;			

<b>Código 1005</b>	<b>Mesquita (1987)</b>	<b>Capítulo X</b>	<b>Verso 6</b>
<b>Texto do verso:</b> X.6 - “Os sete Grandes Videntes (6), os Progenitores da humanidade, os Antigos Quatro (7), e os Legisladores, nasceram da Minha Vontade e tiveram origem diretamente em Mim. Deles emana toda a raça humana.			
<b>Texto da NT:</b> (7) Sanak, Sanandan, Sanatan, Sanktmur.			
<b>Observação:</b> Explicação dos nomes de pessoas (Sanak, Sanandan, Sanatan, Sanktmur) relacionadas um antonomástico de grupo (Antigos quatro).			
<b>Outras etiquetas:</b> Explicação sobre antonomástico; Nota de final de livro;			



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)